

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS  
CAMPUS DE RIO CLARO

**DOUGLAS MARIN**

**UMA HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DOS PRIMEIROS CURSOS DE FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES (DE MATEMÁTICA) NO TRIÂNGULO MINEIRO – MINAS  
GERAIS**

Rio Claro (SP)

2019

DOUGLAS MARIN

UMA HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DOS PRIMEIROS CURSOS DE FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES (DE MATEMÁTICA) NO TRIÂNGULO MINEIRO – MINAS GERAIS

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Ivete Maria Baraldi

Rio Claro (SP)

2019

M337h

Marin, Douglas

Uma História da Criação dos Primeiros Cursos de Formação de Professores ( de Matemática) no Triângulo Mineiro - Minas Gerais / Douglas Marin. -- Rio Claro, 2019

384 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientadora: Ivete Maria Baraldi

1. Narrativa. 2. Formação do professor do ensino superior. 3. História Oral. 4. Ensino Superior. 5. História da Educação Matemática. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

..

DOUGLAS MARIN

UMA HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DOS PRIMEIROS CURSOS DE FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES (DE MATEMÁTICA) NO TRIÂNGULO MINEIRO - MINAS GERAIS

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Profª. Dra. Ivete Maria Baraldi (Orientadora)  
Unesp / Rio Claro (SP)

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica  
Unesp / Rio Claro (SP)

Profª. Dra. Heloisa da Silva  
Unesp / Rio Claro (SP)

Profª. Dra. Maria Ednéia Martins Salandim  
Unesp / Bauru (SP)

Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes  
UFMG / Belo Horizonte (MG)

Resultado: Aprovado

Rio Claro (SP), 11 de fevereiro de 2019

## Dedicatória

À Adriana, minha esposa, pelo amor,  
compreensão e carinho;  
aos meus filhos Luiza Vitória e Álvaro; e  
aos meus amigos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

À Profa. Ivete, que sempre foi mais que uma orientadora durante a realização desta pesquisa. Obrigado por tudo que me ensinou.

Aos professores Vicente, Heloisa, Maria Ednéia, Filipe, por aceitarem o convite para fazer parte de minhas bancas e pelas sugestões e contribuições valiosas. Certamente contribuíram muito para o resultado final.

Aos professores participantes desta pesquisa (Fernando Antônio de Freitas, Márcia Augusta Crosara, Consuelo Maria Garcia de Freitas, Maria Teresa Menezes Freitas, Semia Jorge, Vera Lúcia Sousa Costa, Irineu de Paula Leão, Vanderli Anacleto de Campos, Julmar de Oliveira Diniz, Maria Mirza Cury Diniz, Luiz Antônio Fernandes, Márcio Aurélio da Silva, Edson Luiz Aleixo, Sandra Bulhões Cecílio, Marilene Ribeiro Resende), que aceitaram contribuir por meio de seus relatos.

Aos amigos do grupo de orientação, Bruna, Erica, Fernanda, Jean, Williane, pelas ajudas, discussões, leituras e sugestões.

Aos amigos e colegas do Ghoem. A vocês, agradeço as sugestões, as leituras, críticas, reflexões proporcionadas, mesmo que *online*, pelo companheirismo e amizade.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram com este trabalho, Maria Laura Magalhães Gomes, Henrique Manuel Guimarães, Fernando Guedes Cury, Marcelo Bezerra de Moraes, Eduardo Moraes Warpechowski, Aparecida Portilho Salazar (Doca), e tantas outras.

Aos professores, funcionários e alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da UNESP de Rio Claro, pela amizade e contribuições.

À Faculdade de Matemática e à Universidade Federal de Uberlândia por ter me concedido o afastamento para a elaboração/desenvolvimento desta pesquisa.

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta a intenção de elaborar uma versão histórica sobre o movimento de criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática), no Triângulo Mineiro, Minas Gerais. Os primeiros cursos foram os balizadores temporais desse estudo, estando compreendidos entre 1960 a 1980. Utilizamos como metodologia de pesquisa a História Oral, tal qual a concebemos e praticamos no Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem). Os procedimentos metodológicos possibilitaram criar quinze narrativas dos sujeitos que viveram e experienciaram processos distintos na criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática). Além das fontes orais foram mobilizadas outras fontes (escritas e iconográficas), acessadas em arquivos públicos e privados, e outros trabalhos que nos ajudaram a elaborar compreensões sobre o tema. Esse estudo está inserido em um projeto de amplo espectro do Ghoem, cuja intenção é constituir compreensões em um mapeamento historiográfico, no Brasil, sobre a formação e atuação de professores de Matemática. Nesse nosso estudo, construímos uma narrativa em que foi possível perceber a influência da Igreja Católica na constituição dos primeiros cursos; a formação do professor de Matemática antes da criação desses primeiros cursos de ensino superior; o movimento de constituição do ensino superior na região; a formação do professor que lecionou nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) e onde esse professor buscava sua capacitação; a organização da estrutura dos cursos; e as contribuições da constituição de um perfil discente para a demarcação de uma nova região.

**Palavras-chave:** Narrativa. Formação do Professor do Ensino Superior. História Oral. Ensino Superior. História da Educação Matemática.

## ABSTRACT

This research aims to elaborate a historical version on the movement of creation of the first courses of for Mathematics education process of teachers in the region of Triângulo Mineiro, state of Minas Gerais. The first courses were the time guidelines for this study, from 1960 to 1980. We used as Oral research methodology as we conceive it and practice it in the Oral History and Mathematics Education Group (Ghoem). The methodological procedures made it possible to create fifteen narratives about the subjects who lived and experienced different processes in the creation of the first teacher training courses (of Mathematics). In addition to the oral sources, other ones (written and iconographic) were accessed through public and private archives, and other works that helped us to develop understandings on the subject. This study is part of a broad spectrum project of the Ghoem whose intention is to constitute understandings in a historiographic mapping in Brazil about the education and performance of Mathematics teachers. On our study we constructed a narrative in which it was possible to perceive the influence of the Catholic Church in the constitution of the first courses; the mathematics teachers' education before the development of those first higher education courses; the education movement of higher education in the region; the education process of the teacher who taught in the first courses of teacher education (of Mathematics) and where that teacher sought his education; organization of course structure; and the contributions of the constitution of a student profile for the demarcation of a new region.

Keywords: Narrative. Teacher Education Process in Higher Education. Oral History. Higher Education. History of Mathematics Education.



## Lista de Figuras

Figura 1 - As capitâneas brasileiras e a localização dos rios Paranaíba e Grande .....	205
Figura 2 – A divisão do Brasil por capitâneas – final do século XVIII .....	206
Figura 3 - Localização dos Julgados de Desemboque e Araxá. ....	210
Figura 4 - A divisão do Brasil século XIX .....	212
Figura 5 - Uberaba “boca do sertão”, nos anos 1840. ....	214
Figura 6 - Esquema das Linhas Ferroviárias .....	217
Figura 7 - Mesorregiões de Minas Gerais .....	220
Figura 8 - A localização de cada microrregião dentro da mesorregião .....	221
Figura 9 – A divisão da mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – por cidades. ....	222
Figura 10 – Vista externa do Colégio Nossa Senhora das Dores (1939) .....	245
Figura 11 - Pátio interno do Colégio (1939).....	246
Figura 12 - Pátio do Colégio Nossa Senhora das Dores (1960) .....	247
Figura 13 - Capela do Colégio Nossa Senhora das Dores (2017) .....	247
Figura 14 - Ex-alunos do Colégio Diocesano (1956).....	248
Figura 15 - Vista aérea do Colégio Marista Diocesano (1930).....	250
Figura 16 – Primeira sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Araguari (1919).....	254
Figura 17 – Novas instalações do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Araguari (1930)..	255
Figura 18 - Entrada do Colégio Regina Pacis em 1930.....	256
Figura 19 - Fachada do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas (Década de 1930).....	259
Figura 20 - Foto interna da capela do Colégio Regina Pacis.....	262
Figura 21 – Fachada do prédio do Ginásio de Uberlândia .....	268
Figura 22 – Fachada do prédio do Ginásio Brasil Central .....	269
Figura 23 – Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino .....	281
Figura 24 - Fachada da sede própria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (1961).....	282
Figura 25 - Pátio interno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia.....	288
Figura 26 – Calouras do Primeiro vestibular do curso de Ciências da FAFIU (1969) .....	293
Figura 27 – Campus Santa Mônica .....	295
Figura 28 - Vista Aérea da FEIT (2000).....	304

Figura 29 – Fachada da Sede Própria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari .....	309
Figura 30 – Verso do certificado do diploma de Especialização em Matemática.....	332
Figura 31 - Folder de oferecimento de cursos de extensão e palestras para professores da rede municipal de ensino de Uberlândia .....	333
Figura 32 – Panorama de atuação do curso de formação de professores (de Matemática)....	334

## Lista de Quadros

Quadro 1 – Confeção das Fichas Temáticas.....	33
Quadro 2 - Relação dos entrevistados .....	41
Quadro 3 – Os municípios das microrregiões que compõem o Triângulo Mineiro .....	221
Quadro 4 – Relação das primeiras Escolas em Uberaba (1854-1960) .....	265
Quadro 5 – Relação das primeiras escolas em Uberlândia.....	270
Quadro 6 – As primeiras escolas de Ituiutaba .....	271
Quadro 7 – Instituições de ensino superior .....	315
Quadro 8 – Componentes curriculares: Licenciatura em Matemática – FAFIU.....	341
Quadro 9 – Componentes curriculares: Licenciatura em Matemática - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino .....	343
Quadro 10 – Componentes curriculares: Licenciatura em Matemática – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba.....	344
Quadro 11 - Componentes curriculares: Licenciatura em Ciências – Licenciatura Curta ....	344
Quadro 12 – Componentes curriculares: Licenciatura em Ciências (Polivalente).....	346
Quadro 13 – Componentes curriculares: Curso de Ciências, Habilitação em Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari .....	347

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1- Arraiais criados na região até fins do século XIX.....	215
Tabela 2 – Número de Congregações por período instaladas no Brasil.....	241
Tabela 3 – Escolas Públicas e Privadas Fundadas nas regiões das 39ª e 40ª SREs.....	264

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE - Associação Brasileira de Educação

ABRACEC - Associação Brasil Central de Educação e Cultura

AC - Ação Católica

ACO - Ação Católica Operária

AI - Ato Institucional

ANDIFES - Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

ASUFUB - Associação de Servidores da Universidade Federal de Uberlândia

BA - Bahia

BOLEMA - Boletim de Educação Matemática

CAAP - Centro Acadêmico Afonso Pena

CADES - Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAVLE - Centro Áudio Visual de Línguas Estrangeiras

CDHIS - Centro de Documentação e Pesquisa em História

CEB - Comunidades Eclesiais de Base

CEBIM - Centro de Ciências Biomédicas

CEHAR - Centro de Ciências Humanas e Artes

CEMIG - Companhia de Energia de Minas Gerais

CETEC - Centro de Ciências Exatas e Tecnologia

CFE - Conselho Federal de Educação

CNE - Conselho Nacional de Educação

CMU - Centro de Memória da Unicamp

CNMAC - Congresso Nacional de Matemática aplicada

CNPQ - Conselho Nacional de Pesquisa Científica

CONSEP - Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão

CONSUN - Conselho Universitário

CPEPG - Câmara de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

DIARE - Divisão de Arquivo e Registro Escolar

EaD - Educação a Distância

EAEI - Escola de Administração de Empresas de Ituiutaba

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental  
ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática  
ESCAI - Escola Superior de Ciências Administrativas de Ituiutaba  
ESCCAI - Escola Superior de Ciências Contábeis e Administrativas de Ituiutaba  
ESEBA - Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia  
FAFI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino  
FAFIU - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Uberlândia  
FAMAT - Faculdade de Matemática  
FISTA - Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino  
FIT - Faculdades Integradas do Triângulo  
FIUBE - Faculdades Integradas de Uberaba  
FE - Faculdade de Educação  
FEIT - Fundação Educacional de Ituiutaba  
FUME - Fundação Municipal de Ensino  
FUNEC - Fundação Educacional e Cultural de Araguari  
FUPAC - Fundação Presidente Antônio Carlos  
G.A.A.E.M - Grupo de Apoio às Atividades em Educação Matemática  
Ghoem - Grupo de História Oral e Educação Matemática  
GEPFPM - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação de Professores de Matemática  
HO - História Oral  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IFTM - Instituto Federal do Triângulo Mineiro  
IMEPAC - Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos  
IMPA - Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada.  
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
ISEPI - Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba  
ITA - Instituto Tecnológico de Aeronáutica  
JAC - Juventude Agrária Católica  
JEC - Juventude Estudantil Católica  
JFC - Juventude Feminina Católica  
JIC - Juventude Independente Católica  
JOC - Juventude Operaria Católica  
JUC - Juventude Universitária Católica

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
LEC - Liga Eleitoral Católica  
LEMa - Laboratório de Ensino em Matemática  
MEC - Ministério da Educação  
MG - Minas Gerais  
NCTM - National Council of Teachers of Mathematics  
PE - Pernambuco  
PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência  
PNAP - Programa Nacional de Formação em Administração Pública.  
PPGEM - Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática  
PR - Paraná  
PREPES - Programa Regional de Especialização para Professores do Ensino Superior  
PROCAP - Programa de Capacitação de Professores do Estado de Minas Gerais  
PSD - Partido Social Democrático  
PUC/GO - Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
PUC/MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
PUC/PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
SEDUC/TO - Secretaria de Educação do Estado do Tocantins  
SBEM - Sociedade Brasileira de Educação Matemática  
SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência  
SIMAVE - Sistema Mineiro de Avaliação  
SP - São Paulo  
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso  
TO - Tocantins  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UFU - Universidade Federal de Uberlândia  
UnB - Universidade de Brasília  
Unesp - Universidade Estadual Paulista  
UnG - Universidade Guarulhos  
USP - Universidade de São Paulo  
UFG - Universidade Federal de Goiás

UNIUBE - Universidade de Uberaba  
UFT - Universidade Federal do Tocantins  
UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas  
UFU - Universidade Federal de Uberlândia  
UnU - Universidade de Uberlândia  
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos  
UL - Universidade de Lisboa  
UAB - Universidade Aberta do Brasil  
UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos  
UNITRI - Centro Universitário do Triângulo.  
UDN - União Democrática Nacional  
UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais  
UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos  
UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba  
USAID - United States Agency for International Development  
USP - Universidade de São Paulo



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>1 OS CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ A PRESENTE HISTÓRIA.....</b>	<b>20</b>
1.1 Trilhando um novo caminho.....	25
<b>2 AS TEXTUALIZAÇÕES DAS ENTREVISTAS DOS PROFESSORES .....</b>	<b>41</b>
Professora Sandra Bulhões Cecílio.....	43
Professora Marilene Ribeiro Resende.....	60
Professor Fernando Antônio de Freitas.....	74
Professora Márcia Augusta Crosara.....	91
Professora Consuelo Maria Garcia de Freitas.....	104
Professora Maria Teresa Menezes Freitas .....	120
Professora Semia Jorge.....	138
Professora Vera Lúcia Sousa Costa .....	144
Professor Irineu de Paula Leão .....	151
Professor Vanderli Anacleto de Campos .....	160
Professor Julmar de Oliveira Diniz.....	165
Professora Maria Mirza Cury Diniz.....	171
Professor Luiz Antônio Fernandes.....	177
Professor Márcio Aurélio da Silva.....	187
Professor Edson Luiz Aleixo .....	194
<b>3 UMA NARRATIVA SOBRE OS PRIMEIROS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (DE MATEMÁTICA) NO TRIÂNGULO MINEIRO .....</b>	<b>201</b>
3.1 A constituição de uma região.....	203
3.2 A Educação, a Igreja Católica e outras religiões .....	228
3.3 Alguns cenários que antecedem a criação dos primeiros cursos de nível superior para lecionar Matemática.....	240
3.3.1 As congregações católicas e seus colégios confessionais .....	240
3.3.2 Uma visão sobre o fluxo dos estabelecimentos de ensino básico .....	263
3.3.3 A formação do professor (de Matemática).....	272
3.4 Da criação ao fechamento - uma história da constituição do ensino superior e os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática).....	279

3.5 Um perfil do docente que lecionava nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) .....	318
3.6 Algumas reflexões sobre a estrutura dos primeiros cursos .....	339
3.7 As contribuições do perfil do estudante na demarcação de uma nova região .....	352
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>364</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>380</b>
Apêndice A - Apresentação da Pesquisa aos Depoentes .....	380
Apêndice B – Modelo de Carta de Cessão.....	381
Apêndice C – Roteiro para as Entrevistas.....	382

## APRESENTAÇÃO

Ao longo do desenvolvimento dessa tese, foram vários os momentos de aprendizagem e constituição desse novo pesquisador. No entanto, um dos mais ricos, nesse processo, foi o Exame de Qualificação. Pode-se assim dizer que as orientações da Banca de Qualificação foram de extrema importância, nos direcionando, não apenas a ampliar o diálogo com ela, mas também, com toda uma comunidade acadêmica, para contar essa história sobre os movimentos dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

A fim de melhor atender às contribuições dadas pelos participantes da banca, passamos a pensar uma construção da tese que pudesse aproveitar ao máximo os textos elaborados e, ao mesmo tempo, permitisse (até quando nos foi possível) incorporar as sugestões de temas propostos pela Banca de Qualificação.

Com o objetivo de atender às propostas dessa investigação, além dessa apresentação, essa tese constitui-se de outras partes, além da listagem de referências e o apêndice.

Na parte “Os caminhos percorridos até a presente história” procuramos explicitar os caminhos de constituição desse pesquisador, passando pelas trilhas que o levaram para a Educação Matemática e chegando à História da Educação Matemática. Para isso, nessa estrada, é apresentada a problemática dessa pesquisa, assim como os seus objetivos e, ainda, tecemos importantes considerações sobre o Ghoem e o Projeto do Mapeamento e expomos a metodologia utilizada – a História Oral. Temos que salientar que, junto a tudo isso, costuramos os procedimentos metodológicos.

Já na parte “As textualizações das entrevistas dos professores” apresentamos as textualizações de nossos depoentes: Fernando Antônio de Freitas, Márcia Augusta Crosara, Consuelo Maria Garcia de Freitas, Maria Teresa Menezes Freitas, Vanderli Anacleto de Campos, Semia Jorge, Julmar de Oliveira Diniz, Maria Mirza Cury Diniz, Vera Lúcia Sousa Costa, Luís Antônio Fernandes, Márcio Aurélio da Silva, Edson Luiz Aleixo, Sandra Bulhões Cecílio, Marilene Ribeiro Resende e Irineu de Paula Leão.

Finalmente, na parte “Uma narrativa sobre os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro” elaboramos um texto materializado em uma narrativa, não única, mas subdividida, nos seguintes subitens: (1) “A constituição de uma região – o Triângulo Mineiro”; (2) “A Educação, a Igreja Católica e outras religiões”; (3) “Alguns cenários que antecedem a criação dos primeiros cursos de nível superior para lecionar

Matemática”; (3.1) “As congregações católicas e seus colégios confessionais”; (3.2) “Um cenário do fluxo dos estabelecimentos de ensino básico”; (3.3) “A formação do professor (de Matemática)”; (4) “Da criação ao fechamento - uma constituição do ensino superior e os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática)”; (5) “Um perfil do docente que lecionava nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática)”; (6) “Algumas reflexões sobre a estrutura dos primeiros cursos”; e (7) “As contribuições do perfil do estudante na demarcação de uma nova região”<sup>1</sup>.

Assim, acreditamos que esse modo pelo qual tramamos essa tese, perpassa os caminhos que a questão de pesquisa aponta. Essa foi a arquitetura possível de ser constituída para contarmos uma história da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

---

<sup>1</sup> Optamos por não apresentar algumas das problemáticas que nos conduziram a elaborar cada um desses itens, nesse momento, pois o fizemos mais à frente.

## 1 OS CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ A PRESENTE HISTÓRIA

A minha história como professor do ensino superior começa em 2001, quando fui contratado para lecionar no curso de formação de professores (de Matemática) na Universidade Guarulhos<sup>1</sup> (UnG). Nesse curso, ministrava a disciplina de Cálculo Diferencial e Integral I em três turmas diferentes.

Não há como negar que foi bastante difícil, essa foi a minha primeira incursão como professor nesse nível de ensino. Lembro até hoje, depois da entrevista em que fui contratado, recebi a ementa da disciplina e um “boa sorte”, tendo em mãos apenas a ementa da disciplina e mais nada. Muitas dúvidas pairavam sobre minha cabeça: e agora, o quê fazer?

Eu havia me formado no ano 2000, no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de São Paulo (USP), campus São Paulo, e estava cursando o mestrado em Matemática Aplicada nessa mesma Universidade. Como experiência docente tinha apenas dois anos em escolas públicas, onde lecionei para o ensino médio. A solução encontrada foi me espelhar no meu professor de Cálculo. Felizmente deu certo!

Aos poucos, fui conhecendo a UnG e meus colegas do curso de Matemática, e pude perceber que a Universidade era grande, com muitos cursos de graduação, oferecia uma boa estrutura para trabalhar; o corpo docente era muito bem qualificado, professores com mestrado, doutorado e com muita experiência na educação básica.

O curso de formação de professores (de Matemática) se beneficiava dessa estrutura, mantendo o Laboratório de Ensino em Matemática<sup>2</sup> (LEMa). No LEMa, além de oferecer um amparo didático-pedagógico para os estudantes do curso, eram oferecidos cursos de extensão para professores da rede pública de ensino da cidade e região e, também, reuniões do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática, onde se debatiam estudos e experiências que envolviam a Educação Matemática.

---

<sup>1</sup> A Universidade Guarulhos está localizada na cidade de Guarulhos, estado de São Paulo. “A Universidade Guarulhos teve seu início em 1969, quando seis educadores arrendaram o Colégio Claretiano de Guarulhos, uma instituição tradicional da cidade que enfrentava uma crise financeira. Após a estabilização do colégio, o grupo deu entrada no Conselho Federal de Educação a um pedido de autorização para funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Farias Brito. A autorização foi liberada pelo Ministério da Educação em 1970. Na época a instituição poderia oferecer os cursos de Pedagogia, Letras, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Físicas e Biológicas. O primeiro vestibular oferecido pela faculdade aconteceu no mesmo ano. Após 12 anos, a faculdade foi transformada em Centro Integrado de Ensino Superior Farias Brito até ser reconhecida como Universidade Guarulhos em 1986”. (Fonte: < [www.ung.br](http://www.ung.br) >, visitado em 04/11/2018).

<sup>2</sup> Para conhecer e ter mais informações sobre o LEMa ver os anais do IX Encontro Nacional de Educação Matemática no artigo intitulado: “O Lema na formação inicial do educador matemático, na Universidade Guarulhos”. Para mais detalhes [http://www.sbemrasil.org.br/files/ix\\_enem/Html/comunicacaoCientifica.html](http://www.sbemrasil.org.br/files/ix_enem/Html/comunicacaoCientifica.html) (Acesso em 24 de maio de 2017).

Com o decorrer dos anos, tudo o que era possível participar, eu estava envolvido. Durante a minha docência percebi a grande dificuldade que os alunos tinham ao estudar volumes por meio das integrais triplas, em especial, para visualizar o sólido que é gerado pela interseção das superfícies. Apoiado pela coordenação do LEMa e, principalmente, do curso, elaborei um trabalho que conciliava a visualização desses sólidos por meio de maquetes. O sucesso foi tão grande entre os alunos que realizamos uma exposição desse trabalho na semana da Matemática, junto com as mostras do LEMa, e ainda gerou uma publicação<sup>3</sup> nos Anais do VIII Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), que foi realizado no Recife (PE), em 2004. Mas o que eram as mostras do LEMa?

Todo semestre, na Semana da Matemática, ocorriam as mostras<sup>4</sup> do LEMa que eram destinadas para as apresentações de jogos confeccionados<sup>5</sup> pelos alunos. Junto a isso, os professores do curso colaboravam oferecendo oficinas pedagógicas e haviam as palestras ministradas por professores convidados, dentre eles, destaco Ubiratan D'Ambrósio, Lourdes de la Rosa Onuchic e Antônio Vicente Marafioti Garnica.

Não há dúvidas que o meu primeiro contato com o Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem) se deu por meio da palestra do professor Vicente, em 2005, quando tratou de atividades desenvolvidas pelo grupo, sendo, uma delas, o trabalho com a História Oral.

Com todo esse meu envolvimento com a Educação Matemática, acabei trancando o curso de mestrado em Matemática Aplicada na USP e, em 2006, ingressei como aluno no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro.

Por meio das minhas experiências como docente, algumas questões sobre as práticas do professor do ensino superior me cercavam, por exemplo: qual era a formação do professor do ensino superior? Onde o professor do ensino superior estava se formando? O que os professores faziam quando iniciavam a docência nesse nível de ensino? Existia algum suporte para o desenvolvimento de suas aulas? A partir dessas inquietações, fui direcionado a desenvolver uma pesquisa, que teve o objetivo de entender como os professores do ensino superior usam a

---

<sup>3</sup> MARIN, D.; BARBOSA, I. M. P. *Maquetes Integrais Triplas*. In: VIII Encontro Nacional de Educação Matemática, 2004, Recife - PE. Anais do VIII Encontro Nacional de Educação Matemática, 2004.

<sup>4</sup> Esse evento era aberto ao público externo à comunidade acadêmica. A universidade recebia caravanas de alunos das escolas públicas da região para fazer as visitas aos jogos que eram apresentados. Além disso, muitos professores que lecionavam no ensino fundamental e médio participavam.

<sup>5</sup> Essa proposta de confecção de jogos pelos alunos foi incorporada às disciplinas Instrumentação e Prática de Ensino, possibilitando a vivência do lúdico na formação inicial e sensibilizando os alunos para o uso deste recurso em sala de aula.

tecnologia de informação e comunicação em suas aulas de Cálculo Diferencial e Integral<sup>6</sup>? Para essa pesquisa foram entrevistados treze professores, a entrevista foi usada para a produção de dados, pois entendíamos que eram importantes para a “compreensão das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. (BAUER E GASKELL, 2002, p.65). Nesse caso, em especial, as entrevistas foram materializadas a partir do diálogo com professores do ensino superior que, em algum momento de sua prática docente no ensino de Cálculo, usavam a tecnologia.

Em 2009, ano em que terminei o mestrado, ingressei por meio de concurso público como professor na Universidade Federal do Tocantins<sup>7</sup> (UFT), campus Araguaína. À época, era um curso de Ciências com habilitação em Matemática que estava migrando para Licenciatura em Matemática. (CURY, 2011). Por conta disso, havia no curso uma dinâmica grande de trabalho, com um corpo docente em formação e isso fez com que eu assumisse muitas tarefas, entre elas, a coordenação do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência<sup>8</sup>.

Por meio do PIBID, estive envolvido com muitas visitas às escolas da cidade, onde percebi uma grande carência em relação ao professor que ali lecionava. Isso fez com que sugerisse ao grupo<sup>9</sup> que criássemos, além de nossas tarefas contínuas, atividades que envolvessem os professores, pais e outros alunos da escola onde o PIBID atendia.

Com o apoio de todos, em um ano realizamos três eventos envolvendo a comunidade. Algumas palestras eram ministradas por nós e outras, por professores convidados da própria UFT. Ainda criamos o dia do sorvete e conseguimos um convênio, junto à Secretaria da

---

<sup>6</sup> Nossa investigação pode ser encontrada em MARIN, D. *Professores de Matemática que usam tecnologia de informação e comunicação no ensino superior*. Dissertação - UNESP, Rio Claro, 2009, nesse estudo fui orientado pela professora Dra. Miriam Godoy Penteado.

<sup>7</sup> A Fundação Universidade Federal do Tocantins foi instituída pela Lei 10.032, de 23 de outubro de 2000. Trata-se de uma instituição multi *campi*, distribuída no estado do Tocantins. Para mais detalhes sobre a criação da UFT e o movimento de formação de professores de Matemática no estado do Tocantins, ver CURY, F. G. *Uma história da formação de professores de Matemática e das Instituições formadoras do estado do Tocantins*. Tese (Doutorado) - UNESP, Rio Claro, 2011.

<sup>8</sup> O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID é uma iniciativa do Governo Federal (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES/Ministério da Educação - MEC), em parceria com a Universidade Federal do Tocantins -UFT e a Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC -TO). Tem como objetivo incentivar a docência na formação inicial de professores. (MAFRA; MARIN, 2011).

<sup>9</sup> Nosso grupo era composto por 30 pessoas e trabalhávamos a partir da interdisciplinaridade, baseados nos aspectos teórico-metodológicos embasados nos textos de Ivani Fazenda, e na pedagogia de projetos, direcionados pelos estudos de Fernando *Hernandez* e Montserrat *Ventura*. Nossos trabalhos eram desenvolvidos com participantes dos cursos de Letras, História, Geografia e Matemática. O grupo de alunos que representavam o curso de Matemática era constituído de seis alunos (Dailson Evangelista Costa, Magna Conceição Silva, Marcos José Pereira, Thiago Henrique Pinto Oliveira, Vangela Azevedo Santos e Wagner Barbosa Pupim) que tinham um comprometimento muito grande em relação a tudo o que ocorria nesse trabalho. (MARIN; SALDANHA; MAGALHAES; RODRIGUES; ANDRADE, 2010).

Educação de Araguaína, com os bombeiros da cidade, onde, em um dia da semana, ensinariam aos alunos da escola a tocar algum instrumento musical. (MARIN; HHIDIR; MAFRA, 2010).

Todas essas nossas investidas fizeram com que publicássemos nossas experiências em eventos, como o X ENEM<sup>10</sup>, que foi realizado em Salvador (BA)<sup>11</sup>, e algumas publicações de livros<sup>12</sup> e capítulos de livro.

Na UFT, posso dizer que ocorreu o meu segundo contato com o Ghoem. À época, o professor Fernando Guedes Cury estava em seu doutoramento e muitas vezes pude acompanhar o desenvolvimento de seu trabalho. Em nossas conversas não faltavam os costumeiros convites para passar a integrar o grupo. No entanto, meus interesses ainda estavam concernentes à formação do professor do ensino superior, no trabalho docente com as tecnologias de informação e comunicação e, depois da passagem pelo PIBID, no ensino e aprendizagem da Matemática para o professor em sala de aula.

Antes que o professor Fernando terminasse o seu doutoramento, a distância da minha família fez com que buscasse outro concurso, e isso ocorreu no final de 2010, quando ingressei como professor na Universidade Federal de Uberlândia<sup>13</sup> (UFU), campus Uberlândia.

Na UFU, passei a trilhar um novo caminho e me envolver em diversas atividades profissionais desenvolvidas no campo do ensino, pesquisa, extensão e administração. Uma delas foi assumir o cargo de presidente da CPEPG – Câmara de Pesquisa, Extensão e Pós-

<sup>10</sup> Publicamos os seguintes artigos nos anais: MARIN, D.; HHIDIR, K. S.; MAFRA, J. R. E. S. *As contribuições do PIBID na formação inicial do professor de matemática no Tocantins*. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática, 2010, Salvador - Bahia. X Encontro Nacional de Educação Matemática: educação matemática, cultura e diversidade, 2010; OLIVEIRA, C.E; MARIN, D.; VENTURIN, J. A.; PEDRICO, J. W. *Investigação e construção de conceitos geométricos possibilitados pelo Geogebra*. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática, 2010, Salvador - Bahia. X Encontro Nacional de Educação Matemática: educação matemática, cultura e diversidade, 2010.; MARIN, D. *O desafio da implementação de tecnologia informática em disciplinas de matemática no ensino superior*. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática, 2010. X Encontro Nacional de Educação Matemática: educação matemática, culturas e diversidade, 2010.

<sup>11</sup> Vale a pena deixar um comentário sobre esse evento, pois acredito que marcou a vida de muitos de nossos estudantes. Com um grupo de professores (Janderson Viera de Souza, Elizangela da Silva e eu) do curso de Matemática conseguimos junto à UFT um ônibus que nos levou ao evento. A viagem de Araguaína a Salvador foram 38 horas de estradas, mas valeu a pena! Todos os alunos do PIBID conseguiram alguma ajuda de custo para o evento.

<sup>12</sup> É fruto desse trabalho a publicação de dois livros, o primeiro: Magalhães, H.G.D.; Rodrigues, J.C.; Khidir, K.S; Zitzke. V.A. *Práticas interdisciplinares na formação inicial de professores: avanços e desafios*. 1ed.Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010. E o segundo, Haupt, C.; Marin, D.; Santos, E. M.; Silva, N. L. *Reflexão, prática e colaboração na formação de professores*. 1. ed. Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2011. Livros esses que foram os depositários de nossas experiências nesse período tão promissor de trabalho.

<sup>13</sup> Como veremos mais à frente em maiores detalhes a Universidade Federal de Uberlândia está localizada no Triângulo Mineiro, ela surgiu da unificação de faculdades isoladas (Artes, Direito, Filosofia, Medicina) que foram construídas em Uberlândia entre as décadas de 1950 e 1960, somadas à Faculdade Federal de Engenharia. A federalização da Universidade de Uberlândia aconteceu pelo Decreto Lei nº 6.532 de 24 de maio de 1978, por força da articulação das elites locais com a Ditadura Militar.



Graduação responsável por controlar o fluxo de projetos de pesquisa, projetos de iniciação científica e afastamento de docentes para a capacitação em nível de pós-graduação.

A CPEPG existe desde 1990, em seu acervo mantém os registros de todos os professores que utilizaram esse órgão, mostrando com isso todo um movimento de formação existente no curso de Matemática. Com base nesse acervo de documentos históricos, lembrei de algumas discussões que tive com o professor Fernando Cury, quando trabalhamos na UFT e enquanto ele desenvolvia o seu doutoramento. Assim, percebi que poderia elaborar um estudo sobre a formação de professores (de Matemática), a partir do curso de Matemática de Uberlândia.

Em 2013, fui ao XI ENEM<sup>14</sup>, o evento foi realizado em Curitiba (PR), para apresentar<sup>15</sup> alguns resultados de estudos que desenvolvemos numa disciplina que ministramos no semestre anterior. Nesse evento, a SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática estava comemorando vinte e cinco anos de existência.

Como é de praxe em eventos, encontramos pessoas que há tempos não vemos, nesse, encontrei o professor Vicente Garnica. Conversamos sobre uma possível pesquisa que tratava da formação de professores (de Matemática) em Uberlândia. Ele salientou ser um tema de interesse, além de ressaltar que no grupo que coordena (Ghoem) ainda não havia estudos sobre a formação de professores nessa região em Minas Gerais, mas em outra localidade<sup>16</sup>. No entanto, disse que não havia vaga para orientação, mas apontou que outros pesquisadores do grupo poderiam fazer isso. Dessa forma, por intermédio do professor Vicente, passei a ser orientado pela professora Ivete Baraldi<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> XI Encontro Nacional de Educação Matemática (XI ENEM), nesse evento, realizado na cidade de Curitiba, foram comemorados os 25 anos de aniversário da Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Disponível em: <<http://enem2013.pucpr.br/>>. Acesso em: 26 mai.2017.

<sup>15</sup> MARIN, D. *O uso de tecnologia de informação e comunicação nas aulas de Cálculo: vantagens e desvantagens*. In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática (XI ENEM), 2013, Curitiba. Educação Matemática: Retrospectivas e Perspectivas. Curitiba: PUC-PR, 2013; COELHO, A. G. V.; ALEXANDRE, M. L.; MARIN, D. *Caronas universitárias: contabilidade de custos como instrumento de prática pedagógica*. In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 2013, Curitiba. Educação Matemática: Retrospectivas e Perspectivas. Curitiba: PUC-PR, 2013; MALAQUIAS, G. T.; MARIN, D. *A resolução de problemas e o dilema: ir de transporte público ou privado para a faculdade?* In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 2013, Curitiba. Educação Matemática: Retrospectivas e Perspectivas. Curitiba: PUC-PR, 2013.

<sup>16</sup> O professor Antônio Vicente Garnica se referia à pesquisa de Shirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida que estava em desenvolvimento. A pesquisadora estava investigando o processo de formação de professores de Matemática na primeira instituição de ensino superior, na região de Montes Claros, norte de Minas Gerais, no período de 1960 a 1990. A pesquisa deu destaque à Instituição e às práticas de formação de professores de Matemática na antiga Faculdade Norte Mineira de Ensino Superior, atualmente Universidade Estadual de Montes Claros. Esta tese foi defendida em 2015. Para mais detalhes, ver em: ALMEIDA, S. P. N. C. *Um lugar: muitas histórias - o processo de formação de professores de Matemática na região de Montes Claros, norte de Minas Gerais (1960-1990)*. Tese (Doutorado) – UFMG, Belo Horizonte, 2015.

<sup>17</sup> A professora Ivete foi a primeira orientanda do professor Vicente no curso de doutorado, tendo desenvolvido um estudo sobre a formação de professores de Matemática na região de Bauru/SP. Para mais detalhes, ver em:

A partir dessa parceria<sup>18</sup> com a professora Ivete, fui orientado a buscar informações sobre a região de nosso foco de estudo – o Triângulo Mineiro, e sobre o Ghoem e das pesquisas em especial, as que faziam parte do Projeto do Mapeamento.

### 1.1 Trilhando um novo caminho

Inicialmente não sabia muito o que fazer, tratava-se de uma área nova, o que eu conhecia limitava-se a uma palestra do professor Vicente e ao acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa do professor Fernando. Algumas perguntas pairavam sobre a minha cabeça, como: o que realmente é o Ghoem? Como estão sendo realizadas as pesquisas nesse grupo? O que foi produzido por esse grupo? O que é esse ‘Projeto Mapeamento’? O que é História da Educação Matemática?

Da mesma maneira que não sabia sobre os modos de elaborar uma pesquisa da forma que é defendida no Ghoem, a região onde estaria desenvolvendo a pesquisa era uma incógnita para mim. Que região é essa? O que significa Triângulo Mineiro? Como foi criado esse curso de formação de professores (de Matemática) em Uberlândia? Qual é a formação do professor que lecionou quando o curso foi criado? Será que existiram outros cursos de formação de professores (de Matemática) além desse em que leciono na Universidade Federal de Uberlândia? Quem fez a ementa das disciplinas? Em que se basearam para isso? Que recursos pedagógicos o professor tinha naquele tempo para ensinar Matemática?

Todas essas são questões que nos direcionaram ao andamento da pesquisa. Não tínhamos como responder a todas de uma forma rápida, mas durante o desenvolvimento da pesquisa era esperado que sim, além de aparecerem outras durante o processo.

Por meio dessas indagações e das orientações da professora Ivete, passamos a buscar compreensões sobre o que seriam pesquisas na História da Educação Matemática, por meio das idas aos eventos, neles, procurávamos conversar com o máximo de pesquisadores; dos exercícios teóricos promovidos nas reuniões estabelecidas no Ghoem; e através de um exame hermenêutico<sup>19</sup> dos textos que chegavam às nossas mãos, advindos do levantamento da literatura específica da área.

---

BARALDI, I. M. *Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção*. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2003.

<sup>18</sup> O uso dos verbos na terceira pessoa do plural, justifica-se, pois, esta pesquisa está sendo realizada em uma parceria entre pesquisador e orientadora.

<sup>19</sup> Garnica (1992) nos explica que o exame hermenêutico se dá num círculo existencial no qual já estamos imersos. Assim, o contexto no qual nos situamos e nossas vivências num mundo que se caracteriza pela contínua atribuição

Desse modo, passamos a perceber melhor esse novo campo que se abria, chamado de História da Educação Matemática. Ele

visa a compreender as alterações e permanências nas práticas relativas ao ensino e à aprendizagem de Matemática; a estudar como as comunidades se organizavam no que diz respeito à necessidade de produzir, usar e compartilhar conhecimentos matemáticos e como, afinal de contas, as práticas do passado podem – se é que podem – nos ajudar a compreender, projetar, propor e avaliar as práticas do presente. (GARNICA E SOUZA, 2012, p. 22)

Em outras palavras, por meio da História da Educação Matemática, pode-se compreender instâncias de formação, instituições formadoras, o atendimento ou subversão de legislações. Ela também nos ajuda a entender os modos como as comunidades se organizavam para produzir conhecimentos matemáticos.

Posteriormente, mantivemos o foco em conhecer mais sobre o Ghoem. Esse grupo se reúne desde 2002 e dele participam profissionais de diferentes estados brasileiros, sendo eles pesquisadores em Educação Matemática, especialmente, em História da Educação Matemática e seus orientandos de mestrado e doutorado. Apesar de levar em seu nome a expressão História Oral, não apenas essa metodologia tem sido mobilizada, mais recentemente, a Hermenêutica de Profundidade passou a ser utilizada como referencial teórico metodológico. No entanto, os estudos desenvolvidos no grupo mostram que sua essência está em entender os modos como a Matemática se insere na cultura escolar. (BARALDI, 2018; GARNICA, 2018).

Dentre as pesquisas desenvolvidas no Ghoem percebemos que são quatro as principais linhas de pesquisa<sup>20</sup>: (a) Projeto – Mapeamento da Formação e Atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil<sup>21</sup>; (b) Narrativas e ensino e aprendizagem de Matemática (Inclusiva)<sup>22</sup>; (c) História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção<sup>23</sup>; (d) Análise de livros didáticos – Hermenêutica de Profundidade<sup>24</sup>.

---

de significados às coisas são sempre nossos pontos de partida. Não há, portanto, uma porta de entrada ao círculo, e como compreensões/interpretações sempre podem ser enriquecidas, o movimento hermenêutico nunca se encerra.

<sup>20</sup> Dentre essas linhas de pesquisa as quais citamos, os estudos desenvolvidos no Ghoem, também são realizados em outras linhas, a saber: “Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares”; “História da Educação Matemática”; “História Oral e Educação Matemática”; e “IC-GHOEM”. Para mais informações convidamos o leitor a visitar a home page do Ghoem ([www.ghoem.org](http://www.ghoem.org)) onde terá acesso a informações mais detalhadas.

<sup>21</sup> Para ter mais informações sobre as ações dessa linha de pesquisa, recomendamos a leitura de Garnica (2018).

<sup>22</sup> Para ter mais informações sobre as ações dessa linha de pesquisa, recomendamos a leitura de Baraldi (2018).

<sup>23</sup> Para ter mais informações sobre as ações dessa linha de pesquisa, recomendamos a leitura de Silva (2018).

<sup>24</sup> Para ter mais informações sobre as ações dessa linha de pesquisa, recomendamos a leitura de Martins Salandim (2018).

Entre essas linhas de pesquisa, podemos adiantar que o nosso estudo se insere no Projeto do Mapeamento da Formação e Atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil. Mas o que estamos entendendo por ‘Projeto do Mapeamento’? Das pesquisas realizadas no ‘Projeto do Mapeamento’, que aspectos podem nos ajudar em nossa investigação?

Antes, precisamos esclarecer que o ‘Projeto do Mapeamento’ há algum tempo é tido como linha de pesquisa/projeto. No nosso entender, isso é fruto dos resultados apresentados nas pesquisas relacionadas à formação de professores (de Matemática) que fazem parte do projeto. Nesse sentido, apontamos que esse

projeto [é] de longa duração [...], mas lastreando-se em pesquisas e compreensões anteriores, não tem, obviamente, conclusão prevista. Essa inconclusão tanto pode atordoar e paralisar quanto pode atuar como germe criativo. A imensidão das terras, a diversidade das culturas e a pluralidade das gentes desempenham papel fundamental nesse mapeamento: desconsiderar essa variação imensa seria negar a disposição de enfrentar cenários – imensos, diversos, plurais, disformes – nos quais transitam os professores que ensinam Matemática. Assim, os espaços considerados só não são mais variados e diversificados devido à finitude do humano que somos – a inconclusão pela qual advogamos é, portanto, uma inconclusão potencial. É um projeto coletivo, necessariamente coletivo, e não visa apenas a produzir estudos sobre um tema, mas, também, a ser um artifício de formação de pesquisadores em Educação Matemática. [...] os processos de formação e atuação de professores de Matemática presentificam-se em várias estâncias e de várias formas. Daí afirmamos que a formação de professores é, no projeto, mais objeto que ponto de partida. (GARNICA, 2014, p. 49-50).

Nesse sentido, entendemos que o ‘Projeto do Mapeamento’ é uma configuração aberta, que visa registros das condições em que ocorreram a formação e atuação de professores que ensinavam/ensinam Matemática e da criação de cursos de formação superior para a formação docente no campo da Matemática (GARNICA, 2018), abordando a diversidade geográfica, institucional e temporal. (GOMES, 2014).

As pesquisas realizadas no ‘Projeto do Mapeamento’ têm sido norteadas pelas narrativas que buscam configurar a partir das fontes que são criadas ou que, dispersas, são coletadas e organizadas. Essa é uma das formas usadas pelo grupo, com o objetivo de discutir a formação de professores (de Matemática), escrevendo, assim, uma História da Educação Matemática no Brasil, pois busca

Mapear – ou cartografar – a formação e a prática de professores de Matemática, portanto, é um projeto dinâmico que, se permite compreensões, por exemplo, por cotejamentos (sempre parciais) entre instâncias de formação, instituições formadoras, modos de atender ou subverter legislações etc, também permite que o leitor se perca, pois nunca o mapeado estará

configurado de forma definitiva de modo a brandamente submeter-se aos cotejamentos que talvez seu leitor quisesse realizar (GARNICA, 2013a, p.38).

Desse modo, percebemos que o ‘Projeto do Mapeamento’ se propõe a compreender, analisar, elaborar, discutir e estudar depoimentos de professores, com vistas à constituição de histórias dentro da própria História (GARNICA, 2013). Como é o caso desta pesquisa, que se propõe a delinear um mapeamento sobre a criação de cursos de formação de professores (de Matemática).

Por meio do estudo da literatura específica da área, identificamos que as pesquisas vinculadas ao ‘Projeto do Mapeamento’ tiveram como foco diferentes regiões brasileiras, alcançando distintos espaços geográficos do país: Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia, Paraíba, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais. Também temos que apontar que existem outras pesquisas em andamento que estão inseridas no projeto.

As pesquisas desenvolvidas nessa linha/projeto são muitas e não apontaremos quais foram, no entanto, sugerimos para o leitor que tiver interesse em conhecê-las, visitar a *home page* do Ghoem<sup>25</sup> onde (quase) todas estão disponíveis. Dentre essas pesquisas, nos aproximaremos (ao longo de nossa narrativa) mais daquelas que, cada uma a seu modo, visaram a formação do professor do ensino superior ou a criação de cursos de formação superior para a formação docente no campo da Matemática ou aquelas que, de algum modo, despertaram nosso interesse, visando alguma contribuição com nossa pesquisa, pois entendemos ser essas pesquisas, com esse enfoque que, de alguma forma, nos darão pistas ou ajudarão a fomentar essa investigação.

A partir da proximidade com essas pesquisas, novos significados foram produzidos em nossa constituição como pesquisador, suscitando um novo desafio. Para vencer esse desafio, essas investigações mostram-se como um solo bastante fértil para nos apoiar nessa empreitada.

Para isso, assumimos uma determinada postura historiográfica, segundo a qual o estudo do passado, do processo educativo, deve ser disparado pelo presente, visando colaborar com o presente, trazendo à tona pressupostos, práticas, atitudes e preconceitos. Entendemos ser altamente importante para a História da Educação e História da Educação Matemática.

Nesse sentido, adotando uma perspectiva que caminhe com os estudos realizados nessa linha/projeto, que trata do mapeamento da formação e atuação de professores que

---

<sup>25</sup> Pode ser acessado em [www.ghoem.org](http://www.ghoem.org).

ensinam/ensinaram Matemática, é possível afirmar que esse estudo pode ajudar a constituir um cenário.

Pretende-se que esse texto seja mais uma contribuição ao mapeamento proposto pelo grupo. Também, almejamos que, ao compor uma história sobre os primeiros cursos de ensino superior para formar professor (de Matemática), implique problematizar aspectos da História da Educação Matemática que podem contribuir para futuras projeções no cenário educacional.

Assim, depois de explicitados nossos anseios em relação a esse estudo, apresentamos a pergunta que dirige a pesquisa: como se deu o movimento de criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, Minas Gerais? E, como objetivo geral, tem a intenção de elaborar uma versão histórica, a partir das narrativas constituídas por meio de entrevistas, bem como de perspectivas documentais, sobre o movimento de criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Ao propor isso, buscamos fazer uma história não de sujeitos e objetos já dados, pré-existentes. Temos a intenção de produzir, criar e inventar uma história, na medida em que interrogamos os colaboradores dessa pesquisa, produzindo o novo. Entendemos que essas criações são fundamentalmente históricas.

Além desse objetivo, temos a intenção de, mais especificamente: descrever historicamente a criação desses primeiros cursos; entender como era a estrutura das instituições para o funcionamento dos cursos; compreender o contexto de formação de professores (de Matemática) antes da criação dos primeiros cursos; entender qual era a formação do professor do ensino superior que lecionou nesses primeiros cursos; e lançar mão dos depoimentos para uma operação historiográfica<sup>26</sup>, com o propósito de se criar e estudar fontes para esta e para outras possíveis pesquisas, contribuindo com o mapeamento proposto pelo Ghoem.

Apoiados nas pesquisas que mobilizam a História Oral, em especial, às desenvolvidas no Ghoem, entendemos que essa metodologia nos auxilia a construir uma versão historiográfica e também nos credencia a compreender os objetos que essa investigação pretende focar sobre o movimento de criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, Minas Gerais. Nesse sentido, a História Oral pode ser entendida como:

[...] uma metodologia de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma

---

<sup>26</sup> Com base em Garnica (2013b, p.55), entendemos que uma operação historiográfica é considerada como “um movimento composto por um conjunto de ações que se iniciam quando se tem à mão um problema a partir do qual saímos à procura de fontes (ou criamos fontes) para, a partir dessas fontes, analítica e metodicamente, compor uma narrativa historiográfica”.

de se aproximar do objeto de estudo. [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2004, p.18).

Ao nos aproximarmos dos trabalhos que participam do ‘Projeto do Mapeamento’, percebemos que uma das principais características do trabalho com História Oral é a construção intencional de fontes e o diálogo com fontes de várias naturezas. A partir dessas prerrogativas, podemos exercitar uma diversidade de interpretações e caminhar rumo a uma proposta de configuração coletiva, descentralizada e dinâmica, focalizando nas narrativas criadas, a partir da oralidade dos professores/professoras que foram entrevistados, entendimentos relativos à criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro.

Nesse sentido, um dos principais alicerces de um trabalho que mobiliza essa metodologia é a narrativa, uma vez que um acontecimento, uma situação vivida e uma experiência<sup>27</sup> do entrevistado não podem ser transmitidos a outrem sem que sejam narrados. As narrativas são os modos de romper com essa incomunicabilidade.

Garnica (2014a, p.58) afirma que as narrativas “são as matérias-primas por excelência de todo um processo hermenêutico que, entretanto, não dispensa narrativas outras, como por exemplo, as escritas”. Podemos acrescentar que as narrativas podem ser entendidas como pano de fundo de nossas práticas de pesquisa.

As narrativas resultantes das pesquisas em História Oral e Educação Matemática, em especial as do Ghoem, registradas em momentos de entrevista, são sobre histórias de professores e as histórias contadas por eles, sobre suas vivências e experiências, seus discursos sobre o modo como tais vivências e experiências se deram. As narrativas são as inventoras de práticas. Com elas, criamos realidades, interpretamos vidas e formação de seres humanos. Desse modo, nos estruturamos por meio delas, seja enquanto autores ou quando narradas por outras pessoas, que direta ou indiretamente nos envolvam. Além disso, em Garnica (2010b, p. 34-35) temos que nas

narrativas, então, reside a própria possibilidade e potencialidade do que temos chamado História Oral, e tratamos de pensá-las não mais como constituindo “a” história, mas como constituidoras de histórias possíveis, versões

---

<sup>27</sup> Estamos entendendo experiência, de acordo com Larrosa (2002). A experiência não é o que passa, o que toca, o que afeta – é o que nos passa, nos toca, nos afeta e de algum modo, nos transforma. Segundo esse autor, a experiência expressa por meio das narrativas se configura como um corpo de conhecimentos que conduz o sujeito a identificar conexões entre o futuro, que está aberto, e o passado, que ainda está vigente.

legitimadas como verdades dos sujeitos que vivenciaram e relatam determinados tempos e situações. Tanto quanto o é a descrição para a pesquisa qualitativa, as narrativas orais fixadas pela escrita são tomadas como fontes históricas, intencionalmente constituídas, que não estão subjugadas a um critério de valor definido por meio da “realidade” e da “concretude” do mundo.

Também nos aliamos a Nakamura (2017) ao entender que as narrativas são formas de expressão e métodos de exploração para a produção de significados. Com elas, criam-se possibilidades para explorar situações históricas e, a partir delas, ampliam-se os significados sobre elas.

Dizemos mais, as narrativas são o núcleo do processo de aproximação com o fazer historiográfico ao qual propomos nesta investigação. As narrativas são fontes para a escrita da História, mas, assim como outras fontes, não são a História:

Narrativas orais são fontes historiográficas. Para servir a pesquisas, narrativas orais usualmente são registradas por escrito devido à durabilidade do suporte e à facilidade de manuseio. Narrativas orais tornadas narrativas escritas são fontes historiográficas. A História Oral é um modo de produzir narrativas orais e com essa finalidade tem sido mobilizada por inúmeros agentes, dentro e fora da academia, sendo praticada, por exemplo, tanto por “pessoas comuns” como por historiadores “de ofício” e pesquisadores dos mais distintos campos. Na academia, a História Oral ganha contornos mais rígidos, inscreve-se numa determinada ordem de discurso, e passa a ser vista como metodologia de pesquisa e até mesmo como “metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa”. Para participar dos processos ditos “científicos”, ganha aspecto “científico”: criam-se procedimentos específicos – que variam em cada comunidade que mobiliza a História Oral – segundo marcos regulatórios – “teóricos” – que atendem às perspectivas do “oralista”. (GARNICA, 2013, p. 54).

Embora compreendamos que metodologia não se trate apenas de procedimentos, adotamos uma série de encaminhamentos os quais nos ajudaram na pesquisa. Inicialmente, fizemos contato com alguns depoentes, depois disso, os demais foram localizados por meio do critério de rede. Tomamos o cuidado de registrar todas as entrevistas feitas e, junto a outras fontes, buscamos um sentido para essas tantas narrativas, sempre tendo como norte a questão de pesquisa.

Para compor essa história que propomos contar, mais especificamente, os colaboradores da pesquisa foram professores e alunos que, de algum modo, vivenciaram os ambientes dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, dessa forma, foi possível entrevistar quinze pessoas nas cidades de Uberlândia, Uberaba, Ituiutaba e Araguari.



Em Uberlândia, localizamos três cursos. Dois deles foram fundados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. O primeiro começou a funcionar em 1968. Ele formava o professor em licenciatura em Matemática e o outro, criado em 1970, era um curso de licenciatura em Ciências. Para buscarmos entendimentos sobre esses cursos, entrevistamos Fernando Antônio de Freitas, Márcia Augusta Crosara, Consuelo Maria Garcia de Freitas, Maria Teresa Menezes Freitas e Semia Jorge. O terceiro curso foi uma licenciatura em Ciências, mantida por outra instituição, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia, que começou a funcionar em 1980. Para explanar sobre esse curso e seus desdobramentos, entrevistamos Vera Lúcia Sousa Costa e Irineu de Paula Leão.

Em Uberaba, foi fundado um curso de licenciatura em Matemática, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em 1970. Para ter informações sobre ele, entrevistamos Sandra Bulhões Cecílio e Marilene Ribeiro Resende. No entanto, a narrativa de Irineu, por ter sido aluno desse curso, logo no seu início, muito nos ajudou a entender algumas histórias.

Na cidade de Ituiutaba, tivemos um curso de licenciatura em Matemática, instalado em 1970, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba. Concederam entrevista Vanderli Anacleto de Campos, Julmar de Oliveira Diniz, Maria Mirza Cury Diniz e uma quarta professora<sup>28</sup> que, no entanto, não nos cedeu o direito de uso da entrevista.

Por fim, em Araguari, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari, identificamos, no ano de 1988, a criação de um curso de licenciatura em Ciências, com habilitação em Matemática. Para tecermos entendimentos sobre ele, entrevistamos Luiz Antônio Fernandes, Edson Luiz Aleixo e Márcio Aurélio da Silva.

Os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) são os demarcadores que sustentam a delimitação temporal dessa investigação, sendo que o primeiro deles começou a funcionar em 1968 e o último, no ano de 1988, isso faz com que fixemos nossos olhares e entendimentos, entre a década de 1960 e a década de 1980.

Em princípio, a intenção era usar apenas um roteiro para as entrevistas, com perguntas abertas direcionadas a compreender a problemática – a criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Contudo, a partir do estudo de pesquisas praticadas no Ghoem, percebemos que o uso de fichas temáticas têm sido de grande valia, em especial, aquelas que mobilizam a História Oral, como esta pesquisa.

---

<sup>28</sup> Não citaremos o nome da referida professora, pois não obtivemos o direito de publicação de sua entrevista. Posteriormente, será esclarecido esse acontecimento.

Por exemplo, nos trabalhos de Rolkouski (2006) e de Vianna (2000), as fichas temáticas foram utilizadas. Os autores deixaram os seus depoentes escolherem a sequência para o desenvolvimento de suas entrevistas. Essa forma de uso também prevaleceu na pesquisa de Moreira (2016). Já no caso de Moraes (2012), seus colaboradores seguiram uma sequência pré-estabelecida, apontada pelo autor. Depois, em Moraes (2017, p. 50), o pesquisador optou por disponibilizar “um roteiro seguindo os temas das fichas temáticas, para os entrevistados que desejassem ter acesso a ele antes da entrevista”. Em Rosa (2017), a pesquisadora usou as fichas temáticas com o propósito de conduzir o colaborador e evitando que ele se desviasse de seu itinerário previamente estabelecido. No caso de Macena (2013) houve um misto entre roteiro e ficha temática.

Esses estudos nos influenciaram de forma positiva para usar as fichas temáticas, mas como não haviam deixado pistas de como elaborá-las, ficamos um bom tempo refletindo como confeccioná-las, de modo que nos ajudassem a explorar a problemática desta pesquisa. Para isso, a partir de um conjunto de questões e intenções foi possível chegar nas fichas temáticas, as quais apresentamos no quadro 1.

**Quadro 1 – Confeção das Fichas Temáticas**

QUESTÕES SUPORTES <sup>29</sup>	NOSSAS INTENÇÕES	PALAVRAS CHAVE	TEMÁTICA
- Qual seu nome, local e data de nascimento?	Conhecer o depoente.	-Apresentação Pessoal	Apresentação
- Comente sobre a sua formação básica anterior à graduação: quando iniciou, onde estudou, em quais escolas, em que localidades. - Comente sobre a sua graduação: quando iniciou, onde estudou, instituição, o que levou a procurar essa área. - Comente sobre a sua pós-graduação: quando iniciou, onde estudou, instituição.	Buscar informações sobre a formação do colaborador.	- Básica; - Graduação; - Pós-graduação.	Formação
- Quando, onde iniciou sua carreira de professor (de Matemática)? - Em que momento começou a lecionar na escola básica? Em que escola? - Em que momento foi para o ensino superior lecionar Matemática? Em que instituição?	Conhecer mais sobre o desenvolvimento profissional do professor colaborador.	- Início; - Escola Básica; - Ensino Superior; - Sala de aula.	Carreira Docente

<sup>29</sup> Não podemos deixar de frisar que, durante as entrevistas, outras questões foram disparadas com a intenção de aprofundar detalhes, assuntos que interessam ao nosso estudo que não constam aqui nesse quadro, mas o leitor mais atento perceberá no capítulo em que apresentamos as narrativas de nossos colaboradores.

- Como era o trabalho na sala de aula?			
- Onde o professor se formava antes da criação do curso? - Antes da criação desse curso a quem competia a formação de professores de Matemática na cidade?	Entender sobre qual era a formação do professor antes da existência dos cursos.	- Formação de professores antes da criação do curso.	Antes da criação do Curso
- Como, quando e por que o curso foi criado? - Que políticos da época influenciaram para a criação do curso? - Como foi o processo de autorização / reconhecimento do curso? - Na época, qual foi a importância do curso de Matemática para a região?	Compreender as influências que levaram à criação do curso.	- Criação do curso; - Política; - Autorização; - Reconhecimento; - Antes da criação do curso; - Importância.	Criação do Curso
- Depois da criação do curso, ele foi suficiente para preencher a demanda de professores de Matemática na cidade?	Entender sobre as influências do curso na região.	Demanda depois da criação.	Depois da criação.
- A instituição oferecia condições para o funcionamento desse curso? - Existiam livros para o ensino de Matemática? Específicos? Pedagógicos? - Espaço físico era adequado? - Materiais pedagógicos?	Buscar entender os aspectos estruturais à época.	- Sala de aula; - Biblioteca; - Sala de professores; - Sala de reuniões; - Espaço Físico; - Condição dos prédios; - Materiais.	Estrutura Física
Ocorreram mudanças Institucionais? Como foi/foram a(s) transição(ões) entre as Instituições para o funcionamento do curso que habilitava o professor a lecionar Matemática? Ocorreram mudanças operacionais na forma em que o curso funcionava?	Entender as mudanças institucionais e das mantenedoras, às quais estavam vinculados os cursos de Matemática.	- Mudança de mantenedora.	Mudanças Institucionais
Além da docência, que outros cargos o/a senhor (a) exerceu?	Conhecer mais sobre nossos depoentes.	- Cargos.	Outros cargos
- Qual era a habilitação do curso? - Que mudanças ocorreram no curso, em função das mudanças por força das Leis?	Entender sobre a habilitação que os cursos ofereciam.	Habilitação.	Habilitação
- Como era a grade curricular? - Quem ministrava as disciplinas pedagógicas? Quem ministrava as disciplinas específicas?	Compreender sobre detalhes administrativos e pedagógicos dos cursos	- Grade curricular.	Estrutura curricular

Como era realizada essa distribuição de disciplinas?			
- Como foram criadas as fichas das disciplinas? Eram baseadas em quê? - Como foram criadas as ementas das disciplinas? - Que aspecto do PPP do curso pode destacar?		Fichas de Disciplinas; Ementas; PPP	Ementas
- Como eram contratados os professores nessa época? Havia concursos? Como se processavam esses concursos? Ou, os professores eram convidados? Ou era realizada uma seleção por currículo? Ou por indicação?	Buscar entender sobre os contratos de trabalho dos professores.	- Concurso - Indicação - Convidado	Contrato de Trabalho
- Qual era a origem do professor que lecionava no curso? Da própria cidade? Da região? Ou de outros locais? - Existiu alguma vinculação de outros cursos para o aproveitamento do quadro de professores? Ou relação com outras instituições? Ou Escola Básica? - Qual era a formação desses professores? - O número de professores era adequado para que o curso funcionasse?	Compreender quem era o professor que lecionava nos cursos de ensino superior à época.	- Origem; - Formação; - Tempo de permanência; - Quantidade de professores; - Perfil do professor.	Perfil dos Professores
- Existia pesquisa? Como era a pesquisa? - Existia extensão? Como era a extensão?	Entender como era tratada a pesquisa e a extensão à época.	- Pesquisa - Extensão	Pesquisa e Extensão
- Como se fazia para o aperfeiçoamento? - A pós-graduação, surgiu antes do ingresso no curso? Ou surgiu durante o trabalho no curso?	Entender como era ou se existia a formação continuada.	- Cursos - Congressos - Pós-Graduação	Formação Continuada
- Como se dava o ingresso no curso? - Quem era o aluno? - De onde vinha? - Depois de formados, onde os alunos iriam trabalhar? Ou iriam fazer pós-graduação?	Compreender quem era o aluno que estudava nos cursos de ensino superior à época.	- Ingresso - Perfil do Aluno - Egresso	Aluno
- Como percebe o curso que o formou e o curso no qual atuou?	Buscar entender qual a leitura que o depoente faz do curso de formação de professores (de Matemática)	- Percepção do curso	Análise
- Espaço para o depoente falar o que quiser	Livre para o colaborador falar o que quiser.	- Considerações	Considerações

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dessa forma, estabelecemos as seguintes fichas temáticas, que nos nortearam em cada entrevista: Apresentação; Formação; Carreira docente; Antes da criação do curso; Criação do

curso; Depois da criação do curso; Estrutura física; Mudanças Institucionais; Outros cargos; Título de graduação; Estrutura curricular; Ementas; Contrato de trabalho; Perfil dos professores; Perfil dos alunos; Pesquisa/Extensão; Formação continuada; Análise; Considerações finais. Contudo, a partir das fichas temáticas criamos um roteiro<sup>30</sup> que foi disponibilizado para cada participante antes de cada entrevista.

Diferentemente da forma que o pesquisador utilizou em seu mestrado, agora, no doutorado, percebeu que as fichas temáticas, uma vez que elas ficaram expostas durante as entrevistas, contribuíram com nossos colaboradores, servindo para lembrá-los (orientá-los) de episódios de sua vivência. No entanto, concordamos com Martins-Salandim (2012) que a entrevista não é conduzida apenas pelo entrevistador, roteiro e acrescentamos as fichas temáticas,

o entrevistado, seu modo de narrar e suas experiências interferem diretamente na entrevista proposta pelo entrevistador. O eixo condutor é determinado pelo narrador e não pelo entrevistador, ainda que este tenha estabelecido e comunicado àquele, com antecedência, os temas de seu interesse [e da pesquisa] (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 54).

O tom do narrador ganha em compreensão, servindo como um espaço para rememoração do passado, proporcionado por esse momento que ecoa em sua narrativa, ou melhor, o depoente sente-se mais livre durante a entrevista, podendo com isso ter uma melhor reflexão ao expor situações, para rememorar acontecimentos e expressões de ressentimentos e realizações. Ao narrar suas experiências, os professores se colocam em situações de interpretar suas construções sobre as constituições de suas histórias vividas, sentindo-se personagens, podendo desse modo, expor um passado que está guardado em suas memórias.

Ao olhar para um movimento, um tempo, uma prática, em suas diferentes formas de se manifestar, de se tornar presente nos variados modos em que essa prática foi apropriada pelos sujeitos e pela história, nesse sentido, não é mais o passado como algo dado, mas o passado construído, inventado no presente. Entendemos que não teremos a verdade absoluta sobre o que aconteceu no passado, mas o cotejamento entre as fontes poderá direcionar, no presente, os acontecimentos do passado, construindo, assim, uma versão histórica.

Contar uma história como a que propomos, que trata da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, significa considerar um

---

<sup>30</sup> Roteiro para as entrevistas está no apêndice C.

contexto que vai sendo criado em meio às hermenêuticas de variadas narrativas – escritas, orais e iconográficas<sup>31</sup> – que pudemos acessar ou criar.

Nesse momento, gostaríamos de tecer alguns esclarecimentos sobre o uso na iconografia<sup>32</sup> nessa tese. Para isso, começamos expondo que, nos trabalhos no âmbito da História da Educação Matemática, não é comum o uso de fontes iconográficas (GARNICA, 2010), por outro lado, a literatura mostra que o uso da fotografia e de imagens vem ganhando espaço nas pesquisas desse campo. (DALCIN, 2018).

Em nosso caso, o interesse pelas fontes iconográficas surgiu a partir de uma das disciplinas que o pesquisador cursou no doutoramento, intitulada “História, Narrativa e Oralidade”<sup>33</sup>, oferecida no PPGEM. Nessa disciplina foram discutidos alguns textos<sup>34</sup> que nos provocaram e mostraram uma forma de olhar para as fotografias como documentos que informam sobre uma cultura de um determinado período histórico e, também, como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social (BORGES, 2005).

A partir disso, procuramos inseri-las no nosso modo de narrar uma história sobre a criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Porém, não é uma tarefa fácil, mas bastante instigante, ao suscitar questionamentos, por exemplo, qual é a melhor forma de usar a fotografia, para o leitor ter um melhor entendimento do contexto histórico? Como podemos perceber outras formas de contar nossa versão histórica, baseada na iconografia que ao utilizar outras fontes não conseguimos?

Nesta tese, procuramos fazer diferentes exercícios com o trabalho da iconografia como fonte ou pelo menos expor essa possibilidade. A literatura tem mostrado que o trabalho com a fotografia em pesquisas (SILVA, 2000; BORGES, 2005; KOSSOY, 2001) tem deixando de ser apenas apêndice do texto com caráter figurativo para se tornar registro histórico. Para Silva (2000), Dalcin (2012a) e Dalcin (2018) para que a iconografia seja considerada uma fonte histórica é necessário um tratamento, entendendo que a fotografia se constitui como uma linguagem não verbal dotada de sintaxe e semântica próprias, permeadas por intencionalidades

---

<sup>31</sup> Em nosso estudo estamos entendendo a palavra iconografia para representar um conjunto de imagens, tais como fotografias, gravuras, etc.

<sup>32</sup> Por ser uma fonte ainda não tão debatida nos trabalhos que compõem o “Projeto do Mapeamento” e por ganhar novos horizontes nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da História de Educação Matemática, para contribuir com isso, optamos em nosso estudo em aprofundar mais sobre a iconografia.

<sup>33</sup> Ministrada pela professora Heloisa da Silva, no primeiro semestre de 2015.

<sup>34</sup> Entre eles: “Fotografias Escolares: a leitura de imagens na história da escola primária”, de Rosa Fátima de Souza. Educar. Curitiba, n. 18, pp. 75-101, Editora da UFPR, 2001. E, “Analisando imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os Grupos Escolares”, de Antonio Vicente Marafioti Garnica. BOLEMA. Rio Claro, v. 23, n. 35A, pp. 75-100, 2010.

que perpassam o processo de criação. Nesse sentido, a fotografia deixa de ser um retrato da realidade, de exatidão e fidelidade, traço atribuído em seus primeiros anos de existência.

Além disso,

As fotografias devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura, e também como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social. (BORGES, 2005, p.73).

Em nosso entender, a iconografia, muitas vezes representada pelas imagens e pela fotografia, tem o papel de preservar e materializar as lembranças, de possibilitar o compartilhamento de olhares. As imagens retratadas relacionam-se e têm sua importância justificada pelas intenções, usos e finalidades de sua produção no curso da história.

Por isso, ao analisar uma imagem, sugerimos perceber seus silêncios e decifrar seus códigos, visto que a mesma não reproduz a realidade, mas a reconstrói a partir de uma linguagem própria, que permite aprender e notar acontecimentos que, por meio de outros meios, não conseguiríamos perceber (RUBIM; OLIVEIRA, 2010; DALCIN; CUNHA, 2018).

Nesse sentido,

as imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representações do mundo que constituem o imaginário (PESAVENTO, 2003, p.86).

Assim, mediante as palavras acima, acreditamos que a imagem constitui um elo entre o tempo de seu produtor e o tempo de seu observador. Com efeito, a linguagem imagética deve ser compreendida na sua especificidade, no seu tempo, como a expressão de apropriação de um contexto.

Como documento, a fotografia presta-se à fixação da memória, evidenciando as características dos objetos, rostos e ambientes. Enquanto representação, ela nos impele a refletir sobre o que está implícito na cena retratada: os segredos, as escolhas, intenções e a ideologia do fotógrafo. Nessa dualidade está estabelecida uma tensão entre o que vemos e o que imaginamos.

Ampliando essa perspectiva, Garnica (2010) aponta que a fotografia pode servir como fonte historiográfica tornando-se, assim, narrativa, desde que esteja atrelada a um significado atribuído e a uma dimensão temporal. Esse mesmo autor salienta que, no âmbito da História da Educação Matemática, ela pode ser pensada como

disparadora de narrativas e analisada a partir de narrativas já constituídas – dialoga com o que temos defendido, [no interior do Ghoem], como uma das características predominantes da História Oral: a necessidade e a legitimidade de ressaltar a subjetividade do narrador, seja ele fotógrafo, fotografado ou depoente (GARNICA, 2010, p. 83).

Como fontes históricas, indagamos que as fotografias podem ser analisadas sob o mesmo critério dos outros tipos de fontes: com olhar atento, com questões pontuais sobre o contexto em que foram produzidas, evitando-se a tentação de ver na foto o efeito da realidade. Para isso, entendemos que se deve sempre questionar o contexto em que as fotografias foram produzidas e, também, sobre o que elas (podem) querer dizer.

Para Burke (2017), toda fotografia ou imagem conta uma história, sejam elas únicas ou uma série delas. Elas são entendidas como fontes históricas que têm o propósito de enriquecer o conhecimento e a compreensão do passado. Ele destaca que é essencial ficar atento ao que se está tentando dizer, através delas, e o quê e por que isso aconteceu. Com isso, por meio da iconografia pensamos que se pode idealizar um passado de maneira mais humana e vívida, além dela funcionar, para a pesquisa historiográfica, como um testemunho que não pode ser colocado em palavras. Por meio das reflexões desse mesmo autor, entendemos que as imagens podem servir como documentos que informam sobre a cultura de um determinado período histórico e, também, como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social.

Nessa direção, nossa intenção, ao utilizar as iconografias como fontes, pauta-se no interesse em atribuir significados a aspectos que envolvem os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) nos auxiliando a inventar uma história.

Após as entrevistas, os depoimentos gravados passaram por um processo chamado *transcrição*, constituindo um primeiro registro escrito dos depoimentos orais, sendo o pesquisador o mais fiel possível aos diálogos ocorridos entre pesquisador e colaboradores. Os depoimentos transcritos passaram, posteriormente, pelo momento de *textualização*, gerando um texto de autoria do pesquisador com o qual o entrevistado concorda e no qual se reconhece. Aos colaboradores foram solicitadas cartas de cessão<sup>35</sup> para que a pesquisador pudesse tornar públicos os registros<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Um modelo está no Apêndice B e as cartas de cessão, cedidas pelos nossos colaboradores, estão em poder do pesquisador, isso se deveu por conterem registros dos documentos pessoais de nossos colaboradores, a banca de qualificação sugeriu que elas fossem retiradas do texto final.

<sup>36</sup> O leitor pode se perguntar, onde e como foram localizados os professores? A maneira que localizamos nossos colaboradores, bem como as idas e vindas no processo de textualização, omitimos nessa parte, pois como sugestão da banca de qualificação, as inserimos no início de cada textualização das entrevistas dos professores.



Como já havíamos mencionado, nesta pesquisa, ocorreu um caso de uma professora que não cedeu a carta de cessão, assim sua textualização não foi publicada. Com isso, para esta pesquisa foram realizadas dezesseis entrevistas, mas obtivemos autorização para quinze delas. Respeitamos a sua decisão e, de acordo com os pressupostos assumidos ao trabalhar com a História Oral praticada no Ghoem, não foi publicado e em nenhum momento foram usados os documentos gerados na sua entrevista.

Em síntese, nessa investigação, apostamos na História Oral. Ao apostar nessa metodologia, é bom ressaltar, de modo algum implica desprezar outras fontes, e essa disposição de usar diferentes fontes quantas forem possíveis criar ou reunir, é fundamental para o uso da História Oral num trabalho cuja natureza é assumidamente historiográfica, como é o caso dessa investigação que se inscreve no campo da História da Educação Brasileira, mais especificamente na História da Educação Matemática no Brasil. Assim, no conjunto das fontes disponíveis e nas fontes criadas com as entrevistas, foi possível compreender movimentos acerca da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, no entanto, para isso, foi necessário trazeremos para a discussão compreensões sobre educação, religião e território.

## 2 AS TEXTUALIZAÇÕES DAS ENTREVISTAS DOS PROFESSORES

Com o intuito de aproximar as informações compartilhadas, apresentaremos inicialmente uma síntese no quadro 2 com a relação dos entrevistados deste estudo, incluindo seus respectivos nomes, data, local, duração da entrevista e a formação na graduação.

Na sequência, estarão expostas as textualizações elaboradas a partir das entrevistas com nossos colaboradores.

**Quadro 2 - Relação dos entrevistados**

<b>Local</b>	<b>Entrevistado (a)</b>	<b>Data da realização da entrevista</b>	<b>Formação</b>
<b>Uberaba</b>	Sandra Bulhões Cecílio	26/08/2016	Licenciatura em Matemática
	Marilene Ribeiro Resende	26/08/2016	Licenciatura em Matemática
<b>Uberlândia</b>	Fernando Antônio de Freitas	12/05/2016	Licenciatura em Matemática
	Márcia Augusta Crosara	24/05/2016	Licenciatura e Bacharelado em Matemática
	Consuelo Maria Garcia de Freitas	31/05/2016	Licenciatura em Matemática
	Maria Teresa Menezes Freitas	02/06/2016	Licenciatura em Matemática
	Semia Jorge	19/07/2016	Licenciatura Curta em Ciências - 1º Grau
	Vera Lúcia Sousa Costa	29/07/2016	Licenciatura em Ciências – habilitação em Matemática
	Irineu de Paula Leão	08/12/2016	Licenciatura em Matemática
<b>Ituiutaba</b>	Vanderli Anacleto de Campos	29/06/2016	Economia
	Julmar de Oliveira Diniz	27/07/2016	Engenharia Civil
	Maria Mirza Cury Diniz	27/07/2016	Pedagogia
<b>Araguari</b>	Luiz Antônio Fernandes	10/08/2016	Licenciatura em Ciências – habilitação em Matemática
	Márcio Aurélio da Silva	11/08/2016	Licenciatura em Ciências – habilitação em Matemática
	Edson Luiz Aleixo	11/08/2016	Licenciatura em Ciências – habilitação em Biologia

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

**UBERABA**

### Professora Sandra Bulhões Cecílio



Fonte: Acervo pessoal da depoente

*As buscas por potenciais depoentes em Uberaba iniciaram-se com telefonemas à Instituição<sup>1</sup> onde o curso de formação de professores (de Matemática) existiu. Foi assim que cheguei ao nome de Sandra Bulhões Cecílio. Com esse nome em mãos, através da internet, foi possível obter seu contato telefônico. Sempre muito simpática, ao entrar em contato, expliquei o motivo daquela ligação e ela aceitou contribuir para o entendimento do processo de criação dos cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Antes de nosso encontro presencial, encaminhei para o seu e-mail o roteiro para a nossa entrevista e marcamos outro dia para sanar dúvidas. No dia e horário combinado, tivemos uma longa conversa sobre o roteiro, as fases da pesquisa e agendamos nossa entrevista para o dia 26 de agosto de 2016, às 9h, em seu local de trabalho<sup>2</sup>, num encontro cuja gravação durou 1 hora e 30 minutos. Sandra é de família uberabense e formou-se em 1976, no curso que habilitava o professor a lecionar Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em Uberaba. Antes de formar-se foi convidada a lecionar nesse curso. Ela participou ativamente de todas as mudanças institucionais durante a existência do curso. Quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail, junto com os áudios da*

<sup>1</sup> Universidade de Uberaba – UNIUBE.

<sup>2</sup> Atualmente nossa colaboradora atua como psicóloga em sua clínica na cidade de Uberaba.

*entrevista, a transcrição, a textualização e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Entrei em contato telefônico para informá-la do envio, ela pediu alguns dias para ler. Passados alguns dias, voltei a ligar. Nessa conversa tiramos algumas dúvidas e agendamos uma data e horário para que pudesse ir ao seu encontro em Uberaba, para os encaminhamentos necessários que a pesquisa exige. Nesse dia agendado, nos encontramos em sua clínica, nela lemos juntos a textualização e houve novos acréscimos. Ela pediu alguns dias a mais para acrescentar outras informações, mas já nesse dia cedeu a carta de cessão. Depois de alguns dias, ela me encaminhou a textualização com os ajustes finais e, na sequência, está a sua contribuição.*

(\*\*\*)

Meu nome é Sandra Bulhões Cecílio. Nasci em Uberaba no dia 30 de março de 1956. Minha família é uberabense, eu nasci e moro aqui.

Nasci, vivi minha infância e trabalho hoje no meu mundo chamado Uberaba. Uberaba é uma cidade historicamente efervescente e extremamente tradicional, tendo inclusive muita tradição e vivência na área da Educação. O sistema educacional aqui esteve, no início, muito ligado a instituições religiosas, principalmente a dominicana<sup>3</sup>. Os dominicanos celebram, neste ano de 2016, os 800 anos de sua fundação, sendo que Uberaba faz parte desta festa, pois eles se estabeleceram aqui há mais de 100 anos. O Colégio Diocesano<sup>4</sup> de Uberaba foi fundado em 1909 e foi um dos primeiros colégios de todo o Brasil. O Colégio Nossa Senhora das Dores<sup>5</sup> foi fundado em 1885 pelas irmãs dominicanas e está em pleno funcionamento até hoje. Em meio a este caldo de cultura e tradição, em 1956, eu nasci. E sou fruto desta história. Na minha infância, ou melhor, na minha cabeça e no meu mundo, a cidade de Uberaba era dividida em duas. De um lado ficava o Colégio Diocesano, exclusivamente para alunos do sexo masculino.

---

<sup>3</sup> Nossa depoente refere-se à Congregação das irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, originárias da França. Foram motivadas pela vocação missionária religiosa, pelos convites insistentes do bispo da Diocese de Goiás, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão e pelos padres Dominicanos, provenientes da mesma região francesa, que já estavam aqui desde 1881. (Fonte: < <http://www.cnsd.com.br/institucional/nossa-historia> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>4</sup> O Colégio Marista Diocesano foi inaugurado em 3 de fevereiro de 1903. Desde sua fundação até 1970, o Diocesano atendia a alunos internos e externos e era só para meninos. O Diocesano foi equiparado ao Pedro II, do Rio de Janeiro, pela qualidade do ensino, podendo seus alunos entrar direto em qualquer curso superior do Brasil, sem terem que fazer exame vestibular. Em 2017 celebraram-se os 114 anos de existência desse Colégio na cidade de Uberaba. (Fonte: < <https://marista.edu.br/diocesano/> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>5</sup> O Colégio Nossa Senhora das Dores surgiu em Uberaba em 1885. Ele foi fundado e mantido pelas irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário Monteils. (Fonte: < <http://www.cnsd.com.br/institucional/nossa-historia> >. Acessado em 20/04/2018).

De outro lado o Colégio Nossa Senhora das Dores, ligado exclusivamente à formação feminina. Nós não podíamos nos misturar! E o meu mundo era simples assim: homens e mulheres; Diocesano e Nossa Senhora das Dores, certo ou errado. Minha mãe, as irmãs de minha mãe, minhas duas irmãs e eu fizemos nossa formação no Colégio Nossa Senhora das Dores. Meu pai, meu marido e também meu irmão foram alunos do Diocesano. Seguíamos a tradição uberabense. Quando vejo as fotos do meu primeiro ano primário, percebo que eu tinha colegas homens, poucos. Parece, no entanto, que só a foto registra isto, minhas lembranças, não. Também meu irmão, este me lembro, iniciou o jardim de infância no Colégio Nossa Senhora da Dores, e detestava. Nós entramos na escola aos sete anos de idade, minha irmã mais velha, Tania, e eu. Começamos a estudar em 1963 - eu tinha sete anos, desde o primeiro ano primário<sup>6</sup> e saímos no terceiro colegial<sup>7</sup>. Toda a nossa vida escolar se fez dentro do Colégio Nossa Senhora das Dores. Meus outros irmãos, Ricardo e Katia, eram bem mais novos e tiveram uma trajetória um pouco diferente, embora Katia, a caçula, também tenha vivido a maior parte de sua trajetória escolar no mesmo Nossa Senhora das Dores. Esta era uma escola excelente, com estrutura física maravilhosa. Tinha uma matinha de mangueiras e uma capela linda! Trata-se de um lugar inesquecível para mim e que ainda hoje funciona com muita qualidade. Hoje ele é um colégio tanto para homens como para mulheres e temos leigos na direção, embora as dominicanas continuem sendo as mantenedoras. A educação cuidadosa assim como o belo espaço físico permanecem uma realidade. Mantenho contato íntimo e frequente com minha turma do colégio até hoje. Nós nos encontramos sempre, inclusive na próxima semana temos reunião de um grupo menor de amigas. Já no ano que vem teremos um grande encontro de turma. Estamos todas fazendo 60 anos nesse ano! Temos comemorado juntas e sempre, sem nunca perdermos esse elo. É um elo que se fez na Educação. Não é apenas a minha turma que faz esses encontros. Conheço outras turmas do Nossa Senhora das Dores que mantêm essa intimidade. O colégio se constituiu num espaço de muita união que fez, e faz, uma enorme diferença na estrutura de todas nós até os dias de maturidade atuais. São inesquecíveis os tempos de colégio! Inesquecíveis... as amigas, os professores, as aulas, o recreio, o lanche, os jogos nas quadras e na mesa de pingue pongue, as conversas debaixo das mangueiras, as orações na capela. Nós hoje fazemos essa entrevista aqui, debaixo desta jabuticabeira<sup>8</sup>, com as folhinhas caindo e fico pensando, o que isso tem a ver com as mangueiras, com essa tradição da infância. Acredito que muito!

---

<sup>6</sup> A professora se refere ao atual primeiro ano do ensino fundamental.

<sup>7</sup> A professora se refere ao atual terceiro ano do ensino médio.

<sup>8</sup> A entrevista ocorreu no fundo de sua clínica onde existe um jardim e um pé de jabuticaba.

Nos anos iniciais tínhamos uma única professora. Acho que até a terceira série era uma só professora para todos os conteúdos. Não tínhamos professora específica de Matemática. Lembro-me da Dona Lenka<sup>9</sup>, nas minhas memórias uma verdadeira Branca de Neve, minha primeira professora. Lembro-me da Sueli Terezinha<sup>10</sup>, professora do segundo ano primário. Crescemos juntas: Professora Sueli e eu. Cruzamo-nos profissionalmente de várias formas. Ela tem formação em Filosofia e me deu aula no segundo ano primário. Depois no curso de Psicologia, palestras sobre ética e beleza inesquecíveis, foi criadora e chefe do Instituto de Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE) durante todos os meus anos como coordenadora do Curso de Licenciatura em Matemática da UNIUBE.

Nos anos seguintes às séries iniciais, o traço marcante de minhas professoras era serem freiras: Irmã Manoel<sup>11</sup> era professora de Matemática e me sentia muito querida por ela, que tinha sido também professora de minha mãe, Irmã Rafael<sup>12</sup> foi muito importante sendo nossa coordenadora por longos anos, Irmã Maria Rita<sup>13</sup>, de Português, era extremamente brava, Irmã Maria Helena<sup>14</sup> parece que ainda é a responsável pelo colégio na atualidade, Irmã Dirce<sup>15</sup>, de Ciências, tão meiga, Irmã Aparecida<sup>16</sup>, professora de canto, Irmã Virginia<sup>17</sup> de Geografia, entre outras. Tínhamos também professores leigos adoráveis como a Eliane<sup>18</sup>, professora de História, a Maria Carmelita<sup>19</sup>, de Francês, a Celia<sup>20</sup>, de Organização Moral e Cívica (conteúdo nacionalista ministrado na época), a Beth Dora<sup>21</sup> e o professor Lamounier<sup>22</sup> de Educação Física. A Elsie Barbosa<sup>23</sup> lecionou Sociologia, Filosofia, muito competente e exigente. Elsie foi Pró-Reitora da UNIUBE por muitos anos e trabalhamos juntas por longo tempo. Permanece entre nós um elo de respeito e admiração. A partir da quinta série<sup>24</sup>, os meus professores de Matemática passaram a ser específicos e deixaram registros muito especiais. A primeira delas

<sup>9</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>10</sup> Sueli Teresinha de Abreu Bernardes formada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Atualmente, leciona no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Uberaba. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/9792609309040808> >. Acessado em 20/04/2018.

<sup>11</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>12</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>13</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>14</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>15</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>16</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>17</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>18</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>19</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>20</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>21</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>22</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

<sup>23</sup> Elsie Barbosa, formada em filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Atualmente, está aposentada. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/6322875133778451> >. Acessado em 20/04/2018.

<sup>24</sup> A professora se refere ao atual sexto ano do ensino fundamental.

foi a Irmã Manoel, que como eu disse já tinha sido professora de Matemática de minha mãe. Ela foi inesquecível em minha história. Depois vieram professores jovens, formados em Matemática provavelmente pela própria FISTA<sup>25</sup>. Um deles, o professor Pércio<sup>26</sup>, teve enorme representatividade na formação de nossa turma, foi nosso condutor da Matemática por muitos anos. Ele inclusive casou-se com uma de minhas colegas de sala. Em seguida veio a professora Marilene Ribeiro Resende<sup>27</sup>. Ela foi minha professora de Matemática no colégio e depois na FISTA. Marilene se transformou, para mim, no símbolo da Matemática: forte, meiga, determinada, capaz de ir ao infinito em termos de possibilidades. Ela é minha inspiração como educadora de Matemática.

Quanto à Matemática, pelo que me recordo, sempre gostei e sempre tive facilidade. Neste assunto, não tenho como não me lembrar de minha mãe. Ela conta até hoje, e repete sempre, que era tão boa, tão boa em Matemática, que antes da professora Irmã Manoel ditar o problema, ela já vinha com a resposta. Eu jamais cheguei perto destas proezas de minha mãe, mas acho que também pode vir daí a minha facilidade com a área. O que posso afirmar é que sempre gostei da Irmã Manoel e da Matemática. E que esta historinha é uma lenda familiar repetida frequentemente em minha casa. Acredito que muito da escolha profissional depende de influências, de questões de vida pessoal, familiar e social. No meu mundinho, separado entre homens e mulheres, quem gostava de Matemática ia fazer licenciatura. Embora eu já tivesse colegas que escolheram Engenharia e eu mesma tenha chegado a pensar nesta possibilidade, acabei me mantendo na tradição, terminar o colegial<sup>28</sup>, ficar noiva e fazer licenciatura. No terceiro ano colegial, nossa vida de colégio mudou muito. As Irmãs fizeram parceria com um cursinho pré-vestibular e o curso foi aberto para homens, com muitos professores homens, e um sistema educacional bastante competitivo, desses sistemas com lista classificatória que contém o nome dos alunos e é fixada na porta da sala a cada mês. Essas mudanças me assustaram e preferi seguir o mundinho dominicano: ir para as Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Essa era a segunda casa das Irmãs Dominicanas e me parecia uma continuidade do colégio. O fato do vestibular para Matemática ser mais tranquilo pode ter influenciado ou contribuído para a minha decisão. Eu era muito boa aluna no colégio, não era

---

<sup>25</sup> Em sua textualização, a nossa depoente, a professora Sandra, usa a sigla FISTA que significa Faculdade Integradas Santo Tomás de Aquino. No entanto, a época a que ela se refere, a Faculdade era FAFI. E essa sigla significa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

<sup>26</sup> Pércio Alves Ribeiro, formado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

<sup>27</sup> Marilene Ribeiro Resende foi nossa colaboradora.

<sup>28</sup> A professora se refere ao atual Ensino Médio.



por receio da nota, mas a disputa me assustava. Não precisar ir para a disputa da vida me influenciou a escolher licenciatura, embora não houvesse sonho de ser professora. Acredito que já nessa época, e sempre, estava muito envolvida na procura de mim mesma. Receosa nesta procura, escolhi seguir caminhos mais conhecidos.

Na Faculdade, minha turma tinha em torno de trinta alunos, em sua maioria mulheres. Eram poucos os homens. A maioria dos alunos que entrou concluiu o curso, não houve uma grande evasão na nossa turma. Lembro-me que na ocasião vieram do Colégio Nossa Senhora das Dores mais três colegas que cursaram Matemática junto comigo: Ana Maria Moreira<sup>29</sup>, que seguiu como educadora em Uberlândia, Eliane de Almeida<sup>30</sup>, que trabalhou tanto na sala de aula de escolas públicas quanto exerceu funções de apoio político a gestões educativas de Uberaba e Elza França Fontoura<sup>31</sup>, que também foi professora de Matemática da UNIUBE. Vivíamos num bloquinho que mantinha a tradição do colégio: unidas, estudiosas, amigas, almas fortes e leves.

A minha turma foi a última turma de licenciatura em Matemática da FISTA. Nesta época ocorreram mudanças estruturais, em nível de legislação nacional. Uma delas foi a criação do curso de Ciências<sup>32</sup>. Em função disso, nosso curso foi condensado em três anos. Iniciei em 1974 e formei-me em 1976. As turmas anteriores eram de quatro anos. E as turmas seguintes passaram a ter o formato de licenciatura curta em Ciências, estruturada em dois anos e meio com habilitação para professor de Ciências no Ensino Fundamental. Quem desejasse completar a licenciatura plena cursava mais um ano e meio de Matemática ou Biologia ou Química. Nunca chegou a se formar uma turma para habilitação em Física. Não houve outra turma com o mesmo formato após a nossa. Talvez esse formato condensado tenha influenciado a baixa evasão.

A maioria dos alunos eram de Uberaba. Mas havia pessoas de outras cidades da região das quais me recordo, Araxá<sup>33</sup> e Conquista<sup>34</sup>, não me recordo de outras cidades. Como éramos quatro que vínhamos do Colégio Nossa Senhora das Dores, acabávamos nos fechando muito em panelinhas, às vezes abrindo menos para outros colegas. Inclusive, mantínhamos contato

---

<sup>29</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>30</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>31</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>32</sup> Em 1974, o Conselho Federal de Educação publicou a Resolução CFE 30/74, que objetivava regulamentar a formação em resolução nº 5.692/71, estabelecendo duas modalidades de licenciaturas: curta, que habilitava professores para os quatro últimos anos do 1º grau, e plena, que habilitava professores para o 2º grau. (DOCUMENTA, v. 164, 1974).

<sup>33</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 119 km de distância de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>34</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 61 km de distância de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

com outras colegas do colégio que também faziam outras licenciaturas na FISTA. A semente do colégio se mantinha viva, sombreando novos relacionamentos.

Tanto a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino como o colégio, ambos tinham a mesma mantenedora. Mantinham a filosofia das irmãs dominicanas como norteadora dos caminhos. As dominicanas eram ainda mantenedoras e gestoras do Hospital São Domingos de Uberaba, este também de grande tradição na saúde uberabense. A FISTA, para mim, era sentida quase que como uma continuação do Colégio. Talvez eu não me sentisse ainda pronta para novos desafios de vida ou quisesse conservar por mais um tempo o delicioso gosto das mangueiras. Lembrando os fatos, a própria FISTA teve, por um tempo, um colégio funcionando em suas instalações. Isto em paralelo com o Colégio Nossa Senhora das Dores.

O curso de Matemática, assim como os demais cursos da Faculdade, sempre funcionara à noite. E este colégio, que existiu por um tempo restrito, fez uma experiência de educação em tempo integral. Este funcionava pela manhã e à tarde. A Faculdade tinha uma boa estrutura de salas de aula, um bom espaço físico, tínhamos sempre o verde por perto. Acredito que o espaço físico tenha sido construído com este objetivo, para ser uma faculdade. Uma casa, modesta, dentro de uma chácara, foi construída nos fundos para abrigar as irmãs dominicanas. Parece que esse espaço se tornou o refúgio das dominicanas. Até recentemente acolhia as irmãs idosas e doentes. O colégio Nossa Senhora das Dores era bem central, ficava a duas quadras de minha casa. Já a faculdade, na época, era muito longe e eu precisava de carro para ir às aulas. Logo depois que entrei na faculdade fiz 18 anos e tirei carteira de motorista com o objetivo de ir dirigindo, meu carro e minha vida. Passei a dar carona para algumas de minhas colegas.

A época, existiam poucos materiais pedagógicos para as aulas de Matemática. Poderia dizer quase nada! Penso que, pelo curso ter acontecido em três anos, foi um pouco mais condensado. Dizíamos “a toque de caixa”! Tivemos menos do que talvez outras turmas pudessem ter tido. Mas eu não sentia que havia uma vivência pedagógica na área de Matemática já estruturada. Existia, isto sim, um forte viés no compromisso de viver a educação, em sermos seres reflexivos, mas não a prática pedagógica da Matemática. Vivemos na faculdade experiências estruturantes para minha visão política e minha atuação como cidadã. Entrei na Faculdade em 1974, ainda durante os governos da ditadura militar brasileira. Lembro-me de um professor de Filosofia, o nome dele era Paulo Rodrigues<sup>35</sup>. O boato que corria era que ele vinha do Rio de Janeiro e morava no abrigo das freiras, pois tinha vindo para Uberaba para se

---

<sup>35</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

esconder da perseguição política do regime militar. À época, diziam que as irmãs acolhiam algumas pessoas e ele era um ícone, nesse sentido. Uma figura polêmica e interessante. Filósofo, ele lecionava Lógica Matemática. Sua figura era intrigante para mim, não pelo conteúdo de suas aulas, mas pelo contato com alguém que trazia uma história política bastante diferente para a minha educação. Ao mesmo tempo, ele trazia uma história de vida pessoal bastante conturbada, assim como sua postura em sala. Para mim, o professor Paulo foi uma figura polêmica muito marcante, embora não fosse um professor da área de Matemática. Tudo isso plantou uma nova semente em mim, provocando efervescência em meus pensamentos e me mostrando a necessidade de mais consciência política em minha visão de mundo. Acordou-me para uma visão mais ampla da política e uma percepção mais complexa da vida. Este foi um dos fortes traços de minha Formação na FISTA. Minha família, talvez não só ela, mas todo o ambiente onde vivíamos, tinha me apresentado até então uma visão única, simplista e romântica em relação às questões de ordem social e política. Esse talvez tenha sido um dos mais fortes impactos em minha vida pessoal. Perceber que a história não tinha uma única forma de ser vista. Isso é algo que até hoje me emociona, porque sinto que ampliou minha visão de mundo. Passei a entender que na vida não temos os bons de um lado e os ruins de um outro lado. A complexidade ia se infiltrando pelos meus poros. Mais do que a Matemática, a Faculdade de Filosofia diplomou uma visão de cidadania mais ampla, de mais abertura, de mais reflexão. Abriu portas para uma amplidão que devagar ganhava espaço em mim. Na FISTA nasceu não só uma educadora de Matemática, mas uma mulher com uma visão de vida e de mundo mais polêmicos, mais fascinantes e mais complexos.

O conteúdo matemático do curso foi estruturado com três pessoas: o professor Aragão<sup>36</sup>, o professor André<sup>37</sup> e a professora Marilene. Esses três professores eram os ícones, não só para mim ou para minha turma. Eles desenvolveram um grande trabalho dentro do curso de Matemática e da FISTA. O professor Aragão era engenheiro. Uma personalidade muito interessante. Tinha um perfil de engenheiro, direto, intrigante. Era muito sarcástico! Acho que, com ele, se foi novamente ampliando meu perfil de possibilidades do ser humano. Ele era

---

<sup>36</sup> Professor José Lúcio Aragão, engenheiro mecânico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, levou no final da década de 1960 a Logosofia para Uberaba, além de prestar assessorias as empresas, lecionou nas primeiras Faculdades de Uberaba, na Faculdade de Engenharia Federal em Uberlândia, participou do movimento de federalização da Universidade Federal de Uberlândia e criou a Escola de Logosofia. Faleceu em 2015, vítima de um aneurisma. (Fonte: Jornal da Manhã, Uberaba, < <http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,22,articulistas,111495> >. Acessado em 02/02/2017).

<sup>37</sup> André Bortoletto Júnior, formado em Matemática e Física pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Foi professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomas de Aquino e depois, da Universidade de Uberaba. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

aquele professor de Matemática que fazia questão de dizer: “você são incapazes”. Desafiávamos com um sorriso sarcástico, mas de uma forma que nos fazia nos interessarmos pelo conteúdo e estudar. Aragão era professor de Cálculo. Começa aí minha paixão pelo Cálculo. Paixão que me seguiu pela vida. Ele me introduziu no mundo de uma das minhas grandes paixões, o Cálculo Diferencial Integral. Era a complexidade da vida encontrando ferramentas sofisticadas para entender e atuar sobre as coisas. O professor André Bortoleto era um matemático. Mostrou-me uma Matemática estruturada sob formalidade e rigor científicos. Ele ensinava exigindo escrita, processo formal e rigor matemático. Ele lecionava Álgebra. Embora os dois fossem extremamente rígidos, havia uma enorme diferença entre o professor Aragão e o professor André. Um vinha da área das Engenharias e o outro da Matemática. Até as personalidades pareciam transparecer um pouco disso. O terceiro pilar que completou a minha base Matemática foi a professora Marilene Resende. Ela era quase da nossa idade, e tinha se formado alguns anos antes na própria FISTA. Marilene acrescentou em minha formação aspectos pedagógicos, humanistas e de empatia. Ela trouxe rigor com doçura, Matemática com encanto. Abriu-me caminhos para a complexidade recheados de doçura e encanto. Por aí, segui!

Em relação às ementas das disciplinas, como estávamos em uma Faculdade de Filosofia das irmãs, eram bem estruturadas. As disciplinas específicas eram mais voltadas para o rigor científico e centradas na Matemática. Já as disciplinas pedagógicas eram mais gerais: Sociologia, Filosofia e a Pedagogia. Não tivemos muito de vivência pedagógica. Não me recorde de quase nada nessa direção.

Acredito que poucos alunos da FISTA chegaram a experimentar a vivência de sala de aula. Tivemos uma colega da turma, irmã da professora Marilene, a professora Marilda Resende<sup>38</sup>, que depois de formada ingressou na educação pública e seguiu pela vida pública! Atuando sempre na luta pelos direitos dos professores. Foi ativa sua participação junto ao Sindicato dos Professores, depois foi vereadora em Uberaba, participou de secretarias de governo, foi candidata a deputada estadual e a vice-prefeita de Uberaba. Ela fez toda uma vida política na região a partir das vivências da Matemática com a educação. Nossa colega de turma Eliane Almeida<sup>39</sup> foi sempre o suporte de Marilda nesta sua trajetória de vida pública.

Enquanto eu cursava meu terceiro e último ano do curso de Matemática, o professor Aragão saiu da Faculdade e a FISTA precisava de um professor substituto. Fui convidada,

---

<sup>38</sup> Atualmente, é a superintendente de ensino de Uberaba. (Fonte: Superintendência Regional de Ensino de Uberaba < <http://sreuberaba.educacao.mg.gov.br/> >. Acessado em 18/11/2016).

<sup>39</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

juntamente com uma colega, Ana Maria Ferreira<sup>40</sup>, para trabalharmos na própria FISTA. Ana Maria estava se casando, iria se mudar para Uberlândia. Ela realmente se casou, mudou-se e, inclusive, lecionou Informática na UFU até se aposentar há poucos anos. Eu assumi o conteúdo de Matemática no curso de Ciências, na licenciatura curta. Assim, comecei a trabalhar as disciplinas de Matemática para os primeiros anos das licenciaturas enquanto cursava meu terceiro e último ano da graduação em Matemática.

Isso foi em 1976, no início de maio, e me formei em dezembro desse ano. Minha carteira de trabalho registra que iniciei como professora na FISTA em 6 de maio de 1976. E meu diploma de Licenciatura em Matemática é desta mesma Faculdade com data de 11 de dezembro de 1976. Podemos perceber que existia uma grande falta de professores para lecionar Matemática. No meu caso ainda sem estar diplomada fui convidada a lecionar na FISTA.

Ministrei uma disciplina que se chamava Fundamentos de Matemática, tratava-se de uma Matemática básica para o curso de Ciências. Desde o primeiro ano o aluno precisava cursar conteúdos de Matemática, assim como conteúdos de Biologia e Química. Desde então eu já me identificava com o conteúdo de Funções, e me preparava para seguir o caminho do Cálculo. Com o passar do tempo lecionei outras disciplinas, como Geometria, Geometria Analítica, Álgebra e outras. Formada, permaneci na FISTA lecionando outros conteúdos, primeiro no curso de Matemática e, com o tempo, em muitos outros cursos.

Não me lembro bem o ano, mas a Marilene era chefe do Departamento de Matemática da FISTA e precisou sair. Pelo que me recordo, ela se afastou, pois passara num concurso para lecionar Matemática numa escola federal. Assumi assim a chefia do Departamento de Matemática, ainda na FISTA, e permaneci neste cargo por longo tempo, inclusive durante a fase de fusões de cursos, fusão de Faculdades e processo de constituição da Universidade. Sou ruim com datas. Falo sempre que gosto muito mais do pensamento matemático do que, necessariamente, dos números. Mas vou elaborar uma retrospectiva através do tempo a partir das Faculdades Isoladas<sup>41</sup> até chegar à criação da Universidade de Uberaba, para ilustrar o período em que trabalhei como chefe de Departamento da Matemática.

---

<sup>40</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>41</sup> Faculdades Isoladas indicam instituições de ensino superior cujos cursos não integram uma universidade. O movimento das Faculdades Isoladas ocorreu em diferentes regiões do país. No estado de São Paulo, de acordo com Martins-Salandim (2012) foi na década de 1940. Para mais informações podem ser encontrados em Cunha (2007a) e Cunha (2007b).

Em Uberaba, já tínhamos algumas Faculdades muito tradicionais: a Faculdade Federal de Medicina<sup>42</sup> e as Faculdades privadas: inicialmente de Odontologia<sup>43</sup>, depois a Faculdade de Direito<sup>44</sup>. Essas Faculdades são bastante antigas, talvez sejam as primeiras da região. E, mais tarde, surgiu a Escola de Engenharia do Triângulo Mineiro<sup>45</sup>. Tais Faculdades particulares pertenciam à Família Palmério. O professor Mário Palmério<sup>46</sup> fundou inicialmente o Colégio Triângulo<sup>47</sup> que fugia um pouco da formação tradicional religiosa da cidade. Paralelamente, tínhamos a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Thomaz de Aquino, criada em 1949. O professor Mário Palmério foi uma das grandes personalidades que Uberaba teve. Ele foi embaixador, poeta, compositor, escritor de livros, compôs músicas conhecidas no Brasil todo, como “*Saudade*”<sup>48</sup>. A certa altura de sua vida, o professor Mário Palmério deixou Uberaba, abandonou tudo e foi viver na Amazônia. Foi viver outra aventura de vida, bem diferente. Interessante lembrar que o professor Mario também tinha formação acadêmica em Matemática<sup>49</sup>. Seu filho, o professor Marcelo Palmério<sup>50</sup>, que é o atual reitor da Universidade

<sup>42</sup> A Faculdade de Medicina foi fundada em 1950 e federalizada em 1960 (LOPES, 2015). Em 2005, a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro foi transformada em Universidade Federal do Triângulo Mineiro, de acordo com a Lei nº 11.152 publicada no Diário Oficial da União de 1º de agosto de 2005. (Fonte: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2004-2006/2005/Lei/L11152.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2005/Lei/L11152.htm) >. Acessado em 19/12/2017).

<sup>43</sup> A Faculdade de Odontologia foi criada em 1947, pelo professor Mario Palmério. Hoje vinculada à Universidade de Uberaba. (SANTOS, 2006).

<sup>44</sup> A Faculdade de Direito foi criada em 1950, pelo professor Mario Palmério. Hoje vinculada a Universidade de Uberaba. (SANTOS, 2006).

<sup>45</sup> A Escola de Engenharia do Triângulo foi criada em 1956, pelo professor Mario Palmério. Hoje vinculada à Universidade de Uberaba. (SANTOS, 2006).

<sup>46</sup> Fez seus estudos secundários no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis, de Araguari. Na década de 1940, criou um pequeno colégio. Depois uma escola de comércio. Com empréstimo na Caixa Econômica Federal, deu início às obras da sede própria da escola que ficou pronta em 1945. Nas décadas de 1940 e 1950, criou a Faculdade de Odontologia, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola de Engenharia. Foi o responsável pela criação das Faculdades Integradas de Uberaba na década de 1970 que mais tarde incorporaram as Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, outra importante instituição de Ensino Superior em Uberaba. Posteriormente, em 1988, criou a Universidade de Uberaba. Também se destacou em outros setores, como na política, sendo deputado federal, diplomata, escritor e compositor (Fonte:< [https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem\\_foi/bio01.php](https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem_foi/bio01.php) >. Acessado em 19/12/2017).

<sup>47</sup> O Colégio Triângulo foi criado em 1945, pelo professor Mario Palmério. Hoje vinculado à Universidade de Uberaba. (SOARES, 2015).

<sup>48</sup> Letra

Si insistes en saber lo que és saudade,  
Tendrás que antes de todo conocer,  
Sentir lo que és querer, lo que és ternura,  
Tener por bien un puro amor, vivir!  
Después comprenderás lo que és saudade  
Después que hayas perdido aquel amor  
Saudade és soledad, melancolia,  
És lejanía, és recordar, sufrir!

(Fonte:< [https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem\\_foi/bio01.php](https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem_foi/bio01.php) >. Acessado em 19/12/2017).

<sup>49</sup> Em 1939, ingressou no curso de Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. (Fonte:< [https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem\\_foi/bio01.php](https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem_foi/bio01.php) >. Acessado em 19/12/2017).

<sup>50</sup> Marcelo Palmério, filho de Mário Palmério, Reitor da Universidade de Uberaba desde 1996. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Triângulo Mineiro. (Fonte: < <http://uniube.br/> >. Acessado em 20/04/2018).

de Uberaba, iniciou então a transição das Faculdades Isoladas para Faculdades Integradas. Neste momento ocorreu a fusão entre os cursos isolados de Odontologia, Direito, Engenharia com as Faculdades Santo Thomaz de Aquino, que traziam com elas os diversos cursos de licenciaturas. Manter as licenciaturas era uma exigência para se pensar num projeto de Universidade. Viramos todas Faculdades Integradas de Uberaba (FIUBE). Eu, que era chefe de Departamento de Matemática na FISTA mantive minha função na FIUBE. Nos tempos seguintes passamos a nos reunir em torno do projeto de se constituir uma Universidade Particular. Como chefe de Departamento mantive um forte elo com este projeto. No entanto, para isso acontecer, levamos muitos anos. Tivemos um longo trabalho de junção e transformação de Faculdades em Universidade.

Ao me formar continuei lecionando na FISTA e me foi sugerido que cursasse uma especialização. À época, em nossa região, muitos professores estavam cursando o PREPES<sup>51</sup> oferecido pela PUC de Belo Horizonte. Era uma formação continuada que agregava mineiros de várias áreas em especializações específicas. Os professores que lecionavam eram em grande maioria da UFMG<sup>52</sup>. As aulas da especialização se concentravam nas férias e eram exigidos longos trabalhos durante o semestre. Exigiu-me bastante estudo, tinha um alto nível de formalização matemática, e me exigiu ir muito além no conteúdo matemático a que eu estava acostumada. Entretanto, cheguei a receber convite de um dos professores da UFMG para fazer mestrado lá. Achei graça da ideia. Neste momento inexistia para mim, talvez por ser muito jovem, a ideia de uma formação continuada, de uma carreira acadêmica.

Estive muito próxima do mestrado em várias ocasiões, mas não o completei. Nesse momento cursei o PREPES e não aceitei convite para fazer o mestrado. Continuando o trabalho nas Faculdades Integradas, foi sugerido que fizesse outra especialização, em Administração Universitária. Todo o corpo docente da FIUBE que acumulava funções administrativas foi convidado a cursar tal especialização como uma das exigências para nos tornarmos Universidade. O objetivo era a formação de líderes administrativos para o movimento de transformar a Faculdade em uma Universidade. Fizeram parte de nossa turma nesta especialização a esposa do professor Marcelo Palmério, sua secretária particular, o pessoal que tinha cargo na área financeira e chefes de Departamento das áreas da Saúde, Direito e outros. Todo um grupo constituído como comissão de transição para a transformação em Universidade foi direcionado para tal especialização. Como chefe de Departamento da Matemática fui a única

---

<sup>51</sup> Programa Regional de Especialização Professor de Ensino Superior.

<sup>52</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

da Matemática a fazê-lo. Eu era parte da comissão de transição representando a Matemática e as Engenharias. Esta especialização começou em 1979 e a terminei em 1981. Durou um ano e meio. Foi realizada por módulos. Os professores vinham de Florianópolis para Uberaba para lecionar. No fechamento da especialização fomos todos fazer um módulo na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis. Foi um movimento muito dinâmico e uma especialização muito rica. Ir em grupo a Florianópolis no fechamento da especialização foi uma bela experiência. Antes disto, ainda no período de fusão das Faculdades, assim que nos tornamos FIUBE, ocorreu uma mudança em minha vida particular. Em março de 1979, me casei. Como os cursos da FISTA eram todos noturnos, e com o casamento eu não desejava estar a noite fora de casa, a fusão das Faculdades me possibilitou alternativas. Iniciei então, em 1979, como docente da área de Matemática nos cursos de Engenharia, que eram exclusivamente diurnos. Passei a lecionar o Cálculo Diferencial e Integral I em substituição ao professor Aragão. Este por muitos anos foi o professor de Cálculo das Engenharias. Outro engenheiro, Claudio Cardoso<sup>53</sup>, permaneceu lecionando os demais cálculos. Desse modo, a partir de 1979 passei a ser a professora de Cálculo das Engenharias. Por lá permaneci muitos anos, lecionando os mais variados conteúdos matemáticos como Cálculo, Geometria Analítica, Álgebra Linear e outros. A seguir passei a lecionar Matemática nos mais variados cursos, como Arquitetura, Ciências Aeronáuticas e Ciências da Computação, sem deixar as Engenharias. Passei a ser a professora de Matemática dentro da FIUBE. Pela proximidade com as Engenharias por longo tempo, achavam que eu era uma engenheira. Desse modo, em função da minha vida particular, acabei me afastando do curso de licenciatura. Por longo tempo passei a ter pouco contato com o curso de Matemática.

Nas Engenharias, antes de mim, os professores eram sempre engenheiros. Talvez eu tenha sido a primeira licenciada em Matemática a lecionar disciplinas nas Engenharias. Também o professor André Bortoleto, logo depois de mim, lecionou alguns conteúdos nas Engenharias. Tenho enorme orgulho de ver hoje muitos dos nossos licenciados em Matemática se constituírem em pilares das Engenharias.

Depois de mim, outros professores entraram para a instituição para lecionar e a maioria era composta por meus ex-alunos da FISTA. Lembro-me que quando deixei algumas aulas, em função do nascimento de meus filhos, fui substituída por ex-alunos ou colegas.

Lembro-me da Elza Fontoura, colega que se formou conosco na FISTA e trabalhava em outras áreas. Ela foi sugerida e convidada por nós para assumir alguns conteúdos da licenciatura

---

<sup>53</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.



em Matemática da FIUBE. Surgia a necessidade de aumentar o quadro docente sendo este cenário uma porta para ex-alunos entrarem para lecionar no curso. Todos seguiam sempre o mesmo caminho: viajavam para Belo Horizonte, cursavam o PREPES e voltavam para lecionar na Instituição.

Voltando um pouco no movimento de unificação para transformar a Faculdade em Universidade. Toda a exigência imposta pelo MEC<sup>54</sup> para mudar o status de Faculdades para Universidade, toda a luta, a necessidade dos professores terem formação, um rigor intenso efervescia em 1987. Foi nessa fase que o professor Mário Palmério voltou de seu tempo de experiência pela Amazônia e assumiu novamente a direção das Faculdades Integradas, FIUBE. O professor Mário, em seu retorno a Uberaba, alterou muito do que estava sendo realizado na direção de nos tornarmos Universidade. Muitas atividades que vinham sendo desenvolvidas por orientação do MEC foram reduzidas. Com a direção na FIUBE nas mãos do prof. Mario, sobretudo passou a haver um clima de pouco diálogo e muita autoridade nas decisões, mesmo que de ordem pedagógica. Ocorreu então uma greve geral de professores dentro da FIUBE, um movimento político consistente na luta sobretudo por diálogo. Havia assembleias semanais, com participação efetiva de inúmeros professores. Foi um movimento coeso e ativo que manteve uma paralização geral das Faculdades. O mesmo perdurou por alguns meses. Participei da comissão constituída por cinco professores para buscar diálogo e saídas junto à direção. Mas a negociação não existiu. Para o reitor era inegociável. O que fazer diante disto? Muitos professores se licenciaram e muitos outros se demitiram. Tivemos demissão em massa dos professores das Engenharias. Todos os professores do curso se demitiram e o curso ficou alguns semestres sem funcionar. À época, eu lecionava nas Engenharias e como não era engenheira, fiquei sem profissão. Licenciei-me, sem remuneração, por tempo indeterminado. Junto comigo outros professores também se licenciaram, entre eles a professora Marilene. Ficamos sete anos afastados da Instituição. Todos nós! Não só da área de Matemática, mas professores de outras áreas também se licenciaram. Apesar de tudo isto, pelas mãos do prof. Mario Palmério, em 1988 a FIUBE é reconhecida pelo MEC como Universidade. Surge a Universidade de Uberaba, UNIUBE.

Neste tempo, licenciada, continuei em busca de meu lugar. Já estava matriculada no Curso de Psicologia na própria UNIUBE e neste permaneci. Foi um momento muito difícil para mim. De um lado eu estava me afastando da Universidade, porque discordava de sua estrutura educacional, mas por outro lado iniciava como aluna minha formação no curso de

---

<sup>54</sup> Ministério da Educação.

Psicologia. Durante esse tempo que fiquei afastada da UNIUBE trabalhei como professora de Matemática em uma escola particular por cinco anos. Após alguns anos, formei-me e iniciei minhas atividades de psicóloga em consultório próprio. Com a volta do professor Marcelo Palmério para a reitoria da UNIUBE em 1994, eu e outros professores também retornamos. Retornei à Universidade como professora da Psicologia e de Matemática atuando nas Engenharias como professora de Cálculo Diferencial e Integral e com o tempo também retornei como professora na licenciatura em Matemática.

Em torno de 2004 assumi o cargo de gestora do curso de licenciatura em Matemática. Alguns anos depois acumulei a função de gestora do curso de Educação à Distância em Matemática.

Falar da Educação à Distância é falar de um novo desafio, de uma nova complexidade e de muito crescimento. Eu era gestora do curso presencial quando foi deliberado que as licenciaturas deviam iniciar uma formação à distância. No início, ficamos todos muito assustados com a possibilidade de se pensar em educação sem a sala de aula. Entramos em pânico pela pouca experiência que tínhamos com o assunto, achávamos que não tínhamos nenhuma competência para tanto. Eu, particularmente, não acreditava que essa modalidade de ensino fosse impossível, mas acreditava que ela precisava ser muito mais pensada e estruturada. No princípio, a ideia era que eu coordenasse os dois cursos, presencial e à distância. O primeiro dava as diretrizes para o segundo. Com o tempo, foi encerrado o curso presencial e foi sendo ampliado, e muito, o curso de Educação à Distância. Nesta modalidade tudo era desafiador e angustiante. Vivíamos entre a necessidade diária de criar o novo com a pontinha do pé apoiada na farta experiência presencial que a nossa tradição educacional nos lembrava existir. Só me foi possível viver desafios de tal ordem apoiada pedagogicamente pelo grupo das licenciaturas coordenadas pela professora Sueli Terezinha e, matematicamente falando, apoiada pela professora Valdina Costa<sup>55</sup>. Valdina tinha se formado em licenciatura em Matemática na própria UNIUBE, fez mestrado e era doutora em Educação Matemática. Ela foi meu ponto de apoio e referência na gestão do curso à distância. Anos depois, Valdina passou em um concurso para a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), onde leciona Matemática até o momento. Os desafios da Educação à Distância puderam continuar a ser pensados, porque nossas ideias (da professora Marilene, professora Valdina e eu) já tinham polarizado muitas outras mentes.

---

<sup>55</sup> Valdina Gonçalves da Costa, formado em Matemática pela Universidade de Uberaba. Atualmente, leciona na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/7394812434585566> >. Acessado em 19/12/2017.

Há dois anos deixei a Universidade de Uberaba. Apoiei-me sempre para estar neste desafio em verdades que avaliava e constatava diariamente em equipe, tais como:

- Meu próprio crescimento pessoal, como gestora do curso à distância, ao vencer desafios diários nunca antes imaginados;
- Enquanto professores do curso presencial escrevemos, reescrevemos e publicamos nossas aulas para que fossem o ponto de apoio dos cursos à distância. Temos preciosidades editadas: três livros sobre números escritos pela professora Marilene, que são referência no assunto, inúmeros livros de Geometria escritos pela professora Valdina, quatro livros meus que levam minha linguagem e minhas ideias sobre funções e Cálculo e vários outros livros de nossa equipe editados pela Pearson ou pela editora da UNIUBE. São todos motivos de muito orgulho que carrego, como preciosidades que a Educação à Distância semeou;
- Nossos ex-alunos viajaram passando por Santarém, por todo o Espírito Santo, por muitos pontos de Minas Gerais e, por outras localidades, levando nossa Educação Matemática pelo Brasil. O crescimento de nossos ex-alunos, hoje excelentes professores, é outro orgulho que carrego em meu currículo de vida;
- Ter levado ideias de educação, ideias de Matemática, ideias de complexidade, de desafio e de crescimento pelo Brasil são maravilhas que me lembram as aulas de cruzamento do belo com a ética;

A gestão da Educação à Distância é parte estruturante dos desafios enfrentados e do crescimento conquistado em minha história de vida.

Falei de Matemática, de Educação, de Vida. A Psicologia, especificamente a Psicanálise, se juntaram a estas preciosidades que guardo em minha história. Talvez eu precisasse ir para a Psicanálise para encontrar todo o valor da Educação, todo o valor da Matemática na minha experiência. Somente quando fui me compreendendo mais como pessoa é que pude sentir essa paixão que tinha dentro de mim. Ela me ofereceu recursos e ferramentas que têm me permitido sentir, compreender e sobretudo viver a força de tudo isto em minha vida pessoal, na estrutura do tecido social, na criatividade de pensar e construir o novo... na estruturação do humano que somos todos! Em criança, como toda criança, brinquei de escolinha. No entanto, não cursei Matemática sonhando em ser educadora, cheguei a rejeitar o mestrado oferecido pela UFMG na época. Nos tempos atuais acredito que poucos sonham em ser educadores, não há valorização social estimulando tais sonhos. A partir do momento em que você é fisgado pela Educação, assim como se é fisgado pela Matemática, você se apaixona! Por

algum motivo, você precisa ser fígado. Sinto que fui sendo fígada. Hoje sou uma apaixonada pelo Cálculo Diferencial! Sou apaixonada pela verdade Matemática! Sou uma apaixonada pela Educação como forma de participar ativamente da construção do mundo. Quero falar ainda de por onde vagam os meus sonhos. É sonho meu aprofundar-me nesses temas e estabelecer correlações entre o Cálculo Diferencial Integral e a Psicologia. Conversar sobre o processo de nos tornarmos pessoa que passa por um constante diferenciarmo-nos e integrarmo-nos enquanto humanos.

Vivendo fazemos história. Que maravilha quando encontro em minha história aqui visitada as palavras: Matemática e Educação. Foi muito bom contar aqui um pouco do meu diferencial e foi linda a experiência de me integrar à sua pesquisa.

### Professora Marilene Ribeiro Resende



Fonte: Arquivo pessoal

*Em buscas de potenciais depoentes que participaram do movimento de formação e criação do curso que habilitava o professor a lecionar Matemática na cidade de Uberaba, em um contato telefônico com a professora Sandra<sup>1</sup>, cheguei ao nome de Marilene Ribeiro Resende. O fato de ser vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE) facilitou o meu acesso, pois ao realizar algumas buscas no site do Programa pude localizá-la. Ao entrar em contato com ela, expliquei o motivo daquela ligação. Ela aceitou de prontidão contribuir no entendimento do processo de criação do curso de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Antes de nosso encontro presencial, encaminhei para o seu e-mail o roteiro para a nossa entrevista e marcamos outro dia para sanar dúvidas. No dia e horário combinado, tivemos uma longa conversa sobre o roteiro, as fases da pesquisa. Agendamos nossa entrevista para o dia 26 de agosto de 2016, às 14h, em seu local de trabalho, num encontro cuja gravação durou 1 hora e 10 minutos. A professora Marilene é de família uberabense, sendo formada na primeira turma do curso que habilitava o professor a lecionar Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ainda como aluna começou a lecionar nesse curso, no início da década de*

---

<sup>1</sup> Sandra Bulhões Cecílio é nossa colaboradora.

1970. Participou ativamente das mudanças no curso. Quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail, junto com os áudios da entrevista, a transcrição, a textualização e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Entrei em contato telefônico para avisá-la sobre o envio, ela pediu alguns dias para ler. Passados alguns dias, voltei a ligar, nessa conversa tiramos algumas dúvidas e agendamos uma data e horário para que pudesse ir ao seu encontro em Uberaba, para os encaminhamentos necessários que a pesquisa exige. Nesse dia agendado, nos encontramos em seu gabinete, na UNIUBE, nele lemos juntos a textualização e não houve acréscimos. Percebi que a professora se viu na textualização, e a partir disso me cedeu a carta de cessão. A seguir, apresento sua narrativa.

(\*\*\*)

Meu nome é Marilene Ribeiro Resende, sou nascida em Uberaba em 23 de junho de 1951. Sou a mais velha dos oito filhos. Vivi, estudei e trabalhei sempre em Uberaba. Apesar de ter saído para fazer alguns cursos em outras cidades, mas toda minha vida profissional foi em Uberaba.

Em minha formação básica sempre estudei em colégio de freiras em Uberaba. O antigo curso primário<sup>2</sup> fiz numa escola mantida pelas Irmãs Dominicanas<sup>3</sup>, que se chamava Externato São José<sup>4</sup>. Nesse local cursei até o quarto ano. Depois, a partir do primeiro ano do ginásio<sup>5</sup>, fui para o Colégio Nossa Senhora das Dores<sup>6</sup>. Em Uberaba havia duas escolas particulares que eram e ainda são tradicionais: o Colégio Nossa Senhora das Dores, um colégio das Irmãs

---

<sup>2</sup> Hoje corresponde ao Ensino Fundamental.

<sup>3</sup> Nossa depoente refere-se à Congregação das irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, originárias da França. Foram motivadas pela vocação missionária religiosa, pelos convites insistentes do bispo da Diocese de Goiás, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão e pelos padres Dominicanos, provenientes da mesma região francesa, que já estavam aqui desde 1881. (Fonte: < <http://www.cnsd.com.br/institucional/nossa-historia> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>4</sup> Segundo a professora Marilene, essa escola não existe mais, há vários anos encerrou as suas atividades. Era uma escola que as alunas não pagavam, era mantida pelas Irmãs Dominicanas, ficava localizada em frente ao Colégio Nossa Senhora das Dores.

<sup>5</sup> Hoje corresponde ao Ensino Fundamental.

<sup>6</sup> O Colégio Nossa Senhora das Dores surgiu em Uberaba em 1885. Ele foi fundado e mantido pelas irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário Monteils. (Fonte: < <http://www.cnsd.com.br/institucional/nossa-historia> >. Acessado em 20/04/2018).

Dominicanas que era só para mulheres. E o Colégio Diocesano<sup>7</sup>, dos Irmãos Maristas<sup>8</sup>, que era só para homens. Na época em que estudei era assim. Hoje, já não é mais, mas na época em que estudei, era bem dividido. Quero dizer que as mulheres estudavam no Colégio Nossa Senhora das Dores e os homens estudavam no Colégio Diocesano. Eram essas as duas escolas particulares mais tradicionais em Uberaba. No Colégio Nossa Senhora das Dores fiz o ginásio e depois fiz o curso normal<sup>9</sup>, porque como a maioria era de mulheres, nós nem tínhamos essa escolha. Anterior à minha época, para quem iria cursar o nível superior, havia o curso científico para quem fosse fazer cursos na área da saúde e exatas. Havia também o curso clássico, para quem fosse para a área de Letras e da área de Filosofias etc, mas não peguei esse período. À época, nós todas íamos para o curso de Magistério. Nós fazíamos o curso normal e como era uma escola de irmãs, o ensino era muito bom, tive excelentes professores. Nas aulas de Português, outro dia ainda, estava contando que nós analisávamos Camões<sup>10</sup> no último ano do ginásio, o que corresponderia hoje ao nono ano do ensino fundamental. Tive bons professores de Matemática também, mas acredito que as irmãs não eram licenciadas em Matemática. No curso normal tive uma professora de Matemática, que acredito que também não era licenciada em Matemática, mas em Pedagogia porque teve uma época que o curso de Pedagogia habilitava os professores para darem aula de Matemática. Essa foi a minha trajetória no que nós chamaríamos hoje de escola básica. Foi interessante que quando estava no terceiro ano do curso normal, isto em 1969, já comecei a lecionar no antigo quarto ano do primário, no próprio Colégio Nossa Senhora das Dores.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FAFI) foi onde fiz a licenciatura em Matemática que também era das Irmãs Dominicanas. Por causa do meu

---

<sup>7</sup> O Colégio Marista Diocesano foi inaugurado em 3 de fevereiro de 1903. Desde sua fundação até 1970 o Diocesano atendia a alunos internos e externos e era só para meninos. O Diocesano foi equiparado ao Pedro II, do Rio de Janeiro, pela qualidade do ensino, podendo seus alunos entrar direto em qualquer curso superior do Brasil, sem terem que fazer exame vestibular. Em 2017 celebraram-se os 114 anos de existência desse Colégio na cidade de Uberaba. (Fonte: < <https://marista.edu.br/diocesano/> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>8</sup> Nossa depoente refere-se à Congregação dos Irmãos Maristas. No final do século XIX, em 1897, os Irmãos Maristas, religiosos católicos, chegaram ao Brasil, eles são originários da França e iniciaram sua obra educativa. Em 4 de dezembro de 1902, os cinco primeiros Irmãos Maristas, todos franceses, chegaram a Uberaba para assumirem uma escola da diocese, que funcionava onde atualmente é o colégio Marista Diocesano. Dom Eduardo Duarte Silva foi o bispo responsável por trazer os Maristas para nossa cidade. (SILVA; GATTI JUNIOR, 2003).

<sup>9</sup> Corresponde ao curso de Magistério, em nível de segundo grau. A professora Marilene fez esse curso no período de 1967 a 1969.

<sup>10</sup> Luís Vaz de Camões foi um poeta de nacionalidade portuguesa, considerado um dos grandes poetas do ocidente. A produção de Camões divide-se em três gêneros: o lírico, o épico e o teatral. Tornou-se célebre não somente por ter escrito *Os Lusíadas*, longo poema épico que reflete toda a história e cultura de Portugal até a data em que o poema foi composto, mas também por sua obra lírica, constituída por vários tipos de poemas, entre os quais os mais famosos são certamente os *sonetos*, entre eles, "*A Saudade do Ser Amado*". (Fonte: < [https://www.ebiografia.com/luis\\_camoes/](https://www.ebiografia.com/luis_camoes/) >. Acessado em 19/12/2017).

bom desempenho, as Irmãs facilitaram a minha ida para a FAFI, porque sempre fui bolsista no Colégio Nossa Senhora das Dores, pois os meus pais não tinham condição de pagar o colégio.

As aulas da Faculdade e do Colégio funcionavam em horários diferentes, mas não era no mesmo espaço. O Colégio Nossa Senhora das Dores funciona há muitos anos no centro de Uberaba e a Faculdade de Filosofia funcionava num espaço mais afastado do centro. Não sei se em épocas anteriores, lembro-me de estudar num prédio que ficava afastado do centro da cidade. A FAFI foi criada em 1948, até 1975 ela tinha esse nome, depois com a integração de alguns cursos como Jornalismo, a Faculdade mudou de nome e passou a se chamar Faculdades Integradas São Tomás de Aquino (FISTA), isso foi em 1976. Mas quando estudei e comecei a lecionar na faculdade ainda era FAFI. Na Faculdade de Filosofia antes do curso de Matemática já existiam os cursos de Pedagogia e de Letras<sup>11</sup> e eram diurnos. Quando as freiras abriram o curso de Matemática, começaram os cursos noturnos. Eu fiz a licenciatura à noite!

Quando fui para a Faculdade, no primeiro ano do curso, isso em 1970, trabalhava na portaria da Faculdade durante o dia e estudava à noite. No segundo ano, em 1971, comecei a lecionar no Colégio Nossa Senhora das Dores, como professora de Matemática. Depois, no último ano do curso de Matemática, em 1973, comecei a lecionar na própria FAFI. Isso antes de me formar! Depois de formada, obtive a carteirinha, que todos tinham na época, com o registro no MEC<sup>12</sup>.

Fui da primeira turma, mas não sei se houve muito anteriormente alguma outra turma ou curso em Uberaba que formava o professor para lecionar Matemática. Pode ser que tenha existido. Mas desse movimento fui da primeira turma. Lembro-me que estava me preparando para prestar vestibular para o curso de Letras quando as minhas colegas souberam que iria abrir o curso de Matemática. Falei: “Ah não! Então vou fazer o curso de Matemática”. Porque ainda tinha aquela ideia de que Matemática era uma coisa exata. Não gostava muito dessas coisas que não são exatas. Um diz que é uma coisa, outro que é outra. Então, falei “Não, vou fazer Matemática”. Fui da primeira turma desse curso e muitos professores que atuavam em Uberaba como professores de Matemática foram meus colegas nesse curso. Porque eles também não eram licenciados, mas atuavam há muitos anos na cidade de Uberaba e Igarapava<sup>13</sup>. Tive vários colegas de Igarapava e até mais velhos do que eu. Lembro-me que eram quase umas dez pessoas que vinham dessa cidade.

---

<sup>11</sup> Os cursos de Pedagogia e Letras foram fundados em 1948, junto com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. (BRASIL, 1948).

<sup>12</sup> Ministério da Educação.

<sup>13</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 40 km de distância da cidade de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).



Nós éramos em torno de trinta a quarenta alunos. Na turma havia alguns alunos recém-saídos do curso normal ou colegial<sup>14</sup> e os professores que já atuavam e eram mais velhos. Eram dois grupos bem distintos.

Para ingressar no curso tinha que fazer vestibular. Eu acho que até hoje me lembro da minha classificação. Fui a quarta colocada no vestibular nesse curso que era noturno e em quatro anos.

A maioria dos professores era formada por engenheiros, principalmente, das disciplinas específicas. Lembro-me do professor Aragão<sup>15</sup>, que era professor de Cálculo. Havia o professor Jorge Tibe<sup>16</sup> que era professor de Geometria Analítica. Tinha outro professor cujo nome não me lembro agora, que lecionava Geometria Descritiva. Tinha também o professor André<sup>17</sup>, de Álgebra. Com exceção do professor André, não sei bem a formação dele, os demais eram engenheiros.

Os professores das disciplinas pedagógicas eram pessoas formadas em Pedagogia. Lembro-me da professora Zilma<sup>18</sup>, que lecionava Didática. A irmã Patrícia<sup>19</sup> e a irmã Hosana<sup>20</sup> que lecionavam Psicologia. Tínhamos a disciplina de Estrutura e Funcionamento do Ensino que era a professora Elizabeth<sup>21</sup>. Naquela época, não se exigia pós-graduação. Nem se ouvia falar em pós-graduação, em mestrado e doutorado. Deixei-me refletir! Entrei em 1970 na Faculdade, formei-me em 1973. Nessa época, acho que só nos grandes centros de ensino que se falava em mestrado e doutorado. Para nós, isso era algo muito distante.

Na criação do curso não houve influência de políticos. Apenas iniciativa das irmãs mesmo. As Irmãs Dominicanas nunca tiveram influência política nas decisões que elas

---

<sup>14</sup> A professora se refere ao atual terceiro ano do ensino médio.

<sup>15</sup> José Lúcio Aragão, engenheiro mecânico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, levou no final da década de 1960 a Logosofia para Uberaba, além de prestar assessorias às empresas, lecionou nas primeiras Faculdades de Uberaba, na Faculdade de Engenharia Federal em Uberlândia, participou do movimento de federalização da Universidade Federal de Uberlândia e criou a Escola de Logosofia. Faleceu em 2015, vítima de um aneurisma. (Fonte: Jornal da Manhã, Uberaba, < <http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,22,articulistas,111495> >. Acessado em 02/02/2017).

<sup>16</sup> Jorge Dib Neto, formado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

<sup>17</sup> André Bortoletto Júnior, formado em Matemática e Física pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Foi professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino e depois, da Universidade de Uberaba. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

<sup>18</sup> Zilma Terezinha Bugiatto Faria, formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

<sup>19</sup> Segundo a professora Marilene, a Irmã Patrícia Castanheira é formada em Pedagogia.

<sup>20</sup> Segundo a professora Marilene, a irmã Hosana, agora que se aposentou como freira, passou a ser chamada de Antônia Nonato, formada em Psicologia.

<sup>21</sup> Professora Elizabeth Ferreira Borges, formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

tomavam. Na atuação delas, em Uberaba, era uma coisa mais independente. Elas tinham essa tradição na formação de professores e se dedicavam muito ao ensino.

A estrutura física era muito boa para aquela época. Era uma escola muito bem instalada, com uma boa biblioteca. Acredito que isso se deve ao fato de ter outras irmãs com uma formação muito consistente lecionando em outros cursos sem ser o curso de Matemática. Como, por exemplo, a Irmã Loretto. Ela, à época, tinha doutorado em Pedagogia na França, na Sorbonne<sup>22</sup>. Isso fez com que aumentassem a aquisição de livros, deixando a biblioteca em melhores condições.

A biblioteca era agradável. E, assim, era um ambiente muito gostoso e prazeroso. Gostávamos de estar nesse local. Até criamos alguns grupos que até hoje mencionamos como “a panela da FISTA”. Esse grupo não era só dos alunos da Matemática, existia o da História Natural e o de Letras, porque não eram muitos alunos. Depois de formados começamos a nos encontrar nos espaços das escolas de Uberaba. Foi um grupo importante, principalmente, para as relações.

Na época, era aquele instrumento, o retroprojektor. Não tenho certeza! Mas como a maioria de nossas aulas era expositiva, de repetição, pouco se usava. Isso acontecia porque nossos professores eram engenheiros, então davam pouca ênfase aos conceitos. Aprendia os conceitos na marra mesmo. Fazia muitos exercícios. Gostava muito de Cálculo, passava noites resolvendo exercícios do Piskunov<sup>23</sup> e do Demidovitch<sup>24</sup>. Também usava o livro do Kletenik<sup>25</sup> para aprender Geometria Analítica. Passava noites resolvendo exercícios, mas se alguém perguntasse o que é limite. Ah! Talvez não soubesse responder, o mesmo para derivadas, mas resolvia todos os exercícios do Piskunov e Kletenik. Esses autores russos eram a nossa bibliografia básica.

A maioria dos alunos do curso já estava em sala de aula, lecionando. Quem não estava, como era o meu caso quando ingressei, no ano seguinte enquanto cursava Matemática já estava entrando na sala de aula como professor. Era de imediato, porque nós fomos os primeiros.

No meu diploma vinha dizendo Licenciada em Matemática. Agora não me lembro se foi pela FAFI ou se saiu pela FISTA. Vou arrumar o diploma e o histórico escolar para você.

---

<sup>22</sup> Universidade Paris (Sorbonne) é uma universidade em Paris. ( Fonte: < <http://lettres.sorbonne-universite.fr/> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>23</sup> PISKUNOV, N.: *Cálculo Diferencial e Integral (2 volumes)*, 6ª edição. MIR, 1983.

<sup>24</sup> DEMIDOVITCH, B., *Problemas e Exercícios de Análise Matemática*, Escolar Editora, 2010.

<sup>25</sup> KLETENIK, D. *Problemas de Geometria Analítica*. Editora Cultura, 1970.

Em 1970, quando o curso começou, ele foi de quatro anos. Depois em 1974 o curso migrou para três anos por força da legislação que criou as licenciaturas curtas<sup>26</sup>, e quando era FISTA, isto em 1976, o curso já era de três anos. Como nós éramos uma instituição privada e me parece que a pressão foi maior em cima dessas instituições, tivemos que nos adaptar a essa estrutura. Então, a partir disso, nesse período o curso começou a funcionar como licenciatura curta e licenciatura plena. Assim, quem cursava a licenciatura curta ficava dois anos e meio e eram habilitados em Matemática e Ciências para lecionar até o Ensino Fundamental. E depois aqueles que queriam continuar e lecionar no segundo grau cursavam a licenciatura plena. Quando o curso de Matemática foi absorvido pela FIUBE, isso em 1981, o curso ainda estava no esquema de licenciatura curta e licenciatura plena. Depois foi que mudou apenas para a licenciatura plena.

Na época, além da licenciatura plena em Matemática, o aluno podia optar por cursar Química, Biologia e Física. O curioso é que na FISTA nunca tivemos o curso de Física. O aluno fazia dois anos e meio e recebia o certificado em Ciências, quando poderia lecionar Matemática até o primeiro grau. Mas caso quisesse ter outras habilitações deveria cursar mais um ano e meio naquela habilitação em que tivesse interesse. Nessa parte que chamamos de licenciatura curta, existiam disciplinas da área de Matemática, Química e Biologia. E depois na licenciatura plena eram as disciplinas específicas para cada uma das habilitações.

Para quem cursava a licenciatura plena em Matemática existia como disciplina o Cálculo, Geometria Analítica e a Geometria Descritiva, Álgebra e Cálculo Numérico. Agora, não lembro se existia a disciplina de Análise.

Para quem cursasse apenas a licenciatura curta, os alunos trabalhavam com uma Matemática voltada para o ensino. Como disciplinas tinham as Geometrias, como a Geometria Plana e a Geometria Espacial. Existia uma disciplina de Funções e outra com alguma coisa de introdução ao Cálculo.

Quando comecei a lecionar no curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, estava como aluna do quarto ano. Como não havia professores formados, na época fui aproveitada no próprio curso.

Tinha afinidade com a disciplina de Cálculo. Meu professor de Cálculo era o José Lúcio Aragão, ele dava aula dessa disciplina e o conteúdo era uma Matemática básica.

Lembro-me que tinha nove aulas por semana dessa disciplina. Ele olhou para mim e disse: “Eu vou dar quatro aulas e você vai dar cinco aulas”. Falei: “Professor, mas como

---

<sup>26</sup> RESOLUÇÃO 30/74 que regulamenta as licenciaturas curtas. (DOCUMENTA (164), 1974).

assim?”. Ele respondeu: “Se vira, você dá conta, se vira”. Dessa forma, comecei lecionando no curso, preparando aulas e estudando nas madrugadas. Nessa turma havia alunos que já estavam atuando como professores na escola básica. Por exemplo, tive como aluna uma senhora que havia dado aulas para minhas irmãs. Ela tinha por volta de 20 anos de magistério. Por já serem professores, sabiam muito essa Matemática básica, pois já lecionavam. Assim, tinha que estudar muito para poder lecionar.

Em relação à ementa, acredito ter sido criada pelo professor Aragão. Mas é claro que já existiam as diretrizes curriculares que tínhamos que atender, pois estavam previstas nas grandes áreas.

Para situarmos no tempo, quando o curso foi criado, isso em 1970, era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Tomás de Aquino, entre nós era a FAFI. Depois, em 1976, passou para as Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino chamada de FISTA. Em 1981, houve um movimento em Uberaba e a FISTA foi incorporada pelas Faculdades Integradas de Uberaba, a FIUBE. Nessa mesma década, em 1988 para ser mais exata, essa instituição passou a ser chamada de Universidade de Uberaba, que é chamada até hoje de UNIUBE.

Na época da Faculdade de Filosofia eram as Irmãs Dominicanas, depois com a criação da FIUBE a mantenedora passa a ser a Sociedade Educacional Uberabense, e é até os dias atuais. Na transição de FISTA para UNIUBE, a convite do doutor Marcelo<sup>27</sup>, a pessoa responsável foi a professora Elsie Barbosa<sup>28</sup>.

Doutor Marcelo é nosso atual reitor. Antes de a FIUBE existir em Uberaba tínhamos um conjunto de Faculdades Isoladas<sup>29</sup> que eram: a Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro<sup>30</sup>, a Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro<sup>31</sup> e a Faculdade de Direito<sup>32</sup>. Essas Faculdades existem há mais de cinquenta anos em Uberaba, todas foram criadas pelo

---

<sup>27</sup> Dr Marcelo Palmério, filho de Mário Palmério, Reitor da Universidade de Uberaba desde 1996. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Triângulo Mineiro. (Fonte: < <http://uniube.br/> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>28</sup> Elsie Barbosa, formada em filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Atualmente, está aposentada. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/6322875133778451> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>29</sup> Faculdade Isoladas indica instituições de ensino superior cujos cursos não integram uma universidade. O movimento das Faculdades Isoladas ocorreu em diferentes regiões do país. No estado de São Paulo, de acordo com Martins-Salandim (2012) foi na década de 1940. Mais informações podem ser encontradas em Cunha (2007a) e Cunha (2007b).

<sup>30</sup> A Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro foi criada em 1956, pelo professor Mário Palmério. Hoje vinculada a Universidade de Uberaba. (SANTOS, 2006).

<sup>31</sup> A Faculdade de Odontologia foi criada em 1947, pelo professor Mario Palmério. Hoje vinculada a Universidade de Uberaba. (SANTOS, 2006).

<sup>32</sup> A Faculdade de Direito foi criada em 1950, pelo professor Mario Palmério. Hoje vinculada a Universidade de Uberaba. (SANTOS, 2006).

professor Mário Palmério<sup>33</sup> e ligadas à mesma mantenedora. Antes da criação das Faculdades, o professor Mário Palmério era dono do Colégio Triângulo<sup>34</sup> e depois começou a criar as Faculdades Isoladas. Com a junção de todas essas Faculdades originou-se a FIUBE que, em 1988, passou para UNIUBE.

Nessa transição toda, o curso de Matemática foi interrompido. Foi no início da década de 1990 que ocorreu a interrupção da oferta do curso. Houve na Universidade um movimento de greve. Existiu um inconformismo por parte de vários professores que acabaram saindo da Universidade. Esse movimento foi na gestão do doutor Marcelo, poucos anos depois da criação da Universidade. Seu pai, o professor Mário, estava fora de Uberaba. Ele estava escrevendo as suas obras e morava no Amazonas e de repente resolveu voltar. Ele assumiu a Universidade e com o seu estilo em administrar houve esse movimento grevista, com o afastamento de vários professores. Inclusive, eu saí nessa época. Não me demiti, mas pedi para me afastar. No período de 1990 a 1996, o curso de Matemática deixou de funcionar. Quando o doutor Marcelo voltou em 1996, com uma série de medidas, resgatou as licenciaturas. Nesse meio tempo, estava lecionando no que hoje é o Instituto Federal do Triângulo Mineiro<sup>35</sup>, antigamente era a Escola Agrotécnica<sup>36</sup>, fiquei nessa Instituição até me aposentar. Doutor Marcelo convidou várias

---

<sup>33</sup> Fez seus estudos secundários no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis, de Araguari e foi professor de Matemática em algumas escolas. Em 1939, ingressou no curso de Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e passou a lecionar no Colégio Universitário da Escola Politécnica. Ao voltar para Uberaba, na década de 1940, criou um pequeno colégio. Depois uma escola de comércio. Com empréstimo na Caixa Econômica Federal, deu início às obras da sede própria da escola que ficou pronta em 1945. Na década de 1950, criou a Faculdade de Odontologia, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola de Engenharia. Foi o responsável pela criação das Faculdades Integradas de Uberaba na década de 1970 que mais tarde incorporaram as Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, outra importante instituição de Ensino Superior em Uberaba. Posteriormente, em 1988, criou a Universidade de Uberaba. Também se destacou em outros setores, como na política, sendo deputado federal, diplomata, escritor e compositor (Fonte: < [https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem\\_foi/bio01.php](https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem_foi/bio01.php) >. Acessado em 19/12/2017).

<sup>34</sup> O Colégio Triângulo foi criado em 1945, pelo professor Mario Palmério. Hoje vinculado à Universidade de Uberaba. (SOARES, 2015).

<sup>35</sup> O Instituto Federal do Triângulo Mineiro Campus Uberaba faz parte de um dos campi do IFTM. Surgiu a partir da transformação dos Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica e Escolas Agrotécnicas em Institutos Federais, em 29 de dezembro de 2008 com a promulgação da Lei nº 11.892. Atualmente, o IFTM Campus Uberaba oferece os seguintes cursos: Técnico em Administração, Técnico em Agropecuária, Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, Técnico em Química, Tecnologia em Alimentos, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Engenharia Agrônoma, Engenharia de Computação, Bacharelado em Zootecnia, Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Química, especialização Lato Sensu em Gestão Ambiental e especialização Lato Sensu em Saneamento Ambiental, pós-graduação Stricto Sensu em Ciência e Tecnologia de Alimentos e Mestrado Profissional em Educação Tecnológica. (Fonte: < <http://www.iftm.edu.br/uberaba/> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>36</sup> Por volta da década de 1950 foi criado, nessa cidade, o primeiro estabelecimento federal de ensino profissionalizante, em nível secundário. Foi nomeado como Centro de Treinamento em Economia Doméstica. Com o passar do tempo, o Centro receberia outras denominações: Centro de Treinamento em Economia Rural Doméstica “Licurgo Leite”, Escola Agrotécnica Federal de Uberaba, Centro Federal de Educação Tecnológica e, por último, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM/Campus Uberaba. (Fonte: < <http://www.iftm.edu.br/uberaba/> >. Acessado em 20/04/2018).

pessoas que haviam trabalhado na UNIUBE para voltar, mas com uma proposta diferente, com outra maneira de pensar os cursos. Nessa época o curso de Matemática sofreu uma interrupção de 1991 a 1996.

A partir disso, em 1998 e 1999, foi criado o Instituto de Formação de Educadores<sup>37</sup>, coordenado pela professora Sueli<sup>38</sup>. À época, havia o movimento de se questionar a formação do professor no esquema 3 + 1<sup>39</sup>, em que havia a separação de disciplinas pedagógicas das disciplinas específicas. Para ajudar a reconstruir o curso de forma diferente, a Sueli trouxe alguns professores de outras Universidades para nos assessorar nessa recondução dos cursos de licenciatura na UNIUBE, como o professor Carlos Brandão<sup>40</sup>, o Professor Joel<sup>41</sup>, que era da Universidade Federal de Goiás (UFG), o professor Arroyo<sup>42</sup>, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O curso de Matemática existiu até quando os cursos à distância foram criados. A sua criação foi em 2007, então o curso de Matemática existiu até 2008.

Com o passar do tempo o perfil do professor que lecionava no curso de Matemática mudou. A maioria dos professores era licenciada, sendo composta por ex-alunos do curso.

---

<sup>37</sup> De acordo com a professora Marilene, ele foi criado para abrigar os cursos de licenciatura da UNIUBE, sob a coordenação da profa. Sueli Teresinha de Abreu Bernardes, em 1996. Funcionou até 2007.

<sup>38</sup> Sueli Teresinha de Abreu Bernardes, formada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Atualmente, leciona no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Uberaba. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/9792609309040808> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>39</sup> Trata-se da formação no Bacharelado em Matemática e um ano em disciplinas de formação pedagógica.

<sup>40</sup> Professor Carlos Rodrigues Brandão atua principalmente na área de Antropologia Rural, com pesquisas e trabalhos voltados para cultura e educação popular, para o campo religioso e, mais recentemente, também para questões ambientais. Seus espaços etnográficos são sempre os espaços de vida e trabalho de populações rurais e tradicionais, que vão desde o interior do Estado de São Paulo, passando por Minas Gerais e alcançando Goiás. Em 1998 recebeu o título de Comendador do Mérito Científico pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), e de Professor Benemérito do Centro de Memória da Unicamp (CMU). Em 2006 foi agraciado com a medalha Roquette Pinto da Associação Brasileira de Antropologia. Em 2008 e 2010, com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Uberlândia e pela Universidade Federal de Goiás. (Fonte: < [http://www.editorasulina.com.br/autor\\_det\\_2.php?id=124](http://www.editorasulina.com.br/autor_det_2.php?id=124) >. Acessado em 27/03/2018).

<sup>41</sup> Professor Joel Pimentel Ulhoa, sua área de atuação é a Filosofia, foi reitor da Universidade Federal de Goiás (1986 a 1990). Muito atuante no Brasil por meio de conferências, artigos em jornais e revistas especializadas, prefácios e apresentações de livros, participou de diversas bancas de mestrado e doutorado em várias Universidades do país. (Fonte: < <https://www.ufg.br/n/59857-uma-vida-dedicada-a-ciencia> >. Acessado em 27/03/2018).

<sup>42</sup> O prof. Miguel Gonzalez Arroyo é doutor em Educação, professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais (aposentado), foi Secretário Adjunto de Educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, coordenando e elaborando a implantação da proposta político-pedagógica "Escola Plural". Além de acompanhar propostas educativas em várias redes públicas de ensino do país, desenvolve pesquisas em escolas públicas populares, fato este que o autoriza a discutir com muita propriedade temas como: educação, cultura escolar, gestão escolar, educação básica, currículo e diversidade. Dentre suas publicações, destacam-se os livros: Ofício de mestre: imagens e autoimagens; Da escola carente à escola possível; Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos. (Fonte: < <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/dr-miguel-gonzales-arroyo/53743> >. Acessado em 27/03/2018).

Como é o caso da Sandra Bulhões e da Valdina<sup>43</sup>. Era quase que um aproveitamento dos melhores alunos, aqueles que se sobressaíram passaram a compor o quadro de professores através de convite.

A formação contínua para professor não existia por iniciativa institucional, e sim por iniciativas pessoais. Muitos de nós, não apenas na área de Matemática, mas também na de Letras e História, o nosso primeiro curso de pós-graduação foi a especialização. A primeira especialização que muitos de nós cursamos foi em Ribeirão Preto<sup>44</sup>, na Faculdade Barão de Mauá<sup>45</sup>. Foi um curso ligado à Matemática, ele acontecia aos sábados e íamos com uma van. Esse curso foi na época da FISTA. Depois, muitos dos professores foram fazer uma especialização conhecida por PREPES<sup>46</sup>, ela ocorreu na cidade de Belo Horizonte, na PUC-Minas<sup>47</sup>. Foi uma força tarefa para a formação de professores em Minas Gerais. Essa especialização tinha 360 horas, acontecia durante nossas férias e era na área de Matemática. Foi muito puxado

Assim, começou a despertar em nós o desejo pessoal de cursar uma pós-graduação *stricto sensu*. Não porque teria um plano de carreira no qual seria beneficiada na Universidade se fizesse uma pós-graduação. Mas um desejo pessoal mesmo em poder me aperfeiçoar, estudar. Sempre gostei muito de estudar. Fui uma das primeiras a cursar o mestrado em Rio Claro<sup>48</sup>. Fui da segunda turma, terminei em 1991. O doutorado comecei em 2004 na PUC-São Paulo<sup>49</sup>. Ambos os cursos na área de Educação Matemática.

Vivi muitas mudanças. O curso que fiz na FAFI era um curso para formar professores, não era um curso para formar bacharéis, apesar de ser ministrado por engenheiros. Não tinha ninguém nessa turma que queria ser bacharel em Matemática, ou ser um matemático profissional. Nós todos estávamos cursando essa Faculdade para sermos professores. Nós estávamos em uma Faculdade de Filosofia que apenas tinha cursos de formação de professores.

---

<sup>43</sup> Valdina Gonçalves da Costa, formada em Matemática pela Universidade de Uberaba. Atualmente leciona na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/7394812434585566> >. Acessado em 19/12/2017.

<sup>44</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 175 km de distância da cidade de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>45</sup> Fundada em 5 de maio de 1966, em Ribeirão Preto, com a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Barão de Mauá", que mantinha os cursos de Letras, Pedagogia, Matemática e Estudos Sociais. A instituição supria uma grande carência de cursos voltados para a formação de professores na região. Atualmente, tem o nome de Centro Universitário Barão de Mauá. (Fonte: < <http://www.baraodemaua.br/> >. Acessado em 18/12/2017).

<sup>46</sup> Programa Regional de Especialização para Professores do Ensino Superior.

<sup>47</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<sup>48</sup> A professora Marilene refere-se à Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho", ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Campus de Rio Claro.

<sup>49</sup> A professora Marilene refere-se à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática.

Era muito forte essa coisa de ser professor, discutir a escola. Embora tivéssemos as disciplinas específicas e as pedagógicas, o objetivo do curso era formar o professor e isso era muito claro para nós.

Em Uberaba, nesses diferentes momentos, nesses quase 40 anos de existência do curso, nunca houve a preocupação em formar o bacharel. A nossa preocupação foi sempre formar o professor. Tanto é que esse sistema 3 + 1 nós não vivenciamos. Nós entrávamos para ser professores, as disciplinas pedagógicas já começavam desde o início do curso. Tínhamos uma formação humana muito forte! Quando houve a reestruturação pela qual a Instituição passou, também chegamos a pensar que os currículos deveriam ser menos disciplinares e queríamos formar eixos. Talvez, muito pela minha influência. Nós sempre procuramos, mesmo nas disciplinas específicas, pensar o pedagógico. Refletindo que estávamos atuando no curso para formar professores. Foi estranho, mas foi assim.

À época da transformação em Universidade, a instituição teve que contratar professores com mestrado. Tivemos, assim, alguns professores que eram mestres e alguns até doutores, que vieram para constituir o corpo docente da Universidade. Na área de Matemática vieram dois professores que tinham mestrado na área de Matemática pela Estadual de Campinas. Eram a Elizabeth<sup>50</sup> e o Jairo<sup>51</sup>, que fizeram o mestrado em Educação na Unicamp<sup>52</sup>. Por influência minha, acabaram fazendo o doutorado em Educação Matemática também na Unicamp. Nesse período tínhamos um corpo docente um pouquinho diferenciado. Já estava me esquecendo, naquela época, além dos alunos do nosso curso que se tornaram professores do próprio curso, vieram professores do estado de São Paulo. Ficaram por algum tempo e outros permaneceram mais de 5 anos.

A pesquisa nunca fez parte das nossas preocupações. Acho que nem hoje, viu? Alguns alunos se envolvem com Iniciação Científica, fazendo pesquisa. E hoje os professores que estão na pós-graduação fazem pesquisa. A pesquisa nunca foi uma coisa forte! A extensão, sim. Já houve várias atividades de extensão, mais do que de pesquisas. Nós já tivemos cursos para professores.

---

<sup>50</sup> Professora Elizabeth Adorno de Araújo, atualmente está aposentada como docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, graduada e mestre em Matemática e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/4905266424159579>>. Acessado em 12/12/2016).

<sup>51</sup> Professor Jairo Lopes Araújo, atualmente está aposentado como docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, graduado em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestre em Matemática e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/4244247989810231>>. Acessado em 12/12/2016).

<sup>52</sup> A professora Marilene refere-se ao Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp.



Além de lecionar, fui chefe do Departamento de Matemática, em 1981, e coordenadora do curso de Matemática. Atualmente sou vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIUBE.

Uma percepção que tenho do curso de formação de professores, acho que com a Educação à Distância perdemos bastante. Penso que enfraqueceu um pouco o presencial. Enfraqueceu a formação mesmo. Ele acaba deixando a desejar, não existe essa proximidade com o aluno, essa troca no dia a dia. Fui professora de Estágio por muitos anos, quando os alunos vão à escola e voltam. Com essa experiência do Estágio o aluno enriquece muito a formação. E no curso à distância o aluno faz um estágio acompanhado por meio de ambiente virtual, não é a mesma coisa. O mercado está muito acirrado, se você andar por Uberaba verá que existem muitos polos de Educação à Distância. Para sobreviver nesse mercado, você tem que agir conforme as leis que são impostas para manter um curso de R\$180,00 ou de R\$140,00 por mês. A formação de professores é muito complexa. São muitos os aspectos que precisam ser trabalhados e atendidos. Por isso acho que estamos vivendo um momento complicado de formação de professores. Bastante complicado! Porque não basta que saibamos os conteúdos específicos e os conteúdos pedagógicos. Vejo os cursos presenciais sem demanda. O magistério não está sendo uma opção. Quando faz, o aluno faz por não ter outra coisa para fazer. Ele vai e faz ou então porque já cursou outra coisa e não deu certo. Ele volta a cursar para entrar num outro mercado de trabalho. Vejo assim, uma situação complicada de formação. Não só na área de Matemática, mas no geral.

Bom, já falei muito. Vejo que esses momentos são históricos, embora a formação não mude muito, ela é afetada. Isso exige que pensemos mais. Acho que o grande problema hoje é pensar o papel da escola. Penso que, se não tivermos clareza, vamos ficar chovendo no molhado, porque nós temos hoje um pragmatismo muito grande. Todo mundo quer saber para que isso serve, para que vou usar isso, principalmente, o valor da Matemática só nesse valor utilitário. Acredito que, por toda essa experiência que tenho, o ensino da Matemática agrega e contribui para o desenvolvimento da pessoa. Por isso, acho que temos que encontrar maneiras de fazer esse ensino de Matemática mais focando nesse valor formativo. A Matemática contribui muito para o desenvolvimento do ser humano. Cabe a nós, que estamos envolvidos com a Educação e com a Educação Matemática, resgatarmos as raízes históricas e epistemológicas dos conhecimentos matemáticos. É isso!

Foi um prazer. Acho que é muito bom falar de coisas que vivemos intensamente.

**UBERLÂNDIA**

**Professor Fernando Antônio de Freitas**

Fonte: Arquivo pessoal

*O professor Fernando Antônio de Freitas foi o primeiro participante de nossa pesquisa. Trabalhamos juntos na mesma Universidade, na região do Triângulo Mineiro. Desde quando conversamos sobre a pesquisa, ele aceitou contribuir para o entendimento do processo de criação do curso de formação de professores (de Matemática). Antes do encontro, fui até o gabinete dele na Universidade, entreguei um roteiro e expliquei detalhes de como seria a entrevista. Ele nos concedeu a entrevista no dia 12 de maio de 2016, às 14h, em sua residência, em Uberlândia, num encontro que durou 1 hora e 12 minutos. Fernando foi aluno da primeira turma do curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Uberlândia (FAFIU), formando-se em 1971. Logo em seguida foi convidado a lecionar no curso de Matemática, em 1972. Depois deixou de lecionar na FAFIU para cursar o Mestrado em Matemática na Pontifícia Universidade Católica (PUC), no Rio de Janeiro. Voltou em 1976 a Uberlândia, e começou a lecionar no curso de Engenharia e depois no de Matemática. Nessa época, a FAFIU fazia parte da Universidade de Uberlândia (UnU) e, dois anos mais tarde, a universidade seria federalizada, tornando-se Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Na UFU, exerceu diferentes cargos administrativos, entre eles, foi vice-reitor e coordenador do curso de formação de professores (de Matemática). Quando a textualização ficou pronta, levei-a a seu gabinete na UFU, junto com os áudios da entrevista, a transcrição e a carta de cessão*

*dos direitos de uso desse material. O professor pediu alguns dias para ler e fazer os ajustes necessários. Passados alguns dias, nos reunimos novamente, lemos juntos a textualização e algumas mudanças foram solicitadas. Nesse mesmo dia me cedeu a carta de cessão do material. A seguir, apresento a sua narrativa.*

(\*\*\*)

Sou Fernando Antônio de Freitas, nasci na cidade de Araguari<sup>1</sup>, em 21 de fevereiro de 1947.

Iniciei meus estudos mais ou menos com 6 anos de idade, na escola primária Externato São José<sup>2</sup>, em Araguari. Estudei por quatro anos nessa escola onde a disciplina era incrível. Nós entrávamos na fila, antes de entrar para as salas de aula, tínhamos que mostrar o estojo com todos os objetos e, ao adentrar a sala de aula, os braços eram levados para trás, de tal forma que você só poderia colocar a mão na carteira quando fosse realizar alguma atividade acadêmica. Aos 10 anos de idade fui para o Colégio Regina Pacis<sup>3</sup>, um colégio de internato, que era comandado por padres holandeses. Esse colégio era tido como um dos melhores colégios da região, juntamente com o Diocesano<sup>4</sup> de Uberaba<sup>5</sup>. Quando cheguei nesse colégio tive que realizar o exame de admissão<sup>6</sup>, você só poderia frequentar a 1ª série (naquela época 1ª série ginásial) se você fosse aprovado no exame de admissão. Eles faziam isso porque a procura era grande e o número de vagas não era suficiente para tantos alunos. Eu lembro que fiz o exame de admissão e consegui ser aprovado, então fui fazer a primeira série ginásial. Levei um susto, porque eu tinha onze disciplinas, me lembro dos Trabalhos Manuais, Religião, Latim, Inglês, Francês, Espanhol, Português, Matemática e Educação Física. Nunca tinha imaginado uma

---

<sup>1</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 37 km de distância de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>2</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre o Externato São José. Hoje não existe mais.

<sup>3</sup> Aberto, em 18 de maio de 1926, com uma missa campal. O Colégio era dos padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, provenientes da Holanda. Em 1972, todo o patrimônio do Colégio foi doado para a Fundação Municipal de Ensino, que era a entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI). O Colégio funcionou até 31 de dezembro de 1996, depois permanecendo somente no local a FAFI. (NAVES; RIOS, 1998).

<sup>4</sup> O Colégio Marista Diocesano foi inaugurado em 3 de fevereiro de 1903. Desde sua fundação até 1970 o Diocesano atendia a alunos internos e externos e era só para meninos. O Diocesano foi equiparado ao Pedro II, do Rio de Janeiro, pela qualidade do ensino, podendo seus alunos entrar direto em qualquer curso superior do Brasil, sem terem que fazer exame vestibular. Em 2017 celebraram-se os 114 anos de existência desse Colégio na cidade de Uberaba. (Fonte: < <https://marista.edu.br/diocesano/> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>5</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 108 km de distância de Uberlândia e a 140 Km de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>6</sup> O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginásial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971. (BRASIL, 1971).

escola que tivesse onze professores distintos dentro da primeira série. Foi um grande sonho esse colégio em que estudei, porque existia a prática esportiva e eu adorava. Naquele colégio, naquela época havia, no mínimo, oito campos de futebol, um internato, havia cerca de mil e quinhentos a dois mil alunos, era um espetáculo. E ali eu fiz a primeira, segunda, terceira, quarta série do ginásio.

Quando terminei a quarta série, na época, tinha que fazer o científico. Nessa época, em 1963, o curso científico passou a ser oferecido pela primeira vez pelo Colégio Estadual de Araguari. Até nessa época, tinha estudado só em colégios particulares e aí eu tive que enfrentar outro concurso, porque tinha apenas 40 vagas e nós éramos 100, 120 alunos na cidade para poder fazer o primeiro científico. Consegui ter aprovação e fui fazer o primeiro científico, no horário mais estranho, porque não tinha espaço físico no Colégio Estadual, estudávamos em um grupo escolar. A aula começava depois do término da aula do grupo sempre das 16h30 até 17h20<sup>7</sup>. E, depois a turma do noturno entrava às 17h40 e indo quase até às 11h da noite. E assim fui e fiz o curso científico.

Tive excelentes professores que não esqueço, inclusive. Dois professores<sup>8</sup>, em especial, que me deram aula, por exemplo, de Matemática e Biologia, se tornaram professores de Universidades Federais, em Minas Gerais. O de Matemática tornou-se professor do Departamento de Matemática da UFMG<sup>9</sup>. À época, quem era professor da UFMG, eu imaginava, na minha pequena dimensão, que era um monstro em Matemática. Isso foi por volta de 1964, de 1965.

Terminando o colegial, a minha ideia era cursar Medicina, infelizmente o meu pai adoeceu. Eu pensava em ir para Belo Horizonte<sup>10</sup> fazer vestibular em Medicina. Como não tive condição de sair da cidade, comecei a trabalhar com o meu pai. Ele montou um bar e fui ajudá-lo. Nisso um colega passou pelo bar e me chamou para estudar e cursar Filosofia em Uberlândia. Respondi na hora que não gostava de Filosofia, mas que gostava de Matemática. Perguntei se tinha o curso de Matemática e quando seria o vestibular. Isso foi mais ou menos em novembro de 1966, o vestibular seria em fevereiro de 1967.

Em fevereiro, fui fazer o vestibular em Uberlândia, naquela época a prova era oral e escrita. Na prova escrita fui muito bem, já na prova oral fui péssimo. Éramos mais ou menos

---

<sup>7</sup> De acordo com o professor Fernando, antes das aulas que se iniciavam no noturno, nessa época, existia essa pré-aula de cinquenta minutos. Fiz essa pergunta aos outros depoentes que estudaram nesse colégio sobre essa pré-aula, e disseram que não se lembravam disso.

<sup>8</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esses professores.

<sup>9</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>10</sup> Capital do estado de Minas Gerais.

uns doze candidatos somente para iniciar o curso superior em Matemática em Uberlândia. Apenas uma candidata foi aprovada. Ela foi aprovada porque realmente era excelente, o nome dela era Raquel Menezes<sup>11</sup>. Nesse vestibular ela foi a única aprovada. Depois que ficamos sabendo que as autoridades não tinham conseguido licença para o curso de Matemática funcionar. Acredito que foi por falta de corpo docente. Do corpo docente, conhecia apenas a professora Yone Vicentini<sup>12</sup> a quem devo muito nessa vida. Ela me ajudou muito na cidade de Uberlândia. A professora Yone nos propôs fazer um curso para aprender Matemática. Esse curso era somente para quem tinha intenção de fazer Matemática. Fiz o curso com ela, assim vi que realmente não sabia nada de Matemática. Era muito pouco! O propósito desse curso era para aprender Matemática e passar no vestibular. Já as demais disciplinas: Física, Química, Português, História e Biologia tinha que estudar por fora. Tínhamos um grupo de estudantes que saía de Araguari com destino a Uberlândia para fazer esse curso. Éramos cinco, três faziam o curso de Matemática com Dona Yone e os demais faziam o cursinho preparatório para o vestibular em Medicina. Como eles tinham carro, dividíamos as despesas. Nessa época, a estrada era totalmente de terra. Saíamos por volta das 18 horas, gastávamos uma hora, às vezes, uma hora e meia para chegar a Uberlândia. Depois retornávamos às 22h, às vezes, às 22h30 e chegávamos em casa por volta da meia noite. Graças a Deus nunca houve nada conosco na estrada. Em um ano fizemos esse curso. Nisso soube que em Goiânia<sup>13</sup> iria ter vestibular para Matemática e, também, em Uberlândia. Então parti para Goiânia! Prestei o vestibular e fui aprovado juntamente com os colegas de Araguari. Optamos por não vir para Uberlândia e fomos para Goiânia.

Por volta de 1968, fomos para Goiânia cursar Matemática na Faculdade Católica de Goiânia<sup>14</sup>. Esse curso possuía um corpo docente formado. Nesse intervalo de tempo, perdi meu pai. Voltei pra Araguari, fiquei mais ou menos umas duas, três semanas. Quando retornei para Goiânia tinha que arrumar um emprego para poder fazer o curso. Como fiquei afastado alguns dias do curso e a vida não para, quando voltei para as aulas, naquele dia tinha prova de Física.

---

<sup>11</sup> Raquel Menezes Degani, formada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia em 1971, lecionou no curso de formação de professores de Matemática da UFU, atualmente está aposentada pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>12</sup> Yone Vicentini Gomes, formada em Matemática pela Católica de Campinas, na década de 1950. Segundo o professor Fernando foi a primeira a lecionar com formação específica, em Matemática, na cidade de Uberlândia. Foi uma das fundadoras do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Depois da federalização da Universidade, a partir de 1978, foi professora do Departamento de Ciências Exatas da UFU. Aposentou-se pela UFU e, faleceu em 2014, aos 84 anos. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>13</sup> Capital do estado de Goiás, que fica aproximadamente 342 km de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>14</sup> Hoje chamada de Pontifícia Universidade Católica de Goiás. ( Fonte: < <http://www.pucgoias.edu.br/> >. Acessado em 19/04/2018).

Nisso uma professora de nosso curso bateu na porta de nossa sala e perguntou para nós se alguém tinha interesse em dar aula de Matemática, num colégio de freiras<sup>15</sup>, em Goiânia. Eu não tive dúvida! Levantei, entreguei a prova, sem fazer nada. Entreguei para o professor e saí, não dei chance para os outros, aquele negócio espontâneo. Fui conversar com a professora em uma sala. Ela me fez algumas perguntas sobre Geometria Plana. Aproveitei o conhecimento sobre Geometria Plana, mostrei que conhecia Geometria Analítica e Geometria Espacial. Aprendi tudo isso no curso que fiz com Dona Yone em Uberlândia. A professora gostou muito e me contratou para dar aulas nesse colégio.

Abrindo um parêntese em nossa conversa. Nessa época, estava sendo introduzida a Matemática Moderna<sup>16</sup>. Não a conhecia. Para entender sobre a Matemática Moderna, comecei a lecionar aulas particulares para um aluno de primeira série, outro de segunda série, mais um de terceira série e mais outro da quarta série, muitas vezes eu recebia outras vezes não. Mas aquilo foi importante, porque eu estudei por fora para entender a Matemática Moderna. E, isso me ajudou a lecionar pela primeira vez em Goiânia. Nesse colégio de freiras só tinha meninas. No primeiro dia de aula me falaram: você não pode namorar as meninas. Respondi: de jeito nenhum. Lembro que as meninas me olhavam, eu abaixava o rosto e saía.

Uma família que me ajudou em Goiânia e me deu essa chance de ser professor foi a família Caiado. Família famosa em Goiânia. Eles eram muitos influentes! Até hoje os Caiados são famosos em Goiânia. Fiz tanta amizade com eles que me colocaram dentro do palácio do governo para trabalhar. Na época iria ter um concurso no palácio para ser funcionário. Fui aprovado nesse concurso, me colocaram em volta de uma mesa. Fiquei em volta dessa mesa uns quinze dias, não conseguia ficar sentado esperando, entregar papel, dar algum parecer, alguma coisa parecida nesse sentido. Sai e nunca mais voltei, nem recebi os quinze dias, porque vi que o meu negócio não era aquilo, meu negócio era dar aula.

Voltei para Uberlândia. Por meio da professora Yone Vicentini comecei a dar aula no Colégio Estadual de Uberlândia, na época era um colégio modelo. Fiquei um ano em Goiânia e me transferi para Uberlândia para dar continuidade aos meus estudos, e ingressei na turma em andamento. Aproveitei as disciplinas que havia feito e, assim, entrei no segundo ano da primeira

---

<sup>15</sup> Instituto Educacional de Goiânia. Não foi possível obter maiores informações sobre esse colégio e hoje não existe mais.

<sup>16</sup> Foi um movimento internacional do Ensino de Matemática que surgiu no final da década de 1950 e início de 1960, que pretendia aproximar a Matemática trabalhada na escola básica com a Matemática produzida pelos pesquisadores da área. Os defensores desse movimento acreditavam que poderiam preparar pessoas que pudessem acompanhar e lidar com a tecnologia que estava emergindo. Dessa forma, as propostas veiculadas ao movimento inseriram no currículo conteúdos matemáticos que até aquela época não faziam parte do programa escolar como, por exemplo, estruturas algébricas, teoria dos conjuntos, topologia e transformações geométricas. (PINTO, 2005).

turma. Comecei a lecionar no Colégio Estadual como convidado. Quando você dava aula como convidado, no ano seguinte precisava prestar um concurso no Estado, se não fosse aprovado perderia o emprego, se fosse aprovado continuaria lecionando. Em dezembro, comecei a me preparar para o concurso. Tinha vinte pontos para estudar. Para a prova do concurso teríamos que sortear um desses pontos e elaborar uma dissertação e para os demais pontos seria necessário responder a cinco problemas envolvendo os demais assuntos. O que me ajudou muito nesse concurso foi que no segundo ano da faculdade em Uberlândia tive a felicidade de conhecer a professora Consuelo<sup>17</sup>, que se formou em Belo Horizonte e veio lecionar para nós a disciplina de Álgebra Moderna. Com ela, aprendi teoria de grupos, corpos e anéis. Eu estudava e gostava muito dessa matéria! No concurso, o tema sorteado foi o dezessete, cujo assunto era o corpo dos complexos. Eu sabia de ponta a ponta devido a essas aulas que tivera. Depois deram mais cinco problemas relacionados aos demais pontos. A prova tinha um tempo máximo de três horas, em cerca de duas horas eu terminei. Achei a prova tão fácil, mas comecei a ficar preocupado, pois ao conferir com os demais colegas que também saíram cedo, as respostas não batiam. Pensei, fui para o espaço! Graças a Deus eu estava certo e eles estavam errados. Mas fiquei mais calmo, pois quando saiu a turma de Araguari nossas respostas bateram direitinho. Nesse concurso, além da prova escrita, tínhamos que dar uma aula sobre outro tema sorteado no prazo de 24 horas depois que terminasse a prova escrita. O tema sorteado foi o de Relações e Funções. Pelo sorteio eu era o quinto a dar a aula. Então, entravam aqueles professores, meus concorrentes, para dar as aulas, davam cinquenta minutos de aula. Saía um, entrava outro e eu esperava. Por volta do meio dia chegou a minha vez. Eu entrei, quando estava mais ou menos com vinte e cinco minutos na minha aula um professor que estava lendo o jornal mandou parar. O que fiz nessa aula? Apresentei graficamente qual era a diferença de relações e de funções. Depois sai da sala pensando, os outros professores deram cinquenta minutos de aula e eu apenas vinte e cinco. “Ah! Fui reprovado e eles aprovados”, pensei. Mas quando saiu o resultado, foi o inverso. Fui aprovado e os demais professores reprovados. A banca examinadora queria saber dos candidatos exatamente o que apresentei. Desse dia em diante, valorizei muito mais o estudo de gráficos na Matemática, tanto em  $\mathbb{R}^2$  como em  $\mathbb{R}^3$ . Assim, eu estava no segundo ano de faculdade em Uberlândia e havia passado no concurso. Com o concurso, o meu salário aumentou. Vamos supor, antes eu recebia um salário  $x$ , com o concurso passei ganhar três vezes mais. Com isso passei a ajudar mais a minha mãe, porque minha mãe morava sozinha em Araguari. Foi assim até terminar o curso de Matemática em 1971.

---

<sup>17</sup> Consuelo Maria Garcia de Freitas é nossa colaboradora.



Quando eu terminei o curso de Matemática em 1971, fui convidado pela direção da Faculdade de Filosofia a lecionar no próprio curso. Eu me assustei, pois iria lecionar para meus colegas de curso do terceiro e quarto anos. Assim, comecei lecionando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no curso de Matemática. Foi um grande desafio de vida. Eu estudava muito para preparar as aulas. Comecei com a disciplina de Cálculo Avançado. À época, no currículo do curso não havia disciplinas específicas, tais como: Análise, Topologia, Geometria Diferencial, Análise no  $R^n$ , nem imaginava o que era isso. Nisso percebi a necessidade de melhorar. Pensei: não posso continuar assim, eu tenho que procurar melhorar e aprender mais. Em umas das viagens que fazia de Uberlândia para Araguari, encontrei a professora Silvia<sup>18</sup>, que lecionava para o curso de Engenharia Química, na rodoviária em Uberlândia. Ela estava chegando do Rio de Janeiro. Conversei com ela sobre a pós-graduação que estava cursando e pedi informações sobre o curso de mestrado em Matemática na PUC do Rio. Na verdade, perguntei se ela podia me mandar informações para conhecer mais esse lugar. Saber como eram as inscrições para entrar e tudo o que ela pudesse arrumar de papelada sobre o Mestrado em Matemática. A professora Silvia me disse que, como ela estava indo com frequência para o Rio, seria fácil encaminhar informações sobre o mestrado em Matemática. Assim, depois de algum tempo, ela me mandou muitas informações sobre os programas de mestrado na PUC<sup>19</sup>, na Federal<sup>20</sup> e no IMPA<sup>21</sup>. Não tive dúvidas, me inscrevi para a Federal e para a PUC, não mandei a papelada para o IMPA. Passados uns dias, fui informado que havia sido aceito para o programa de mestrado na Federal, podendo me matricular direto no curso. Já no programa da PUC, como a procura era maior, tinha que fazer um curso durante um mês para poder ingressar no mestrado. Assim, fui rumo ao Rio de Janeiro realizar o curso. Consegui, também, ser aprovado no programa de mestrado da PUC. Fiquei em um dilema, em qual curso deveria me inscrever. Pensei assim, acho que eu vou para a Federal. Só que, para ir à Federal, seria difícil devido à distância, teria que acordar antes da cinco da manhã para chegar na Federal por volta das sete horas. E, para ir à PUC, era só atravessar a rua, era muito próxima do local em que eu me hospedava. Fui para a PUC. Depois, já frequentando a PUC, soube de um convênio com o IMPA, eu poderia fazer cursos no IMPA que eram válidos para o curso em que estava ingressando.

---

<sup>18</sup> Silvia Castilho Martins foi professora da Faculdade de Engenharia da UFU e atualmente está aposentada pela UFU. (Informações – Secretaria da Faculdade de Engenharia da UFU).

<sup>19</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>20</sup> Quando o professor Fernando diz Federal, ele está fazendo referência à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada.

Fui para o Rio de Janeiro em 1973. Quando eu cheguei na PUC, eles não aceitaram que fosse matriculado em matéria do mestrado direto, devido ao meu currículo. Nunca tinha tido Análise, entre outras disciplinas específicas da área da Matemática em minha graduação. Acabei me matriculando no Bacharelado em Matemática. Assim, pude ter diversas disciplinas que nunca havia estudado, como: Cálculo Avançado, Introdução à Análise, Álgebra Linear, entre outras. E teria seis meses para conseguir, no mínimo, setenta pontos em cada disciplina que estava cursando para ingressar no programa de Mestrado da PUC.

Quando cheguei na PUC e vi que meu conteúdo era muito fraco, tinha que estudar, em média, 16 horas diárias para poder alcançar o próximo semestre para ser aluno de mestrado. E quando entrei como aluno de mestrado estudei Introdução à Análise com um professor americano, tive que estudar Inglês também. Eu tinha que traduzir, ir para casa, traduzir, estudar e entender. Mas era um Inglês Técnico. Falei com um colega, vou largar tudo isso por causa do Inglês. Não! Me disse esse colega. Não por causa disso, pode largar por outras coisas, por causa de Inglês Técnico não. Dito e feito, se passaram dois meses, eu estava já lendo perfeitamente Inglês Técnico. Foi muito interessante.

Quando entramos no mestrado, nós éramos trinta alunos. No outro ano nosso grupo estava com dezoito alunos. E a coisa foi indo, foi indo. Muitos dos meus colegas desistiram da Matemática e foram para a Computação. Na época, a informática estava começando a ferver. Assim, muitos optaram por esse caminho. E quem continuou mesmo o curso de mestrado em Matemática foram uns cinco ou seis dos trinta que entraram comigo. A tal da Geometria Diferencial era muito difícil, isso fez com que outros desistissem, enfim terminamos o curso em três alunos. Com o diploma de Mestre em Matemática pela PUC em mãos, fomos convidados a dar aula por diferentes lugares do Brasil. Onde o pessoal conhecia a gente queria nos levar, por exemplo, Pará, Londrina e Blumenau. Mas eu tinha uma meta, como minha mãe morava sozinha, eu queria voltar para Uberlândia.

Mas sofri resistências, pois desde 1974, durante o mestrado, já era professor substituto na PUC, onde dava aulas nas Engenharias e na Computação. A direção da PUC tinha problemas com professor de Matemática para esses cursos e, modéstia à parte, parece que resolvi esse problema. Com isso, não aceitavam outro professor para as aulas que não fosse eu. Quando eu falei que iria embora para a cidade de Uberlândia, eles queriam me contratar de qualquer forma. Acharam um absurdo, eu sair da PUC do Rio para vir para uma Faculdade Federal<sup>22</sup> no interior

---

<sup>22</sup> Foi o primeiro curso a se tornar federal, mesmo antes da federalização da Universidade Federal de Uberlândia que ocorreu apenas em 1978. A Faculdade de Engenharia de Uberlândia foi criada através da Lei nº 3.864-A,

de Minas. Queriam que ficasse para ser professor contratado do Departamento de Computação ministrando aulas das disciplinas de Matemática. E me propuseram para que, no Departamento de Matemática da PUC, eu fizesse doutorado, tanto que os outros meus dois colegas fizeram doutorado. Mas retornei para Uberlândia para ficar próximo da minha mãe. Assim, retornei para Uberlândia em janeiro de 1976. Como fiz a graduação em Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, conhecia alguns professores que haviam lecionado para mim e através deles fui para o curso de Engenharia e comecei na Faculdade Federal de Engenharia em Uberlândia.

No Departamento de Matemática eu já conhecia muitos professores que foram meus colegas de graduação. Como eram bons em Matemática, foram convidados a serem professores do curso e pegaram toda a migração de Faculdade de Filosofia para Universidade de Uberlândia, até a federalização da Universidade que foi em 1978. Com as mudanças para a federalização, os professores tiveram um acréscimo muito considerável em seus salários. À época, o professor que lecionava na Faculdade de Filosofia estava ganhando, por exemplo, trezentos reais por mês. Quando foi federalizado, tenho relatos de colegas que quando chegaram no caixa do Banco do Brasil para receber o seu salário quase desmaiaram ao verem dois mil reais na conta, por exemplo. O professor não acreditava, ele perguntava para o funcionário do banco que trabalhava no caixa: “Todo esse dinheiro é meu mesmo? É meu salário! Meu salário é esse agora?” Só que tinha um detalhe, todos os professores eram dedicação exclusiva, então não era aquele negócio de você ir até a Universidade apenas para as aulas, tinha que fazer pesquisa, trabalhar na extensão e tocar a parte administrativa. E o pessoal não estava acostumado com isso. Nós tínhamos, à época, controle de ponto. Tinha uma pessoa que era contratado apenas para ficar na portaria e controlar isso. Por exemplo, Fernando Antônio de Freitas entrou 7h10 saiu 11h30. Entrou novamente às 13h e saiu 17h30. Então naquela semana você tinha que cumprir quarenta horas. Era aquele regime ainda militar.

As provas, por exemplo, eram feitas da seguinte forma: na Faculdade Federal de Engenharia, eu ministrava aulas de Cálculo, mesmo o curso sendo durante o dia as provas eram sempre à noite. Mas quem fiscalizava as provas era um professor que eu nem sabia quem era. A direção da Engenharia o convocava para fiscalizar a minha prova e eu era convocado para fiscalizar a prova de outra disciplina. Chegava lá, não tinha nada para responder para o aluno, não sou da área. Enfim, terminado o mestrado na PUC voltei para Uberlândia onde estou até

---

artigo 4º de 24 de janeiro de 1961, no final do mandato do Presidente Juscelino Kubitschek. (PEDROSA; GONÇALVES NETO, 2002).

hoje, podia estar aposentado, mas como eu amo uma sala de aula, ainda pretendo continuar pelo menos por mais alguns anos.

Fui contratado em janeiro de 1976, mas voltei para o Rio de Janeiro com o objetivo de terminar o mestrado. Retornei em julho desse ano para lecionar, e trabalhei com diferentes disciplinas do ciclo básico das Engenharias e, em 1978, fui convidado para trabalhar na administração. O que eu fazia nessa administração? Nessa época, a Universidade tinha três centros, o CETEC - Centro de Ciências Exatas e Tecnologia – abrangia todos os cursos das ciências exatas – Engenharias, Computação, Física, Química, Matemática, o CEBIM – Centro de Ciências Biomédicas – abrangia Odontologia, Veterinária, Agronomia, Medicina e, o CEHAR – Centro de Ciências Humanas e Artes – que abrigava os cursos de Letras, Psicologia, Filosofia, Geografia, História e o de Biologia. Depois fui trabalhar no DIARE – Divisão de Arquivo e Registro Escolar que ficava dentro da Pró-reitora Acadêmica, mas que era responsável pelos três centros. Com a experiência de ter trabalhado na DIARE, passei a conhecer toda a área acadêmica da Universidade. Acabei sendo muito conhecido, o que me ajudou a ter outros cargos. Foi quando juntamente com o Lepo<sup>23</sup> da Engenharia Mecânica, fomos convidados para trabalhar no CETEC. Ele como diretor e eu como vice-diretor. Os quatro anos que ficamos trabalhando à frente do CETEC foram espetaculares. Nós montamos os cursos de mestrado na Engenharia Mecânica e Elétrica. Todos os cursos de Engenharia, bem como as licenciaturas tinham uma determinada chefia (chefe de departamento) que, juntamente com os coordenadores destes cursos, com o diretor e vice-diretor e a representação estudantil formavam um Conselho em que eram definidas normas, com a discussão e aprovação de currículos para serem encaminhados aos órgãos superiores da UFU. Depois de um tempo, o Conselho Universitário veio a dissolver esses três centros. Foi nesse ponto que surgiram as Faculdades de Matemática, Engenharia, Instituto de Educação, Instituto de Ciências, entre outros que temos hoje.

De 1989 a 1992, fui convidado para ser pró-reitor de graduação. Foi muito bom, pois gostava muito de discutir sobre graduação, programas, etc. Como trabalhei muito tempo na CETEC e na DIARE fui aceito por todas as três áreas como pró-reitor. Depois de um tempo, passei a ser o pró-reitor em ensino, pesquisa e extensão. Lembro-me bem, fui o primeiro pró-reitor da Universidade a pôr a cara fora da instituição, no Brasil afora.

---

<sup>23</sup> Francisco Paulo Lépoire Neto, formado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Engenharia em 1971. Atualmente é professor da Faculdade de Engenharia da UFU. (Informações – Secretaria da Faculdade de Engenharia da UFU).

Eu saía, viajava! Devido ao meu envolvimento com as diferentes áreas administrativas da UFU, isso fez com que eu conhecesse muito bem o controle acadêmico. Nosso controle acadêmico era excelente! Então vendemos a ideia de funcionamento do controle acadêmico para a Universidade de Brasília, para Universidade Federal de Pernambuco e para a Universidade Federal de Juiz de Fora. Isso foi tão bom para UFU, que, de repente, nós tivemos um curso voltado para a área administrativa. Fiz parte desse grupo. E fomos terminar esse curso no Canadá.

No Canadá realizei minha monografia sobre controle acadêmico em que defendi o curso noturno. Sempre fui defensor do curso noturno, pois estudei em curso noturno. Foi quando começou a surgir a ideia de curso noturno na UFU, com o curso de Física e Estatística. Agora uma coisa muito importante! Particpei profundamente da construção da UFU, logicamente, das bibliotecas, hospital e muitos prédios. Adoro dizer que fui um dos responsáveis pela criação da ASUFUB – Associação de Servidores da Universidade Federal de Uberlândia, o clube para o servidor. Foi um espetáculo nos quatro, cinco anos iniciais. Mas, depois os próprios técnicos administrativos acharam que eles tinham que comandar, e não nós, professores. Não eram apenas os professores que estavam à frente. Na minha visão, eram os professores e técnicos administrativos. Mas eles queriam só os técnicos administrativos e entregamos o clube para eles. Infelizmente, hoje não existe mais. Foi uma péssima administração que levou o lugar ao caos. Hoje você vê, quando vai para Uberaba, à sua esquerda, uma área linda, totalmente abandonada. Eu espero que aquele espaço físico se torne um curso de Educação Física um dia. Quando o curso de Matemática já estava no prédio F, fui coordenador do curso em 1992, no período em que deixei de ser pró-reitor. Na época, no curso de Matemática existiam algumas disciplinas em que o professor confundia o Bacharelado e a Licenciatura e propus uma mudança. Para isso, convoquei professor por professor para sugerirem mudanças no currículo. Isso foi excelente!

Agora falando sobre o curso de Matemática quando a UFU foi federalizada. O curso de Matemática foi incorporado. Na verdade, as faculdades particulares foram incorporadas pela Federal, então foi muito interessante, porque tinha a Faculdade de Economia, que gerava uma verba, era um lucro certo para os donos. Cada faculdade tinha o seu dono, a Faculdade de Direito tinha seu dono. A Faculdade de Filosofia pertencia às freiras. Então, no meu ver, os donos das faculdades viram que iriam perder uma mina de ouro e entregar isso para o governo federal. Eu lembro, quando comecei a estudar aqui na Matemática, foi criada a Faculdade de Medicina, particular, caríssima.

Lógico que isso tudo deve ter tido um acerto para que desse certo. Penso eu, que um dos acertos seria o fato dos donos, que na sua maioria eram professores, tornarem-se professores da Federal, com quarenta horas em dedicação exclusiva. Acredito que esse foi o caminho, isso deve ter sido a troca. Agora saber quanto e como foi o acordo é difícil. Muitas pessoas contribuíram para que esse movimento acontecesse em Uberlândia. Tinha um senhor, por sinal de Araguari, Doutor Genésio de Melo Pereira<sup>24</sup>, ele juntamente com o Rondon Pacheco<sup>25</sup>, que foi governador do estado de Minas Gerais e facilitou em muito isso. O Genésio, um empresário de renome na região e no país, doou toda a área que hoje é o Campus do Santa Mônica<sup>26</sup>. Muitos queriam a Universidade aqui na cidade e para isso entregaram o coração.

Eu vejo que o curso de Matemática para o Triângulo Mineiro foi de suma importância, você imagina precisar de professor de Matemática e não ter? Por exemplo, a Dona Yone veio formada de Campinas<sup>27</sup>, a Consuelo, por sua vez, formou-se na Faculdade de Filosofia de Belo Horizonte, a Dona Márcia<sup>28</sup>, também em Belo Horizonte, mas pela Universidade de Minas Gerais. A grande maioria dos professores que havia por aqui e que poderia lecionar Matemática era formada por engenheiros. Não tínhamos, em nossa região, aquele professor formado especificamente, com formação em Didática, estudando Pedagogia, me refiro ao professor para as matérias afins da área de ensino.

Assim, quando surgiu o curso de Matemática, os colégios que existiam ficaram fortes, pois passaram a ter o profissional na própria cidade. E isso contribuiu no surgimento de outros colégios.

Em relação ao espaço físico, no início, a Faculdade de Filosofia ficava localizada no centro da cidade; depois, com as mudanças, ela foi deslocada para o que é hoje o Campus Santa Mônica, quando a Faculdade foi incorporada à Universidade de Uberlândia, isso mais ou menos

---

<sup>24</sup> Idealizador da Faculdade de Engenharia Federal de Uberlândia. (PEDROSA; GONÇALVES NETO, 2002).

<sup>25</sup> Nasceu em 1919 em Uberlândia, onde mais tarde iniciou o curso de Direito, mas foi concluí-lo na capital do estado, Belo Horizonte, advogou e iniciou a carreira pública. Começou a vida política ainda estudante da Faculdade de Direito da UMG, hoje UFMG, quando, em 1942, foi Presidente do CAAP - Centro Acadêmico Afonso Pena - uma das mais tradicionais entidades estudantis do Brasil e a mais antiga de Minas Gerais. Entre outros cargos na política, foi Deputado Federal em 1950, foi reeleito sucessivamente e permaneceu no congresso até 1967, quando foi para a casa civil, sendo o chefe do Gabinete Civil do presidente Costa e Silva e, depois Governador do estado de Minas Gerais, entre 15 de março de 1971 e 15 de março de 1975. Depois se elegeu deputado federal em 1982. Em 14 de agosto de 1969 pelo decreto lei 762 criou a Universidade de Uberlândia (UnU) posteriormente Universidade Federal de Uberlândia (UFU), isso quando foi ministro-chefe da casa civil. Faleceu em 2016, aos 96 anos, em sua cidade natal. (Fonte: < <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/conheca-trajetoria-do-uberlandense-rondon-pacheco/> >. Acessado em 10/07/2016).

<sup>26</sup> Trata-se de um dos *campi* da Universidade Federal de Uberlândia que ainda possui o campus do Umuarama, o da Educação Física e o do Glória. ( Fonte:< <http://www.ufu.br/santa-monica> >. Acessado em 23/02/2018).

<sup>27</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 500 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>28</sup> Márcia Augusta Crosara é nossa colaboradora.

em 1971. Quando viemos para o Santa Mônica, foi difícil para os alunos, pois era longe. Eu morava próximo ao Colégio Estadual de Uberlândia<sup>29</sup>, no meu caso, tinha que vir a pé para estudar. A vantagem que levamos, com essas mudanças todas, foi que passamos a ter uma biblioteca que nos atendia muito melhor. Com isso tivemos acesso às bibliografias de textos que não tínhamos antes para as disciplinas, como: Cálculo Avançado, Variável Complexa, entre outras. Nem pensava nesse tipo de disciplina específica para Matemática, nunca tinha ouvido falar. Em nosso curso tínhamos no máximo uma Álgebra Linear, e era o curso mais avançado para a época. Ah, não posso deixar de mencionar que, para a disciplina de Cálculo, tivemos um professor excelente que vinha de Uberaba, já falecido, o professor Pepe<sup>30</sup> que muito contribuiu com os cursos de Engenharia, como professor e administrador.

Com a federalização algumas mudanças ocorreram no curso de Matemática, antes ficava alocado no Departamento de Ciências, junto com as Faculdades de Física, Computação e tinha um pessoal da Estatística, apenas três professores. Nosso Departamento era grande em comparação com os demais. Você ser diretor da Matemática, Física, Computação que estava começando e ainda, responsável por alguns professores da área de Estatística era um serviço difícil. Com o tempo, isso acabou sendo dividido. Passou a ser Departamento de Computação e Departamento de Matemática. Junto com a Matemática ficou a Estatística e a Física. Nós ficávamos no prédio B<sup>31</sup>, com o tempo, a Matemática acabou indo para prédio F, onde está até hoje. Em minha opinião, os profissionais do curso de Ciências Biológicas e Física foram os mais espertos, conseguiram fazer o seu próprio bloco. Nessa época, eu já estava na administração na UFU, estava como vice-diretor do CETEC<sup>32</sup>.

Em 1985 não tinha um coordenador de curso, a coordenação era exercida pelo vice-diretor. Assim, ele comandava as matrículas de todos os alunos dos cursos de ciências exatas. O aluno, para ingressar na universidade, tinha que fazer vestibular, me lembro da fila enorme no dia da matrícula. Na Matemática até que entravam muitos alunos. Muitos tentavam Engenharia, não conseguiam passar e iam cursar Matemática. Mas existia a transferência interna, com isso, os alunos podiam mudar para qualquer curso dentro do departamento em que

---

<sup>29</sup> Também conhecida por Museu. Situada no centro de Uberlândia, na Praça Adolfo Fonseca, no Fundinho, foi inaugurada em 1929, o prédio data de 1921. Este prédio foi o primeiro de uma escola a ser tombado em Uberlândia, como Patrimônio Histórico e Cultural do Município. Entre seus alunos ilustres, o cardiologista Adib Jatene e o ex-governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco. Foi o Colégio de maior referência em Uberlândia. (GATTI, 2013).

<sup>30</sup> José Pepepe Júnior, formado em engenharia pela Faculdade de Engenharia do Triângulo, em Uberaba. Aposentou-se pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>31</sup> Segundo o professor Fernando, trata-se de um prédio de dois andares onde ocorriam as aulas. Atualmente, esse prédio é destinado para o curso de Graduação, Mestrado e Doutorado em Ciências da Computação, além desse espaço ser usado para as aulas de outros cursos da universidade.

<sup>32</sup> Centro de Ciências Exatas e Tecnologia.

estavam matriculados. Nossos alunos eram oriundos, em sua maioria, da região mesmo, principalmente os que tinham interesse em Matemática. Já os alunos que pretendiam Engenharia, muitos vinham do interior de São Paulo, como: Ribeirão Preto<sup>33</sup>, São José do Rio Preto<sup>34</sup>, Ituverava<sup>35</sup>, Igarapava<sup>36</sup> até de Mirassol<sup>37</sup>.

Sobre o currículo do curso. Em 1971, por exemplo, em que estudei, tinha as disciplinas de Cálculo na Matemática, depois tinha um curso semestral em Física. O que era interessante, o aluno tinha que realizar o estágio no ensino de Física. O meu Estágio para Matemática não foi necessário, porque eu já estava atuando em sala de aula como professor de Matemática, mas para Física tive que fazer o estágio. Fiz no próprio Colégio Estadual onde lecionava.

Em 1976, quando voltei do mestrado, foram introduzidas novas disciplinas abrangendo a Geometria Diferencial, Análise na reta, depois no  $R^n$  e com isso formava-se um novo currículo. Se não me falha a memória, no quarto ou quinto período, o aluno fazia a opção em continuar no bacharelado ou ir para a licenciatura em Matemática. Atualmente, penso que o bacharelado deve ter poucos alunos. À época, numa turma de vinte alunos, você pode ter certeza que dezessete alunos iriam cursar a licenciatura e talvez três alunos o bacharelado.

Em relação às ementas dos cursos, cada coordenação de curso possuía um programa aprovado pelo CONSEP – Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - e pelo CONSUN – Conselho Universitário que dita as regras de como devem proceder. Quando um professor chegava de um concurso no Departamento para trabalhar, ele tinha a informação sobre qual disciplina iria ministrar e recebia por escrito a carga horária, a ementa e o programa que deveria cumprir. O professor tinha que deixar por escrito como seriam as avaliações que iria aplicar e encaminhar para a coordenação do curso. Caso o professor não estivesse de acordo com o conteúdo explícito na ementa que recebeu, ele poderia dar algumas sugestões para que, no próximo semestre, o colegiado do curso pudesse julgar serem pertinentes ou não tais sugestões e com isso introduzi-las ou não.

Quando voltei, em 1976, o corpo docente da Universidade já estava montado com vários professores que foram convidados das faculdades que existiam, como a Faculdade de Filosofia

---

<sup>33</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 280 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>34</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 290 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>35</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 180 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>36</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 150 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>37</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 300 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).



e Economia. No meu caso, também, não prestei concurso, fui convidado. Mas quando a Universidade foi federalizada, para entrar, só por concurso. Particpei de uma banca, os candidatos eram professores que já eram doutores, Benedetti<sup>38</sup>, João<sup>39</sup> que depois saiu da Matemática e foi para a Computação e o Ruy<sup>40</sup>, que hoje está na Federal de São Carlos<sup>41</sup>. Esse pessoal veio prestar concurso em Uberlândia, mas tinha uma vaga apenas. Eu estava como pró-reitor, vi que esses candidatos eram muito bons, mas tão bons, que fui atrás do reitor, disse que não podíamos perder esses professores de jeito algum, teríamos que trazê-los para esta Universidade, para o Departamento crescer. A partir disso, fomos para Brasília e conseguimos transformar uma vaga em três. Uma coisa inédita! Isso hoje não acontece mais de jeito nenhum.

O número de professores era adequado. Tínhamos por volta de 27 professores para trabalhar com a Matemática básica, com dedicação exclusiva. Mas, como em Uberlândia havia muitas empresas, muitos outros professores trabalhavam nesses locais e depois iam para a Universidade. Tínhamos professores com 40 horas, outros com 20 horas, como era o caso do Luiz Arthur<sup>42</sup> que era dono de empresa e o negócio dele era lecionar mais para status e para nos ajudar.

Os professores do curso faziam poucos projetos de extensão e as ações no campo da pesquisa eram mais voltadas para a área de Engenharia.

Agora, para se aperfeiçoar, o professor sempre teve muito incentivo depois que a universidade federalizou. Muitos professores saíram para fazer o mestrado, a Universidade dava um tempo para eles de três anos, esse período muitas vezes era renovado, porque com três anos muitas vezes o professor saía sem base, chegava no local onde iria fazer o curso tomava um choque. Isso veio a ajudar muito!

Fui aluno e professor do curso em épocas distintas. Quando me formei, considero que foi um bom curso. Por que considero que foi um bom curso? Porque ele me deu todos os subsídios necessários para lecionar no ginásio e colegial. Eu não tinha problemas para lecionar naqueles níveis de ensino. Deu-me a parte didática, a pedagógica e a psicológica. Aprendi muita

---

<sup>38</sup> Luiz Antônio Benedetti foi coordenador do curso de Matemática por dois mandatos, de 2007 até 2010 e diretor da Faculdade de Matemática de 2013 até 2016 na UFU. Aposentou-se em 2017. (Informações – Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>39</sup> João Nunes é professor da Faculdade de Computação da Universidade Federal de Uberlândia. (Informações – Secretaria da Faculdade de Computação da UFU).

<sup>40</sup> Segundo o professor Fernando, o professor Ruy atualmente está aposentado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>41</sup> O professor Fernando refere-se à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>42</sup> Luiz Arthur dos Santos foi professor da Faculdade de Matemática da UFU, faleceu em 2015. (Informações – Faculdade de Matemática da UFU).

coisa ali. Não era muito bom não. Mas a didática, eu, com a graças de Deus, parece que veio de dentro para fora. E isso, para mim, foi fundamental. Eu senti problema quando me tornei professor universitário, recém-formado na graduação. Hoje vejo esses alunos formandos. Eles saem num nível excelente porque, antes, eu não sabia nem o que era um mestrado e nem quais eram as disciplinas que tinha um mestrado. Hoje o aluno da graduação da UFU sai totalmente dotado de certo mundo de informações, tanto na área de Matemática Pura ou na Educação Matemática ou Matemática Aplicada. Não sei se na área de Estatística já tem mestrado, nem sei. Mas os alunos têm aquela base necessária. Conseguem terminar hoje o mestrado em 2 anos. Na minha época foi diferente, gastei 3 anos e meio e acho que foi até bom, muito bom. Entendo que hoje é outra linha, é outro raciocínio. Mas, quando estudei parece que a responsabilidade nossa, como aluno, era muito diferente da responsabilidade dos alunos de hoje. Não estou dizendo assim, apenas no nível de Matemática, mas de uma forma geral. Porque os alunos de hoje, vejo que eles têm toda uma Universidade na mão e muitas vezes não sabem aproveitar o que têm. Parece que os alunos não têm a visão de saber que estão ali perdendo tempo, devido ao grande índice de reprovações que hoje existe.

Nesse semestre, estou lecionando no curso de Engenharia Civil, estou assustado! Pessoal totalmente desinteressado. Eu não sei se eles ingressaram no curso e tinham outra expectativa de vida, de realidade e agora estão vendo a nossa. Parece que o pessoal está perdido, sem a mínima vontade de estudar. Mas o estudante de Matemática não sei, pois não leciono no curso deve ter uns três anos. A procura pelos docentes para lecionar na Faculdade de Matemática é muito maior.

Para finalizar, quando eu estava na administração da UFU, conheci vários políticos em Araguari e em Uberaba. E certa vez cobrei porque eles não montavam um curso de Matemática em Araguari. Como conhecia muito o pessoal de Araguari e, principalmente, o diretor que comandava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras naquela cidade, ele virou para mim e falou: “Você me ajuda?” Falei a ele: “Você quer que eu te ajude a montar o currículo?” Ajudei e montei o primeiro currículo do curso de Matemática em Araguari. Ele pediu para montar um currículo mais voltado para um nível médio, sem colocar muitas disciplinas específicas de Matemática, como Análise. Acredito que isso foi por volta de 1980, quando começou a nascer o curso de Matemática em Araguari. Outro lugar em que ajudei a montar o currículo de um curso de Matemática foi em Caldas Novas<sup>43</sup>, Goiás.

---

<sup>43</sup> Município situado no estado de Goiás. Está, aproximadamente, a 190 km de distância da cidade de Uberlândia (Fonte: IBGE, 2017).

Foi um prazer ficar com você aqui, espero que você faça um bom trabalho, eu tenho certeza disso. E que sua tese seja um sucesso. E depois gostaria de lê-la, não apenas a minha parte, mas ela toda. Obrigado!

### Professora Márcia Augusta Crosara



Fonte: Arquivo pessoal

*A Dona Márcia, assim chamada por todos na Faculdade de Matemática (FAMAT) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), está aposentada desde o ano de 2005. O Laboratório de Ensino de Matemática leva o seu nome. Ao entrar em contato telefônico e explicar o motivo daquela ligação, a professora Márcia aceitou auxiliar no entendimento do processo de criação do curso de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Antes da entrevista, realizei uma visita à sua casa e expliquei os objetivos da pesquisa. Também entreguei um roteiro de nossa entrevista, que foi realizada em 24 de maio de 2016, às 15h, em sua residência, em Uberlândia, num encontro cuja gravação durou 1 hora e 10 minutos. A Dona Márcia foi a segunda professora formada em Matemática a atuar em Uberlândia. Fez licenciatura e bacharelado em Matemática na Universidade de Minas Gerais<sup>1</sup>, em Belo Horizonte<sup>2</sup>, no final da década de 1950. Voltou para Uberlândia, onde ministrou aulas em diferentes escolas de educação básica e participou de vários momentos importantes, desde a criação dos cursos de formação de professores (de Matemática) em Uberlândia, passando pelas mudanças institucionais até chegar ao que é hoje a UFU. Quando a textualização ficou pronta, levei-a à sua casa, junto com os áudios da entrevista, a transcrição e a carta de cessão*

---

<sup>1</sup> Hoje, Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Capital do estado de Minas Gerais.

*dos direitos de uso desse material. A professora pediu alguns dias para ler e fazer os ajustes necessários. Passados alguns dias, nos reunimos novamente, lemos juntos a textualização e discutimos todas as mudanças solicitadas. Combinamos uma nova data para nos encontrarmos após a realização dos ajustes. Nesse dia, lemos novamente o texto, não havendo mais nada a acrescentar ou mudar. Percebi que a professora se viu na textualização, e a partir disso me cedeu a carta de cessão da narrativa, que apresento a seguir.*

(\*\*\*)

É um prazer recebê-lo em minha casa. Sou a Márcia Augusta Crosara, nasci na cidade de Uberlândia, em 1935.

De 1943 até 1946, cursei o primário em uma escola particular, o Externato Ruy Barbosa<sup>3</sup>. Fiz o curso primário, que tinha duração de quatro anos. Depois, de 1947 até 1950, passei para o Liceu de Uberlândia<sup>4</sup>, onde fiz o curso ginásial. Na sequência, fui para Belo Horizonte onde, por três anos, de 1951 até 1953, cursei o científico no Colégio Sagrado Coração de Jesus<sup>5</sup>, um colégio comandado por freiras alemãs.

A minha graduação foi realizada em Belo Horizonte. Durante três anos cursei o Bacharelado em Matemática na UMG<sup>6</sup>. Após um ano, me formei na licenciatura em Matemática, e fui terminar minha formação no ano de 1957.

Em 1954, comecei a lecionar em Belo Horizonte, em dois colégios, no Sagrado Coração de Jesus, das freiras alemãs, e no Sacre Coeur de Marie<sup>7</sup>, das freiras francesas. Nesse ano, comecei a universidade, também comecei a lecionar no Sagrado Coração de Jesus. Em 1955, lecionei, também, no Sacre Coeur de Marie. Lecionei nesses lugares por que era insuficiente o número de professores formados. Uma colega minha de Universidade já trabalhava no Sacre Coeur e me convidou. Agora o colégio Sagrado Coração conhecia, pois fiquei no internato por três anos, estudando. A diretora me conhecia muito bem e sua auxiliar foi minha professora de

<sup>3</sup> Segundo a professora Márcia, ele funcionou na avenida João Pinheiro, Centro de Uberlândia, sob a direção de Dona Juvenília Ferreira dos Santos. Não foi possível obter maiores informações.

<sup>4</sup> Fundado em 1928, na Praça Oswaldo Cruz, 347, Centro de Uberlândia. Surgiu sob a direção de Nilton Magalhães Porto e Antônio Vieira Gonçalves. Funcionou até 1973. (BERNARDELLI, 2007).

<sup>5</sup> Fundado em 15 de janeiro de 1911 pelas Missionárias Servas do Espírito Santo. Em 1924, foi equiparado à Escola Normal Modelo de Belo Horizonte e, em 1929, foram fundados os cursos ginásial e científico. Funciona até os dias atuais. (Fonte: < <http://www.sagradocoracaodejesus.com.br/> >. Acessado em 24/03/2018).

<sup>6</sup> Universidade de Minas Gerais.

<sup>7</sup> Fundado na década de 1928, pelas irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria. O Colégio Sacré Coeur de Marie funciona até os dias atuais com o nome de Colégio Sagrado Coração de Maria. (Fonte: < <http://www.redesagradobrasilia.com.br/noticias/sacre-coeur-de-marie-bh-completa-90-anos/> >. Acessado em 24/03/2018).

Matemática, sabia do potencial que tinha para lecionar, porque já havia me experimentado para substituir professores, mas sem contrato, sem nada. Como faltava professor formado, mesmo ainda cursando o curso científico, eu lecionava para turmas da quinta e sexta séries.

Em relação à formação dos meus professores do científico, me lembro da minha professora de Matemática do primeiro colegial. Era uma freirinha já velhinha, eu nem sei se tinha alguma formação especial. Ela era alemã e quase todas se formaram na Alemanha antes de virem para o Brasil, não tenho ideia de como era a formação delas. Mas a que foi nossa mestra de turma, além de ter estudado na Alemanha, fez o curso em São Paulo também. Ela era muito inteligente! Fui aluna dela no segundo e terceiro científico. Era muito boa, tanto de conhecimento, quanto de didática, era uma pessoa fantástica! Lembro-me de ouvir que as provas dela na Universidade ficaram guardadas em lugar especial por muito tempo, foram as melhores provas que a Universidade já havia corrigido até então. Foi essa minha professora do científico que me fez gostar de Matemática, porque quando fui para Belo Horizonte, a minha intenção era fazer o curso de Geografia e História, era uma área completamente diferente. Sempre gostei de Geografia e História. Era apaixonada, também, por Biologia, gostava muito de Física e de Matemática e Desenho. Não era assim como Geografia e História. Lembro que tinha muita facilidade, mas não era tanto a minha preferência. Talvez assim, porque não tivesse professores tão bons como os que tivera em Belo Horizonte. Isso sem dúvida me ajudou muito a querer cursar Matemática. Fui influenciada pela minha mestra de turma, a irmã Arnaldia que tinha como nome de batismo Regina Kaser. Ela me despertou a vontade de estudar Matemática, ela mostrava a beleza em cada coisa, eu ficava encantada com suas aulas. Eu queria ser professora, não queria ser professora de primário, nem de ginásio. Falei: “quero ser professora de gente grande”, assim falei aos meus pais, de modo que eles entendessem. Minha mãe não se formou em escola, nem terminou o curso primário, só fez até o terceiro ano. Mas parece que a veia de lecionar já estava no DNA, porque embora não tivesse feito nenhum curso para ser professora, ela chegou a ser convidada a lecionar na escola onde fez o primário. Lecionou alguns bons anos porque era boa no tratar os alunos, tinha domínio de classe e tinha domínio da matéria. Ela estudava e preparava bastante aquilo que tinha que ensinar. Minha mãe era boa no que fazia. Aliás, não era só nisso não, era em tudo! Na educação das duas filhas ela exigia sempre o melhor em tudo, desde as tarefas domésticas até as escolares.

De 1951 a 1957, vivi em Belo Horizonte, em dezembro de 1957 voltei para Uberlândia e naquela época não havia professores formados em Matemática além da professora Yone

Vicentini<sup>8</sup>. Lecionavam no curso ginásial e científico engenheiros e arquitetos e na área de Ciências o farmacêutico e o médico lecionavam. Um ano antes de vir para Uberlândia, chegou a Yone Vicentini Gomes, minha amiga de infância, que se formou em Campinas<sup>9</sup>. Ela foi a primeira professora portadora de diploma em Matemática na cidade. Por algum tempo, apenas nós duas tínhamos o diploma de Universidade na mão, na área de Matemática.

Comecei trabalhando no Liceu de Uberlândia, por questão de gratidão. Foi onde fiz o ginásio e tinha uma dívida de gratidão com o professor Milton<sup>10</sup>. Depois as irmãs me chamaram para lecionar no Colégio Nossa Senhora das Dores<sup>11</sup>. Uma amiga, a Teresinha Mendes<sup>12</sup>, que fez o curso de Geografia e História em Belo Horizonte voltou para Uberlândia, no início de 1957, e começou a lecionar no Colégio Estadual de Uberlândia<sup>13</sup> que ficou conhecido mais tarde por Museu. Ela me convidou para ir lecionar no Colégio Estadual e apresentou-me ao seu Vadico<sup>14</sup> e disse: “Essa é minha amiga, ela está com o diploma de Universidade em mãos”. Seu Vadico contratou-me na hora e, assim comecei. Tínhamos sessenta horas-aula semanais no Museu. Eu dobrava de turno, porque não tinha professor formado, tanto a comadre Yone quanto eu, nós duas fazíamos isso. Na verdade, o seu Vadico pediu para que fizéssemos isso para atender a demanda de crescimento do Colégio. Professores formados naquela época era muito difícil de conseguir, os alunos de Engenharia ou engenheiros formados cobriam as vagas para as aulas de Matemática. Para não me sobrecarregar tanto, com preparativos e casamento em 1960, larguei as aulas no colégio das freiras e no Liceu.

---

<sup>8</sup> Yone Vicentini Gomes, formada em Matemática pela Católica de Campinas, na década de 1950. Segundo a professora Marcia, a Yone foi a primeira a lecionar com formação específica, em Matemática, na cidade de Uberlândia. (Informação que também aparece na textualização do professor Fernando). Foi uma das fundadoras do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Depois da federalização da Universidade, a partir de 1978, foi professora do Departamento de Ciências Exatas da UFU. Aposentou-se pela UFU e, faleceu em 2014, aos 84 anos. (Informações – Secretaria da Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>9</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 100 km de distância da cidade de São Paulo e a 500 km de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>10</sup> Milton Magalhães Porto foi o fundador e diretor do Liceu de Uberlândia. (BERNARDELLI, 2007).

<sup>11</sup> Colégio fundado em 1932, está em funcionamento até os dias de hoje com o nome de Colégio Ressurreição Nossa Senhora. (Fonte: < <http://ressurreicaouberlandia.com.br/> >. Acessado 15/05/2018).

<sup>12</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>13</sup> Também conhecida por Museu. Localizada no centro de Uberlândia, na Praça Adolfo Fonseca, no Fundinho, foi inaugurada em 1929, o prédio data de 1921. Este prédio foi o primeiro de uma escola a ser tombado em Uberlândia, como Patrimônio Histórico e Cultural do Município. Entre seus alunos ilustres, o cardiologista Adib Jatene e o ex-governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco. Foi o Colégio de maior referência em Uberlândia. (Fonte: GATTI, 2013).

<sup>14</sup> Oswaldo Vieira Gonçalves, conhecido por Vadico. Foi fundador e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia lecionando várias disciplinas. Entre elas, Filologia, mas sua formação era em Farmácia. Também foi Diretor da Faculdade de Odontologia em Uberlândia. (Fonte: GATTI, 2013).

A escola de Filosofia foi fundada em 1960<sup>15</sup> pelas irmãs, elas viram a necessidade da região. Em Uberlândia, quem quisesse fazer um curso superior, tinha que se dirigir a Belo Horizonte, a Campinas, São Paulo e Bahia. Na época, por aqui, em matéria de curso superior, só contávamos com a criação da Escola de Direito<sup>16</sup>, fundada pelo professor Dr. Jacy de Assis<sup>17</sup>, em 1960.

Quando as irmãs me convidaram, em 1960, para trabalhar na Escola de Filosofia, a proposta de criação do curso já estava montada. A Doca<sup>18</sup>, representando as irmãs, veio me pedir para oferecer o diploma para que pudessem registrar na Escola de Filosofia o curso de Matemática. Existia certa exigência de um número de pessoas portadoras de diploma de Universidade para poder registrar o curso no MEC<sup>19</sup>. O curso começou de uma maneira rudimentar, no então curso de Pedagogia, que abrangia algumas matérias de licenciatura curta em Ciências e Matemática. Ventilava-se, na época, que tal diploma só daria ao aluno o direito de lecionar Matemática nas duas primeiras séries do ginásio. Surgiu, com o professor Jacy de Assis, a ideia de juntar, de unir as escolas então existentes para formar uma Faculdade. A Escola de Direito, que ele havia fundado em Uberlândia, foi a pioneira, depois a Escola de Engenharia e, em seguida, a Escola de Filosofia das irmãs. Todas essas escolas se uniram para fazer parte da Universidade de Uberlândia. Só depois é que veio a ampliação e o registro do curso. Mas logo o curso começou a funcionar no campus Santa Mônica<sup>20</sup>. Com a mudança de local, o crescimento e as ampliações foram em um ritmo vertiginoso.

Como professora, no final de década de 1950, apenas havia a Yone e eu formadas com diploma em Matemática, depois chegaram a Consuelo<sup>21</sup>, Marlene<sup>22</sup>, Fernandinho<sup>23</sup>, Sandoval<sup>24</sup>,

---

<sup>15</sup> Autorizada a funcionar pelo Decreto nº 47.736, de 2 de fevereiro de 1960. (BRASIL, 1960).

<sup>16</sup> O Decreto de funcionamento nº 47.736, de 2 de fevereiro de 1960 é o mesmo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. (BRASIL, 1960).

<sup>17</sup> Teve vários cargos políticos, entre eles: Vereador, Deputado Estadual, Procurador Geral do Estado de Goiás, isto em outras cidades. Em 1960, em Uberlândia, fundou a Faculdade de Direito e trabalhou no movimento de criação da Universidade de Uberlândia e posteriormente, em sua federalização. Hoje a Faculdade de Direito da UFU leva o seu nome. (GOMES; WARPECHOWKI; NETTO, 2003).

<sup>18</sup> Aparecida Portilho Salazar, chamada de Doca, foi secretária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, na época de sua criação. Atualmente trabalha no setor de Registro de Diplomas da UFU. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>19</sup> Ministério da Educação.

<sup>20</sup> Um dos *campi* da Universidade Federal de Uberlândia. Na época, como retrata a depoente, esse local havia sido doado para a instalação da Universidade de Uberlândia, para mais tarde ocorrer a federalização da Universidade.

<sup>21</sup> Consuelo Maria Garcia de Freitas é nossa colaboradora.

<sup>22</sup> Marlene Daud foi professora da Faculdade de Matemática da UFU, atualmente está aposentada pela UFU. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>23</sup> Fernando Antônio de Freitas é nosso colaborador.

<sup>24</sup> Sandoval Martins da Silva foi professor da Faculdade de Matemática da UFU, atualmente está aposentado pela UFU. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).



os que foram se formando. Esses últimos foram fazer Mestrado e Doutorado fora e voltaram para juntar-se ao grupo da Universidade.

Já era Universidade, a primeira disciplina que lecionei foi Cálculo Vetorial, depois as Geometrias: Geometria Euclidiana, Geometria Plana, Geometria Espacial e Geometria Analítica. Depois fiquei um bom tempo com iniciação ao Cálculo. Eu era lotada no Departamento de Matemática, que oferecia professores para diversas disciplinas nos cursos, como: Medicina, Veterinária, Biologia e Psicologia. Andei fazendo um tour pela Universidade.

Sobre a distribuição de aula entre os professores a coordenação do curso escolhia. Mais ou menos por indicação dos próprios colegas. Fulano é bom nisso, ciclano é bom naquilo. Eles<sup>25</sup> nos consultavam também, para sentir o nosso interesse em lecionar aquela disciplina. Oferecia-se a ementa, cabia ao professor aceitar ou não.

No meu caso, por exemplo, quando comecei a lecionar no ensino superior, recebi a ementa no sábado para estar na sala de aula na segunda-feira, não tinha material algum para preparar a aula que começaria às 7 horas da manhã. Foi uma loucura! Nessa primeira aula, tremia toda até chegar à Universidade. Mas eu sou uma pessoa fora de sala de aula e outra completamente diferente dentro. Quando eu entro sou a professora, aqui fora sou a Márcia Augusta Crosara. E pode me chamar de qualquer nome que respondo, basta levantar o braço. Lá dentro, em sala de aula, não tenho marido, não tenho filhos, não tenho problema, não existe o mundo para mim, existem só os alunos na minha frente e a vontade de trabalhar, vontade de que eles aprendam alguma coisa.

A ementa já estava preparada na coordenação do curso. Quando o professor era convidado, no dia de distribuição das aulas recebíamos a ementa. Tínhamos que elaborar o programa e entregar na coordenação.

Olha, vou te contar, quando fiz o curso, para dizer a verdade não tive um livro escrito em português na biblioteca da Faculdade de Filosofia. Nós tínhamos livros em francês para estudar Geometria Analítica. Os livros de Cálculo estavam todos em inglês, só estudava Matemática com livros escritos em inglês, espanhol ou italiano.

Em Uberlândia, quase não tinha biblioteca, não tínhamos uma bibliografia satisfatória. Quando comecei a lecionar, uma colega falou: “olha estou usando esse livro de Cálculo Vetorial, você pode segui-lo, pois ele segue o programa direitinho, o programa parece que foi feito em cima dele” e foi só ele que tive. A biblioteca era muito rudimentar, tinha poucos livros.

---

<sup>25</sup> A professora Márcia faz referência à época, quando a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia era administrada pelas irmãs.

A biblioteca era bem modesta, depois os professores foram indicando livros para o acervo. O Fernandinho contribuiu muito nisso, a Consuelo demais, então foi melhorando um bocado, e hoje o acervo é até razoável. Em relação ao espaço físico, no Colégio das irmãs era do tipo convencional para a época mesmo, salas de aula, uma do lado da outra, com as portas dando todas para um mesmo corredor que contornava o pátio interno. Essas coisas, salas planas, e carteiras individuais. Agora, quando o curso começou no Campus Santa Mônica, nós tínhamos anfiteatros, salas maiores que comportavam um número bem grande de pessoas. Cheguei a lecionar para uma turma de cento e quinze alunos. Deixava as duas portas laterais abertas e falava: “ninguém é obrigado a ficar aqui dentro, não vou fazer chamada, não vou gastar tempo lendo os cento e quinze nomes, depois ponho presença para todo mundo. Se quiserem aprender alguma coisa podem ficar aqui. Estou aqui para isso! Agora, quem quiser conversar, vai conversar lá fora, tem ar, o ambiente é florido. Vamos fazer silêncio, nós vamos fazer esse trato, vocês vão fazer silêncio quando eu estiver falando e depois podem conversar a vontade, porque vocês vão fazer grupos de oito alunos, dez alunos, podem sentar no chão, onde quiserem, arrumem as carteiras do jeito que quiserem. Porque aqui é uma sala que fica no anfiteatro, vocês podem se deslocar à vontade. A tarefa já está pronta e mimeografada. Qualquer dúvida é só levantar o braço que corro lá”. Atender dez grupos, doze grupos, é simples, individualmente, cento e quinze não é. “E, vocês trocam ideias entre si e qualquer dúvida estou aqui para ajudar”. Assim, tocava o bonde. Depois chegou o Hamilton<sup>26</sup> e dividimos aquela grande turma em duas menores.

Quando o curso de Matemática surgiu na região foi providencial, porque nós não tínhamos professores formados. Os colégios daqui estavam já ficando desesperados, porque não achavam professores formados de jeito algum, tinha que catar a laço um engenheiro que quisesse lecionar Matemática. Mas, mesmo assim, a criação do curso não supria as necessidades na formação de professores. De fato, foi insuficiente, porque a cidade cresceu rapidamente e o número de escolas também. Então se esse ano supria o mercado, o ano seguinte já estava completamente defasado outra vez. Não foi fácil, foi um período bem difícil, mas o grupo de professores trabalhou muito para ajudar nisso. Naquela época, nós tínhamos professores muito dedicados mesmo, hoje eu não sei como está, trabalhávamos com amor e com suor e, sinceramente, espero que assim continuem sempre.

---

<sup>26</sup> A professora Márcia refere-se a Hamilton da Silva que acabara de voltar da pós-graduação. Hamilton da Silva foi professor da Faculdade de Matemática da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

Fiquei por 27 anos no Colégio Estadual e nunca quis pegar cargo algum, de jeito nenhum. Na universidade, peguei a coordenação do Emergencial, porque realmente precisava alguém do departamento para assumir junto com a professora Ida Damis<sup>27</sup> do Departamento de Biologia, pois o objetivo em Uberlândia era dar suporte a professores contratados pelo Estado de Minas Gerais para lecionar Ciências e Matemática.

Esse curso Emergencial foi proposto pelo governo do estado de Minas Gerais. O governo de Minas entrava com os subsídios e a Universidade com a coordenação e oferecia o diploma. Tínhamos vários professores em Minas Gerais prontos para se aposentar e não tinham habilitação, então foi um curso, como o próprio nome diz, emergencial para habilitar esse pessoal. Para você fazer uma ideia, havia professores que participaram desse curso que, como professores em suas localidades de origem, ganhavam dezesseis até dezoito reais por mês de salário. Eles traziam o contracheque para comprovar isso. Eu, como coordenadora, anexava isso na pasta deles.

Então, o governo de Minas Gerais achava que para o professor se sustentar em Uberlândia por um mês para estar estudando dava a ajuda de cem reais de bolsa. Se o salário do professor era de dezoito reais, como conseguia sustentar a família? Isso para você ver a situação em que estavam os professores, porque eles eram apenas contratados, não tinham habilitação, não eram efetivados. Depois que terminaram o curso, passaram a ganhar como efetivos e depois se aposentavam. O salário aumentava bastante.

Esse curso teve uma demanda muito grande. Inicialmente, era para trinta vagas, mas tivemos que trabalhar com quarenta professores. Não havia jeito de excluir ninguém, todos precisavam. Esse curso durou quatro anos e o professor o fazia nas férias escolares. Esse curso existiu em outras áreas. Mas quem ficou responsável foi o pessoal da Secretária de Educação de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Nós, em Uberlândia, ficamos responsáveis pela parte de Matemática e Ciências. Assim, veio gente de todo o Estado de Minas Gerais para Uberlândia para fazer esse curso. Alguns alunos desistiram, a carga era muito pesada. Tinham que acordar cedo, assistir 10 horas/aulas o dia todo, apenas tinham a noite para estudar e preparar as tarefas para o dia seguinte. O curso deixou muita gente estressada, exausta, à beira de estafa. Mas foi muito bom, foi uma experiência boa, a convivência foi ótima, e aos poucos fomos adaptando os conteúdos às reais necessidades que pudemos observar como professores.

Agora, voltando a falar do curso de Matemática. Na época em que fiz o curso de formação de professores em Belo Horizonte, podíamos pedir a habilitação em Desenho, Física

---

<sup>27</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

e Matemática. Ela não era automática. Agora em Uberlândia não me lembro! Apenas lembro-me quando era a Escola de Filosofia em que o curso era Pedagogia com habilitação em Ciências. O aluno formado poderia lecionar Ciências no ginásio e Matemática apenas nas duas séries iniciais (5ª e 6ª séries). Na Escola de Filosofia, nesse curso, a parte de Matemática que os alunos estudavam era bem fraquinha mesmo. O curso era mais um colegial reforçado, um curso de aperfeiçoamento, isso em relação a um curso de Universidade. Não chegava aos pés!

Lembro-me que não participava, não gostava da parte administrativa, apenas participei de grupos de estudos curriculares, algumas adequações e ementas, entre outros. Eu gostava de participar dos Encontros, dos cursos de extensão que eram voltados também para a parte pedagógica. Disso, sempre gostei de participar. Participei na implementação do programa de avaliação SIMAVE – Sistema Mineiro de Avaliação, que teve sede em Juiz de Fora.

Sempre que podia, realizava cursos de aperfeiçoamento na própria instituição, alguns desses cursos fiz em Belo Horizonte, outros em Juiz de Fora<sup>28</sup>. Ia sempre com a Yone, a Marlene e a Nadir<sup>29</sup>.

Ah, os alunos do curso não eram apenas de Uberlândia, mas também da região toda e até de cidades mais distantes. Agora, o nível do nosso aluno caiu muito. Desde a época da Escola de Filosofia, em que fazíamos prova escrita e oral, participo de vestibular. Nunca deixei de participar do processo de seleção. Assim, pude ver a diferença desses primeiros alunos e dos que vieram após essa reforma do governo<sup>30</sup> que unificou todo o segundo grau, dando permissão para o aluno fazer qualquer curso dentro da Universidade. Primeiro, o aluno era direcionado, para se fazer, por exemplo, a área de Ciências dentro de uma Universidade. Para isso você tinha que fazer o curso científico. Para cursar Medicina, Biologia, Matemática, Física, o aluno tinha que fazer o curso científico. Se o aluno fosse estudar algum curso nas humanas ele poderia fazer o clássico. O curso clássico tinha praticamente as mesmas disciplinas, mas não o mesmo Programa, o curso de Matemática era mais simples. A exigência em cada item que era estudado era muito menor no curso clássico do que no científico. Os alunos não tinham o mesmo preparo, aqueles que saíam do clássico em relação aos que saíam do científico. Com essa unificação que o governo fez, que permitia ao aluno que tinha cursado o segundo grau entrar para qualquer curso do terceiro grau, perdeu-se muito em matéria de pré-requisito. Depois, os vestibulares incorporaram a prova tipo teste. Foi uma tristeza, porque o nível dos alunos caiu bastante. No

---

<sup>28</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 600 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>29</sup> Nadir Faria, formada em pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Hoje está professora aposentada pela UFU. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>30</sup> A professora Márcia refere-se à Lei 5692/71. (BRASIL, 1971).

curso de Matemática era assim, entravam trinta porque existiam trinta vagas, mas formaram-se três, algumas vezes formavam-se dois, tivemos turmas em que só um aluno se formou. Porque a peneirada era muito grande e os cursos iniciais foram inchando. A Engenharia foi uma coisa do arco da velha, você nem imagina o tanto que ficou inchado o curso básico da Engenharia. A Consuelo chegava a lecionar até nas férias para esses alunos. Antes de começarem as aulas na UFU, ela dava uma reciclada nesses alunos que iriam fazer o curso de Matemática ou Engenharia, para ver se eles adquiriam algum conceito básico para acompanhar as aulas na Faculdade. Ah, foi difícil, dali para cá o panorama modificou bastante, não sei como está hoje.

Depois que o aluno se formava, ele arrumava emprego. Imediatamente! Enquanto aluno ele já começava a atuar, muitas vezes os melhores conseguiam vagas nas melhores escolas. Eu presenciei, várias vezes e por vários anos, a seguinte situação, antes vou explicar melhor para ficar mais claro. Como me interessava muito pela parte de metodologia e com os estudos da metodologia científica, comecei a desligar um pouco da pedagogia tradicional aprendida na escola. Comecei minha incursão pelos sistemas abertos de conhecimento, inteligência múltiplas, inteligências emocionais, a cidade do cérebro, principalmente da Universidade Holística Internacional, neurolinguística e outros.

À época, comecei a lecionar a disciplina de Prática de Ensino e com o Estágio Supervisionado eu levava os meus alunos para os colégios. Primeiro, eu dava uma espécie de aula de reforço para aqueles alunos que mais precisavam. Eles só entravam na sala de aula que o professor permitia. Nessa disciplina, pedia-se para os alunos apenas auxiliarem o professor tirando dúvidas dos alunos. O professor expunha a matéria do dia e depois ajudava os alunos nas dificuldades de carteira em carteira. Às vezes, pegava uma turminha para uma espécie de aula de reforço desde que o colégio oferecesse espaço adequado. Tínhamos que nos virar, por exemplo, na Escola Messias Pedreiro<sup>31</sup> dávamos esse reforço dentro da biblioteca, imagina se pode. Fazíamos de tudo para poder ajudar um pouco o aluno a se preparar melhor. Presenciei acontecer com nossos alunos do curso de Matemática, quando atuavam como estagiários nas escolas, serem contratados no ano seguinte para atuarem como professores nas escolas. Lembro-me de um caso em que a professora adoeceu e o estagiário assumiu as aulas, depois quem disse que os alunos a aceitaram de volta? Foi um rebu! Isso na Escola Messias Pedreiro. Fizemos abaixo assinado para diretora deixar o estagiário ficar, os alunos do colégio falavam “agora que a gente começou a aprender tem que voltar outra vez para aquela professora?”

---

<sup>31</sup> Escola Estadual de Ensino Médio, fundada em 1977, está em funcionamento. (Fonte: Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, <<http://sreuberlandia.educacao.mg.gov.br/>>. Acessado em 15/05/2018).

Quando estava lecionando, eu gostava muito de aplicar dinâmicas de grupo nas salas de aula onde trabalhava. Desde o tempo lá do Museu até a Universidade. Eu gostava muito de trabalhar com isso, de fazer o aluno se concentrar numa coisa que sozinho iria demorar a acontecer. Naquela época, uma das dificuldades, hoje acho que ainda é maior, era do aluno se concentrar numa coisa, ele é muito dispersivo, ele está lendo aqui, mas está prestando atenção ali. Ele está fazendo uma coisa no computador, está vendo televisão, está escutando som. Hoje o chamamento é muito poluente, até o visual nas ruas. Acho que isso dificulta um pouco a atividade de concentração, que o aluno de hoje não tem tanta quanto o de antigamente. Eu gostava de levar o aparelhinho de som para a sala de aula e colocar uma música. Sabe, música que realmente não era muito do agrado da juventude na época, porque quem é que gostava de ouvir Bach<sup>32</sup>? Só quem tinha uma educação clássica na música para poder gostar. Mas o tipo de música barroca é especial para atingir uma área do cérebro que faz a pessoa relaxar, acalmar e muito próxima da área de atenção.

Uma vez, no começo da aula falei: “vou pôr uma música, vocês fechem os olhos enquanto falo e depois podem fazer o trabalho”. Começamos assim, e depois me falaram: "Uai! Dona Márcia, a senhora desligou o aparelho de som? Não vi quando a senhora desligou". Eu falei: “Não desliguei, a música acabou mesmo”. Eles não perceberam que deixaram de ouvir a música, concentraram tanto a atenção no trabalho. Depois teve um aluno que fez esse depoimento: "Dona Márcia, a senhora é horrível, me arranhou uma maneira de ser mais eficiente no estudo que não posso custear, agora a senhora vai ter que me emprestar os CDs para poder copiar, porque como é que vou fazer, não posso comprar música desse jeito. Lá em casa não tem esse tipo de música". Então eu falei: "Não, tudo bem! Eu mesma levo para você, faço um CD, uma fita, o que for", na época tinha até fita. Eu gostava muito de fazer atividade desse tipo em minhas aulas de metodologia. Principalmente, a parte de jogos. Trabalhei muito com jogos sempre tinha uma participação dos alunos, uma boa aceitação. Gostavam de trabalhar com isso. Foi ótimo. Gostei muito de trabalhar dessa maneira. Construímos muito material, só mais tarde começamos a deixar alguns para o Laboratório de Ensino.

Uma vez, um colega da Faculdade de Matemática comentou contra isso. Estou contando porque não é segredo para ninguém. Ele falou isso em público! Ele achava que a comadre Ione e eu não deveríamos estar numa Universidade porque não fizemos mestrado, não fizemos doutorado, como é que estávamos lá? Continuou dizendo que éramos boas para lecionar no primeiro e segundo grau, mas na Universidade, não. Dizia que não tínhamos preparo científico

---

<sup>32</sup> Johann Sebastian Bach, músico.

para tanto. Depois, esse mesmo professor foi assistir às minhas aulas de Metodologia Científica da Matemática, para poder me substituir. Eu precisava tirar férias antes da aposentadoria, estava com todas as férias acumuladas. Frequentou-as durante um ano, fez todas as tarefas e depois foi se desculpar comigo. Disse: “Acho que essa disciplina não devia ser opcional, tinha que ser obrigatória até para o bacharelado, porque quem sai daqui faz mestrado, doutorado, vem com toda arrogância dar aula, mas não sabe nada de dar uma aula”. Continuou dizendo: “Tenho que dar o braço a torcer, essa disciplina é importante. Sempre critiquei a presença das disciplinas pedagógicas. Sempre fui contra no colegiado, na coordenação, mas agora vejo o valor dela e a sua necessidade no curso. Até no curso de bacharelado ela não deveria ser opcional, deveria ser obrigatória”. Sempre gostei dessa área. Até hoje eu gosto, de vez em quando vejo no computador alguma coisa a respeito. Às vezes, fico até assim um pouco entusiasmada, querendo voltar a fazer pesquisa, mas logo depois desisto.

Sobre o movimento da Matemática Moderna, pelo menos em Uberlândia, foi quase um caos, porque os professores não tinham formação universitária, eram alunos da Engenharia. Os professores não sabiam nada sobre metodologia. E vem o Osvaldo Sangiorgi<sup>33</sup> com toda uma nomenclatura, com uma disposição das coisas da Matemática completamente diferente. Foi uma reviravolta, um alvoroço que você nem imagina. Cheguei a preparar aulas para alguns professores, por escrito, e deixava debaixo do vidro da mesa do seu Vadico, eles apanhavam lá para estudar, para lecionar no dia seguinte.

Para finalizar, bom! Hoje estou um pouco longe, não sei como está, mas foi uma evolução bem rápida, principalmente, com a chegada de mestres e de doutores. Isso foi muito bom! Mas percebíamos que os alunos que chegavam ao curso não estavam preparados para as modificações que pensávamos e sonhávamos em fazer, isso era fato notório. Era muito difícil de implementar mudanças, pois não tinha ninguém para acompanhar.

Eu quero pedir desculpas pela minha pouca memória a respeito dessa parte administrativa que realmente nunca foi minha área de atenção. Sempre gostei de lecionar, amei o que fiz, enquanto fiz. Agora sem saudosismo. Se me pedisse para voltar a lecionar, eu não gostaria, principalmente, por causa dos alunos que temos hoje, deixam muito a desejar em matéria de respeito, de responsabilidade, de se responsabilizar pelo aprendizado. Eles querem

---

<sup>33</sup> Formado em Matemática pela Universidade de São Paulo, em 1943. Foi um dos precursores do Movimento da Matemática Moderna no Brasil. Escritor de livros didáticos, entre eles: SANGIORGI, O. Matemática: Curso Moderno. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1970; SANGIORGI, O. Logica - Matemática. São Paulo - SP: Grupo de Estudos do Ensino de Matemática, 1965; SANGIORGI, O. Matemática e Estatística. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. SANGIORGI, O. Matemática e Estatística para os Institutos de Educação e Escolas Normais. SAO PAULO - SP: Companhia Editora Nacional, 1954. (VALENTE, 2008).

as coisas de graça, parece que pensam em tudo de maneira descartável, hoje uso e amanhã jogo fora, não importa, parece que não dão valor ao conhecimento em si. Sobre isso tenho tristeza de falar, porque vi um declínio ao longo do tempo desse tipo de coisa que me encantava no começo. Por isso gosto hoje de fazer o que eu faço também, de ser dona de casa em tempo integral, de costurar, de bordar, de fazer um crochê, de pintar. Embora não seja artista, não faço obra de arte, sou só copiadora. Copio uma imagem que vejo ali, tento passar do meu modo para o papel, mas não crio nada, não sou artista. Gosto de pintar, porque sempre gostei de desenhar, mas é só isso.



### Professora Consuelo Maria Garcia de Freitas



Fonte: Arquivo pessoal

*O nome da professora Consuelo Maria Garcia de Freitas sempre foi unanimidade nas conversas de corredor que tinha com os professores mais antigos na Faculdade de Matemática (FAMAT). Cheguei ao seu contato telefônico através da professora Maria Teresa<sup>1</sup>. Depois de ligar algumas vezes e buscarmos um dia para o nosso encontro, foi possível marcarmos nossa entrevista para o dia 31 de maio de 2016, às 15h, em sua residência em Uberlândia, num encontro cuja gravação durou 1 hora e 31 minutos. Antes de nossa conversa encaminhei, através da professora Maria Teresa, um roteiro para a entrevista. A professora Consuelo é de família de professores, segundo ela, nascida e criada dentro de escola. Ela foi a quarta professora formada em Matemática a atuar em Uberlândia. Licenciada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, na década de 1960. Voltando para Uberlândia, ministrou aulas no Colégio Estadual de Uberlândia, participou ativamente de todo o movimento de criação dos cursos de formação de professores (de Matemática) e exerceu diferentes cargos administrativos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), entre eles, chefe do Departamento de Ciências Exatas. Ela se aposentou em 1990. Quando a textualização ficou pronta, fui até sua casa para entregá-la, junto com os áudios da entrevista,*

---

<sup>1</sup> Maria Teresa Menezes Freitas é nossa colaboradora.

*a transcrição e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Ela pediu alguns dias para ler e fazer os ajustes necessários. Passados alguns dias, nos reunimos novamente, lemos juntos a textualização e discutimos todas as mudanças solicitadas. Combinamos uma nova data para nos encontrarmos após a realização dos ajustes. Nesse dia, lemos novamente o texto, houve novas mudanças e acréscimos, percebi que a professora se viu na textualização, e a partir disso me cedeu a carta de cessão do material. Na sequência, apresento sua narrativa.*

(\*\*\*)

Sou a Consuelo Maria Garcia de Freitas. Nome de solteira era Consuelo Maria Vieira Garcia. Nasci em Uberlândia, em 29 de novembro de 1946.

Estudei no Colégio Estadual de Uberlândia<sup>2</sup>, hoje conhecido como Escola Estadual de Uberlândia, que eles chamam amavelmente de Museu, porque foi a primeira escola estadual da cidade. Estudei do jardim da infância ao terceiro científico. Meu nome de solteira era Vieira, e meu avô foi diretor desse colégio, Osvaldo Vieira Gonçalves. Ele foi diretor desse colégio durante 28 anos. Sou de uma família de professores. Morávamos no andar de cima do colégio. Lá terminei meu colégio, hoje secundário, mas era o antigo curso científico. Tive como professores engenheiros, médicos e advogados. Eles eram pessoas ligadas à Educação, mas que não tinham formação de professor. Todo o professorado do colégio era muito bom para a época, basta dizer que muitos dos alunos que terminavam o antigo científico no Colégio Estadual de Uberlândia, ao prestar vestibular, seja em São Paulo ou Belo Horizonte, eram sempre os primeiros colocados em todas as áreas, seja de Medicina ou Odontologia ou Engenharia. Esse colégio dava uma base muito boa.

Meus professores específicos de Matemática, que tive no colégio, lembro-me do professor doutor Luís Rocha e Silva<sup>3</sup>, que era professor de Matemática e engenheiro de formação. Ele foi responsável pela construção do Bueno Brandão<sup>4</sup>. Também, lembro-me do

---

<sup>2</sup> Também conhecida por Museu. Localizado no centro de Uberlândia, na Praça Adolfo Fonseca, no Fundinho, foi inaugurada em 1929, o prédio data de 1921. Este prédio foi o primeiro de uma escola a ser tombado em Uberlândia, como Patrimônio Histórico e Cultural do Município. Entre seus alunos ilustres, o cardiologista Adib Jatene e o ex-governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco. Foi o Colégio de maior referência em Uberlândia. (Fonte: GATTI, 2013).

<sup>3</sup> Não foi possível obter outras informações sobre esse professor.

<sup>4</sup> A E. E. Bueno Brandão, é a escola estadual mais antiga de Uberlândia. Construída no coração da cidade, na praça Tubal Vilela, Centro, a instituição centenária teve sua obra iniciada no em 1911 e concluída em 1914. Atualmente, está em funcionamento. (Fonte: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/escola-bueno-brandao-tem-mais-de-100-anos-de-fundacao/>>. Acessado em 21/04/2017).

professor Leônidas de Castro<sup>5</sup>. Ele era professor antigo, não era formado em Matemática e, trabalhava como encanador. Na minha época, ele já era chamado carinhosamente de velho da binga, porque fumava muito, fumava binga<sup>6</sup>, mas era um excelente professor. Tinha o professor Celso<sup>7</sup>, formado em Matemática, depois também foi meu professor de Física. Ele foi diretor do Colégio Estadual de Uberlândia quando completou 40 anos de existência. Também, a professora Yone Vicentini Gomes<sup>8</sup>, que era formada em Matemática.

A professora Márcia Crosara<sup>9</sup> lecionava no colégio, mas ela não chegou a ser minha professora. Antes, também, no colégio tinha o professor Eudócio Casassanta Pereira, além de lecionar no Colégio Estadual de Uberlândia, ele trabalhou no Liceu de Uberlândia. Lembro que ele lecionava Matemática, mas sua formação era em Pedagogia, pelo Instituto Grandery de Juiz de Fora.

A maioria dos professores de Matemática do colégio eram professores de um modo geral na cidade. Eles eram engenheiros, contadores ou funcionários do Banco do Brasil. No caso específico do Colégio Estadual tinha o Daltro Cattani<sup>10</sup>, funcionário do Banco do Brasil, onde trabalhava durante o dia e à noite lecionava no Colégio. Também me lembro do Orlando Volati que era contador. Ele iniciou o magistério no Colégio Regina Pacis<sup>11</sup>, em Araguari. Fez curso

<sup>5</sup> Não foi possível obter outras informações sobre esse professor.

<sup>6</sup> Trata-se de um isqueiro antigo, pode ser feito de latão, com formato de um projétil, abastecido com gasolina para embeber o algodão cru e pavio. Ou pode ser feito de chifre de boi, com um recipiente com cinza de pano bem compacto. O atrito entre duas pedras apropriadas produzia fagulha que ardia no tecido permitindo acender o cigarro de palha. (Fonte: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Binga\\_\(isqueiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Binga_(isqueiro)) >. Acessado em 20/04/2017.

<sup>7</sup> Celso Correia dos Santos, formado em Matemática pela Universidade de São Paulo, campus São Carlos. Ele foi professor da Faculdade de Computação da UFU e, aposentou-se pela UFU. (Informações – Secretaria da Faculdade de Computação da UFU).

<sup>8</sup> Yone Vicentini Gomes, formada em Matemática pela Católica de Campinas, na década de 1950. Segundo o professor Fernando foi a primeira a lecionar com formação específica, em Matemática, na cidade de Uberlândia. Foi uma das fundadoras do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Depois da federalização da Universidade, a partir de 1978, foi professora do Departamento de Ciências Exatas da UFU. Aposentou-se pela UFU e, faleceu em 2014, aos 84 anos. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>9</sup> Márcia Augusta Crosara é nossa colaboradora.

<sup>10</sup> Professor Daltro Cattani, no final da década de 1940 e início da década de 1950, em Uberaba, fez o Colegial e um curso Técnico de Contabilidade, na sequência cursou Direito, na Faculdade do Triângulo Mineiro e começou a lecionar Matemática em escolas de segundo grau, até passar em um concurso do Banco do Brasil e mudar-se para Uberlândia, em 1958. Em Uberlândia, enquanto trabalhava no Banco do Brasil, foi professor de Matemática lecionando em diferentes escolas, como no Liceu de Uberlândia, no Colégio Brasil Central, no Colégio Nossa Senhora das Dores e na Escola Estadual de Uberlândia, onde foi convidado, pelo diretor, a fazer o processo seletivo para professor efetivo, ficando até aposentar. Fonte: Correio de Uberlândia. (Fonte: < [www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/bancario-daltro-cattani-se-diz-agradecido-por-conhecer-uberlandia](http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/bancario-daltro-cattani-se-diz-agradecido-por-conhecer-uberlandia) >. Acessado em 07/03/2017.

<sup>11</sup> Aberto em 18 de maio de 1926 com uma missa campal. O Colégio era dos padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, provenientes da Holanda. Em 1972, todo o patrimônio do Colégio foi doado para a Fundação Municipal de Ensino, que era a entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI). O Colégio funcionou até 31 de dezembro de 1996, depois permanecendo somente no local a FAFI. (NAVES; RIOS, 1998).

preparatório com Osvaldo Sangiorgi<sup>12</sup> e chegou a ser vice-diretor do Colégio Estadual de Uberlândia.

A dona Yone e a dona Márcia foram as primeiras professoras formadas em Matemática de que tenho conhecimento, que vieram para Uberlândia. Depois, quando já estava na quarta série ginásial, chegou o professor Celso Correia dos Santos, veio mais para lecionar Física. Porque nessa ocasião e inclusive quando me formei, o professor de Matemática, o licenciado em Matemática, tinha “direito” de lecionar Física e Desenho, porque fazíamos Física e Desenho, e talvez pela falta de professor nos davam esse direito em registrar o diploma no MEC<sup>13</sup>. Assim, você escolhia na primeira opção, logicamente, Matemática. E, a segunda opção era ou Física ou Desenho. Fiz minha opção para Física.

Na minha época, saímos de Uberlândia para fazer vestibular em Belo Horizonte, específico de Matemática. Comigo foram a Maria Suzana Balparda<sup>14</sup> e a Alcione<sup>15</sup>. Mas a Alcione se formou depois em Matemática em Uberlândia. Ela não ficou em Belo Horizonte. Quando fui para Belo Horizonte, em 1965, fazer o curso de Matemática, fiz na Faculdade de Filosofia, Ciências e letras de Belo Horizonte. Em Uberlândia já existia o curso de Engenharia, se não me engano, estava começando na Faculdade Federal<sup>16</sup>! Na ocasião, meu pai não queria que sáisse, eu agradeço muito a dona Yone, porque ela é que falava que eu queria fazer Matemática e não Engenharia e, também, o meu avô<sup>17</sup>. Assim, saí da cidade para estudar. Fui para a cidade onde o meu namorado estava, hoje meu esposo. Mas não achava muito bom morar em Belo Horizonte. Fiz opção para fazer Matemática, um pouco por influência da estrutura de família. Sou de uma família de professores, uma família que sempre mexeu com escola, e

---

<sup>12</sup> Formado em Matemática pela Universidade de São Paulo, em 1943. Foi um dos precursores do Movimento da Matemática Moderna no Brasil. Escritor de livros didáticos, entre eles: SANGIORGI, O. Matemática: Curso Moderno. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1970; SANGIORGI, O. Logica - Matemática. São Paulo - SP: Grupo de Estudos do Ensino de Matemática, 1965; SANGIORGI, O. Matemática e Estatística. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. SANGIORGI, O. Matemática e Estatística para os Institutos de Educação e Escolas Normais. SAO PAULO - SP: Companhia Editora Nacional, 1954. (VALENTE, 2008).

<sup>13</sup> Nessa época, significava Ministério da Educação e Cultura. Atualmente, apenas Ministério da Educação. (Fonte: < <https://www.mec.gov.br/> >. Acessado em 07/03/2017).

<sup>14</sup> Maria Suzana Balparda Faria, depois de casada passou para Maria Suzana Balparda de Carvalho, professora aposentada do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais. (Fonte: < <http://www.mat.ufmg.br/site/professores-aposentados/> >. Acessado em 19/02/2017).

<sup>15</sup> Alcione Santos de Lima, formada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. (FAFIU, 1985).

<sup>16</sup> Foi o primeiro curso a se tornar federal, mesmo antes da federalização da Universidade Federal de Uberlândia que ocorreu apenas em 1978. A Faculdade de Engenharia de Uberlândia foi criada através da Lei nº 3.864-A, artigo 4º de 24 de janeiro de 1961, no final do mandato do Presidente Juscelino Kubitschek. (PEDROSA; GONÇALVES NETO, 2002).

<sup>17</sup> Osvaldo Vieira Gonçalves, conhecido por Vadico. Foi fundador e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, lecionando várias disciplinas, entre as quais Filologia, mas sua formação era em Farmácia. Também foi Diretor da Faculdade de Odontologia em Uberlândia. (GATTI, 2013).

também, principalmente, pela dona Yone. A dona Yone abriu o meu horizonte na Matemática, era uma professora que exigia muito, uma professora que apertava muito, mas era uma pessoa justa, uma pessoa que tinha o dom da didática, ela nasceu para ensinar. Posso dizer que a dona Yone me despertou para Matemática. Depois o professor Celso, também me influenciou muito, apesar de que ele falava muito que não se conformava de eu não ter ido para o lado da Física. À época, se não me engano, quando voltei para Uberlândia, fui a primeira a voltar, depois desses três, com formação específica em Matemática, porque a Maria Suzana Balparda ficou em Belo Horizonte para trabalhar na UFMG e eu voltei. Formei-me em 1968.

Eu tive a sorte de ter professores excepcionais, entre eles, um que me marcou muito, na verdade foram dois: Mario de Oliveira e o Aristides Camargo Barreto.

O professor Mário de Oliveira era formado em Engenharia, ele foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte<sup>18</sup>. Havia um cursinho que levava o nome dele, e funcionava em frente do antigo local onde funcionava a Assembleia, no 2º andar de um sobrado. Isso aconteceu nas décadas de 1950 e 1960.

O professor Aristides Camargo Barreto, ele trabalhou no IMPA<sup>19</sup>. O professor Aristides não era professor de Matemática, nem bacharel, nem licenciado, era engenheiro de formação, mas era também uma pessoa de didática muito boa, ele falava o seguinte: "o bom professor universitário é aquele que aprendeu, entre aspas, a lecionar no ginásio, porque ali com o adolescente é que você realmente aprende a didática". Ele precisou trabalhar para se formar, teve essa dedicação ao ensino de ginásio, antigo científico, enquanto fazia faculdade. Quando estava no segundo ano de faculdade, ele abriu o Colégio Universitário<sup>20</sup> da UFMG, em Belo Horizonte e o professor Aristides achou por bem que eu devia lecionar nesse local. Convidou-me e fui. Chamou duas alunas, eu, que fazia Matemática e uma outra aluna<sup>21</sup> que cursava Engenharia. Fomos nós duas para o Colégio Universitário. Assim, comecei a lecionar muito nova, quando vim para Uberlândia já tinha experiência, porque já lecionava no Colégio Universitário desde a sua fundação. Era um Colégio no qual havia os professores do Departamento de Matemática da UFMG, que lecionavam e também alguns alunos do curso de Matemática. Foi nessa época, em 1964, que começou-se a exigir a formação em Matemática

---

<sup>18</sup> Segundo a professora Consuelo, a Faculdade foi incorporada pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. (Fonte: < <http://www.unibh.br/o-unibh/> >. Acessado em 07/03/2017).

<sup>19</sup> Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada é um dos institutos de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil, localizado no Horto do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. ( Fonte: < <https://impa.br/> >. Acessado em 07/03/2017).

<sup>20</sup> Colégio Universitário foi fundado em 1966. Ele tinha apenas o 3º colegial, tinha como objetivo preparar o aluno para o vestibular. (Fonte: < <https://www.ufmg.br/boletim/bol1344/quarta.shtml> >. Acessado em 07/03/2017).

<sup>21</sup> Não foi possível obter outras informações sobre essa professora.

para lecionar na Educação Básica e muitos engenheiros começaram a prestar vestibular para Matemática na UFMG, para ter a habilitação na área. Já tinha professor formado em Matemática, mas havia muitos engenheiros, mesmo no Colégio Universitário que era mais um terceiro colegial. Esse Colégio era diferente do Colégio Aplicação<sup>22</sup>, porque esse último era voltado para as aulas de Didática da formação do professor. Já o Colégio Universitário tinha o objetivo de preparar o aluno para o vestibular. Voltei para Uberlândia no fim de 1968. Nesse ano, fiz o concurso para trabalhar no Colégio Estadual de Uberlândia.

Em 1969 eu vim lecionar em Uberlândia. Na ocasião, a dona Yone lecionava Fundamentos de Matemática, a dona Márcia não lecionava ainda na Universidade. Ela foi uma das que abriu o curso, foi uma das que deu o nome para abrir o curso, mas não começou a lecionar direto, acho que é por causa de tantos filhos que tinha. Nós até brincávamos que a dona Márcia tinha um filho por ano.

Tinha o professor Pepe<sup>23</sup>, que lecionava na Engenharia e, também, no curso de Matemática, na disciplina de Cálculo. Tinha o doutor Ênio<sup>24</sup> que lecionava Geometria Analítica e não me engano e, também, me lembro do Wilton Jorge<sup>25</sup> que lecionava Física e Matemática. Ele era biomédico e lecionava Física no colégio estadual, mas não tinha licenciatura.

Quando cheguei a Uberlândia, fui a quarta formada na área específica para lecionar no curso de Matemática. Foi quando comecei a trabalhar com Álgebra. Antes de mim, quem lecionava Álgebra era o pessoal da Economia, se não me falha a memória, ele era mestre em Economia, chamado Renato Campelo<sup>26</sup>, e depois ele mudou-se de Uberlândia.

Recapitulando, vim para Uberlândia em 1969, fiquei um ano, voltei para Belo Horizonte, porque quando estudava lá comecei minha carreira docente no segundo ano de Faculdade. Prestei concurso na UFMG e fiquei até meados de 1971. Foi quando retornei a Uberlândia porque o meu marido veio para a Faculdade de Medicina, que era uma instituição particular. Ele era concursado na UFMG também, mas a disciplina dele não tinha quem desse

---

<sup>22</sup> Segundo a professora Consuelo, o Colégio de Aplicação funcionava junto à Faculdade de Filosofia, na rua Bahia, os alunos que cursavam a Faculdade realizavam ali os seus estágios.

<sup>23</sup> José Pepe Júnior, formado em engenharia pela Faculdade de Engenharia do Triângulo, em Uberaba. Aposentou-se pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>24</sup> Ênio Vilela de Andrade, formado em Engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, foi um dos fundadores do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Na época, lecionava na Faculdade de Engenharia Federal. Depois da Federalização, a partir de 1978, foi professor do Departamento de Ciências Exatas, lecionando para os cursos de Matemática e Engenharia a disciplina de Geometria Analítica. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>25</sup> Wilton Jorge, formado em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituiutaba. Aposentou-se como professor da UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>26</sup> Renato Campelo, formado em Economia, lecionava a disciplina de Estatística. Aposentou-se na Universidade Federal de Goiás (UFG). (Informações - Faculdade de Matemática da UFG).

em Uberlândia. Como nossa família é toda de Uberlândia, ofereceram para ele a disciplina. Assim, continuei lecionando Álgebra, mas agora em Uberlândia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Na época, na Faculdade de Filosofia havia o curso de Pedagogia, que era um curso que formava professores. Os professores que eram formados nesse curso tinham o direito de lecionar Matemática<sup>27</sup>. Lembro-me de uma professora do Departamento de Matemática, a Marlene Daud<sup>28</sup>. Ela era pedagoga, lecionava no Colégio Estadual, no Curso de Pedagogia e no Curso de Matemática, sendo responsável pela parte de Prática de Ensino. Comecei a lecionar em agosto de 1971, quando a primeira turma do curso de Matemática estava se formando.

Para o reconhecimento do curso de Matemática, a irmã Ilar<sup>29</sup> fez uma série de reuniões com os professores, porque vinha a comissão para fazer o julgamento do curso. Eles viam a titulação e a estrutura física. Como a Faculdade funcionava no colégio das freiras, já tinha uma estrutura montada, de salas de aulas, de biblioteca, de sala de laboratório, de tudo. Durante o dia funcionava o colégio das irmãs que se chamava Colégio Nossa Senhora das Dores<sup>30</sup>. A estrutura física era boa. O que faltava depois da criação do curso era uma biblioteca estruturada para atender os alunos. Como eram poucos alunos, a turma tinha por volta de uns dez alunos, no máximo, eles compravam os livros. Lembro-me bem que os professores Pepe, Ênio, dona Yone, dona Márcia e eu pegamos todos os nossos livros e levamos para escola, para a biblioteca poder ter os livros que eram exigidos.

Atualmente, não sei como funciona essa parte de criação de cursos, e hoje na UFU fica “fácil”, porque já têm vários doutores, vários mestres. Naquela ocasião você não tinha isso, quando eu voltei para Uberlândia não tinha começado nem mestrado na UFMG. Se não me engano, começou a funcionar o mestrado na UFMG em 1972 ou em 1973. Quem queria fazer mestrado e doutorado tinha que ir para o Rio de Janeiro no IMPA ou ir para São José dos Campos no ITA<sup>31</sup>. Por sinal, o professor Aristides saiu da UFMG e foi para o IMPA e ficou por lá. Eu fiz assim, como vim para Uberlândia já casada, tive meus meninos. Era muito difícil para sair, então, como tinha amizades na UFMG, tinha uma ex-colega de ginásio que é a Maria

---

<sup>27</sup> Segundo a professora Consuelo, no currículo do curso de Pedagogia antigo, assim como no currículo do curso de Ciências, existiam matérias básicas de Matemática e Prática de Ensino que permitiam ao professor que se formava por esse curso lecionar Matemática para a 1ª até 4ª série do primário.

<sup>28</sup> Marlene Daud, formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e letras de Uberlândia. Hoje é professora aposentada da Universidade Federal de Uberlândia. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>29</sup> À época, na direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras estava a irmã Ilar Garotti. (FAFIU, 1985).

<sup>30</sup> Colégio fundado em 1932, está em funcionamento até os dias de hoje com o nome de Colégio Ressurreição Nossa Senhora. (Fonte: < <http://ressurreicaouberlandia.com.br/> >. Acessado em 15/05/2018).

<sup>31</sup> Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

Suzana Balparda, tinha o Vivaldo<sup>32</sup> que era meu colega de ginásio no científico, mas fez Engenharia e era do Departamento de Matemática. Tinha o Carlos Afonso<sup>33</sup> que tinha sido meu professor, a UFMG estava se estruturando para montar o programa de mestrado. Eu aqui em Uberlândia estava como chefe de Departamento, na ocasião, fui até Belo Horizonte para trazer um curso, um mestrado para nós. Foi impossível trazer um mestrado, então propuseram que fizéssemos algumas disciplinas do mestrado. Eles vinham e davam as disciplinas em Uberlândia. Precisávamos ter uma turma que inclusive conseguisse bancar financeiramente os professores da UFMG para viajarem até Uberlândia. A turma era pequena, mas conseguimos que os professores viessem dar o curso de especialização. Dessa forma, todos aqueles que apenas tinham a graduação puderam fazer essa especialização.

Pouco antes dessa ocasião, tinha voltado da PUC<sup>34</sup> do Rio de Janeiro com o mestrado em Matemática, o Fernandinho<sup>35</sup> que tinha sido nosso aluno na Faculdade de Filosofia. Como na época não tinha concurso, ele convidou para vir do Rio o Eugênio de Paula<sup>36</sup>, o Luís Salomão<sup>37</sup> e a Maria Inês<sup>38</sup>. Eles já tinham o mestrado.

Voltando ao início do curso de Matemática, enquanto a Faculdade não havia se tornado Universidade Federal, passamos alguns apertos. Porque a Faculdade, principalmente, o curso de Matemática era um curso deficitário, tinha poucos alunos. Era um curso que não cobrava um absurdo. Naquela época, ganhava-se relativamente bem no Estado. Como éramos concursadas no Estado, tínhamos o direito de escolher as aulas. No caso específico, a dona Yone e a dona Márcia tinham direito de escolher primeiro as aulas, depois seria eu, em seguida a Marlene que

---

<sup>32</sup> Vivaldo Rezende Filho formou-se em Engenharia, pela Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, depois foi professor do Departamento de Matemática, dessa mesma Instituição. (Fonte:< <http://www.mat.ufmg.br/site/professores-aposentados/> >. Acessado em 19/02/2017.

<sup>33</sup> Segundo a professora Consuelo, Carlos Afonso Rego iniciou seu curso de Matemática na Católica de Belo Horizonte, hoje PUC Minas. Com o fechamento do curso de Matemática nessa Instituição, foi terminar sua formação em Matemática na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte e, depois, professor da UFMG. (Fonte:< <http://www.mat.ufmg.br/site/professores-aposentados/> >. Acessado em 19/02/2017.

<sup>34</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>35</sup> Fernando Antônio de Freitas é nosso colaborador.

<sup>36</sup> Eugênio de Paula, formado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, Campus Rio Claro, atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>37</sup> Luiz Antônio Salomão, formado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, Campus Prudente, atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>38</sup> Maria Inês Salomão, formada em Matemática pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, Campus Prudente, atualmente está aposentada pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).



também já era concursada. O Gilton<sup>39</sup>, o Fernandinho, o Mauricio Almeida<sup>40</sup> eram nossos alunos que precisavam trabalhar para se manter em Uberlândia e pagar a Faculdade. Vamos falar assim, para o curso não fechar, porque as meninas do curso, de um modo geral, a Raquel<sup>41</sup> e a Rosa<sup>42</sup>, a Rosa lecionava em curso primário, elas já tinham alguma atividade, os demais não. O que a gente fazia? Procurávamos lecionar à noite, em dias intercalados com as aulas da Faculdade de Filosofia. O Colégio Estadual ficava próximo da Faculdade. Isso nos ajudou, pois conseguíamos controlar os horários de aula num lugar e no outro. Com isso, lecionávamos à noite, para que nossos alunos começassem a trabalhar de dia. Dessa forma, eles teriam condições para pagar o curso de Matemática, de estudar e já, dessa forma, irem adquirindo alguma experiência. Nessa ocasião, a Faculdade de Filosofia passava por problemas financeiros. Ocorreu isso não só com o curso de Matemática, mas com outros cursos. Como os professores do curso de Matemática tinham uma renda de professor de Estado, dávamos um tanto de aula de graça na Faculdade de Filosofia para os cursos não fecharem. Em 1976, o Renato de Freitas<sup>43</sup> era prefeito, e conseguiu alguma ajuda em dinheiro da sociedade para a Faculdade de Filosofia não fechar.

Quando fomos para o Campus do Santa Mônica<sup>44</sup>, em termos de estrutura, nós penamos muito. O curso de Engenharia era em tempo integral, mas as provas eram únicas e eram realizadas à noite. Não havia essa estrutura de hoje na Universidade, esses prédios. Na época, tínhamos o prédio B que era do básico, o antigo prédio dos padres, a Faculdade de Engenharia começou a funcionar no prédio mais antigo do campus Santa Mônica, era o local do seminário, por isso chamavam o prédio dos padres e depois começaram a chamar de Mineirão. Também, na época, havia mais dois prédios na UFU.

Quando todos os cursos - Letras, Pedagogia, História, Geografia, Matemática, Economia, foram para o Santa Mônica, eles funcionavam à noite, o que acontecia? Quando era

---

<sup>39</sup> Gilton dos Santos Anjos, formado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, foi professor da Faculdade de Matemática da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>40</sup> Mauricio de Almeida, formado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Foi professor da Faculdade de Matemática da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>41</sup> Raquel Menezes Degani, formada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia em 1971, lecionou no curso de formação de professores de Matemática da UFU, atualmente está aposentada pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>42</sup> Rosa Santos Anjos, formada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. (FAFIU, 1985).

<sup>43</sup> Renato de Freitas, formado em Engenharia, pela Escola Federal de Engenharia de Uberlândia, foi professor da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Engenharia da UFU).

<sup>44</sup> Trata-se de um dos *campi* da Universidade Federal de Uberlândia que ainda possui o campus do Umuarama, o da Educação Física e o do Glória. ( Fonte:< <http://www.ufu.br/santa-monica> >. Acessado em 23/02/2018).

dia de prova da Engenharia não tinha sala para lecionar. Tinha estrutura, mas não tinha sala. Quase dei aula no pátio, porque não tinha uma estrutura específica para o curso de Matemática.

Depois que federalizou, estávamos com muitos cursos. A Universidade foi dividida em departamentos. O Departamento de Matemática, antigamente, chamava Departamento de Ciências Exatas, tinha a Matemática, a Física e a Resistência de Materiais. Apenas depois disso o curso foi tendo uma estrutura melhor. Vamos dizer assim, mais respeito com o aluno do curso de Matemática e com o professor do curso de Matemática, por quê? Porque o pessoal não aceitava muito, no curso de Engenharia, quem não fosse Engenheiro para lecionar Cálculo, Geometria Analítica. Foi de acordo com a necessidade do curso de Engenharia, ao aumentar o número de turmas, e devido ao número de reprovação nessas disciplinas que foram aceitando os professores de Matemática. O pessoal da Engenharia tinha a mentalidade que o professor de Matemática, formado em Matemática, não era o ideal para lecionar na Engenharia. Eu não sei se é porque, na época, não era todo mundo que fazia bacharelado, porque a opção foi o curso de licenciatura em Matemática e não foi bacharelado em Matemática.

Em 1970, abriu-se também, na Faculdade de Filosofia, o curso de Ciências. Nesse curso havia disciplinas de Matemática. Quando esse curso veio para Universidade, depois de federalizada, ficou integrado ao curso de Biologia e foi estabelecido o curso de Ciências com habilitação em Biologia e em Matemática. Ele formava professor de Matemática para lecionar no 1º grau. Esse curso evoluiu dentro do curso de Biologia, em que o professor que se formava podia dar aula para o curso científico na época, depois segundo grau. Lecionei no curso de Ciências quando era na Faculdade de Filosofia.

Na ocasião da Federalização, o curso de Matemática foi para o Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, onde havia os cursos básicos de Engenharia. No Centro de Ciências Humanas ficou Direito, Economia, Administração, História, Geografia, Letras. E o Centro de Ciências Biológicas ficou com Odontologia, Veterinária, Medicina, Biologia e o curso de Ciências. Como no curso de Ciências tinha Matemática, no curso de Medicina, Odontologia, Biologia tinha Estatística, os professores do Departamento de Matemática iriam ministrar aulas no outro campus que era em Umuarama.

Quando estava na Universidade, à época da federalização, a dona Márcia estava se aposentando num cargo que tinha do Estado. Nós começamos a dar muitos cursos para os professores. Eram cursos de especialização para professores da região. Esses cursos tiveram início na disciplina de Prática de Ensino. Nós pegávamos os alunos da graduação que iriam para a escola do Estado, montávamos os cursos, os orientávamos a ministrar esses cursos nas

próprias escolas. O trabalho era feito com material, com modelo. Sou muito a favor do modelo para ensinar Matemática. Não adianta você ensinar que dois mais dois são quatro. Acho que se você faz a criança enxergar o que ela comprou, o que ela fez, é melhor. Você desde cedo dando um modelinho para ela, ela aprende. Dessa forma, começamos a montar na Universidade esses cursos. Primeiro montamos cursos mais restritos, só para Uberlândia, depois para Araguari<sup>45</sup> e Ituiutaba<sup>46</sup>. Esses cursos eram dados no fim de semana, sábado e domingo. Era mais difícil para eles virem, mas tinha uma frequência muito boa. Eu não sei como está hoje. O que estão ministrando, mas começamos com isso na escola. Eu acho que se a Universidade não for às escolas, acho muito difícil a escola ir à Universidade, porque ainda tem aquele receio do professor da escola com o doutor da Universidade. Ainda tem um receio, ainda tem um respeito que eu diria até que é um medo do que o doutor vai achar do professor. E o doutor não tem que achar nada dele, porque o doutor está ali para aprender, também. Não sei, francamente, como está na Universidade, hoje. Mas, no início, os professores que ingressaram na Universidade eram por meio de convite. Havia o pessoal que estava chegando, entusiasmado para trabalhar. Lembro-me quando veio o Cícero<sup>47</sup>, o Ruy<sup>48</sup>, o João<sup>49</sup> para a Universidade. Se não me falha a memória, isso foi em 1980 quando eu estava como chefe de departamento. Eles prestaram concurso. Eram meninos de tudo! Eu achava que, apesar de ter me formado nova e começado a lecionar nova, à época, eu achava que eles eram meninos. Por que achava que eles eram meninos? Porque tiveram uma oportunidade na UFMG de virem já com o mestrado, outros já estavam acabando o doutorado. Eles brincavam muito comigo, quando eu era chefe de departamento, que eles vieram prestar o concurso, e falavam assim: "Nossa! A Consuelo agora arrumou uma meninada. São os meninos da Consuelo". O Ruy saiu, o João está na Computação e o Cícero é o único que continua ainda na Faculdade de Matemática, na época, ainda era o Departamento de Ciências Exatas. Penso que o sangue novo na escola ajuda muito. Mas tem que ser um sangue novo que tenha entusiasmo para essa área da Educação. Porque o que move a Educação num país é a base que vai entusiasmar o menino, a ter a repetência mínima, para que continue estudando. Eu não estou falando que todo mundo tem que ter o curso superior,

---

<sup>45</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está, aproximadamente, a 37 km de distância de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017)

<sup>46</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está, aproximadamente, a 138 km de distância de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>47</sup> Cícero Fernandes de Carvalho é professor da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>48</sup> Segundo o professor Fernando Antônio de Freitas, nosso colaborador, o professor Ruy atualmente está aposentado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>49</sup> João Nunes é professor da Faculdade de Computação da Universidade Federal de Uberlândia. (Informações – Secretaria da Faculdade de Computação da UFU).

não! Falta muito curso técnico nesse país. Falta muito técnico, mas o técnico, inclusive, precisa do que? Dessa base Matemática.

Logo no início quando a Universidade foi federalizada ainda não havia concursos. A Universidade não abria concurso, ninguém queria vir para cá. Os professores não queriam vir para Uberlândia porque a estrutura de prosseguir os estudos era muito difícil e alguns não queriam vir para o interior. Os professores eram convidados! Assim vieram o Salomão, a Maria Inês, o Eugênio.

Como não estava na formação do curso, à época, acredito que foi necessário mandar o nome do professor e o currículo. Penso que a dona Yone, dona Márcia, professor Pepe, professor Ênio devem ter participado da elaboração das ementas.

Quando eu cheguei a Uberlândia, fui dar aula de Álgebra. Dessa disciplina montei a ementa. Para ser honesta não sei nem como era. Porque quando cheguei quem tinha montado a ementa da disciplina tinha sido o Renato Campelo, porque ele era mestre e tinha feito alguma coisa no mestrado sobre Álgebra de Boole, então ele lecionava Álgebra. Quando montei a ementa, fiz baseado naquilo que havia visto em Belo Horizonte. O Fernandinho brinca muito comigo, ele fala que passou no concurso graças às minhas aulas. Ele brinca muito comigo, até hoje: "Eu passei no concurso do Estado, graças à Álgebra de Boole da Consuelo". Nós fazíamos qualquer negócio para esses meninos se formarem. Não no sentido de que eles iriam se formar sem saber, de dar nota. Não era isso! A gente fazia qualquer negócio para eles aprenderem a lecionar. Íamos para a sala de aula com eles, montávamos aulas para eles, explicávamos o que não deveria ser feito. Assistíamos às suas aulas. Depois da reestruturação do curso, pois não existia a disciplina de Prática de Ensino de Matemática, as aulas práticas ocorriam nas escolas públicas, e depois disso começaram as Práticas de Ensino.

Aposentei-me no dia em que fiz 25 anos de escola. Eu comecei a lecionar quando tinha 19 anos, no Colégio Universitário, na UFMG, com carteira assinada. Porque aposentei? Apesar de estar muito nova, não me arrependo, trabalhando mais na Engenharia, comecei a achar que os alunos estavam chegando muito sem base. Cada ano que passava, você tinha que se dedicar mais, e mais, e mais. Não estava vendo tanto retorno. A falha era naquele menino que chegava com dezesseis anos, não sabia o que queria, não sabia se era aquele curso mesmo que queria, e não tinha base nenhuma de Matemática. Nós chegamos a dar um semestre, fizemos uma experiência, o chamado Cálculo Zero. Para aqueles alunos que ficaram para entrar na Faculdade no segundo semestre nós os chamamos para virem um semestre antes para assistirem às aulas. Assim, os preparávamos para o Cálculo, a Geometria Analítica tamanho era o índice de

reprovação. Eu estava em uma fase de vida em que filho iria se casar. Queria cuidar de neto, então eu falei: eu vou aposentar para poder parar um pouco, descansar um pouco, para ter um tempo para depois me dedicar ao neto, à escola do neto, à educação de neto, então me aposentei por isso.

Na Universidade além de ser professora, fui chefe da Câmara de Matemática, chefe de Departamento, coordenadora de curso e gerente da divisão de ensino. Porque mesmo lecionando, eu trabalhava nessa área para poder ajudar administrativamente. Trabalhei muito com vestibular, mas não na chefia de vestibular, à época, era o José de Paula<sup>50</sup>. Eu acho que numa instituição em que você trabalha, seja ela particular, seja ela do governo, se cada um não fizer sua parte, aquilo não vai para a frente. Eu acredito que o curso de Matemática foi para a frente, porque tinha pessoas como a dona Yone, como o professor Pepe, como o professor Ênio, como o Gilton Jorge, como o próprio Renato Campelo que ficou aqui pouco tempo, eles se dedicaram para abrir um curso. O curso era particular, ninguém ganhava rios de dinheiro e não era esse o objetivo. O objetivo era melhorar o ensino na cidade. Acho que se você não se dedicar para melhorar aquilo, se você não der de volta para o país aquilo que o país lhe oferece, mesmo que ele esteja te oferecendo muito pouco, você tem que se dedicar um pouco, um pouco mais, trabalhar mesmo. Teve uma ocasião em que, quando eu estava trabalhando na diretoria acadêmica na parte da DIARE<sup>51</sup>, o professor Antonino<sup>52</sup>, que era o reitor, trouxe um programa, se não me engano, chamava Sócrates. Era um programa de computador para fazer matrícula de aluno, e esse programa tinha a intenção de acabar com o resíduo, porque estava tendo muito aluno para ser jubilado, então dava preferência para esse aluno. Chegou num ponto em que a bagunça que o programa fez foi tão grande, porque ele atendia isso, mas não ia formar ninguém. Os que estavam regularmente matriculados não encontravam vagas disponíveis nas disciplinas para eles. Lembro-me que nós passamos a sexta e o sábado, varando o dia e noite até domingo para regularizar a matrícula da Universidade inteira, porque senão não formaríamos aluno nenhum. Quer dizer, se você não tem uma dedicação a isso e não pensa no seu aluno, não adianta.

A maioria de nossos alunos eram de Uberlândia, mas tínhamos alunos que vinham da região, inclusive, no começo tinha o Fernandinho, o Gilton, eles eram de Araguari. Agora,

---

<sup>50</sup> José de Paula Carvalho, formado em Engenharia Química, em Belo Horizonte. Ele foi professor da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Engenharia da UFU).

<sup>51</sup> Divisão de Arquivo Registro Escolar

<sup>52</sup> Antonino Martins da Silva Junior, formado em Engenharia em Ouro Preto. Foi professor, chefe de Departamento, Diretor de Faculdade, Pró-reitor e Reitor Pro-Tempore de 1967 até 1991. Aposentou-se pela UFU. (Fonte: Faculdade de Engenharia da UFU).

depois da federalização começaram a vir mais alunos de fora. Não sei como é que está hoje, ao contrário do meu objetivo que era fazer Matemática e não Engenharia, tinha muito aluno que entrava no curso de Matemática porque não conseguia passar em Engenharia. Aí é que mora o perigo, porque, inclusive, teve muito aluno que abandonou o curso. Mas isso acontecia muito na Universidade, muito aluno que não passava em Medicina e que se matriculava em Odontologia, em Veterinária. Tinha muito disso. Acho uma falha, porque o professor já é consciente de que, infelizmente, nós moramos num país que não valoriza o professor financeiramente. Mas, se está disposto e é o quer, tem que esquecer que é mal remunerado, que não vai ficar milionário, que vai passar aperto, e que tem que se dedicar ao ensino. Não é fácil ser professor. Antigamente, falavam que professor é sacerdócio. Acho que isso ainda vale muito até hoje. Ser professor não deixa de ser um sacerdócio.

Sobre as influências que o curso obteve em relação à legislação educacional, a Doca<sup>53</sup> poderá nos auxiliar, posso buscar junto a ela a estrutura curricular, não sei o que fizeram dos arquivos. Mas a irmã Ilar sempre foi muito exigente e sempre cobrava a dedicação dos professores. Então, você não começava o ano sem ter montado um Programa de curso e o objetivo. Isso de maneira alguma acontecia. Esses documentos devem estar no arquivo morto da Universidade. Hoje o perfil do professor do curso de Matemática é completamente diferente do que montou o curso de Matemática, porque nem a dona Yone, nem eu, nem dona Márcia, nem o professor Celso, que éramos os que tínhamos formação de curso de Matemática, não tínhamos nada. Nós éramos, simplesmente, professores. À época, era raro um médico que tinha residência ou um odontólogo que tivesse especialização. Hoje a estrutura é outra. Exige-se, no mínimo, um mestrado, para lecionar num curso superior, a maioria tem doutorado. Hoje é diferente! Só espero que os doutores se dediquem à Educação, porque não adianta só mexer com pesquisa. A pesquisa é importante? É muito importante, principalmente a pesquisa em Educação. Mas ela tem que estar ligada à Educação, ela tem que atender a base. Uma coisa interessante para se fazer em Educação Matemática: estudar o professor de 1º ao 5º ano e fazer uma pesquisa do nível de conhecimento desse professor. Porque não é deles a culpa! A culpa é da formação. Tem bons professores em sala de aula, mas tem muita gente fraca, porque não teve oportunidade.

Agora, um tema que preciso externar. Não posso deixar de mencionar isso! Porque eu achava na ocasião e acho até hoje muito importante, nada contra o bacharel, nada, mas eu acho

---

<sup>53</sup> Aparecida Portilho Salazar, chamada de Doca, foi secretária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, na época de sua criação. Atualmente trabalha no setor de Registro de Diplomas da UFU. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

que ainda falta, até hoje, o professor de Matemática, o licenciado em Matemática, aquele que sabe discutir com um professor. Que hoje é magistério superior, antigamente era o curso normal, aquele que sabe discutir como ensinar um menino, uma criança a localizar num quadro valor de lugar, uma dezena, uma unidade. Isso me desculpe, mas o bacharel não tem condição de fazer isso. Eu sinto hoje ainda na escola<sup>54</sup> em que sou diretora, que eu trabalho, é uma dificuldade, porque o professor da Universidade não está formando o professor de Matemática para lecionar nesse curso. Eu não sei se é porque hoje se exige muito que se tenha mestrado, que se tenha doutorado, mas eu acho que está ficando tudo voltado para o lado acadêmico, porque ao bacharel segue o mestrando e o doutorando. Quem fez mestrado, doutorado, o pós-doutorado igual aos meus filhos, eles estão voltados para trabalhar na Universidade para fazer pesquisa, não estão voltados para o ensino médio. Nada contra isso, mas eu acho que me afastei da Universidade há muitos anos, não sei como está funcionando hoje a licenciatura e o bacharelado. Não sei se está formando meio a meio, se está formando mais bacharel do que licenciado, mais licenciado do que bacharel. Não sei! Acho que falta a Universidade jogar no mercado de trabalho o cara que vai pegar o touro à unha, porque a Educação nesse país começa lá embaixo, está muito mal. Sou uma pessoa que fui criada dentro de escola, minha mãe era professora, minhas tias eram professoras, minha avó, meu avô, minhas irmãs. Há a escola em que trabalho como diretora, então vejo o despreparo que está de um modo geral. Mas o professor de Matemática que é a minha área está demais, está muito mal preparado. Essa culpa é nossa, essa culpa é da Universidade, essa culpa é do professor da Universidade, sim! Porque ele tem que se dedicar mais na base, porque não adianta você formar lá em cima se você não tem uma base aqui embaixo, não adianta você formar um professor que saiba Cálculo Integral a fundo, que saiba Cálculo Diferencial, que sabe Análise Matemática, que sabe História da Matemática, mas que não saiba resolver. Quando falo resolver é ensinar a criança a separar o que é uma hipótese de uma tese. Que mostre o quão é importante saber Português para entender Matemática. Isso está faltando muito! Talvez porque eu tenha tido excelentes professores na minha base Matemática. No colegial estudava limite, derivada, integral, toda a parte de Análise e toda a parte de Geometria Analítica, Geometria Descritiva. Isso no terceiro colegial hoje, que era o antigo terceiro científico. Tive uma base de ginásio que ensinava.

O professor te fazia pensar, não quero que criança de dez anos esteja demonstrando teoremas. Não é isso! Mas acho que faz falta para a criança de dez anos saber manipular. Saber o que é um ângulo. Saber de onde vem o triângulo. Por que que a base da estrutura de uma

---

<sup>54</sup> Escola Espaço Letrado. (Fonte: < <http://espacoletrado.com.br/> >. Acessado em 15/05/2017).

ponte é um triângulo? Faz falta isso! E isso vai de onde? É do professor. O professor hoje, com tanto curso vago que está tendo, na minha época chamava curso vago, hoje é educação à distância, formando muito professor em Pedagogia. A Educação está ficando para trás, no sentido de que não tem alguém orientando sobre como se vai fazer com a criança. Daí a criança não apreende as coisas como deveria ser, para poder deslanchar em Matemática. Que tudo na vida tem Matemática. Eu brinco muito com os meninos, com as minhas netas, o seguinte: não existe nada na vida que não tenha Matemática, se você vai comprar um metro de pano, tem o metro, tem a Matemática; se você vai pagar uma conta, tem o dinheiro, tem o troco, tem a Matemática; se a temperatura caiu, tem a Matemática. Então, tudo tem a Matemática. Você tem que fazer o menino gostar disso, porque existe um tabu muito grande, existia e ainda existe que a Matemática é um bicho de sete cabeças, que ninguém aprende, é difícil. Então essa é construção de que eu falo.

Para concluir, não vou criticar porque eu não estou lá dentro, não sei como está, estou criticando o que eu estou recebendo aqui fora. O que eu estou vendo aqui fora. Acho que deve-se incentivar a formar o professor de Matemática melhor, está tendo muita falha, muita falha no professor. Ele pode ter o conhecimento imenso, mas ele não está tendo a inteligência emocional suficiente para ensinar. Sei que é difícil, sei que ganha mal, como já falei, mas se foi uma escolha consciente, eu acho, temos que arcar com as consequências daquilo que a gente escolhe. Eu escolhi ser professora. À época, eu já sabia que meu avô não tinha uma casa dele para morar. Com sessenta anos é que ele conseguiu financiar uma casa, por quê? Porque a estrutura foi melhorando, porque antes ele não tinha condição, por quê? Porque a vida inteira foi de professor, mas nunca escutei reclamar, muito pelo contrário, ajudou muito a formação da Universidade também. Então, talvez por ter sido criada dentro de escola e ver como funcionava, ver a valorização do professor, que ele fazia questão de que tivesse o respeito que tinha. Talvez por isso penso que ser professor é muito sacerdócio. E que a gente procure melhorar um pouco esse país.



**Professora Maria Teresa Menezes Freitas**

Fonte: Arquivo pessoal

*A professora Maria Teresa Menezes Freitas foi a quarta participante de nossa pesquisa, nos concedendo a entrevista no dia 02 de junho de 2016, às 14h, no Centro de Educação à Distância<sup>1</sup> da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), num encontro que durou 1 hora e 22 minutos. Desde quando conversamos sobre a pesquisa, ela sempre se mostrou apta a contribuir no entendimento do processo de criação dos cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Encaminhei para o seu e-mail o roteiro para a nossa entrevista. Ela foi aluna da quarta turma do curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, formando-se em 1974. Posteriormente, foi convidada a lecionar no curso de formação de professores (de Matemática), mas apenas aceitou o convite em 1980. Quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail, junto com os áudios da entrevista, a transcrição e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Logo me respondeu avisando que iria demorar a responder, pois estava em férias fora do país. Depois de um tempo, ela me escreveu informando que havia chegado e assim que tivesse um tempo leria a textualização. Passados alguns dias, ela me encaminhou o texto com alguns ajustes*

---

<sup>1</sup> A professora Maria Teresa, por convite do Reitor da Universidade, foi a idealizadora do Centro de Educação à Distância em 2009 e se encontra no terceiro mandato como Diretora. É a responsável direta pelo movimento de Educação à Distância na Universidade e pela criação de diferentes cursos de licenciatura, sendo um deles o de Licenciatura em Matemática à Distância.

*para serem feitos e disse que fazendo essas alterações eu poderia usar o material em minha tese. Ela assinou a carta de cessão e a deixou em meu escaninho na Faculdade de Matemática. Nesse encontro, a professora narrou sua vivência como aluna e professora da consolidação desse movimento de formação de professores na cidade de Uberlândia, o que podemos constatar no depoimento, a seguir.*

(\*\*\*)

Meu nome é Maria Teresa Menezes Freitas, antes Maria Teresa Guimarães Menezes. Com o casamento fiquei com o nome de Maria Teresa Menezes Freitas. Nasci no Rio de Janeiro, em 28 de setembro de 1951.

Nasci no Rio de Janeiro e fui para São Paulo. Quando fui para São Paulo ainda era muito pequenininha, não estudava, estudava com meus pais. Quando voltamos para o Rio comecei a estudar piano com uma professora super marcante na minha vida, que contava histórias para que eu compreendesse todo o teclado. Foi uma coisa muito interessante! Cativava bastante a criança. Eu era muito criança! Estudei no Colégio Notre Dame<sup>2</sup> em Ipanema, no colégio de freiras, que tinha uma educação muito rígida, mas eu estava bem acostumada, pois meu pai era militar. Então, isso continuou com a religião católica. Ia e voltava de ônibus da escola. Eu tive uns incentivos muito interessantes de uma professora, que também me marcaram nessa escola. Era uma professora, não vou saber dizer se foi de Matemática ou não, ela usava as estrelas quando você se saía bem. Você podia conseguir uma estrela dourada, ou a prateada, ou a rosa, ou azul, e eu realmente queria alcançar a estrela dourada, a estrela principal. Depois, meu pai foi transferido para Uberlândia para trabalhar na construção do quartel, pois ele era engenheiro militar. Com a nossa vinda, minha avó ficou doente, muita coisa aconteceu, ela acabou falecendo. Minha mãe não queria mais voltar para o Rio, pois era certa a nossa volta, com o apartamento comprado. Ela quis ficar em Uberlândia por conta dos acontecimentos. Isso fez com que meu pai pedisse para ir para a reserva, dessa forma ficamos todos por aqui. Nesse ínterim, uns seis meses, ou um pouco mais, era no final do ensino dito primário, fui para Belo Horizonte<sup>3</sup> com o meu pai. Minhas irmãs ficaram, e nós ficamos um período curto.

---

<sup>2</sup> Colégio Notre Dame Ipanema, tem mais de sessenta anos de atuação no ensino infantil, fundamental e médio está localizado em Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro. (Fonte:< <http://ipanema.notredame.org.br/> >. Acessado em 21/04/2018).

<sup>3</sup> Capital do Estado de Minas Gerais.

Em Belo Horizonte estudei numa escola, me lembro, bastante interessante, me marcou um pouco. Mas as aulas de Matemática dessa escola ou de outras anteriores não me marcaram nada praticamente. Depois disso, continuei em Uberlândia, estudei na Escola Estadual de Uberlândia que era uma das melhores. A Escola Estadual de Uberlândia<sup>4</sup> era chamada de Museu. Para entrar tinha um processo seletivo e todos queriam estar nessa escola, era a escola mais bem-conceituada, inclusive a dona Márcia<sup>5</sup> já estava atuando nela. Havia outros professores de Matemática, professor Daltro<sup>6</sup> é um dos que também me lembro. Fiz o exame de admissão<sup>7</sup>, entrei, mas tive que ficar fazendo o processo de admissão para poder chegar na idade de entrar no ginásio. Antigamente tinha isso. Nesse colégio, sempre gostei de Matemática, embora visse que os meus colegas não gostavam muito. Resolvíamos Geometria, demonstrávamos os teoremas, coisa que hoje não se faz mais, hoje faz-se mais uma mostração. E mesmo à época, sendo uma coisa mais detalhada, mesmo assim gostava, não sei se era por conta do meu pai também ter essa facilidade de estar ali junto de nós nos dando apoio, mas sempre gostei e via que a maioria das pessoas que ali estavam não gostavam. Sempre gostei de estudar línguas. Tínhamos inglês, segundo período era francês, tivemos outras línguas ao longo desse caminho.

Quando saía do ginásio havia algumas opções, o aluno podia escolher o clássico, que era para aquelas pessoas que queriam ir para a área de línguas e humanas, de Direito e tudo mais. Tínhamos o científico, que era mais aqueles que queriam a área de exatas. E também a opção do normal. Na época, era o normal que depois passou a ser chamado magistério. Entre tantas dúvidas, tinha minha irmã que tinha ido para o científico, que estava pleiteando entrar na Engenharia. Eu optei pelo normal, porque gostava de ensinar, nós brincávamos muito de escolinha. Eu e minha irmã tínhamos um quadro negro, nós escrevíamos histórias, brincávamos,

---

<sup>4</sup> Também conhecida por Museu. Localizado no centro de Uberlândia, na Praça Adolfo Fonseca, no Fundinho, foi inaugurada em 1929, o prédio data de 1921. Este prédio foi o primeiro de uma escola a ser tombado em Uberlândia, como Patrimônio Histórico e Cultural do Município. Entre seus alunos ilustres, o cardiologista Adib Jatene e o ex-governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco. Foi o Colégio de maior referência em Uberlândia. (GATTI, 2013).

<sup>5</sup> Marcia Augusta Crosara é nossa colaboradora.

<sup>6</sup> Professor Daltro Cattani, no final da década de 1940 e início da década de 1950, em Uberaba, fez o Colegial e um curso Técnico de Contabilidade, na sequência cursou Direito, na Faculdade do Triângulo Mineiro e começou a lecionar Matemática em escolas de segundo grau, até passar em um concurso do Banco do Brasil e mudar-se para Uberlândia, em 1958. Em Uberlândia, enquanto trabalhava no Banco do Brasil, foi professor de Matemática lecionando em diferentes escolas, como no Liceu de Uberlândia, no Colégio Brasil Central, no Colégio Nossa Senhora das Dores e na Escola Estadual de Uberlândia, onde foi convidado, pelo diretor, a fazer o processo seletivo para professor efetivo, ficando até aposentar. Fonte: Correio de Uberlândia. (Fonte: <[www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/bancario-daltro-cattani-se-diz-agradecido-por-conhecer-uberlandia](http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/bancario-daltro-cattani-se-diz-agradecido-por-conhecer-uberlandia)>. Acessado em 07/03/2017.

<sup>7</sup> O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginásial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971. (BRASIL, 1971).

fazíamos e acontecíamos. Fui para o normal e, realmente, era uma afinidade grande, tive professores ótimos no normal. Uma professora que me marcou muito foi a de Psicologia, a Mariú<sup>8</sup>. Ela foi professora da Federal de Uberlândia também. E a professora de Biologia também me marcou. O nome dela era Cybele do Egypto<sup>9</sup>, não sei nem se ela ainda está viva. A Matemática, para mim, ali passava meio que na surdina, parece que nem se via Matemática, embora ela tivesse que ser ensinada nas primeiras séries. Mas eu achava bom, a Metodologia de Ensino de Matemática achava fraquíssima, achava que precisava de mais.

Gostava e queria ensinar, só que também via que existia uma desvalorização dos professores de ensino de primeira à quarta série, então ouvia dizer: "ah! Mas você vai ser professorinha?" Essas conversas incomodavam muito, eu achava que o professor tinha que ser valorizado. Atuei nas primeiras séries por pouquíssimo tempo, tive uma atuação pequena. E, logo depois, a minha irmã entrou no Ensino Superior. Ela pleiteou a Engenharia e entrou<sup>10</sup>. Vale a pena contar que nesse meio do caminho, quando estava no normal ainda, antes de entrar na Faculdade, estava no último ano e gostava muito de línguas, quis fazer o intercâmbio. Surgiu a possibilidade de estudar no American Field Service<sup>11</sup>. Era uma bolsa de estudo de fato. Hoje em dia há muitos intercâmbios que são pagos. Esse era com bolsa, tinha três fases o processo seletivo. Era um processo seletivo local, com provas de conhecimentos gerais em inglês. Depois, um processo nacional e ainda um processo internacional em que você concorria com candidatos de outros países. Lembro-me que o meu pai não queria que fosse, obviamente! Ele era muito rígido, mas não acreditava que fosse entrar nesse processo e ganhar a bolsa. Ele falou para eu fazer e se ganhasse a bolsa, iria. Mas ele falou não acreditando. Minha mãe depois falou isso: "seu pai não acreditava, mas não voltou atrás na palavra que ele deu". Fui indo, fui indo e fui aprovada. Passei e foi-me concedida a bolsa de estudos da American Field Service. Fui para uma cidade que se chamava Wyckoff, morei com uma família. Essa cidade fica em New Jersey, a 45 minutos de Nova York. Estudei na High School que se chamava Ramapo High School. Uma coisa marcante é que o diretor da escola era negro e era a única pessoa negra. Ele era super bem

---

<sup>8</sup> Mariú Ceech Borges, formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomas de Aquino, em Uberaba. Professora aposentada da UFU. (Fonte: Secretaria da Faculdade de Psicologia da UFU).

<sup>9</sup> Cybele do Egypto, formada em História Natural pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora aposentada da UFU. (Fonte: Secretaria da Faculdade de História da UFU).

<sup>10</sup> A professora Maria Teresa refere-se à sua irmã Raquel Menezes Degani, formada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia em 1971, lecionou no curso de formação de professores de Matemática da UFU, atualmente está aposentada pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>11</sup> Hoje é chamada de AFS Intercultural Programs é uma organização não governamental internacional, sem fins lucrativos, fundada em 1915 por Abram Andrew, professor na Universidade Harvard. Tem sede em Nova Iorque, é a mais antiga organização de intercâmbios para jovens do mundo. (Fonte: < <https://www.afs.org.br/> >. Acessado em 20/04/2018).

visto por todos. Essa cidade, Wyckoff, ficava próxima de Nova York, onde muitas pessoas trabalhavam. Fiquei com uma afinidade muito grande com essa família, eu os chamava de meu pai e minha mãe americanos. Os laços ficaram por muito tempo. Depois, esse meu pai americano que é o Frank Perrotta, separou-se da esposa, casou-se de novo. Várias vezes fui visitá-los. Ele realmente me considerava filha e ele falava: "Ah! Eu quero que você venha aqui" e mandava as passagens para eu ir para lá. E, por duas ou três vezes, fui para lá e também visitava as escolas para conhecer o que estava acontecendo no ensino de Matemática na High School. Quando minha irmã passou em Engenharia<sup>12</sup>, meu pai, à época, era professor da Universidade, inclusive deu aula de graça por muito tempo, ele queria que a coisa acontecesse. O nome dele era Marônio de Menezes.

Como primo do Rondon Pacheco<sup>13</sup>, teve uma importante participação no processo de federalização<sup>14</sup> da Universidade. Lembro-me que fui com o meu pai no gabinete do Rondon, quando era ministro, para conversar sobre esse processo da federalização. Meu pai era uma pessoa ótima, boníssima, mas energética, bravíssimo. E, quando a minha irmã entrou na Engenharia, eram pouquíssimas mulheres que entravam, em sua turma entraram apenas cinco mulheres. Ele chegou à Universidade, havia poucos prédios, não era igual a hoje, um deles chamava-se Mineirão, os veteranos estavam dando trote nos calouros, meu pai quase matou todo mundo de susto, gritou, colocou tudo abaixo e a minha irmã não pôde mais continuar o curso. Embora os alunos tivessem pedido desculpas, ela não pôde fazer o curso. Foi quando saiu o primeiro vestibular do curso de Matemática. O vestibular, naquela época, você tinha que fazer 70 pontos para entrar, em todas as disciplinas que estavam sendo avaliadas, não importava

---

<sup>12</sup> Foi o primeiro curso a se tornar federal, mesmo antes da federalização da Universidade Federal de Uberlândia que ocorreu apenas em 1978. A Faculdade de Engenharia de Uberlândia foi criada através da Lei nº 3.864-A, artigo 4º de 24 de janeiro de 1961, no final do mandato do Presidente Juscelino Kubitschek. (PEDROSA; GONÇALVES NETO, 2002).

<sup>13</sup> Nasceu em de 1919 em Uberlândia, onde mais tarde iniciou o curso de Direito, mas foi concluí-lo na capital do estado, Belo Horizonte, advogou e iniciou a carreira pública. Começou a vida política ainda estudante da Faculdade de Direito da UMG, hoje UFMG, quando, em 1942, foi Presidente do CAAP - Centro Acadêmico Afonso Pena - uma das mais tradicionais entidades estudantis do Brasil e a mais antiga de Minas Gerais. Entre outros cargos na política, foi Deputado Federal em 1950, foi reeleito sucessivamente e permaneceu no congresso até 1967, quando foi para a casa civil, sendo o chefe do Gabinete Civil do presidente Costa e Silva e, depois Governador do estado de Minas Gerais, entre 15 de março de 1971 e 15 de março de 1975. Depois se elegeu deputado federal em 1982. Em 14 de agosto de 1969 pelo decreto lei 762 criou a Universidade de Uberlândia (UnU) posteriormente Universidade Federal de Uberlândia (UFU), isso quando foi ministro-chefe da casa civil. Faleceu em 2016, aos 96 anos, em sua cidade natal. (Fonte: < <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/conheca-trajetoria-do-uberlandense-rondon-pacheco/> >. Acessado em 10/07/2016).

<sup>14</sup> A Universidade Federal de Uberlândia surgiu da unificação de faculdades isoladas (Artes, Direito, Filosofia, Medicina) que foram construídas em Uberlândia entre as décadas de 1950 e 1960, somadas à Faculdade Federal de Engenharia. A federalização da Universidade de Uberlândia veio acontecer pelo Decreto Lei nº 6.532 de 24 de maio de 1978, por força da articulação das elites locais com a Ditadura Militar. (GOMES; WARPECHOWKI; NETTO, 2003).

se o número de vagas estava preenchido ou não. Minha irmã prestou o primeiro vestibular de Matemática, passou, foi a única aprovada e o curso não aconteceu. Ela ficou um ano esperando que tivesse outro vestibular para realmente entrar e cursar. Nesse meio tempo, eu tinha duas opções, em minha cabeça. Me interessava e gostava de Matemática, mas gostava muito de Psicologia, por conta de influência, inclusive, que eu tive no normal. Psicologia não tinha em Uberlândia e sair para estudar era mais difícil, existia um certo preconceito. Na verdade, das possibilidades que tinha, ficou Matemática, já era mesmo meio que uma revoltinha, porque Matemática também era meio de homem, não era tão só para mulher. Embora fosse para ser professor, por que não escolhe outra coisa? Fui contra tudo e contra todos, porque a base Matemática do normal, todo mundo sabia, era fraquíssima, mas decidi encarar. Fiquei as férias inteiras estudando dia e noite com minha irmã do lado me orientando. Eu li os livros todos sozinha, li todos os livros que podia, fazia os exercícios por minha conta, minha irmã me auxiliando. Fui aprovada, e entrei. Entrei e sempre fui muito de estudar, então sempre me desafiava. Dos meus professores, lembro que a Mariú atuou em Didática ou Didática Geral ou Psicologia Geral. De Matemática foi a dona Yone<sup>15</sup>. Lembro-me que tínhamos alguns professores que eram, também, professores da Engenharia, como o professor Ênio<sup>16</sup>.

O nosso curso era noturno e os professores que nele atuavam, lecionavam no curso da Engenharia pela manhã. À época, era a única que era federal. Alguns alunos que estavam terminando Engenharia também atuaram como professores no curso, como por exemplo o Lépori<sup>17</sup>, que é professor até hoje da UFU. A Consuelo<sup>18</sup>, que era minha concunhada e recém-formada, foi minha professora em algum momento. O Zé de Paula<sup>19</sup> foi meu professor. Tinha o Monsenhor Afonso<sup>20</sup> que era de Filosofia. Os professores da área de Matemática, grande

---

<sup>15</sup> Yone Vicentini Gomes, formada em Matemática pela Católica de Campinas, na década de 1950. Segundo o professor Fernando foi a primeira a lecionar com formação específica, em Matemática, na cidade de Uberlândia. Foi uma das fundadoras do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Depois da federalização da Universidade, a partir de 1978, foi professora do Departamento de Ciências Exatas da UFU. Aposentou-se pela UFU e, faleceu em 2014, aos 84 anos. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>16</sup> Ênio Vilela de Andrade, formado em Engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, foi um dos fundadores do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Na época, lecionava na Faculdade de Engenharia Federal. Depois da Federalização, a partir de 1978, foi professor do Departamento de Ciências Exatas lecionando para os cursos de Matemática e Engenharia a disciplina de Geometria Analítica. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>17</sup> Francisco Paulo Lépori Neto, formado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Engenharia em 1971. Atualmente é professor da Faculdade de Engenharia da UFU. (Informações – Secretaria da Faculdade de Engenharia da UFU).

<sup>18</sup> Consuelo Maria Garcia de Freitas é nossa colaboradora.

<sup>19</sup> José de Paula Carvalho, formado em Engenharia Química, em Belo Horizonte. Ele foi professor da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Engenharia da UFU).

<sup>20</sup> Monsenhor Antônio Afonso da Cunha. Formado em Letras Clássicas, especialista em Filosofia pelo Instituto Católico em Paris e mestre em Filosofia pela PUC – Rio Grande do Sul, falecido em 1999 (FAFIU, 1985).

maioria, atuavam também na Engenharia. O primeiro ano do curso foi no Campus do Santa Mônica<sup>21</sup>, nos mesmos lugares onde aconteciam as aulas de Engenharia, mas à noite. Depois, os três últimos anos foram no colégio das freiras, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde funcionava o Colégio Nossa Senhora das Dores. As freiras estavam à frente do colégio durante o dia e a noite aconteciam as aulas da Faculdade, que ocupavam todos os espaços. Formei-me. Me saí bem! No meu último ano de curso, já estava casada e grávida. Fui convidada a atuar no curso de Matemática, porque era ótima aluna. Tinha notas excelentes.

À época, não tinha concurso, mas havia os convites. Mas com família, acabando de dar à luz, marido hiper ciumento. O que aconteceu? Fiquei cuidando da família por um bom tempo. Eu me formei em 14 ou 15 de dezembro de 1974, data próxima ao aniversário de meu pai. E no dia 31 de dezembro nasceu o meu filho. Tanto é que com roupa comprada, não fui à cerimônia de formatura, porque estava achando que estava feia, gorda. Nesse meio tempo, os filhos nasceram, foram crescendo. Eu sempre querendo trabalhar e voltar a atuar de alguma forma. Não foi fácil quando novamente recebi o convite para atuar. Mas eu fui.

Em 1980, comecei a lecionar na Universidade, nos cursos de Biologia e de Psicologia, com a disciplina de Fundamentos da Matemática. Nesse meio tempo já tinha dois filhos. Todas as minhas gravidezes foram complicadas, ficava de cama. Sempre ministrei aulas particulares de inglês e quase comprei a Cultura Inglesa<sup>22</sup>. O inglês era uma coisa que veio naturalmente. Todo mundo falava: "porque você não fez inglês, você estava com a faca e o queijo na mão", mas não era um desafio. O desafio maior foi ir para Matemática. Mas ministrei aula de inglês por muito tempo, inclusive para o Fernandinho<sup>23</sup> foi meu aluno de inglês, particular, ele vai lembrar-se disso, se ele não lembrou vou puxar a orelha dele. Era muito interessante porque estava como aluna do curso de Matemática e atuava em escolas de inglês com o curso técnico em uma instituição que se chamava CAVLE – Centro Áudio Visual de Línguas Estrangeiras. Fui uma das últimas a entrar na Universidade sem concurso. Digamos assim, porque depois de mim, acho que depois de uns seis meses veio o Silvio<sup>24</sup> que também foi convidado. Na

---

<sup>21</sup> Trata-se de um dos *campi* da Universidade Federal de Uberlândia que ainda possui o campus do Umuarama, o da Educação Física e o do Glória. ( Fonte:< <http://www.ufu.br/santa-monica> >. Acessado em 23/02/2018).

<sup>22</sup> Localizado no bairro Santa Maria, em Uberlândia. (Fonte:< <https://www.culturainglesauberlandia.com.br/> >. Acessado em 23/04/2017).

<sup>23</sup> Fernando Antônio de Freitas é nosso colaborador.

<sup>24</sup> Silvio Tadeu Mendonça, ex-professor da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

Faculdade de Matemática temos uma turma que foi convidada, seja de Uberlândia ou de fora, por algum motivo, por exemplo, veio a Graça<sup>25</sup>, o Zé Maria<sup>26</sup>, o Mário Luís<sup>27</sup>.

Quando eu entrei não foi fácil, porque tinha que conciliar família, criança pequena, preparar muito bem as aulas, sempre fui muito criteriosa no preparar as aulas. Ter alguma coisa sempre boa, para motivar os alunos da Biologia, da Psicologia, que sempre viam a Matemática com certo pé atrás. Foi uma fase em que estava sempre me dedicando ao planejamento, a como motivar os alunos. E sempre fazendo muitas leituras sobre o que acontecia no processo de ensino e de aprendizagem da Matemática.

Em 1980 começamos a fazer um curso de especialização em Matemática Superior, oferecido pelo pessoal de Belo Horizonte, da UFMG<sup>28</sup>. Vieram ministrar esse curso em Uberlândia sempre no período de férias. Fizemos esse curso trabalhando o tempo todo. Até hoje guardo na memória um dos depoimentos de um dos professores de BH, que falou: "este curso hoje é o mestrado nosso". À época, a Consuelo era chefe de Departamento e trouxe esse curso para nós. O que ela queria? Capacitar o pessoal. Muitos que fizeram o curso se assustaram, porque foi um curso muito rigoroso. Não era uma coisa que incentivasse você a caminhar para a frente, a mensagem era: dá muito trabalho. Muitos ficaram desestimulados a continuar o mestrado, por exemplo, pensando que seria muito pior do que já foi. Lembro-me de passar noite em claro. Tivemos professores excelentes, como o Mário Jorge<sup>29</sup> da UFMG, e outros tantos. Desde aquele tempo, pensava no que tinha que acontecer com a Matemática para que, de fato, o aluno goste dela, que fosse mais agradável.

A partir de 1980 comecei a me interessar muito por esse movimento que estava acontecendo da Educação Matemática. Foi quando teve a fundação da SBEM<sup>30</sup> e participei daqueles encontros, daquela discussão toda desde o início. À época participava mais como ouvinte e observadora. Fui mais longe e realizei algumas leituras sobre o NCTM<sup>31</sup> e com minha facilidade no inglês, em 1995, fui para os Estados Unidos participar de um encontro anual do NCTM. Depois me associei ao NCTM. Comecei a ter muitas leituras desse movimento da

---

<sup>25</sup> Maria das Graças Pereira é professora da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>26</sup> José Maria, formado em engenharia pela Universidade Federal de Goiás, atualmente está aposentado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>27</sup> Mario Luiz de Mendonça Faria é professor da Faculdade de Matemática da UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>28</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>29</sup> Mario Jorge Dias Carneiro, professor do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais. (Fonte: < <https://ufmg.br/a-universidade/pessoas/142042> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>30</sup> Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

<sup>31</sup> National Council of Teachers of Mathematics – Conselho Nacional de Professores de Matemática. (Fonte: < <https://www.nctm.org/> >. Acessado em 20/04/2018).



Educação Matemática na formação e no processo de ensino e aprendizagem de Matemática. Fiquei filiada ao NCTM por muito tempo, até que fui me envolvendo com a formação continuada de professores ao longo dos anos. Foi quando teve o PROCAP<sup>32</sup> em 1998. Trata-se de um programa de capacitação de professores do estado de Minas Gerais muito amplo. A UFU foi a vencedora do projeto como instituição principal, com vários polos. Essa leitura e esse envolvimento todo me levaram a pensar: eu tenho que fazer esse mestrado, meus meninos já estão bem encaminhados. Pleiteei o mestrado na Faculdade de Educação da UFU. Em 1999, acabei sendo aceita nesse programa, tive como orientadora a professora Marilúcia Menezes Rodrigues.

Nesse tempo, estava atuando nas disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, e passei a perceber uma relação que existe nos estágios com a extensão universitária, porque da forma como trabalhávamos os estágios não eram uma coisa imposta, mas eram propostas que a comunidade da escola queria e para as quais contribuíamos. O meu mestrado foi em relação ao estágio supervisionado na perspectiva de extensão universitária. Quem participou da minha banca foi o professor Dario Fiorentini<sup>33</sup>. Ele gostou muito. Conversou comigo para ver se eu estava pensando em fazer o doutorado. Eu estava em uma fase muito complicada da minha vida. Em seguida, em 2001, tivemos o ENEM<sup>34</sup>, no Rio de Janeiro, apresentei um trabalho relacionado com a minha dissertação de mestrado, num grupo de trabalho onde estava o Dario. Nessa época, a Adair<sup>35</sup> estava fazendo doutorado com ele. Fui ao evento, apresentei o trabalho e novamente ele falou: "mas você não pensa em fazer doutorado?". Eu estava vivendo uma época em que queria me enfiar debaixo da ponte. Eu falei: "vou pleitear o doutorado". Fui lá para a Unicamp<sup>36</sup>. No processo seletivo do doutorado, fui aceita no programa. Uma das perguntas era: você vai mesmo mudar para Campinas? E eu mudei. Morei num flat, por quatro anos. Conheci várias pessoas. Ampliei os horizontes. Abri

---

<sup>32</sup> Programa de Capacitação de Professores do Estado de Minas Gerais, coordenado pela Secretária de Estado da Educação - SEE/MG - em parceria com as Superintendências Regionais de Ensino, Instituições de Ensino Superior e Prefeituras Municipais do Estado que ocorreu em 1997 e 1998. Teve como objetivo capacitar os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, envolvendo as áreas de Português e Matemática. (COIMBRA, 2000).

<sup>33</sup> Professor da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. (Fonte: <<http://lattes.cnpq.br/9244474518505985>>. Acessado em 20/04/2018).

<sup>34</sup> Encontro Nacional de Educação Matemática.

<sup>35</sup> Adair Mendes Nacarato. Atualmente é docente da Universidade São Francisco, campus de Itatiba, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. (Fonte: <<http://lattes.cnpq.br/4651130852101924>>. Acessado em 20/04/2018).

<sup>36</sup> O Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp inclui os cursos de mestrado e doutorado. Em 1994, foi criada a área interdepartamental em Educação Matemática, nos níveis de Mestrado e Doutorado. Em 1995, todos os cursos de pós-graduação foram reconhecidos pelo Ministério da Educação, Portaria MEC 1461/95 de 29 de novembro de 1995, tendo sido recomendado pela CAPES em todas as suas avaliações. (Fonte: <<https://www.fe.unicamp.br/pos-graduacao>>. Acessado em 20/04/2018).

um mar de oportunidades. O grupo de pesquisas<sup>37</sup> era ótimo. Tive uma atuação muito intensa junto com o Dario e outros professores de outras instituições, além dos doutorandos e mestrandos. Foi uma fase em que eu diria assim: “há males que vêm para o bem”. Foi uma fase em que estava péssima, mas que acabou virando uma coisa ótima para minha vida e que acabou dando frutos. Logo que entrei no doutorado na Unicamp, estava com um Workshop aceito para ser apresentado no NCTM. Esse evento foi em 2000, exatamente quando apresentaram os *Principles and Standards for School Mathematics*<sup>38</sup>. Nesse evento vibrei muito com aquilo, primeiro porque gostava muito de falar em inglês. No evento era tudo diferente, porque via que o envolvimento dos professores era igual ao nosso daqui e que muitas dúvidas de lá eram iguais às daqui também. Inclusive tinha um jornalzinho da Unicamp do programa de pós em que escrevi sobre o evento, convidando e falando da oportunidade que era para que todos pensassem em também participar e conhecer eventos desse gabarito.

Quando voltei do Workshop, logo recebi um convite para publicar um artigo na revista do NCTM. É uma coisa de que me arrependo, não ter publicado nessa revista, embora tenha sido convidada, na época estava muito envolvida com as coisas do doutorado. Também fui convidada pela Célia<sup>39</sup> a apresentar o que apresentei nos Estados Unidos no evento grande de Matemática Aplicada<sup>40</sup> que tem uma parte da Educação. Mostrei a ela a carta que recebi e falei que não iria mandar o artigo. Ela falou: "mas você não vai fazer isso?" Falei que não dava tempo, não iria conseguir. Tem uma publicação semelhante ao workshop em forma de minicurso que foi realizado no Congresso Nacional de Matemática aplicada (CNMAC), em função dessas histórias todas que vieram acontecendo.

Voltando à Unicamp, o professor João Pedro da Ponte<sup>41</sup> esteve no Brasil uma época, participou do nosso grupo de pesquisa. Nisso me convidou, juntamente com a Bárbara, que era outra doutoranda, a participar de um Seminário numa semana do grupo de pesquisa dele em Lisboa. Dario disse para não perder essa oportunidade de jeito nenhum, todo mundo ficou empolgado. Resultado: fiquei um mês na Europa por conta deles. Fui nesse Seminário que foi

---

<sup>37</sup> GEPFPM – Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação de Professores de Matemática. (Fonte: <<https://gepfpm.wordpress.com/>>. Acessado em 20/04/2018).

<sup>38</sup> *Princípios e Padrões para a Matemática Escolar* nos Estados Unidos, teve o propósito de descrever os componentes essenciais de um programa de Matemática escolar. (Fonte: <<http://www.nctm.org/Standards-and-Positions/Principles-and-Standards/>>. Acessado em 07/03/2017).

<sup>39</sup> Célia Aparecida Zorzo Barcelos é professora da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>40</sup> Ela refere-se ao CNMAC – Congresso Nacional de Matemática Aplicada.

<sup>41</sup> João Pedro da Ponte é professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. (Fonte: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docente>>. Acessado em 20/04/2018).

de uma semana em Portugal, com o prof. Ponte e o grupo<sup>42</sup> dele. Lembro-me que tinha a profa. Serrazina<sup>43</sup> e todos os outros. E, também fui a outro Seminário que ocorre em Portugal que é o ProfMat<sup>44</sup>. Nessa viagem participei de mais outros congressos na Espanha. Fui para a Europa para trabalhar. Quando você vai para apresentar você não descansa. E teve esse evento na Espanha. Falei para o Dario que estaria enviando o trabalho, mas que dinheiro não estava fácil. No entanto, tinha as tais das becas<sup>45</sup>, que poderia solicitar. Resultado: o meu trabalho foi aceito e aprovaram totalmente a minha ida através da beca. Com isso, estando financiada, você tem que ficar totalmente no evento. Assim, fui realmente para trabalhar. Fiquei um mês em Portugal e na Espanha trabalhando o tempo todo, mas foi excelente, altamente formativo, principalmente porque você faz outras relações com profissionais, com professores e pesquisadores. Conheci pessoas que a gente só conhece em livro. Fiquei conhecendo de perto, e conversa daqui, esclarece dúvidas dali, e discute, concorda e discorda, foi muito bom.

Voltando para o Brasil, voltei para a Unicamp, estava na fase final da tese, logo terminei. Gosto muito de narrativas e escrevi uma pesquisa narrativa que era algo que poucos tinham explorado. Me apropriei dos textos de Clandinin e Connelly<sup>46</sup>, que trabalhavam com pesquisa narrativa e foi interessante, especialmente na Matemática com potencialidade da escrita na formação do professor de Matemática. Isso era uma coisa em que sempre acreditei, não adianta você ficar só com fórmulas e símbolos, você tem que explicar de outra maneira, tem que usar a linguagem discursiva que é fundamental no processo de ensino e aprendizagem da Matemática. Sempre falo assim, quando você escolhe um tema para se aprofundar, você dorme com ele muito tempo, então você tem que gostar, não tem como escolher uma coisa de que não goste.

Uma das professoras que foi membro da banca foi a Maria Teresa Assunção Freitas<sup>47</sup>, com o nome quase igual ao meu: Maria Teresa, com s, Assunção Freitas. Ela trabalha com escrita, narrativa e Vygotsky. Ela elogiou muito. Teve um fato muito interessante. Quando chegou o último capítulo, o Dario sempre dava retorno, por e-mail, das coisas, e ele não me

---

<sup>42</sup> Grupo de Investigação em Didática da Matemática. Esse grupo pode ser localizado no seguinte endereço < <http://www.ie.ulisboa.pt/investigacao/didatica/didatica-matematica> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>43</sup> Maria de Lurdes Serrazina, professora aposentada do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. (Fonte: < <http://www.educ.fc.ul.pt/docente> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>44</sup> Esse evento é uma das principais iniciativas da Associação de Professores de Matemática (APM) de Portugal. (Fonte: < <https://wordpress.apm.pt/> >. Acessado em 24/04/2018).

<sup>45</sup> Em português significa bolsa de estudo.

<sup>46</sup> CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Narrative and Story in Practice and Research. In: SCHON (ed.) The Reflective turn: Case Studies of Reflective Practice. New York: Teachers College Press, p. 258-281, 1991. CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2000.

<sup>47</sup> Maria Teresa Assunção Freitas, é professora aposentada pela Universidade Federal de Juiz de Fora. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/6935564431265128> >. Acessado em 25/04/2018).

retornava. Falei, gente, o que está acontecendo com o Dario? Falta só isso, tenho que terminar e nada. De repente, ele tinha mandado essa última parte para a outra Maria Teresa, que era da banca, e não para mim. Ele clicou errado. E na hora da defesa ela falou que foi muito bom ter recebido aquele e-mail, porque viu como estava esse relacionamento e admiração que ele tinha por mim. Então foi assim, uma glória a minha defesa. Minha mãe estava lá, estava boa, foi a glória. E o Dario indicou a minha tese para o prêmio CAPES pela FE - Unicamp. Ela foi indicada, mas segundo o Dario, ficou em terceira colocada na classificação da Faculdade de Educação, mas foi indicada.

Quando eu voltei para Uberlândia, meu filho estava casando, minha filha casou quando fui para a Unicamp. Um contato de um professor<sup>48</sup> da Faculdade de Gestão e Negócios da UFU, que soube do meu trabalho com a escrita e a Matemática, me convidou para atuar com a disciplina de Cálculo no curso à distância, no primeiro piloto do curso de Administração de Empresas. Depois me trouxe o material, fui lendo o material, ele sempre ia até minha sala, e disse a ele que não concordava com nada daquilo, que não era assim que acreditava que deveria ser um curso à distância. Se o aluno estiver olhando em meu olho esse material ainda está mais ou menos, se estiver longe, pior ainda. Conclusão, aceitei o convite e produzi o material para o ensino de Cálculo. Com isso fiquei envolvida até o último fio do cabelo, trabalhando dia e noite, porque era um desafio muito grande fazer uma coisa diferente. O resultado foi muito bom. Mais uma vez Deus me carregou no colo.

A partir disso, a Capes<sup>49</sup> me convidou para escrever o material para o curso Matemática para Administradores do Programa Nacional de Formação em Administração Pública - PNAP. Hoje o livro está na terceira edição e está sendo usado em todos os cursos de Administração Pública no âmbito da Universidade Aberta do Brasil<sup>50</sup>. Com a entrada da nova reitoria na UFU, ainda não existia de fato um Núcleo de Educação à Distância. Fui convidada para assumir a diretoria e criar esse Núcleo que estava criado apenas em papel e as ações estiveram ligadas à PROGRAD. Relutei bastante mas acabei aceitando com algumas condições que foram todas atendidas. Fiquei me envolvendo cada vez mais com a Educação à Distância, especialmente no processo de formação de professores.

---

<sup>48</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

<sup>49</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>50</sup> É um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior por meio da Educação à Distância. Foi instituído pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006. Tem a finalidade de expandir a oferta de cursos e programas de educação superior no País. (Fonte: <<http://www.capes.gov.br/uab>>. Acessado em 20/04/2018).

Depois fui convidada, no âmbito da Capes, para assumir a área de cursos do Fórum de Coordenadores. Nesse meio tempo, fui também convidada para a comissão de EaD da Andifes<sup>51</sup>. Trata-se de uma Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Públicas Federais. Também comecei a me envolver com a UniRede<sup>52</sup>, que é a Universidade em Rede. Agora, estou no segundo mandato como vice-presidente. Representando a UniRede participei de reuniões no Conselho Nacional da Educação<sup>53</sup>, na SERES, no MEC e no Inep<sup>54</sup>. Fiquei muito envolvida nesse processo de potencializar o ensino e as pesquisas no âmbito da EaD. Hoje diminuí muita minha atuação e estou mais envolvida, desde a criação do Mestrado Profissional do Ensino de Ciências e Matemática<sup>55</sup>, agora com as orientações.

Recentemente fiz a minha progressão na carreira para professora titular. Foi outro momento da minha vida muito importante, quando você tem que resgatar toda a sua própria história para compor o material para o memorial. Eu precisava ter uma banca de titulares na área de Educação Matemática, e não era fácil de encontrar. Fiquei incomodada com isso. Participaram da minha banca a Maria Conceição Fonseca<sup>56</sup>, professora da UFMG, o Ori<sup>57</sup> da USP<sup>58</sup>, e um professor da Bahia e da UFU foi o professor Cícero<sup>59</sup>. Ele não é da Educação Matemática, mas de acordo com as regras precisamos ter um professor titular da casa para

---

<sup>51</sup> Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. (Fonte: < <http://www.andifes.org.br/> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>52</sup> Foi um consórcio interuniversitário criado em dezembro de 1999 com o nome de Universidade Virtual Pública do Brasil. Reuniu em um consórcio 82 instituições públicas de ensino superior e 07 consórcios regionais, com o objetivo principal de democratizar o acesso à educação de qualidade por meio da oferta de cursos à distância nos níveis de graduação, pós-graduação e extensão, sob a forma de ensino regular gratuito e educação continuada. (Fonte: < <https://auniredede.org.br/portal/> >. Acessado em 20/04/2018).

<sup>53</sup> <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/apresentacao>. Acessado em 20/04/2018

<sup>54</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro. Tem o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas na área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral. (Fonte: < <http://www.inep.gov.br/> >. Acessado em 21/04/2018).

<sup>55</sup> O Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - Mestrado Profissional – é administrado pelo consórcio formado pelo Instituto de Física, Instituto de Química, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal e Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia e teve a sua primeira turma em 2013. Ele é destinado, prioritariamente, a professores do ensino básico das escolas públicas ou privadas, graduados em Ciências Biológicas, Física, Química ou Matemática. (Fonte: < <http://www.ppgecm.ufu.br/> >. Acessado em 05/05/2018).

<sup>56</sup> Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca é professora da Faculdade de Educação da UFMG. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/2605895454297792> >. Acessado em 20/05/2018).

<sup>57</sup> Manoel Oriosvaldo de Moura é professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/3536854228318246> >. Acessado em 20/05/2018).

<sup>58</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>59</sup> Cícero Fernandes de Carvalho é professor da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

representar a Instituição. Agora, estou atuando na banca de colegas. Fui da banca do Cesar<sup>60</sup>, do Arlindo<sup>61</sup> aqui na UFU, na UFMG fui da banca da Maria Laura<sup>62</sup>. Ah! Para concluir essa parte: falando em outros cargos que tive aqui na Universidade, fui vice chefe de Departamento da Matemática, isso quando a estrutura da UFU tinha os departamentos.

Para mim, o curso de Matemática teve uma importância muito grande para a região. O professor passou a ter a formação em Matemática e com isso assumiu a carga didática de Matemática nas escolas, cito o exemplo das minhas colegas, a Maria<sup>63</sup> e a Alcione<sup>64</sup>, que foram professores de destaque nas escolas. Também posso citar as Marias Alices<sup>65</sup> e outros professores da época.

Com a criação do curso de Matemática, penso que ele não supriu a demanda das escolas. Isso já vem na minha visão, isso vem da falta de valorização desse profissional. Então como esse profissional tem sido valorizado? Ele tem que viver, ele precisa de dinheiro para viver. Assim, penso que ele não vai só por amor.

Em relação a estrutura física, quando fiz a graduação, o meu primeiro ano do curso já foi no Campus Santa Mônica num dos primeiros prédios, o bloco B<sup>66</sup>. Durante o dia nas salas de aula funcionava a Engenharia, à noite o curso de Matemática, e a Biologia. A biblioteca funcionava, também, no bloco B, onde hoje é aquele fundinho onde está a Computação, mas a estrutura era bem menor. Para o nosso curso, na biblioteca tinha alguma coisa, mas para ser franca, pouco frequentava, tinha os livros, o que não tinha, comprava. Na minha casa tinha uma boa biblioteca por causa de meu pai.

Agora, sobre materiais pedagógicos, não tinha, pois esse movimento começou conosco. Na época, havia as professoras dona Márcia, a Marlene, a Consuelo que atuavam mais nas Práticas Pedagógicas, nos Estágios e com esse movimento da SBEM, com essa participação nossa nos congressos, passou-se a valorizar os Laboratórios de Ensino de Matemática. Acho que em 1990, eu não sei se vou conseguir localizar, não sei onde tínhamos as atas, criamos o

---

<sup>60</sup> Cesar Guilherme de Almeida é professor da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>61</sup> Arlindo Jose Souza Júnior é professor da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>62</sup> Maria Laura Magalhães Gomes, professora do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/5671580360415081> >. Acessado em 20/05/2018).

<sup>63</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>64</sup> Alcione Santos de Lima, formada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. (FAFIU, 1985).

<sup>65</sup> Maria Alice Magalhães e Maria Alice Resende. Não foi possível obter maiores informações sobre essas professoras.

<sup>66</sup> Trata-se de um prédio de dois andares onde ocorriam as aulas. Atualmente, esse Bloco é destinado para o curso de graduação, mestrado e doutorado de Ciências da Computação, além de fornecer seu espaço para aulas de outros cursos da Universidade. (Fonte: < [www.ufu.br](http://www.ufu.br) >. Acessado em 19/05/2018).

Grupo de Apoio às Atividades em Educação Matemática (G.A.A.E.M) e também criamos o Laboratório de Ensino em Matemática, que passou pelos conselhos superiores. Desse grupo faziam parte esses professores que te falei, e também aqueles que estavam interessados nesse processo de ensino e aprendizagem mais voltado para o professor em sala de aula, em especial, no ensino fundamental e médio. Tínhamos momentos de leitura voltados para questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem de Matemática, de pesquisas que estavam começando na área de Educação Matemática, e também passamos à aquisição e construção de material didático. Esses materiais ficavam no Laboratório de Ensino, que fomos organizando. Sem contar que fui a muitos eventos, não só nacionais, como internacionais. Fui a muitos eventos nos Estados Unidos. Eu comprava muito material e trazia. Agora preciso dizer que, logo depois da criação desse grupo e do Laboratório de Ensino, ficamos precariamente instalados.

Em 1996, quando assumi a vice chefia do Departamento, conseguimos um espaço um pouco melhor, que é onde está até hoje funcionando. Tinha uma sala a mais, que era a sala de computadores, que foi para o bloco F lá no outro lado. Aquela sala era ali separada por um biombo de vidro, que por algum motivo perdeu-se no caminho. Nesse ínterim houve aquele movimento de aposentadoria dos docentes com a mudança da legislação. Alguns docentes, com medo de perder alguma coisa, se aposentaram. As pessoas poderiam aposentar numa idade menor. A legislação permitia isso, e com a mudança não ia permitir mais. Entre os professores, a Raquel, que é minha irmã e atuou muito também nessa área, a Consuelo e a Marlene, elas se aposentaram. Quem não se aposentou, na época, foi dona Márcia que ficou até eu voltar do doutorado. Ela me falava que iria me esperar voltar do doutorado para se aposentar. Mas saiu um pouco antes por conta da aposentadoria compulsória. Com isso, assumi a coordenação do Laboratório de Ensino de Matemática em que fiquei por muitos anos, mais de dez anos. Acabei assumindo muita coisa por conta desse esvaziamento de professores que tinham afinidades com a área de Educação Matemática. Nossa área ficou fragilizada. Acho que está fragilizada até hoje, somos poucos na área numa Faculdade de Matemática com quase 100 professores. Você pensar que nós estamos ali na Faculdade de Matemática com quantos da área, realmente de Educação Matemática?<sup>67</sup> Penso que estamos realmente fracos. Não vejo a Educação Matemática como sendo voltada exclusivamente para o processo de ensino e aprendizagem da

---

<sup>67</sup> Atualmente há apenas as professoras Maria Teresa Freitas Menezes e Fabiana Fiorezi de Marco Matos e os professores Arlindo José de Souza Junior e Douglas Marin. Podemos contabilizar a professora Erika Maria Chioca Lopes que se afastou para o doutorado na área de Educação. (Fonte <:[www.famat.ufu.br](http://www.famat.ufu.br)>. Acessado em 19/04/2018).

educação básica. Eu vejo a Educação Matemática, aspectos pedagógicos, quando falam assim: matérias pedagógicas, eu discordo totalmente. Toda e qualquer matéria do Ensino Superior tem que, necessariamente, ter um viés pedagógico. O professor tem que pensar se ele está aqui e quer ser professor, tem que ter conhecimento dessa área.

Sobre a estrutura curricular e a ementa, eu imagino que a Consuelo, a Marlene e a dona Márcia devam ter alguma influência nessa ementa. Tínhamos uma forma de trabalho um pouco diferente de hoje, por conta do contexto. Atualmente, por exemplo, a gente se envolve com orientação, pesquisa, administração e tudo mais. Me vejo hoje um pouco distante, todos os meus estagiários de sala de aula, porque eu vivia dentro da escola. Por exemplo, na ESEBA<sup>68</sup> há professores que foram meus alunos em Prática de Ensino. O Valmir, por exemplo, que é um dos professores da ESEBA, fala que eu ia junto para a sala de aula. Influenciava inclusive de certa forma a própria escola. Hoje não temos condições de fazer isso mais. Não tem mesmo! Porque temos os outros tantos afazeres acadêmicos. Sinto-me um pouco distante, quer dizer tem as notas de campo que são fundamentais. Tem o retorno. Tem o feedback da nota de campo que vejo que são fundamentais. Questiono muito os alunos, faço com que se aprofundem nas reflexões do que acontece, mas ainda assim não estou lá. Por vezes, estou telefonando, conversando com o professor, com o diretor, mas me vejo distante hoje, em relação ao que fazia antes.

Lembro-me que tivemos um projeto grande para o ensino de Geometria de primeira à quarta série, que foi financiado pelo FNDE, em que os professores vinham aqui na Universidade. Eu coordenava juntamente com a Raquel. Foi quando, em 1993, o Arlindo e o Néilson<sup>69</sup> entraram por concurso. Acho que o concurso deles foi o primeiro específico para Educação Matemática no Brasil em uma Faculdade de Matemática.

Em relação às mudanças, participei quando estava ainda no processo de discussão de se tornar Universidade. Isto aconteceu durante o meu curso de graduação. Eram várias as discussões que foram acontecendo aos poucos. Mas fui assistindo aquilo meio distante. Tenho certeza que fui, junto com meu pai, conversar no gabinete do Rondon Pacheco. Esse fato me lembrou de que meu pai, de certa forma, teve alguma influência nesse processo, mas outros detalhes eu não sei. Eu me lembro de uma vez, de uma palestra de um servidor do MEC que

---

<sup>68</sup> Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: < <http://www.eseba.ufu.br/> >. Acessado em 19/04/2018).

<sup>69</sup> Professor Nelson Silva Carvalho, ex-professor da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).



esteve aqui conversando conosco. Ele buscava informações sobre o curso, mas ainda nessa época era Faculdade.

Sobre a formação continuada as coisas não eram assim, como hoje. Não havia mestrado e doutorado, penso que é uma coisa recente. À época, por exemplo, o mestrado em Educação Matemática estava começando. A SBEM estava começando. Agora tinha o IMPA, mestrado na Matemática Pura. Havia esses outros mestrados e doutorados, mas não era o que é na escala de hoje. A grande maioria dos professores quando entrei na UFU não tinha mestrado e doutorado. Depois chegou o Fernandinho com mestrado, o Zé Maria com mestrado, e também alguns professores, que esqueci o nome, que estão hoje na Computação. A estrutura universitária era outra. Havia o Centro de Ciências Exatas e nele a Computação, a Matemática, a Engenharia, tudo misturado na mesma linha de exatas. No nosso departamento inicial tínhamos professores da Computação, da Estatística, da Matemática. Depois a Computação se separou, então tem o Departamento de Computação. E depois se separou a Física. Ficamos nós da Matemática e a Estatística. A Educação Matemática foi nascendo ali, porque na verdade ela não existia em lugar algum, ela estava sendo discutida em Rio Claro, sendo discutida aqui e ali. Ela foi nascendo no âmbito dos estudos de alguns professores. Depois que passou a acontecer, passei a me envolver de tal forma, que comecei a não só publicar nesses eventos, como oferecer minicursos, oferecer workshops nos Estados Unidos onde houve essa repercussão muito grande.

Dos nossos alunos que cursavam Matemática, muitos eram de Uberlândia, outros da região, eles vêm de fora e acabam ficando aqui, e ficando mesmo. Há muitos que ficaram, vêm da redondeza e acabam ficando. Os alunos que fazem e ficam na licenciatura são alunos que realmente são interessados em serem professores. Há aqueles que sempre estiveram comigo nas mostras do Laboratório de Ensino para a comunidade externa. Quantas vezes fiquei de manhã até o período da noite aqui na UFU por conta de receber os alunos das escolas da região no Laboratório de Ensino, com os meus alunos da graduação. Muitos deles fizeram pós-graduação. Nesse tempo mais recente, os alunos já estão mais ligados para a pós. Antigamente não era tão comum assim. Agora não, o aluno já faz, eu mesmo oriento: vocês têm que cuidar do currículo, têm que ter um currículo bom, pensar em capacitação, porque vocês vão pleiteando um mestrado, doutorado, especialização, seja o que for, não podem parar. Antes não era assim! Aqui na Faculdade de Matemática tenho alguns professores que foram meus alunos. Outro dia

a Ana Carla<sup>70</sup> me parou no corredor, eu quero te trazer o caderno da sua disciplina que eu tenho até hoje, ela me falou. Além da Ana Carla, foram o Edmilson<sup>71</sup>, o Janser<sup>72</sup> e a Miriam<sup>73</sup>.

Uma reflexão que faço, o curso que me formou tinha pontos muitos positivos, mas também tinha os pontos negativos, que foram aqueles que me despertaram a correr atrás da Educação Matemática. Não havia uma preocupação em cativar o aluno para que ele se interessasse por aquele conteúdo. Não era preocupação dos professores, não percebiam isso, o que muito me incomodava. Por exemplo, a Prática de Ensino. Não vejo a Prática de Ensino que tive como exemplar, como aqui hoje tento fazer com os alunos. Eu vejo que aqueles alunos que tinham muito interesse, eles iam atrás. Os alunos que não tinham, podiam não fazer nada, tudo bem. Vejo que muitos pontos melhoraram e que hoje estamos bem mais à frente nos aspectos formativos do cidadão global do que antes.

Sobre o ensino de Matemática depende de quem está atuando, depende muito. Falo que o professor tem uma arma muito grande na mão, ele pode captar a atenção desse aluno e realmente influenciá-lo de forma que goste e que realmente adquira aquele conhecimento com significado, ou afastá-lo totalmente daquilo. Tenho muito medo desses alunos que estão no ensino fundamental, que ainda não chegaram para nós, porque aqueles que chegaram são alunos que, de uma forma ou de outra, têm algum interesse na Matemática. Acho que é um cuidado que nós aqui na Universidade temos que ter. É isso!

---

<sup>70</sup> Ana Carla Piantella é professora da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>71</sup> Edmilson Rodrigues Pinto é professor da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>72</sup> Janser Moura Pereira é professor da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>73</sup> Mirian Fernandes Carvalho Araújo é professora da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Fonte: Faculdade de Matemática da UFU).

### Professora Semia Jorge



Fonte: Arquivo pessoal da depoente

*Ao buscar uma depoente que tivesse sido aluna do curso de Ciências que habilitava o professor a lecionar Matemática através da Licenciatura Curta, no momento de sua criação, percorri muitos caminhos na Universidade até chegar ao nome da professora Semia Jorge. Cheguei a ela através da Doca<sup>1</sup>, que me informou que ela aposentara pela Escola de Educação Básica (ESEBA) da Universidade Federal de Uberlândia. A partir disso, entrei em contato com alguns professores dessa escola, e depois de muito insistir consegui seu contato através da professora Raquel<sup>2</sup>. Assim que liguei, a professora se prontificou a colaborar para o entendimento do processo de criação dos cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Encaminhei para o seu e-mail o roteiro para a nossa entrevista. Agendamos nossa entrevista para o dia 19 de julho de 2016, às 15h, em sua residência, em Uberlândia, num encontro cuja gravação durou 41 minutos. Quando a textualização ficou pronta, levei-a à sua casa, junto com os áudios da entrevista, a transcrição e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Ela pediu alguns dias para ler e fazer os ajustes necessários.*

---

<sup>1</sup> Aparecida Portilho Salazar, chamada de Doca. Foi secretária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na época de sua criação. Depois trabalhou no setor de Registro de Diplomas desde quando a UFU – Universidade Federal de Uberlândia – obteve o direito de fazer isso. Antes, todos os diplomas emitidos eram registrados pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Raquel Fernandes Gonçalves Machado, graduada em Matemática pela UFU em 1982 e professora da ESEBA desde 1986.

*Passados alguns dias, nos reunimos novamente, lemos juntos a textualização e discutimos todas as mudanças solicitadas. Combinamos uma nova data para nos encontrarmos após a realização dos ajustes. Nesse dia, lemos novamente o texto, houve novas mudanças e acréscimos, percebi que a professora se viu na textualização, e a partir disso me cedeu a carta de cessão do material. Na textualização, Semia narrou sua vivência antes de entrar no curso, descrevendo sua experiência como professora durante o curso e depois de formada, o que podemos constatar em seu depoimento.*

(\*\*\*)

Meu nome é Semia Jorge, nascida em Tupaciguara<sup>3</sup> em 27 de agosto de 1950.

Estudei no Externato Ruy Barbosa<sup>4</sup> e depois no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas<sup>5</sup>, sempre em escolas particulares a vida inteira aqui em Uberlândia mesmo. Felizmente sempre tive bons professores.

Em 1966, existia o curso científico, o clássico e o curso normal. Eu sabia que não queria ser professora e não queria fazer o clássico, dando preferência ao científico. Mas as escolas eram muito mais caras, por causa disso precisava trabalhar com urgência. Refleti que através do curso normal teria a possibilidade de estudar e trabalhar. Estava com treze anos, em 1963, quando comecei a lecionar<sup>6</sup> já no ensino fundamental. Era a mais nova da sala de aula, meus alunos todos eram mais velhos. Era um curso noturno e todos trabalhavam durante o dia. A diretora não sabia que tinha essa idade, porque a documentação não era muito importante. Quando ela soube, quase morreu, mas mesmo assim continuei, já estava acostumada com tudo aquilo e meus alunos também. Eu tinha condições. Fiz um estágio de três dias com a professora que iria sair, eu fui para fazer uma substituição. Nem a professora sabia que eu tinha treze anos. Precisava trabalhar, falei para mim mesma: dou conta. Fiz esse estágio de três dias com ela, e no quarto dia eles<sup>7</sup> assistiram às minhas aulas e gostaram muito, tinha um bom domínio de sala. Quando falo domínio, não é controle, me refiro a conseguir trabalhar bem com os alunos, sem

---

<sup>3</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 142 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>4</sup> Segundo a professora Semia, ele funcionou na avenida João Pinheiro, Centro de Uberlândia, sob a direção de Dona Juvenília Ferreira dos Santos. Não foi possível obter maiores informações.

<sup>5</sup> Depois passou a ser chamado Colégio Nossa Senhora da Dores, atualmente chama-se Colégio Ressureição. (Fonte: < <http://ressurreicaouberlandia.com.br/> >. Acessado em 15/05/2018).

<sup>6</sup> Grupo Escolar Coronel José Teófilo Carneiro era escola pública estadual de ensino primário, foi inaugurado em 1945 e parou de funcionar em 1971. (Fonte:< <https://cordeirodefreitas.wordpress.com/lugares-inesqueciveis/grupo-escolar-coronel-jose-teofilo-carneiro-uberlandia-mg/> >. Acessado em 15/05/2018).

<sup>7</sup> A professora Semia, refere-se aos alunos acompanhados pela professora e diretora.

grandes problemas, e passar o que tinha que passar de uma forma tranquila. Não gosto muito de usar a palavra disciplina, enfim, conseguia isso. Acho que talvez seja pelo meu tom de voz, pela minha postura, eu não sei! Assim, comecei a lecionar e nunca mais parei.

Quando fiz o curso normal, sabia também que não queria ficar só no curso normal. Tentei fazer Jornalismo. Em Uberlândia não tinha Jornalismo, para isso teria que ir para outra localidade. Com salário de professor, pois estava lecionando, não dava para morar em outra cidade e pagar escola. Meus pais não tinham essa condição para me sustentar, eram imigrantes libaneses. Vieram para o Brasil para trabalhar e melhorar de vida. Isso que eles falavam. Perguntei-me: o que vou fazer? Eu gosto de línguas, vou fazer Letras. Em 1969, passei em primeiro lugar no vestibular. Frequentei um ano. Não gostei! Professores péssimos. Isso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Uberlândia.

A partir disso comecei a refletir mais sobre o que estava acontecendo. Não estava gostando do curso de Letras. Tinha o curso de História, isso não gosto. Não que não goste, não era o que queria fazer. Existiam outros cursos, como Geografia, Matemática, além de História, e Língua Estrangeira. Era isso que havia, porque era uma Faculdade que oferecia cursos mais para mulheres. Não tinha cursos de Medicina e de Engenharia, não! Não tinha nada disso. Também tínhamos à disposição cursos de Etiqueta, Música, Piano, Aulas de Postura, Bordado, essas coisas. Tudo para mulher mesmo!

Em 1970 foi criado o curso de Ciências. Não tive dúvidas, saí da Faculdade de Letras e entrei em Ciências. Quando apresentaram esse curso para nós, disseram que seria de licenciatura plena apenas nessa área. Porque jamais entraria numa Faculdade para fazer algo que não fosse licenciatura plena. No final do primeiro ano, nos avisaram que agora teríamos habilitação em Matemática, junto com a de Ciências, mas tudo seria licenciatura curta. O que sei é que o curso deveria ser de licenciatura plena e alguma coisa deu errado. Acho que não foi aprovado, talvez por falta de estrutura, talvez por falta de pessoal habilitado.

Esse curso não era isso que estávamos buscando. Ninguém estava preparado para cursar três anos de Física, Química, Matemática. Mas para lecionar Ciências precisávamos saber um pouco de cada uma dessas áreas. O curso era de três anos, tínhamos seis períodos. Lembro-me que no primeiro ano tínhamos muitas disciplinas, todas misturadas nas diferentes áreas. No segundo ano, mais outras disciplinas. Em relação à Matemática, cursamos: Matemática 1, Matemática 2 e Matemática 3. Também tínhamos aulas específicas de Álgebra. Nesse curso tive bons professores, não posso me queixar. Lembro-me de alguns deles, como Lairton<sup>8</sup>, Yone

---

<sup>8</sup> Lairton Borges era professor de Química. Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

Vicentini<sup>9</sup> e o Carlos<sup>10</sup>. Eles não tinham mestrado, raramente você encontrava alguém que tivesse e a maioria deles lecionava na Escola Estadual de Uberlândia<sup>11</sup>, que era uma das melhores escolas da região. Não tinham essa formação universitária, que vemos hoje, mas tinham essa experiência por serem professores de escola. Eram convidados para lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Em relação à estrutura física, era fraquíssima. Isso se tratando do meu caso, por ser primeira turma, não tinha nada preparado, não tinha um laboratório. Acho que nem livros específicos tinham na biblioteca. Tínhamos alguns livros na sala de aula. Comprávamos livros porque não havia livros. Não, não tinha estrutura alguma. Nada! As salas de aula eram normais, bem ventiladas, tudo certinho! Era uma escola particular, era a melhor escola de Uberlândia, chamava-se Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, mantido pelas freiras. Mas em termos de materiais, a escola não tinha nada!

Em minha turma percebia quais colegas iriam seguir carreira. Aqueles que estudavam muito, que se preparavam. Havia aqueles que iam por causa do diploma mesmo, para não ficar sem estudar. Eu tenho colegas, amigas até hoje dessa turma, que nunca lecionaram, que nunca frequentaram uma escola, apenas se formaram e se casaram. Tenho outros colegas que seguiram a carreira docente e alguns até continuam trabalhando, mesmo aposentados voltaram a lecionar. Foi uma turma muito heterogênea. Éramos por volta de vinte, vinte e um alunos. Os alunos eram de Uberlândia mesmo, não tinha ninguém de fora, todos da cidade. Todos já lecionavam no curso primário<sup>12</sup>. Acho que queriam o diploma porque a carência era muito grande.

Vou abrir um parêntese aqui e mencionar sobre um professor que tivemos. No dia de prova, ele as entregava, e eu via os meninos em sua maioria colando. Sempre detestei cola, nunca aceitei isso não. Esse professor virava as costas, a cola rolava solta! Ele não falava nada, deixava por isso mesmo. Parecia-me uma coisa que estava sendo empurrada. Ah! É a primeira

---

<sup>9</sup> Yone Vicentini Gomes, formada em Matemática pela Católica de Campinas, na década de 1950. Segundo o professor Fernando foi a primeira a lecionar com formação específica, em Matemática, na cidade de Uberlândia. Foi uma das fundadoras do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Depois da federalização da Universidade, a partir de 1978, foi professora do Departamento de Ciências Exatas da UFU. Aposentou-se pela UFU e, faleceu em 2014, aos 84 anos. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>10</sup> Professor Carlos Ferrin era professor de Desenho Geométrico, formado em Matemática em Belo Horizonte. (FAFIU, 1985).

<sup>11</sup> Também conhecida por Museu. Localizada no centro de Uberlândia, na Praça Adolfo Fonseca, no Fundinho, foi inaugurada em 1929, o prédio data de 1921. Este prédio foi o primeiro de uma escola a ser tombado em Uberlândia, como Patrimônio Histórico e Cultural do Município. Entre seus alunos ilustres, o cardiologista Adib Jatene e o ex-governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco. Foi o Colégio de maior referência em Uberlândia. (GATTI, 2013).

<sup>12</sup> Segundo a professora Semia em 1970, quando o curso de Ciências foi iniciado, os alunos já eram professores, mas não tinham a habilitação.

turma, vamos empurrar, e com o tempo vamos arrumando. Tipo assim! Foi assim! Agora, os bons alunos mesmo, os que queriam estudar, conseguiram.

Esse curso contribuiu para a demanda de escolas na cidade, apenas para o primeiro grau sim. Para as escolas de primeiro grau, porque tinha poucas pessoas, muito poucas pessoas que entraram para a área de Matemática. Na sua maioria cursavam Ciências.

Mas vejo que ele foi importante, pois no final da década de 1960 e início da década de 1970 não existiam cursos. Então qualquer curso que chegasse seria importante para a região. A carência de habilitações para as disciplinas básicas era muito grande. As pessoas precisavam ir para outras cidades para ter alguma habilitação, como por exemplo, para cursar Biologia viajavam até Ribeirão Preto<sup>13</sup>.

Depois houve algumas mudanças nele. Acho que isso foi em 1975, talvez em 1976. Nessa época, já estava formada em Ciências, mas cursava Biologia. Esse curso de Ciências ficou junto com a Faculdade de Biologia, e a pessoa escolhia habilitar-se em Biologia ou Matemática. Isso em licenciatura plena.

O meu diploma saiu registrado pela Faculdade de Filosofia. Agora se eu pedir um novo vem como Universidade porque foi reconhecido por ela. À época, tínhamos até carteirinha de habilitação depois de formados. Preciso verificar nela para lhe confirmar como saiu.

Agora de todo o movimento de criação da Faculdade de Filosofia e, posteriormente, da Universidade, tivemos muita ajuda do Rondon Pacheco<sup>14</sup>. Infelizmente, ele faleceu alguns dias atrás.

Sobre o reconhecimento do curso, não sei disso! Acho que já era reconhecido. Eu acho que o reconhecimento veio antes. Veio durante o primeiro ano. Agora que estou me lembrando. Veio com essa coisa de não ser licenciatura plena, vai ser licenciatura curta como lhe falei.

Em relação a algum aspecto da legislação que pode ter influenciado no curso, isso não sei lhe informar nada. Se fosse da ESEBA eu saberia lhe dizer. Porque eu que fiz, eu que montei

---

<sup>13</sup> É um município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 280 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>14</sup> Nasceu em de 1919 em Uberlândia, onde mais tarde iniciou o curso de Direito, mas foi concluí-lo na capital do estado, Belo Horizonte, advogou e iniciou a carreira pública. Começou a vida política ainda estudante da Faculdade de Direito da UMG, hoje UFMG, quando, em 1942, foi Presidente do CAAP - Centro Acadêmico Afonso Pena - uma das mais tradicionais entidades estudantis do Brasil e a mais antiga de Minas Gerais. Entre outros cargos na política, foi Deputado Federal em 1950, foi reeleito sucessivamente e permaneceu no congresso até 1967, quando foi para a casa civil, sendo o chefe do Gabinete Civil do presidente Costa e Silva e, depois Governador do estado de Minas Gerais, entre 15 de março de 1971 e 15 de março de 1975. Depois se elegeu deputado federal em 1982. Em 14 de agosto de 1969 pelo decreto lei 762 criou a Universidade de Uberlândia (UnU) posteriormente Universidade Federal de Uberlândia (UFU), isso quando foi ministro-chefe da casa civil. Faleceu em 2016, aos 96 anos, em sua cidade natal. (Fonte: < <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/conheca-trajetoria-do-uberlandense-rondon-pacheco/> >. Acessado em 10/07/2016).

tudo por lá. Na Faculdade de Filosofia, a gente não participava de nada. As informações eram muito restritas, parece que nada podia ser dito. Então não participávamos dessas coisas, não tinha um conselho de classe. Não sei se a Consuelo<sup>15</sup>, que era professora, participou. Agora nós, como alunos, não.

Se fizer uma análise sobre o curso de Ciências, penso que ele foi necessário e bem-vindo porque formou muitos profissionais dessas áreas. Acho que fez com que crescêssemos nessas áreas, porque não teríamos outra oportunidade de fazer isso. A minha irmã, Nádia Jraige<sup>16</sup>, também fez o curso. Na minha família foram seis pessoas que cursaram o curso de Ciências. Todas fizemos juntas! Nós estudávamos tomando banho de saís. Vai ter prova, então, enchíamos a banheira e íamos estudar. Coisa assim muito legal mesmo. Nós tínhamos prazer de ir para a escola, encontrar os colegas, não faltávamos. Depois vou lhe arrumar uma foto. Nessa foto estamos comemorando por termos passado no vestibular para entrar no curso. Talvez seja a única foto que exista das calouras da primeira turma do curso de Ciências da Faculdade de Filosofia.

Para finalizar, a única coisa que eu diria e lamento profundamente que a Faculdade tivesse começado sem estrutura boa. Isso me fez muita falta! Digo isso porque eu não gostava de laboratório para ensinar. Porque eu não sabia! Não me ensinaram. Eu tive três anos de Botânica, três anos de Zoologia, três anos de Química, três anos de Física, três anos de Matemática, e pesado, disciplinas pesadas, e não tinha laboratório. Senti muita falta durante todo a minha vida profissional dessa estrutura de laboratório. Eu via as coisas assim de Matemática, as equações, todas aquelas fórmulas que tinha que decorar, ninguém me explicava como é que é. Lamento profundamente, poderia ter feito um curso melhor. Se fui uma boa professora: Não sei! Mas se fui uma boa professora, eu devo essa iniciativa ao meu trabalho e à minha pesquisa, não a eles.

---

<sup>15</sup> Consuelo Maria Garcia de Freitas é nossa colaboradora.

<sup>16</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.



**Professora Vera Lúcia Sousa Costa**

Fonte: Arquivo pessoal da depoente

*Ao buscar um depoente que tivesse sido professor do curso de Ciências que habilitava o professor a lecionar Matemática oferecido pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia, mantida pela Associação Brasil Central de Educação e Cultura, conhecida na cidade por ABRACEC, enfrentamos muitas dificuldades. Porém, em diferentes pesquisas que foram realizadas via internet, chegamos ao nome do professor Antomar Araújo Ferreira<sup>1</sup> que durante um período da sua vida foi aluno desse curso. Ele indicou o contato da professora Vera Lúcia Sousa Costa. Assim que liguei, a professora aceitou colaborar no entendimento do processo de criação dos cursos de formação de professor (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Antes de nosso encontro presencial, encaminhei para o seu e-mail o roteiro para a nossa entrevista e marcamos outro dia para sanar dúvidas. No dia e horário combinado, tivemos uma longa conversa sobre o roteiro, as fases da pesquisa e agendamos nossa entrevista para o dia 29 de julho de 2016, às 8h30. A professora Vera reside na cidade de Tupaciguara e nesse dia em que marcamos a entrevista, ela estava viajando para Uberlândia para deixar o seu carro para revisão. Busquei-a e fomos para meu gabinete na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde realizamos a entrevista, num encontro cuja gravação durou 42 minutos. Ela foi professora da primeira turma do curso de Ciências e lecionou no curso de 1980 até 1983. Ela é formada em Matemática pela UFU. Quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail,*

---

<sup>1</sup> Professor da ESEBA - Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

*junto com os áudios da entrevista, a transcrição, a textualização e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Telefonei para avisá-la sobre o envio, ela pediu alguns dias para ler. Passados alguns dias, voltei a ligar, nessa conversa tiramos algumas dúvidas e agendamos uma data e horário para que pudéssemos conversar presencialmente. Isso aconteceu em uma de suas vindas para Uberlândia, nos encontramos em seu apartamento. Lemos juntos a textualização e não houve acréscimos. Depois disso, ela me cedeu a carta de cessão. Na sequência, apresento sua narrativa.*

(\*\*\*)

Meu nome é Vera Lúcia Sousa Costa, nasci na cidade de Tupaciguara<sup>2</sup> em 16 de julho de 1953.

Estudei sempre em escola pública. Primeiro, fiz o ensino primário na escola Estadual Francisco Lourenço Borges<sup>3</sup>, de 1960 até 1964, depois continuei meus estudos na Estadual Sebastião Dias Ferraz<sup>4</sup>, todas localizadas no município de Tupaciguara.

O que me fez estudar Matemática foi a admiração que tinha pelos professores, tinha vontade de ser professora e tinha um professor de Matemática<sup>5</sup> que me incentivou muito. E devido a ele fiz o curso. Fui cursar Matemática. Um dos professores que me marcou muito foi o Fumil<sup>6</sup>, era um japonês, lecionava Matemática. Ele era formado em Engenharia em São Paulo. Também não posso deixar de lembrar do professor Hélio<sup>7</sup> esse já é falecido, mas ele era formado em Engenharia, em Belo Horizonte. Eles que me inspiraram para a Matemática.

Quando fiz a minha educação básica, os meus professores não eram licenciados, na região ainda não havia curso de formação superior nessa área, mas lembro-me que alguns dos meus professores eram formados em outras áreas. Por exemplo, o meu professor de Matemática era engenheiro agrônomo, mas muitos não tinham formação alguma.

---

<sup>2</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 71 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>3</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa escola.

<sup>4</sup> Em 1945 foi lançada a pedra fundamental do prédio do Ginásio Tupaciguara que iniciou as atividades no ano de 1946. Em 1954 passou pelo controle dos Padres Estigmáticos. Em 1964, foi doado para o estado de Minas Gerais. Pela Lei 3.363, de 2 de abril de 1965 foi criado o Colégio Estadual de Tupaciguara e pela Lei 3.582 de 23 novembro de 1965 foi criado o 2º grau que apenas teve início em 1966. Em reconhecimento e gratidão a Sebastião Dias Ferraz, a escola recebeu o seu nome pela Lei 5.936 de 04 de julho de 1972. Atualmente é uma escola de Ensino Fundamental e Médio (Fonte: < <https://eesdfblog.wordpress.com/sobre/a-escola/> >. Acessado em 05/02/2017).

<sup>5</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

<sup>6</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

<sup>7</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

O meu curso de graduação fiz na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Antes, ainda não era federal, a minha turma foi a última antes da federalização. Antes era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Meu diploma saiu como UFU.

Lembro-me que na Faculdade os meus professores eram apenas graduados, mestres e doutores eram poucos. Tinha muito engenheiro lecionando! Eram excelentes professores. No início, o curso tinha disciplinas de Língua Portuguesa, de Filosofia, era uma mistura. Mas depois o curso foi ficando mais restrito a disciplinas da área de Matemática.

Pelo meu diploma sou Licenciada em Matemática. Na época, ele podia sair também com outra habilitação ou em Física ou Desenho Geométrico. Preferi escolher Física.

Na Faculdade os professores que me marcaram, não sei porque, mas não esqueço deles foram a dona Yone Vicentini<sup>8</sup> e a professora Consuelo<sup>9</sup>.

No início, o curso tinha muitos alunos, mas depois a turma foi diminuindo, ano a ano diminuía muito. Terminou com quinze alunos. Naquela época o curso era anual. E isso dificultava bastante. Se o aluno não passava em uma disciplina tinha que esperar um ano para tê-la novamente. Depois que foi federalizado o curso passou a ser semestral.

A estrutura era boa. Não era ruim não. Para a época acho que era boa. Porque não foi aqui nesse prédio que estamos onde tudo começou<sup>10</sup>. Era em outro prédio, no colégio das freiras<sup>11</sup> que era considerado o melhor da cidade.

A nossa biblioteca era limitada para livros de ensino de Matemática, mas não era muito comum eu pegar livros não, sabe? Eu gostava muito de comprar. Digo isso, pois quando me aposentei tinha um arsenal de livros em casa. Eu os doe! Mas na biblioteca tinha poucas referências, talvez o mínimo do mínimo. Eu não gostava de pegar livro em biblioteca, pegava os que, às vezes, eram muito além do preço, mas em sua maioria os comprava.

Depois de formada, realizei uma pós-graduação na UNIPAC<sup>12</sup> em Tupaciguara. Não foi na área de Matemática. Fiz em Psicopedagogia e Portadores de Necessidades Especiais, porque estava trabalhando em uma Faculdade e depois fui diretora na UNIPAC. À época, trabalhava

---

<sup>8</sup> Yone Vicentini Gomes, formada em Matemática pela Católica de Campinas, na década de 1950. Segundo o professor Fernando foi a primeira a lecionar com formação específica, em Matemática, na cidade de Uberlândia. Foi uma das fundadoras do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Depois da federalização da Universidade, a partir de 1978, foi professora do Departamento de Ciências Exatas da UFU. Aposentou-se pela UFU e, faleceu em 2014, aos 84 anos. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>9</sup> Consuelo Maria Garcia de Freitas é nossa colaboradora.

<sup>10</sup> Apenas lembrando que a entrevista aconteceu em meu gabinete na Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>11</sup> Colégio fundado em 1932, está em funcionamento até os dias de hoje com o nome de Colégio Ressurreição Nossa Senhora. (Fonte: < <http://ressurreicaouberlandia.com.br/> >. Acessado em 15/05/2018).

<sup>12</sup> Universidade Presidente Antônio Carlos é uma instituição de ensino superior privada, filantrópica, de Minas Gerais. (Fonte: < <http://www.unipac.br/intro/> >. Acessado em 19/05/2018).

com essa parte educativa de Normal Superior e de Pedagogia. Achei melhor fazer pós-graduação nessas áreas para manter-me empregada.

Eu comecei a lecionar antes de me formar, fazendo o curso de graduação. Comecei em Tupaciguara na escola onde estudei. Eu fiz o vestibular, passei, no ano seguinte, no primeiro ano de Faculdade, isso mais ou menos em 1973 ou 1974. Fui chamada para lecionar Matemática na escola estadual. Porque não havia professores.

Lecionar foi muito bom para mim, porque foi uma realidade completamente diferente de hoje. Amava entrar na sala de aula. No início, já me mandaram para uma sétima série do 1º grau<sup>13</sup>, uma professora que não tinha experiência, mas aprendi muito. Até que me formei e comecei a lecionar no 2º grau<sup>14</sup>. Eu lecionava Física e Matemática, sempre em Tupaciguara.

Em 1980 fui convidada para lecionar na ABRACEC. Foi quando se iniciou o curso que habilitava o professor a lecionar Matemática. Alguém me indicou. Não me lembro quem foi. Sei que estava em casa e me ligaram. Disse que poderia tentar. Toda a minha vida foi muito assim! Não tenho medo de nada, me falam para fazer isso eu vou lá e faço. Então comecei e me dei bem, gostei. Mas depois, por motivos particulares, tive que sair em 1983.

Era um curso de Ciências que habilitava o professor a lecionar Matemática até o primeiro grau. Era a antiga licenciatura curta. Não sei como saiu no diploma. Vou olhar o diploma de alguém para ver como saiu isso. Tenho pessoas ligadas a mim, em Tupaciguara, que foram minhas alunas, à época. Minha irmã foi minha aluna. Vou fotografar o diploma dela e disponibilizar para você. Lecionei para as duas primeiras turmas do curso. Uma que iniciou em 1980 e se formou em 1982 e a outra turma começou em 1981 e se formou em 1983. Depois disso, saí da Instituição.

Nesse curso, sempre lecionei Matemática. Lembro-me que ele era anual e que lecionei as disciplinas Matemática 1 no primeiro ano, e Matemática 2 no segundo ano.

O conteúdo a ser ministrado no primeiro ano era todo o conteúdo que se aplica ao primeiro grau. Só que ia além. Eu dava uma noção de matéria de segundo grau. Eu explicava tudo aquilo, mas não falando para os alunos que era uma matéria de nível de Faculdade, expunha um conteúdo básico, sem me aprofundar muito. Chegávamos até noção de limite e derivada mas não me aprofundava, porque eles não iriam usar esse conteúdo depois. Quando lecionei no segundo grau, na escola da rede pública, eu ensinava limite e derivada. Por quê?

---

<sup>13</sup> Hoje seria a oitava série do Ensino Fundamental II.

<sup>14</sup> Hoje é chamado de Ensino Médio.

Por causa do vestibular. Então, se os alunos não fizessem um cursinho, pelo menos já tinham tido esse conteúdo. Geralmente, nessa época o colegial era muito bom!

No curso de Ciências, na ABRACEC, expunha uma boa noção de Cálculo para os alunos. Também lecionei outras disciplinas como Geometria Plana e a Geometria Espacial. Entrei em Geometria para trabalhar com áreas, pois os alunos iriam lecionar isso no primeiro grau. Mas quando entrei em Geometria Espacial, eles falaram que nunca tinham tido noção disso. Alguns até diziam: existe isso em Matemática?

Os nossos alunos do curso, da época da ABRACEC, eram pessoas adultas. Na sua maioria já eram professores<sup>15</sup> que estavam atuando em escolas públicas da região e que estavam nesse curso para obter um diploma, um certificado para continuar a lecionar Matemática na escola pública. Eles vinham de Araguari<sup>16</sup>, Tupaciguara e Uberlândia. Nessa primeira turma havia uns oito alunos de Tupaciguara. Então eram alunos em Uberlândia e professores em Tupaciguara. Já na segunda turma não tinha ninguém de Tupaciguara mas havia muitos alunos de Araguari.

Essa Faculdade era paga; a estrutura física lembrava-me uma escola do Estado, as salas de aulas eram todas adaptadas. Não tinha nada, assim, surpreendente, era uma sala normal, mas que satisfazia as necessidades.

A biblioteca era bem pequena. Não existiam muitos livros para a parte específica de Matemática. Havia uma coleção completa de todos os conteúdos. Era a coleção do Cid Guelli<sup>17</sup>. Trabalhei muito com os livros dele e tinha mais outros dos quais não me lembro.

Agora, sobre os demais professores que lecionavam no curso, não tenho certeza, mas acho que eram formados em Uberlândia, mas nem todos em licenciatura. Não tinha ninguém que fosse de outra cidade, eram todos daqui. Lembro-me de poucos professores, apenas da dona Yone e da Consuelo, mas elas não trabalharam na ABRACEC.

Ah, esse curso para a região foi muito importante. Falo isso pelos meus conterrâneos. Eles não tinham condição, como não tiveram condição de fazer mais nada. Poucos fizeram a licenciatura plena em Matemática e outros se aposentaram com esse curso oferecido pela ABRACEC. A grande contribuição que vejo para a região foi capacitar as pessoas que não

---

<sup>15</sup> Segundo a professora Vera, alguns deles não tinham nenhuma formação específica, mas em sua maioria eram engenheiros.

<sup>16</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 37 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>17</sup> Professor de Matemática, lecionou em 1960 e 1970 no curso preparatório Anglo Latino Americano e escritor de livro didático para o ensino de Matemática. (Fonte: < <http://eccidaugustoguelli.comunidades.net/index.php> >. Acessado em 19/12/2017).

tinham diploma, para quê? Para se efetivarem na rede pública, à época. Não tinha concurso, mas tinha o tempo de serviço e tinha que ter uma habilitação. Então, contribuí muito para a aposentadoria desses profissionais. Lembro-me de muitos profissionais de Tupaciguara que se formaram na ABRACEC e se aposentaram com apenas essa certificação.

Desse curso, fui eu quem criou as ementas da parte de Matemática. Eu não as tenho mais, até pouco tempo tinha, dei fim, mas para elaborá-las baseei-me em minha experiência como professora e aquilo que os alunos iriam usar como futuros professores.

O ingresso na Faculdade, como em qualquer outra, se dava por meio do vestibular. Eu elaborava a prova na parte de Matemática. Na verdade, cada docente era responsável por elaborar as provas de sua área. Nós entregávamos, em média, cinquenta questões em forma de teste.

Na época, não existia coordenador, tínhamos uma pessoa que era uma espécie de diretor, agora não me lembro o nome dele. Ele que conversava com a gente. Dizia: “Professora Vera, você irá dar aulas de Matemática, crie as ementas, e entregue as notas na secretaria”. Você ficava muito por sua conta!

Lembro-me que as turmas em que lecionei eram grandes, poucos desistiam. Sobre a avaliação, era em forma de provas normais aplicadas a cada dois meses. Eu elaborava, geralmente, cinco tipos de prova escritas. Elas eram variadas, tinha a parte de teste e a dissertativa. Muitos dos alunos da turma vinham de Tupaciguara comigo no ônibus. Era um ônibus fretado que trazia os estudantes para estudar em Uberlândia. No dia de prova eles ficavam malucos e vinham me cobrando!

Acho que a ABRACEC tinha a preocupação de abrir novos cursos, então isso fazia com que nos oferecessem uma pós-graduação. Como meu caso era Matemática, a direção do curso queria que fosse para Belo Horizonte<sup>18</sup>. Foi até por isso que não fiz. Para fazer o curso<sup>19</sup> eu teria que viajar, me parece que uma vez por mês tinha que ir e ficar uma semana.

Sobre esse curso, analiso que foi muito bom. Foi um campo muito amplo que se abriu e ajudou a formar muitos professores que precisavam do diploma para continuar lecionando.

Para concluir, penso que os professores de hoje não são como os de antigamente. Falo por mim, porque tenho uma bagagem que não foi uma exigência, foi criada por mim. O professor de hoje só se adapta a uma área. Tínhamos que nos virar. Acho que a bagagem dos professores de antigamente era bem superior. Tínhamos mais conteúdo do que o professor de

---

<sup>18</sup> Capital do estado de Minas Gerais.

<sup>19</sup> Oferecido pela Católica de Minas Gerais. Atualmente, PUC Minas. (Fonte: < <http://portal.pucminas.br> >. Acessado em 20/12/2017).

hoje, muitos, principalmente, professores do Estado, não têm bagagem alguma. É triste ver um professor, eu tenho tristeza quando vejo um professor pegar um caderno de Matemática de um aluno de escola pública para ensinar. É muito superficial! Eu acho muito fora da realidade do meu tempo, nós trabalhávamos para ensinar. Hoje se trabalha para o aluno ter um diploma. Acho que é isso!

### Professor Irineu de Paula Leão



Fonte: Arquivo pessoal

*Para localizar depoentes do antigo curso que formava o professor para lecionar Matemática fui até o Centro Universitário do Triângulo. Essa instituição incorporou a antiga Faculdade de Educação, Ciências e Letras, mantida pela Associação Brasil Central de Educação e Cultura (ABRACEC), onde começou o curso. Recebido pelo vice-reitor, o professor José Maria Mina, em nossa conversa ele me disse que não poderia ajudar muito ao indicar pessoas, pois fazia poucos anos que estava na Instituição, mas indicou a professora Lucia Regina Mendes<sup>1</sup>. Ao entrar em contato com a professora e explicar o propósito desse contato, ela me pediu um tempo para poder pensar em nomes. Depois de um tempo, entrei em contato novamente e ela me indicou a professora Rosângela de Oliveira Lima<sup>2</sup>. Liguei para essa professora que, com muita simpatia, me atendeu dizendo que precisaria pensar um pouco sobre o assunto. Ela naquele momento estava viajando para Belo Horizonte<sup>3</sup> e pediu para ligar em outro dia. Depois ela mesma entrou em contato, apontando alguns nomes, entre eles o nome do professor Irineu, e disse que não tinha seu contato telefônico e não sabia se ainda estava vivo. De posse*

---

<sup>1</sup> Professora da Instituição desde o final dos anos 1980 e continua até hoje.

<sup>2</sup> Foi professora da Instituição desde os anos 1990. Atualmente não atua mais nesse local.

<sup>3</sup> Capital do estado de Minas Gerais.



*desse nome, fiz buscas na internet por vários dias até encontrá-lo como professor da Universidade de Uberaba, campus Uberlândia. A partir disso, fui até o seu local de trabalho. Nele o encontrei e expliquei o motivo de meu interesse. Ele se prontificou a colaborar no entendimento do processo de criação dos cursos de formação de professor (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Nesse dia entreguei o roteiro para a nossa entrevista. Agendamos nossa entrevista para o dia 08 de novembro de 2016, às 19h, antes do horário da sua aula. Realizamos a entrevista na sala dos professores na UNIUBE, num encontro cuja gravação durou 35 minutos. O professor Irineu é formado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em Uberaba. Ele foi professor e coordenador do curso de formação de professores (de Matemática) que era mantido pela ABRACEC. Quando a textualização ficou pronta, levei-a à sua casa, junto com os áudios da entrevista, a transcrição e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Ele pediu alguns dias para ler e fazer os ajustes necessários. Passados alguns dias, nos reunimos novamente, lemos juntos a textualização e discutimos todas as mudanças solicitadas. Combinamos uma nova data para nos encontrarmos após a realização dos ajustes. Nesse dia, lemos novamente o texto, houve novas mudanças e acréscimos, percebi que o professor se viu na textualização, e a partir disso, me cedeu a carta de cessão do material. Na sequência, apresento sua narrativa.*

(\*\*\*)

Meu nome é Irineu de Paula Leão, sou nascido em Igarapava<sup>4</sup>, no ano de 1951.

Na minha vida como estudante, cursei o ensino de primeiro grau<sup>5</sup>, na época se chamava ginásio, na escola Industrial até a antiga 5ª série. Depois entrei no científico. Com as mudanças na legislação foram criados os ensinos de 1º grau e 2º grau. Assim, cheguei a concluir o 2º. grau em 1971. Realizei toda a minha formação básica sempre na cidade de Igarapava.

Logo que terminei o ensino básico, ingressei, em 1972, no curso de licenciatura em Matemática, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino,

---

<sup>4</sup> É um município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 150 km de distância da cidade de Uberlândia. Refiro-me a Uberlândia por ser a cidade onde está a instituição em que atuou como professor. E, aproximadamente, 40 km de distância da cidade de Uberaba. Refiro-me a Uberaba por ser a cidade onde realizou sua formação para lecionar Matemática. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>5</sup> Segundo o professor Irineu, ele cursou o 1º grau de 1964 até 1968 e o 2º grau de 1969 até 1971.

FAFI. Um ano depois de formado a Faculdade passou a se chamar de FISTA – Faculdades Integradas São Tomás de Aquino, na cidade de Uberaba, Minas Gerais. Enfim, concluí o curso no ano de 1975, saindo licenciado em Matemática e com habilitação em Física e Desenho.

Sobre a estrutura física da Faculdade não era, digamos, moderna, mas vamos dizer assim, atualizada e organizada. As salas de aulas eram amplas. Tinham bons auditórios. A biblioteca também atendia os alunos.

A nossa turma era muito unida! Lembro-me que a turma começou com uns trinta e poucos alunos, mas se formaram por volta de vinte e oito. Nós procuramos manter o contato. Fizemos uma comemoração de trinta anos de formatura. Não pude ir, mas quando nos reunimos antes fui. Esse encontro aconteceu em Uberaba.

Sobre os meus professores, lembro-me de poucos professores, quem me marcou bastante foi o professor Aragão<sup>6</sup>. Ele era engenheiro, mas infelizmente faleceu no ano passado. Tinha o professor André<sup>7</sup>, que era de Igarapava e a Marilene<sup>8</sup>, que ainda era aluna do curso e lecionava para nossa turma. Também havia aqueles professores que trabalhavam como policiais militares durante o dia e à noite iam lecionar Matemática.

Lembro-me que os meus professores vinham de várias cidades da região. De Perdizes<sup>9</sup> vinham dois professores. Também havia um professor que vinha de Santa Juliana<sup>10</sup> e de outras cidades próximas, como Campo Florido<sup>11</sup>, de Igarapava e de Uberaba.

Depois de formado na graduação, continuei lecionando na rede pública de ensino e, paralelamente, cursei uma pós-graduação. Em 1976, fiz a minha primeira especialização na cidade de Ribeirão Preto<sup>12</sup> em uma Faculdade chamada Barão de

---

<sup>6</sup> Professor José Lúcio Aragão, engenheiro mecânico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, levou no final da década de 1960 a Logosofia para Uberaba, além de prestar assessorias às empresas, lecionou nas primeiras Faculdades de Uberaba, na Faculdade de Engenharia Federal em Uberlândia, participou do movimento de federalização da Universidade Federal de Uberlândia e criou a Escola de Logosofia. Faleceu em 2015, vítima de um aneurisma. (Fonte: Jornal da Manhã, Uberaba, <<http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,22,articulistas,111495>>. Acessado em 02/02/2017).

<sup>7</sup> André Bortoletto Júnior, formado em Matemática e Física pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Foi professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino e depois, da Universidade de Uberaba. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

<sup>8</sup> Marilene Ribeiro Resende é nossa colaboradora.

<sup>9</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 110 km de distância da cidade de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>10</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 100 km de distância da cidade de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>11</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 73 km de distância da cidade de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>12</sup> É um município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 280 km de distância da cidade de Uberlândia. Refiro-me a Uberlândia por ser a cidade onde está a Instituição em que atuou como

Mauá<sup>13</sup>. Nesse curso, fiz a disciplina de Álgebra Linear com um professor muito famoso à época, Osvaldo Sangiorgi<sup>14</sup>. Depois dessa pós-graduação, em 1978, realizei um aperfeiçoamento no ensino de Física na UFMG<sup>15</sup>, em que tive aulas com a professora Beatriz Alvarenga<sup>16</sup>. Ainda fiz uma especialização, também em Física, mas agora era Física Geral, na Universidade Federal de Juiz de Fora<sup>17</sup>, e a concluí em 1994.

Por falta de professores na região, comecei a lecionar antes mesmo de me formar. Eu lecionava Matemática e Física. Isso foi no último ano de Faculdade, na cidade de Nova Ponte<sup>18</sup>, depois fui para Monte Carmelo<sup>19</sup> e prestei concurso para efetivo do estado. Como não tinha vaga em Monte Carmelo fui para Uberlândia, de onde nunca mais sai. Interessante, não voltei para Igarapava depois de formado. Praticamente em meu último ano de faculdade me mudei para Uberaba. Apesar de ficar perto de Igarapava, aproximadamente uns quarenta quilômetros, preferi morar em Uberaba. Algo que tenho que destacar, pelo curso que realizei durante a minha formação, poderia lecionar Matemática, Física e Desenho. Depois de formado solicitei junto ao MEC a carteira de professor. Ela funcionava como uma espécie de identidade.

O meu início como professor de Faculdade se deu quando um amigo que lecionava comigo na rede pública em Uberlândia me convidou para trabalhar na FIT – Faculdades Integradas do Triângulo. O nome dele era Antônio do Vale e era professor de Geografia.

---

professor. E, aproximadamente 160 km de distância da cidade de Uberaba. Refiro-me a Uberaba por ser a cidade onde realizou sua formação para lecionar Matemática. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>13</sup> Fundada em 5 de maio de 1966, em Ribeirão Preto, com a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Barão de Mauá", que mantinha os cursos de Letras, Pedagogia, Matemática e Estudos Sociais. A instituição supria uma grande carência de cursos voltados para a formação de professores na região. Atualmente, tem o nome de Centro Universitário Barão de Mauá. (Fonte: < <http://www.baraodemaua.br/> >. Acessado em 18/12/2017).

<sup>14</sup> Formado em Matemática pela Universidade de São Paulo, em 1943. Foi um dos precursores do Movimento da Matemática Moderna no Brasil. Escritor de livros didáticos, entre eles: SANGIORGI, O. Matemática: Curso Moderno. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1970; SANGIORGI, O. Logica - Matemática. São Paulo - SP: Grupo de Estudos do Ensino de Matemática, 1965; SANGIORGI, O. Matemática e Estatística. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. SANGIORGI, O. Matemática e Estatística para os Institutos de Educação e Escolas Normais. SAO PAULO - SP: Companhia Editora Nacional, 1954. (VALENTE, 2008).

<sup>15</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>16</sup> Professora que é uma das referências mineiras no ensino de Física. Beatriz Alvarenga, formada em Engenharia Civil pela Universidade de Minas Gerais, é professora emérita da UFMG. Publicou em parceria com Antônio Máximo o livro *Curso de Física*, considerada uma obra fundamental no ensino de Física. Hoje está aposentada pela UFMG. (Fonte: < <http://www.fisica.ufmg.br/professores/beatriz-alvarenga-alvares/> >. Acessado em 19/12/2017).

<sup>17</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 800 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>18</sup> É um município situado no Estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 80 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>19</sup> É um município situado no Estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 113 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

Na época, a FIT já havia incorporado a antiga ABRACEC – Associação Brasil Central de Educação e Cultura, onde existia a Faculdade de Serviço Social que foi criada em 1972. Alguns anos depois, aproximadamente, em 1975, foi criada a Faculdade de Educação, Ciências, Letras e Estudos Sociais de Uberlândia. Depois com a criação da FIT outras Faculdades foram incorporadas, como as Faculdades de Comunicação Social e de Fisioterapia, entre outras. Hoje é chamada de UNITRI – Centro Universitário do Triângulo.

À época, fui convidado para atuar no curso de Ciências que habilitava o professor a lecionar Matemática e Ciências. Ambas as habilitações eram para o professor lecionar no 1º grau. Lecionei um ano e pouco. Depois fui convidado pelo Reitor, à época era o Ildeu Afonso, para assumir a direção desse curso com a missão de criar a licenciatura plena para professores lecionarem Matemática ou Biologia, de acordo com a opção deles durante o curso.

O curso que existia antes de minha chegada funcionou por um período de quatro ou talvez cinco anos com habilitação plena em Matemática, mas ele ainda não estava reconhecido. Com isso existiam alunos que se formaram e estavam esperando a validação de seus diplomas. Ao assumir essa missão, a de dirigir o curso, fui encarregado também de arrumar toda a documentação para entregar para o MEC<sup>20</sup> e ter a aprovação para esse curso. Como disse há pouco, existiam alguns professores que se formaram pelo curso que estavam lecionando e aguardando a validação de seus diplomas.

Isso foi por volta 1991. Lembro-me que foi demorado. Havia muita documentação que ia para o MEC e depois voltava. Até que um dia a comissão deu o parecer favorável e aprovou o curso. E, ao aprovar o curso, automaticamente, abriram novas vagas para nós. Com isso pudemos abrir novas turmas de Matemática. Era um curso de Ciências que dava habilitação em Matemática e em Biologia. Essas duas modalidades. Esse curso funcionava no noturno por oito períodos. Até o quarto período era núcleo comum e, a partir do quinto período, o aluno tinha que fazer a opção ou por Matemática ou por Biologia.

Lembro-me das disciplinas de Cálculo. Tinha Cálculo 1, Cálculo 2 e Cálculo 3. Tinha a parte de Geometria: Geometria Plana e Espacial e a Geometria Analítica. Ah, não posso me esquecer da Álgebra. Também as disciplinas da parte de Física que faziam parte do núcleo comum.

---

<sup>20</sup> Ministério da Educação.

As disciplinas pedagógicas que lembro-me eram a Estrutura e Funcionamento do Primeiro e Segundo Grau, Psicologia da Educação, Didática, além das disciplinas de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino. Grosso modo, as disciplinas do curso eram distribuídas em 2800 horas.

As disciplinas desse curso, em especial as específicas em Matemática e as em Física, as ementas, fui eu quem as criou, mas sempre consultando os demais colegas do curso.

Sobre o corpo docente, por ser uma Instituição particular, sempre havia um grande rodízio de professores. Às vezes, o professor por interesse próprio saía da FIT. Outros, na minha função de diretor, cabia dispensar, pois não se encaixavam no trabalho. O curso nunca teve um corpo docente fechado. Fiquei à frente do curso de 1990 até 1994 nunca consegui um grupo de professores que começasse nas disciplinas iniciais e ficasse até a turma se formar, no meio do caminho havia sempre a troca de professores. Sempre havia reformulação do grupo de professores. Depois, de 1994 até 1998, passei à chefia do Departamento de Ciências Exatas, ao qual o curso de Matemática estava vinculado. Nessa minha gestão busquei sempre contratar professores que queriam ficar mais tempo na Instituição. Isso ajudou um pouco, mas mesmo assim existia a reformulação do corpo docente.

Saí da chefia e continuei como professor da Instituição e lecionando no curso de Matemática até 2007, ano que o curso parou de funcionar, pois não abriu mais turma. Nesse tempo todo em que fiquei, de 1990 até 2007, o rodízio de professores existiu com certa frequência. Não era apenas no curso de Matemática, mas nos demais cursos de maneira geral.

Na época, para contratar professores não era uma tarefa fácil, pois você não encontrava professores formados na área. Recebia muitos currículos, mas dificilmente os perfis analisados atendiam às necessidades básicas da Instituição. Isso tanto para professores quanto para os gestores. Eu era responsável por contratar não apenas os professores que iriam ministrar aulas no curso de Matemática, mas que fossem trabalhar no corpo docente da área de exatas. Algumas vezes o professor vinha por indicação, outros faziam entrevista comigo mesmo. Às vezes, era um bate papo que tínhamos com o candidato e acabávamos contratando. Mas o rodízio era contínuo.

Os professores em sua maioria eram engenheiros. Agora, formados em Matemática, além de mim, havia poucos. Lembro-me da professora Lacy Sholt<sup>21</sup> que era de Goiânia, ela se aposentou na UFG<sup>22</sup> e depois disso começou a lecionar em nossa Instituição. Havia muitos professores que eram aposentados pela UFU e depois passaram a lecionar em nosso curso. Havia professores que se aposentaram pela UFU e vinham trabalhar conosco. O Sandoval Martins<sup>23</sup> foi um deles. Ele se aposentou no curso de Matemática da UFU e depois veio lecionar em nosso curso. Isso foi de 1994 até 1998. Tinha também o professor Auster Juzante<sup>24</sup>, que foi formado pela Universidade de São Paulo (USP). Ele trabalhou em nosso curso e até o dirigiu por três anos.

Nosso aluno, eu diria que de setenta por cento até uns oitenta por cento dos alunos que buscavam esse curso, estavam no mercado de trabalho. Como não tinham o diploma, esses alunos buscavam, com o curso, a sua formação. Os demais alunos que ingressavam eram oriundos da escola mesmo, vinham do segundo grau. Esses alunos eram da região, muitos de Uberlândia, mas havia alunos de Araguari<sup>25</sup>, Tupaciguara<sup>26</sup>, Nova Ponte<sup>27</sup>, Prata<sup>28</sup> e das cidadezinhas vizinhas.

Depois de formados, poucos procuravam realizar uma pós-graduação. Tem o professor João Alexandre que, por curiosidade, está aqui do nosso lado. Na época, ele foi nosso aluno no curso de Matemática e fez depois uma especialização na própria instituição.

No início, quando comecei a lecionar, isso foi em 1989, a estrutura física da Faculdade, digamos assim, as salas de aulas eram bem antigas, com forro de madeira. Não existia um espaço para o lazer dos alunos. Os laboratórios em péssimas condições. Com o tempo isso foi renovando! Em 1993 a Instituição mudou de local. Ela passou a funcionar em um Shopping de Uberlândia.

---

<sup>21</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre essa professora.

<sup>22</sup> Universidade Federal de Goiânia.

<sup>23</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

<sup>24</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

<sup>25</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 38 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>26</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 71 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>27</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 75 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>28</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 87,5 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

Reformularam toda a estrutura do shopping e seguiram as normas que eram exigidas pelo MEC para uma Instituição de Ensino Superior. Depois foi mudando até chegar ao Campus que abriga hoje a UNITRI, com uma estrutura moderna.

A biblioteca, aos poucos ela foi sendo melhorada, principalmente, essa questão de livros para o ensino, em especial, o de Matemática, com um bom número de títulos. Desses, destaco os livros das disciplinas do núcleo comum, como os de Cálculo, Álgebra e os de Física. Aos poucos a biblioteca foi renovada, com novos títulos.

Olha se fizermos um exercício agora, e voltarmos no tempo, digo uns vinte anos, talvez trinta anos! Não havia professores formados nesse período. Para lecionar Matemática era muito difícil. Então, aquela pessoa que tivesse certa habilidade com a Matemática iria lecionar. Nisso essa Instituição contribuiu muito. Colocou muitos alunos no mercado de trabalho, pois muitos se formaram. Muitos!

Sobre o curso em que me formei, posso dizer que não gostei muito. Achei que a carga horária foi muito reduzida. Gostaria que tivesse mais aulas, principalmente na parte de Cálculo. Acho que, como o curso era mantido pelas freiras, me parece que se dava mais importância para as disciplinas mais de cunho pedagógico.

Quando passei a atuar como professor e depois como diretor, não sei se isso me influenciou, mas me dediquei fortemente para que tivesse sempre nesses cursos de formação de professores uma predominância de disciplinas para formação específica.

Acho que o curso de hoje é melhor. Isso é uma questão natural. Uma evolução natural. Para você entender, hoje nós temos melhores livros. Antigamente, era uma dificuldade de encontrar um livro bom. É isso!

Agora, esse curso em que lecionei, para mim, foi um curso ideal. Ele formou muitos professores. Recebemos muitos cumprimentos de ex-alunos, pois se formavam e se mantinham no emprego. Sempre mandavam uma palavrinha de agradecimento para nós. E isso sempre servia para melhorarmos. Numa instituição particular, a posição do egresso é fundamental para ajustarmos o curso.

Para finalizar, gostaria de deixar registrado aqui que, em 22 de outubro de 2016 completei 41 anos de sala de aula. E estou com um bom pique, ainda! Não quero parar! Quero continuar trabalhando, porque gosto do que eu faço. Eu sou aposentado. Mas vejo que ainda consigo produzir alguma coisa. Posso produzir, tenho vontade de produzir. É isso! Um agradecimento a você, por ter se lembrado de mim, me procurado para prestar esclarecimentos.

**ITUIUTABA**



### Professor Vanderli Anacleto de Campos



Fonte: Arquivo pessoal

*O professor Vanderli Anacleto de Campos foi o sexto participante de nossa pesquisa. Ele nos concedeu a entrevista no dia 29 de julho de 2016, às 19h, em sua residência, em Uberlândia, num encontro que durou 40 minutos. Desde quando conversamos sobre a pesquisa em uma reunião de confraternização da Faculdade de Matemática, onde leciono, Vanderli sempre se prontificou a contribuir para o entendimento do processo de criação dos cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Encaminhei para o seu e-mail o roteiro para a nossa entrevista, depois fiz uma visita a ele em sua residência, onde conversamos sobre o roteiro e confirmamos a data, local e horário de nossa entrevista. Quando a textualização ficou pronta, levei-a à sua casa, junto com os áudios da entrevista, a transcrição e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. O professor pediu alguns dias para ler e fazer os ajustes necessários. Passados alguns dias, nos reunimos novamente, lemos juntos a textualização e discutimos todas as mudanças solicitadas. Combinamos uma nova data para nos encontrarmos após a realização dos ajustes. Nesse dia, lemos novamente o texto, não havendo mais nada a acrescentar ou mudar, percebi que o professor se viu na textualização, e a partir disso me cedeu a carta de cessão. O professor Vanderli é formado em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas, em Uberlândia, no ano de 1969. Sempre lecionou a disciplina de Estatística no curso de Matemática em Ituiutaba. A sua participação no curso de formação de professores (de Matemática) em Ituiutaba se deu em dois momentos*

*de sua existência. O primeiro aconteceu entre os anos de 1972 até 1978, quando o curso estava ligado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba. Depois, voltou a lecionar no curso em 2000 e ficou até quando o curso deixou de existir, em 2008. Nesse segundo momento, a instituição se chamava Instituto Superior de Educação de Ituiutaba. Além de narrar uma história do movimento de formação de professores (de Matemática) em Ituiutaba, ele indicou outros colaboradores para participarem de nossa pesquisa, o que podemos ler a seguir.*

(\*\*\*\*)

Meu nome completo é Vanderli Anacleto de Campos, nascido em Tupaciguara<sup>1</sup> em 18 de fevereiro de 1946.

O primeiro grau fiz na cidade de Tupaciguara, o primário fiz na zona rural, depois o ginásio e parte do segundo grau cursei na cidade, e fui terminar os meus estudos da educação básica em Uberlândia<sup>2</sup>. Na sequência, iniciei os meus estudos no ensino superior ao cursar Economia na Faculdade de Ciências Econômicas<sup>3</sup> em Uberlândia e concluí o curso em 1969.

Ainda durante a Faculdade, por volta de 1968, recebi um convite para lecionar a disciplina de Estatística no Colégio Nossa Senhora, em 1968, no curso normal. Depois em 1969 passei a lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, no curso de Pedagogia. Em 1971 lecionei na Faculdade de Ciências Econômicas de Uberlândia. Isso aconteceu porque faltavam muitos professores. Em 1972, recebi um convite para lecionar no curso de formação de professores (de Matemática), na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba, que na época se chamava Fundação Universidade do Triângulo Mineiro, onde fui lecionar a disciplina de Estatística na primeira turma. Como Estatística era uma disciplina que era trabalhada no terceiro ano, deduzo que o curso de Matemática começou a funcionar em 1970. Todos esses cursos eram de licenciatura plena, depois em 1975 surgiu o curso de Ciências com habilitação em Matemática e Biologia, e o futuro professor poderia lecionar Matemática até o primeiro grau. Era a chamada licenciatura curta<sup>4</sup>. Caso o estudante quisesse se aprofundar

---

<sup>1</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está, aproximadamente, a 142 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>2</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está, aproximadamente, a 140 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>3</sup> Criada em 1963, na cidade de Uberlândia, fez parte do movimento de Faculdades Isoladas que em 1978 resultou na criação da Universidade Federal de Uberlândia (CAETANO; DIB, 1988).

<sup>4</sup> Em 1974, o Conselho Federal de Educação publicou a Resolução CFE 30/74, que objetivava regulamentar a formação em resolução nº 5.692/71, estabelecendo duas modalidades de licenciaturas: curta, que habilitava professores para os quatro últimos anos do 1º grau, e plena, que habilitava professores para o 2º grau. (DOCUMENTA, v. 164, 1974).

mais em Matemática, poderia optar por continuar estudando na licenciatura plena. Com esse curso ele poderia lecionar para o segundo grau.

Geralmente, os professores que lecionavam no curso de formação de professores (de Matemática) eram profissionais de diferentes áreas, como engenheiros, economistas, advogados e pedagogos. A maioria era composta por engenheiros e estudantes de Engenharia que lecionavam as disciplinas específicas, mas nas disciplinas pedagógicas eram profissionais da área de Pedagogia e para a disciplina Estudos de Problemas Brasileiros era um advogado. Em alguns cursos da Faculdade, como Biologia e Pedagogia, lembro que o próprio diretor, na época era o professor Edelweiss Teixeira, ele foi diretor no período de 1970 até 1978, convidou alunos do próprio curso que demonstravam muito conhecimento para lecionar. Em alguns casos, esses alunos lecionavam até para a própria turma em que estavam estudando.

Agora, professor formado em Matemática lecionando no curso, não me lembro se tinha. Nas próprias escolas do estado em Ituiutaba, não havia professor habilitado em Matemática, a maioria era composta por profissionais formados em outras áreas. Quem lecionava Matemática para a educação básica, também, eram engenheiros ou estudantes de Engenharia.

Para o curso de licenciatura em Matemática ser reconhecido demorou um pouco, mas se não falha a minha memória, o curso foi reconhecido em 1975. Já o curso de licenciatura em Ciências, com habilitação em Matemática foi automático, porque já havia o curso de licenciatura plena em Matemática reconhecido.

Recordo-me que para a abertura da Faculdade em Ituiutaba o prefeito da cidade, na época, era o Samir Tannus<sup>5</sup> que ajudou muito na criação da Faculdade e, principalmente, na criação dos cursos de licenciatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba.

A criação do curso foi muito importante porque mudou a mentalidade da região, antes somente leigos lecionavam. Com o curso, começou-se a exigir o diploma de graduação para poder lecionar Matemática.

O curso terminou em 2008, fiquei por lá até 2014 lecionando em outros cursos e ele estava fechado por falta de alunos.

Quando o curso de Matemática começou a funcionar, usávamos as instalações do Colégio São José<sup>6</sup>, que para a época tinha boas condições. Lembro-me que, em 1972, a Faculdade passou a ter a sede própria e fui o primeiro professor a lecionar no campus novo que

---

<sup>5</sup> Foi vice-prefeito de Ituiutaba no período de 1959 a 1963, prefeito do mesmo município no período de 1967 a 1971 e deputado estadual e federal. (Fonte: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/tannus-samir>>. Acessado em 27/03/2018).

<sup>6</sup> Criado em 1940, foi a primeira instituição confessional direcionada à formação masculina em Ituiutaba, ligado à Congregação Estigmatina, deixou de funcionar em 1971. (COSTA, 2009).

é no mesmo lugar até hoje. Nesse dia, comecei as aulas às 18h10 em um horário extra, era comum a direção da Faculdade colocar aulas às 18h10 para conciliar horários de professores que lecionavam em outros locais. A construção era simples. Ela tinha o formato de H, mas não tinha o andar de cima, de um dos lados. A biblioteca era precária, pois era uma sala grande que era usada para outras atividades. Hoje melhorou muito, com um prédio exclusivo para o seu funcionamento. Espero que com a estadualização<sup>7</sup> melhore mais o acervo. Lembro-me que todos os anos os professores indicavam livros para serem adquiridos e atender melhor os alunos. Indiquei várias vezes e muitos dos livros foram comprados e estão até hoje sendo usados. As salas de aulas, de um modo geral, eram simples, possuíam quadro negro, giz e ventilador, depois passamos a ter lousa branca com pincel. Ficou mais higiênico.

Para elaborarmos a grade curricular dos cursos, inclusive o de Matemática, nós nos baseávamos em currículos de outras faculdades, principalmente dos cursos em Uberlândia e de Uberaba.

Também fazíamos assim com as ementas. Por exemplo, a ementa da disciplina de Estatística fui eu quem criou. Baseei-me no que era trabalhado em Uberlândia, em específico no curso de Matemática.

Geralmente, a contratação de professores na Faculdade era feita através de indicação ou de convite. No meu caso foi convite. Em relação à pesquisa e à extensão, praticamente não existia nada. O professor era mais para lecionar mesmo.

Agora para se aperfeiçoar os professores frequentavam congressos. Na minha área havia poucos e na área de Matemática, menos ainda. Existiam mais congressos para a área de Engenharias. O professor que lecionava no curso de Matemática contava mais com sua experiência em sala de aula mesmo.

Na primeira turma em que o curso começou a funcionar, os alunos eram mais velhos e já atuavam como professores nos colégios públicos e particulares da cidade de Ituiutaba, na verdade precisavam do diploma para continuar trabalhando. Alguns tinham a formação em Engenharia, outros tinham apenas a formação do segundo grau e eram professores. Os alunos de Ituiutaba e também das cidades vizinhas, como Prata<sup>8</sup>, Tupaciguara, Santa Vitória<sup>9</sup>,

---

<sup>7</sup> No ano de 2014 a FEIT foi estadualizada pelo Decreto Nº 46.478 passando a ser chamada de UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais. (Fonte: < <http://www.uemg.br> >. Acessado em 27/03/2018).

<sup>8</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 100 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>9</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 78 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

Capinópolis<sup>10</sup>, Canápolis<sup>11</sup>, Cachoeira Dourada<sup>12</sup>, Itumbiara<sup>13</sup> e Goiatuba<sup>14</sup>. Os alunos que vinham de outras cidades chegavam à Faculdade através de ônibus fretados, geralmente esse transporte era fornecido pelas prefeituras dessas cidades.

O ingresso do aluno no curso se dava através de vestibular. Era fácil de entrar, porque os cursos de licenciatura não eram muito procurados. Os mais procurados eram os cursos de Engenharia, Agronomia e Direito.

Depois de formados, boa parte dos alunos ficavam na região. Vou estimar que por volta de noventa por cento ficavam na região lecionando na escola pública, outros na própria faculdade. Muitos deles são professores até hoje na cidade. Agora também existem aqueles que se formaram em Matemática e foram lecionar em outras faculdades da região, como em Uberlândia. E também aqueles que foram fazer pós-graduação.

O curso de Matemática, à época, pelo que tínhamos, não perdia em nada em relação ao conteúdo para os outros cursos que existiam. Os professores puxavam bastante nos conteúdos das disciplinas e tínhamos alunos que chegavam a dominar bem os conteúdos. De um modo geral, apesar das dificuldades, o aluno saía muito bem formado.

Todos os cursos de Matemática, mesmo o de Uberlândia, o de Araguari, começaram a funcionar improvisadamente, mas penso que foi uma grande vitória para a cidade e para a região ao terem esses cursos de formação de professores de Matemática. Com isso, não tenho dúvidas de que contribuíram para o desenvolvimento econômico e cultural de toda a região.

Aproveito para agradecer a oportunidade de ter participado dessa pesquisa narrando a história do curso de Matemática de uma cidade que me deu muitas alegrias. Hoje tenho até título de cidadão Ituiutabano.

---

<sup>10</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 38 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>11</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 38 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>12</sup> É um município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 70 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>13</sup> É um município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 110 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>14</sup> É um município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 160 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

### Professor Julmar de Oliveira Diniz



Fonte: Arquivo pessoal

*Ao conversar com o professor Vanderli<sup>1</sup>, ele sempre dizia que não poderia deixar de entrevistar o professor Julmar de Oliveira Diniz, pois este havia sido um dos professores fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba (FAFI), no final da década de 1960. A partir dessa indicação, realizei algumas buscas pela internet até localizar o seu contato. Ao conversar com o professor Julmar e explicar o motivo da ligação, ele aceitou contribuir para o entendimento do processo de criação de cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Por morar em Ituiutaba, enviei por e-mail o roteiro para a nossa entrevista, combinamos que depois que ele o lesse e anotasse as dúvidas, voltaríamos a conversar, ainda por telefone, caso existisse alguma dúvida. No dia e horário marcado voltei a ligar e tivemos uma longa conversa sobre a entrevista, e, depois disso verifiquei junto a ele qual seria o melhor dia para nos reunirmos pessoalmente e isso ocorreu em 27 de julho de 2016, às 9h, em sua residência em Ituiutaba. O tempo de gravação da entrevista foi de 33 minutos. O professor Julmar é engenheiro formado pela Escola Politécnica, da Universidade de São Paulo, no ano de 1957. No curso de formação de professores (de Matemática) em Ituiutaba, lecionou diferentes disciplinas, sendo sempre as específicas em*

---

<sup>1</sup> O professor Vanderli Anacleto de Campos foi um colaborador de nossa pesquisa.

*Matemática pura. Sua participação no curso se deu desde a sua fundação e ficou até quando o curso deixou de existir em 2008. Quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail, junto com os áudios da entrevista, a transcrição e a carta de cessão dos direitos de uso desse material, e entrei em contato telefônico avisando-o sobre o envio, ele pediu alguns dias para ler. Passados alguns dias, voltei a ligar, nessa conversa tiramos algumas dúvidas e agendamos uma data e horário para que pudesse ir até a sua residência, em Ituiutaba, para os encaminhamentos necessários que a pesquisa exige. Nesse dia agendado, na parte da manhã fui recebido em sua casa, onde, juntos, lemos o texto e não houve muitos acréscimos, as poucas mudanças realizei em sua presença. Percebi que o professor se manifestou positivamente com a textualização, e a partir disso me cedeu a carta de cessão do material. A seguir, apresento a textualização de sua narrativa.*

(\*\*\*)

Meu nome é Julmar de Oliveira Diniz, nascido em 23 de novembro de 1933 na cidade de Ituiutaba.

À época, em Ituiutaba, existia uma escola muito importante e como meu pai era muito amigo do diretor, fui matriculado nessa escola que se chamava Instituto Marden<sup>2</sup>. Nela cursei do jardim até o ginásio. Em Ituiutaba não existia o segundo grau. Assim, em 1949, fui para São Paulo para terminar meus estudos. Em São Paulo, meu pai tentou me matricular no melhor colégio, que era o Colégio São Luís<sup>3</sup>, dos Jesuítas, mas fui recusado. Apenas aceitavam alunos que fossem de famílias tradicionais da cidade. Nisso um amigo de meu pai disse-lhe para me matricular no Liceu Coração de Jesus<sup>4</sup>, que ficava próximo ao Palácio do Governo<sup>5</sup>. Assim, fui matriculado nesse colégio que era mantido pelos padres salesianos. Dei-me muito bem nesse colégio, sempre consegui obter o primeiro lugar nas disciplinas e na religião. Quando terminei

<sup>2</sup> Criada em 1933, atendia meninos e meninas, era de origem laica e particular. A escola encerrou suas atividades em 1979. (INÁCIO FILHO; MORAIS, 2009).

<sup>3</sup> Os jesuítas fundaram o Colégio São Luís em 1867, na cidade de Itu, interior de São Paulo. Meio século depois, mudaram-se para São Paulo, ocupando um quarteirão da Avenida Paulista, a primeira via pública da cidade a receber asfalto e arborização. Em 1972, o Colégio São Luís foi uma das primeiras instituições tradicionais de São Paulo a aceitar alunos de ambos os sexos. Nos anos 80, o Colégio passou por uma ampla reestruturação de sua linha educacional. Em 2017 o Colégio São Luís completou 150 anos e conta com mais de 2.500 alunos. (Fonte: <<http://www.saoluis.org/>>. Acessado em 27/03/2018).

<sup>4</sup> Fundado em 1885, com o nome de Liceu Coração de Jesus, mantido pelos padres salesianos. Funciona até os dias atuais. (Fonte: <<http://www.liceudesao paulo.com.br/>>. Acessado em 27/03/2018).

<sup>5</sup> Também denominado Palácio dos Bandeirantes, trata-se do edifício sede do Governo do Estado de São Paulo e é a residência oficial do governador. (Fonte: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/pontos-turisticos/palacio-dos-bandeirantes/>>. Acessado em 27/03/2018).

o colégio, achava que não tinha condições de ingressar na Faculdade, pois achava que tinha sido fraco o colégio. Então, fiz cursinho no Anglo Latino Americano<sup>6</sup> para poder dar prosseguimento aos estudos. Em 1951, na primeira tentativa, consegui passar no vestibular e comecei a estudar, em 1952, na Escola Politécnica<sup>7</sup> da Universidade de São Paulo. Em 1953, estive afastado dos meus estudos para tratamento de saúde, fiquei em Ituiutaba até me curar e retornei em 1954 para continuar meus estudos. Saí formado como engenheiro civil em 1957. Em 1975, fiz uma especialização em Equações Diferenciais na Faculdade Barão de Mauá<sup>8</sup>, em Ribeirão Preto<sup>9</sup>.

Depois de formado pela Escola Politécnica em São Paulo, voltei para Ituiutaba e para ter um dinheiro fixo aceitei o convite do Colégio São José<sup>10</sup> para ensinar a disciplina de Física e comecei em 1958. Sempre tive vocação para ser professor!

Quando o curso de formação de professores (de Matemática) foi criado lecionei Cálculo, Física e Fundamentos da Matemática Elementar, mas depois foram muitas outras disciplinas.

Na época, em Ituiutaba, não existia professor formado em Matemática, em sua maioria eram advogados, médicos e engenheiros. Na época, só existia, em Ituiutaba, o Colégio São José que tinha o segundo grau, talvez o Colégio Santa Teresa<sup>11</sup>, mas me parece que não havia começado. Depois de uns dois ou três anos, se não me engano, foi criado o segundo grau nas escolas estaduais em Ituiutaba, onde fui convidado para lecionar na cadeira de Matemática. Lecionei pouquíssimo tempo no estado, porque houve uma mudança na política. Nós éramos

---

<sup>6</sup> As sementes do Anglo foram lançadas em 1894, na cidade de São Paulo, com a criação do Ginásio Anglo Latino, em homenagem aos aliados na Primeira Guerra Mundial. Em 1932, nesse local, foi criado um cursinho preparatório para candidatos a vestibular, que se denominou Curso Anglo Latino Americano. Em 1950, foi fechado o ginásio e o colégio ficou apenas com o curso preparatório para vestibular. Funciona até os dias de hoje. Fonte: <<http://www.sistemaanglo.com.br/Paginas/Sobre-Anglo/Sobre-o-anglo-um-pouco-de-historia.aspx>>. Acessado em 27/03/2018).

<sup>7</sup> Criada em 1893, a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo forma alunos para atuarem na área de Engenharia. Atualmente conta com um corpo docente com 457 professores. Eles são distribuídos entre 15 departamentos de ensino e pesquisa. Oferece 17 cursos regulares de graduação e mais de 30 cursos de mestrado e doutorado, atendendo aproximadamente 10 mil alunos, além de atividades de educação continuada, com centenas de cursos que promovem reciclagem para egressos, qualificando anualmente quase 8 mil profissionais para o mercado de trabalho. (Fonte: <<http://www.poli.usp.br/>>. Acessado em 27/03/2018).

<sup>8</sup> Fundada em 5 de maio de 1966, em Ribeirão Preto, com a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Barão de Mauá". A Faculdade mantinha os cursos de Letras, Pedagogia, Matemática e Estudos Sociais, que supria uma grande carência de cursos voltados para formação de professores na região. Atualmente, tem o nome de Centro Universitário Barão de Mauá. (Fonte: <<http://www.baroademaua.br/>>. Acessado em 27/03/2018).

<sup>9</sup> É um município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 400 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>10</sup> Criado em 1940, foi a primeira instituição confessional direcionada à formação masculina em Ituiutaba, ligado a Congregação Estigmatina, deixou de funcionar em 1971. (COSTA, 2009).

<sup>11</sup> Criada em 1939, atendia meninos e meninas, após a construção do prédio novo o colégio dedicou-se a educação de meninas, ligado à Congregação das Irmãs Scalabrinianas. Funciona até os dias atuais. (OLIVEIRA, 2009).



da UDN - União Democrática Nacional, mas o PSD - Partido Social Democrático ganhou as eleições, isso foi por volta de 1958 a 1961. O PSD nos perseguiu e demitiu todos os professores!

Antes, vou começar a falar da criação da Faculdade em que se iniciou o curso de Matemática. Em 1970, pelo trabalho duro do deputado Samir Tannus<sup>12</sup>, foi criada a primeira Faculdade em Ituiutaba.

No início, ela ocupava as salas de aula do Instituto Marden, porque não havia prédio, mas depois, com o apoio da prefeitura, começou a construção dos prédios onde hoje é o atual Campus. Primeiro foi construído um prédio e depois, bem devagar, foram sendo construídos outros, mas não posso deixar de mencionar que nessa época, a Faculdade obteve a ajuda do deputado Romel Anísio Jorge<sup>13</sup> para a construção de outros prédios, inclusive um deles leva o nome do seu pai. A mantenedora era a Fundação Universidade do Triângulo Mineiro, quando foi criado o curso de Administração, depois foi criada a Fundação Educacional de Ituiutaba, a FEIT. Nela existiam apenas cursos de licenciatura, que eram os cursos de História, Letras, Biologia e Matemática.

No início, tínhamos apenas o curso de licenciatura plena em Matemática e surgiu o curso de Ciências com habilitação em Matemática e Biologia, e o aluno podia lecionar até o primeiro grau. Depois, ele podia optar por cursar, a partir do terceiro ano, a licenciatura em Matemática. Ao se formar, poderia lecionar para o segundo grau.

Para lecionar na Faculdade, os professores eram contratados através de convite, não existiam concursos na época. Nunca tive cargo administrativo na Faculdade, sempre fui professor. Cheguei a lecionar trinta e seis aulas por semana, hoje estou com doze, mas gostaria de estar trabalhando apenas oito aulas.

A Faculdade sempre teve biblioteca, mas sempre foi uma preocupação muito grande de todos para podermos adequá-la à demanda dos cursos novos. Em relação às salas de aulas, nunca tivemos ar condicionado, mas tínhamos o necessário que era quadro negro e giz. Apenas recentemente começamos a usar o quadro branco.

---

<sup>12</sup>Foi vice-prefeito de Ituiutaba no período de 1959 a 1963 e prefeito do mesmo município no período de 1967 a 1971. Também foi deputado estadual e federal. (Fonte: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/dicionarios/verbete-biografico/tannus-samir>>. Acessado em 27/03/2018).

<sup>13</sup>Em 1971, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), elegendo-se vereador por dois mandatos consecutivos. Na Câmara Municipal foi secretário, vice-presidente e presidente, permanecendo na casa até 1977, quando disputou uma vaga na Assembleia Legislativa de seu estado, elegendo-se para o quadriênio 1978-1981. Em 1982 foi prefeito de Ituiutaba. De 1990 até 2002 foi deputado federal. Em 2007, foi nomeado subsecretário de Assuntos Municipais da Secretaria de Governo na gestão de Aécio Neves. (Fonte: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/dicionarios/verbete-biografico/romel-anisio-jorge>>. Acessado em 27/03/2018).

Eu não tenho vergonha de dizer que as ementas copiei das Faculdades em Uberlândia. À época, não era Universidade Federal de Uberlândia, ela foi criada depois, mas a Faculdade de Engenharia de Uberlândia já era federal. Isso me ajudou, principalmente, para elaborar a parte de bibliografia. As bibliografias adotadas eram os livros dos professores russos, como Piskunov<sup>14</sup> e o Demidovitch<sup>15</sup>. Depois que a FEIT se afiliou à UEMG<sup>16</sup>, passei a usar o livro do Simmons<sup>17</sup>. Lembro-me que em Belo Horizonte, na UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, eles usavam o Simmons, mas antes eu o colocava como bibliografia secundária.

Sobre as disciplinas pedagógicas, lembro-me que os pedagogos de nossa Faculdade tinham sido formados em nossa própria faculdade, no curso de Pedagogia. Quem sabe direitinho tudo isso é minha esposa, porque ela é pedagoga, depois você conversa com ela<sup>18</sup>.

Não havia formação continuada oferecida pela faculdade, mas também não me interessava, porque estava atuando como engenheiro. Na verdade, era essa a minha atividade principal e sempre tive muito serviço e ganhava muito bem. Mas nunca deixei de lecionar, amo lecionar.

Nossos alunos eram de várias localidades do Triângulo, sul de Goiás e interior de São Paulo. Lembro-me que tivemos alunos da Bahia e até do Rio Grande do Sul. O aluno ingressava na faculdade pelo vestibular. Como falei, os alunos vinham de diferentes regiões, mas a maioria era de Ituiutaba.

Quando o curso foi criado tinha muito aluno nosso que já lecionava, a demanda por professores na cidade era grande. Lembro-me da Sônia Borba<sup>19</sup>, quando entrou no curso de Matemática ela já lecionava nas escolas da prefeitura.

Inclusive, tivemos muitos alunos que cursaram a nossa graduação em Matemática. Ah! Tivemos muitos casos. Por exemplo, a Sônia Borba, depois fez Engenharia Civil e mestrado na área.

---

<sup>14</sup> PISKUNOV, N.: *Cálculo Diferencial e Integral (2 volumes)*, 6ª edição. MIR, 1983.

<sup>15</sup> DEMIDOVITCH, B., *Problemas e Exercícios de Análise Matemática*, Escolar Editora, 2010.

<sup>16</sup> No ano de 2014 a FEIT foi estadualizada pelo Decreto Nº 46.478 passando a ser chamada de UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais. (Fonte: < <http://www.uemg.br> >. Acessado em 27/03/2018).

<sup>17</sup> SIMMONS, G. F.: *Cálculo com geometria Analítica (2 volumes)*. McGraw-Hill, 1987.

<sup>18</sup> Nesse momento, conversamos com a sua esposa, a professora Maria Mirza Cury Diniz sobre participar da pesquisa. Ela aceitou em participar nos dando uma entrevista.

<sup>19</sup> Sônia Maria Borba, formada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba e professora aposentada da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. (Informações - Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia).

O curso foi muito importante para a região e, ao meu ver, para a época, ele supriu as necessidades das escolas com a formação dos professores para atuarem na rede estadual de ensino. Uma pena que deixou de existir!

### Professora Maria Mirza Cury Diniz



Fonte: Arquivo pessoal

*Durante a entrevista com o professor Julmar de Oliveira Diniz<sup>1</sup> surgiu uma situação que o fez dizer que para as questões sobre a parte pedagógica a sua esposa poderia contribuir melhor do que ele. Sendo assim, depois que terminou a nossa entrevista, o professor Julmar pediu para chamá-la e, ela, no mesmo instante, se prontificou a participar de nossa pesquisa. A professora Maria Mirza Cury Diniz também foi uma das fundadoras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba (FAFI) que ocorreu no final da década de 1960. Ela formou-se em Pedagogia, na primeira turma, na própria FAFI e, antes mesmo de se formar já era professora da Instituição. No curso de formação de professor (de Matemática), ela lecionou a disciplina de Estrutura e Funcionamento do Primeiro e Segundo Graus. Sua participação no curso se deu desde a sua fundação e ficou até quando o curso deixou de existir em 2008. Sua entrevista ocorreu no mesmo dia que a do professor Julmar, mas no período da tarde, no dia 27 de julho de 2016, por volta das 16h, em sua residência em Ituiutaba. O tempo de gravação da entrevista foi de 30 minutos. Como a entrevista com a professora Mirza ocorreu sem que ela conhecesse o roteiro, antes de iniciarmos a nossa conversa, elaborei uma síntese*

---

<sup>1</sup> O professor Julmar de Oliveira Diniz foi um colaborador de nossa pesquisa, ele é esposo da professora Maria Mirza Cury Diniz.

*verbal do que se tratava, apresentando as fichas temáticas. Da mesma forma que ocorreu com o professor Julmar, quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail, junto com os áudios da entrevista, a transcrição e a carta de cessão dos direitos de uso desse material, e entrei em contato telefônico avisando-a. Ela pediu alguns dias para ler. Passados alguns dias, voltei a ligar, nessa conversa, tiramos algumas dúvidas e agendamos uma data para eu ir até sua residência, em Ituiutaba, que fosse no mesmo dia que iria conversar com o professor Julmar, mas em horário diferente para os encaminhamentos finais que a pesquisa exige. A partir disso, fui até a sua residência e conversamos no dia e horário agendado, e juntos lemos o texto e não houve muitos acréscimos e mudanças. As poucas sugestões que ocorreram na textualização realizei em sua presença. A professora sinalizou positivamente com a textualização, e a partir disso me cedeu a carta de cessão do material. A seguir, apresento a textualização de sua narrativa.*

(\*\*\*)

Meu nome é Maria Mirza Cury, depois de casada ficou Maria Mirza Cury Diniz. Nasci em Monte Alegre de Minas<sup>2</sup> em 8 de setembro de 1931.

Em 1948, formei-me pelo antigo curso Normal, que passou depois a ser chamado de Magistério. Depois, em 1970, entrei como aluna da primeira turma do curso de Pedagogia, me diplomando pela FEIT -Fundação Educação de Ituiutaba e depois, ainda na década de 1970, fui cursar uma pós-graduação na área de Administração Escolar na PUC - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Em 1950, estava cursando o magistério no Marden<sup>3</sup> e, mesmo sem ser formada, comecei a lecionar. Formei-me no magistério em 1952. Depois passei no concurso do estado ainda muito jovem e comecei a dar aulas no Colégio São José<sup>4</sup> e, depois, de 1957 até 1987, fui diretora da Escola Estadual Governador Clóvis Salgado<sup>5</sup>, que era chamado

<sup>2</sup> A cidade Monte Alegre de Minas fica aproximadamente 67 quilômetros de Ituiutaba. (Fonte: IBGE).

<sup>3</sup> Instituto Marden foi criado em 1933, atendia meninos e meninas, era de origem laica e particular. A escola encerrou suas atividades em 1979. (INÁCIO FILHO; MORAIS, 2009).

<sup>4</sup> Criado em 1940, foi a primeira instituição confessional direcionada à formação masculina em Ituiutaba, ligado à Congregação Estigmatina, deixou de funcionar em 1971. (COSTA, 2009).

<sup>5</sup> Foi criada pelo projeto de Lei apresentado à Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais através do então Deputado Estadual da região Dr. Omar de Oliveira Diniz, 1956, e foi aprovado pelo Governador interino do Estado, Dr. Clóvis Salgado, iniciando suas atividades em 17 de julho de 1957. O prédio definitivo foi inaugurado em fevereiro de 1960. Funciona até os dias atuais. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; PARREIRA, 2012).

de grupo escolar em Ituiutaba. Desde 1950, trabalho na/pela Educação em Ituiutaba. Hoje estou aposentada, mas foram sessenta e quatro anos de muita dedicação!

Em 1970, comecei a lecionar na Faculdade, com o surgimento do curso de Pedagogia, entrei como aluna no curso e o diretor, na época era o professor Edelweiss Teixeira, ele foi diretor de 1970 até 1978 e a vice-diretora, a professora Vânia Aparecida Alves de Moraes Jacob, me convidaram a lecionar na Faculdade. O professor Edelweiss, dizia que eu era autodidata.

Isso se deve ao fato de que, quando surgiu a Lei 5.692/71, fui para Belo Horizonte estudar mais sobre as mudanças que essa lei estava propondo. Fiz alguns cursos, participei de reuniões, palestras, me dei muito bem e com isso fiquei apta para implementar a reforma de ensino básico em Ituiutaba. Fui uma das responsáveis por isso.

Em 1972, na Faculdade, comecei a lecionar a disciplina Estrutura e Funcionamento do Primeiro e Segundo Graus, por causa de toda a minha experiência profissional. Como era aluna do curso de Pedagogia, apenas não lecionava para minhas colegas de turma, mas dava aulas em todos os outros cursos que ofereciam essa disciplina, inclusive no curso de Matemática.

A disciplina que lecionava tinha o mesmo conteúdo para todos os cursos, no entanto, para cada curso, eu adotava uma metodologia em que atendia às peculiaridades do mesmo. Era a turma do curso de Letras, Matemática, História, Biologia e Pedagogia. Dessa forma funcionavam todas as outras disciplinas pedagógicas, como era o caso dos Estágios Supervisionados. Isso no começo, depois de alguns anos começaram a juntar as turmas. No início foram esses cinco cursos que foram instalados na Faculdade, depois criaram o curso de Engenharia.

Lembro-me que, no início, as minhas aulas eram ministradas de forma muito tradicional, isso se dava pelo fato de vir de um sistema de ensino muito tradicional, de uma formação muito rígida. E isso se refletia em minhas aulas. As aulas eram lecionadas por pontos e os alunos tinham que memorizar tudo, depois retornava com aquele conteúdo e recapitulava tudo o que foi dado. E, dessa forma, transmitia um novo conhecimento e associava o novo com o velho, por fim, entregava os exercícios para fazerem. Não havia questionamento, não havia nada! Tudo transcorria dessa forma!

Na época, fui convidada a participar do movimento de instalação de cursos de Ensino Superior em Ituiutaba. Em nossa cidade já havia uma faculdade<sup>6</sup>, que foi criada

---

<sup>6</sup> Em 27 de setembro de 1968, os membros da Associação Comercial e Industrial de Ituiutaba reuniram-se para criar a Escola Superior de Administração de Empresas de Ituiutaba. Nessa data foi formada a Comissão

pelo deputado Junqueira<sup>7</sup>. Em uma reunião, discutimos a importância de um curso superior na cidade, lembro-me que alegavam que isso iria trazer muitos jovens para Ituiutaba e que poderia melhorar até os casamentos. Ficamos muito entusiasmados com tudo isso. No começo, queriam implantar uma Faculdade de Ciências Agrárias, por causa da natureza da região, pelo fato da cidade ser agropecuária. Éramos a capital do arroz<sup>8</sup>. Mas depois de alguns estudos sobre a cidade e a região foi decidido abrir uma Faculdade de Pedagogia, pela carência muito grande de professores habilitados para atuarem nas escolas. Não existia professor habilitado na cidade, e quem lecionava eram os formados em outras áreas, como o engenheiro, o médico, o dentista, entre outros. Eles atuavam nas disciplinas que mais se aproximavam de suas atividades profissionais.

Quando a Faculdade foi criada, não se falava em Faculdade no começo, os cursos que existiam eram espalhados por alguns colégios da cidade. Era no Colégio São José, no Instituto Marden e na Escola Santa Teresa<sup>9</sup>. O curso de formação de professores (de Matemática) também nasceu nesse movimento de cursos espalhados. Depois, com apoio da prefeitura, começaram a construir um primeiro prédio no campus que existe até hoje. Quando o curso de Matemática foi levado para esse campus, ele já estava no terceiro ano de funcionamento da primeira turma. Antes era FAFI - Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Ituiutaba, depois é que veio a Fundação Educacional de Ituiutaba que era a mantenedora, que ficou conhecida por FEIT.

---

de Ensino, que cuidou da implantação do curso de Administração de Empresas, o primeiro Curso Superior do Pontal do Triângulo Mineiro. Em 30 de março de 1970 o curso foi autorizado, e começou a funcionar em 02 de abril do mesmo ano, em salas do Instituto Marden. (SILVA; SOUZA, 2017).

<sup>7</sup> Luiz Alberto Franco Junqueira foi deputado estadual em Minas Gerais, a partir de 1959, ficando por quatro mandatos. Foi autor da Lei 2.914 de 30 de outubro de 1963 que criou a Universidade Triângulo Mineiro, que em seguida passou a se chamar FEIT – Fundação Educacional de Ituiutaba e atualmente UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais. Autor também da Lei de criação e construção da Escola estadual Governador Bias Fortes. (Fonte: <<http://www.cbg.org.br/novo/colégio/historia/galeria-socios/luiz-alberto-franco-junqueira/>>. Acessado em 27/03/2018).

<sup>8</sup> Esse movimento começou quando em 1915 foi instalada a primeira máquina de beneficiar arroz, depois na década 1930, foram instaladas novas máquinas de arroz. Porém, somente em 1938 foi instalada a primeira indústria de Ituiutaba, o empreendimento do que viria a ser as Indústrias Reunidas Fazendeiras que congregavam várias máquinas de beneficiar arroz. Em 1965, deu-se a maior safra já vista na região, sendo armazenadas, pela Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais, mais de um milhão e duzentas mil sacas de arroz em casca. Assim, no início da década de 1950, a cidade de Ituiutaba foi o maior produtor de arroz do estado de Minas Gerais, e chegou a contar com mais de 100 máquinas de beneficiamento de arroz, ostentando o título de “A Capital do Arroz” do Brasil. (Fonte: <<http://www.portalituiutaba.com.br>>. Acessado em 07/03/2017).

<sup>9</sup> Criada em 1939, atendia meninos e meninas, após a construção do prédio novo o colégio dedicou-se a educação de meninas, ligado a Congregação das Irmãs Scalabrinianas. Funciona até os dias atuais. (OLIVEIRA, 2009).

Além de ser professora, atuei como coordenadora de curso de Pedagogia, fui diretora e vice-diretora e, também, trabalhei na coordenação de cursos. Na coordenação de cursos era responsável por todos os cursos que a Faculdade mantinha em Ituiutaba.

Sempre dizia que o aluno tem que entender o que está fazendo antes de memorizar. Porque se ele não entende, em minha opinião, não aprende. Para ensinar, antes temos que dar para o aluno coisas concretas para construir o conhecimento dele. Ele tem que pegar, saber que aquilo é madeira, que isso é vidro. O que se ensina para o aluno precisa ter significado para ele. Isso é que a Faculdade tem que levar para as escolas, essa implantação, esse conceito de ensino e aprendizagem.



# ARAGUARI

### Professor Luiz Antônio Fernandes



Fonte: Arquivo pessoal

*Ao buscar depoentes que tivessem sido professores do curso que habilitava o professor a lecionar Matemática na cidade de Araguari, enfrentamos muitas dificuldades. Porém, em diferentes pesquisas que foram realizadas via internet, chegamos ao nome do Professor Leonardo Donizette de Deus Menezes<sup>1</sup> que obteve a habilitação em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI). Em nossa conversa, ele nos deixou claro que não se lembrava de nenhum de seus professores, porém lembrou-se do professor William Dickson dos Santos Braga<sup>2</sup>. Na primeira conversa com o professor William por telefone, ele nos disse que não se lembrava de alguém da época, mas prometeu que iria fazer uma busca entre os seus conhecidos. No mesmo dia em que conversamos, ele retornou a ligação e, me indicou alguns nomes de pessoas que passaram pela FAFI. A referência que me passou para chegar até esse professor foi a do filho do professor Luiz, pois este era o médico do professor William. Liguei e expliquei o motivo do meu contato, ele me atendeu passando o número do telefone de seu pai. A partir disso, cheguei ao nome do professor Luiz Antônio Fernandes. Ao ligar para o professor, expliquei o motivo do*

---

<sup>1</sup> Atualmente é professor da Eseba - Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Leonardo Donizette de Deus Menezes foi aluno do curso em um período fora do nosso objeto de pesquisa, por isso optamos por não entrevistá-lo.

<sup>2</sup> Foi professor e vice-diretor da FAFI, formado em História e hoje está aposentado. O professor William nunca lecionou no curso que habilitava o professor a lecionar Matemática por isso não foi entrevistado. (Informações – Secretaria do Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos - (IMEPAC)).

*contato, ele aceitou colaborar com nossa pesquisa. Antes de nosso encontro presencial encaminhei para o seu e-mail o roteiro para a nossa entrevista e marcamos outro dia para sanar dúvidas. No dia e horário combinado, tivemos uma longa conversa sobre o roteiro, as fases da pesquisa e agendamos nossa entrevista. Ela ocorreu no dia 10 de agosto de 2016, às 14h, na atual Instituição que funciona no local onde existiu o curso de formação de professores (de Matemática) quando era a FAFI, intitulada Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (IMEPAC), num encontro cuja gravação durou 51 minutos. Quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail, e entrei em contato telefônico avisando o professor, ele pediu alguns dias para ler. Passados alguns dias, voltei a ligar, nessa conversa tiramos algumas dúvidas e agendamos uma data e horário para que pudesse ir ao seu encontro em Araguari, para os encaminhamentos necessários que a pesquisa exige. Nesse dia agendado, nos encontramos no IMEPAC e apresentei os áudios da entrevista, a transcrição, a textualização e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Lemos juntos a textualização e não houve acréscimos. Depois disso, ele me cedeu a carta de cessão.*

*O professor Luiz Antônio é formado em Ciências com habilitação em Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e foi um dos fundadores do curso de formação de professores de Matemática em Araguari, lecionando desde a primeira até a última turma quando o curso deixou de existir, em 2003. Além de narrar uma história do movimento de formação de professores (de Matemática) em Araguari, indicou outros professores para participarem de nossa pesquisa.*

(\*\*\*)

Meu nome é Luiz Antônio Fernandes, nasci em Araguari em 20 de agosto de 1951. Meus pais são, também, de Araguari. A minha família está em Araguari desde a fundação da cidade em 1888. Somos uma família tradicional! Sou casado, pai de três filhos. Dois são médicos e um enfermeiro. Ninguém quis entrar para a área pedagógica. Minha esposa é, também, formada na UNIPAC em uma das primeiras turmas, mas não exerce a profissão.

Em 1958, entrei no Grupo Escolar Costa Sena<sup>3</sup> em Araguari, porque sou nascido em 1951, entrávamos na escola com sete anos. Sempre estudei em escola pública! À época, entrei no segundo ano. Fazíamos um teste para verificar se éramos alfabetizados. Lembro-me que

---

<sup>3</sup> Fundado em 1955, continua em funcionamento até os dias atuais, com o nome de E.E. Costa Sena. (ARAÚJO, 2012).

tinha o 1º ano A, 1º ano B e o 1º ano C. Como minha mãe havia me alfabetizado, consegui entrar no 1º ano C que era equivalente ao segundo ano. Fiz quatro anos no Grupo Escolar Costa Sena e depois que terminei fiz um ano de curso, quando ganhei uma bolsa para me preparar para o exame de admissão para ingressar no ginásio. Em Araguari, tinha uma única escola estadual chamada de Colégio Estadual de Araguari<sup>4</sup>. Para ingressar no colégio, tínhamos que obter no mínimo nota 5.0. Lembro-me que minha nota foi 4.9, mas como os que conseguiram ingressar não foram suficientes para preencher todas as vagas, optaram por abaixar a média para 4.8, a partir disso consegui a vaga. Assim, cursei os quatro anos do antigo ginásio no Colégio Estadual de Araguari, e, também, os dois primeiros anos do colegial. Depois me mudei para o estado de São Paulo e fui morar na cidade de São Bernardo do Campo<sup>5</sup>. Depois me alistei ao exército, e lá terminei o último ano do colegial, em 1973.

No tempo em que fiz a educação básica, não tive professor formado em Matemática. Quem lecionava Matemática eram os alunos do curso de Engenharia da Faculdade Federal de Engenharia<sup>6</sup> de Uberlândia. Lembro-me do professor Padre Maximiliano Muris, era padre, formado em Química, e lecionava Química e Física.

Já nosso professor de Matemática tinha apenas colegial. O nome dele era Antônio Mordenti, ele lecionava Matemática, Educação Artística e Desenho. Mesmo não tendo formação de ensino superior em Matemática, esse professor era efetivado na escola pública, por tempo de serviço.

Nessa época tínhamos um déficit muito grande de professor de Matemática. Lembro-me que o professor, para ter alguma formação, cursava o normal. O professor era chamado de normalista. Ele terminava o ginásio, depois fazia o curso normal em Belo Horizonte e voltava habilitado para lecionar até a 8ª série do ginásio, mas como não existia professor para o 2º grau, ele acabava ficando com essas aulas.

No colegial tínhamos alguns professores formados. O professor Manoel Montes<sup>7</sup>, não sei onde ele era formado, mas era formado em Matemática, sei que ele era de Araguari. Tínhamos, também, o professor Luiz Encour, esse era formado em Matemática pela Associação

---

<sup>4</sup> Fundado em 1961, continua em funcionamento até os dias atuais, com o nome E.E. Antônio Marques. (ARAÚJO, 2012).

<sup>5</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 650 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>6</sup> Foi o primeiro curso a se tornar federal, mesmo antes da federalização da Universidade Federal de Uberlândia que ocorreu apenas em 1978. A Faculdade de Engenharia de Uberlândia foi criada através da Lei nº 3.864-A, artigo 4º de 24 de janeiro de 1961, no final do mandato do Presidente Juscelino Kubitschek. (PEDROSA; GONÇALVES NETO, 2002).

<sup>7</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

Brasil Central de Educação e Cultura (ABRACEC), em Uberlândia, depois ele foi professor da Faculdade de Matemática, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Em 1974, comecei a cursar Química na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bernardo do Campo e nesse ínterim me casei e precisei parar o curso. Retornei para Araguari em 1977, e trouxe todos os documentos para transferência para ingressar na Universidade de Uberlândia. Como a grade era diferente tive que prestar o vestibular em 1978. Esse foi o ano em que a Universidade foi federalizada. Fiz o vestibular para ingressar na Engenharia. Cursei o básico de Engenharia em 1978, 1979 e 1980. À época era difícil arrumar emprego como estagiário da área de Engenharia, mas precisava trabalhar. Assim, comecei a lecionar, como aluno de Engenharia, aulas de Matemática e Física na escola pública que, na época, era o Colégio Estadual de Araguari e uma escola particular, o Colégio Sagrado Coração de Jesus<sup>8</sup>.

Para serem contratados para lecionar na escola pública, os alunos que estavam cursando Matemática tinham prioridade, alegavam que faziam disciplinas pedagógicas e, por isso, escolhiam as aulas antes. As aulas que sobravam ficavam para os alunos que cursavam Engenharia. Comecei a refletir sobre minha situação e pensei: “Ah, vou cursar Faculdade de Matemática e aproveito algumas disciplinas do curso de Engenharia e devo entrar no terceiro ou quarto semestre do curso”. Assim, em 1982, larguei o curso de Engenharia e ingressei no curso de Matemática.

Na graduação em Matemática, lembro-me do professor José Maria<sup>9</sup>, que lecionava a disciplina Geometria Analítica. Também da Consuelo<sup>10</sup>, o Mário Luiz<sup>11</sup>, o Paulo<sup>12</sup>, que lecionava Cálculo I. Tinha o Luiz<sup>13</sup> que dava Análise e a esposa dele<sup>14</sup>. Também me lembro do Pepe<sup>15</sup>. Esses são os professores de quem me lembro.

Esse curso me habilitou em Ciências e, também, podia lecionar Matemática para o 1º grau. Depois passei no concurso público para trabalhar com Matemática em Araguari.

---

<sup>8</sup> Esse colégio foi fundado em 14 de abril de 1919, encontra-se em funcionamento. (RESENDE, 2006).

<sup>9</sup> José Maria, formado em engenharia pela Universidade Federal de Goiás, atualmente está aposentado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>10</sup> Consuelo Maria Garcia de Freitas é nossa colaboradora.

<sup>11</sup> Mário Luiz é professor da Faculdade de Matemática da UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>12</sup> Paulo Sérgio foi professor da Faculdade de Matemática da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>13</sup> Luiz Antônio Salomão, formado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, Campus Prudente, atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>14</sup> O professor Luiz Antônio se refere a Maria Inês Salomão, formada em Matemática pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, Campus Prudente, atualmente está aposentada pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>15</sup> José Peppe Júnior, formado em engenharia pela Faculdade de Engenharia do Triângulo, em Uberaba. Aposentou-se pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

Também comecei a cursar outras disciplinas, na própria faculdade de Matemática da UFU, como Topologia, Equações Diferenciais, entre outras, para obter o diploma em licenciatura plena em Matemática, assim poderia lecionar para o 2º grau. Porém, estava com três filhos pequenos, o curso estava pesado, me tomava muito tempo, precisava trabalhar e não terminei esse curso. Como era efetivo na escola pública, e precisavam de professor da área de Física, fiz uma complementação pedagógica de um ano e meio em Física pela Unifran<sup>16</sup> e com isso poderia lecionar Física para o 2º grau.

Depois de formado continuei lecionando no mesmo colégio particular e na escola estadual. As escolas tinham dificuldades em obter professores formados para lecionar Matemática. Tínhamos muitos alunos cursando Engenharia que lecionavam e, também, alguns alunos do curso de Matemática de Uberlândia. Esses alunos do curso de Matemática, quando se formavam, passavam em concursos públicos em outros locais, como no Estado de Goiás, outros prosseguiram no mestrado e nos deixavam. A dificuldade era muito grande para se ter professor formado em Matemática. A partir disso, optou-se por criar um curso de Matemática em Araguari para atender a essa demanda. Um dos primeiros alunos de nosso curso foi o professor Márcio<sup>17</sup> que hoje é doutor pela UFU e lecionou no curso antes de acabar.

Existia na cidade um apelo da sociedade para se criar uma Faculdade em Araguari para a demanda que estava crescendo. Nisso foi criado a FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari que era mantida pela FUNEC – Fundação Educacional e Cultural de Araguari que era ligada à prefeitura. O local onde a FAFI funcionou foi o Colégio Regina Pacis<sup>18</sup> e foi doada uma área muito grande para a FUNEC. Em 1968 começaram na FAFI os cursos de Pedagogia, Filosofia, Geografia e História. Em 1988 foi criado o curso de Ciências que habilitava o professor a lecionar Matemática. Entrei como professor na FAFI através de um convite da diretora, a professora Maria Aparecida Peixoto, para lecionar, exclusivamente, no curso de Matemática nas disciplinas de Desenho I e Matemática I.

---

<sup>16</sup> Universidade de Franca, esta instituição foi fundada em 1970 e localizada na cidade de Franca. (Fonte: <<https://www.unifran.edu.br/conheca-a-unifran/nossa-historia/>>. Acessado em 15/05/2018. Esse município acha-se situado no estado de São Paulo e aproximadamente 280 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>17</sup> Márcio Aurélio da Silva é nosso colaborador.

<sup>18</sup> Aberto, em 18 de maio de 1926, com uma missa campal. O Colégio era dos padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, provenientes da Holanda. Em 1972, todo o patrimônio do Colégio foi doado para a Fundação Municipal de Ensino, que era a entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI). O Colégio funcionou até 31 de dezembro de 1996, depois permanecendo somente no local a FAFI. (NAVES; RIOS, 1998).

Quando o curso começou, tínhamos a professora Dagmar<sup>19</sup>. Ela é formada em Matemática pela UFU e dividia as aulas de Matemática, Matemática I e Estatística comigo. Além de lecionar outras disciplinas, geralmente, as da área pedagógica, como Prática de Ensino em Matemática, Didática I e Didática II. Na área de Biologia era o professor Edson<sup>20</sup>, formado pela UFU. Ele trabalha até hoje na Instituição<sup>21</sup>. Lecionou as disciplinas de Biologia I, II e III e Prática de Ensino em Biologia. Já na área de Química tínhamos a Jane<sup>22</sup>, também formada pela UFU, que lecionava as disciplinas de Química I e II, além das disciplinas de Prática de Ensino em Química. A Carmen Lucia Mendes<sup>23</sup> lecionava a disciplina de Prática de Ensino em Ciências e havia também a professora Consuelo<sup>24</sup>. Lembro-me desses professores serem da primeira turma do curso que habilitava o professor a lecionar Matemática.

Inicialmente, o curso foi autorizado a funcionar, mas tínhamos uma preocupação com a primeira turma, principalmente, para depois que essa turma se formasse para o reconhecimento do curso. Assim, no primeiro vestibular entraram entre trinta e trinta e cinco alunos. Praticamente aproveitamos todos os que se inscreveram, apenas aqueles que zeraram não entraram no curso, o critério foi classificatório e não era seletivo. Propusemos uma grade curricular específica para formar a primeira turma e para o curso ser reconhecido. Hoje não sei se seria assim. Nosso maior objetivo, por ser a primeira turma, era formar os alunos e nos prepararmos para quando a comissão de avaliação do MEC<sup>25</sup> viesse para o reconhecimento do curso. Lembro-me que, à época, não chamávamos a ementa de ementa, isso veio com a reforma de 1996, nós chamávamos de plano de curso. Para montar esses planos de curso tivemos ajuda. Quem nos auxiliou a montá-los foi o professor Fernando<sup>26</sup> da UFU. A partir disso, fizemos uma força tarefa para moldá-lo com a carga horária que se exigia. Lembro-me que tínhamos que ter vinte horas semanais, não podia ter mais que isso. No início, tivemos até aulas no sábado. Outra preocupação era com a biblioteca. Não tínhamos biblioteca. Só a partir do segundo ano

---

<sup>19</sup> Dagmar Martins, formada em Matemática pela UFU, atualmente está aposentada. (Informações – Secretaria da Instituto Master Presidente Antônio Carlos (IMEPAC))

<sup>20</sup> Edson Luiz Aleixo é nosso colaborador.

<sup>21</sup> Segundo o professor Luiz Antônio de 1968 até 2001, a instituição era FAFI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari, mantida pela Fundação Educacional e Cultural de Araguari. Em 2001, com as mudanças, a FAFI foi incorporada pela UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos, mantida pela FUPAC - Fundação Presidente Antônio Carlos. No ano de 2014, essa instituição mudou seu nome para Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (IMEPAC), permanecendo a mesma mantenedora.

<sup>22</sup> Jane Ferreira Neves, formada em Ciências pela UFU, atualmente está aposentada. (Informações – Secretaria do IMEPAC).

<sup>23</sup> Carmen Lucia Mendes, formada pela UFU, atualmente está aposentada. (Informações – Secretaria do IMEPAC).

<sup>24</sup> Consuelo Baiocchi Alves, formada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI), lecionava disciplinas pedagógicas, atualmente está aposentada. (Informações – Secretaria do IMEPAC).

<sup>25</sup> Ministério da Educação.

<sup>26</sup> Fernando Antônio Freitas é nosso colaborador.

começamos a ter doações de alguns livros. A prefeitura comprou alguns exemplares e contratou uma bibliotecária para dar o suporte, senão não teríamos o reconhecimento. Isso que estou lhe falando não tem nada documentado. Isso é um histórico que mostra a nossa dificuldade inicial. Depois da turma formada, veio o MEC e o curso foi reconhecido!

A FAFI funcionava no prédio do Colégio Regina Pacis. Durante o dia funcionava o colégio e à noite era a Faculdade. Tínhamos uma sala de professores. Somente isso. Não tínhamos coordenadores e nós éramos seis professores que lecionavam para o curso que habilitava o professor a lecionar Matemática no primeiro ano. No segundo ano, o curso passou para dez professores. À época, a professora Maria Aparecida Peixoto foi a nossa diretora, o padre Edberto Luiz de Resende, o vice-diretor. O curso era anual e em quatro anos, lembro-me que abrimos vestibular novamente para o segundo ano e formamos turma.

Os nossos alunos, em sua maioria, eram de Araguari, mas tínhamos alunos que vinham de outras localidades, como: Corumbaíba<sup>27</sup>, Indianópolis<sup>28</sup>, Estrela do Sul<sup>29</sup> e Abadia dos Dourados<sup>30</sup>. Nosso curso tinha muitos alunos do estado de Goiás. Já a partir do terceiro ano, nós tínhamos ônibus fretados que traziam os alunos para estudarem em Araguari.

O curso começava com cerca de trinta a trinta e cinco alunos, mas tínhamos muita evasão. Como o vestibular era classificatório, entravam muitos alunos com muita dificuldade. Por mais que ajudássemos, muitos desistiam no meio do caminho. Formávamos, em média, setenta por cento dos que entravam. O curso não tinha ajuda financeira de algum órgão de fomento e para o aluno estudar tinha que pagar mensalidade. Para os padrões da época o curso era barato.

Muitos dos nossos alunos atuavam como professores, porém muitos eram formados em outras áreas. Tínhamos engenheiros, economistas, administradores e até químicos. Assim, eles aproveitavam muitas disciplinas e complementavam a carga com algumas disciplinas pedagógicas e específicas de Matemática.

---

<sup>27</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 49 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>28</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 63 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>29</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 99 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>30</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 130 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).



A maioria atuava na escola pública em cargos como professores substitutos. Na época, chamados de professor R<sup>31</sup>. Por não terem a habilitação, tinham um salário menor. O professor formado em licenciatura plena era chamado por professor P<sup>32</sup>.

Se não me falha a memória, por volta do ano de 2000, foi realizado um comodato<sup>33</sup> de trinta anos entre a FUNEC e a UNIPAC. A partir disso, outros cursos foram implantados em Araguari, como: Medicina, Administração, Ciências Contábeis, entre outros. Nesse meio tempo, fiz mestrado na área de Educação, o que me ajudou a ficar na coordenação do curso de Pedagogia. Também fui coordenador do curso de Ciências Contábeis, mas no curso de Matemática não fui coordenador.

O nosso curso era de Ciências com habilitação em Matemática. Com isso o aluno formado pelo nosso curso podia lecionar para Ciências no 1º grau e Matemática para o 1º e 2º graus.

Para o professor que lecionava na FAFI, nunca existiu um incentivo por parte da mantenedora para a formação continuada. O professor que tinha que fazer por conta própria. E o local onde a maioria dos professores fazia seus cursos de especialização<sup>34</sup> era em Uberlândia<sup>35</sup> e Franca<sup>36</sup>.

Agora na rede pública de ensino fui professor durante trinta anos e nesse período fiz apenas dois cursos de capacitação que foram oferecidos pelo governo de Minas Gerais. Foram cursos de uma semana cada. Isso foi muito pouco!

Sobre a estrutura curricular do curso, lembro-me de algumas disciplinas que faziam parte da estrutura curricular, como: Matemática 1, Matemática 2, Cálculo 1, Cálculo 2, Equações Diferenciais Ordinárias, Geometria Analítica, Álgebra Linear, Geometria Descritiva, Desenho Geométrico, História da Matemática, Noções de Física e Física 1. Em relação às disciplinas pedagógicas tínhamos: Didática 1, Didática 2, Psicologia da Aprendizagem, Português e Estágio Supervisionado. Dessas disciplinas, lecionei todas as Geometrias, Cálculo

---

<sup>31</sup> Nomenclatura para especificar o professor substituto, especificado na lei 5692/71. (BRASIL, 1971).

<sup>32</sup> Nomenclatura para diferenciar o professor substituto do professor efetivo, especificado na lei 5692/71. (BRASIL, 1971).

<sup>33</sup> É um tipo de contrato em que ocorre o empréstimo gratuito de coisas que não podem ser substituídas por outra igual, como um imóvel. A única obrigação de quem recebe o bem é devolver no prazo combinado e nas mesmas condições em que recebeu. (Fonte: <<http://www.normaslegais.com.br/guia/clientes/comodato.htm>>. Acessado em 15/05/2018).

<sup>34</sup> Segundo o professor Luiz Antônio, os professores procuravam os cursos para a formação pedagógica, supervisão e orientação. Para a área de Matemática, era Metodologia do Ensino de Matemática.

<sup>35</sup> Segundo o professor Luiz Antônio, na UFU.

<sup>36</sup> Segundo o professor Luiz Antônio, na Unifran.

1, Cálculo 2, Matemática 1 e Matemática 2, História da Matemática, Noções de Física e Física 1.

Agora, sobre o material pedagógico, nós fomos conhecer o retroprojeto em 2000. Nós rodávamos nossas provas no mimeógrafo a álcool e quando tínhamos que fazer muitas cópias usávamos o mimeógrafo a tinta. Depois de um tempo, uma empresa terceirizada colocou uma máquina para xerox, mas depois de muito tempo que foi montada uma sala para esse fim. No laboratório de Ciências havia poucos instrumentos, a professora pedia para os alunos comprarem os materiais que seriam usados. Tudo foi com grande dificuldade. Os microscópios todos foram doações. Para algumas disciplinas nós montávamos os materiais pedagógicos, como foi o caso da História da Matemática, em que pedíamos para os alunos montarem os ábacos.

Não podemos comparar com a grade curricular, por exemplo, com o curso de Matemática da UFU, que tinha aula de manhã, à tarde e à noite. Que era um curso seletivo em que entravam vinte alunos e formavam-se, em média, três alunos por turma. Muitos ficavam para trás. Para a época, esse curso de Uberlândia era mais próximo da realidade. Agora nosso curso era diferente, começando pelos alunos. A maioria deles era da escola pública, e não pensavam em fazer um vestibular. Apenas precisavam de um diploma para fazer um curso técnico ou para um concurso público para a área militar. O nosso aluno tinha a necessidade de uma formação mínima. Nesse sentido, o curso foi criado para atender a essa demanda. Trabalhávamos uma formação em que existia uma aproximação do aluno. O nosso curso de Matemática era um paliativo. Infelizmente, o curso terminou por falta de alunos.

A grande importância para nossa cidade foi esse curso que ajudamos a criar. Disso não tenho dúvidas, ajudou a motivar para que a UNIPAC estivesse em nossa cidade. Isso é uma glória para Araguari! A nossa grande deficiência era professor de Matemática, Química e Física. A criação do curso ajudou em muito na formação para quem tinha interesse nessa área. Para que você possa entender melhor, formamos professor que, pela falta de profissionais de outras áreas como na área de Química e Biologia, acabaram atuando como R. Isso é muito importante!

Nesses quinze anos de funcionamento do curso, formávamos, em média, vinte alunos por ano, então podemos apontar que temos em Araguari e região pelo menos trezentos professores atuando que passaram por aqui. Os alunos que não conseguiam passar em Engenharia, Matemática, Economia, Administração em algumas universidades como a UFU,

UFMG<sup>37</sup> e a UFG<sup>38</sup> falavam: “O jeito é fazer Matemática. Vou fazer Matemática na FAFI em Araguari e vou tentando fazer vestibular até passar. Vou aproveitar! Porque fazendo Matemática, pelo menos posso começar a dar aula”. Muitos fizeram isso! Foi o meu caso também, queria ser engenheiro e acabei desviando para a Matemática e hoje, depois de trinta e três anos de docência, acredito que mandei bem!

A importância da FAFI não foi formar aqueles alunos que não ficaram em Araguari, pois tiraram boas notas e conseguiram fazer Engenharia em outras localidades. Mas ficar de braços abertos para receber aquele aluno que não conseguiu se colocar no mercado de trabalho e voltara para cursar Matemática. Existiu uma fase em que o professor de Matemática tinha oportunidade de lecionar na escola pública. Isso foi pela década de 1980 até meados da década de 2010. “O Estado<sup>39</sup> foi um péssimo pai, mas foi um ótimo padrasto”. Muitos ficaram e fizeram a vida nesse histórico que estou expondo. Assim, vejo que nosso curso de Matemática, enquanto durou, marcou história. Essa é a consideração que queria fazer.

---

<sup>37</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>38</sup> Universidade Federal de Goiás, campus Catalão.

<sup>39</sup> O professor está se referindo à escola pública.

**Professor Márcio Aurélio da Silva**

Fonte: Arquivo pessoal

*Quando estive em reunião com o professor Luiz Antônio<sup>1</sup> no Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (IMEPAC) - esse é o nome da atual Instituição que funciona no local onde existiu o curso de formação de professores (de Matemática) quando era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI) - Luiz Antônio me apresentou algumas pessoas e uma delas foi o professor Márcio Aurélio da Silva. Ele formou-se no curso, em 1998. Posteriormente, foi convidado a lecionar na FAFI em outros cursos e, depois, começou a trabalhar no curso que habilitava o professor a lecionar Matemática. Quando fomos apresentados, o professor Márcio estava na sala de professores do IMEPAC aguardando o seu próximo horário que entraria em aula. Isso nos ajudou a termos uma conversa sobre a pesquisa, apresentei o roteiro, as fases da pesquisa e agendamos nossa entrevista para o dia 11 de agosto de 2016, às 14h, no IMEPAC, num encontro cuja gravação durou 50 minutos. Quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail, e entrei em contato telefônico avisando-o, ele pediu alguns dias para ler. Passados alguns dias, voltei a ligar, nessa conversa tiramos algumas dúvidas e agendamos uma data e horário para que pudesse ir ao seu encontro em Araguari, para os encaminhamentos necessários que a pesquisa exige. Nesse dia agendado,*

---

<sup>1</sup> Luiz Antônio Fernandes é nosso colaborador.

*nos encontramos no IMEPAC onde apresentei os áudios da entrevista, a transcrição, a textualização e a carta de cessão dos direitos de uso desse material. Lemos juntos a textualização, houve muitos acréscimos e precisamos agendar um novo dia para a finalização. Depois que fiz os ajustes, mandei novamente, por e-mail, a textualização. O professor me ligou agendando uma data e assim fui ao seu encontro. Nos reunimos no IMEPAC, onde relemos a textualização, dessa vez houve poucos ajustes e não tendo nada a acrescentar, ele me cedeu a carta de cessão. Em nossos encontros que geraram a textualização que apresento a seguir, o professor narrou sua vivência como aluno e professor e também a consolidação do movimento de formação de professores em Araguari.*

(\*\*\*)

Meu nome é Márcio Aurélio da Silva, nasci em Araguari em dezembro de 1975.

Em 1983, comecei a estudar na educação básica, em Araguari, na Escola Estadual Dona Eleonora Pierucetti<sup>2</sup>. Era um ótimo lugar! Nós morávamos a duas quadras da escola, na verdade, todos moravam perto da escola, meus amigos e os professores. Não tenho muita recordação da época da 1ª série até a 4ª série, mas quando entrei no ensino fundamental quem foi meu professor de Matemática da 5ª série até a 8ª série foi o Ademar Antônio Batista. Eu me lembro que ele era formado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ele era efetivo na escola pública, depois, também, foi meu professor e padrinho de crisma. Apenas deixei de estudar nessa escola porque não tinha o colegial.

O colegial, fiz em uma escola tradicional de Araguari, a Escola Estadual Raul Soares<sup>3</sup>. Na época, meu professor de Matemática foi o professor Cláudio Arruda, ele era formado em Matemática pela UFU e inclusive foi o diretor da escola por muitos anos. Ele faleceu no ano passado!

Na cidade de Araguari nós não tínhamos muitas opções de cursos para estudar. Eu não tinha recursos para investir e poder me deslocar para Uberlândia, mas tínhamos a FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari. Dentre os cursos que eram oferecidos tinha mais afinidade com o curso de Matemática.

<sup>2</sup> Atualmente a escola encontra-se em funcionamento. (Fonte: Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, <<http://sreuberlandia.educacao.mg.gov.br/>>. Acessado em 15/05/2018).

<sup>3</sup> A primeira escola criada em Araguari no período republicano, foi o Grupo Escolar de Araguari, em 07 de novembro de 1908. Em 1927, o Grupo Escolar recebeu a denominação especial de Raul Soares e, depois com a nova nomenclatura das Escolas Estaduais, passou a denominar-se E. E. Raul Soares. (GATTI JR. et ali, 1997). Esta escola está em funcionamento até os dias atuais. (Fonte: Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, <<http://sreuberlandia.educacao.mg.gov.br/>>. Acessado em 15/05/2018).

Lembro-me que na época, os meus amigos diziam que era loucura cursar Matemática, que seria uma perda de tempo, que com salário de professor não conseguiria nem comprar carro parcelado. O pessoal olha muito por esse lado financeiro! Graças a esse curso, consegui muitas coisas boas.

Dos professores que tive na Faculdade, lembro-me que foram muitos professores. Recordo-me de alguns, como a professora Dagmar<sup>4</sup>, o Luciano<sup>5</sup>, o Luiz Antônio, o Agmar<sup>6</sup>. São esses de quem me lembro!

Antes de ser a FAFI, nesse local havia um colégio de padres, chamado de Colégio Regina Pacis<sup>7</sup>. A capela existe até hoje. Foi nela que fiz o catecismo, participei de muitas missas nesse local. Toda essa estrutura ficou para a Faculdade. Não sei muito bem como era, mas minha sogra tem uma foto da época. Depois vou digitalizar e encaminhar para você mostrando o espaço do colégio. A estrutura que tínhamos era um pouco parecida com a que temos hoje, levando em consideração que algumas coisas foram modernizadas. Em relação à biblioteca, não se tinha um acervo grande de livros para as aulas de Matemática, lembro-me que ela nos atendia, principalmente, em algumas referências para o ensino de Cálculo e Álgebra, mas era bastante modesta.

Como nosso curso de Matemática uma parte era em Ciências, tínhamos aulas no laboratório, principalmente, na parte de peixes. Nós chegávamos a abri-los e o professor nos transmitia boas noções sobre aquilo tudo. Agora, aula específica para o ensino de Matemática usando o laboratório, nunca tivemos.

Nosso diploma mostra que somos formados em Ciências com habilitação plena em Matemática, ele foi registrado pela Universidade Federal de Uberlândia<sup>8</sup>, por ser a Universidade responsável pelos registros dos diplomas da FAFI.

---

<sup>4</sup> Dagmar Martins, formada em Matemática pela UFU, atualmente está aposentada. (Informações – Secretaria do Instituto Master Presidente Antônio Carlos (IMEPAC)).

<sup>5</sup> Luciano Tadeu, formado em Ciências com habilitação em Matemática pelas Faculdades Integradas do Triângulo. Segundo o professor Márcio antes essa Faculdade era chamada de ABRACEC - Associação Brasil Central de Educação e Cultura, localizada em Uberlândia. Atualmente o professor Luciano Tadeu leciona no IMEPAC (Informações – Secretaria do IMEPAC).

<sup>6</sup> Não foi possível obter o nome completo desse professor. Mas segundo o nosso depoente, Agmar é formado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus de Rio Preto. Ele parou de lecionar Matemática e atualmente cursa Medicina em Montes Claros.

<sup>7</sup> Aberto, em 18 de maio de 1926, com uma missa campal. O Colégio era dos padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, provenientes da Holanda. Em 1972, todo o patrimônio do Colégio foi doado para a Fundação Municipal de Ensino, que era a entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI). O Colégio funcionou até 31 de dezembro de 1996, depois permanecendo somente no local a FAFI. (NAVES; RIOS, 1998).

<sup>8</sup> De acordo com a senhora Aparecida Portilho Salazar, responsável pelo setor de diplomas da UFU, desde 1978, a UFU tem autonomia para registrar todos os diplomas de instituições que não são universidades no Triângulo Mineiro.

Como o curso era Ciências com habilitação plena em Matemática, tínhamos mais disciplinas de conteúdo específico em Matemática do que disciplinas pedagógicas, e outras poucas disciplinas para a área de Ciências, como: Biologia, Biologia 1 e Biologia 2. Em relação às disciplinas pedagógicas, tínhamos que fazer Estágio para Ciências e, também, para Matemática. Lembro-me que precisávamos acompanhar o professor regente das aulas, elaborar registros de suas aulas e entregar relatórios sobre as aulas.

Na minha turma, os meus colegas eram de Araguari mesmo e a maioria estava cursando a primeira graduação.

Penso que não tinha evasão de alunos na época em que estudei, as turmas tinham, em média, trinta alunos e desses se formavam em torno de vinte a vinte cinco alunos. Era um número bem interessante de formandos. Vamos estimar que por volta de vinte por cento desistissem e os que ficavam, se formavam em Matemática.

Na época havia alguns colegas que lecionavam como professores substitutos e eram os chamados R<sup>9</sup>, pois não tinham formação. Todos eram alunos do curso de Matemática! Durante a graduação, também lecionei Matemática e Física e, nesse caso, fui professor substituto, então era professor R. Depois de formado em Matemática, lecionei Física. Por não ser a minha área de formação, minha categoria de professor foi a R. Ou seja, R significa que era o professor que não tinha a habilitação na área da disciplina em que estava trabalhando. E o salário era menor também!

Eu comecei a lecionar em 1995, quando estava no segundo ano de Faculdade, mas paralelamente a isso trabalhava como monitor no Colégio Nacional<sup>10</sup> de Araguari e de Uberlândia. Depois de formado, passei a lecionar nesse colégio nas duas cidades. Ao mesmo tempo lecionei em algumas escolas públicas estaduais em Araguari, como nas escolas<sup>11</sup> em que fiz a minha formação básica e a Escola Polivalente Madre Maria Blandina<sup>12</sup>.

E comecei a lecionar na Faculdade, depois de dois anos de formado, fui convidado a lecionar na FAFI em um projeto que era coordenado pela professora Maria Aparecida Peixoto, na época, ela era a diretora da Faculdade. Esse projeto era chamado de Faculdade da Criança em que minha função era lecionar Matemática. Em 2001, a UNIPAC incorporou a FAFI, muitos

---

<sup>9</sup> Nomenclatura para especificar o professor substituto, especificado na Lei 5692/71. (BRASIL, 1971).

<sup>10</sup> Inaugurado em 1994, na cidade de Araguari. Foi a primeira sede do colégio fora da cidade de Uberlândia. Em Uberlândia, começou a funcionar em 1985. (Fonte: < <https://www.nacionalnet.com.br/> >. Acessado em 15/05/2018).

<sup>11</sup> Escola Estadual Dona Eleonora Pieruccetti e a Escola Estadual Raul Soares.

<sup>12</sup> Atualmente a escola encontra-se em funcionamento. (Fonte: Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, < <http://sreuberlandia.educacao.mg.gov.br/> >. Acessado em 15/05/2018).

professores saíram e o reitor, à época, investiu no curso Normal Superior. Com isso, assumi as aulas de Matemática e também comecei a lecionar no curso de Ciências com habilitação em Matemática.

Quando comecei a lecionar na FAFI, o perfil dos alunos era bem diferente de quando fiz o curso de Matemática. Eram pessoas que buscavam o curso de Matemática não como primeira graduação, em sua maioria já eram formados em alguma área, como Engenharia. Lembro-me que havia muitos engenheiros de formação que lecionavam há muitos anos em escolas particulares e até trabalhavam na Secretaria de Educação. Também existiam aqueles que trabalhavam em empresas como na CEMIG - Companhia de Energia de Minas Gerais, e funcionários públicos, como policiais, mas apenas cursavam Matemática para poder ter uma ascensão profissional nos planos de carreira. Também havia aqueles que começaram a cursar outra graduação, mas pararam e viram no curso de Matemática uma opção de graduação em alguma área. Posso dizer que o perfil dos alunos que cursavam Matemática enquanto fui professor era bem diversificado.

No meu caso comecei a lecionar na Faculdade por indicação, lembro-me de que foi do professor Luiz Antônio. Eu não tinha nem pós-graduação lato sensu, mas tinha aquele histórico de monitoria e de quando trabalhei no Projeto Faculdade da Criança na FAFI. Enfim, entrei apenas como graduado em Matemática. À época, podia ter um mínimo de graduados lecionando no curso. Mas logo depois surgiu uma portaria do MEC<sup>13</sup> e o professor que lecionasse no ensino superior precisaria ter, no mínimo, especialização.

Depois que comecei a lecionar na FAFI, precisei fazer a especialização para legalizar a minha situação na Faculdade. Nisso soube que, em Lavras, a Universidade Federal oferecia especialização em diferentes áreas. Assim, em 2005, fiz uma especialização na Universidade Federal de Lavras em Matemática e Estatística, legitimando a minha situação para lecionar no Ensino Superior. Nessa época, o Belone<sup>14</sup> começou a trabalhar em Araguari. Ele veio de Uberlândia para lecionar e coordenar o curso de Matemática, me lembro que disse para eu estudar mais, procurar fazer um mestrado e até mesmo um doutorado. Ele argumentou que trabalhava com aplicações, e quem é formado em Matemática não precisa necessariamente continuar estudando na Matemática Pura. Disse que poderia explorar aplicações, como na área de Estatística e até em Álgebra. Isso me despertou para cursar algo em uma área mais de aplicações, e acabei me inscrevendo no mestrado na Engenharia em Uberlândia.

---

<sup>13</sup> Ministério da Educação.

<sup>14</sup> André Luiz Belone dos Santos, formado em Engenharia na Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é professor no IMEPAC. (Informações – secretaria do IMEPAC).



Na sequência, submeti-me ao processo de seleção para o mestrado, na verdade, não fiz o processo direto, antes cursei algumas disciplinas como aluno especial, principalmente, para sentir essa nova realidade. Assim, fui cursando as disciplinas obrigatórias. Depois de um tempo, passei no processo seletivo, entrei como aluno regular e defendi o meu mestrado na área de Engenharia Mecânica, em 2009.

E, em 2010, ingressei direto no doutorado, também sob a orientação do professor Márcio<sup>15</sup>. Continuei com algumas aplicações de modelos estatísticos que envolvem a Matemática Aplicada com a área da saúde. Isso me ajudou, pois hoje aqui na Faculdade trabalho com a bioestatística dentro da área da saúde, inclusive leciono no curso de Medicina.

Agora, voltando a falar do curso em que me formei, ele foi muito importante para a cidade, pois não tínhamos, aqui em Araguari, a oportunidade de ter uma imersão cultural se não fosse pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari. Ela foi de grande importância para a cidade. Particularmente, se não tivesse cursado Matemática pela FAFI, hoje não seria doutor em nada. Vejo que muitos aproveitaram essa oportunidade de ter a Faculdade em nossa cidade. No meu caso, fiz mestrado e doutorado, mas conheço muitos professores que fizeram Matemática que são concursados no estado, outros são diretores de escola, tanto no estado como na prefeitura. Conheço outros que foram para cidades da região e atuam como professores ou como diretores de escola, como por exemplo, em Cascalho Rico<sup>16</sup>. As pessoas que se formaram pela FAFI e pelo curso de Matemática viam a oportunidade de atuar nas cidades vizinhas, como concursadas. Mas não posso deixar de destacar que isso se deu por terem feito algum curso em Araguari. Isso aconteceu com muitas pessoas. Posso dizer que o curso e a Faculdade atenderam muitas pessoas que moram ao redor de Araguari que antes não tinham possibilidade de estudar em alguma área do conhecimento.

Em relação às ementas, os professores as recebiam quando sabiam quais disciplinas iriam lecionar. Nelas vinham discriminados os conteúdos que tinham que trabalhar. Hoje na Faculdade, temos o portal em que depositamos todas as ementas e planos de aula, no tempo da FAFI tudo era feito à mão mesmo. Nós seguíamos o modelo padrão para elaborar o Plano de Ensino e, depois, o entregávamos na secretária.

Quando entrei como aluno foi, principalmente, para perceber se conseguiria cursar Matemática. Depois que, realmente, entendi que conseguiria terminá-lo, passei a investir no

---

<sup>15</sup> Márcio Bacci da Silva, professor do departamento de Engenharia Mecânica da UFU e do programa de pós-graduação em Engenharia Mecânica. (Fonte: <<http://lattes.cnpq.br/9291398329256011>>. Acessado em 15/05/2018).

<sup>16</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 48 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

curso. Assim, dediquei-me muito para conseguir aquele objetivo. Pena que o curso acabou! Infelizmente acabou por falta de alunos, esse curso modificou a vida de muitas pessoas. Particularmente, gostaria que tivesse o curso, ainda hoje, mas o problema é que a licenciatura de um modo geral, não está despertando interesse do jovem, muito menos em Matemática. Hoje as pessoas buscam muito pelo lado do status e, atualmente, o curso de licenciatura não dá esta posição. Isso que estou dizendo vai de encontro com o que acontece com o IMEPAC. Nele não existem cursos de licenciatura. Ninguém quer estudar para ser professor, na verdade o pessoal quer fazer outra graduação que não seja a de lecionar. Vejo que a profissão de professor passou a ser um bico.

Apenas quero dizer que deveriam ter sido feitas mais pesquisas assim de um modo geral sobre as licenciaturas, não só a Matemática. Vejo que faltou esse acompanhamento para que os cursos não acabassem. Apenas isso!

### Professor Edson Luiz Aleixo



Fonte: Arquivo pessoal

*Edson Luiz Aleixo foi indicado pelo professor Luiz Antônio<sup>1</sup> quando estive pela primeira vez em Araguari, no Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (IMEPAC). Esse é o nome da atual Instituição que funciona no local onde existiu o curso de formação de professores (de Matemática) quando era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI). O professor Edson de imediato aceitou colaborar no entendimento do processo de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Tivemos uma conversa sobre o roteiro, as fases da pesquisa e agendamos nossa entrevista para o dia 11 de agosto de 2016, às 16h, no IMEPAC, num encontro cuja gravação durou 50 minutos. Formado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e, como o curso que habilitava o professor a lecionar Matemática era vinculado ao de Ciências, ele foi o responsável por lecionar as disciplinas dessa área de 1991 a 1999. Quando a textualização ficou pronta, encaminhei-a por e-mail, e entrei em contato telefônico avisando-o, ele pediu que viesse ao seu encontro em Araguari. Assim, agendamos uma data e horário e nos encontramos no IMEPAC, onde apresentei os áudios da entrevista, a transcrição, a textualização e a carta de cessão dos*

---

<sup>1</sup> Luiz Antônio Fernandes foi nosso colaborador.

*direitos de uso desse material. Lemos juntos a textualização, houve muitos acréscimos e precisamos agendar um novo dia para a finalização. Depois que fiz os ajustes, mandei novamente, por e-mail, a textualização. Liguei para o professor agendando uma data e, assim, fui ao seu encontro. Lemos juntos a textualização. Foram realizados poucos ajustes e não tendo nada a acrescentar, ele me cedeu a carta de cessão. Em seu depoimento, como podemos verificar a seguir, o professor Edson Luiz Aleixo narrou sua vivência como professor na cidade de Araguari antes mesmo de ser formado. Relatou sua experiência também como diretor de escola e, por fim, como professor do curso que habilitava o professor a lecionar Matemática.*

(\*\*\*)

Meu nome é Edson Luiz Aleixo, nasci em Araguari em 19 de fevereiro de 1955.

Na década de 1970, cursei toda a educação básica na cidade de Araguari, estudei no antigo Colégio Regina Pacis<sup>2</sup>, que era uma escola administrada pelos padres. Na sequência, na evolução histórica se transformou na FAFI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari. Em uma determinada época da minha vida, fiz cursinho com a intenção de entrar para o curso de Medicina. Por alguns motivos particulares isso acabou me levando para o magistério e cursei Ciências com habilitação em Biologia na UFU – Universidade Federal de Uberlândia, fiz o meu curso de 1977 até 1984. Depois lecionei no Estado<sup>3</sup>, consolidando outro rumo em minha vida profissional e ficando nas áreas pedagógicas. Em 1992 realizei um curso de especialização na cidade de Ituverava<sup>4</sup>, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava, na área de Administração Escolar e Ensino Superior.

Em termos de formação, existiam alguns poucos professores habilitados que vinham das mais variadas faculdades próximas a Araguari, como por exemplo, de Uberlândia. À época, existia o curso específico de Matemática e outros, também, em outras faculdades particulares, também existentes em Uberlândia, no caso, da Associação Brasil Central de Educação e Cultura (ABRACEC). Tínhamos uma demanda muito grande para alunos de escola pública tanto no ensino fundamental como no médio. Em 1983, Araguari estava crescendo devido à construção

---

<sup>2</sup> Aberto, em 18 de maio de 1926, com uma missa campal. O Colégio era dos padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, provenientes da Holanda. Em 1972, todo o patrimônio do Colégio foi doado para a Fundação Municipal de Ensino, que era a entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI). O Colégio funcionou até 31 de dezembro de 1996, depois permanecendo somente no local a FAFI. (NAVES; RIOS, 1998).

<sup>3</sup> Quando o professor Edson diz Estado, ele se refere a rede pública de ensino.

<sup>4</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 210 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

da Usina Hidrelétrica de Emborcação<sup>5</sup>, pois muitas pessoas migraram para a cidade de Araguari em busca de emprego, hoje nem tanto porque houve uma estabilidade no crescimento populacional.

Em termos de professores, tínhamos os habilitados e, também, aqueles que eram considerados R<sup>6</sup>, que eram aqueles professores que tinham um conhecimento de áreas específicas, mas não eram habilitados. A Superintendência de Ensino<sup>7</sup> emitia uma declaração que autorizava esse professor a lecionar. Pedia-se que tivesse cursado algumas disciplinas, entre elas Didática do Primeiro Grau, e uma carga horária compatível com aquilo que estaria ministrando, para que o autorizassem a lecionar. Era uma autorização temporária para lecionar um número x de aulas, conforme a carga disponível dentro da unidade escolar.

Em 1973, comecei a lecionar. Na época era aluno do cursinho que existia em Araguari, Era um curso preparatório para o vestibular que existia em Uberlândia, mas houve uma turma que foi oferecida na FAFI. Se não me falha a memória, comecei a lecionar em 8 de maio de 1973, como professor R<sup>8</sup>. No caso, eu podia, pois havia concluído o segundo grau, e estava fazendo cursinho para o vestibular de Medicina, mas não tinha habilitação em relação às disciplinas pedagógicas. Isso não só era uma regra para Araguari, mas em toda região, inclusive em Uberlândia era muito comum essa prática, porque existia uma demanda muito grande de professores devido ao aumento do número de escolas, tanto do estado quanto de escolas particulares. As escolas eram criadas com muita facilidade, pois a demanda em relação a aluno também era muito grande. Como não tinha profissional com qualificação exigida, pela lei 5692/71, existia a abertura para contratar o professor R. Isso desde que o gestor, que era o diretor da escola, verificasse o perfil daquela pessoa indicada ou selecionada ou que tivesse uma referência. Esse candidato passava por uma triagem conforme a necessidade da escola e a própria direção, depois se pedia uma autorização, em Uberlândia, para poder preencher toda a documentação que era exigida pela Superintendência de Ensino. Apenas depois disso a pessoa era contratada para lecionar. Para ele perder essas aulas, apenas com a chegada de um professor

---

<sup>5</sup> Está localizada sobre o Rio Paranaíba e encontra-se na divisa dos Estados de Goiás e Minas Gerais, mais precisamente entre os municípios de Araguari (MG) e Catalão (GO). Foi inaugurada em fevereiro de 1983, sendo seu nome escolhido em homenagem ao fundador da Universidade Federal de Itajubá, em reconhecimento ao trabalho da instituição na formação de engenheiros de sistemas de potência. (Fonte: <[http://www.cemig.com.br/pt-br/a\\_cemig/Nossa\\_Historia/Paginas/Usinas\\_Hidreletricas.aspx](http://www.cemig.com.br/pt-br/a_cemig/Nossa_Historia/Paginas/Usinas_Hidreletricas.aspx)>. Acessado em 15/05/2018).

<sup>6</sup> Nomenclatura para especificar o professor substituto, especificado na Lei 5692/71. (BRASIL, 1971).

<sup>7</sup> Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia é uma instituição pública que tem por finalidade exercer, em nível regional, as ações de supervisão técnica, orientação normativa, cooperação e de articulação entre Estado e municípios, em consonância com as diretrizes e políticas educacionais. (Fonte: Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, <<http://sreuberlandia.educacao.mg.gov.br/>>. Acessado em 15/05/2018).

<sup>8</sup> Nomenclatura para especificar o professor substituto, especificado na lei 5692/71. (BRASIL, 1971).

habilitado com concurso. Esse professor não tinha uma estabilidade. Fui contratado como professor R por uns quatro ou cinco anos.

Lembro-me que tinha de oito para dez anos de magistério quando entrei para o curso de Ciências. O curso era de quatro anos e tinha habilitações em Matemática e Biologia. Os dois primeiros anos eram licenciatura curta e depois o aluno cursava a habilitação que queria e saía habilitado na licenciatura plena. Na época, existiam muitas pessoas que, quando terminavam o curso básico dentro da Faculdade que seriam os dois primeiros anos, poderiam apenas lecionar para o ensino fundamental.

Quando entrei na Faculdade em Uberlândia, era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Na época tivemos aulas no Colégio Nossa Senhora das Dores<sup>9</sup> e depois passamos a ter aulas no Campus Santa Mônica<sup>10</sup> onde continua sendo parte da Universidade. À época, o curso ainda era particular.

Depois de formado. Foi em 22 de junho de 1988, em Araguari, quando fui para a direção da Escola Estadual Madre Maria Blandina que era chamada de Escola Polivalente. Já era professor concursado em Ciências com habilitação em Biologia. Não se falava mais em licenciatura curta, houve outra mudança na legislação e a partir disso não existiam mais os cursos de Ciências com licenciatura curta, tudo era licenciatura plena.

A mudança da Lei 5692 me parece que aconteceu com a Lei de 9394/96. Essa lei teve uma das propostas para regularizar todo o magistério. Na Universidade para regularizar essa transição, com a extinção da licenciatura curta não foi fácil. Lembro-me de muitos colegas sendo jubilados ao longo do período porque essa adaptação foi muito grande para reorganizar e readequar a nova matriz curricular. Nisso muitos ficaram pelo caminho!

Eu comecei a lecionar na FAFI na década de 1990, pelo ano de 1991. Fui convidado a lecionar no curso de Ciências. O curso já existia e tinha uma carga horária muito pesada. Lembro que lecionava toda a parte de Biologia. Assim, lecionei para muitos alunos, inclusive para quem depois iria optar pela habilitação em Matemática.

Existia uma demanda muito grande de alunos da própria cidade de Araguari, mas tínhamos muitos alunos da região, inclusive de Uberlândia e de cidades vizinhas, como

---

<sup>9</sup> Colégio fundado em 1932, está em funcionamento até os dias de hoje com o nome de Colégio Ressurreição Nossa Senhora. (Fonte: < <http://ressurreicaouberlandia.com.br/>>. Acessado em 15/05/2018).

<sup>10</sup> Esse fato ocorreu em 1977 quando as Faculdades Isoladas de Uberlândia passaram a integrar a Universidade de Uberlândia e em 1978, essa instituição foi federalizada passando a chamar Universidade Federal de Uberlândia. (GAROTTI, 1985).

Cascalho Rico<sup>11</sup>, Estrela do Sul<sup>12</sup>, Monte Carmelo<sup>13</sup> e Indianópolis<sup>14</sup>. De Goiás tínhamos alunos de Itumbiara<sup>15</sup>. Muitos desses alunos que chegavam até nós, em sua maioria eram pessoas que lecionavam no estado, eram os denominados professores R.

A maioria dos professores se formavam em Uberlândia na UFU, mas tínhamos outros professores com formações oriundas de outras cidades da região, em Uberaba, por exemplo. À época, não se tinha muita exigência para o professor ter o mestrado ou o doutorado para lecionar no ensino superior, bastava que tivesse formação em curso reconhecido pelo MEC<sup>16</sup>.

Em relação a estrutura física, na FAFI, tínhamos uma biblioteca que satisfazia toda a demanda e necessidade dos alunos. Com o passar do tempo, a faculdade foi sendo adaptada para cada curso que estava sendo criado de acordo com as exigências do MEC. Lembro-me que o laboratório de química, laboratório para matemática e o laboratório de biologia estavam em andamento, mas houve alguns atropelos nas suas execuções. Mas no início, os cursos tinham a estrutura que era do colégio dos padres.

No local do curso que formava o professor a lecionar Matemática, antes, era uma escola de padres chamada de Colégio Regina Pacis. Lembro-me do padre Alberto Arns que era o responsável pelo funcionamento do externato Regina Pacis. Também, do padre Arnulfo Bjoer. Ele era professor de Inglês e Filosofia. Não poderia me esquecer do padre Belizário que era professor de Biologia, do padre Mário que era professor de História, depois, ele deixou a Congregação para ser professor na Universidade de Brasília e, por fim, do padre Francisco Inácio Póvoa, mais conhecido como Padre Chico. Ele era professor de Geografia. Lembro que eles lecionavam, mas não me recordo se algum deles era professor de Matemática.

A Faculdade de Filosofia foi fundada em 1968<sup>17</sup>, iniciando-se com o curso de Letras e Pedagogia. Já o curso de Ciências que habitava o professor a lecionar Matemática surgiu no

---

<sup>11</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 48 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>12</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 70 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>13</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 99 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>14</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 63 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>15</sup> Município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 130 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>16</sup> Ministério da Educação.

<sup>17</sup> Fundada em 26 de agosto de 1968, com aula inaugural proferida pelo professor araguarino Morse Belém Teixeira que atuava como professor em Belo Horizonte. (PEREIRA; BRAGA, 1999).

final dos anos 1980, por volta de 1987 talvez 1988<sup>18</sup>. Com a Faculdade de Filosofia, a mantenedora passou a ser a FUNEC - Fundação Educacional e Cultural de Araguari, que era ligada à prefeitura de Araguari, e depois houve outras mudanças com a chegada da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC). Essa instituição é multicampi vinculada ao Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais. A mantenedora passou a ser a Fundação Presidente Antônio Carlos (FUPAC) que é até os dias de hoje com o Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (IMEPAC).

Além de ser professor na FAFI, tive algumas atuações na parte administrativa e cheguei a ser tesoureiro da Faculdade.

Atualmente, vejo que os valores em termos de Educação mudaram muito, acredito que foi para pior. O que se ensina hoje, lógico que nós temos que atender a uma demanda, antigamente formávamos o cidadão e dávamos uma formação em todos os níveis e, principalmente, em nível de respeito. Como acadêmicos na área de Ciências, recebíamos uma educação muito abrangente, por exemplo, na área da saúde. Tínhamos uma educação formalizada e uma socialização política. O respeito em todas as áreas era grande. Parece que isso ficou na história. Foram modificando a educação, trazendo tantos novos perfis como é o caso da interdisciplinaridade e da contextualização. Para mim, não se fez educação. Ela se perdeu! Hoje, por exemplo, é aquela educação voltada para um grupo político, para uma intenção política. Por exemplo, as escolas municipais, surgem através do interesse dos senhores feudais, não é isso? Depois quando perceberam que não davam conta, a escola passa para o estado, mas quando chega na mão do estado, o que acontece? O estado como gestor financeiro tem uma intenção de politizar todo mundo até perceber que não está dando conta. Começa a fechar as salas de aula e dá um choque de gestão. Na busca da qualidade total, então acaba mudando os valores da educação, o perfil do funcionário e do educador. Para fazer tais mudanças, o estado como gestor precisa entender o que está acontecendo na sala de aula para não gerar inseguranças. Por exemplo, hoje vi uma professora ser empurrada por um aluno. O que ela pode fazer? A sociedade mudou sim, lógico, nós temos uma escola que em muitos aspectos não evoluiu, quando terminei o colegial aprendi datilografia, eu era doutor. Hoje se você não for um programador de sistema ou coisa parecida, você não é nada! Você vê que houve uma mudança. Na escola, nós estamos sem eco naquilo que estamos fazendo. Muitas vezes o aluno, por exemplo, com a progressão continuada, que vejo no ensino fundamental e

---

<sup>18</sup> O curso de Ciências com habilitação em Matemática, surge em 1988, pelo decreto nº 97.159, de 5 de dezembro de 1988, (Fonte:< <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1988/decreto-97159-5-dezembro-1988-447645-norma-pe.html>>. Acessado em 10/03/2017).



no ensino médio, não que seja a favor, que o aluno tem que ser reprovado, mas uma avaliação em que vou trabalhar o projeto e vou cobrar isso dentro da sala de aula. Vou avaliar o aluno dentro do conteúdo e aquele conteúdo o governo desvincula. E o que acontece? Eu vou ter um índice de notas negativas muito grande e aquele aluno chega ao final do ano pela progressão continuada e acaba vencendo as etapas porque ele tem que vencer e o professor tem que fazer com que o aluno vença essas etapas. Dessa forma, o aluno vence uma etapa, mas aprender é outra. Nós sentimos isso na pele! Nesse sentido, percebo que o aluno chega ao ensino superior vazio. Ele chega à Universidade sem ter um filtro, porque no meu tempo, a escola formava o cidadão mais consciente, agora se deixou esse cidadão para a sociedade modelá-lo. Chamo essa sociedade atual de sociedade fria, pois ninguém tem compromisso, se você serve para ser meu trampolim, vou te utilizar como trampolim, se você não serve tudo bem. Ao meu ver ninguém tem compromisso com nada. O jovem de hoje não sabe a força de um não. Infelizmente, ele só sabe a força do eu quero e pronto. E o professor, ele é o que? Ele é um mero disciplinador. Hoje não é dado o conteúdo da mesma forma que vi quando fui aluno, em que tínhamos que mostrar não só o conhecimento, mas provar aquilo que estávamos fazendo e escrevendo. O aluno de hoje não escreve, não tem como o fazer provar. Para mim, isso é um crime! Essa é minha grande frustração hoje com a educação. A educação de hoje é uma socialização, ela não pode ser de massa. Acho que assim não chega a lugar nenhum. O aluno sai de uma educação de massa das escolas básicas e quando entra no ensino superior para buscar uma habilitação, ele vai descobrir que tem que estudar e ninguém irá fazer isso por ele. Nisso, cria-se uma angústia. Assim, o aluno vai sair habilitado em um curso superior e, depois vou contratar os serviços desse profissional que não tem uma qualificação para atender aquilo que tenho enquanto projeto de construção ou projeto de saúde. Quero dizer que estamos tendo um conflito social. Isso é o que estamos vivendo na sociedade de hoje.

### **3 Uma narrativa sobre os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro**

Uma configuração do modo como pretendíamos contar uma história da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, surgiu após a produção das entrevistas com os nossos colaboradores. A ideia se baseava em categorias para a análise, devido nossas experiências, pois havíamos trabalhado dessa forma no mestrado e em outros pequenos trabalhos, quando havíamos produzido alguns artigos, como já mencionamos, à época em que estava no PIBID na UFT.

A partir disso, é importante dizer que durante os estudos das obras que compõem o ‘projeto do mapeamento’, fomos influenciados em nosso exercício de análise, em uma forma que pensávamos que se aproximava de nossas experiências em lidar com análises, era a análise de convergência. Pensávamos a análise de convergência, não apenas nos pontos comuns encontrados em nossas narrativas, mas também naqueles pontos contrastantes em relação aos demais e que fazem com que analisemos de uma forma diferenciada, em uma busca por respostas ou versões que nos ajudem a compreender o objeto de estudo.

Durante o Exame de Qualificação, a Banca Examinadora apontou que da forma que estava sendo exposta a análise essa não nos ajudaria a contar a história que propusemos e sugeriu elaborarmos um único texto, ou seja, que a análise poderia ser realizada em um modo narrativo mais contínuo.

Ao trabalhar na arquitetura dessa nova estratégia (pelo menos para nós), percebemos que pela pluralidade de fontes que tínhamos em mãos, poderíamos repetir muitas ideias e de certo modo cansar os leitores de nosso texto. Aliado a isso, não podemos deixar de apontar os vícios desse pesquisador, que acredita que a organização de um texto em subitens torna a leitura mais fluente e agradável para o leitor. Por esses motivos, optamos em expor essa nossa trama, em um texto de modo narrativo, em subitens, em uma sequência mais natural possível.

A concatenação mais natural encontrada por nós foi iniciar por (3.1) “A constituição de uma região – o Triângulo Mineiro”. Nela, buscamos compreender os movimentos históricos, políticos e econômicos que estavam envolvidos e que levaram a constituir o território do Triângulo Mineiro, palco de nosso estudo.

As narrativas de nossos interlocutores nos conduziram para que, na sequência, discutíssemos os enlaces que existiram entre a educação e a religião, sendo isso muito importante para a constituição, no futuro, dos primeiros cursos de formação superior para o

campo da Matemática, assim escrevemos, (3.2) “A Educação, a Igreja Católica e outras religiões”.

Com esse desenrolar, em nosso texto, na sequência trouxemos à tona (3.3) “Alguns cenários que antecedem a criação dos primeiros cursos de nível superior para lecionar Matemática”. Problematizações embaladas por: quais congregações católicas se instalaram na região e por quê? Quais foram os colégios confessionais católicos criados, à época, que antecedem a criação dos cursos de formação superior em Matemática e como essa criação ajudou a criar os cursos? E as escolas públicas? Qual era o perfil do professor que lecionava Matemática nesses colégios, antes da criação dos cursos superiores em Matemática? Qual foi o papel da Igreja Católica para formar esse professor que lecionava na educação básica? Foram as responsáveis para trazermos em nosso ensaio narrativo, os itens (3.3.1) “As congregações católicas e seus colégios confessionais”; (3.3.2) “Um cenário do fluxo dos estabelecimentos de ensino básico”; (3.3.3) “A formação do professor (de Matemática)”.

Como em nosso encaminhamento queríamos entender o movimento de ensino superior que se instalava na região, bem como os laços políticos que conduziram a criação dos primeiros cursos de Matemática e todo um movimento até o fechamento de quase todos esses cursos, propusemos: (3.4) “Da criação ao fechamento - uma constituição do ensino superior e os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática)”.

Posterior a isso, um dos questionamentos, quem era o professor que lecionava nos primeiros cursos de formação superior em Matemática, nos iluminou a discutir o item (3.5) “Um perfil do docente que lecionava nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática)”.

Consequentemente, discutimos os aspectos concernentes à estrutura oferecida pelas instituições do ensino superior para os professores lecionarem e, também, aspectos da organização curricular. Essas foram algumas das problemáticas tratadas em (3.6) “Algumas reflexões sobre a estrutura dos primeiros cursos”.

E por fim, mas não menos importante, a partir do perfil do aluno, percebemos a demarcação de uma nova região, além disso, trouxemos para o bojo da discussão alguns dos pontos em que podem ter levado os alunos dos primeiros cursos a buscarem uma formação em Matemática, é sobre esses aspectos que trata (3.7) “As contribuições do perfil do estudante na demarcação de uma nova região”.

Essa foi uma das possíveis arquiteturas que vislumbramos para contar nossa trama histórica sobre o movimento de criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, aos quais passamos a narrar no que segue.

### 3.1 A constituição de uma região

Nas entrevistas, os nossos colaboradores não narraram particularidades da região, apesar de apenas a professora Maria Teresa e o professor Irineu não serem nascidos no Triângulo Mineiro. Ainda assim, desde que aqui chegaram nunca mais saíram. Já os demais depoentes, nos fazem lembrar da Canção do exílio, de Gonçalves Dias,

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite -  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que disfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Inspirados nesses versos, entendemos que nossos colaboradores possuem raízes profundas em sua região, não tendo a intenção de deixá-la por acreditarem que ali é o melhor lugar para se viver. Por não sermos naturais de Minas Gerais, sentimos a necessidade, logo no início da pesquisa, de conhecermos um pouco dessa região.

Um primeiro texto que lemos foi “As histórias de Uberlândia”. Trata-se de uma coleção com quatro volumes, escrita pelo jornalista Antônio Pereira da Silva. Nessa coleção, como o título sugere, o autor conta algumas histórias da cidade de Uberlândia e, também, do Triângulo Mineiro.

Em um desses volumes, sabemos que o Triângulo Mineiro foi paulista e, depois, foi goiano, antes de ser mineiro. Ao ler essa informação, uma pergunta natural que surge: como foi isso<sup>1</sup>?

Para entender essa situação, precisamos voltar ao século XVII, época em que o Brasil era colônia de Portugal. O território brasileiro estava segmentado em sete capitâneas<sup>2</sup>: a Grão-Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio Grande de São Pedro, São Paulo e Rio de Janeiro. A figura 1 mostra as sete capitâneas e a localização dos rios Paranaíba e Grande.

---

<sup>1</sup> Para responder a essa pergunta, elaboramos um estudo em diferentes textos, entre eles apenas para citar alguns, LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. A oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro, 1750-1861. Uberlândia: UFU, 2002; LOURENÇO, L.A.B. O Triângulo Mineiro, do Império à República: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX). Uberlândia: EDUFU, 2010; RISCHITELI, Augusto Bragança Silva Pigrucci. Imagens e vozes do Sertão da Farinha Podre na produção historiográfica de Antônio Borges Sampaio (1880-1908). Dissertação (Mestrado em História). UNESP: Franca, 2005; BRANDÃO, Carlos A. Triângulo: capital comercial, geopolítica e agroindústria. 1989. 189f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Planejamento Regional), UFMG: Belo Horizonte. 1989; PONTES, Hildebrando. História de Uberaba e a civilização no Brasil Central. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978; SAMPAIO, Antônio B. Uberaba: história, fatos e homens. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro/Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1971.

<sup>2</sup> As capitâneas foram uma forma de administração territorial do império português pela qual a Coroa, com recursos limitados, delegou a tarefa de colonização e exploração de determinadas áreas. (MARX, 1991).

**Figura 1 - As capitânicas brasileiras e a localização dos rios Paranaíba e Grande**



Fonte: Elaborado por Eduardo Warpechowski.

Ao observarmos a figura 1, onde estão localizados os rios Paranaíba e Grande, percebemos que é entre esses rios que a região do Triângulo Mineiro irá se formar. Ao olhar para a disposição desses rios, já podemos imaginar o porquê do nome Triângulo.

A fim de continuarmos a nossa história, esse território pertenceu ao domínio paulista de 1720 a 1748 (GUIMARÃES, 2010). Podemos assim dizer, Triângulo paulista, mas à época, como o local era habitado pelos índios caiapós, essa região era conhecida como Caipolândia (LOURENÇO, 2002). Parte da região sul, centro-oeste e parte da região sudeste do país, que conhecemos hoje, era a capitania de São Paulo (SILVA, 2000).

Nesse momento, um tema do qual não podemos fugir é entender como se deu a ocupação territorial da região. Entender essa ocupação nos permitirá ter uma visão de como foi constituída a região e, com isso, abrir novas possibilidades para outros questionamentos.

Segundo Lourenço (2010), a ocupação desse território iniciou-se ainda no século XVII, quando das pioneiras expedições dos bandeirantes paulistas ao Brasil Central em busca de metais e pedras preciosas e, secundariamente, para a captura e aprisionamento de índios<sup>3</sup>.

Em 1748, de acordo com Brandão (1989) e Sampaio (1971), se deu a criação da capitania de Goiás, que, até então, era também pertencente à capitania de São Paulo. A partir da criação dessa capitania, o local que está a região do Triângulo Mineiro, passa a pertencer a Goiás, tornando-se o Triângulo goiano. Para o leitor visualizar essa nova configuração territorial, apresentamos a figura 2.

**Figura 2 – A divisão do Brasil por capitanias – final do século XVIII**



Fonte: Elaborado por Eduardo Warpechowski a partir da Revista Nova Escola<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Como aponta Fausto (1994, p.94), “[...] a grande marca deixada pelos paulistas na vida colonial do século XVII foram as bandeiras. Expedições que reuniam às vezes milhares de índios lançavam-se pelo sertão, aí passando meses e às vezes anos, em busca de indígenas a serem escravizados e de metais preciosos.”

<sup>4</sup> <<https://novaescola.org.br/conteudo/201/como-foi-estabelecida-a-divisao-dos-estados-brasileiros>>. Visitado em 28/05/2018.

Com a descoberta de ouro nas minas de Goiás, no século XVIII, destaca-se a expedição do sertanista Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que atravessou o Triângulo em sentido a Goiás, trilhando um caminho que ligava a vila de São Paulo aos novos povoados, conhecido como Estrada dos Goiases ou estrada de São Paulo ou rota do Anhanguera<sup>5</sup>. (LOURENÇO, 2010; PONTES, 1978).

Para Bessa (2013), um processo de povoamento dessa região iniciou-se com a criação de aldeias, localizadas estrategicamente ao longo da rota do Anhanguera, com a população indígena oriunda de Goiás e Mato Grosso<sup>6</sup>. Outro processo de povoamento, apontado por essa autora, foi definido pelo breve êxito da mineração, entre as décadas de 1740 e 1790, com a exploração por mineradores e aventureiros vindos da região central da capitania de Minas Gerais. Para ela, essa forma de ocupação apresenta peculiaridades próprias, pois orienta o surgimento de arraiais<sup>7</sup> que, de imediato, experimentam uma intensa prosperidade, transformando-se em focos de atração de população.

Atraídos pela descoberta de ouro, os geralistas, que eram famílias de migrantes vindos das regiões central e sul da capitania de Minas Gerais, começaram a se estabelecer como fazendeiros e sitiantes na região e, segundo Guimarães (2010, p. 36), eles “formariam um primeiro núcleo urbano de mineração regional”. Nessa ocupação, de acordo com Matos (1981, p 211), “foi dada origem ao Julgado de Nossa Senhora do Desterro das Cachoeiras do Rio das Velhas do Desemboque”. Mais tarde, apenas Julgado<sup>8</sup> de Desemboque.

Um dos primeiros nomes da região, que conhecemos hoje como Triângulo Mineiro, foi Julgado do Desemboque e, depois, “passou a ser conhecida como Sertão da Farinha Podre”. (LOURENÇO, 2010, p. 22).

Rischitelli (2005) aponta duas versões para o nome “Sertão da Farinha Podre”. A primeira, esse pesquisador diz que tem como origem o costume dos desbravadores da região ao

---

<sup>5</sup> Para situar o leitor, hoje a rodovia que interliga o estado de São Paulo ao oeste de Minas Gerias, chama-se rodovia Anhanguera. Trata-se de uma homenagem aos bandeirantes que desbravaram o sertão nos séculos 17 e 18, Bartolomeu Bueno da Silva, pai e filho, que compartilhavam tanto o nome "Bartolomeu Bueno da Silva" quanto o apelido "Anhanguera". Fonte: <<http://www.fildihotel.com.br/web/diversos-assuntos/saiba-tudo-sobre-a-rodovia-anhanguera>> . Acessado em : 20 maio.2018.

<sup>6</sup> De acordo com Lourenço (2002), os índios Caiapós, que habitavam a região antes da colonização luso-brasileira, foram expulsos de suas terras e, gradativamente, exterminados. Por essa razão, no processo inicial de colonização, foram assentadas populações indígenas oriundas de Goiás, com índios Acroás, Chacriabás e Tapirapés, e de Mato Grosso, com índios Bororos e Parecis.

<sup>7</sup> “Denominava-se arraial o núcleo constituído por, pelo menos, uma capela curada (com um religioso fixo), um andro e algumas habitações ao redor dele. A capela assentava-se no patrimônio, isto é, no terreno a ela doado”. (LOURENÇO, 2010, p. 21).

<sup>8</sup> “Julgado era uma antiga denominação empregada pela administração portuguesa para designar os limites territoriais de uma jurisdição, de um ou grupo de juizes. Podemos dizer que equivale ao que se denomina atualmente por município”. (GUIMARÃES, 2010, p. 36).



demarcarem o caminho com bolsas de couro cheias de farinha nos galhos das árvores. Ao retornarem de viagem, após longos meses, a farinha encontrava-se estragada, sem condições de consumo. E a outra versão seria a de atribuir a origem a uma região de Portugal, cujas terras guardariam certa semelhança entre si.

Entre os anos de 1790 e 1816, Lourenço (2010) aponta que surgiram vários arraiais, como Araxá, Patrocínio, São Pedro de Alcântara<sup>9</sup> e Carabadelá<sup>10</sup>. Desses arraiais, Araxá tornou-se um importante núcleo regional, devido às águas salitrosas, transformando essa localidade em um lugar de internada para as boiadas de todas as partes de Goiás, com destino ao Rio de Janeiro. (ESCHWEGE, 1996).

Percebemos que cabe também enfatizar a importância da Igreja Católica na formação de arraiais e vilas, não apenas na região do Triângulo Mineiro, como também no Brasil como um todo (MARX, 1991; ARAÚJO, 1986; VILLAÇA, 1975). A presença da Igreja Católica era condição indispensável para a legitimação desses pequenos agrupamentos populacionais, haja vista que a data de concessão de cura da capela é, na maioria das vezes, considerada como data de fundação da localidade. De acordo com Marx (1991, p. 14), a influência da Igreja Católica constituiu-se em estratégia decisiva para “[...] o nascimento de um sem-número de povoações nos sertões”.

À época, antes da região pertencer à capitania de Minas Gerais, de acordo com Guimarães (2010), o florescimento da mineração em Goiás e Mato Grosso proporcionou o estabelecimento de duas rotas principais no Sertão da Farinha Podre: a estrada de São Paulo e a estrada Salineira.

A estrada de São Paulo, ou rota do Anhanguera, ia de São Paulo a Goiás, passando pelo Julgado de Desemboque. Ela partia do litoral paulista, depois cruzava a divisa de Minas Gerais com São Paulo. Na sequência, passava pelo território do Triângulo até atingir seu destino, que era Goiás.

A estrada Salineira, por sua vez, partia do litoral carioca, adentrava o sul de Minas, passando por São João Del Rey e indo até Araxá, no sentido do Julgado de Paracatu, seguindo em direção a Goiás e Mato Grosso. Por essa rota era feito o trânsito do Rio de Janeiro até Cuiabá.

---

<sup>9</sup> Hoje Ibiá. Essa cidade é localizada na mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, e está na microrregião de Araxá. Fonte: < <https://www.ibia.mg.gov.br/a-cidade/historico> >. Visitado em 28/07/2018.

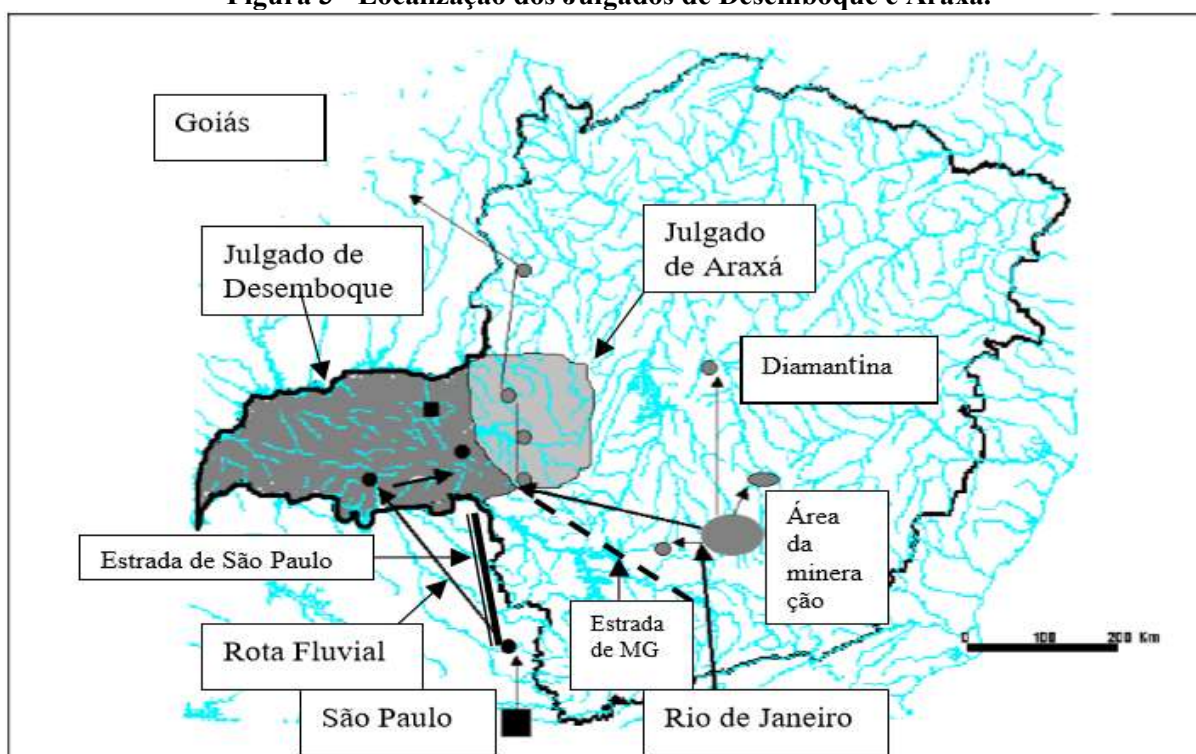
<sup>10</sup> Hoje Coromandel. Essa cidade é localizada na mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, e está na microrregião de Patrocínio. < <https://www.coromandel.mg.gov.br> >. Visitado em 29/07/2018.

À época, a capitania de Minas Gerais estava dividida em cinco julgados e um deles era o Julgado de Paracatu. Nesse Julgado, conformou-se uma situação, no mínimo, curiosa. (MATOS, 1981). É que a rota salineira, vinda do sul da capitania de Minas Gerais, adentrava o território da capitania de Goiás pelo que é hoje o Triângulo Mineiro, depois seguia novamente em direção à capitania de Minas Gerais, no sentido de Paracatu e depois reentrava no território goiano para atingir a cidade de Goiás. Essa rota fez emergir e prosperar o povoamento de Araxá, fazendo com que o Julgado de Desemboque fosse desmembrado em dois, originando o Julgado de Araxá.

Assim, pouco antes de ser definitivamente incorporada à capitania de Minas Gerais, a região que se chamaria Triângulo Mineiro encontrava-se dividida em dois Julgados – o Julgado do Desemboque e o Julgado do Araxá. O Julgado do Desemboque abrangia a porção oeste, em franca desarticulação econômica e com áreas ainda não exploradas, além de processos incipientes de ocupação rural. E o Julgado do Araxá abrangia a porção leste, onde a pecuária ganhava força, principalmente nos pontos de ligação da região do sul de Minas com Paracatu (e daí com Goiás), destacando-se a formação do núcleo urbano de Araxá, que emergiria como centro de dominância política e mercantil da região. Ou seja, o Triângulo Mineiro já nascia segregado em duas áreas com dinâmicas distintas, a porção oeste mais ligada à Estrada de São Paulo e a porção leste integrada na rota mineira de ligação ao Rio de Janeiro (GUIMARÃES, 2010).

Baseados em Lourenço (2010) e Bessa (2013), apontamos que, por meio dessas duas rotas, houve um aumento do povoamento da região, muitos mercadores, sertanistas, condutores de gado que, atraídos pela boa condição das terras de cultivo e pastagens e, principalmente, por ser um local inabitado, voltavam com suas famílias para se estabelecerem na região.

Figura 3 - Localização dos Julgados de Desemboque e Araxá.



Fonte: Guimarães (2010).

Na figura 3, vemos a localização da estrada de São Paulo e que os Julgados de Desemboque e Araxá<sup>11</sup> pertenciam à capitania de Goiás; a área que foi consolidada como “área de mineração” na capitania de Minas Gerais, hoje compõe a região metropolitana de Belo Horizonte e, por fim, na figura, onde está escrito “estrada de MG”, trata-se da estrada Salineira que discutimos no texto.

A desagregação desses dois Julgados se deu por causa do alvará, expedido pelo rei de Portugal, em abril de 1816, em resposta às reivindicações de criadores de gado de Araxá, que reclamavam do pagamento de entradas para seus rebanhos na capitania de Minas Gerais. Outra justificativa apresentada no alvará fazia referência a distância entre aquele território e a capitania de Goiás:

Os grandes incômodos, que suportavam os que vivem sujeitos à Capitania e Comarca de Goiás, cuja capital lhes fica em distância de mais de cento e cinquenta léguas, sendo-lhes muito penosos os recursos, de que frequentemente necessitam; ao mesmo passo, que estando eles sujeitos à Capitania de Minas Gerais, e à Ouvidoria de Paracatu, que lhes fica próxima, podem ser mais facilmente ouvidos, e socorridos nas suas dependências, sem serem obrigados a desamparar suas Casas, e cultura de suas terras. (LOURENÇO, 2010, p.23).

<sup>11</sup> Mais à frente ao observar a figura 7, o leitor perceberá que os Julgados de Desemboque e de Araxá, hoje são a mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Assim, a partir de 1816, Matos (1981), Brandão (1989), Sampaio (1971), Lourenço (2010) apontam que os Julgados do Desemboque e do Araxá, até então pertencentes à parte sul do território da capitania de Goiás, foram transferidos para a capitania de Minas Gerais e anexados à Comarca<sup>12</sup> de Paracatu.

A figura 4 mostra a divisão do território brasileiro no final do século XIX e é possível percebermos que, à época, a região que conhecemos como Triângulo Mineiro aparece anexada ao estado de Minas Gerais. No entanto, as capitanias brasileiras passam a ser denominadas por províncias em 1821, assim, o Triângulo Mineiro passa a pertencer à província de Minas Gérias. A partir de 1822 o Brasil migra para o Período Imperial e, mesmo com a Constituição promulgada em 1824, não foram alteradas as divisões entre as províncias. Apenas com o advento da Proclamação da República, em 1889, as províncias passaram à atual denominação de estados. (FAUSTO, 1994).

---

<sup>12</sup> “Comarca é a denominação dada a uma divisão territorial sob jurisdição de um ou mais juízes. Em uma escala hierárquica representa uma divisão regional, abrangendo dois ou mais julgados ou municípios”. (GUIMARÃES, 2010, p. 38).

**Figura 4 - A divisão do Brasil século XIX**



Fonte: Elaborado por Eduardo Warpechowski a partir da Revista Nova Escola<sup>13</sup>.

Desde então, o Triângulo é mineiro. No entanto, essa região ainda era identificada como sertão. Após a chegada dos trilhos da ferrovia Mogiana e da Proclamação da República, em 1889, essa situação começou a mudar.

Para Sampaio (1971), foram os jornais da época que primeiro usaram a denominação Triângulo Mineiro: o periódico “O Jaguará”, de Sacramento, usou-a pela primeira vez, seguido pelo “O Uberabense”, em 1884. Em 1887, fundou-se em Uberaba o jornal “O Triângulo Mineiro”. Mais do que uma simples troca de designações ou de subordinação política, a troca de nome expressava as transformações pelas quais a região passava, deixando para o esquecimento o seu passado sertanejo:

<sup>13</sup><<https://novaescola.org.br/conteudo/201/como-foi-estabelecida-a-divisao-dos-estados-brasileiros>>. Visitado em 28/05/2018.

da geração presente poucos fazem referência à antiga [denominação]: só dela se lembra ainda um ou outro habitante que, como eu aprecie recordações antiquadas. [...] Em todo caso, o Triângulo Mineiro vê a ‘Farinha Podre’ transformada por continuado progresso. Não é mais Sertão. (SAMPAIO, 1971, p. 141).

Por meio dessa busca em entender os movimentos como o Triângulo tornou-se mineiro, apoiados na literatura, percebemos que ocorreu uma grande ocupação territorial na região, surgindo novos arraiais e, com isso, a constituição de novos centros urbanos.

De acordo com Sampaio (1971), Uberaba despontou como principal centro urbano do Triângulo Mineiro. Formada a partir de 1808, seu primeiro nome foi Santo Antônio e São Sebastião do Uberaba, sendo elevada à condição de distrito em 1811. Em 2 de março de 1820<sup>14</sup> foi elevada à categoria de Freguesia; pela Lei Mineira nº 28 de 1836, o arraial passa a município com o nome de Vila Santo Antônio de Uberaba e, por fim, em 1856, pela Lei Provincial Mineira nº 759, a vila foi elevada à categoria de cidade, passando a ser chamada de Uberaba.

Segundo Birchall (2004), a partir da segunda metade do século XIX, em Uberaba, ainda que de forma incipiente, a industrialização se impôs com fábricas de tecido, cerveja, laticínios, vinhos, cerâmicas e com engenhos de açúcar, assim como foram inaugurados agência bancária, teatro, dentre outros estabelecimentos. A respeito desse crescimento e desenvolvimento econômico, Luis Augusto Bustamante Lourenço assevera que dada à posição geográfica de Uberaba, a cidade

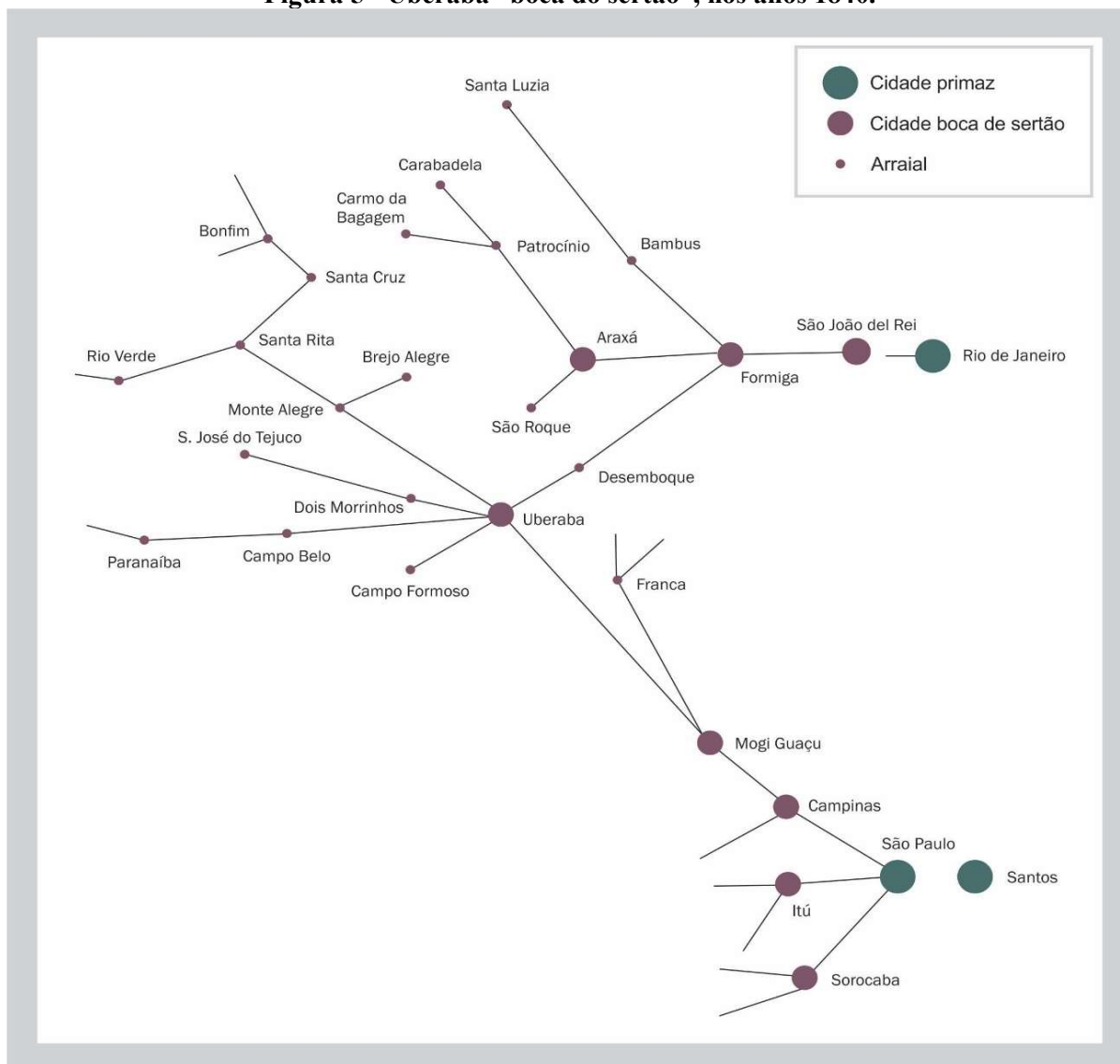
[...] consolidou-se como **boca do sertão**<sup>15</sup>, com características muito especiais: era intermediária entre duas cidades primazes – Rio de Janeiro e São Paulo –, e três regiões – Triângulo, Goiás e Mato Grosso. Daí seu excepcional crescimento, a ponto de se transformar numa das principais cidades do interior do Império do Brasil. (LOURENÇO, 2010, p. 339-340).

Temos a figura 5, proposta por Luis Augusto Bustamante Lourenço, para uma melhor visualização de Uberaba como (uma) “boca do sertão”.

<sup>14</sup> A partir dessa data se comemora o aniversário de Uberaba, hoje com 198 anos.

<sup>15</sup> Grifo nosso.

**Figura 5 - Uberaba “boca do sertão”, nos anos 1840.**



Fonte: Elaborado por Eduardo Warpechowski a partir de Lourenço (2002).

Pela figura 5, “cidade primaz” são as maiores cidades, entre elas, destacam-se Rio de Janeiro, São Paulo e Santos. As cidades que eram consideradas como “boca de sertão” são aquelas um pouco menores que as primeiras, mas que desempenham um papel importante entre as outras cidades menores, que são os “arraiais”. No caso de Uberaba, na perspectiva de Luis Augusto Bustamante Lourenço, essa cidade era um ponto de convergência das principais rotas na região central do Brasil. Na região do Triângulo Mineiro, a partir do final do século XIX, outras cidades irão se destacar, entre elas, Uberlândia e Araguari.

Uberlândia, antigamente denominada São Pedro de Uberabinha, foi criada pela Lei nº 602, de 21 de maio de 1852. Em 1888, passou à categoria de município, sendo conhecida apenas

por Uberabinha, o que se deu até o dia 19 de outubro de 1929 quando houve a sanção da Lei Estadual 1128, estabelecendo oficialmente seu nome como Uberlândia. (GOMIDE, 1993).

Segundo Naves e Rios (1998), Araguari não tem uma data precisa de criação. Apenas um Alvará de 04 de abril de 1916 menciona a cidade na região.

(...) a história dita de Araguari data os princípios do século XIX, época em que Antônio Resende Costa, o “Major do Córrego Fundo”, comissário de Sesmarias da região do Triângulo, demarcou, entre outras, a Sesmaria do Serrote e da Pedra Preta, início do atual município de Araguari. O major tomou posse, também, de um terreno de sobre, entre as duas Sesmarias que ali se estabeleceu, sob a invocação do Senhor Bom Jesus da Cana Verde do Brejo Alegre. Foi o primeiro passo para a construção do povoado (NAVES; RIOS, 1988, p.17).

Em 2 de abril de 1840, pela Lei Provincial nº 1847, foi criada a Freguesia de Brejo Alegre, depois, em 02 de julho de 1888, passou à categoria de cidade, e em 05 de outubro desse mesmo ano, passa a ser denominada Araguari. (NAVES; RIOS, 1988).

No entanto, como mostra a literatura, à época, no Triângulo Mineiro, surgiram novos arraiais, o que vemos na Tabela 1.

**Tabela 1- Arraiais criados na região até fins do século XIX**

<b>Arraiais<sup>16</sup></b>	<b>Data de Instalação</b>
Araxá	1831
Uberaba	1836
Ituiutaba	1839
Patrocínio	1840
Prata	1854
Estrela do Sul	1856
Patos de Minas	1866
Monte Alegre de Minas	1870
Sacramento	1870
Carmo do Paranaíba	1873
Monte Carmelo	1882
Frutal	1885
(Brejo Alegre) Araguari	1888
São Pedro de Uberabinha (Uberlândia)	1888

Fonte: Adaptado de Guimarães (2010).

No final do século XIX, a chegada da estrada de ferro reformulou a organização socioeconômica do Triângulo, ao mesmo tempo, redefinindo o papel de suas cidades na divisão

<sup>16</sup> Nessa tabela, os arraiais estão com seus nomes atuais.



regional (SAMPAIO, 1971). Ela foi uma das propulsoras da economia triangulina, colocando a região em contato com outras economias, entre elas, a economia paulista.

Apoiados em Guimarães (2010), podemos dizer que, com a estrada de ferro, o Triângulo assume uma nova posição, como a de entreposto comercial do Centro-Oeste brasileiro. Por conta disso, algumas cidades da região se beneficiaram.

A primeira delas foi Uberaba, com a construção da ferrovia da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Em 1889, no ano da transição política do Império à República, iniciou-se o tráfego de passageiros e mercadorias na região.

No entanto, não podemos deixar de apontar que, na cidade de Uberaba, a pecuária sempre ocupou posição de vantagem em relação ao comércio. E, uma outra característica dessa localidade, sua posição geográfica permitiu à cidade tornar-se um importante núcleo de intermediação comercial entre o interior, totalmente agropastoril, e o Rio de Janeiro e São Paulo, os dois maiores centros urbanos (LOURENÇO, 2002). Essas características, tornaram-se uma marca registrada de todo o Triângulo Mineiro.

No final do século XIX, a ferrovia era vista como um dos principais símbolos do progresso, a locomotiva constituía um importante meio de transporte comercial e de pessoas. Naquele tempo, havia a crença de que o progresso chegava pelos trilhos, ou seja, as novidades chegavam com o apito do trem de ferro.

Em 1895, a expansão da estrada de ferro chega a Uberlândia e no ano seguinte, em Araguari, onde os trilhos da Mogiana pararam. Isso fez com que Araguari ficasse conhecida “como ponta dos trilhos”. (LOURENÇO, 2010).

Segundo Brandão (1989), por alguns anos, Araguari se beneficiou dessa situação, pois, todos os produtos comercializados da região central do país, principalmente com São Paulo, teriam, necessariamente, que aportar nessa cidade, sendo que, antes de seguir viagem, precisavam ser processados. Foi o caso do gado e do arroz, induzindo a instalação de alguns matadouros e engenhos de beneficiar cereais.

Em 1913, foi inaugurado em Araguari um trecho da via férrea de Minas a Goiás (Catalão). Portanto, isso representou para essa cidade um entroncamento entre a Companhia Mogiana e a Estrada de Ferro Goiás e, mais tarde, no ano de 1935, a linha férrea adentrou o estado goiano até Goiânia, contribuindo para o desenvolvimento do interior do sertão brasileiro (LOURENÇO, 2010), como podemos ver na figura 6.

**Figura 6 - Esquema das Linhas Ferroviárias**



Fonte: Elaborado por Eduardo Warpechowski a partir de Gomide (1993).

Na figura 6, chamamos a atenção para a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, saindo de São Paulo, passando pelas cidades (atuais Mairinque, Salto, Campinas, Mogi-Mirim, Aguai, Ribeirão Preto, São Joaquim da Barra e Igarapava) do estado, chegando ao Triângulo Mineiro, passando pelas cidades de Uberaba, Uberlândia e seu término, em Araguari. Na sequência, a Estrada de Ferro Goiás, partindo de Araguari e chegando em Goiânia.

A ferrovia trouxe prosperidade econômica para essas cidades e região, em especial por diminuir a distância entre a capital do país e o sertão brasileiro (SAMPAIO, 1971). Uberaba,

Uberlândia e Araguari se beneficiaram, passando por um grande processo de urbanização, industrialização e modernização.

Pontes (1978) salienta que a ferrovia impulsionou a vinda de imigrantes europeus, em maior número, dentre italianos, espanhóis e portugueses. Segundo esse autor, isso proporcionou um aumento da população urbana e multiplicou o comércio, em especial, nessas três cidades, fazendo com que essas localidades se destacassem economicamente e formassem um núcleo urbano da região.

Segundo Eduardo Guimarães, outros fatores que também contribuíram para o desenvolvimento do comércio da região, ampliando o espaço econômico de acumulação de bens, foram: a construção, em 1909, da ponte Affonso Pena, que ligou o sul goiano diretamente ao Triângulo Mineiro e, em 1912, a construção da rede rodoviária, através da Companhia Mineira de Autoviação Intermunicipal, criada pela Companhia Mogiana. Tanto a ponte Affonso Pena, como a Autoviação, ajudaram a diversificar a economia regional, quanto o crescimento e dinamização de seus centros urbanos, por meio da comunicação do Triângulo a outros centros urbanos e comerciais da época. (GUIMARÃES, 2010).

Não podemos deixar de chamar a atenção, e concordar com Gomide (1993), que o projeto político de inserção do Triângulo Mineiro no mercado nacional foi se concretizando, através do forte poder de pressão exercido pela oligarquia local junto ao Governo Federal

estando ligadas ao mercado industrial e comercial de São Paulo, as cidades triangulinas – Uberaba, Uberlândia e Araguari – tornaram-se os pontos extremos, a oeste dos portos de Santos e Rio de Janeiro, servidos pela estrada de ferro, interligada ao sudoeste goiano e ao Mato Grosso, através da ponte Affonso Pena e da Companhia Mineira de Autoviação. (GOMIDE, 1993, p.31).

Com isso, a integração política e econômica entre o Triângulo Mineiro e o mercado Paulista vai se estreitando, ao passo que se distancia cada vez mais da capital do estado mineiro. Segundo Gomide (1993), o Triângulo era bem integrado ao mercado paulista, no entanto, distanciado em relação à Belo Horizonte, apenas para citar um exemplo de sua total desintegração em relação ao estado mineiro, levando em consideração que estamos mencionando o começo do século XX, com sua falta de ligações viárias para Belo Horizonte. Essa região extensa e rica se comporta como se pertencesse a São Paulo e não a Minas Gerais. A autora ainda chama a atenção que esse distanciamento do Triângulo à capital do Estado será um dos motivos das tentativas emancipacionistas da região.

A partir da década de 1930, há uma melhora da infraestrutura da região, com os movimentos ocorridos durante o governo Vargas. Um deles, conhecido no Brasil como a “marcha para o Oeste”<sup>17</sup>. Nesse período, foi instalada no Triângulo uma das bases da operação que foi conhecida por “Roncador-Xingu. “Essa ação governamental deu início às obras de construção de aeroportos, rodovias, hospitais, escolas e curtumes na região” (LOPES, 2016, p. 32), dotando o Triângulo de uma infraestrutura para a penetração rumo ao Centro-Oeste brasileiro.

O Brasil, a partir da década de 1930, passou por grandes transformações socioeconômicas e, principalmente, educacionais, tendo em vista a revolução de 1932 e o Estado Novo até 1945.

No transcorrer do século XX, o Brasil, passa por mudanças, entre elas, as de reorganização da divisão regional do país, por meio do Conselho Nacional de Geografia.

Em 1942, foi aprovada a primeira divisão do país em regiões (Norte, Nordeste, Leste, Sul, Oeste e Centro-Oeste). A partir de 1960, surge a delimitação do país por microrregiões e, em 1970, são criadas as mesorregiões, fixando, assim, as Unidades da Federação.

O estado de Minas Gerais foi dividido em doze mesorregiões, sendo que o Triângulo Mineiro ficou localizado na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Na figura 7 observamos a localização do Triângulo Mineiro e as demais mesorregiões de Minas Gerais. Também percebemos que a mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba faz fronteira ao norte com o estado de Goiás e ao noroeste, com Minas; ao sul, com o estado de São Paulo e com o sul e sudoeste de Minas; a leste, com a Central Mineira e com o oeste de Minas; a oeste, com o estado de Mato Grosso do Sul.

---

<sup>17</sup> Foi um programa de colonização empreendido pelo governo Vargas. Para um melhor aprofundamento sobre o tema, sugerimos Lenharo (1985), Toillier (2013), Both (2014) e Moreira (2016).

Figura 7 - Mesorregiões de Minas Gerais



Fonte: Brito e Lima, 2011<sup>18</sup>.

Até aqui, ao longo de nossa investigação, foram destacados alguns arraiais que, com o passar do tempo, tornaram-se cidades e, a partir da divisão territorial do Brasil, essas cidades passaram a ser localizadas na porção oeste da mesorregião, que corresponde ao Alto Paranaíba, entre elas, as cidades de Araxá, Patrocínio, Pato de Minas, Sacramento. Essas localidades não serão objeto de estudo de nossa pesquisa, pois estamos interessados na porção leste dessa mesorregião, que corresponde ao Triângulo Mineiro.

Como observamos, por meio da figura 7, na porção leste da mesorregião de Minas Gerais, fica o Triângulo Mineiro. Nela, temos um total de 36 municípios distribuídos em quatro microrregiões: Uberlândia, Uberaba, Frutal e Ituiutaba.

Podemos visualizar, na figura 8, a localização de cada microrregião dentro da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

<sup>18</sup> Adaptado por Eduardo Moraes Warpechowski.

**Figura 8 - A localização de cada microrregião dentro da mesorregião**



Fonte: Adaptado de < [http://www.sites-do-brasil.com/diretorio/index.php?cat\\_id=760](http://www.sites-do-brasil.com/diretorio/index.php?cat_id=760)>. Visitado em 29/08/2018.

No Quadro 3, apresentamos os municípios das microrregiões que compõem o Triângulo Mineiro.

**Quadro 3 – Os municípios das microrregiões que compõem o Triângulo Mineiro**

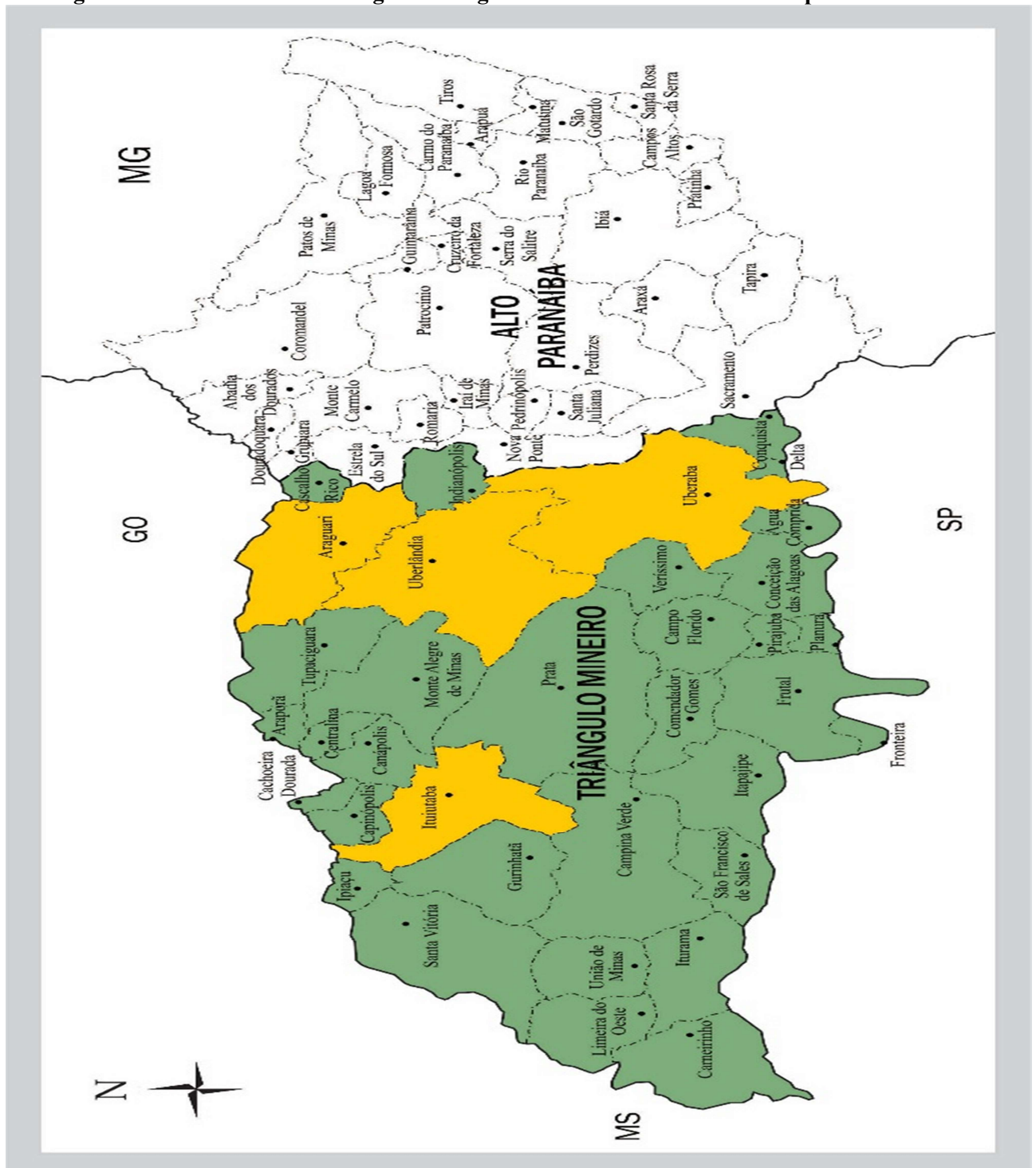
Microrregiões	Municípios
Uberlândia	Araguari, Araporã, Canápolis, Cascalho Rico, Centralina, Indianópolis, Monte Alegre de Minas, Prata, Tupaciguara e Uberlândia.
Uberaba	Água Comprida, Campo Florido, Conceição das Alagoas, Conquista, Delta, Uberaba e Veríssimo.
Frutal	Campina Verde, Carneirinho, Comendador Gomes, Fronteira, Frutal, Itapagipe, Iturama, Limeira do Oeste, Pirajuba, Planura, São Francisco de Sales e União de Minas
Ituiutaba	Cachoeira Dourada, Capinópolis, Gurinhatã, Ipiacu, Ituiutaba e Santa Vitória.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Pelo que expusemos e discutimos até agora, percebemos que se faz necessária a apresentação da figura 9. Para visualizarmos a localização das cidades que foram mencionadas até aqui, além de outras. De todas, as cidades de Uberaba, Uberlândia, Araguari e Ituiutaba, sobressaíram-se em relação às demais e isso, naturalmente, conduziu para a criação das

primeiras instituições de ensino superior<sup>19</sup>. Nas quais foram criados, os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) por ser uma necessidade da região.

**Figura 9 – A divisão da mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – por cidades.**



Fonte: BRITO e LIMA (2011)<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Mais à frente, abordaremos em mais detalhes a constituição das instituições de ensino superior no Triângulo Mineiro.

<sup>20</sup> Adaptado por Eduardo Moraes Warpechowski.

Segundo Gomide (1993), a construção de Brasília, na década de 1960, integrou definitivamente o Triângulo Mineiro ao mercado nacional, tornando-o ponto obrigatório de entrecruzamento do Sul, Norte e Nordeste com o Centro-Oeste do País.

Entretanto, à margem desse desenvolvimento preconizado nessas cidades triangulinas, distante delas, mas pertencente à região, destacamos a cidade de Ituiutaba. Segundo Oliveira (2003), ao longo de sua história, Ituiutaba teve vários nomes: Capela do São José do Rio Tejuco (1833), São José do Tijuco (1839), Vila Platina<sup>21</sup> (1901) e, por último, Ituiutaba (1915).

De acordo com a professora Maria Mirza, “nossa cidade foi a maior produtora de arroz de Minas Gerais e a segunda do Brasil”. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza). Na década de 1950, Ituiutaba recebeu o título de “Capital do Arroz”.

Esse desenvolvimento fez, nas décadas de 1950 e 1960, com que o município passasse por grandes transformações socioeconômicas com a rizicultura. Houve a reestruturação do espaço urbano para “acolher” a população que chegava, principalmente da Região Nordeste do país. (OLIVEIRA, 2003). Esse processo refletiu, sobretudo, na ampliação da rede de infraestrutura urbana como energia elétrica, serviços de água, bem como no crescimento do comércio e de outras atividades econômicas.

Até o final da década de 1960, esse era o cenário econômico que predominava no Triângulo Mineiro, promovendo um grande crescimento das cidades de Uberaba, Uberlândia e Araguari. Insere-se nesse contexto a cidade de Ituiutaba, baseada na agricultura do arroz.

No entanto, ao construir nossa história da região do Triângulo Mineiro, identificamos a partir da literatura que tivemos acesso - uma vez que nossos depoentes não apontaram em suas entrevistas - o que nos chamou a atenção, talvez como característica marcante da região, que foi o anseio de emancipação, que periodicamente reacende os debates sobre a criação do Estado do Triângulo.

Segundo Gomide (1993), os primeiros movimentos separatistas do Triângulo, os quais essa autora nos assevera, remontam a meados do século XIX, sendo indicado o ano de 1870. Ancorada em jornais da época, a autora aponta como principal aspecto a distância entre o Triângulo e Ouro Preto, antiga capital da província de Minas Gerais, e o pagamento de altos impostos ao governo. Essas foram as principais razões para que Uberaba e as cidades vizinhas desejassem formar uma nova província.

---

<sup>21</sup> A partir dessa data se comemora o aniversário de Ituiutaba, hoje com 117 anos.



Esse anseio reacendeu em 1890, quando foi elaborada a Carta Constituinte da República. “Foi proposto ao Congresso Constituinte uma revisão das antigas províncias para se conseguir uma redivisão territorial dos Estados que se iam organizar” (GOMIDE, 1993, p. 37). Com isso, mais uma vez, foi aventado que a região do Triângulo Mineiro deveria se separar de Minas Gerais.

Esse último movimento foi contornado pelo governo de Minas, sendo alegado “enfrentar graves e complicados problemas com suas regiões limítrofes” (GOMIDE, 1993, p. 37). Segundo Gomide, por meio da imprensa, ela aponta uma certa dose de conformismo por parte das lideranças locais, diante das decisões governistas. No entanto, a autora aponta que houve uma conquista para a região, pois foi autorizada a criação da Diocese de Uberaba.

Durante o século XX, identificamos que os anseios pelo separatismo sempre estiveram presentes no Triângulo Mineiro. De certo modo, percebemos que esse movimento representa (ou podemos dizer representava) uma manifestação concreta do regionalismo, comandado pelas demandas das classes dominantes à época. No entanto, percebemos que o movimento separatista sempre é enfraquecido por meio do atendimento às reivindicações feitas ao Governo do Estado, através de benefícios concretos para a região.

De acordo com Eduardo Guimarães, também foi assim em 1906, considerando que nesse ano aconteceu o primeiro movimento separatista do século XX. Nele, as elites locais iniciaram o movimento separatista “empunhando a bandeira” de que a região era marginalizada pelo Estado de Minas, sendo que pagava todos as taxas e os impostos em dia. Em contrapartida, o governo mineiro não realizava ação alguma em prol da região do Triângulo. “A ausência da atuação governamental no Triângulo era evidente” (GUIMARÃES, 2004, p. 17). No entanto, o ímpeto pelo movimento se apagava, mais uma vez, por meio de benefícios cedidos pelo Governo Estadual.

Guimarães (2010) aponta que, à época, os benefícios das reivindicações a esse movimento de 1906, vieram logo, alguns, em termos concretos para Uberaba, principal cidade do Triângulo. Em relação à educação, houve melhorias que não auxiliaram apenas essa cidade, mas toda a região.

Contudo, por meio desse movimento separatista de 1906, como nos assevera Guimarães (2010), houve algumas vitórias para a região, como a indicação de dois representantes do Triângulo para a Câmara Federal; a criação da primeira agência bancária e a instalação do Batalhão de Polícia do Estado, em Uberaba. Junto a isso, o governo mineiro, através do decreto nº 6.438 de 27 de março de 1907, autorizou a construção de uma ferrovia ligando Uberaba até

Araxá. Ainda como consequência desse movimento, foi autorizada a construção da ponte Afonso Pena sobre o rio Paranaíba, fazendo a ligação do Triângulo com Goiás.

Gomide (1993) aponta que o separatismo sempre esteve presente no Triângulo Mineiro nas primeiras décadas do século XX. As lideranças políticas sempre cuidaram para manter acesa essa ideia, por meio da imprensa local. Foi assim no movimento de 1919, quando foi realizado o seminário intitulado “A Separação”, na cidade de Uberaba. “Os jornais de diversas cidades da região, como Uberlândia e Araguari, manifestaram a tendência da liderança, incluindo sempre, em suas páginas, artigos, comentários, chamadas para a questão”. (GOMIDE, 1993, p. 38).

Foi assim também em 1948, 1951 e 1967, quando o movimento foi novamente acionado, por meio da elite triangulina e endossado pelos jornais, entre eles, o “Jornal de Uberaba”. Nesses anos, os promotores do movimento de emancipação salientavam os (mesmos) argumentos econômicos e geográficos para a separação da região e o seu abandono pelo Governo Federal.

No movimento de emancipação do Triângulo Mineiro que ocorreu em 1989, os partidários desse movimento argumentavam a “injustiça” na distribuição de recursos gerados no Triângulo, usados para custear o desenvolvimento de outras regiões de Minas e os critérios políticos que privilegiavam a alocação de recursos para investimentos na região metropolitana, sem consideração pelo desenvolvimento harmonioso do estado.

Longhi (1998) analisou os discursos dos mineiros e dos triangulinos, usados em 1989, para manifestarem-se os primeiros contra e os segundos a favor do movimento separatista. Esse movimento aconteceu durante a realização da Assembleia Constituinte, que ensejou o momento favorável à proposta de criação do estado do Triângulo.

A determinação dos “separatistas” chocou-se com o firme propósito dos “mineiros” de preservar a integridade territorial do Estado, por meio do resgate da mineiridade. Argumentaram, esses últimos, com a força da identidade regional construída por representantes ilustres nas artes – Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Milton Nascimento –, e na política – Tiradentes, Juscelino Kubitschek, Tancredo Neves. Usaram a extensão e a diversidade do território mineiro para projetar a imagem de Minas Gerais como “síntese da nacionalidade”, ou seja, o Estado capaz de abrigar e conciliar diferenças. Argumentaram, ainda, que a desarticulação territorial de Minas comprometeria a própria organização territorial do Brasil.

Os separatistas buscaram na história da formação do Triângulo Mineiro suas origens vinculadas aos Estados de São Paulo – “capacidade de trabalho”, “determinação de abrir fronteiras” –, de Goiás – “sentimento de brasilidade” –, e de Minas Gerais – “espírito indomável de liberdade” –, as diferenças geográficas – as montanhas de Minas e os chapadões e os campos do Triângulo –, sua colocação estratégica de ligação norte-sul, leste-oeste do Brasil (LONGHI, 1998).

Embora o movimento separatista de 1989 não tenha atingido o objetivo de criar o estado do Triângulo, e os debates tenham se restringido, predominantemente, às elites, ele provocou reavaliações da questão territorial sob o ponto de vista ideológico. No final das contas, o que estava em jogo não era só o desmembramento de uma parte material de Minas Gerais, mas a própria identidade dos mineiros. O território foi, literalmente, o solo comum onde mineiros pleiteavam afirmar a mineiridade, enquanto triangulinos pleiteavam negá-la para construir sua imagem singular.

Na avaliação apresentada por Longhi (1998), houve ganhos individuais: alguns líderes do movimento alcançaram projeção política no estado e fora dele; ampliou-se o acesso de alguns participantes a cargos estaduais e regionais. E houve ganhos para a região: a liberação de verbas para o término da Usina de Nova Ponte e para a duplicação da BR-050.

Identificamos que, em outros anos, instalaram-se movimentos separatistas no Triângulo Mineiro, todos com um desfecho parecido: as reivindicações regionalistas eram atendidas com ações concretas ou promessas e o movimento perdia o ímpeto (GUIMARÃES, 2010).

No entanto, em relação às ações promovidas por meio dos movimentos separatistas no que tange à educação, as referências bibliográficas que tivemos acesso pouco apontaram. Elas se preocuparam em ficar pautadas nos enlances políticos, não indicando que benefícios podem ter atendido a educação, por meio dos movimentos que aconteceram ao longo de todos esses anos. No entanto, somos induzidos a pensar que o movimento separatista era uma carta na manga para os líderes locais, como se fosse uma moeda de troca para algo que precisavam para a região. Percebemos que esses favores aconteceram algumas vezes por meio de incentivos em favor da educação. Sobre isso pontuaremos à frente, quando analisarmos o movimento de criação das escolas básicas, que foram frutos do movimento separatista de 1906.

Em síntese, o que pôde ser visto, por meio desses movimentos, foi um plano a favor dos interesses econômicos e a reação política contrária a esse plano: um, era a rota econômica que ligava São Paulo ao Triângulo e orientava a aplicação dos capitais e o fluxo de mercadorias;

outro, era a instância política estadual que interferia no processo, investindo na formação de um desvio econômico que ligasse o Triângulo à capital mineira.

Assim, somos levados a concluir que, concordando com Guimarães (2010), se houvesse ocorrido um planejamento do estado mineiro, no sentido de aproveitar as potencialidades econômicas dessa região, os efeitos dessa intervenção teriam sido muito mais eficientes, considerando-se essa eficiência em termos de economia brasileira e não apenas nos seus aspectos regionais ou estaduais.

Contudo, trata-se de um movimento latente entre os triangulinos, como podemos observar no jornal *Correio de Uberlândia*<sup>22</sup>, na edição de 17 de julho de 2016, “se as lideranças do Estado não melhorarem o relacionamento com nossa região, a criação do ‘Estado do Triângulo’, a campanha separatista, volta para a pauta em todos os setores da sociedade”.

Além do papel no povoamento, atribuído à Igreja Católica, como frisa Murillo Marx, que outras instâncias podemos credenciar à Igreja Católica? Certamente, uma delas é a educação.

As entrevistas de nossos colaboradores nos chamam a atenção para isso. Por exemplo, a professora Márcia Augusta Crosara, na década de 1950, mudou-se para a Belo Horizonte, para estudar no Colégio Sagrado Coração de Jesus<sup>23</sup>, fundado em 1911 e comandado por freiras. No ano em que começou seu curso de formação de professores (de Matemática), na Universidade de Minas Gerais, ela começou a lecionar no *Sacre Coeur de Marie*<sup>24</sup>, outro colégio católico, que iniciou suas atividades em 1928.

Já a professora Maria Teresa Menezes Freitas foi aluna de uma escola confessional católica, o Colégio *Notre Dame*<sup>25</sup> em Ipanema, Rio de Janeiro. As professoras Sandra Bulhões Cecílio e Marilene Ribeiro Resende foram alunas do Colégio *Nossa Senhora das Dores*<sup>26</sup>, em Uberaba, e depois a Marilene foi professora desse colégio, que foi criado em 1885. Os

<sup>22</sup> <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/colunas/pontodevista/estado-do-triangulo/>>. Acessado em 26/10/2017.

<sup>23</sup> Fundado em 15 de janeiro de 1911 pelas Missionárias Servas do Espírito Santo. Em 1924, foi equiparado à Escola Normal Modelo de Belo Horizonte e, em 1929, foram fundados os cursos ginásial e científico. Funciona até os dias atuais. (Fonte: <<http://www.sagradocoracaodejesus.com.br/>>. Acessado em 24/03/2018).

<sup>24</sup> Fundado na década de 1928, pelas irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria. O Colégio *Sacré Coeur de Marie* funciona até os dias atuais com o nome de Colégio Sagrado Coração de Maria. (Fonte: <<http://www.redesagradobrasilia.com.br/noticias/sacre-coeur-de-marie-bh-completa-90-anos/>>. Acessado em 24/03/2018).

<sup>25</sup> Colégio *Notre Dame* Ipanema, tem mais de sessenta anos de atuação no ensino infantil, fundamental e médio está localizado em Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro. (Fonte: <<http://ipanema.notredame.org.br/>>. Acessado em 21/04/2018).

<sup>26</sup> O Colégio *Nossa Senhora das Dores* surgiu em Uberaba em 1885. Ele foi fundado e mantido pelas irmãs Dominicanas de *Nossa Senhora do Rosário Monteils*. (Fonte: <<http://www.cnsd.com.br/institucional/nossa-historia>>. Acessado em 20/04/2018).

professores Fernando Antônio de Freitas e Edson Luiz Aleixo foram alunos em outro colégio católico, o Colégio Regina Pacis<sup>27</sup>, fundado em 1926 em Araguari, e por fim, a professora Semia Jorge fez a educação básica no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas<sup>28</sup>, que começou a funcionar em 1932 em Uberlândia.

Como podemos perceber nossos colaboradores realizaram a educação básica em escolas confessionais católicas de muita tradição, em diferentes cidades, sendo o colégio mais velho, o Nossa Senhora das Dores em Uberaba, fundado no final do século XIX.

Pelo exposto, nos remete à necessidade de buscarmos algumas compreensões sobre a Educação, a Igreja Católica e outras religiões.

### 3.2 A Educação, a Igreja Católica e outras religiões

Pelas razões apontadas anteriormente, o nosso maior interesse está em nos pautarmos aos acontecimentos que tangem à Educação e à Igreja Católica.

Posto isso, remontaremos ao período de colonização portuguesa do atual território brasileiro. Nessa época, o Brasil era povoado por indígenas (LOURENÇO, 2002) de culturas e hábitos totalmente diferentes daqueles do homem europeu. Os índios viviam num sistema comunitário, onde as gerações mais novas aprendiam com as mais velhas.

A educação (a essa época) fazia-se no cotidiano, não havia instituição escolar e, nesse sentido, confundia-se com a própria vida [...]. A educação é [era] o meio de garantir a outras pessoas aquilo que um determinado grupo aprendeu. (ZOTTI, 2004, p.13).

A partir de 1549, ocorreu a vinda dos religiosos da Companhia de Jesus ao Brasil, caracterizando a estreita relação desses religiosos com o rei lusitano, através do sistema do padroado<sup>29</sup>. Por meio desse sistema, os jesuítas sedimentaram a ideologia do colonizador,

---

<sup>27</sup> Aberto, em 18 de maio de 1926, com uma missa campal. O Colégio era dos padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, provenientes da Holanda. Em 1972, todo o patrimônio do Colégio foi doado para a Fundação Municipal de Ensino, que era a entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari (FAFI). O Colégio funcionou até 31 de dezembro de 1996, depois permanecendo somente no local a FAFI. (NAVES; RIOS, 1998).

<sup>28</sup> Depois passou a ser chamado Colégio Nossa Senhora da Dores, atualmente chama-se Colégio Ressurreição. (Fonte: < <http://ressurreicaouberlandia.com.br/> >. Acessado em 15/05/2018).

<sup>29</sup> O padroado significa direito de protetor, por quem fundou ou dotou uma Igreja. Direito de conferir benefícios eclesiásticos. No Brasil, se refere ao direito de autoridade da Coroa portuguesa a Igreja Católica, nos territórios de domínio Lusitano. Esse direito do padroado consistiu na delegação de poderes ao rei de Portugal, concedida pelos papas. Por meio dele, o Rei passou a ser também patrono e protetor da Igreja, com obrigações e deveres, sendo eles: zelar pelas Leis da Igreja; enviar missionários evangelizadores para as terras descobertas; sustentar a Igreja nessas terras. O Rei tinha também direitos do padroado, entre eles, arrecadar dízimos, apresentar os candidatos aos postos eclesiásticos, sobretudo bispos. (ARAÚJO, 1986).

transmitindo sua religião, seus valores e seu modo de vida, massacrando a cultura indígena (VILLAÇA, 1975). Em outras palavras, os jesuítas foram “os responsáveis pela catequização indígena e pela elite colonizadora”. (OLIVEIRA, 2004, p. 946).

A Companhia de Jesus, além dessa missão, mantinha nos centros urbanos um sistema de ensino que garantia a força de trabalho necessária para o serviço missionário e, em seus colégios, os quadros para o aparelho administrativo e repressivo também se formavam em situação de privilégio, pois lá estudavam os servidores do estado para os mais diversos cargos da administração da colônia a serviço da metrópole. Da mesma forma, nos cursos superiores frequentados pelos filhos dos proprietários de terra e de minas e mesmo por reinóis residentes na colônia, beneficiavam-se os ilustres da classe dominante.

O primeiro colégio jesuíta, onde funcionou o curso de Artes e Teologia, foi o da Bahia, em 1572, sendo interessante observar que em todos os cursos, no colégio da Bahia, a maioria dos estudantes era “de fora”, os quais não estariam se preparando para o sacerdócio. “Mesmo no curso de teologia, de 15 estudantes, apenas 4 eram ‘de casa’”. (VASSELAI, 2001, p. 20).

Em relação à expansão dos colégios jesuítas, do século XVII em diante, deu-se da seguinte forma:

Em 1638, o Colégio do Rio de Janeiro começou a oferecer o curso de Filosofia. Em Olinda, um colégio iniciou seus cursos superiores em 1687. No Maranhão o curso superior de Teologia foi oferecido a partir de 1688. No Pará foi em 1695 que se estabeleceu o curso superior de Artes, sendo integrado ao Maranhão pelo pequeno número de estudantes presume-se. Para São Paulo, os cursos de Filosofia e Teologia foram instalados em 1708. O último curso superior instituído pelos jesuítas antes da sua expulsão foi o de Mariana, em Minas Gerais, em 1750. (VASSELAI, 2001, p. 40).

Um aspecto que nos chama atenção sobre os cursos superiores, apontado por Conrado Vasselai é que, nessa época, embora esses cursos ministrados no Brasil fossem idênticos aos de Portugal, não gozavam de grau de reconhecimento. Isso significa que, para o estudante da colônia que fosse prosseguir os estudos na Universidade de Coimbra, era exigido que repetisse o curso ou prestasse exame de equivalência.

Por mais de dois séculos, a educação na colônia ficou sob o controle dos jesuítas, quando no século XVIII, a Companhia de Jesus, assim como todos os seus colégios espalhados pelo

mundo foram suprimidos, através das reformas empreendidas por Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, fortemente influenciado pelas ideias iluministas<sup>30</sup>.

Quando o decreto do Marquês de Pombal dispersou os padres da Companhia, expulsando-os da Colônia e confiscando-lhes os bens, fecharam-se de um momento para outro todos os seus colégios, de que não ficaram senão os edifícios. Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, o que sofreu o Brasil não foi uma reforma de ensino, mas a destruição pura e simples de todo o sistema colonial do ensino jesuítico. Não foi um sistema ou tipo pedagógico que se transformou ou se substituiu por outro, mas uma organização escolar que se extinguiu sem que essa destruição fosse acompanhada de medidas eficazes para atenuar os efeitos. (AZEVEDO, 2000, p. 153).

A partir disso, Oliveira (2004) nos assevera que foi a primeira vez que o Estado assumiu os encargos da educação, o que acabou por dismantelar toda uma estrutura organizada pelos jesuítas. A educação dada em escolas confessionais passou a ser ministrada nas aulas e escolas régias. No entanto, os mestres leigos das aulas e escolas régias, recém-criadas, se revelaram incapazes de assimilar toda modernidade que norteava a iniciativa pombalina. Cunha (2007a) aponta que, em substituição ao fechamento dos colégios de ensino superior, além da abertura de aulas de matérias isoladas, ocorreu a criação de cursos superiores estruturados no Rio de Janeiro e em Olinda, nos prédios dos colégios jesuítas.

As reformas pombalinas atingiram diretamente os interesses da burguesia colonial, uma vez que as aulas régias visavam dar os primeiros estudos aos filhos da elite para que, então, pudessem continuá-los na Europa.

Apesar da expulsão dos jesuítas e do dismantelamento de todo um sistema montado por eles, a Igreja permaneceu com uma estreita relação com o Estado, abrindo escolas que, na maioria das vezes, eram frequentadas pelos filhos da tradicional aristocracia rural. (MANOEL, 2010).

De acordo com Masetto (2008), somente com a chegada da família real em 1808, o cenário cultural do país começa a mudar. O Brasil passa a viver uma expansão cultural, em que se destacam a criação do Museu Real, do Jardim Botânico, da Biblioteca Pública, e a Imprensa

---

<sup>30</sup> O Iluminismo foi um movimento intelectual europeu do século XVIII, que reuniu os maiores pensadores e filósofos da época (dentre eles, Voltaire, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, John Locke, Denis Diderot e d'Alembert). A sua maior expressão ocorreu na França, palco de grande desenvolvimento da Ciência e da Filosofia. Além disso, teve grande influência no contexto cultural, social, político e espiritual em diversos países. (MELO, 2002 e PACHECO, 2012).

Régia, no Rio de Janeiro. Na educação, os primeiros cursos superiores eram baseados em aulas avulsas e com um sentido profissional prático. Dentre eles,

a Academia Real da Marinha e a Academia Real Militar (depois transformada em Escola Militar de Aplicação), que formavam engenheiros civis e preparavam a carreira das armas. Já os cursos médico-cirúrgicos do Rio de Janeiro e da Bahia foram o embrião das primeiras Faculdades de Medicina. Assinala-se ainda a presença da Missão Cultural Francesa, que possibilitou a criação da Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, em 1820. (OLIVEIRA, 2004, p. 947).

Em 1822, com a proclamação da Independência do Brasil, Dom Pedro I convocou uma Assembleia Nacional Constituinte e Legislativa para discutir e pensar a constituição do Brasil independente, em um contexto de muitas discussões e ideias que seguiam os movimentos europeus.

A primeira Constituição do Brasil Império foi outorgada em 1824, tendo como destaque o artigo 5º, que reafirma os laços entre o Estado e a Igreja. “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com o seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma, exterior do Templo”. (BRASIL, 1824, p. 1).

Sob os aspectos educacionais, a Constituição discutia a obrigatoriedade do ensino e da escola para todos, mas não apresentava os instrumentos necessários para que fossem postos em prática. Na realidade, o que ainda prevalecia eram as aulas régias e as escolas de primeiras letras e em número restrito. (MASETTO, 2008).

Em 1835, em Niterói, surgiu a primeira Escola Normal e, em 1837, foi fundado o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. “A escola destinou-se à formação de professores para o ensino elementar, ao passo que o colégio teve por finalidade a formação das elites do país, tornando-se modelo para a abertura de liceus em diversas províncias”. (INÁCIO FILHO, 2002, p. 44).

A estrutura geral do ensino ficou da seguinte forma:

o poder central encarregou-se do ensino superior em todo o País e os demais níveis ficaram a cargo das províncias — com exceção do Colégio Pedro II, nomeado em homenagem ao nosso segundo governante imperial, que deveria servir de modelo às escolas provinciais. A carência de recursos e a falta de interesse das elites regionais impediram a organização de uma rede eficiente de escolas. No balanço final, o ensino secundário foi assumido, em geral, pela iniciativa particular, especialmente pela Igreja. (OLIVEIRA, 2004, p. 948).



No entanto, não podemos deixar de destacar que, nessa época, o governo imperial já sonhava com a criação de uma Universidade, havendo uma corrente que defendia o direito de controlar todo o ensino. Mas tal ideia não saiu do papel durante todo o império, mantendo a caminhada dos cursos superiores isolada, que apenas mudava de forma.

Segundo Cunha (2007a), a estruturação do ensino superior ocorreu a partir de cursos isolados. Posteriormente, houve a criação de faculdades isoladas<sup>31</sup>, sendo a iniciativa privada responsável pela instalação da maioria delas. A Universidade surge, no Brasil, mais tardiamente e, como consequência, a maioria<sup>32</sup> das universidades foram fundadas pela junção de cursos e das faculdades isoladas.

Durante o Império, a religião Católica continuou a ser a religião oficial do país e a educação brasileira esteve atrelada à educação religiosa. Contudo, esse cenário iria mudar com a proclamação da República do Brasil. Com a instauração da República, além de se decretar o fim da fase imperialista, houve o rompimento com o padroado e o país se declarou leigo, o que, no entanto, não abalou profundamente a relação entre esses poderes. (VILLAÇA, 1975). A Igreja Católica encontra-se deixada de lado do campo público, o que, paradoxalmente, nos assevera Moura (2000), possibilitou a vinda de inúmeras Congregações Católicas ao país.

Na verdade, a Igreja Católica via-se frente à uma crise. A partir daqueles dias iria começar uma luta para não perder fiéis e nem sua influência no campo educacional. Para a Igreja, o setor da educação constituía-se em uma peça vital no trabalho para a evangelização.

Em face do estabelecimento pela Constituição de 1891, art. 72, parágrafos 6º e 7º - ‘o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos de ensino será leigo e nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial’ – era norma que o catolicismo montasse o seu esquema de escolas particulares, umas pagas, outras gratuitas, que atenderiam em larga escala às classes ou camadas intermediárias nas quais a Igreja se apoiava. (LUSTOSA, 1977, p. 54).

O esforço da reorganização da Igreja Católica no Brasil concentra-se no período de 1890-1921, quando se destaca o papel desempenhado por religiosos europeus, por meio das

Congregações Católicas, masculinas e femininas, virão encarregar-se desse serviço que para elas era também obra da Igreja. É impressionante, comparando-se com outras tarefas, o número de institutos religiosos que se

---

<sup>31</sup> Um exemplo que ilustra bem essa situação, foi o movimento das faculdades isoladas apontado na pesquisa de Martins-Salandim (2012). Nesse estudo, a autora estudou o movimento de interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo, na década de 1960.

<sup>32</sup> Um exemplo de criação de instituição que dispensou esse tipo de integração foi a Universidade de Brasília, criada em 1961. Essa instituição foi constituída a partir de um plano bem definido de institutos e faculdades. (MARTINS-SALANDIM, 2012).

fixam ou são criados no Brasil para atender ao mercado das escolas e colégios. Será por meio deles que o catolicismo prestará serviços preciosos à classe média e alta, sem esquecer de atender, também, às camadas desfavorecidas, ao mesmo tempo em que se beneficiará dos favores e do prestígio, como também das vocações que, em grande parte, sairão das camadas intermediárias. (LUSTOSA, 1977, p. 54).

No nosso entender, o grande aumento de colégios masculinos e femininos foi uma conciliação pela busca da evangelização escolar da juventude e da formação de novos quadros de religiosos, transmitindo os valores da fé católica.

A Constituição da República de 1891 trata da descentralização dos poderes entre governo e os estados. No campo educacional, essa descentralização deixa a União responsável pela criação de institutos de ensino superior e secundários nos estados. Aos estados caberia prover e legislar sobre a educação primária e ensino profissional. (OLIVEIRA, 2004).

Na Primeira República (1889-1930) foi fortalecido o movimento que faria surgir as primeiras universidades no Brasil. Enquanto no período imperial o crescimento do ensino superior foi pequeno e lento, na República ocorreu uma grande expansão. Ainda vale ressaltar que nesse período aconteceram algumas reformas no ensino.

Em 1910, foi criada a Lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental da Primeira República, redigida pelo ministro do interior Rivadávia da Cunha Corrêa. (VASSELI, 2001). Em síntese, os pontos principais dessa reforma foram: os estabelecimentos governamentais perdiam os privilégios e passavam a ser corporações autônomas; instituição do exame de admissão para ensino superior; incentivo para a criação de taxas cobradas aos candidatos aos exames de admissão; dar autonomia para as escolas superiores criadas pelos estados e por particulares; criação do Conselho Superior de Ensino; e a remuneração do livre-docente a partir das taxas pagas pelos alunos.

Em 1915, Carlos Maximiliano, o ministro da Defesa e Interior, a partir de um novo decreto, reorganiza o ensino secundário e superior. Nessa reforma, manteve-se a destituição dos privilégios do Colégio Pedro II e a instituição dos exames de admissão para o ensino superior. Manteve-se ainda o Conselho Superior de Ensino que fiscalizava as escolas não mantidas pelo governo federal. Estabeleceram-se barreiras à multiplicação de escolas. Nasce a figura do professor catedrático. (CUNHA, 2007a).

Para nos situarmos, é interessante observarmos que, em 1920, foi criada a primeira Universidade Federal no Rio de Janeiro. A organização dessa Universidade constou da aglutinação da Escola Politécnica, da Escola de Medicina e de uma Escola de Direito. E, depois,

em 1927, foi constituída a Universidade de Minas Gerais pela justaposição de diversas faculdades. (CUNHA, 2007b).

A partir da década de 1920, tem início o que os historiadores chamam de reação católica ou restauração católica. Segundo Cury (1978), os alicerces da Restauração Católica têm como princípios: a Escolástica, Tradição e Magistério<sup>33</sup>. De acordo com esse autor, percebe-se que entre os princípios da Restauração Católica, o Magistério (seja ele no ensino escolar ou catequético) deveria ter prioridade para que se fizesse frente ao novo estado e seus valores surgidos da República.

Nesse contexto, como se comportavam as famílias católicas? Pautados em Cury (1978), percebemos que as famílias católicas entram em cena. Independentemente de suas posses, não queriam ver seus filhos “deseducados” por outras religiões e/ou principalmente por falta da religião católica. Viam na educação católica a base para uma educação justa, com princípios em que seus filhos teriam um sustentáculo para a vida, aprenderiam a ter respeito para com o próximo.

Nesse sentido, Azzi (1992) salienta que foram esses conceitos que os líderes católicos cobravam dos seus defensores que continuavam insistindo na laicidade<sup>34</sup> do ensino público e na expansão do mesmo, ao contrário da Igreja, que defendia o ensino religioso, ainda que facultativo, nas escolas públicas.

Em relação ao ensino religioso facultativo, identificamos que foram várias as tentativas de introduzi-lo nas escolas públicas. De acordo com Azzi (1992), isso ocorreu com maior empenho durante o governo de Artur Bernardes, entre os anos de 1922 e 1926, quando os líderes Católicos se empenharam na tentativa de alterar a Constituição para inserir o ensino religioso facultativo nas escolas públicas, porém, não foram atendidos. Por outro lado, segundo Azzi (1992, p.33), em 1928, “em Minas Gerais, o Presidente Antônio Carlos de Andrada, autorizou o ensino religioso nos estabelecimentos de ensino, dentro do horário escolar, oficializado pela Lei nº 1.092”.

---

<sup>33</sup> A Escolástica – principalmente os princípios do tomismo (referência a São Tomás de Aquino), dá segurança, porque é a própria “filosofia”. A Tradição, para a Igreja Católica, é entendida como a continuidade dos princípios fundamentais do cristianismo católico entre seu passado e seu presente, principalmente no caso do Brasil. O Magistério é definido pelo Vaticano, como infalível em matéria de dogma e moral. Reconhece-se sua adaptação às realidades regionais através das cartas Pastorais. (CURY, 1978).

<sup>34</sup> Este termo, muito comum na literatura vigente. No entanto, não daremos a devida atenção sobre ele. Mas esse termo surge com o advento da República, sob a influência do militar Benjamin Constant, líder republicano e ideólogo da filosofia positivista francesa de Comte, o catolicismo perdeu seu caráter de religião oficial do Estado, ocorrendo a separação entre a igreja e o Estado (INÁCIO FILHO, 2002).

A Igreja Católica estava separada do Estado e já não tinha todos os privilégios adquiridos até o final do império, mas o Estado buscou alguma reaproximação, pois via nela um aliado para responder à questão social. A ação da Igreja poderia obter, das classes dominadas, adesão à ordem estabelecida. O governo estava consciente da importância da Igreja como instituição.

Para alguns historiadores, a Igreja passou a ser um instrumento de colaboração com o Estado Novo, a fim de domesticar a população e ser um canal de disseminação dos objetivos governamentais. A Igreja valorizava a família e pregava valores relacionados com a ética cristã, o trabalho como símbolo de dignidade e de uma irrestrita obediência ao Estado. (VILLAÇA, 1975; ARAÚJO, 1986).

Por esses autores, percebemos que a pressão da Igreja foi visível no sentido de garantir sua presença e segurança como comunidade católica, na defesa dos princípios cristãos em âmbito nacional, o que converge em seu interesse em fundar uma Universidade Católica. Havia uma mobilização por parte dela na formação cristã e política da intelectualidade. A presença católica se fez sentir como movimento conservador que, para atingir seus fins, criou a revista “A Ordem”, o “Centro D. Vital” que agregava a intelectualidade católica e os movimentos de leigos católicos, dos quais se destacaram a “Ação Católica”, a “Conferência Nacional dos Trabalhadores Católicos” e a “Confederação da Imprensa Católica” (CUNHA, 2007a).

Finalmente, a pressão da Igreja Católica surtiu efeito. Nesse período, Vargas, que estava no poder, indicou Francisco Campos como ministro do recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública. Campos tornou-se um explícito apoiador da causa católica. Para o ministro, o ensino religioso teria o papel de estabilização do governo, acalmando os ânimos da Igreja, o que resultou no decreto nº 19.941, em 1931, que permitiu o ensino religioso em todas as instituições da rede pública no Brasil. (ARANHA, 2006).

Aranha (2006) aponta que esse posicionamento gerou um clima de conflito, acarretando no surgimento do ‘Manifesto dos Pioneiros’, o qual “defendia a educação obrigatória, pública, gratuita e leiga como dever do Estado, a ser implantada em programa de âmbito nacional” (ARANHA, 2006, p.304).

A nosso ver, o Manifesto tornou-se um documento de oposição às ideias católicas, já que suas matrizes ideológicas se encontravam no ideário liberal, através da defesa da democratização do ensino e da escola, do trabalho e da cidadania. O Manifesto ainda gerou um rompimento entre o grupo católico e o grupo dos renovadores. Com isso, os Católicos decidiram se retirar da Associação Brasileira de Educação (ABE). (ARANHA, 2006).

Junto a esse movimento histórico, e por ser do nosso interesse, não podemos deixar de apontar que, em 1931, foi criado o Estatuto das Universidades Brasileiras. Nele, buscava-se a reforma do ensino superior, com isso estabeleceu-se padrões de organização do ensino superior em todo o país, que se estruturaria em duas formas de organização: a universidade oficial ou particular e o instituto isolado. O modelo de universidade projetado nos Estatutos previa: um modelo único de universidade; autonomia restrita; organização por critérios corporativos, a Sociedade dos Professores Universitários e os diretórios dos estudantes; universidade como centro difusor de ideologia.

O ano de 1933 marca a fundação da Confederação Católica Brasileira de Educação. Sousa (1988) aponta que a Confederação Católica foi um importante propulsor para a expansão educacional católica, uma vez que, no período que antecede sua criação, as escolas não tinham um sindicato ou associação católica e acabam por se agrupar às associações de escolas particulares. No entanto, a Igreja lutava para voltar a ser a religião oficial do país. Para reassumir esse posto, a Igreja criou a Liga Eleitoral Católica (LEC) na qual ela atuou fortemente na política brasileira.

O ano de 1934 é o marco da criação da Universidade de São Paulo e do Conselho Nacional de Educação, que tinha o propósito de elaborar um plano nacional de educação, que não chegou a ser aprovado. A outorgação da Constituição, em 1937, coloca à prova as conquistas católicas da década de 1930, mas o Estado Novo mantinha e ampliava os favores governamentais à Igreja.

A Era Vargas deu apoio para a criação da Universidade Católica, como uma instituição particular. Enfim, em 1941, no Rio de Janeiro, é criada a primeira Faculdade Católica, reconhecida como Universidade Católica<sup>35</sup> em 1946. No mesmo ano, surge a Universidade Católica de São Paulo<sup>36</sup>. (VASSELI, 2001).

A partir de 1945, pelo decreto lei nº 8.457 (BRASIL, 1945), foi facilitada a organização das novas universidades. Para se constituir uma universidade eram necessários três institutos de ensino, dentre os quais, dois dos seguintes cursos: filosofia, direito, medicina e engenharia.

---

<sup>35</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). A universidade recebeu o título de pontifícia em 1947, a partir disso, todas as Universidades Católicas vêm com esse título. (VASSELI, 2001).

<sup>36</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) é uma instituição de ensino superior privada brasileira. A PUC-SP foi fundada em 1946, a partir da união da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento (fundada em 1908) e da Faculdade Paulista de Direito. É mantida pela Fundação São Paulo, criada em 1945. (NAKAMURA, 2017).

Nas décadas de 1950 e 1960, o país vivia uma efervescência cultural, política e econômica, por meio da criação do Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPQ)<sup>37</sup> e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>38</sup> e no desenvolvimento da economia brasileira, impressa por Juscelino Kubitschek<sup>39</sup> na disseminação do slogan “50 anos em 5”.

Nesse cenário, a Igreja voltou a ficar distante do poder governamental e ultrapassada, com seus conceitos fixos de mulher submissa, que não deveria trabalhar fora de casa e que não poderia evitar a gravidez, com a ideia de casamento indissolúvel. (LIMA, 2016). Em nosso entender, isso era um sinal de que a Igreja Católica precisava se reinventar, pois estava perdendo espaço político e ideológico na sociedade brasileira. Então, na tentativa de recuperar o terreno perdido, são criadas algumas organizações pela Igreja, como:

a Juventude Operaria Católica (JOC) e a Ação Católica Operária (ACO), que buscou uma aproximação com os trabalhadores; a Juventude Estudantil Católica (JEC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), para os estudantes; e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), para as classes populares, de modo geral. (LIMA, 2016, p. 86).

Diante do exposto, minimamente, entendemos a influência política, social e educacional da Igreja Católica no Brasil, do período colonial até a década de 1960, e com isso, compreendemos um pouco melhor o contexto que antecede o surgimento dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro.

Inspirados pelo texto de Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci – A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano<sup>40</sup> –, embora os professores colaboradores não tenham falado da influência política ou não da Igreja Católica, seria ingênuo de nossa parte não trazer discussões acerca disso, tentando, mesmo que de maneira incipiente, problematizar em relação à nossa pesquisa. Ainda, ao pensarmos na Igreja Católica, temos que pensar nas demais religiões que, muitas vezes se contrapondo às ideias católicas, também difundiram suas crenças educacionais. Dessa maneira, cumpre-nos a tarefa de pensarmos sobre outras possibilidades, como o Metodismo dos Protestantes.

---

<sup>37</sup> Para maiores informações, temos o seguinte endereço < [www.cnpq.br](http://www.cnpq.br) >, visitado em 24/09/2018.

<sup>38</sup> Para maiores informações, temos o seguinte endereço < [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br) >, visitado em 24/09/2018.

<sup>39</sup> Formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1927. Ele foi senador por Goiás, governador de Minas Gerais, deputado federal e prefeito de Belo Horizonte. Foi presidente da República de 1956 a 1961. (RIBEIRO, 1995).

<sup>40</sup> Vinci, C.F.R.G. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. *Filosofia e Educação [rfe]* – volume 7, número 2 – Campinas, SP, Junho-setembro de 2015, p. 195-219

O Metodismo foi criado na Inglaterra no século XVIII, após o rompimento com a Igreja Anglicana Oficial. Estabelecida inicialmente em Bristol, a Igreja Metodista “caracterizava-se por seu caráter disciplinado e ordeiro, priorizando a vida cristã e os trabalhos de evangelização. Inicialmente, o movimento expandiu-se pelas colônias inglesas, tomando corpo especialmente na América do Norte”. (RICCIOPPO FILHO, 2007, p. 276).

Segundo esse autor, a presença de escolas confessionais protestantes no Brasil remonta ao ano de 1870, quando foi fundada a Escola Presbiteriana de São Paulo, de ensino elementar, posteriormente transformada também em escola secundária. Essa escola deu origem às atuais Universidades Mackenzie.

Na década de 1880, surge na cidade de Piracicaba, no estado de São Paulo, o primeiro educandário metodista no Brasil, chamado Colégio Piracicabano. A partir desse colégio, surge a Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. (RICCIOPPO FILHO, 2007).

Com a implantação da República no Brasil e a separação entre Estado e Igreja Católica, há uma maior penetração da Igreja Metodista no Brasil. Riccioppo (2003) nos assevera que a partir disso, os metodistas decidiram criar um colégio e uma universidade em território brasileiro. O local escolhido para abrigar a nova instituição de ensino foi a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais.

Nesse sentido, nessa localidade, ainda na década de 1890, foi aberto o Colégio Americano Granbery. O principal objetivo dos fundadores do Granbery era transformá-lo na Universidade Metodista do Brasil e o primeiro passo para isso foi a criação do curso de Teologia, com o propósito de preparar pastores metodistas para atuarem no país. Depois, no início do século XX, foram criados os cursos superiores de Farmácia, Odontologia e Direito. Entretanto, em 1939, após passar por um período de crise, os cursos superiores foram extintos. (RICCIOPPO FILHO, 2007).

O movimento da Igreja Metodista no Brasil, como era de se esperar, também trouxe alguns reflexos para a região do Triângulo Mineiro. Contudo, com o objetivo de preservar os seus privilégios, houve uma forte oposição por parte das lideranças católicas locais, apoiadas pela elite triangulina. Isso fez com que as instituições confessionais protestantes fechassem com pouco tempo de existência. (RICCIOPPO, 2003).

A intolerância católica no Triângulo não se restringia ao ataque às instituições protestantes que tentaram estabelecer-se na região. Na segunda década do século XX, foi dirigida principalmente à comunidade espírita.

O Espiritismo é uma doutrina de caráter religioso, criada pelo francês Allan Kardec no século XIX. Um dos introdutores da doutrina no Triângulo Mineiro foi o espanhol Frederico Peiró (RICCIOPPO, 2003).

No início do século XX, o Espiritismo possuía um expressivo número de membros. A adesão a essa religião aumentava, graças, principalmente, à influência de Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) e fundador do “Collegio Allan Kardec” em 1907, “a primeira instituição de ensino da região a adotar uma orientação aberta espírita, inclusive com o estudo dos fundamentos da doutrina”. (RICCIOPPO FILHO, 2007, p. 289).

Beneficiado pelo prestígio do médium<sup>41</sup>, o Espiritismo começou a arrebanhar considerável número de seguidores, anteriormente de fé católica, o que provocou a ira da Igreja Católica.

Em 1917, a Igreja Católica, representada pelo Círculo Católico, resolveu mover um Processo Criminal contra Eurípedes Barsanulfo, baseando-se nos artigos 156 e 157 do Código Penal, e acusando-o, dentre outras coisas, de manter uma escola irregular. Apesar da proporção que alcançou, a batalha entre católicos e espíritas foi abrandada pouco tempo depois. Por falta de consistência, em 1918, o processo contra Eurípedes Barsanulfo acabou prescrito e arquivado. (RICCIOPPO FILHO, 2007).

Segundo Riccioppo Filho (2007), nesse mesmo ano, poucos meses depois do processo ser arquivado, o médium viria a falecer, vítima da epidemia de gripe espanhola que assolava a região. Apesar da morte do líder, a comunidade espírita prosseguiu a obra educacional e assistencialista iniciada por Barsanulfo e o colégio funciona até os dias atuais.

O movimento do Espiritismo ficou mais forte no final da década de 1950, com a fixação de residência, em Uberaba, de Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier, considerado o maior médium do Brasil. Entretanto, as suas obras eram voltadas ao assistencialismo, não tendo destaque na Educação, mas abarcando um grande número de professores atuantes em suas obras de caridade e amor, em toda a região do Triângulo Mineiro, com maior destaque para a cidade de Uberaba.

Em nossa curta exposição sobre a presença de outras religiões atuando na Educação, em especial, no Triângulo, foi possível percebermos a força da Igreja Católica, graças ao apoio político e das elites locais. O catolicismo sempre lutou por manter seu controle na Educação,

---

<sup>41</sup> Segundo Kardec, médium é toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. (KARDEC, 1999, p. 138).



evitando mudanças no seu conservador sistema de ensino que ocorria na região. A perda do controle da Igreja Católica, apenas viria a acontecer com a expansão das escolas públicas, que iria ocorrer a partir da década de 1940. Sobre isso, discutiremos mais à frente.

### 3.3 Alguns cenários que antecedem a criação dos primeiros cursos de nível superior para lecionar Matemática

Por meio das entrevistas de nossos colaboradores, percebemos alguns cenários antes da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro. Um primeiro cenário que trazemos em nossa narrativa promove entendimentos que abrangem desde a vinda das Congregações Católicas para a região e a fundação de seus colégios confessionais. Não apenas de escolas confessionais é constituído o ensino básico no Triângulo Mineiro, por isso, procuramos entender o fluxo de constituição dos estabelecimentos referentes ao ensino básico, bem como qual era a formação do professor que lecionava Matemática antes da criação dos cursos de nível superior.

#### 3.3.1 As congregações católicas e seus colégios confessionais

Como já narramos, no Brasil, durante o Império, o catolicismo era a religião oficial do país e a educação brasileira era atrelada à educação religiosa. A Igreja Católica perde esse *status* com a instauração da República. Nesse período há o rompimento com o padroado e o país se declara leigo. Isso fez com que o catolicismo fosse deixado de lado do campo público. Não há dúvidas que a Igreja Católica se via frente a uma crise, no entanto, foi nesse período que inúmeras Congregações Católicas vieram ao país. (MOURA, 2000). Se o catolicismo estava enfraquecido no país, como se explica o crescimento das Congregações Católicas?

Segundo Lustosa (1977), no contexto europeu, a Igreja Católica vivia uma crise maior ainda devido às críticas sofridas pelo movimento iluminista, que se posicionava contrário ao poder da Igreja Católica e suas verdades reveladas pela fé. Para não perder força e com o objetivo de multiplicar os seus emissários, foi estimulada pelos líderes da Igreja Católica a criação de inúmeras Congregações e as suas propagações ao redor do mundo, que passariam a atuar no campo educacional e assistencial, surgindo assim, as chamadas missões religiosas. Elas tinham um objetivo claro e definido, opor-se aos valores liberais e munir-se com meios de defesa aos valores cristãos. Assim,

ao controlar o sistema educacional, a Igreja poderia, na verdade, controlar o sistema de difusão de ideias. Se lhe era impossível controlar a produção, saber e circunscrever a ideias novas à sua doutrina, o controle do sistema educacional dava-lhe a oportunidade de ao menos, depurar a matéria de ensino, evitando, o quanto possível, a divulgação de ideias contrárias às suas teses e dogmas. (MANOEL, 2010, p.55).

A Igreja passa a priorizar o campo educacional, entendendo-o como possibilidade de atuar em causa própria, formando cidadãos na ideologia católico-cristã. Dessa forma, muitas Congregações Católicas vieram para o Brasil, o que de certa forma contribuiu para contornar a crise que assolava a Igreja Católica com o advento da República. Em outras palavras, começa a luta para não perder fiéis e nem sua influência no campo educacional.

É importante lembrar que no Brasil, os primeiros religiosos a se estabelecerem, na época imperial, foram os Padres da Missão, seguidos pelas Filhas da Caridade, ramo feminino da obra fundada por São Vicente de Paulo (INÁCIO FILHO; ROSSI, 2009). Depois foram os jesuítas que conseguiram reentrar no país e, na última década do império, os dominicanos e os salesianos (DALCIN, 2012).

No período após Proclamação da República, há um aumento do número de Congregações Católicas que chegam ao país (LEONARDI, 2006), o que podemos visualizar na tabela 2.

**Tabela 2 – Número de Congregações por período instaladas no Brasil.**

Período	Número de Congregações
1549-1585	04
1612-1640	02
1733-1742	00
1819-1889	15
1900-1965	81
Total	102

Fonte: Leonardi (2006).

Observamos, na tabela 2, que até a Proclamação da República tínhamos 21 Congregações e depois, esse número triplica, após 1889. Para Azzi (1994), a vinda das Congregações Católicas ao Brasil, foi

em resposta ao estímulo dos bispos, os religiosos passaram a multiplicar seus estabelecimentos educativos, mesmo em detrimento de outras atividades típicas de sua fundação. Aliás, não faltaram congregações europeias que iniciaram no Brasil sua atuação nessa área exatamente para atender às solicitações do episcopado. (AZZI, 1994, p. 12).

No Triângulo Mineiro, por meio das entrevistas de nossos depoentes, percebemos que não foi diferente, já que muitas Congregações Católicas se instalaram na região. Dentre elas, destacamos aquelas que são referenciadas pelos nossos depoentes e que contribuíram para a criação de importantes instituições de educação básica que, posteriormente, serviram como pilares na constituição das instituições de ensino superior, nas quais os cursos de formação de professores (de Matemática) foram fundados.

Nesse sentido, por intermédio de Inácio Filho e Rossi (2009), identificamos o estabelecimento das Congregações, onde hoje entendemos ser a mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sendo um grande número, tanto de Congregações Católicas masculinas quanto femininas.

Dentre as masculinas, temos os Padres da Missão Lazarista (estabelecidos em Campina Verde desde 1828); Padres Dominicanos (Uberaba desde 1881); os Padres dos Sagrados Corações (estabelecidos na diocese desde 1925, em Araguari, Patrocínio e Água Suja); os Padres Salesianos (estabelecidos em Araxá, desde 1926); os Padres Estigmatinos (entraram na diocese em 1935, em Ituiutaba e Nossa Senhora da Abadia); os Padres Capuchinhos (estabeleceram, em 1936, em Carmo do Paranaíba e Frutal; em 1937, em Patos de Minas); e os Irmãos Maristas (desde o ano de 1903, em Uberaba). (INÁCIO FILHO; ROSSI, 2009).

Já entre as Congregações Católicas femininas, em número muito maior, e entre elas, identificamos as Irmãs Dominicanas (estabelecidas em Uberaba desde 1885); as Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar (em Araguari desde 1919 e em Patrocínio, a partir de 1929); as Irmãs de Jesus, Maria e José (estão em Uberaba, desde 1914); as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado (estabelecidas em Uberlândia desde 1933 e em Araxá, a partir de 1937); e as Irmãs Missionárias de Nossa Senhora das Dores (desde 1930 em Ibiá). (INÁCIO FILHO; ROSSI, 2009).

Esse considerável número de Congregações torna-se significativo para compreendermos a ação educacional da Igreja Católica na região em que se encontra o Triângulo Mineiro. No entanto, é importante analisarmos o que levou essas Congregações a se instalarem na região e os colégios que foram fundados a partir delas.

Um das primeiras Congregações a se estabelecer na região, que mais tarde viria a ser o Triângulo Mineiro<sup>42</sup>, foi a dos padres Dominicanos. Eles se instalaram, em Uberaba, no ano de 1881, e tinham como objetivo reformar a moral do povo cristão, convocando a população

---

<sup>42</sup> Lembramos que, à época, as terras do Triângulo Mineiro pertenciam a Goiás. Para um melhor entendimento sugerimos ao leitor consultar a figura 2.

para regularizar os casamentos segundo a legislação eclesiástica. Ao lado deles, em 1885, as Irmãs da Congregação Dominicana de Nossa Senhora do Rosário Monteils, originárias da França, fundaram o Colégio Nossa Senhora das Dores, exclusivo para meninas. (MELO, 2002).

Sandra Bulhões Cecílio e Marilene Ribeiro Resende, ambas nascidas na década de 1950, em Uberaba, ali viveram suas infâncias, onde trabalham até hoje<sup>43</sup>, e estudaram no Colégio Nossa Senhora das Dores. Sandra aponta que “era uma escola [Colégio] excelente, com estrutura física maravilhosa. Tinha uma matinha de mangueiras e uma capela linda! Trata-se de um lugar inesquecível para mim e que ainda hoje funciona com muita qualidade”. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

Sandra Bulhões aponta que a cidade, historicamente, era uma referência na área da educação. Ela salienta em sua narrativa que

O sistema educacional aqui [Uberaba] esteve, no início, muito ligado a instituições religiosas, principalmente à dominicana. Os dominicanos celebram, neste ano de 2016, os 800 anos de sua fundação, sendo que Uberaba faz parte dessa festa, pois eles se estabeleceram aqui há mais de 100 anos. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

Em sua narrativa, a professora Sandra destaca que, no ano de 2016, comemorou-se mais de 100 anos das Dominicanas em Uberaba, isso nos leva a refletir sobre a época e o porquê dessa Congregação ter vindo para o Brasil.

De acordo com Melo (2002), a vinda das Irmãs Dominicanas foi devido a um convite realizado pelo Bispo de Goiás, Dom Cláudio Ponce de Leão, em 1884, que clamou pelo auxílio delas para desenvolver um projeto missionário em terras brasileiras. Entretanto, essa vinda ao país já fazia parte dos planos da Madre Superiora Geral da Irmãs Dominicanas para obras missionárias, sendo assim, o “chamamento foi atendido e seis religiosas foram encaminhadas para iniciar a Missão no Brasil, em 1885”. (MELO, 2002, p. 44).

Como a Congregação Dominicana é originária da França, as freiras não conheciam nada do idioma que era praticado no país e, para suprir essa necessidade da comunicação, realizaram um estágio de três meses em Fátima, Portugal, para o aprendizado, ao menos elementar, da língua. Ao chegarem em Uberaba, Melo (2002) comenta que as Irmãs foram alojadas em uma residência provisória, onde deveriam aguardar que fossem feitas as reformas no prédio da Santa Casa de Misericórdia, para que se instalasse no local o Colégio Nossa Senhora das Dores.

---

<sup>43</sup> Sandra aposentou-se como professora do ensino superior e atualmente atua como psicóloga. Já a Marilene atua como professora no ensino superior.

Assim, deram início aos preparativos para abrir algumas classes para atender às crianças e aos jovens da cidade, especialmente àqueles pertencentes às camadas menos favorecidas.

Além do trabalho no Colégio, as irmãs Dominicanas dedicaram-se ao cuidado dos doentes que ocupavam as dependências da Santa Casa e davam assistência domiciliar a outros tantos. Aos poucos, o número de alunas foi aumentando, o externato gratuito tornou-se muito frequentado, isso fez com que mais irmãs viessem da França para o trabalho.

Em 1895, terminaram as instalações de um novo prédio para o Colégio, isso fez com que as matrículas aumentassem rapidamente, assim, com a notoriedade alcançada pela educação dominicana em Uberaba e região, houve a necessidade de aumentar o número de religiosas para suprir as demandas educacionais, ocasionando a vinda de outras Irmãs Dominicanas da França, justificada pelo fato de que durante as primeiras décadas de funcionamento do Colégio, as aulas não poderiam ser ministradas por professores leigos, que foram contratados apenas depois de 1930. (MELO, 2002).

O Colégio Nossa Senhora das Dores, desde a sua fundação até os dias atuais, conta com grande prestígio e reconhecimento da sociedade uberabense. Por suas salas passaram inúmeras gerações femininas, que trilharam caminhos e conquistaram espaços, quer seja no âmbito profissional, ou familiar, sempre baseado nos princípios que “norteiam o processo educacional do Colégio: a comunhão, a verdade e a solidariedade”. (MELO, 2002, p. 51).

As irmãs Dominicanas foram, portanto, pioneiras da educação feminina no Triângulo Mineiro e, nos depoimentos de nossas colaboradoras, percebemos que elas conquistaram o respeito e a admiração das famílias uberabenses por suas obras, o que contribuiu para que a cidade de Uberaba fosse reconhecida como um importante centro educacional do Brasil. (MELO, 2002). Esse reconhecimento se deu ao ponto de, em âmbito federal, ser equiparado ao Colégio Pedro II. À época, isso significou para as Irmãs algumas regalias, entre elas, a abertura de mais classes e do ensino secundário. (MELO, 2002).

Acima, a professora Sandra se referia às instalações do Colégio Nossa Senhora das Dores que, para a época, já era objeto de destaque em Uberaba e região do Triângulo Mineiro. Por meio de Melo (2002), localizamos algumas fotos, como podemos observar nas figuras 10 e 11. Antes, porém, chamamos a atenção para a data em que as fotos foram tiradas: 1939.

**Figura 10 – Vista externa do Colégio Nossa Senhora das Dores (1939)**



Fonte: Melo (2002).

Na Figura 10, temos a vista externa do Colégio Nossa Senhora das Dores, uma grande construção, que não tinha muita coisa ao seu redor, além da Capela.

Segundo Melo (2002), a capela era um importante lugar para as Dominicanas, pois representava um local destinado à oração, além de ser um ambiente que as Irmãs destinavam para suas tarefas de evangelização. Na Figura 11, apresentamos uma foto que também é de 1939, e nela podemos observar com mais detalhes a arquitetura do pátio interno do Colégio.

**Figura 11 - Pátio interno do Colégio (1939)**



Fonte: Melo (2002).

Ao consultar o seu acervo fotográfico, a professora Sandra Bulhões nos cedeu uma foto, apresentada na figura 12. Nela, identificamos o pátio do Colégio de um outro ângulo; no entanto, chamamos a atenção que a referida foto é de 1960. Além da arquitetura estar em destaque, observamos com mais nitidez a presença apenas de meninas como alunas, com os trajes que eram permitidos à época.

Depois, na figura 13, a foto apresentada também nos foi cedida pela professora Sandra. A foto é mais atual de 2017, mas ao compararmos com a figura 10, percebemos que muito pouco mudou em relação à capela das Irmãs Dominicanas ao longo desses anos. E nos mostra a importância da preservação histórica por parte, não só das Irmãs, mas também da política uberabense. No entanto, essa foto já nos mostra, ao redor da capela, em comparação à figura 10, um desenvolvimento da cidade em torno da escola.

**Figura 12 - Pátio do Colégio Nossa Senhora das Dores (1960)**



Fonte: Acervo pessoal da professora Sandra Bulhões Cecílio

**Figura 13 - Capela do Colégio Nossa Senhora das Dores (2017)**



Fonte: Acervo pessoal da professora Sandra Bulhões Cecílio

Sandra Bulhões diz que o Colégio se tornou misto (para meninas e meninos) a partir de 1973. Atualmente, ela complementa, “temos leigos na direção (do Colégio), embora as



Dominicanas continuem sendo as mantenedoras. As educações cuidadosas, assim como o belo espaço físico, permanecem uma realidade”. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

Marilene narra que em Uberaba existiam duas escolas particulares, que eram e ainda são muito tradicionais. Além do Colégio Nossa Senhora das Dores que era só para mulheres, a existência do Colégio Diocesano, que era exclusivo para homens. Para a professora Sandra, essa distinção entre os colégios trouxe marcas em sua juventude.

[...] minha cabeça e no meu mundo a cidade de Uberaba era dividida em duas. De um lado ficava o Colégio Diocesano, exclusivamente para alunos do sexo masculino. De outro lado o Colégio Nossa Senhora das Dores, ligado exclusivamente à formação feminina. Nós não podíamos nos misturar! E o meu mundo era simples assim: homens e mulheres; Diocesano e Nossa Senhora das Dores, certo ou errado. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

De seu acervo fotográfico, a professora Sandra Bulhões nos cedeu uma outra foto, apresentada na figura 14. Nela, temos uma comemoração que ocorreu em 1956, que marcou o aniversário de formatura de ex-alunos do Colégio Diocesano. Percebemos nessa foto a presença de alguns Irmãos Maristas.

**Figura 14 - Ex-alunos do Colégio Diocesano (1956)**



Fonte: Acervo pessoal da professora Sandra Bulhões Cecílio

A vinda dos irmãos Maristas da França para o Brasil é apontada, segundo Matos (2003), como o árduo trabalho de três bispos brasileiros: D. Eduardo Duarte e Silva, na época era Bispo de Goiás (1893); D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque, Bispo de São Paulo (1894); D. Silvério Gomes Pimenta, Bispo auxiliar de Mariana, Minas Gerais (1895).

No entanto, Matos (2003) salienta que esse não pode ser o único aspecto considerado para a vinda dessa Congregação ao nosso país. É preciso levar em consideração outros acontecimentos na França que podem ter influenciado a saída dos Irmãos Maristas do país, principalmente, em se tratando de um período após as acomodações do final da Revolução Francesa. A França, à época, foi palco de manifestações e sofreu com

medidas como a laicização de todas as escolas oficiais, [...] que obrigava os jovens professores religiosos a três anos de serviço, ao passo que para professores de ensino leigo bastava um. Ainda, um projeto foi elaborado pelo governo, proibindo o ensino aos professores de Congregações, sob os argumentos de que eram religiosos. Finalmente, a tempestade chegaria por meio de uma lei sobre as Associações que obrigava as Congregações religiosas a obterem do governo uma autorização para atuarem. (MATOS, 2003, p. 47)

A partir desses episódios, que ocorreram naquele país, seguiu a reinstalação da Congregação em outras localidades, sendo a Itália o local para onde foi transferida sua sede. Também houve um considerável aumento de escolas Maristas nas regiões católicas do mundo. (SILVA, 2004).

Em 1902, partiu para Uberaba o primeiro grupo de irmãos Maristas. Vieram assumir a direção do Colégio Diocesano. Uberaba foi uma das primeiras cidades do Brasil a receber os Maristas, juntamente com São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo a professora Sandra, foi fundado o Colégio Diocesano pelos Irmãos Maristas que vieram da França em 1903, hoje chamado de Colégio Marista Diocesano. No início, era um casarão que foi transformado em escola e atendia aos alunos “internos e externos e teve uma parte reservada para a residência da comunidade religiosa dos Irmãos. A escola deveria ser chamada de Colégio Sagrado Coração de Jesus, mas o povo continuou chamando-a de Colégio Diocesano”. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

Na década de 1930, foi inaugurado um novo local. Trata-se de uma arquitetura monumental, com vários pavilhões que eram destinados às atividades pedagógicas desenvolvidas pelos Irmãos Maristas (MENDONÇA, 1974). Podemos observar a vista aérea desse complexo onde se instalou o Colégio Diocesano, na figura 15.

**Figura 15 - Vista aérea do Colégio Marista Diocesano (1930)**



Fonte: Acervo pessoal da professora Sandra Bulhões Cecílio

Da mesma forma que o Colégio Nossa Senhora das Dores, o Colégio Diocesano foi (e, ainda é) de grande destaque em Uberaba e em toda região do Triângulo Mineiro, além de atender alunos de outros Estados, como Goiás, São Paulo e Mato Grosso (MELO, 2002).

Em 1906, pelo Decreto Federal nº 6.062, do Governo João Pinheiro, foi concedido o direito de equiparação ao Colégio Pedro II do Rio de Janeiro (MELO, 2002). No entanto, a professora Sandra ressalta que isso se deu “pela qualidade do ensino, [por meio dos estudos no Colégio Diocesano] seus alunos [conseguiram] entrar direto em qualquer curso superior do Brasil”. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

No entanto, de acordo com Guimarães (2004), existem outras razões além dessa colocada pela professora Sandra que fizeram com que o Colégio Diocesano tivesse direito a equiparação com o Colégio Pedro II. O autor aponta que a principal razão foi graças às reivindicações do movimento separatista que ocorreu no Triângulo Mineiro, em 1906. “Esse foi um dos benefícios recebidos por Uberaba, por ser à época, a principal cidade do Triângulo” (GUIMARÃES, 2004, p.15).

Mas o que significava ser “equiparado” ao Colégio Pedro II<sup>44</sup>? Segundo Magalhães (2009), que de modo geral discute o “estatuto da equiparação”, define a equiparação como um procedimento legal, obrigatório, para que uma escola secundária tivesse acesso a determinados privilégios, como, por exemplo, possibilitar aos seus alunos acesso ao ensino superior sem a necessidade de outras avaliações, o que, segundo esse autor, isso era entendido como moeda valiosa para instituições não oficiais de ensino.

Na prática, a equiparação significava que, se um estudante terminasse o secundário em um colégio que tivesse a equiparação, isso o qualificava a ingressar em qualquer curso superior do país. Isso, de certo modo, dava um *status* para os colégios detentores da equiparação sobre os colégios que não a possuía. Conforme Kulesza (2001), a equiparação era um estímulo para que se mantivesse a clientela de um colégio e, conseqüentemente, o seu funcionamento.

Silva (1969) aponta que, apesar da equiparação surgir a partir da reforma Benjamim Constant (BRASIL, 1890), a palavra “equiparação” seria utilizada pela primeira vez no decreto que aprovou o regulamento das instituições de ensino jurídico, especificamente o artigo 431<sup>45</sup>.

Pedro (2014) salienta que essa foi a primeira abertura jurídica para que institutos privados de ensino secundário pleiteassem, junto ao Governo Federal, os mesmos privilégios do Colégio Pedro II, o que significava permitir aos ginásios privados que se responsabilizassem pela aplicação e verificação dos exames parcelados<sup>46</sup> de seus próprios alunos. Em 1892, seriam equiparadas as duas primeiras instituições, ambas mantidas pelo poder público, uma em Minas Gerais e a outra no Pará (SILVA, 1969).

Conquistar o *status* de “equiparado” não significava ficar livre das interferências do Governo Federal, pois era necessária a realização de uma série de procedimentos destinados à manutenção dos privilégios obtidos e exigiria atenção dos administradores com relação às novas exigências legais. O Colégio era obrigado a seguir o regulamento do Ginásio Nacional, submeter-se às visitas periódicas do delegado fiscal, ao qual competia registrar em seus

---

<sup>44</sup> Vale a pena salientar que nos documentos onde citam ou mencionam a equiparação, há referência ao Ginásio Nacional e não ao Colégio Pedro II, isso acontece, pois, o Colégio mudou de nome algumas vezes. No primeiro ano da República, O Imperial Colégio de Pedro Segundo teria seu nome mudado para Instituto Nacional de Instrução Secundária, porém a nova denominação duraria pouco tempo sendo logo substituída por Ginásio Nacional, e utilizada entre 1890 e 1910. Somente em 1911 retomaria a antiga referência ao imperador ao se alterar novamente a designação deste para Colégio Pedro II. (PEDRO, 2014).

<sup>45</sup> O art. 431, diz: A datar de 1891 os exames dos referidos preparatórios serão feitos no Gymnasio Nacional ou nos gymnasios particulares a este equiparados por decreto pelo Governo ou nos cursos anexos às Faculdades do Direito que para esse fim serão reorganizados segundo as disposições adiante mencionadas. (BRASIL, 1891).

<sup>46</sup> Dentro da historiografia do ensino secundário brasileiro existe uma série de discussões nas quais figuram os exames parcelados, no entanto, aqui mostra-se suficiente a definição dada por CUNHA (2011, p.155), quando os apresenta como “as provas que permitiam aos alunos a eliminação gradativa das matérias exigidas para ingresso no ensino superior, sendo facultada a possibilidade de escolherem onde e quando prestariam esses exames”.

relatórios “(...) a marcha do estabelecimento e execução dos programmas, propondo as providências e censuras que lhes dictarem as irregularidades ou abusos verificados”. (BRASIL, 1889, art. 11).

A equiparação ao Colégio Pedro II foi algo presente na maioria das reformas até 1941, sendo extinto com a reforma Capanema (BRASIL, 1942). No entanto, houve uma interrupção durante a reforma Rivadávia Correa (BRASIL, 1911). Essa suspensão ocorreu devido a um grande crescimento de colégios com a equiparação, sem que o governo conseguisse fiscalizá-los. (MAGALHÃES, 2009).

Com a reforma Carlos Maximiliano (BRASIL, 1915), seria revogada a reforma Rivadávia Correa. Dentre as novas medidas foram restabelecidas as equiparações, no entanto, foi vedado o acesso às instituições mantidas por particulares e obrigava os alunos desses colégios a prestarem exames num ginásio oficial. (KULESZA, 2001). Com a promulgação da reforma Francisco Campos (BRASIL, 1931), seriam novamente viabilizados às instituições privadas os benefícios da equiparação como também se ampliaria o número de exigências para a sua obtenção; além disso, foram instituídas estratégias para a fiscalização dos institutos de ensino secundário, pois não se oferecia, com o novo decreto, a equiparação em caráter permanente, podendo ser revogada, caso não fossem atendidas as determinações governamentais. (PEDRO, 2014).

Em paralelo ao que estamos discutindo, vale a pena frisar que, antes desse período em Minas Gerais, em especial na cidade de Mariana, como nos assevera Rossi e Inácio Filho (2009), se instalou uma das primeiras dioceses no Brasil, tendo um importante destaque nas reformas promovidas pela Igreja Católica no país. O propulsor desse trabalho foi o Bispo D. Viçoso, que consolidou na diocese mineira o trabalho das Irmãs Lazaristas, procedentes da França. A partir da instauração da República Brasil, em 1889, a diocese já contava com o trabalho dos Padres da Missão, das Filhas da Caridade, além do antigo Recolhimento de Macaúbas, reformado na época de D. Viçoso.

Apesar de todo esse movimento que ocorria, de instalações de Congregações Católicas no Brasil, em Minas Gerais e, principalmente, em Uberaba, percebemos que na região do Triângulo Mineiro esse movimento ainda era tímido. Para ajudar a entender o porquê disso, nos apoiamos em Mendonça (1974) e Sampaio (1971) e identificamos que, desde a época em que o Triângulo Mineiro pertencia à capitania de Goiás (1748), mesmo depois que a região passou a pertencer à capitania de Minas Gerais (1816), o Triângulo estava ligado à diocese de Goiás. No nosso entender, isso limitava a vinda de outras Congregações à região.

Esses autores enfatizam que foram encaminhados sucessivos pedidos ao Papa solicitando a transferência para a diocese de São Paulo. Como justificativas eram alegados os contratempos e a distância em relação à Goiás. No entanto, somente em 1907, o Papa Pio X atendeu às solicitações do bispo D. Eduardo Duarte Silva, criando a Diocese de Uberaba, que passou a representar toda a região do oeste de Minas, hoje correspondente à mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

À frente da recém-criada diocese de Uberaba, D. Eduardo empenhou-se em trabalhar, criando diferentes medidas para o atendimento aos fiéis da Igreja Católica, entre elas, a difusão de escolas no Triângulo Mineiro, como um importante meio de evangelização da fé católica, instituindo um documento que recomendava a criação de escolas paroquiais. “Veio à tona o vigor e utilidade pelos quais a Igreja via na educação um meio para formar a moral e os costumes do próprio cidadão católico” (INÁCIO FILHO; ROSSI, 2009, p. 560). No nosso entender, com a criação da Diocese de Uberaba, estimulou-se a vinda de novas Congregações para o Triângulo Mineiro.

Nessa perspectiva, em Araguari, as Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria fundaram o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em 1919. Resende (2006) aponta que essa Congregação foi fundada na cidade de Berlaar, Bélgica, em 14 de março de 1845. Por causa da crise que assolava a Europa, no século XIX, como já mencionamos acima, essa Congregação investiu no movimento missionário católico, em diversos países do mundo, entre eles, o Brasil. As suas congregadas tinham como missão prestar ajuda a quem necessitasse. Elas formavam-se como enfermeiras e professoras e realizavam seus estudos na Escola de Froebel, na Bélgica. (RESENDE, 2006).

No início, as irmãs dessa Congregação estabeleceram-se na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, em 1907, a partir de um convite realizado pelo bispo dessa localidade que as chamou para atendimentos assistenciais.

A vinda das Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria para Araguari foi a convite do pároco da cidade, o Padre Manuel Curado Fleury, para abrir um Colégio. Na época, existiam algumas escolas em Araguari, porém, não atendiam aos interesses de toda a sociedade araguarina da época.

Algumas famílias mais ricas não queriam matricular seus filhos numa escola pública, mandando os meninos estudarem em colégios da capital ou em internatos; as moças, quando recebiam autorização para estudarem fora, iam para os internatos de Uberaba ou das capitais do país (RESENDE, 2006, p. 57).

Ao perceber a vontade que muitas famílias araguarinas tinham em abrir um colégio religioso, o pároco de Araguari viu num colégio coordenado por freiras a melhor educação para as jovens. Assim, fez vários pedidos ao Bispo de Uberaba, D. Eduardo Duarte e Silva, para que fosse enviada alguma congregação de religiosas que se responsabilizasse pela formação das meninas e moças da região. Foram realizados vários convites, inclusive às Irmãs Dominicanas de Uberaba, porém as respostas foram negativas. (RESENDE, 2006).

Na mesma época, as Irmãs do Sagrado Coração de Maria também procuravam por um novo local para se instalar. Ao receberem a notícia sobre a necessidade de uma Congregação para a fundação de um Colégio, em Araguari, entraram em contato com o padre Fleury e, com o apoio do Bispo da diocese, acertaram a vinda de religiosas dessa Congregação para a cidade.

Em 1919, as Irmãs, por intermédio do padre, da prefeitura e da sociedade araguarina, conseguiram uma casa para abrigar as primeiras instalações do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Podemos observar na figura 16, esse primeiro local.

Figura 16 – Primeira sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Araguari (1919)



Fonte: Resende (2006).

Nos primeiros anos de funcionamento, o colégio dedicava-se ao ensino primário, funcionando em regime de internato, externato e semi-internato. Ao perceberem a falta de uma

educação escolar voltada para as meninas que terminavam os estudos primários, as Irmãs do Colégio Sagrado Coração de Jesus se incumbiram de trazer à Araguari um curso Normal, que pudesse atender à demanda de algumas famílias. (INÁCIO FILHO, 2002).

Através do empenho dessas Irmãs foi inaugurado o primeiro curso Normal, em 1930, ano também que marcou as novas instalações do Colégio. Na figura 17, temos uma foto desse local e ressaltamos a sua linda arquitetura para a época. Anos depois, foram instalados o curso ginasial e o comercial, nas modalidades de Contabilidade e Secretariado. (RESENDE, 2006).

De acordo com o nosso depoente, o professor Luiz Antônio Fernandes, que lecionou por muitos anos no Colégio Sagrado Coração de Jesus, o Colégio funciona nesse mesmo local até os dias atuais.

**Figura 17 – Novas instalações do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Araguari (1930)**



Fonte: Resende (2006).

Outro colégio confessional com um grande destaque na cidade de Araguari foi, de acordo com o professor Edson Luiz Aleixo, o Colégio Regina Pacis. O professor Luiz Antônio também aponta que o Regina Pacis foi aberto em 1926, pelos padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, sendo eles provenientes da Holanda, com o ensino voltado exclusivamente para meninos, na modalidade internato e externato.



Inicialmente, o colégio ficou instalado numa casa alugada quando, em 1926, iniciaram as aulas do curso de admissão. Em 1928, o Regina Pacis foi transferido para sede própria na Avenida Minas Gerais, à época, periferia da cidade, sendo rodeado por pouquíssimas residências. (RESENDE, 2006). Na figura 18, trazemos uma foto da entrada principal do Colégio Regina Pacis.

**Figura 18 - Entrada do Colégio Regina Pacis em 1930**



Fonte: Arquivo Público Municipal de Araguari

Nesse local, com o passar dos anos, os padres da Congregação dos Sagrados Corações construíram um enorme complexo imobiliário, composto de vários prédios: escola, igreja, convento, seminário e uma infraestrutura para o esporte, possuindo campo de futebol, quadras de vôlei e de basquete e uma pista de atletismo profissional. Em 1972, todo o patrimônio do colégio foi doado para a Fundação Municipal de Ensino e o colégio funcionou até 1996. (NAVES; RIOS, 1988).

A vinda dos padres Holandeses, da Congregação dos Sagrados Corações de Maria e Jesus, foi um convite do novo bispo da diocese de Uberaba, D. Antônio de Almeida Lustosa, que assumiu a diocese em 1925, dando continuidade ao trabalho de seu antecessor frente ao fortalecimento educativo da região. Com o objetivo de evangelizar a população na fé católica, desenvolveu

os movimentos populares que já estavam atuantes, operou o revigoração do Apostolado da Oração, criou a escola de instrução primária para meninos pobres, na cidade de Uberaba, a Associação dos Moços Católicos, remodelou a imprensa católica, que assumiu importante meio de veiculação doutrinária nas manifestações sobre a moral, a educação, e até mesmo, contra o protestantismo. Finalmente, ainda sobre a educação, incentivou o ensino do catecismo. (INÁCIO FILHO; ROSSI, 2009, p. 560).

Inicialmente, os padres Holandeses foram encaminhados por D. Lustosa para Patrocínio, uma cidade localizada na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, e foram imbuídos de cuidarem da evangelização e da educação. Com a expansão dessa Congregação para outras cidades da região, os padres estabeleceram-se em Araguari.

Poucos anos depois, em 1929, com a ida de D. Lustosa para o Rio de Janeiro, assumiu a direção da diocese o Bispo D. Frei Luiz Maria de Sant’Ana, que pertencia à Congregação dos Capuchinhos Franciscanos. Como seus antecessores, ampliou o trabalho educacional na Diocese de Uberaba, promovendo a vinda dos Padres da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo a Ituiutaba.

De acordo com Pacheco (2013), essa Congregação, a dos Estigmatinos, foi fundada em 1816, pelo padre Gaspar Bertoni, na cidade de Verona, no norte da Itália. A vinda dos Estigmatinos para o Brasil surgiu por convite do Bispo de Mariana. A partir disso, eles se estabeleceram no Paraná, em 1911. No ano de 1915, foram para a cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo e, a partir disso, se espalharam por outras cidades brasileiras, entre elas Ituiutaba, em 1935.

No final da década de 1930, a convite dos padres Estigmatinos, e com o apoio de D. Sant’Ana, vieram para Ituiutaba as Irmãs Missionárias da Congregação de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas (PACHECO, 2009). Elas são oriundas da Itália e vieram para o Brasil em função dos movimentos que ocorreram na Europa, no século XIX. Elas desembarcaram em São Paulo, em 1895, e nesse mesmo ano fundaram o Instituto Cristóvão Colombo. (OLIVEIRA, 2009).

Em Ituiutaba, as irmãs Scalabrinianas, fundaram o Colégio Santa Teresa, em 1939. Em seus primeiros anos de funcionamento, atendia meninos e meninas. No ano de 1940, os padres Estigmatinos fundaram o Colégio São José. Em função de uma parceria estabelecida com os padres Estigmatinos, de maneira que, enquanto os padres gerenciavam as obras de construção do novo prédio das Scalabrinianas, estas ministravam aulas para os meninos já recebidos pelo Colégio São José. A partir de 1941, suas atividades educacionais são separadas em função do

gênero. O colégio administrado pelos padres passou atender os meninos e das irmãs, as meninas. (OLIVEIRA, 2009).

Na década de 1930, nasceram os nossos colaboradores, o professor Julmar de Oliveira Diniz e a professora Maria Mirza Cury Diniz. Suas infâncias foram vivenciadas nessa época e, em suas narrativas, eles enfatizam a importância que esses dois colégios católicos tiveram para Ituiutaba e para as cidades vizinhas, não apenas na área educacional, mas também, assistencial.

Na região do Triângulo Mineiro, o Bispo D. Frei Luiz Maria de Sant'Ana também promoveu a vinda dos padres da Congregação dos Capuchinhos para Frutal e Carmo do Paranaíba; das Missionárias da Congregação da Nossa Senhora das Dores para Ibiá e da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado para Uberlândia.

Em relação às Congregações que criaram colégios confessionais de destaque na região do Triângulo Mineiro, todas eram oriundas da Europa (França, Itália, Holanda). No entanto, a Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, que se instalou em Uberlândia, era oriunda da cidade de Campinas, estado de São Paulo.

Segundo Ramos (2003), os passos iniciais para a fundação da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado deram-se em 1919, por um grupo liderado por Maria Villac e orientadas por um sacerdote salesiano, o padre Domingos Giovannini.

Em 1922, através de um regulamento apresentado pelo Bispo da Diocese de Campinas, D. Francisco de Campos Barretos, criaram a Associação das Missionárias de Jesus Crucificado.

Por meio das orientações de D. Francisco, a associação assumiu a incumbência de organizar um centro de catecismo nos bairros da cidade, de fazer visitas aos pobres (de dinheiro e de fé), aos operários, aos doentes, etc. Em 1928 foi oficialmente fundada a Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. (RAMOS, 2003, p. 70)

A Congregação não ficou restrita apenas a um tempo e a um lugar, ela se espalhou pelo Brasil e pelo mundo, e foi desde o início, marcada pela devoção a Maria. Com o passar do tempo, surgiram novas preocupações e as Irmãs assumiram novos campos de atuação, dentre os quais, a dedicação à educação. (RAMOS, 2003).

A presença das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, em Uberlândia, teve sua história iniciada na década de 1930. Com já mencionado acima, a pedido do Bispo da Diocese de Uberaba, D. Luiz Maria de Sant'Ana, que tendo conhecimento do trabalho das Missionárias e convicto da necessidade da presença da educação cristã aos habitantes da cidade, fez o convite

para que, a madre responsável da Congregação, Maria Villac, fundasse uma casa de ensino a cargo da Congregação.

O pedido foi aceito, sendo essa a “primeira comunidade missionária a sair da diocese de Campinas e do estado de São Paulo foi a de Uberlândia” (RAMOS, 2003, p. 73) e fundaram o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, em fevereiro de 1932, passando a fazer parte da história da educação uberlandense.

Nos primeiros meses, o Colégio funcionou em uma casa particular, com um número inicial de 50 alunas. Com a necessidade de melhores condições para a concretização da escola, cinco meses depois, o colégio passou a funcionar em um local próprio, registrado como estabelecimento particular (GATTI; INÁCIO FILHO, 2004), como podemos observar na figura 19.

**Figura 19 - Fachada do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas (Década de 1930)**



Fonte: Centro de Documentação e Pesquisa em História da UFU

Nossa depoente, a professora Semia Jorge, nasceu em 27 de agosto de 1950 e foi aluna no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas. Depois, continuou seus estudos nesse local, mesmo quando passou a se chamar Colégio Nossa Senhora das Dores.

Márcia Augusta Crosara, nossa outra depoente, também teve alguns laços importantes com o Colégio Nossa Senhora das Dores. Quando ela voltou para Uberlândia, depois de

formada em Matemática pela Universidade de Minas Gerais, em 1957, iniciou sua carreira docente

trabalhando no Liceu de Uberlândia, por questão de gratidão. Foi onde fiz o ginásio e tinha uma dívida de gratidão com o professor Milton Magalhães Porto<sup>47</sup>. Depois, as Irmãs me chamaram para lecionar no Colégio Nossa Senhora das Dores. (Excerto da narrativa da profa. Márcia).

As Irmãs foram, durante várias décadas, responsáveis pela formação das moças de Uberlândia e mesmo daquelas vindas de outras regiões como Mato Grosso e Goiás, entre outras. Devido à existência de poucas escolas, era necessário que as pessoas interessadas em estudar, muitas vezes o fizessem fora de suas cidades e longe de suas famílias, daí a importância dos internatos. Atualmente, esse colégio tem o nome de Colégio Ressurreição Nossa Senhora e outra Congregação Católica o administra.

Diante do que consideramos, entendemos que a Igreja Católica foi a responsável por uma grande ação educacional na construção de escolas, principalmente, com um número considerável de Congregações que vieram para o Brasil e, em específico, para o Triângulo Mineiro. No entanto, não podemos deixar de destacar que a educação ministrada por meio das Congregações Católicas sempre se aproximou da elite, pois os colégios eram pagos, o que privilegiava uma pequena camada da sociedade, capaz de pagar as mensalidades. (MELO, 2002).

No Triângulo Mineiro, percebemos que, por meio da literatura que mobilizamos, as escolas eram frequentadas, principalmente, por filhas e filhos de comerciantes, profissionais liberais, políticos e funcionários públicos, além de estudantes vindos de outros estados brasileiros, principalmente de Goiás, filhas ou filhos de fazendeiros da região (esses se matriculavam como internos).

Segundo Lopes (2016), para as alunas que iriam estudar no sistema de internato, era necessário realizar o pagamento da pensão e do colégio. Também era solicitado um enxoval, que era constituído de diversos itens, como por exemplo, lençóis. Assim, havia um custo que inviabilizava grande parte da população de frequentar esse modelo de ensino.

Os elogios e a divulgação de ensino excepcional eram as marcas desses colégios, sendo, portanto, requisitados pelas elites, que poderiam matricular seus filhos nesses estabelecimentos de ensino. Estudar em colégios confessionais dava prestígio, pois a religião católica era aceita

---

<sup>47</sup> Primeiro diretor do Liceu de Uberlândia.

na maior parte das famílias e também pelo contexto social e cultural em que a moral deveria ser zelada, respeitando o nome das famílias tradicionais da cidade. (SOARES, 2015).

Uma característica comum aos colégios confessionais era a rigidez na disciplina imposta aos estudantes, apontada por nossos entrevistados e descrita pelo professor Fernando, que estudou no Colégio Regina Pacis.

Nós entrávamos na fila, antes de entrar para as salas de aula, tínhamos que mostrar o estojo com todos os objetos e, ao adentrar a sala de aula, os braços eram levados para trás, de tal forma que você só poderia colocar a mão na carteira quando fosse realizar alguma atividade acadêmica. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

No nosso entender, sempre houve uma preocupação com a formação moral de seus estudantes, o que diferenciava os colégios católicos perante a sociedade e os tornavam um grande atrativo para as famílias mais abastadas. Mas, é evidente que a educação ministrada pelos religiosos era de grande apreço da elite, já que o elevado nível cultural dos colégios era a razão principal de seu prestígio social.

Conforme Lopes (2016), essas escolas ofereciam às famílias tradicionais e abastadas uma formação diferenciada para os filhos, em decorrência do gênero. Aos meninos, havia uma preparação para o ensino superior, bem como para a vida política e para os empreendimentos econômicos. Às meninas era oferecida uma formação voltada para a manutenção do casamento e à educação dos filhos, a partir dos preceitos morais da Igreja Católica. Para as meninas, o ensino era alicerçado nos fundamentos cristãos, primando pela formação de “boas mães de família, laboriosas, modestas e dignas” (INÁCIO FILHO, 2002, p. 54).

Nesse sentido, em sua narrativa, a professora Semia, que cursou a educação básica no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, destaca que o currículo era diferenciado e “tinha as seguintes disciplinas: Caligrafia, Línguas Portuguesa e Francesa, Polidez, Trabalhos Manuais, Pintura e Piano”. (Excerto da narrativa da profa. Semia). Dessa maneira, atendia à demanda social dominante da época, qual seja, produzir, através da escola, um determinado modelo de mulher. (INÁCIO FILHO, 2002).

Os colégios confessionais possuíam instalações para os internato, semi-internato e externato. No entanto, não se atendia apenas a uma clientela de classe média e alta, mas também às órfãs e aos carentes, através da concessão de bolsas de estudo. Os bolsistas deveriam prestar serviços às religiosas como forma de pagamento, como foi o caso da professora Marilene

Ribeiro Resende: “sempre fui bolsista no Colégio Nossa Senhora das Dores, pois os meus pais não tinham condições de pagar o colégio”. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

O trabalho dos bolsistas poderia ser diferente de acordo com o gênero. Segundo Inácio Filho (2002), os colégios femininos podiam utilizar-se do recurso de determinar às bolsistas que realizassem o trabalho pesado do colégio (pátios, corredores, banheiros, refeitórios) em troca da educação formal, o que não ocorria nos colégios destinados à educação masculina, posto que tais serviços eram próprios de mulheres e, dessa forma, os padres contratavam mão de obra na cidade.

Nas narrativas das professoras Sandra, Marilene, Maria Teresa, encontramos uma característica concernente às escolas confessionais, a presença das capelas em sua estrutura física. Percebemos que isso era muito forte entre os que, de alguma forma, viveram ou presenciaram a vida que ocorria nessas escolas confessionais, como é o caso do nosso colaborador, o professor Márcio Aurélio da Silva, ao lembrar que no Colégio Regina Pacis, “A capela existe até hoje. Foi nela que fiz catecismo, participei de muitas missas nesse local”. (Excerto da narrativa do prof. Márcio). Na figura 20, temos uma foto da capela do Colégio Regina Pacis, depois da última reforma em 2014.

**Figura 20 - Foto interna da capela do Colégio Regina Pacis**



Fonte: Acervo pessoal do professor Márcio Aurélio da Silva

Em relação às alunas externas dos colégios confessionais, elas deveriam estar presentes em todos os cultos de domingo. Assim, a construção dos colégios católicos estava engajada nos interesses de evangelização e manutenção da ordem. (SOARES, 2015).

Por meio dos depoimentos de nossos colaboradores, percebemos que houve outros locais para a educação básica. Ainda podemos dizer que muitos desses locais foram tão importantes quanto os colégios confessionais que se instalaram na região. Passaremos na sequência, a dar maior destaque a constituição de outros locais para o ensino.

### 3.3.2 Uma visão sobre o fluxo dos estabelecimentos de ensino básico

Até agora destacamos algumas das principais instituições escolares confessionais católicas que surgiram no Triângulo Mineiro, porém, as nossas entrevistas mostram que elas não foram as únicas instituições de educação básica que existiram na região.

Nos estudos de Gatti Jr., Inácio Filho, Araújo e Gonçalves Neto (1997), encontramos um fluxo da expansão de instituições escolares que ocorreu no Triângulo Mineiro. Esses autores realizaram uma pesquisa, a partir da década de 1880 até quando começam a serem fundados os primeiros cursos de formação de professores para lecionar Matemática, na década de 1960.

Para elaborar esse estudo, esses autores realizaram um levantamento de dados junto aos arquivos das Superintendências Regionais de Ensino (SREs) das cidades de Uberaba (39ª SRE) e Uberlândia (40ª SRE), onde poderiam estar os registros de todas as escolas fundadas na região, ou pelo menos, daquelas que se encontravam ainda em atividade, montando um quadro geral do processo de expansão do ensino escolar na região do Triângulo Mineiro.

A partir da pesquisa de Gatti Jr. et al. (1997), até a década de 1960, percebemos que houve no Triângulo Mineiro um maior destaque na criação de estabelecimentos de ensino nas cidades de Uberaba, Araguari e Uberlândia. Na cidade de Uberaba houve a fundação de 9 escolas públicas e 6 privadas; em Araguari foram 10 públicas e 4 privadas; e em Uberlândia foram 5 públicas e 6 privadas.

Interpretamos que o motivo para que nessas cidades tivesse um maior número de escolas era a posição de destaque que possuíam no Triângulo, principalmente devido à importância política e econômica exercida por elas sobre as demais cidades que compõem a região.

Um exemplo disso foi o que aconteceu em Uberaba e Araguari. Uberaba foi considerada por muitos anos como a “boca do sertão” brasileiro e Araguari se destacou como “ponta de trilhos” da Companhia Mogiana. E, depois, com os movimentos de infraestrutura (aeroportos, estradas, pontes de acesso a outros Estados, como em Goiás) e a construção de Brasília, os



caminhos que passam por essas cidades (Uberaba, Uberlândia e Araguari) do Triângulo eram os únicos que ligavam o sul do país com a capital federal.

Gatti Jr. et al. (1997) dispuseram numa tabela geral, modalidades de ensino (público, privado), distribuídas por décadas relativas ao período de surgimento dos estabelecimentos de ensino, as quais indicamos na tabela 3.

**Tabela 3 – Escolas Públicas e Privadas Fundadas nas regiões das 39ª e 40ª SREs**

DÉCA- DAS	39ª SRE			40ª SRE			TOTAL		TOTAL GERAL
	Pública	Privada	Total	Pública	Privada	Total	Pública	Privada	
1880	-	1	1	-	-	-	-	1	1
1890	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1900	-	1	1	1	-	1	1	1	2
1910	3	-	3	1	2	3	4	2	6
1920	2	1	3	2	3	5	4	4	8
1930	-	2	2	-	2	2	-	4	4
1940	16	-	16	3	1	4	19	1	20
1950	18	4	22	9	3	12	27	7	34
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>	<b>9</b>	<b>48</b>	<b>16</b>	<b>11</b>	<b>27</b>	<b>55</b>	<b>20</b>	<b>75</b>

Fonte: Gatti Jr. et al. (1997, p. 15)

Nessa tabela percebemos que, na década de 1930, não houve criação de escolas públicas, sendo retomada a partir da década de 1940. Podemos inferir que, até a década de 1940, existiu no Triângulo Mineiro uma predominância do ensino privado em relação ao público, como já analisamos anteriormente, sendo muitas dessas escolas particulares, de origem Confessional Católica. No entanto, em Uberaba, existiram outras instituições escolares privadas que não eram apenas confessionais católicas. Baseados em Lopes (2016), apresentamos um resumo, no quadro 4 das primeiras escolas nesse município.

**Quadro 4 – Relação das primeiras Escolas em Uberaba (1854-1960)**

Período	Escolas Públicas	Escolas Privadas
1854/1900		- Colégio Cuiabá; - Colégio Des Gennettes; - Liceu Uberabense; - Colégio Nossa Senhora das Dores; - Colégio Uberabense; - Seminário Episcopal Santa Cruz.
1903/1940	- Grupo Escolar Brasil; - Escola Municipal Guerra Junqueira.	- Colégio Diocesano; - Externato Santa Catarina.
1941/ 1960	- Grupo Escolar de Minas Gerais; - Grupo Escolar América; - Escola Normal de Uberaba/Escola Estadual Marechal Humberto de A. Castelo Branco; - Grupo Escolar Uberaba; - Grupo Escolar Dom Eduardo; - Grupo Escolar Professor Chaves.	- Liceu do Triângulo Mineiro; - Escola Técnica de Comércio do Triângulo Mineiro; - Externato Cristo Rei.

Fonte: Lopes (2016).

Das primeiras escolas, apontadas no quadro 4, apenas os colégios confessionais Colégio Nossa Senhora das Dores e Colégio Diocesano; e os Grupos Escolares (Grupo Escolar Brasil, Grupo Escolar de Minas Gerais; Grupo Escolar América; Grupo Escolar Marechal Humberto de A. Castelo Branco; Grupo Escolar Uberaba; Grupo Escolar Dom Eduardo; Grupo Escolar Professor Chaves), atualmente, com a nomenclatura de Escola Estadual, mantêm-se em funcionamento. (LOPES, 2016).

As razões pelo fechamento de grande número de escolas são, no nosso entender: a manutenção da estrutura física, questões financeiras, falta de pessoal qualificado, entre outras. Por esses aspectos, entendemos que ficava difícil manter um tipo de ensino determinado pelas famílias que poderiam pagar pela educação de seus filhos.

Um outro aspecto que devemos trazer para a discussão se refere ao crescimento das escolas públicas, como observamos na tabela 3, pois “podemos perceber que, a partir da década de 1940, quando o ensino de responsabilidade do Estado toma força, a abertura das escolas públicas pende bastante para o seu lado”. (GATTI JR. et al.,1997, p. 23).

De acordo com Bittar e Bittar (2012) no país, como um todo, nesse período as oportunidades de acesso à escola pública ampliaram, o que permitiu que as camadas populares tivessem acesso à escolarização. Para essas autoras essa foi uma estratégia para alavancar o desenvolvimento do país por meio da escolarização. De certo modo, esse movimento do crescimento das escolas públicas, por meio dos estudos de Gatti Jr. et al. (1997) nos mostra que

isso também ocorreu no Triângulo Mineiro e, interpretamos que isso pode ter influenciado no fechamento de algumas escolas particulares.

Eduardo Guimarães aponta que o Grupo Escolar Brasil foi fundado por meio das reivindicações do movimento separatista que ocorreu no Triângulo Mineiro, em 1906. Com essa criação “Uberaba [passa a ter uma] das melhores condições educacionais de toda a região”. (GUIMARÃES, 2004, p.15).

Conforme Mello (2002), a primeira escola pública a ser fundada em Araguari, foi em 1909. Inicialmente chamada de Grupo Escolar de Araguari, em 1927, essa escola passou a ser denominada Grupo Escolar Raul Soares; depois, com a nova nomenclatura das Escolas Estaduais, ela passa a ser denominada Escola Estadual Raul Soares. Essa escola foi onde nosso depoente, o professor Márcio Aurélio da Silva, cursou todo o ensino médio. Ainda na cidade de Araguari, em 1928, começou a funcionar o segundo Grupo Escolar de Araguari que se denominou “Visconde de Ouro Preto” e depois passou a ser chamado de Escola Estadual Visconde de Ouro Preto. Essas duas escolas estão em funcionamento até os dias atuais.

Antes da fundação da primeira escola pública em Araguari, Naves; Rios (1988) salientam que as primeiras escolas que surgiram nesse município eram aquelas que funcionavam na própria residência dos professores. No entanto, isso não impedia que nessas escolas acontecesse uma “educação rígida, à qual só tinham acesso os filhos daqueles que possuíam algum poder econômico, pois eram escolas particulares”. (SILVA JÚNIOR, 2007, p. 48).

Outro aspecto que ocorreu nessa cidade foi em relação à criação de escolas privadas. No final do século XX, a implantação da estrada de ferro em Araguari, impulsionou a instalação de escolas que suprissem a demanda por mão de obra com o mínimo de escolaridade. Foram construídas três escolas para atender aos filhos de ferroviários,

a Escola Carmélia Dutra, que oferecia a educação primária, era uma escola mista, [...], a Escola Profissionalizante, que atendia meninos, voltada para formar mão de obra para a própria ferrovia. [...] Escola Técnica Feminina que atendia as filhas dos ferroviários. Esta escola tinha, em seu currículo, além das disciplinas básicas, Puericultura, Culinária e Pintura a finalidade era formar as meninas para serem as Rainhas do Lar. (SILVA JÚNIOR, 2007, p. 48).

Essas escolas funcionaram, em Araguari, até o período que as companhias ferroviárias estavam na cidade, quando ocorreu a mudança da sede da ferrovia para Goiás, essas escolas deixaram de existir. (NAVES; RIOS, 1988).

Como já mencionamos, as escolas confessionais católicas em Araguari são representadas pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus, em 1919, e o Colégio Regina Pacis, em 1926. A partir da década de 1940, segundo Silva Júnior (2007), percebemos que nessa localidade há um maior predomínio de fundações de escolas públicas.

O primeiro estabelecimento de ensino privado não confessional que surgiu no Triângulo Mineiro, foi na cidade de Uberlândia. (GATTI JR. et al., 1997). Ele foi criado no ano de 1908, mas inaugurado em 1912, o Ginásio de Uberabinha funcionou como instituição privada, no sistema de internato e externato até 1928, passando para Ginásio Mineiro de Uberabinha e, quando a cidade passou a ser chamada Uberlândia, o Ginásio passou a ser denominado Ginásio Mineiro de Uberlândia. Em 1942, mudou para Colégio Estadual de Uberlândia<sup>48</sup>, depois, em 1968, recebeu a designação que conserva até os dias atuais de Escola Estadual de Uberlândia. (GATTI, 2013).

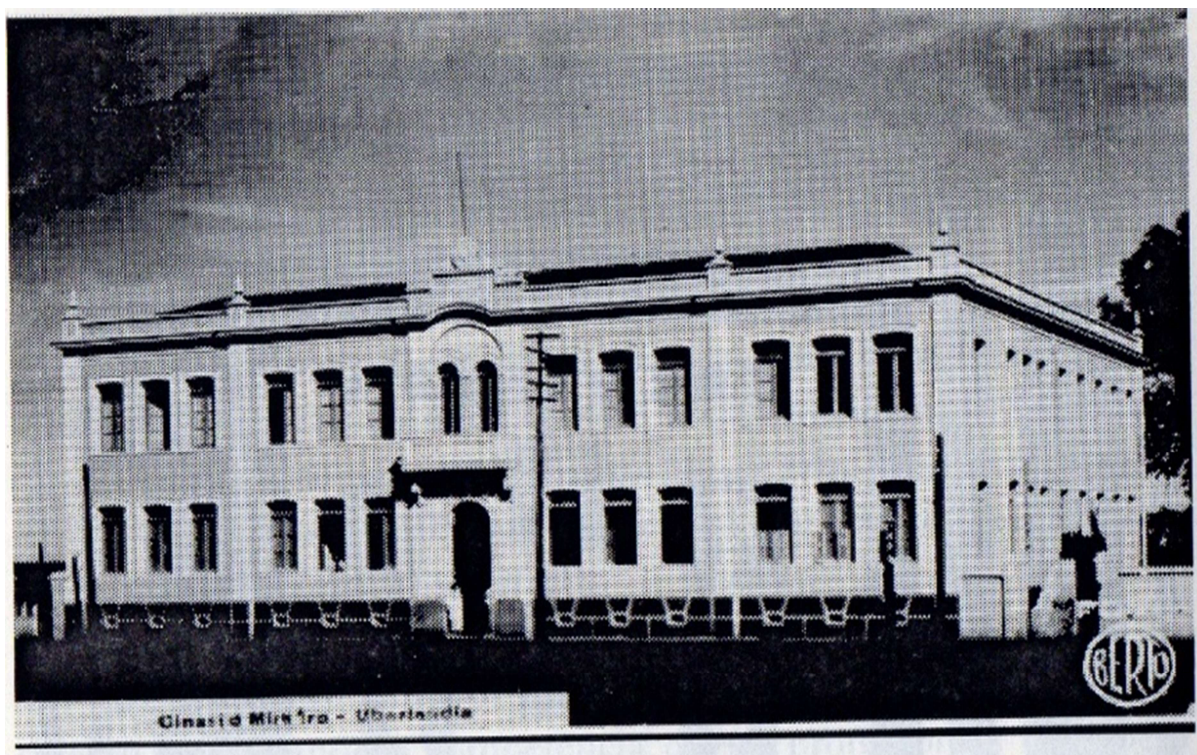
O Ginásio, desde a sua fundação, sempre esteve presente na vida da cidade. Apelidado de Museu, provavelmente pela imponência de seu prédio, com sua arquitetura eclética, formou diversos alunos que seriam dirigentes dos setores público e privado responsáveis pelo desenvolvimento da cidade (GATTI; INÁCIO FILHO, 2004, p. 93).

Tanto a sua arquitetura, como podemos observar na figura 21, quanto a sua estrutura física se destacavam desde o ano de sua criação. O Ginásio possuía “cinco salas de aula, um teatro, uma biblioteca, uma sala de projeções, uma sala de dissecações, um museu de história natural e um laboratório com capacidade para vinte alunos” (GATTI JR, et al., 1997, p. 13).

---

<sup>48</sup> Localizado no centro de Uberlândia, na Praça Adolfo Fonseca, no Fundinho, foi inaugurada em 1929, o prédio data de 1921. Este prédio foi o primeiro de uma escola a ser tombado em Uberlândia, como Patrimônio Histórico e Cultural do Município. Entre seus alunos ilustres, o cardiologista Adib Jatene e o ex-governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco. Foi o Colégio de maior referência em Uberlândia. (Fonte: GATTI, 2013).

**Figura 21 – Fachada do prédio do Ginásio de Uberlândia**



Fonte: Gatti (2013)

A professora Consuelo Maria Garcia de Freitas nasceu em Uberlândia, em 29 de novembro de 1946, e nos narrou que estudou no

Colégio Estadual de Uberlândia, hoje conhecido como Escola Estadual de Uberlândia, que eles chamam amavelmente de Museu, porque foi a primeira escola estadual da cidade. Estudei do jardim da infância ao terceiro científico. Meu nome de solteira era Vieira, e meu avô foi diretor desse colégio, Osvaldo Vieira Gonçalves. Ele foi diretor desse colégio durante 28 anos. Sou de uma família de professores. Morávamos no andar de cima do colégio. Lá terminei meu colégio, hoje secundário, mas era o antigo curso científico. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Maria Teresa Menezes Freitas também foi aluna desse colégio. Ela nos relata que “para entrar tinha um processo seletivo pesado e difícil. Todos queriam estar nessa escola, era a escola mais bem-conceituada”. (Excerto da narrativa da profa. Maria Teresa).

Consuelo argumenta que existia, sim, a dificuldade de ingressar no colégio, no entanto, aqueles que ingressavam, eram bem preparados. Ela aponta que muitos estudantes, depois de formados, passavam nos vestibulares mais disputados no país, além de propiciar uma sólida formação para a vida.

muitos dos alunos que terminavam o antigo científico no Colégio Estadual de Uberlândia, ao prestar vestibular, seja em São Paulo ou Belo Horizonte, eram sempre os primeiros colocados em todas as áreas, seja de Medicina ou Odontologia ou Engenharia. Esse colégio dava uma base muito boa. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Maria Teresa e Consuelo relataram que no colégio sempre existiram bons professores. Uma das professoras, à época, foi a nossa colaboradora Márcia Crosara, sendo contratada por Osvaldo Vieira Gonçalves, em 1957. Mais tarde, na década de 1960, os nossos colaboradores, a professora Consuelo e, depois, o professor Fernando, passaram a lecionar nesse Colégio.

Não podemos deixar de destacar um outro estabelecimento de ensino básico, que surge em meio ao que está sendo discutido, e que terá relevância quando tratarmos sobre o movimento de criação das primeiras instituições de ensino superior em que formava o professor para lecionar Matemática. Ele foi o *Gymnásio Brasil Central*, criado em 1924, com os cursos primário e normal, mantido pela Associação Brasil Central de Educação e Cultura, uma instituição particular conhecida como ABRACEC. A partir de 1947 passou a chamar-se *Ginásio Brasil Central*, sendo extinto em 1973 (OLIVEIRA, 1996) – figura 22.

**Figura 22 – Fachada do prédio do Ginásio Brasil Central**



Fonte: Centro de Documentação e Pesquisa em História da UFU

Além dessas escolas apontadas pelos depoimentos de nossos entrevistados, em Uberlândia existiram outras instituições escolares. Amparados em Gatti (2013), apresentamos um resumo, no quadro 5, das primeiras escolas desse município.

**Quadro 5 – Relação das primeiras escolas em Uberlândia**

<b>Período</b>	<b>Escolas Públicas</b>	<b>Escolas Privadas</b>
1850/1900		- Escola Provincial; - Colégio Uberabinhense.
1901/1920	- Grupo Escolar Bueno Brandão.	- Externato Carvalho; - Externato Caralho de Brito; - Colégio Bandeirantes; - Colégio Mineiro; - Colégio São José; - Colégio Amor as Letras; - Externato Violeta; - Instituto Fundamental; - Colégio Nossa Senhora da Conceição; - Colégio Santa Rita de Cássia; - Externato Expenser; - Escola Normal; - Associação Brasil Central de Educação; - Liceu de Uberlândia; Ginásio Mineiro de Uberlândia.
1930/1940	- Grupo Escolar Minas Gerais	- Academia de Comércio de Uberlândia; - Externato Santa Luzia; - Colégio Nossa Senhora Lágrimas; - Externato Espírito Santo; - Externato Rio Branco; - Externato Nossa Senhora Aparecida; - Externato Nossa Senhora do Carmo; - Externato São Sebastião; - Externato Nossa Senhora de Lourdes; - Externato Sete de Setembro; - Externato Brasil; - Externato Santa Clara; - Externato Santa Inês.
1941/1960	- Grupo Escolar 13 de Maio; - Grupo Escolar Coronel Carneiro; - Grupo Escolar Bom Jesus; - Grupo Escolar Duarte Pimentel de Ulhôa; - Grupo Escolar Osvaldo Resende.	

Fonte: Gatti (2013).

Das primeiras escolas apontadas nesse quadro, poucas se mantêm em funcionamento até os dias de hoje. Representando as escolas confessionais, apenas o Colégio Ressurreição Nossa Senhora, que funciona no mesmo lugar onde foi fundado o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas e, depois, o Nossa Senhora das Dores. Já o Ginásio Mineiro de Uberlândia, hoje é a Escola Estadual de Uberlândia; o Grupo Escolar Bueno Brandão, hoje, Escola Estadual Bueno Brandão; e Grupo Escolar Minas Gerais, atualmente, denominado Escola Estadual Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa, estão todos em funcionamento. (GATTI, 2013).

Os argumentos para justificar o fechamento de um grande número de escolas, nesse período, em Uberlândia, vão ao encontro aos que apresentamos quando discutimos sobre os fechamentos de estabelecimentos de ensino em Uberaba, e usamos para reforçar isso, Lopes (2016). Agora, em relação à Uberlândia, nos baseamos em Gatti (2013), que nessa mesma linha de pensamento, diz “o ensino na cidade carecia de maiores investimentos financeiros e de

organização, pois faltavam recursos necessários para a manutenção e funcionamento dos estabelecimentos de ensino” (GATTI, 2013, p. 130). Da mesma forma, como já citamos, entendemos que esse aspecto contribuía para a existência e fortalecimento, de certo modo, das escolas confessionais católicas, pois eram mantidas pelas famílias que poderiam pagar pela educação de seus filhos e, talvez, por suas congregações com sede europeia, através de doações.

Os estudos de Gatti Jr. et al. (1997) não apontam o movimento escolar que ocorreu em Ituiutaba, no entanto, a partir das entrevistas do professor Julmar de Oliveira Diniz e da professora Maria Mirza Cury Diniz, que são nascidos nessa cidade, percebemos que existiam (poucas) escolas nessa localidade.

O professor Julmar, que nasceu em 23 de novembro de 1933, salienta que além dos colégios católicos (Colégio Santa Teresa e o Colégio São José, os quais já mencionamos), existia o Instituto Marden.

O Instituto Marden era uma escola laica, particular e tradicional, de alunos de ambos os sexos. Essa escola foi dirigida e criada pelo professor Álvaro Brandão de Andrade, em 1935. O professor Julmar nos diz: “nele, cursei do jardim até o ginásio”. (Excerto da narrativa do prof. Julmar).

Em Oliveira (2004), localizamos alguns estabelecimentos de ensino, apontados pela autora como as primeiras escolas que existiram em Ituiutaba até 1940, o que vemos no quadro 6.

**Quadro 6 – As primeiras escolas de Ituiutaba**

Período	Escolas Públicas	Escolas Privadas
1901/1910	Grupo Escolar João Pinheiro	- Escola do Professor José de Alencar; - Escola do Professor Afonso José; - Colégio Santa Cruz; - Externato /Colégio São Luiz; - Colégio Santo Antônio.
1911 - 1920	A falta de dados impediu elencar as escolas desse período	
1921 – 1930		- Colégio das Irmãs Belgas; - Instituto Propedêutico Ituiutabano; - Escola São José (popularmente Escola do Laurindo).
1931 – 1940		- Instituto Marden; - Colégio Menino Jesus de Praga; - Colégio Santa Teresa; - Colégio São José.
1941 - 1960	- Grupo Escolar Cônego Ângelo; - Grupo Escolar Israel Pinnheiro; - Grupo Escolar Antonio Souza Martins; - Grupo Escolar Coronel Tônico Franco; Grupo Escolar Vila Platina.	- Colégio Agrícola; - Escola Normal.

Fonte: Oliveira (2004).



Da mesma forma como ocorreu em outras cidades do Triângulo Mineiro, nota-se que isso se deu em Ituiutaba. A carência de escola pública foi suprimida pela escola privada, sendo decisiva para a alfabetização da população nessa localidade, na primeira metade do século passado.

Essas informações ratificam o que discutimos nos quadros anteriores sobre as escolas no Triângulo Mineiro serem particulares. A diferença é que não temos elementos suficientes para apontar se a maioria dessas escolas eram confessionais. Por meio da entrevista da professora Maria Mirza e do professor Julmar, apenas o Colégio Santa Teresa e o Colégio São José eram confessionais. No entanto, nossos depoentes informam que esses colégios eram tão requisitados quanto o Instituto Marden e, com isso, não apontaram outras escolas.

Contudo, como apontado no quadro 6, a primeira escola pública de Ituiutaba foi o Grupo Escolar João Pinheiro, fundado em 1910 (OLIVEIRA, 2004). Pelos estudos de Ribeiro, Lima e Neto (2013), a segunda escola pública em Ituiutaba surge apenas trinta e sete anos depois, com a criação do Grupo Escolar Professor Ildefonso Mascarenhas da Silva, pelo Decreto 2.395 de janeiro de 1947.

Esse número inadequado de escolas fez com que algumas pessoas saíssem da cidade para continuar os seus estudos, como é o caso do professor Julmar, que como “em Ituiutaba não existia o segundo grau. Assim, em 1949, fui para São Paulo para terminar meus estudos” (Excerto da narrativa do prof. Julmar). Para nós, isso retrata a dificuldade que existia, à época, para quem quisesse continuar os estudos.

Em uma de nossas idas a Ituiutaba, visitamos a Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba e tivemos acesso a algumas informações, como atas de reuniões e pareceres sobre a criação de estabelecimentos de ensino básico, nas décadas de 1950 e 1960. E, ainda a partir de Oliveira (2004), identificamos que da mesma forma como aconteceu nas outras cidades em que apontamos, houve um predomínio de fundações de escolas públicas nessa localidade.

Por meio dessa síntese, conseguimos visualizar como se processou a constituição dos estabelecimentos de ensino básico nas cidades de Araguari, Ituiutaba, Uberaba e Uberlândia, antes da criação das instituições de ensino superior que abrigaram os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática).

### 3.3.3 A formação do professor (de Matemática)

Antes de estudarmos o movimento de criação do ensino superior no Triângulo Mineiro e, conseqüentemente, entender os pilares que se constituíram para os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática), em nível superior, é nosso objetivo, compreendermos primeiro, qual era o perfil do professor que lecionava Matemática na região antes da criação desses cursos.

Tomamos, inicialmente, as narrativas de nossos depoentes mais velhos, que são o professor Julmar de Oliveira Diniz e a professora Maria Mirza Cury Diniz. Ambos nasceram na década de 1930, sendo Julmar em Ituiutaba e a dona Maria Mirza em Monte Alegre de Minas, uma cidade do Triângulo Mineiro, localizada a 67 quilômetros de Ituiutaba. Provavelmente, os dois cursaram a educação básica na década de 1940<sup>49</sup>.

Quando o professor Julmar começou a narrar sobre a formação de seus professores, ele foi logo dizendo que “não existia professor formado em Matemática [em Ituiutaba], em sua maioria eram advogados, médicos e engenheiros”. (Excerto da narrativa do prof. Julmar). A professora Maria Mirza, ao se referir a sua cidade natal, salienta que eram poucos os professores com alguma formação, em sua maioria, eram pessoas sem formação alguma, lecionando.

Nesse sentido, a professora Márcia Augusta Crosara, mas agora referindo-se à cidade de Uberlândia, narra que sua mãe,

embora não tivesse feito nenhum curso para ser professora, ela chegou a ser convidada a lecionar na escola onde fez o primário. Lecionou alguns bons anos porque era boa no tratar os alunos, tinha domínio de classe e tinha domínio da matéria. Ela estudava e preparava bastante aquilo que tinha que ensinar. (Excerto da narrativa da professora Márcia).

Como a Márcia também nasceu na década de 1930, entendemos que, na pior das hipóteses, sua mãe poderia ter lecionado a partir da década de 1920. Para nós, isso é um indício de quem era o professor que lecionava no Triângulo Mineiro. Por meio desse relato, percebemos a existência de pessoas sem formação, lecionando.

Nesse período a legislação vigente permitia qualquer pessoa dar aulas, pois ainda não havia uma formação específica para lecionar (DIAS, 2002). Com o passar do tempo, os estudos foram avançando e essa concepção foi se alterando (MORAIS, 2017).

Nesse sentido, a literatura tem chamado essa pessoa de professor de leigo. O que eram os professores leigos? São os professores em que prevalecia a experiência pessoal e o autodidatismo. (BARALDI, 2003; MORAIS, 2014 e MOREIRA, 2016).

---

<sup>49</sup> Não tivemos informação durante a entrevista.

Mesmo em localidades que existiram cursos de formação de professores, persistiu a existência dos professores leigos, como é o caso de Cuiabá, mesmo após todos os anos de funcionamento da Universidade Federal de Mato Grosso. (BOTH, 2014).

Como esse caso da mãe de nossa depoente, a Márcia Crosara, em muitos locais do país existiu essa situação em que pessoas ‘viravam’ professores, sem a mínima formação. Esses docentes não eram professores por escolha e, sim, por necessidade. Na tentativa de melhorar esse quadro existiram alguns cursos para capacitar esse professor. Esses cursos tinham por objetivo suprir as deficiências referentes aos aspectos pedagógicos e aos conteúdos específicos das disciplinas que iriam lecionar ou que já lecionavam (BARALDI; GAERTNER, 2013), dentre os quais, destaca-se o curso oferecido pela Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário – CADES<sup>50</sup>, criada em 14 de novembro de 1953, pelo decreto nº 34.638. No entanto, nas entrevistas de nossos colaboradores, não houve relato sobre esse movimento no Triângulo Mineiro.

Como já reportamos, depois que a depoente Márcia acabou o ginásio, ela foi para Belo Horizonte, cursar o científico em escola confessional e, na sequência, ingressou no curso de formação de professores de Matemática, na Universidade de Minas Gerais. No ano de 1957, ela terminou o curso e, com o diploma em mãos, voltou para Uberlândia.

Nessa época, final da década de 1950, ela relata que apenas a professora Yone Vicentini era portadora de “diploma em Matemática na cidade” (Excerto da narrativa da professora Márcia). Segundo Márcia, Yone chegou formada em Matemática, “um ano antes na cidade, antes de mim” (Excerto da narrativa da professora Márcia).

De acordo com a Márcia, a Yone formou-se na cidade de Campinas, mas não soube dizer qual era a faculdade, sabia apenas que foi um curso de formação de professores de Matemática. Por meio de Martins-Salandim (2012), que elaborou um estudo sobre os cursos de formação de professores de Matemática no Estado de São Paulo, entendemos que a professora Yone formou-se, nessa época, na Católica de Campinas, hoje, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Consuelo Maria Garcia de Freitas nasceu na década de 1940, em Uberlândia. Ela relata que sempre “estudei no Colégio Estadual de Uberlândia, hoje conhecido como Escola Estadual de Uberlândia, que eles chamam amavelmente de Museu, porque foi a primeira escola estadual da cidade. Estudei do jardim da infância ao terceiro científico”. (Excerto da narrativa da professora Consuelo).

---

<sup>50</sup> Para saber mais sobre a CADES, indicamos o trabalho de Baraldi (2003) e Baraldi e Gaertner (2013).

Sobre a formação dos seus professores, no Colégio Estadual de Uberlândia, ela diz: “tive como professores engenheiros, médicos e advogados. Eles eram pessoas ligadas à Educação, mas que não tinham formação de professor”. (Excerto da narrativa da professora Consuelo).

Sobre os professores específicos que lecionavam Matemática, ela lembra-se do professor Luís Rocha e Silva, que era engenheiro, do Leônidas de Castro, “era um excelente professor. Não lembro a formação dele, se era engenheiro, professor (formado em Matemática) ele não era”. (Excerto da narrativa da professora Consuelo). Além desses professores, ela menciona em sua narrativa, que existiam professores que eram contadores ou funcionários do Banco do Brasil, “onde trabalhavam o dia e à noite iam lecionar no Colégio” (Excerto da narrativa da professora Consuelo).

Um deles, que ela apontou, foi Dalton Cattani. Esse professor era funcionário do Banco do Brasil e formado no curso técnico de contabilidade, na cidade de Uberaba. Quando passou no concurso do banco, mudou-se para Uberlândia e, em seguida, começou a lecionar no Colégio. A professora Consuelo também apontou que antes desses professores, tinha o Eudócio Casassanta Pereira. Ele lecionava Matemática, mas era formado em Pedagogia, na cidade de Juiz de Fora, pelo Instituto Grandery.

Por meio da narrativa da professora Consuelo, na década de 1950, período que antecede à criação do primeiro curso de formação de professor, no Colégio Estadual de Uberlândia, que foi a primeira escola estadual de Uberlândia, há um predomínio de professores não habilitados lecionando Matemática.

De uma maneira geral, mas reforçando o que nossos depoentes narram, Gatti (2010), ao elaborar um estudo sobre o Ginásio de Uberlândia e toda a sua transição até se chamar Escola Estadual de Uberlândia, menciona que “os professores [...] possuíam uma cultura muito vasta e uma formação muito sólida. Eram profissionais liberais, médicos, advogados, farmacêuticos, pois, ainda não existiam cursos para formação de professores, no Triângulo Mineiro”. (GATTI, 2010, p. 204).

Como apontou a professora Márcia, no final da década de 1950, com formação específica em Matemática, apenas Yone e ela. Consuelo aponta que na década de 1960, vem para Uberlândia o professor Celso Correia de Castro, sendo esse formado em Matemática, na Universidade de São Paulo, em São Carlos, no interior do Estado de São Paulo.

Em 1965, a professora Consuelo muda-se para Belo Horizonte, onde foi cursar Matemática, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte. Ela aponta que

depois dos professores Yone, Márcia e Celso, ela, que se formou em 1968, foi a quarta professora com formação específica em Matemática na cidade de Uberlândia.

Na cidade de Uberaba, a professora Marilene Ribeiro Resende, que como já dissemos, cursou toda a sua educação básica em colégio católico, afirma que “tive bons professores de Matemática também, mas acredito que as Irmãs não eram licenciadas em Matemática”. (Excerto da narrativa da professora Marilene).

No entanto, quando estudamos o texto de Melo (2002), percebemos que a autora, ao mencionar qual era a formação das Irmãs Dominicanas, aponta que eram formadas na França, mas não dá indicativos de qual era e onde era essa formação, apenas que as Irmãs tinham uma formação superior e, com essa formação, podiam lecionar.

Já o professor Luiz Antônio, que nasceu na década de 1950, na cidade de Araguari, menciona que no tempo em que fez a educação básica, “não tive professor formado em Matemática. Quem lecionava Matemática eram os alunos do curso de Engenharia da Faculdade Federal de Engenharia<sup>51</sup> de Uberlândia”. Ele cita que um dos professores de Matemática que teve, “tinha apenas colegial”. No entanto, o professor Luiz Antônio aponta que até onde ele tem conhecimento, a partir da década de 1960, “o professor fazia o curso Normal”. (Excertos da narrativa do prof. Luiz Antônio).

A Escola Normal brasileira surge com o intuito de formar professores, no entanto, para atuarem no ensino primário. No Triângulo Mineiro, a primeira escola Normal foi criada em Uberaba, por meio da Lei Mineira nº. 2.783, de 1881. Essa escola destinou-se a preparar professores, de ambos os sexos, para o magistério primário. Ela foi fechada em 1905. (MARTINS, 2013).

No início, a escola Normal era frequentada em sua maioria por estudantes do sexo masculino. Por meio de incentivo de diversas leis e decretos estaduais que ressaltam as qualidades da mulher, com o passar do tempo, a escola Normal passa a ter em suas cadeiras um maior número de alunas. (RESENDE, 2006).

O Estado, alegando serem insuficientes as condições estruturais para manter as Escolas Normais públicas, permitiu que diversas Congregações Católicas abrissem em seus colégios a formação de normalistas, em todo o território nacional.

Isso aconteceu no Triângulo Mineiro, pois percebemos que nas escolas confessionais que destacamos acima, em todas elas, principalmente, nas que de certa forma foram apontadas

---

<sup>51</sup> A Faculdade de Engenharia de Uberlândia foi criada através da Lei nº 3.864-A, artigo 4º de 24 de janeiro de 1961, no final do mandato do Presidente Juscelino Kubitschek. (RIBEIRO, 1995).

pelos nossos depoentes, foram abertos os cursos para formação normalista. Então, além de oferecerem cursos de ensino primário e de ensino secundário, ofereciam também o magistério. (MARTINS, 2013).

Das nossas depoentes, a professora Semia Jorge cursou o Normal, no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, em Uberlândia, e a professora Marilene Resende, no Colégio Nossa Senhora das Dores, em Uberaba.

Sobre a formação de suas professoras no Normal, Marilene relata que “no curso normal tive uma professora de Matemática, que acredito que também não era licenciada em Matemática, mas em Pedagogia, porque teve uma época que o curso de Pedagogia habilitava os professores para darem aula de Matemática”. (Excerto da narrativa da professora Marilene).

Também entre os nossos depoentes, as professoras Maria Teresa Menezes Freitas e Maria Mirza Cury Diniz, cursaram o Normal, sendo a primeira, na Escola Estadual de Uberlândia e a segunda, no Instituto Marden. Já o professor Luiz Antônio fez o curso Normal na Escola Estadual de Araguari.

Luiz Antônio aponta que depois que “se terminava o ginásio, fazia-se o curso Normal”, e com isso, o normalista estava habilitado para lecionar até o ginásio, entretanto, como a falta de professores era muito grande, ou melhor, nas palavras do professor Luiz Antônio, “como não existia professor para o segundo grau, ele (o normalista) acabava ficando com essas aulas, inclusive, para lecionar Matemática” (Excertos da narrativa do prof. Luiz Antônio).

Sobre isso que o professor Luiz Antônio narra, precisamos levar em consideração o período a que ele está se referindo. Na época, a legislação educacional era a Lei 5.692, de 1971<sup>52</sup>. Essa Lei foi responsável por estruturar toda a organização escolar brasileira, como contraproposta à lei 4.024/61.

Por meio dessa Lei, para lecionar, era exigida a formação superior para quase todos os níveis de ensino. Não era necessária tal formação para lecionar nas séries iniciais do primeiro grau. No entanto, como o número de professores com formação específica ainda estava muito aquém da demanda, a Lei 5.692 de 1971 previa, em seu artigo 77,

---

<sup>52</sup> Aprovada em 11 de agosto de 1971, a Lei n. 5.692/71, modificou os ensinos primário e médio, alterando sua denominação respectivamente para primeiro grau e segundo grau. Dessa legislação emergiu uma nova estrutura: em lugar de um curso primário com a duração de quatro anos, seguido de um ensino médio subdividido verticalmente em um curso ginásial de quatro séries e um curso colegial de três, organizou-se um ensino de primeiro grau com a duração de oito anos e um ensino de segundo grau de três a quatro anos. Em lugar de um ensino médio subdividido horizontalmente em ramos, instituiu-se um curso de segundo grau unificado, de caráter profissionalizante, albergando, ao menos como possibilidade, um leque amplo de habilitações profissionais. (SAVIANI, 2005).

- a) no ensino de 1º grau, até a 8ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 4ª série de 2º grau;
- b) no ensino de 1º grau, até a 6ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 3ª série de 2º grau;
- c) no ensino de 2º grau, até a série final, os portadores de diploma relativo à licenciatura de 1º grau. (BRASIL, 1971, p.19).

O artigo aponta que, caso o número de professores em uma determinada região não fosse suficiente para atender às necessidades do ensino, após a aplicação dos critérios estabelecidos neste artigo, poderiam ainda lecionar:

- a) no ensino de 1º grau, até a 6ª série, candidatos que hajam concluído a 8ª série e venham a ser preparados em cursos intensivos;
- b) no ensino de 1º grau, até a 5ª série, candidatos habilitados em exames de capacitação regulados, nos vários sistemas, pelos respectivos Conselhos de Educação;
- c) nas demais séries do ensino de 1º grau e no de 2º grau, candidatos habilitados em exames de suficiência regulados pelo Conselho Federal de Educação e realizados em instituições oficiais de ensino superior indicados pelo mesmo Conselho. (BRASIL, 1971, p.19).

Quando o professor Luiz Antônio narra que um professor poderia lecionar em um nível além de sua formação, a LDB de 1971 dá todo amparo para isso. No entanto, percebemos que ainda que a lei propusesse a obrigatoriedade de formação superior para lecionar, essa obrigação estava muito longe de ser realmente cumprida. Temos que levar em consideração que isso que vem à tona, a partir da narrativa do professor Luiz Antônio, não é algo particular do Triângulo Mineiro, pelos trabalhos desenvolvidos no projeto do Mapeamento, isso ocorreu com muita frequência em outros locais. Como exemplo, citamos o caso do Rio Grande do Norte (MORAIS, 2017). Em sua pesquisa, Marcelo Moraes teve a intenção de compreender como se deu a formação dos professores que ensinavam matemática no estado do Rio Grande do Norte, nas séries que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio, incluindo, aspectos antes e durante o período de criação dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores em Matemática neste estado.

De todo esse cenário que discutimos, ele nos mostra que o perfil do professor que lecionava antes da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática), no Triângulo Mineiro, era muito precário. A partir de nosso estudo, pudemos identificar, nessa região, que apenas em Uberlândia existiam pouquíssimos professores com formação em Matemática, com predominância de pessoas sem formação específica lecionando Matemática.

Sobre isso, a Lei 5.692 de 1971 previa, em seu artigo 78,

Quando a oferta de professores licenciados não bastar para atender às necessidades do ensino, os profissionais diplomados em outros cursos de nível superior poderão ser registrados no Ministério da Educação e Cultura, mediante complementação de seus estudos, na mesma área ou em áreas afins, onde se inclua a formação pedagógica, observados os critérios estabelecidos pelo Conselho Federal de Educação. (BRASIL, 1971, p.20).

Nesse caso, como citam nossos depoentes, os profissionais - como médicos, farmacêuticos, contadores, entre outros - atuavam como professores de Matemática. Na prática, pela falta de onde buscar essa formação pedagógica, atuavam sem esse critério estabelecido pela Lei.

Voltamos a frisar que tal panorama tem sido percebido em outras pesquisas que estão vinculadas ao projeto do mapeamento, realizadas no Ghoem, em que é deflagrada a precariedade de formação do professor para lecionar Matemática, em diferentes regiões do Brasil, como já citamos, no Rio Grande no Norte (MORAIS, 2017), no Tocantins (CURY, 2011), Mato Grosso (BOTH, 2014) e Mato Grosso do Sul (SILVA, 2015), isso para citar algumas.

No Triângulo Mineiro, destacamos a importância dos colégios confessionais para a educação primária de meninos e meninas e seus desdobramentos para a formação de professores, por meio do curso Normal, no nosso entender, sendo essas escolas as responsáveis ou muitas vezes, os únicos locais para o preparo do professor, na região, antes da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática).

#### 3.4 Da criação ao fechamento - uma história da constituição do ensino superior e os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática)

A partir das entrevistas de nossos colaboradores, notamos que, além da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática), há uma constituição do ensino superior na região. As razões para o surgimento do ensino superior no Triângulo Mineiro foram os interesses das elites locais, que queriam manter seus filhos na região, e para suprir a carência que existia de profissionais com uma maior formação cultural e intelectual. Corroborando essas afirmações, temos os estudos de Brito (2011), Riccioppo Filho (2007), Silva e Quillici Neto (2011) e Naves e Rios (1988).



Antes desse movimento, segundo Caetano e Dib (1988), quem quisesse estudar em uma instituição de ensino superior era obrigado a se locomover para os grandes centros, tais como Belo Horizonte, São Paulo ou Rio de Janeiro.

Nesse cenário se enquadraram alguns de nossos depoentes, que no final da década de 1950 e início da década de 1960, buscaram formação em nível superior em outros locais. Foram os casos da Márcia Augusta Crosara e da Consuelo Maria Garcia de Freitas, que estudaram na capital de Minas Gerais, e do professor Julmar de Oliveira Diniz, na cidade de São Paulo. Outros depoentes, que se formaram a partir da década de 1970, já encontraram no Triângulo Mineiro os primeiros cursos de nível superior.

As entrevistas nos davam indícios que as cidades de Uberaba, Uberlândia, Ituiutaba e Araguari foram onde ocorreram os primeiros movimentos de criação do ensino superior no Triângulo Mineiro. Isso nos impulsionou a, além de buscar entendimentos sobre as instituições que abrigaram os cursos de formação de professores (de Matemática), entender os movimentos de criação do ensino superior na região, que ocorreu em paralelo (em muitos casos ao mesmo tempo) com a criação e o funcionamento das instituições que abrigaram os cursos onde formava o professor para lecionar Matemática.

Na cidade de Uberaba, de acordo com Oliveira e Gatti Jr. (2004), o ensino superior teve início em 1894, com a implantação do instituto Zootécnico, destinado à formação de engenheiros agrônomos. Segundo esses autores, apesar de ter prestado bons serviços à população uberabense, foi fechado quatro anos depois devido à contenção de despesas do governo mineiro e também por divergências políticas.

Posteriormente, identificamos em Paula (2007) que, apenas na década de 1940, por intermédio dos padres Juvenal Arduini e Armênio Cruz, apoiados pelo Arcebispo Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, membros da Igreja Católica, e de um grupo de intelectuais, foi criado o Instituto Superior de Cultura, cujo objetivo era formar professores.

Riccioppo Filho (2007) nos assevera que, anos depois, essa instituição foi a que impulsionou a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, uma instituição que foi criada para formar professores. Esse autor afirma que a abertura dessa instituição se deu devido ao empenho das Irmãs Dominicanas. Em 17 de dezembro de 1948, teve seu funcionamento autorizado, por meio do Decreto 26.044, com os seguintes cursos: Filosofia, Pedagogia, Geografia, História e Letras.

A professora Sandra Bulhões nos cedeu uma foto (Figura 23) referente ao registro da fundação dessa Faculdade em 1949. Notamos, nessa figura, uma grande presença de membros

da Igreja Católica com outras pessoas da sociedade na inauguração da instituição. Sandra nos relata que nesse dia havia membros da Congregação das Irmãs Dominicanas e dos Irmãos Maristas. De acordo com Dalcin (2012), era comum o apoio entre as Congregações Católicas em grandes eventos, principalmente esse, que foi a abertura de uma instituição de ensino superior para formar professores.

**Figura 23 – Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino**



Fonte: Acervo pessoal da professora Sandra Bulhões Cecílio

A professora Marilene Ribeiro nos narra que, no início, sem prédio próprio para a Faculdade funcionar, as aulas aconteciam no Colégio Diocesano, com os irmãos Maristas e no Colégio Nossa Senhora das Dores, com as Irmãs Dominicanas. Essa ajuda entre as Congregações foi até quando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino passou a funcionar em um prédio próprio, em 1961. Como vimos anteriormente, por meio de relatos de nossos colaboradores e algumas figuras, esses colégios ofereciam uma ótima infraestrutura física (Figura 24).

**Figura 24 - Fachada da sede própria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (1961)**



Fonte: Museu das Irmãs Dominicanas.

Segundo os depoimentos das professoras Sandra Bulhões e Marilene, a sede própria era um espaço mais afastado do centro da cidade, porém, como já dissemos, com toda uma infraestrutura necessária para o funcionamento dos cursos. Já o colégio das Irmãs não funcionava no mesmo local, e “era mais bem localizado, próximo ao centro da cidade”. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

Em nossas buscas, localizamos o decreto nº 50.163 de 1961, emitido pelo presidente Juscelino Kubitschek. Esse documento nos garante que, no mesmo ano em que a Faculdade passou a ter um local próprio, ocorreu o reconhecimento do curso de Matemática, em Uberaba, sendo o primeiro do Triângulo Mineiro. Contudo, a professora Marilene nos narrou que foi da primeira turma e iniciou em 1970. Questionamos a professora Marilene sobre esse acontecimento e ela enfatizou o seguinte:

Fui da primeira turma do curso em 1970, mas não sei se houve muito anteriormente, alguma outra turma ou curso em Uberaba que formava o professor para lecionar Matemática. Pode ser que tenha existido. Mas, desse movimento, fui da primeira turma. Lembro-me que estava me preparando para prestar vestibular para o curso de Letras quando as minhas colegas souberam que iria abrir o curso de Matemática. Falei: “Ah, não! Então, vou fazer o curso de Matemática”. [...] Então, falei “Vou fazer Matemática”. Fui da primeira

turma desse curso e muitos professores que atuavam em Uberaba como professores de Matemática foram meus colegas nesse curso. Porque eles também não eram licenciados, mas atuavam há muitos anos como professores. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

Diante disso, a professora Marilene procurou alguns esclarecimentos sobre essa dúvida, através de colegas da época que também foram estudantes na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino e que hoje lecionam na mesma instituição. Essas colegas eram Sueli Teresinha de Abreu Bernardes, formada em Filosofia em 1964, e Sálua Cecílio, formada em Pedagogia, em 1971. Ambas foram estudantes desses cursos nessa Instituição.

Nessa rápida reunião que fizeram, na qual o pesquisador esteve presente, elas ratificaram que o curso de formação de professores de Matemática começou a funcionar, na Faculdade das Irmãs Dominicanas, apenas em 1970, ainda que sua autorização tenha sido dada em uma data anterior e, apesar da grande carência de professores de Matemática que existia na região, não houve o oferecimento de uma turma antes da data apontada por nossa depoente. Posteriormente, localizamos atas de reuniões<sup>53</sup> da instituição dizendo que o curso começou a funcionar apenas em 1970.

Dos nossos depoentes, que trouxeram em suas narrativas referências sobre o curso de Matemática em Uberaba, a Marilene formou-se em 1973; o Irineu de Paula Leão foi aluno do curso, sendo integrante da quarta turma e formado em 1975; e a Sandra Bulhões foi estudante da quinta turma e formou-se em 1976.

Sandra narra que em 1974, ano em que ingressou no curso para estudar Matemática, ocorreram as primeiras mudanças curriculares<sup>54</sup> no curso, tendo a redução de quatro para três anos, sendo essa, de acordo com nossa depoente, a alteração mais significativa, à época. Sobre isso, ela disse que

A minha turma foi a última antes de ocorrerem as mudanças para o curso de Ciências. Esse meu curso foi condensado em três anos, iniciei em 1974 e formei-me em 1976. Os cursos anteriores ao meu foram de quatro anos. Isso aconteceu justamente para que as Instituições de ensino superior pudessem adaptar-se para o curso de Ciências, que passou a ser de dois anos e meio. Nesse novo perfil, para ter a habilitação em Matemática, teríamos que cursar mais um ano e meio de disciplinas específicas da área de Matemática. Para mim, foi um achado porque se tivesse sido Ciências, talvez não teria feito a habilitação em Matemática. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

<sup>53</sup> É importante dizer que não pudemos tirar xerox, muito menos fotos dessa ata. Segundo o responsável do setor, isso pode danificar o documento que é entendido como histórico.

<sup>54</sup> Trata-se da Resolução 30/74 do Conselho Federal de Educação, que estabelece um novo formato para a formação de professores, por meio das licenciaturas curtas em Ciências. Esse assunto será discutido mais à frente por nós; por ora, podemos indicar os trabalhos de Silva (2015), Morais (2017) e Silva e Garnica (2018)

No ano em que a professora Sandra Bulhões se formou, a instituição mudou de nome. De acordo com nossa depoente Marilene, “com a integração de alguns cursos, como Jornalismo, a Faculdade mudou de nome e passou a se chamar Faculdades Integradas São Tomás de Aquino, sendo essa instituição mais conhecida, entre todos, por FISTA, isso foi em 1976”. (Excerto da narrativa da profa. Marilene). Na ocasião em que houve essa mudança, o curso de formação de professores (de Matemática) já funcionava no esquema de licenciatura curta.

Em paralelo a esse movimento, por serem de Uberaba, as professoras Sandra e Marilene apontam que na cidade existiram outras instituições de ensino superior, que de certa forma concorriam com os cursos oferecidos na instituição onde se formaram e iniciaram suas carreiras como docentes nesse nível de ensino.

Identificamos que houve a criação de um conjunto de faculdades que era, segundo as nossas depoentes, composto por faculdades isoladas. No ano de 1947, houve a autorização do funcionamento da Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro. Posteriormente, mais outros cursos em novas Faculdades foram implantados, como a Faculdade de Direito do Triângulo Mineiro, em 1951, a Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro, em 1956 e, a Faculdade de Economia do Triângulo Mineiro, em 1966. (PAULA, 2007; RICCIOPPO FILHO, 2007).

Em Uberaba, tínhamos um conjunto de faculdades isoladas, que eram: a Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro, a Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro e a Faculdade de Direito, essas faculdades existem há mais de cinquenta anos em Uberaba, todas foram criadas pelo professor Mário Palmério<sup>55</sup> e ligadas à mesma mantenedora, que era a Sociedade Educacional Uberabense (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

Na década de 1970, estabeleceu-se a integração das faculdades isoladas. Surgiram assim, em 1972, as Faculdade Integradas de Uberaba, a FIUBE. A mudança possibilitou que se

---

<sup>55</sup> O professor Mario Palmério realizou seus estudos secundários no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis, de Araguari. Lecionou Matemática em diversas escolas na cidade de São Paulo, e chegou a matricular-se em Matemática na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 1939, mas não terminou o curso, voltando para Uberaba em 1940, ano em que se casou. Na década de 1940, criou um pequeno colégio. Depois uma escola de comércio. Com empréstimo na Caixa Econômica Federal, deu início às obras da sede própria da escola que ficou pronta em 1945. Nas décadas de 1940 e 1950, criou a Faculdade de Odontologia, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola de Engenharia. Foi o responsável pela criação das Faculdades Integradas de Uberaba na década de 1970 que mais tarde incorporaram as Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, outra importante instituição de Ensino Superior em Uberaba. Posteriormente, em 1988, criou a Universidade de Uberaba. Também se destacou em outros setores, como na política, sendo deputado federal, diplomata, escritor e compositor (Fonte:< [https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem\\_foi/bio01.php](https://www.uniube.br/mariopalmerio/quem_foi/bio01.php) >. Acessado em 19/12/2017).

criassem, em 1973, os cursos de Educação Física, Psicologia, Pedagogia, Estudos Sociais e Comunicação Social.

Nossas colaboradoras nos alertam que, no final da década de 1970, a instituição mantida pelas Irmãs Dominicanas passava por graves problemas financeiros. Isso se deu devido “à inadimplência, ao grande número de bolsistas e à própria concorrência”. (PAULA, 2007, p. 47).

Riccioppo Filho (2007) aponta que em uma Assembleia Extraordinária realizada em 1981, decidiu-se pelo fim da instituição e, nesse mesmo ano, a FISTA foi encampada pela FIUBE.

Com a medida, a FIUBE incorporou os cursos de Letras, Filosofia, História, Geografia, Estudos Sociais, Ciências (Química, Matemática e Biologia), Pedagogia (Supervisão Escolar, Orientação Educacional, Administração Escolar) e a habilitação em Jornalismo do curso de Comunicação Social (PAULA, 2007, p. 49).

A partir dessa trajetória, o curso de formação de professores (de Matemática) passou por mais essa mudança institucional. À época, segundo a professora Marilene, o curso “ainda estava no esquema de licenciatura curta e licenciatura plena, depois, mudou para a licenciatura plena”. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

O curso passou, posteriormente, segundo nossas depoentes, pelo momento mais delicado da sua existência quando, em 1988, a FIUBE passou a ser universidade, chamada de Universidade de Uberaba<sup>56</sup> (UNIUBE). Sobre isso, a professora Marilene aponta que todos os cursos da UNIUBE, inclusive o de formação de professores (de Matemática) foram interrompidos, não havendo oferta. O motivo foi o movimento grevista que ocorreu durante a transição da instituição para se tornar universidade.

(...) houve um grande inconformismo por parte de vários professores que acabaram saindo da Universidade. Esse movimento foi na gestão do Doutor Marcelo<sup>57</sup>, poucos anos depois da criação da Universidade. Seu pai, o professor Mário, estava fora de Uberaba. Ele estava escrevendo as suas obras e morava no Amazonas e de repente resolveu voltar. Ele assumiu a Universidade e com o seu estilo em administrar houve esse movimento grevista, com o afastamento de vários professores. Inclusive, eu saí nessa época. Não me demiti, mas pedi para me afastar. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

<sup>56</sup> Esse é o nome da Instituição até os dias atuais.

<sup>57</sup> Marcelo Palmério, filho de Mário Palmério, Reitor da Universidade de Uberaba. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Triângulo Mineiro. (Fonte: < <http://uniube.br/> >. Acessado em 20/04/2018).

Aos poucos, os diferentes cursos que existiam na UNIUBE voltaram a funcionar, com exceção o de formação de professores (de Matemática), que ficou parado por mais tempo, voltando a funcionar apenas em 1996. De acordo com a professora Marilene, quando ele voltou a funcionar, era uma “Licenciatura plena em Matemática”. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

Nossas depoentes ressaltam que o curso ainda resistiu por mais alguns anos e deixou de funcionar em 2008. Perguntamos a elas por que o curso deixou de existir, e a interpretação que tivemos, a partir das narrativas de nossas colaboradoras, foi que, em Uberaba, houve uma explosão de novos cursos em outras instituições de ensino superior, que se instalaram na cidade. Também entendemos que a própria concorrência interna UNIUBE, por meio da abertura de novos cursos, favoreceu a pouca procura por esse curso.

Segundo Marilene, muitos desses novos cursos, que abriram tanto na UNIUBE e em outras instituições, eram na modalidade de Educação a Distância e oferecidos por mensalidades mais baixas. Dessa maneira, a professora Marilene afirma que esse foi um dos fatores preponderantes que fez com que o curso de Matemática deixasse de existir. Ela aponta que “ele (o curso de formação de professores de Matemática) deixou de existir um ano depois que o curso a distância de (formação de professores em) Matemática foi criado. Isso foi em 2008”. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

Na cidade de Uberlândia, a partir das narrativas de nossos interlocutores, identificamos a existência de três cursos que formavam o professor para lecionar Matemática, sendo dois deles em uma mesma instituição. Ainda por meio das narrativas, foi possível considerar a existência de um movimento de criação do ensino superior nessa cidade. Percebemos que da mesma forma que ocorreu em Uberaba, o ensino superior em Uberlândia nasceu a partir da criação de faculdades isoladas. Segundo Gomes e Sousa Netto (2003, p.17), o surgimento dessas faculdades foi parte integrante “de um projeto desenvolvimentista da classe dominante local, composta por pequenos grupos detentores de grande poder político e econômico na cidade”.

Em 1957, foi criado o Conservatório Musical de Uberlândia, como também o curso isolado de Educação Artística e Música. À época, havia na cidade a ideia de fundar uma Faculdade de Filosofia, “vinda do desejo de um grupo de intelectuais, que se preocupava com o nível educacional e cultural da cidade”. (GOMES; SOUSA NETTO, 2003, p. 17).

Segundo Ribeiro (1995), por meio de representantes desse grupo, foram realizados os primeiros contatos com as Irmãs da Congregação Missionárias de Jesus Crucificado, que

dirigiam o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, sobre a necessidade de um curso de nível superior na cidade. Depois disso, as Irmãs realizaram uma reunião com o bispo responsável da região ao qual eram submetidas e, ao receberem um sinal positivo por parte de seu superior, assumiram a responsabilidade da criação de uma Faculdade de Filosofia e logo trataram da organização dos papéis necessários à abertura da instituição. (GAROTTI, 1985).

No final de 1959, por intermédio de expedientes políticos, como o contato com o deputado federal Rondon Pacheco<sup>58</sup>, as Irmãs conseguiram consolidar a criação da “primeira faculdade isolada de Uberlândia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia” (FAFIU). (GAROTTI, 1985, p. 10).

A FAFIU foi autorizada a funcionar em fevereiro de 1960, por meio do Decreto nº 47.736, e foram abertos os cursos de Pedagogia e de Letras. A primeira instituição de ensino superior de Uberlândia iniciou suas atividades no mesmo local onde existia o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, sendo que os cursos da faculdade ocorriam no noturno. Uma foto da fachada desse colégio foi apresentada na Figura 19.

Na figura 25, segundo Maria Teresa, temos o pátio interno onde funcionava a faculdade, quando inaugurada na década de 1960. Nossa depoente nos relata sobre a boa estrutura física que tinha a instituição, à época, para o funcionamento dos cursos de ensino superior. Ela ainda salienta que do lado esquerdo dessa figura, ficavam as salas de aula, laboratórios e os auditórios, e do seu lado direito, como percebemos facilmente pela figura, a capela das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.

---

<sup>58</sup> Nasceu em de 1919 em Uberlândia, onde mais tarde iniciou o curso de Direito, mas foi concluí-lo na capital do estado, Belo Horizonte, advogou e iniciou a carreira pública. Começou a vida política ainda estudante da Faculdade de Direito da UMG, hoje UFMG, quando, em 1942, foi Presidente do CAAP - Centro Acadêmico Afonso Pena - uma das mais tradicionais entidades estudantis do Brasil e a mais antiga de Minas Gerais. Entre outros cargos na política, foi Deputado Federal em 1950, foi reeleito sucessivamente e permaneceu no congresso até 1967, quando foi para a casa civil, sendo o chefe do Gabinete Civil do presidente Costa e Silva e, depois Governador do estado de Minas Gerais, entre 15 de março de 1971 e 15 de março de 1975. Depois se elegeu deputado federal em 1982. Em 14 de agosto de 1969, pelo decreto lei 762, criou a Universidade de Uberlândia (UnU), posteriormente Universidade Federal de Uberlândia (UFU), isso quando foi ministro-chefe da casa civil. Faleceu em 2016, aos 96 anos, em sua cidade natal. (Fonte: < <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/conheca-trajetoria-do-uberlandense-rondon-pacheco/> >. Acessado em 10/07/2016).



**Figura 25 - Pátio interno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia**



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Maria Teresa Meneses Freitas.

Segundo Garotti (1985), em 1959 foi homologado pelo Ministro da Educação, à época era Clovis Salgado, o parecer do Conselho Nacional de Educação, aprovando o funcionamento da FAFIU e, em 1960, foi autorizada a funcionar pelo decreto nº 47.736, de 2 de fevereiro de 1960, que foi assinado pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek.

Pelos depoimentos dos nossos interlocutores Márcia, Consuelo, Maria Teresa, Semia e Fernando, compreendemos que na FAFIU existiram dois cursos de nível superior que formavam o professor para lecionar Matemática, com criação e funcionamento distintos. O primeiro deles foi uma Licenciatura em Matemática que teve início em 1968 e o segundo, uma Licenciatura em Ciências, tendo suas atividades iniciadas em 1970.

Iniciaremos narrando sobre a criação do curso de Licenciatura em Matemática. Lembramos que, pelo fato do pesquisador ser docente da UFU, isso ajudou a termos acesso a alguns documentos antes das entrevistas, que apontavam o início do curso em 1968. No entanto, a partir das entrevistas, nossos colaboradores narram que houve uma tentativa de início em 1967<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> Nesse momento, entendemos que precisamos abrir um parêntese em nossa narrativa sobre essa localidade e destacarmos esse acontecimento durante nossas entrevistas iniciais. Pois isso, nos faz remeter a importância do uso da História Oral em nossa investigação. Por meio dela, identificamos nesse momento que informações dadas

Maria Teresa aponta que houve uma tentativa de início do curso em 1967, quando ocorreu o seu primeiro vestibular, mas uma única aluna foi aprovada, por isso o curso não foi aberto naquele ano.

Naquela época, você tinha que fazer 70 pontos para entrar, em todas as disciplinas que estavam sendo avaliadas, não importava se o número de vagas estava preenchendo ou não. Minha irmã [Raquel Menezes] prestou o primeiro vestibular de Matemática [em 1967], passou, foi a única aprovada e o curso não aconteceu. Ela ficou um ano esperando que tivesse outro vestibular para realmente entrar e cursar. (Excerto da narrativa da profa. Maria Teresa).

O professor Fernando Antônio de Freitas foi um dos candidatos que tentou ingressar no curso de Matemática em 1967 e nos narra que

[...] fui fazer o vestibular em Uberlândia, naquela época a prova era oral e escrita. Na prova escrita fui muito bem, já na prova oral fui péssimo. Éramos mais ou menos uns doze candidatos somente para iniciar o curso superior em Matemática em Uberlândia. Apenas uma candidata foi aprovada. Ela foi aprovada porque realmente era excelente, o nome dela era Raquel Menezes. Nesse vestibular, ela foi a única aprovada. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

Por essas narrativas de nossos depoentes, fica claro o motivo do curso não iniciar em 1967: falta de alunos. Lembrando que a FAFIU era uma faculdade particular e para funcionar, como qualquer outra faculdade, precisa de uma certa quantidade de estudantes pagantes.

No ano seguinte, com o ingresso de um número maior de estudantes pelo vestibular, iniciou-se a primeira turma do curso de formação de professores de Matemática, em Uberlândia. Em fevereiro de 1968, o Decreto Federal nº 62.293 autorizou o funcionamento desse curso na FAFIU.

Não podemos deixar de observar que, da mesma forma como aconteceu em Uberaba, na cidade de Uberlândia, a criação do curso para o professor lecionar Matemática, foi em uma Faculdade mantida por uma Congregação Católica.

Como essas faculdades tiveram como base os colégios confessionais católicos, como destacado anteriormente, elas ofereciam uma ótima estrutura física e professores com uma certa

---

oralmente pelos nossos colaboradores nos “permitem apreender aspectos ausentes da documentação usual e classicamente mobilizada nas pesquisas em História da Educação e em História da Educação Matemática” (SILVA; GARNICA, 2018, p. 294). Temos que salientar que isso aconteceu a partir das entrevistas do Fernando, Maria Teresa e Consuelo.

formação em nível superior<sup>60</sup>. Apenas para complementar, lembramos que, em Uberaba, tínhamos a presença das Irmãs Dominicanas e, em Uberlândia, as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.

Pelo que nós estudamos até agora, na década de 1960, se destacava entre as Congregações Católicas o lado humanista, por meio do trabalho assistencial que desenvolviam em paralelo ao trabalho que era feito nos colégios confessionais. No entanto, não temos como mensurar o quanto isso pode ter influenciado a formação dos professores de Matemática, embora nas narrativas de nossos depoentes percebemos que havia um grande compromisso com a formação de professores.

Antes de narrarmos sobre a criação do curso de Licenciatura em Ciências, que foi em 1970, discutiremos sobre o movimento de criação de outras faculdades isoladas em Uberlândia.

Nesse sentido, Ribeiro (1995) aponta que no ano de criação da FAFIU, foi fundada a Faculdade de Direito, com o curso de Direito. Em 1961, foi a vez da Faculdade de Engenharia, tendo os cursos de Engenharia Química e Mecânica, que começaram a funcionar em 1965. No ano de 1963, foi criada a Faculdade de Ciências Econômicas, com os cursos de Ciências Contábeis, Administração e Ciências Econômicas. Em 1968, foi a Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, tendo o curso de Medicina. No ano de 1969, o Conservatório Musical de Uberlândia torna-se a Faculdade de Artes de Uberlândia.

Segundo o professor Fernando, a partir do agrupamento dessas faculdades isoladas, foi criada a primeira Universidade em Uberlândia. Entretanto, isso só foi possível depois que o Conservatório Musical de Uberlândia, onde mantinha um curso isolado de Artes, tornou-se uma faculdade isolada ao instituir a Faculdade de Artes de Uberlândia.

Com a criação da Faculdade de Artes e das outras quatro instituições de ensino superior de Uberlândia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia; Faculdade de Direito de Uberlândia; Faculdade de Ciências Econômicas de Uberlândia e Faculdade de Engenharia de Uberlândia – foram cumpridos os critérios aprovados na Lei 4024 de 1961, na qual se previa que as universidades só se constituiriam pela unificação de cinco ou mais instituições de ensino superior, sendo possível, assim, a criação de uma universidade. Dessa maneira, amparados pela Lei e através do Decreto Lei 762, de agosto de 1969, foi autorizado o funcionamento da Universidade de Uberlândia (UnU), uma instituição particular.

---

<sup>60</sup> Sobre essa formação discutiremos mais à frente, uma vez que já procuramos discutir como era a formação dos professores antes da criação dos cursos de ensino superior no Triângulo. Cabe a nós entendermos até que ponto, aquela formação influenciou ou ajudou no início dos cursos de ensino superior.

No entanto, é importante observarmos que o período que antecede à criação da UnU, o Brasil vivia em um contexto de grande tensão e mobilização, principalmente a partir da renúncia do Presidente Jânio Quadros e da posse de João Goulart. O conflito entre as forças tradicionais acabou culminando com o golpe militar de 1964. (MENDES, 1999).

Quando a UnU foi criada, o país estava em pleno governo militar (1964-1985). Uma das estratégias desse governo, para controlar a população e impedir o surgimento de ideias contrárias ao regime, foi a criação de Atos Institucionais. Em que consistiam esses Atos Institucionais? Quais foram seus impactos para o ensino superior em Uberlândia?

Segundo Prado (2018), os Atos Institucionais foram um conjunto de leis que não necessitavam da aprovação do Congresso Nacional para entrar em vigor. Por meio desses Atos, retirava-se os direitos dos cidadãos e concentrava-os nas mãos dos governantes. Vários políticos perderam seus mandatos, muitos profissionais perderam seus empregos e o Congresso Nacional foi fechado, ainda essa autora aponta que os direitos fundamentais do cidadão foram suspensos e qualquer um podia ser preso.

No entanto, foi por meio de um Ato Institucional que ocorreram sensíveis mudanças na educação superior em Uberlândia. Segundo Gomes e Sousa Netto (2003, p. 22), apontam que a criação da UnU ocorreu de uma maneira bastante diversa: por meio do decreto Lei nº 762, “baseado num Ato de exceção do governo militar, o Ato Institucional 5 (AI-5), em parte graças à atuação política de Rondon Pacheco, já nesta época Ministro Chefe da Casa Civil, no governo do Presidente Costa e Silva<sup>61</sup>”.

O AI-5 foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro. Entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do então presidente Artur Costa e Silva. O AI-5,

Autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus. (NAKAMURA, 2017, p. 73).

---

<sup>61</sup> Arthur da Costa e Silva assumiu de modo indireto a presidência do Brasil aos 65 anos de idade. O segundo presidente militar tentou, no início, abrir canais de interlocução entre vários setores da sociedade e procurou desanuviar o ambiente político com promessas de diálogo e maior tolerância. Contudo, em seu governo foi intensificada a repressão, caracterizando a fase mais dura e brutal do regime militar. Seu sucessor foi o também militar Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). (MOTTA, 2014).

Nesse contexto, foi criada a UnU, sem passar no Congresso Nacional, sem ouvir o Conselho Federal de Educação, sancionada pela junta militar com base no AI-5. (MACHADO, 2003).

Gomes e Sousa Netto (2003) apontam ainda um outro fator que impulsionou a constituição da UnU, que, para esses autores, foi a aprovação da Lei nº 5.540, de 1968. Essa Lei revogava o capítulo da 1ª LDB (Lei 4.024/61), que tratava do ensino superior, e ficou conhecida como Reforma Universitária.

Segundo Mendes (1999), a Reforma Universitária representa um marco importante na história das instituições de ensino superior no Brasil. Por meio dela, acabou se efetivando e implementando mudanças como: a institucionalização da departamentação das Universidades; a extinção da cátedra; a criação de órgãos centrais de supervisão de ensino e pesquisa; a adoção do regime de tempo integral; a coordenação das atividades de ensino através de colegiados de cursos; o vestibular unificado; a implementação da matrícula por disciplina e do sistema de créditos; a flexibilidade curricular, através da introdução de disciplinas eletivas e optativas; e o período letivo semestral. Além disso, a implementação da pós-graduação na Universidade brasileira foi considerada condição básica para transformá-la em centro criador de ciências, de cultura e de novas técnicas<sup>62</sup>.

Na FAFIU foram criadas outras licenciaturas, entre elas, Ciências (1970), Geografia (1971), Estudos Sociais (1972), Química (1974) e Psicologia (1975). O curso de Licenciatura em Ciências foi o segundo curso em Uberlândia, “ele formava professor de Matemática para lecionar no 1º grau” (Excerto da narrativa da profa. Consuelo), tratava-se de uma licenciatura curta em Matemática.

Nossa depoente, a professora Semia Jorge, nos contou que estava programado para ser uma Licenciatura em Matemática, mas houve mudanças no planejamento das Irmãs e, com isso, o curso criado acabou sendo uma Licenciatura em Ciências. Sobre esse episódio, ela nos diz que

quando apresentaram esse curso para nós, disseram que seria de licenciatura plena apenas nessa área. Porque jamais entraria numa Faculdade para fazer algo que não fosse pleno. No final do primeiro ano, nos avisaram que agora

---

<sup>62</sup> Nesse aspecto (a departamentação das Universidades) estavam envolvidos os técnicos da USAID (United States Agency for International Development). Segundo Morais (2017) eles pretendiam criar uma mentalidade empresarial dentro das instituições de ensino superior. Essa reforma contou com a ajuda desses técnicos norte-americanos, por meio, também, dos acordos MECUSAID. Para maiores informações sobre a Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID, indicamos os estudos de Silva (2015), Martins-Salandim (2012) e Saviani (1996).

teríamos habilitação em Matemática, junto com a de Ciências, mas tudo seria licenciatura curta. (Excerto da narrativa da profa. Semia).

Apesar da reclamação da professora Semia Jorge e das colegas de turma, ela salienta que esse curso “foi necessário e bem-vindo porque formou muitos profissionais dessas áreas. Acho que fez com que crescêssemos nessas áreas, porque não tínhamos outra oportunidade em fazer isso”. Lembra com saudades dessa época, pois da “minha família, foram cinco pessoas que cursaram esse primeiro curso de Ciências. Todas fizemos juntas!” (Excertos da narrativa da profa. Semia).

Semia Jorge nos apresenta por meio da figura 26, um episódio familiar: o registro dela e de suas primas quando ingressaram no vestibular, “da primeira turma do curso de Ciências da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia”. (Excerto da narrativa da profa. Semia).

**Figura 26 – Calouras do Primeiro vestibular do curso de Ciências da FAFIU (1969)<sup>63</sup>**



Fonte: Acervo pessoal da professora Semia Jorge.

Segundo Mendes (1999), quando a FAFIU foi incorporada à UnU, ela foi reestruturada e, somente no ano de 1972, foi incorporada ao curso de Licenciatura Plena em Ciências

<sup>63</sup> Da esquerda para a direita: Laila Esber; Semia Jorge; Nádia Jraige; Liliâne Andrans e Lecy Crosara

Biológicas. A partir de 1973, foi aberto o curso de Licenciatura em Ciências, agora, com novas habilitações: Biologia, Matemática ou Química. Nesse formato, esse curso formava em dois anos e meio o professor de Ciências e em quatro anos, o professor de Biologia, ou de Matemática ou de Química, isso dependia da habilitação que o professor resolvesse seguir, nessa proposta, o professor podia lecionar até o 2º grau.

Com o passar do tempo, novas instituições de ensino superior surgiram em Uberlândia, entre elas, a Faculdade de Odontologia, em 1970, a Faculdade de Medicina Veterinária em 1971 e a Faculdade de Educação Física, em 1972. Segundo Gomes e Sousa Netto (2003), essas três Faculdades passaram a integrar a UnU, em 1972 e a Escola de Medicina e Cirurgia passou a integrá-la a partir de seu reconhecimento, em 1974.

No ano de 1974, o curso de Licenciatura em Matemática, com a vigência da Resolução 30/74, passou a ser denominado curso de Ciências, com habilitação em Matemática. (MENDES, 1999).

Durante nossos estudos, um aspecto nos chama a atenção. Apesar da criação da UnU, a estrutura organizacional e pedagógica vivenciada, tanto pelos cursos nas Faculdades isoladas quanto na UnU, foi a mesma. Em outras palavras, as Faculdades da UnU continuavam funcionando isoladamente, com vestibular, reitorias e órgãos de decisão autônomos. (GAROTTI, 1985). Ou seja, os cursos nos quais o professor se formava para lecionar Matemática ainda continuavam sendo administrados pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.

No ano de 1977, com a doação de locais para o desenvolvimento da Universidade por parte da elite uberlandense, foram criados os campi Santa Mônica e Umuarama. Assim, a FAFIU instalou-se nesses dois lugares, pois seus cursos passaram a pertencer a três Centros acadêmicos da Universidade:

os cursos de Pedagogia, Letras, Estudos Sociais, História, Geografia e Psicologia passaram a pertencer ao Centro de Ciências Humanas e Artes; os cursos de Matemática e Química, ao Centro de Ciências Exatas e Tecnologia; e o curso de Ciências, ao Centro de Ciências e Letras Biomédicas (GAROTTI, p 25, 1985).

Sobre essas mudanças, o professor Fernando Antônio de Freitas narra que “a Faculdade de Filosofia ficava localizada no centro da cidade; depois, com as mudanças, ela foi deslocada para o que é hoje o Campus Santa Mônica” (Excerto da narrativa do prof. Fernando). Na figura

27, o primeiro prédio à direita era o local onde o curso de Matemática funcionava, quando o novo campus foi inaugurado.

**Figura 27 – Campus Santa Mônica**



Fonte: Centro de Documentação e Pesquisa em História da UFU

A alteração de endereço do curso de formação de professores de Matemática, isso ocasionou algumas dificuldades para os estudantes, pois “não haviam linhas de ônibus para esse novo local (...) foi difícil para os alunos, pois era longe. No meu caso, tinha que vir a pé para estudar”. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

Em 1978, através da Lei 6.532, a UnU foi federalizada, sendo denominada Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Segundo Garotti (1985), apenas a partir dessa data, com a aprovação do Estatuto da Universidade, através do Parecer 7.193/78, de 10/11/78, do CFE, tratou-se da estruturação administrativa e pedagógica das Faculdades a ela vinculadas e os cursos passaram a integrar os três centros criados pelo Estatuto da UFU, a saber: Centro de Ciências Humanas e Artes (CEHAR), Centro de Ciências Biomédicas (CEBIM) e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC).

Como consequência da Lei nº 5.540, de 1968 (Reforma Universitária), ocorreram mudanças e uma delas foi a divisão da Universidade em departamentos, como apontado nas



narrativas dos nossos colaboradores. Em relação ao curso de formação de professores (de Matemática), o professor Fernando, destaca que

(...) o curso de Matemática, antes, ficava alocado no Departamento de Ciências, junto com as Faculdades de Física, Computação e tinha um pessoal da Estatística, que eram apenas três professores. Nosso Departamento era grande em comparação com os demais. Você, ser diretor da Matemática, Física, Computação que estava começando e ainda, responsável por alguns professores da área de Estatística, era um serviço difícil. Com o tempo, isso acabou sendo dividido. Passou a ser Departamento de Computação e Departamento de Matemática. Junto com a Matemática ficou a Estatística e a Física. Nós ficávamos no prédio B<sup>64</sup>.(Excerto da narrativa do prof. Fernando).

A partir da federalização da UnU, as faculdades passaram a ser integradas à Universidade, não apenas didaticamente, mas também, administrativamente. Assim, “a FAFIU cumpria sua missão de entregar à cidade uma Escola Superior e à universidade 10 cursos responsáveis pelo estudo de diversas áreas do conhecimento humano” (GAROTTI, 1985). Com essas palavras, a Irmã Ilar Garotti<sup>65</sup> marca o fim do trabalho da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado frente à formação de professores, em nível superior, em Uberlândia.

A partir de 1990, o curso de Ciências com licenciatura plena em Biologia e Matemática, passou a ser denominado Ciências Biológicas, oferecendo formação apenas em Biologia. E o outro curso funcionou até o ano de 1985, com a extinção da Licenciatura Curta, ele foi totalmente reestruturado e criou-se a Licenciatura plena em Matemática<sup>66</sup> (MENDES, 1999).

No ano de 2000 foi criada a Faculdade de Matemática, alocada no prédio F, localizada no campus Santa Mônica. Ela funciona até os dias atuais, com os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Matemática<sup>67</sup>.

Pelos depoimentos dos professores Fernando Antônio de Fernandes, Edson Luiz Aleixo, Luiz Antônio e da professora Consuelo Maria Garcia de Freitas, entendemos que na cidade de Uberlândia, no período em que nossa pesquisa está investigando, houve a criação de outro curso de formação de professor para lecionar Matemática, mantido pela Associação Brasil Central de Educação e Cultura (ABRACEC).

<sup>64</sup> Trata-se de um prédio de dois andares onde ocorriam as aulas. Atualmente, esse prédio é destinado para os cursos de graduação, mestrado e doutorado em Ciências da Computação, além desse espaço ser usado para as aulas de outros cursos da Universidade.

<sup>65</sup> Foi diretora da FAFIU de 1962 até 1977. Depois foi Vice-Reitora, Pró-Reitoria Estudantil e Extensão, e professora de Currículos e Programas da UFU.

<sup>66</sup> O curso de bacharelado em Matemática foi criado em 1997, não tendo nenhum aluno formado no período de estudo de nossa pesquisa. Esse curso funciona até os dias atuais.

<sup>67</sup> E, em nível de pós-graduação, atualmente, existem os cursos de mestrado em Matemática Pura e o mestrado profissional, em Ensino de Ciências e Matemática. Ainda na UFU, são oferecidos o mestrado e doutorado em Educação, com a linha de pesquisa Educação em Ciências e Matemática.

Ainda pelos depoimentos de nossos colaboradores, percebemos que apenas uma das faculdades isoladas de Uberlândia não foi encampada pela UnU e, conseqüentemente, pela UFU. Trata-se da primeira Faculdade de Serviço Social de Uberlândia, criada em 1972 e mantida pela ABRACEC.

Localizamos, na Revista Documenta (147), de 1973, os trâmites para autorização da faculdade que abrigou esse curso, onde o professor poderia formar-se para lecionar Matemática, mantido pela ABRACEC. Por meio do requerimento protocolado no processo nº 203.731/72, estava a autorização de funcionamento de uma Faculdade de Educação, com os seguintes cursos: Pedagogia, Licenciaturas em Letras, Ciências (Física, Química e Matemática) e Estudos Sociais.

Identificamos na Revista Documenta (176), de 1975, que, após cumprir todas as exigências feitas pelo CFE, pelo Decreto nº 76.064, de julho de 1975, foi reconhecido o funcionamento da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia, com os cursos de Pedagogia, de Letras, de Ciências e de Estudos Sociais.

Encontramos na Revista Documenta (147), de 1973, uma relação dos professores credenciados pela instituição para aprovação da Faculdade de Educação. O que nos chama a atenção é que, para a área de Matemática, apenas a nossa colaboradora, a professora Consuelo Maria Garcia de Freitas e o professor Julmar de Oliveira Diniz estavam indicados para lecionar nesse novo curso.

Ao perguntarmos sobre isso à professora Consuelo, ela nos disse que sabia que seu nome tinha sido encaminhado para aprovação do curso junto ao CFE, por uma outra instituição, que tinha o intuito de aprovar um curso com habilitação em Matemática. Ao questionarmos o professor Julmar, ele nos disse que não sabia disso e nem que existiu tal curso de formação de professores (de Matemática) em Uberlândia. Localizamos na pesquisa de Silva (2015) que, entre os seus depoentes, foi identificado esse mesmo procedimento, o de encaminhar nomes de docentes de outras instituições para o reconhecimento de cursos. Sobre isso, a autora apoiada em Cunha (2007), apurou que esse procedimento era algo corriqueiro, em outras palavras, como um procedimento apontado como normal para a época.

Segundo nossa depoente, a professora Vera Lúcia Souza e Costa, apesar do curso de Ciências mantido pela ABRACEC ser autorizado a funcionar em 1975, ele apenas iniciou em 1978. Vera se formou em Matemática pela FAFIU em 1977 e no outro ano foi convidada a lecionar nesse curso. Ela aponta que

o curso de licenciatura em Ciências iniciou suas atividades no ano em que comecei a lecionar na ABRACEC, em 1978. Além disso, o curso habilitava o professor a lecionar Matemática até o primeiro grau, era a antiga licenciatura curta. O curso era anual, funcionava à noite, então lecionei Matemática 1, no primeiro ano, e Matemática 2, no segundo ano. (Excerto da narrativa da profa. Vera).

Não podemos deixar de apontar que, em relação aos outros cursos de formação de professores (de Matemática) que estudamos até agora (tanto em Uberaba quanto em Uberlândia), esse mantido pela ABRACEC, não houve interferência de alguma Congregação Católica. Desde o seu início, tanto a criação da instituição como o curso que formava o professor para lecionar Matemática estiveram ligados aos empresários da cidade de Uberlândia.

Após dez anos de funcionamento, a ABRACEC mudou sua razão social para Associação de Ensino do Triângulo e, no ano seguinte, foi autorizado o funcionamento das Faculdades de Comunicação Social e de Fisioterapia. A partir desses acontecimentos, a instituição passou a ser denominada Faculdades Integradas do Triângulo (FIT), em 1990.

Por intermédio do nosso colaborador, o professor Irineu de Paula Leão, soubemos que houve na FIT, em 1993, o reconhecimento de um novo curso de Ciências. À época, o professor Irineu era o coordenador do curso,

Lembro-me que foi demorado. Tinha muita documentação que ia para o Ministério da Educação (MEC) e depois voltava. Até que um dia, a comissão deu o parecer favorável e aprovou o curso. E, ao aprovar o curso, automaticamente, abriram novas vagas para nós. Com isso, pudemos abrir novas turmas de Matemática. Era um curso de Ciências que dava habilitação em Matemática e em Biologia. (Excerto da narrativa do prof. Irineu).

Com base no descrito pelo professor Irineu, entendemos que o curso que existia antes, o de licenciatura em Ciências, que habilitava o professor a lecionar Matemática até o 1º grau<sup>68</sup>, funcionou até 1994. Antes do seu término, na FIT, passou a funcionar outro curso, o de Ciências, com habilitação em Licenciatura plena em Matemática.

O professor Irineu aponta que esse curso de Ciências já existia na FIT “por um período de quatro ou talvez cinco anos com habilitação plena em Matemática, mas ainda não estava

---

<sup>68</sup> A partir da LDB 5692/1971, a nomenclatura foi alterada e o ensino passou a ser dividido em dois graus. Crianças com mais de sete anos poderiam ser matriculadas no ensino de 1º grau, que compreenderia oito séries. Já o ensino de 2º grau era oferecido em 3 ou 4 anos, tendo como pré-requisito a conclusão do ensino de 1º grau. A nomenclatura anterior, primário e secundário, quando se estabelece a LDB 5692/1971, precisou ser estudada para que se estabelecessem equivalências com a nova nomenclatura. Assim, o ensino primário e o 1º ciclo do ensino secundário (ginásio) passaram a equivaler ao ensino de 1º grau, e o 2º ciclo do ensino secundário (colegial), ao ensino de 2º grau.

reconhecido”. Identificamos em sua narrativa que, ao assumir a coordenação do curso, ficou “encarregado de arrumar toda a documentação para entregar para o MEC. Trabalhei muito para a sua aprovação”. (Excertos da narrativa do prof. Irineu).

Outros cursos foram aprovados a funcionar na FIT: Arquitetura e Urbanismo, Publicidade e Propaganda, Ciências Contábeis, Ciência da Computação, Direito. Com o acréscimo dessas novas graduações, no ano de 1997, a instituição passou a ser intitulada Centro Universitário do Triângulo (UNITRI). No entanto, para essa mudança, a instituição estava respaldada pela LDB 9.394/96, podendo passar a ser Centro Universitário. A partir disso, a instituição passa a ter autonomia para abrir e fechar cursos e vagas de graduação.

Além dos Centros Universitários, a LDB de 1996 aponta que a instituição de nível superior pode ser organizada em outros três tipos: Universidade, Faculdades Integradas e, Institutos ou Escolas Superiores. A Universidade é caracterizada por autonomia didática, administrativa e financeira, e por desenvolver ensino, extensão e pesquisa; as Faculdades Integradas são caracterizadas por reunir instituições de diferentes áreas do conhecimento, oferecer ensino e, às vezes, extensão e pesquisa; e os Institutos ou Escolas Superiores são caracterizados por atuar em uma área específica do conhecimento, podendo ou não fazer pesquisa, além do ensino. (BRASIL, 1996).

Com isso, o curso de formação de professores (de Matemática), mantido na UNITRI, deixou de existir. À época que isso aconteceu, o professor Irineu era diretor do Centro de Exatas, da UNITRI, e também “fiquei lecionando, na instituição até quando o curso de Matemática deixou de existir em 2007. Isso aconteceu, pois não abriu mais turma”. (Excerto da narrativa do prof. Irineu). No entanto, em sua narrativa, o professor Irineu alegou como motivos para a extinção do curso de formação de professores (de Matemática), a falta de alunos, o desinteresse da própria instituição em manter o curso e a concorrência com outros cursos de nível superior mais rentáveis na própria instituição.

Ao voltarmos nosso olhar para Ituiutaba, por meio das narrativas dos nossos colaboradores, percebemos muitos acontecimentos sobre a criação do curso de Matemática e, também, do movimento de criação do ensino superior nessa cidade. Na narrativa do professor Julmar, identificamos que houve uma tentativa de abertura de uma Universidade na cidade, na década de 1960.

Em Silva e Quillicci Neto (2011) encontramos a autorização de funcionamento de uma fundação denominada Fundação Universidade do Triângulo Mineiro. Entendemos que ela foi autorizada a funcionar a partir da Lei Estadual (de Minas Gerais) nº 2.914, de 30 de outubro de

1963, com o objetivo de manter e criar uma Universidade em Ituiutaba, que teria o nome de Universidade do Triângulo Mineiro.

Nessa época, essa Instituição não saiu do papel, pois não cumpria os critérios apontados na Lei 4024, de 1961, onde se previa que as universidades só se constituiriam pela unificação de cinco ou mais instituições de ensino superior.

Ainda, Silva e Quillicci Neto (2011) apontam que apenas em 1968, com a nomeação do Conselho curador da Fundação, a primeira instituição de ensino superior de Ituiutaba começa a ser desenhada e esse Conselho opta pela criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. No entanto, interpretamos que, a partir da experiência adquirida ao tentarem abrir uma Universidade quando não se cumpria os critérios da Lei 4024, de 1961, optaram por começar por uma faculdade. Também temos que levar em consideração que em 1968 foi aprovada a Lei nº 5.540, que tratava de reorganizar o ensino superior e isso pode ter direcionado os encaminhamentos para a abertura de uma faculdade.

Além desses motivos e por não ter um lugar específico para funcionar, o ensino superior, em Ituiutaba, começou em 1968, a partir da criação de cursos isolados, que foram amparados em diferentes colégios da cidade. De acordo com a nossa colaboradora, a professora Maria Mirza Cury Diniz:

(...) no começo, os cursos que existiam eram espalhados por alguns colégios da cidade. Era no Colégio São José, o Instituto Marden e o Colégio Santa Teresa. O curso de Matemática também nasceu nesse movimento de cursos espalhados. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza).

Por meio desse depoimento da professora Maria Mirza, percebemos que o ensino superior em Ituiutaba se inicia com uma característica diferente das demais cidades em que estudamos até agora no Triângulo Mineiro, por meio de cursos isolados. A partir dos estudos do mapeamento, identificamos que o que se processou nessa cidade é algo que também aconteceu em outros lugares do país, como é o caso dos cursos que foram criados em Tocantins (CURY, 2011). No entanto, como já apontamos, isso acontece desde o início do desenvolvimento dos cursos de ensino superior no Brasil, quando da chegada da família imperial, em 1808.

Em consonância ao que diz Maria Mirza, o professor Julmar de Oliveira Diniz afirma que “no início, os cursos ocupavam as salas de aula de alguns colégios da cidade, o Instituto Marden, o Colégio São José, porque não havia prédio”. (Excerto da narrativa do prof. Julmar).

Eles apontam que os cursos de ensino superior que estavam espalhados pelos colégios da cidade eram o de Pedagogia, História, Ciências Biológicas, Letras e Matemática.

Sobre o curso de formação de professores (de Matemática), o professor Vanderli Anacleto Campos, que lecionou Estatística nesses cursos iniciais, aponta que à época, “usávamos as instalações do Colégio São José para lecionar para nossos estudantes do curso de Matemática” (Excerto da narrativa do prof. Vanderli).

Nesse movimento de criação do ensino superior de Ituiutaba, identificamos uma outra situação diferente daquele que ocorreu em Uberaba e Uberlândia. Nessas duas cidades, o curso de formação de professores (de Matemática) foi criado por uma Congregação Católica, já em Ituiutaba foi por meio de esforços de pessoas ligadas à educação e de empresários da cidade. Apesar desse curso usar as instalações de um colégio confessional, o Colégio São José, foge das características que ocorreram no Triângulo Mineiro.

Poderíamos nos perguntar, mas não houve nenhuma influência da Congregação Católica que administrava o Colégio São José, sobre o curso de formação de professores (de Matemática)? Em nossos estudos, não localizamos nada que falasse sobre isso e interpretamos que, a partir dos depoimentos dos professores, não houve interferência pedagógica por parte da Congregação Estigmatina, em relação ao curso que formava o professor para lecionar Matemática.

Os cursos de formação de professores em Ituiutaba começaram a mudar quando a Fundação Universidade do Triângulo Mineiro recebeu, pelo Decreto nº 66.602, de maio de 1970, a autorização para funcionar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba, com os cursos que já existiam.

Antes de ser criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba, a professora Maria Mirza relata que a mantenedora da Fundação Universidade do Triângulo Mineiro estava cogitando abrir outras Faculdades, com cursos de nível superior.

No começo, [a mantenedora] queria implantar uma Faculdade de Ciências Agrárias, por causa da natureza da região, pelo fato da cidade ser agropecuária. Éramos a capital do arroz. Mas depois de alguns estudos sobre a cidade e a região, foi decidido abrir uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras pela carência muito grande de professores habilitados para atuarem nas escolas. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza).

À época das discussões da criação desse movimento, a professora Maria Mirza era docente no Colégio São José e diretora do Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado<sup>69</sup>; devido a isso

fui convidada a participar das discussões sobre a instalação de cursos de ensino superior em Ituiutaba, em nossa cidade já havia uma Faculdade, [...] Em uma reunião, discutimos a importância de um outro curso superior na cidade, lembro-me que alegavam que isso iria trazer muitos jovens para Ituiutaba e que poderia melhorar até os casamentos. Ficamos muito entusiasmados com tudo isso. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza).

Essa faculdade, a que a professora Maria Mirza está se referindo, é a Escola de Administração de Empresas de Ituiutaba (EAEI), aprovada em 1968, para o funcionamento do curso de Administração. No entanto, esse curso iniciou as suas atividades apenas em 1970, depois que a Faculdade de Filosofia começou a funcionar nas instalações do Instituto Marden. (SILVA; QUILLICI NETO, 2011).

Pelo excerto da narrativa da professora Mirza (acima), identificamos que em Ituiutaba houve outros cursos em nível superior. Para esclarecer isso, Pacheco e Lopes (2009) apontam que a partir de 1972, a EAEI começou a funcionar em sede própria. Apenas em 1975, a Escola e o Curso foram reconhecidos. Depois, em 1983, a EAEI passou a chamar-se Escola Superior de Ciências Administrativas de Ituiutaba (ESCAI), porém, em 1985, em função da instalação do curso de Ciências Contábeis, fez-se necessária outra mudança e a ESCAI passou a ser denominada Escola Superior de Ciências Contábeis e Administrativas de Ituiutaba (ESCCAI). A partir de 2002, com a criação dos cursos de Publicidade e Propaganda, e Turismo, passou a ser chamada Faculdade Triângulo Mineiro (FTM), o que permanece até os dias atuais.

Em relação à Faculdade de Filosofia, a partir do apoio da prefeitura, iniciou-se a construção de um local para a instalação dessa Instituição. Maria Mirza nos narra que “começaram a construir um primeiro prédio no campus que existe até hoje. Quando o curso de Matemática foi levado para esse campus, ele já estava no terceiro ano de funcionamento da primeira turma”. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza).

Em consonância ao que a professora Mirza diz, não podemos deixar de trazer outros detalhes no depoimento do professor Julmar

---

<sup>69</sup> Foi criado pelo projeto de Lei apresentado à Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais através do então Deputado Estadual da região, Dr. Omar de Oliveira Diniz, 1956, que foi aprovado pelo governador interino do Estado, Dr. Clóvis Salgado, iniciando suas atividades em 17 de julho de 1957. O prédio definitivo foi inaugurado em fevereiro de 1960. Funciona até os dias atuais.

primeiro foi construído um prédio e depois, bem devagar, foram sendo construídos outros, mas não posso deixar de mencionar que, nessa época, a Faculdade obteve a ajuda do deputado Romel Anísio Jorge<sup>70</sup> para a construção de outros prédios, inclusive um deles leva o nome do seu pai. (Excerto da narrativa do prof. Julmar).

Um dos primeiros professores a lecionar no curso de Matemática, na sede própria, foi o professor Vanderli Anacleto Campos.

Lembro-me que, em 1972, a Faculdade passou a ter a sede própria e fui o primeiro professor a lecionar no campus novo, que é no mesmo lugar até hoje. Nesse dia, comecei as aulas às 18h10, em um horário extra<sup>71</sup>. A construção era simples. Ela tinha o formato de H, mas não tinha o andar de cima, de um dos lados. (Excerto da narrativa do prof. Vanderli).

Essa memória do professor Vanderli nos chamou a atenção, quando localizamos na Revista Documenta (174), de 1975, o parecer de autorização de funcionamento da Faculdade:

o prédio em que funciona a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba é uma construção recente, em estilo moderno, no formato de um H, com um saguão central para a recreação, todos eles em dois pavimentos. Dos quatro blocos previstos e interligados, três estão completamente construídos (Documenta (174), 1975, p. 317 e p. 318).

Na figura 28, observamos do lado esquerdo, na borda superior, numa vista aérea do campus, (foto foi publicada no “Jornal do Pontal” da cidade de Ituiutaba, no ano de 2000, e cedida pela professora Maria Mirza) que, após 30 anos, o prédio ainda não havia sido concluído.

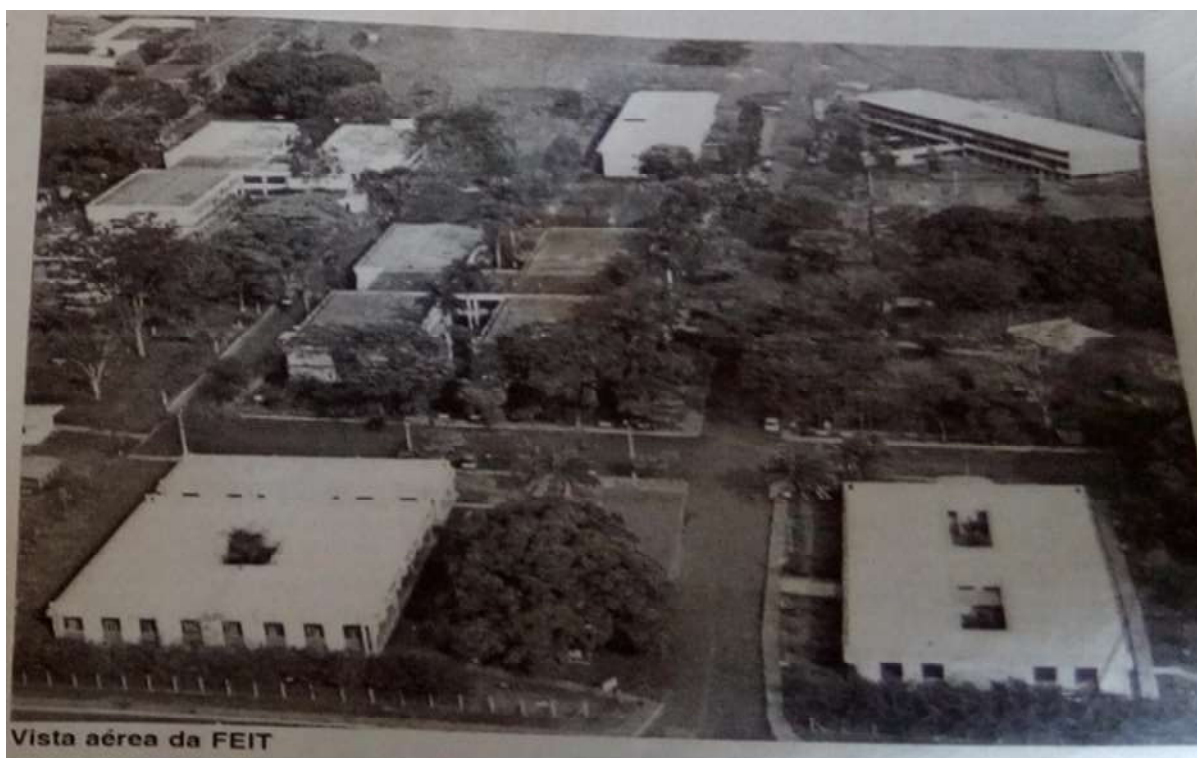
---

<sup>70</sup> Em 1971, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), elegendo-se vereador por dois mandatos consecutivos. Na Câmara Municipal foi secretário, vice-presidente e presidente, permanecendo na casa até 1977, quando disputou uma vaga na Assembleia Legislativa de seu estado, elegendo-se para o quadriênio 1978-1981. Em 1982 foi prefeito de Ituiutaba. De 1990 até 2002 foi deputado federal. Em 2007, foi nomeado subsecretário de Assuntos Municipais da Secretaria de Governo na gestão de Aécio Neves.

<sup>71</sup> Era comum a direção da Faculdade colocar aulas às 18h10 para conciliar horários de professores que lecionavam em outros locais.



**Figura 28 - Vista Aérea da FEIT (2000)**



Fonte: Jornal do Pontal (20/01/2000, Ituiutaba) cedido pela professora Maria Mirza.

No ano de 1973, houve uma mudança na denominação de Fundação Universidade do Triângulo Mineiro, que passou a ser chamada de Fundação Educacional de Ituiutaba – FEIT. Essa mudança na nomenclatura da mantenedora coincide com a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em um local próprio. Segundo a professora Mirza, isso foi tão significativo entre professores, funcionários, estudantes e população da cidade, que passaram a chamar o local de FEIT, mesmo depois que foram abertas outras faculdades.

No mesmo ano de criação da FEIT, a mantenedora obteve autorização para a criação da Faculdade de Engenharia de Ituiutaba, com a instalação do curso de Engenharia Elétrica. Depois, em 1984, foi autorizado o funcionamento da Faculdade de Ciências Agrárias, com o curso de Agronomia (SILVA; QUILLICI NETO, 2011).

Em fevereiro de 1986, houve uma mudança na estrutura organizacional da instituição, com a criação do Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba (ISEPI). Segundo o professor Julmar, com a criação desse Instituto houve uma fusão das faculdades de Filosofia, Agronomia e Engenharia pela FEIT.

Em 1989, houve um outro acontecimento para o ensino superior de Ituiutaba. O professor Vanderli aponta que, com a promulgação da Constituição Mineira<sup>72</sup>, nesse ano, criou-se a possibilidade da estadualização dos cursos mantidos pela FEIT, ao integrarem-se à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Analisamos que isso seria importante para a cidade e região, pois passaria a existir nessa localidade uma instituição pública, uma vez que os cursos mantidos na FEIT eram todos pagos. No entanto, esse processo não se concretizou. Porém, a partir da narrativa do professor Vanderli, entendemos que a FEIT tornou-se a primeira unidade agregada à UEMG, sendo reconhecida como um campus fundacional. Silva e Quillici Neto (2011) fazem a mesma ressalva e que os cursos continuavam a ser pagos.

Quando realizamos a primeira visita ao campus da FEIT em 2016, soubemos que a Instituição havia passado pela estadualização. Isso ocorreu em abril de 2014, pelo Decreto Estadual nº 46.478, desse modo, a FEIT deixou de existir, passando a ser a partir dessa data mais um campus da UEMG<sup>73</sup>.

Nesse período de transição e de mudanças na gestão da instituição, o curso de Matemática sofreu apenas uma adequação. Identificamos esse acontecimento através da Documenta (229), de 1979, quando houve a conversão do curso de Matemática em um curso de Licenciatura em Ciências, com habilitação em Biologia e Matemática.

A partir de outros documentos cedidos pela direção da instituição, identificamos que em 2002, o curso onde o professor se formava para lecionar Matemática foi convertido para uma Licenciatura em Matemática. Nesse mesmo ano, entendemos pela narrativa da professora Maria Mirza, que houve na FEIT uma mudança que afetou todos os cursos de licenciatura. Isso se deu a partir da criação do Instituto Superior de Educação de Ituiutaba (ISEDI). Maria Mirza foi a primeira coordenadora do ISEDI.

Esse instituto continuou ligado à mantenedora, era o responsável por administrar todos os “cursos de formadores de profissionais para a Educação Básica, isto é, para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio”. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza).

Segundo a mesma professora, a partir da criação do ISEDI “houve uma melhora na assessoria administrativa, financeira e pedagógica através de palestras e cursos para os professores e alunos da instituição”. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza).

Apesar dessa nova possibilidade para os cursos de licenciatura da FEIT, através do amparo que se estabeleceu pelo ISEDI, isso não foi suficiente para evitar que fosse fechado o

---

<sup>72</sup> Constituição do Estado de Minas Gerais, em 21/09/1989.

<sup>73</sup> Para mais informações sobre a UEMG, ver em <<http://www.uemg.br/>>, visitado em 19/09/2018.

curso de Matemática, em 2008. Segundo o professor Vanderli Anacleto Campos, “a principal razão para o seu fechamento foi a falta de alunos”. (Excerto da narrativa do prof. Vanderli).

Baseados na narrativa do professor Vanderli, que afirmou que uma das razões desse fechamento se deu à falta de alunos, aventamos a possibilidade que isso ocorreu devido ao oferecimento de um novo curso de formação de professores (de Matemática) em Ituiutaba, ligado à Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Quando foi aberto em Ituiutaba um campus da UFU, a instituição ainda não tinha um local próprio para funcionar. Isso fez com que os cursos de ensino superior, que estavam sob a sua administração, ficassem espalhados pela cidade e muitos deles ficaram instalados no campus da FEIT. No ano de 2006, foi aberta uma Licenciatura em Matemática nesse local, esse curso funcionava do outro lado da rua onde funcionava o curso de Matemática, mantido pela FEIT. Na figura 28, no local onde descrevemos onde funcionava o curso da FEIT, no prédio localizado em sua diagonal, nesse local iniciou o curso de formação de professores de Matemática, mantido pela UFU. Vale destacar que, quando fomos pela primeira vez ao campus da FEIT, estávamos na companhia do professor Vanderli, e percorremos todo o local, onde ele buscou em sua memória alguns acontecimentos que não apresenta em sua narrativa, mas que de certo modo ecoaram nesse dia.

A criação desse novo curso em uma Instituição pública contribuiu para que o curso de formação de professores (de Matemática) da FEIT ficasse sem alunos e, por consequência, acelerou o fechamento desse curso. Atualmente, a UFU tem um campus em Ituiutaba e não precisa tomar emprestadas outras instalações, como aconteceu no seu início.

Da mesma forma que ocorreu nas outras localidades, em relação ao que estamos analisando, que trata sobre a criação dos cursos de formação de professores de Matemática e no ensino superior nessas localidades, em Araguari, as narrativas de nossos colaboradores disparam para muitos acontecimentos. Como por exemplo, na narrativa do professor Luiz Antônio, o ensino superior nessa cidade nasce a partir do “apelo da sociedade para se criar uma Faculdade na cidade, para a demanda que estava crescendo”. (Excerto da narrativa do prof. Luiz Antônio).

Por meio da narrativa do nosso depoente, aprofundamos nossos estudos e localizamos em Lima et al. (2008) um movimento para a criação de uma instituição de nível superior em Araguari. Esses autores apontam que no ano de 1965, em Araguari, através da Portaria nº 18/65 da prefeitura, criou-se um grupo de trabalho destinado a organizar a fundação de uma instituição

de nível superior. No texto da referida Portaria, sintetiza-se o teor da necessidade da criação da Faculdade,

[...] a instalação de escolas de nível superior em Araguari é reivindicação do povo e necessidade inadiável.

[...] a Prefeitura, há tempos, solicitou o apoio e auxílio de entidades de classe, neste sentido até havendo estudos preliminares e inclusive arrecadação de fundos pela Sociedade Amigos de Araguari (PORTARIA nº 18, 1965).

Diante disso, em janeiro de 1966, foi autorizado o funcionamento da Fundação Municipal de Ensino (FUME), pela Lei Municipal nº 1.134, de 6/01/1966, uma entidade sem fins lucrativos, mantenedora que teve como prioridade a abertura de uma Instituição de ensino superior.

A instalação oficial da FUME impulsionou a criação da primeira instituição de ensino superior na cidade. Ainda no mesmo ano de fundação da FUME foi realizada uma Assembleia Geral para a discussão da abertura de uma Faculdade.

Segundo Naves e Rios (1988), apenas em 1968, a partir dos pareceres 48/68 e 09/68 do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari.

Luiz Antônio e Edson Luiz Aleixo apontam que, sem um lugar próprio para funcionar, a Faculdade de Filosofia iniciou suas atividades, em 1968, nas dependências do Grupo Escolar João Pedreiro. Um ano depois, foi transferida para o prédio onde funcionava o Colégio Sagrado Coração de Jesus, mantido pelas Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria. Na figura 17, temos uma foto da fachada desse colégio confessional onde a Faculdade passou a funcionar. (PEREIRA; BRAGA, 1999).

Anteriormente, estudamos que em Araguari houve um outro importante colégio confessional, chamado Colégio Regina Pacis, que era mantido pelos padres da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Identificamos em Pereira e Braga (1999) que, em 1972, o padre provincial Tiago Leyen e os padres da Congregação que mantinham o Regina Pacis, juntamente com outros padres da cidade, Maximiliano Muris, Edberto Luís de Resende, Mário Donati e José Luís Coelho, se reuniram e decidiram pela doação do patrimônio desse colégio para a fundação que mantinha a Faculdade de Filosofia.

À época, a mantenedora da Faculdade era a FUME, no entanto, em Pereira e Braga (1999), encontramos uma discussão onde aponta que, da forma que essa mantenedora foi criada, estava ligada ao CFE, portanto, dá a entender que se reportava ao Governo Federal. Analisamos, também, que como o patrimônio do Colégio Regina Pacis era muito grande e, nessa época, a

sua localização já era considerada uma área nobre da cidade, de muito valor, houve um temor de se perder o local para o Governo Federal. Para contornar isso, em 1975, a mantenedora passou a chamar-se Fundação Educacional e Cultural de Araguari (FUNEC), sem fins lucrativos.

Com essa doação de local e a regularização da mantenedora, nesse mesmo ano, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari passou a usar as instalações do Colégio Regina Pacis. De acordo com o professor Luiz Antônio,

O local onde a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari funcionou foi o Colégio Regina Pacis, mantido pelos padres holandeses, que doaram uma área muito grande para a FUNEC. Assim, a faculdade funcionava à noite e o Colégio, durante o dia. (Excerto da narrativa do prof. Luiz Antônio).

Ainda sobre esse acontecimento, na narrativa do professor Márcio Aurélio da Silva, entendemos que “toda essa estrutura ficou para a Faculdade. A estrutura que tínhamos é um pouco parecida com a que temos hoje, levando em consideração que algumas coisas foram modernizadas”. (Excerto da narrativa do prof. Márcio).

O prédio próprio, como podemos ver na figura 29, contribuiu para o reconhecimento da instituição, com os cursos de Letras, História, Geografia e Pedagogia, que ocorreu pelo Decreto nº 75.574, de abril de 1975. Em 1986, pelo Decreto 92.428, foi autorizado o funcionamento do curso de Estudos Sociais, no ano seguinte foi aprovado o funcionamento das habilitações Orientação Educacional e Supervisão Pedagogia, para o curso de Pedagogia.

**Figura 29 – Fachada da Sede Própria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari**



Fonte: Pereira; Braga (1999)

Em 5 de dezembro de 1988 foi expedido o Decreto nº 97.159, pelo Presidente da República José Sarney, que fornecia a autorização do funcionamento do curso de Ciências, com habilitação em Matemática, nessa instituição. Segundo o professor Luiz Antônio, as suas atividades iniciaram-se no 1º semestre de 1989, sendo preenchidas todas as vagas oferecidas para ingresso dos estudantes.

Nesse movimento de criação do ensino superior de Araguari, identificamos uma situação diferente da que ocorreu em Uberaba, Uberlândia e Ituiutaba. Nas duas primeiras cidades, o curso de formação de professores (de Matemática) foi criado por uma Congregação Católica. Em Ituiutaba, foi por meio de esforços de pessoas ligadas à educação e empresários da cidade, no entanto, como já dissemos, o curso usou as instalações de um colégio confessional, o Colégio São José.

Ainda em Ituiutaba, a partir dos depoimentos dos professores, interpretamos que não houve interferência pedagógica por parte da Congregação que mantinha o colégio, em relação ao curso que formava o professor para lecionar Matemática. Eles apenas colaboraram com o curso, cedendo o espaço físico para as aulas. Em relação à Uberaba e Uberlândia, pelas entrevistas dos nossos colaboradores, não nos ficam dúvidas de uma atuação maior das Congregações em relação ao funcionamento dos cursos.

Agora, em Araguari, quando o curso que formava o professor de Matemática foi criado, ele usava as instalações de um colégio confessional que já haviam sido doadas para a fundação, que estava ligada à prefeitura. No entanto, apesar da história da criação da Faculdade de Araguari ter passado por duas Congregações, interpretamos a partir das entrevistas de nossos colaboradores que, o curso de formação de professores de Matemática, não teve influência dessas congregações católicas. Esse entendimento, por meio das entrevistas, é claro para nós, quando os nossos depoentes narram quem eram os professores que lecionaram no curso.

Luiz Antônio narra que, no início de funcionamento do curso, os professores e a direção da instituição tinham muitas preocupações com a formação da primeira turma, visando o seu reconhecimento. Caso o curso não fosse aprovado, isso poderia gerar um prejuízo muito grande para a sociedade araguariense, fazendo com que os jovens migrassem para outras cidades da região para poder estudar.

Algumas ações foram realizadas, entre elas, o professor Luiz Antônio aponta que

Propusemos uma grade curricular específica para formar a primeira turma e para o curso ser reconhecido. Hoje não sei se seria assim. Nosso maior objetivo, por ser a primeira turma, era formar os alunos e nos prepararmos para quando a comissão de avaliação do MEC viesse, para o reconhecimento do curso. (Excerto da narrativa do prof. Luiz Antônio).

Indagamos o professor Luiz Antônio sobre os encaminhamentos para resolver isso. Luiz Antônio nos respondeu que a saída encontrada foi a união entre os professores do curso e a direção da instituição. E, juntos, buscaram ajuda de outros profissionais da área. Para isso procuraram um docente do curso de Matemática da UFU.

Ele nos ajudou a montar os planos de curso. Quem nos auxiliou a montá-los foi o professor Fernando Antônio Freitas<sup>74</sup>, da Universidade Federal de Uberlândia. A partir disso, fizemos uma força-tarefa para moldá-lo com a carga horária que se exigia. Lembro-me de que tínhamos que ter vinte horas semanais, não podia ter mais que isso. (Excerto da narrativa do prof. Luiz Antônio).

Segundo Luiz Antônio, todo o trabalho foi muito bem-sucedido, e a primeira turma formou-se em 1992. No entanto, o reconhecimento do curso aconteceu apenas em 1995, pelo Decreto 773<sup>75</sup>, do Conselho Nacional de Educação.

---

<sup>74</sup> Professor Fernando Antônio Freitas é nosso colaborador.

<sup>75</sup> Quando fomos à atual instituição que absorveu a Faculdade de Filosofia, encontramos alguns documentos internos, denominados pela direção por livros do ano. Neles se encontram muitas informações sobre o que ocorria na Instituição ao longo do ano, assim como nos cursos que nela existiam.

As narrativas de Edson Luiz Aleixo e Luiz Antônio Fernandes nos mostram que, no final da década de 1990, a Instituição passou por inúmeros problemas financeiros, e isso fez com que mudanças ocorressem na administração e na mantenedora da faculdade. Esses problemas fizeram com que, em 2001, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari fosse incorporada à Universidade Presidente Antônio Carlos, mais conhecida na região por UNIPAC, mudando-se a mantenedora.

Após o processo de incorporação, que durou cerca de um ano, a Instituição iniciou seu processo de expansão e a partir de 2002 foram criados outros cursos: Administração, Ciências Contábeis, Enfermagem, Normal Superior, Educação Física, Tecnologia em Gestão de Varejo, Tecnologia em Telecomunicações, Nutrição, Comunicação Social, Tecnologia em Gestão do Agronegócio, Sistemas de Informação, Direito, Medicina, Tecnologia em Gestão Pública e Farmácia, todos supervisionados e regulados pelo Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais. (IMEPAC, 2018).

Quando o curso que habilitava o professor a lecionar Matemática parou de ser oferecido, estava ligado à UNIPAC. De acordo com Luiz Antônio, o curso funcionou até o ano de 2004 e deixou de existir por falta de alunos. Nessa perspectiva, Márcio Aurélio argumenta: “pena que o curso acabou! Infelizmente acabou pela falta de alunos, esse curso modificou a vida de muitas pessoas em Araguari e região”. (Excerto da narrativa do prof. Márcio). No entanto, pelas entrevistas dos nossos depoentes, interpretamos que a falta de alunos se deu a partir da criação de novos cursos e ao escasso investimento e interesse da própria instituição em mantê-lo. A literatura tem tratado sobre o fechamento dos cursos de Licenciatura e desprestígio da carreira docente no Brasil. No bojo de suas discussões tem-se apontado que as razões desse cenário, além desses que apontamos, tem sido pela crise de identidade profissional do professor, as péssimas condições de trabalho dos docentes, a baixa remuneração, o desprestígio social dos profissionais da Educação e dos cursos de Licenciatura. (ANDRÉ, 2010; CUNHA, 2000; DUARTE, 2013; GATTI, 2000; PACHANE, 2010 e PEREIRA, 1999).

No ano de 2014, essa instituição mudou de nome novamente, sendo denominada Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos, mencionada pelos nossos depoentes como IMEPAC. Com a mesma mantenedora, em 2019, tem a mesma denominação.

A partir dessa nossa narrativa, percebemos a necessidade de problematizar alguns aspectos que podem nos ajudar em outros entendimentos que margeiam os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro.



Um aspecto que entendemos ser importante abordar, refere-se à efetivação de algumas resoluções que foram implementadas na década de 1970 e de seus impactos nos primeiros cursos de formação de professores de Matemática), em nossa região de estudo.

Nesse período, no Brasil, os cursos de formação de professores em Matemática, Biologia, Química e Física foram submetidos a novas diretrizes, impostas durante o regime militar, estabelecendo que essas Licenciaturas deveriam ser oferecidas por meio das Licenciaturas em Ciências, de modo que fosse possível formar professores em tempo reduzido para o ensino básico. (SILVA; GARNICA, 2018).

Nesse período, destaca-se a Resolução do CFE nº 30, de 11 de julho de 1974. A Resolução 30 objetivava regulamentar a formação em nível superior nos moldes requeridos pela Lei nº 5.692, estabelecendo duas modalidades de Licenciaturas: curta, que habilitava professores para lecionar no 1º grau, e a plena, que habilitava professores para lecionar no 2º grau<sup>76</sup>.

As entrevistas nos mostram a preocupação no atendimento das diretrizes apontadas nessa resolução. À época, os cursos foram, aos poucos, reestruturados e se converteram para Licenciatura em Ciências com habilitações em Biologia, Física, Matemática e Química, seguindo as orientações apontadas na Resolução 30/74 do CFE.

Na cidade de Uberaba, o curso de Matemática foi um exemplo claro da preocupação das Irmãs Dominicanas em implementar de forma rápida essa Resolução. Isso nos é perceptível pela narrativa da professora Sandra, quando ela nos conta que no ano de 1974, quando ingressou no curso para estudar Matemática, ocorreram algumas mudanças curriculares no curso, tendo a redução de quatro para três anos. Interpretamos essa “correria” como necessária, pois na resolução 30/74 é indicado que a partir de 1975 todas as licenciaturas para formar professores deveriam seguir um currículo mínimo estipulado.

Haveria uma parte comum a todas as áreas, uma parte diversificada e a Instrumentação para o Ensino. No curso de Ciências, a parte comum deveria abranger as matérias/atividades de Matemática, Física, Química, Elementos de Geologia e Biologia. Já na parte diversificada havia uma seleção de matérias/atividades para cada habilitação. A grade da Habilitação em Matemática deveria conter as disciplinas de Cálculo Diferencial e Integral, Álgebra, Análise Matemática, Geometria, Matemática Aplicada; a da Habilitação em Física deveria conter as disciplinas de Matemática, Química, Física e Física Aplicada. A grade da Habilitação em Química seria composta pelas disciplinas de Matemática, Física, Química Geral, Química Inorgânica e Química Orgânica e Biológica. Por fim, a Habilitação em Biologia

---

<sup>76</sup> Esse 1º grau hoje seria o ensino fundamental e 2º grau seria o atual ensino médio.

ofereceria as disciplinas de Biologia Geral, Botânica, Zoologia, Ecologia, Bioquímica e Biofísica. A Instrumentação para o Ensino trataria da formação pedagógica, e nessa rubrica estaria incluída a disciplina de Estágio. (SILVA; GARNICA, 2018, p. 290).

Sandra ainda aponta que essa mudança “aconteceu justamente para que as Instituições de ensino superior pudessem adaptar-se para o curso de Ciências, que passou a ser de dois anos e meio. Nesse novo perfil, para ter a habilitação em Matemática, teríamos que cursar mais um ano e meio de disciplinas específicas da área de Matemática”. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

Ao buscarmos um melhor entendimento dessa fala da professora Sandra, interpretamos que a Resolução 30 estabelecia o tempo mínimo de 1800 horas para curso de Licenciatura Curta, que deveriam ser integralizadas entre dois e quatro anos e, para a Licenciatura Plena, o tempo mínimo era de 2800 horas, integralizáveis entre três e sete anos. (CFE, 1974).

Ainda pelas narrativas de Marilene, Vanderli e Consuelo, percebemos que era comum entre os alunos, depois de integralizarem o curso de Licenciatura Curta em Ciências, optarem pelo aprofundamento em uma habilitação específica, sendo em Matemática, Biologia, Química ou Física. Identificamos que a Resolução 30 estabelecia essa possibilidade em combinar as modalidades de Licenciatura, ofertando cursos com formação inicial para a Licenciatura em Ciências, formando professores para o 1º grau, e uma complementação que habilitava para o ensino de uma área específica, como por exemplo Matemática, para o ensino de 2º grau. (MORAES, 2017). No entanto, a resolução 30 deixa claro que na falta do professor com a habilitação específica para lecionar no 2º grau, o professor formado pela Licenciatura Curta poderá lecionar nesse nível de ensino. (CFE, 1974).

Dos cursos de formação de professores (de Matemática), que estamos estudando, não podemos deixar de observar que os situados em Uberaba, Uberlândia e Ituiutaba viveram esse momento de adaptação das diretrizes impostas pela Resolução 30, pois, como já discutimos, esses cursos foram criados durante a década de 1960 e início de 1970. Observamos que no caso do curso mantido na ABRACEC, em Uberlândia, como ele foi concebido em meados da década de 1970, já estava de acordo com o que reza a Resolução 30. O mesmo ocorreu em Araguari, uma vez que o curso de Matemática dessa localidade inicia-se no final da década de 1980.

No ano de 1975, entra em vigor a Resolução do CFE nº 37, de 26 de março. Ela tornava obrigatória a formação de professores, estabelecida pela Resolução CFE 30/1974. Em outras palavras, essa nova resolução impõe a conversão de todos os cursos existentes de formação de professores como complementação em habilitações para o professor poder lecionar no 2º grau

e estipula que isso se cumpra até o primeiro semestre letivo de 1978, como podemos observar no Art. 1º da referida resolução.

Art. 1º O curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução nº 30/74, será implantado progressivamente e, a partir do ano letivo de 1978, tornar-se-á obrigatório como licenciatura única da área científica, com habilitação geral em Ciências, para o ensino da respectiva área de estudo, predominante na escola de 1º grau, e habilitações específicas em Matemática, Física, Química e Biologia, para o ensino das correspondentes disciplinas, predominantes na escola de 2º grau. Parágrafo único. No curso único de Ciências disciplinado pela Resolução nº 30/74 deverão converter-se, no prazo estabelecido por este artigo, as anteriores licenciaturas em Ciências (polivalente), Matemática, Física, Química e Ciências Biológicas reguladas pelas Resoluções oriundas dos Pareceres nº 295/62, 296/62, 81/65 e 107/69. (CFE, 1975, p. 128).

Por meio desse artigo, fica claro que a conversão dos cursos de Matemática, Física, Química e Ciências Biológicas pode ser progressiva. Em relação aos cursos estudados, em Uberaba, Uberlândia e em Ituiutaba, essa conversão inicia-se em 1975. E o curso de Licenciatura em Ciências, que já existia em Uberlândia, sofre uma reestruturação durante o período previsto na Resolução 30, e passa a funcionar como curso de Ciências com habilitação em Biologia, Química e Matemática. (MENDES, 1999).

Ao observarmos a implementação da Resolução CFE 37/1975, no contexto nacional, encontramos em Silva e Garnica (2018) movimentações contrárias a essa resolução e, nessa perspectiva, esses autores apontam para a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)<sup>77</sup>. Além disso, em 1978, entra em vigor a Resolução do CFE nº 5, de 16 de junho, que revoga o prazo estabelecido pela Resolução nº 37/75 e a obrigatoriedade da conversão dos cursos em Ciências, nos moldes da Resolução nº 30/74.

Sobre isso, esses autores apontam que

Não é possível afirmar quais forças interromperam as determinações antes previstas. Talvez tenha sido determinante a resistência de algumas instituições em criar cursos de Licenciatura em Ciências, talvez tenha surtido efeito o movimento liderado pela SBPC. O que podemos afirmar, no entanto, é que a obrigação de transformação dos cursos de Licenciatura em Matemática em Ciências durou apenas três anos. Já a obrigatoriedade da abertura de novos cursos para formar professores de Matemática como cursos de Ciências permaneceu por mais algum tempo. (SILVA; GARNICA, 2018, p. 292).

---

<sup>77</sup> A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência foi criada em 1948, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, visando a incentivar o desenvolvimento da Ciência no país. Durante o Regime Militar ofereceu suporte a professores e pesquisadores perseguidos pela ditadura além de ter sido opositora das políticas do regime. (SILVA; GARNICA, 2018).

Com o passar do tempo, os cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro passaram por uma nova conversão, onde os cursos de Licenciatura em Ciências migraram para Licenciatura em Matemática.

Pelos depoimentos de nossos colaboradores, entendemos que isso se processou aos poucos, de acordo com os interesses de cada localidade. No caso de Uberaba, devido a uma greve que ocorreu na instituição que abrigou o curso, ele ficou sem funcionar por um período e quando voltou a ser oferecido, já estava na modalidade de Licenciatura em Matemática. Em Uberlândia, em relação aos cursos mantidos na UFU, um deles deixou de oferecer a habilitação em Matemática, e o outro, o que funciona até os dias de hoje, segundo Mendes (1999), a partir de 1985 passou a oferecer a Licenciatura Plena em Matemática. Em Ituiutaba, de acordo com o professor Vanderli, apenas em 2002 a instituição voltou a oferecer o curso de Licenciatura em Matemática.

Outro aspecto, disparado pelas narrativas de nossos colaboradores e que apresentamos no quadro 7, refere-se às instituições que abrigaram os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática).

**Quadro 7 – Instituições de ensino superior**

<b>Local</b>	<b>Instituição / data de criação</b>	<b>Curso / data de criação</b>
Uberaba	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino / 1948	Licenciatura em Matemática / 1961
Uberlândia	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia / 1960	1- Licenciatura em Matemática / 1968 2 - Licenciatura em Ciências / 1970
	Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia / 1975.	Licenciatura em Ciências / 1975
Ituiutaba	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba / 1970.	Licenciatura em Matemática/1970
Araguari	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari / 1968.	Ciências, com habilitação em Matemática /1988

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Pelo quadro 7, visualizamos que as instituições que abrigaram os cursos onde se podia estudar Matemática no Triângulo Mineiro eram, com exceção de uma faculdade localizada em Uberlândia, Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

A estruturação do ensino superior no país deu-se inicialmente sob a forma de cadeiras, que foram sucedidas por cursos, posteriormente, por escolas isoladas, passando para faculdades isoladas, sendo a iniciativa privada responsável pela instalação da maioria delas. Nesse período, destacavam-se as Faculdades de Medicina, Direito, Engenharia, Agronomia, etc. Alguns autores apontam que “não existiam estudos superiores de humanidades, ciências ou letras”. (CACETE, 2014, p. 3).

Segundo Cacete (2014), esse cenário começou a mudar durante o governo de Getúlio Vargas, quando foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, tendo como primeiro ministro Francisco Campos. O ministro, por uma série de decretos, entre eles, o de número 19.851, de 11 de abril de 1931, que trata sobre os Estatutos das Universidades Brasileiras, dispõe que o ensino superior deveria ser ministrado na universidade a partir da criação de uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras, local de formação dos professores secundários.

Por meio desse decreto, a Faculdade de Educação foi concebida com a principal intenção em formar professores para lecionar na escola secundária, além de que, segundo Cacete (2014), essa instituição deveria ser a responsável pela produção do conhecimento e da prática de pesquisa. No entanto, essa Faculdade pensada por Campos não saiu do papel. O nome adotado para as novas instituições, que, entre outras, teria a função de preparar professores para o ensino secundário, seria o de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Inicialmente, as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, no Brasil, foram criadas no interior de universidades e a elas foi atribuído o papel desenhado por Campos, em que se pretendia para as Faculdades de Educação, que era a de formar professores para o ensino secundário.

Além desse objetivo, em 1934, foi criada a primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade de São Paulo e incluía-se nessa intenção a promoção de estudos livres e a pesquisa. No entanto, apesar dessa finalidade, “a atenção voltou-se mais à pesquisa que à formação de professores, (...) visando à formação de alunos interessados em atuar no ensino superior e na pesquisa, o que também ocorreu em relação ao curso de Matemática”. (MARTINS-SALANDIM, 2012, p 319).

A partir da década de 1960, as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, como exemplo, no estado de São Paulo (MARTINS-SALANDIM, 2012), acabaram por se multiplicar, isoladamente, acompanhando a tradição do ensino superior brasileiro de escolas profissionais isoladas, respondendo à pressão por ensino superior de uma sociedade em

processo de mudança, com crescente aspiração a esse nível de ensino, com o objetivo de formar o professor para atuar no ensino secundário.

Pelas narrativas de nossos colaboradores, percebemos que o Triângulo Mineiro contava com Faculdades isoladas. Nessas faculdades, de iniciativa privada, como podemos ver na tabela 8, foram instalados os cursos de formação de professores (de Matemática). Ainda pelas entrevistas dos professores, fica claro que a intenção desses cursos era a de formar o professor para lecionar no ensino secundário e, segundo essa determinação, os cursos eram conduzidos. No entanto, nos chama a atenção a criação de uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras em Uberlândia.

Essa Faculdade foi criada em meados da década de 1970, e nela houve um curso para formar professores para lecionar Matemática, entretanto, por que uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras?

Por meio das narrativas, não ficou claro qual foi o motivo da criação de uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras no Triângulo Mineiro para a formação de professores (de Matemática). Nas entrevistas, os professores salientam a importância dos cursos, como é o caso da professora Vera, ao se referir ao curso de Matemática, mantido nessa instituição,

[...] o curso foi muito importante. Falo isso pelos meus conterrâneos. Eles não tinham condição, como não tiveram condição de fazer mais nada. Poucos fizeram a Licenciatura Plena em Matemática e outros se aposentaram com esse curso oferecido pela ABRACEC. A grande contribuição que vejo para a região foi capacitar as pessoas que não tinham diploma. (Excerto da narrativa da profa. Vera).

Ao estudar novamente as narrativas de nossos depoentes, temos que levar em consideração que, como já discutimos, em Uberlândia existia, desde 1960, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, tendo nessa instituição cursos de formação de professores, além do curso de Matemática. Ao buscarmos melhores entendimentos sobre a criação dessa Faculdade de Educação, localizamos na Revista Documenta (147), de 1973, os trâmites para a autorização dessa Faculdade, que seria mantida pela ABRACEC.

Por meio da Revista Documenta, fica claro para nós que não se podia ter em Uberlândia outra instituição com o mesmo nome para formar professores. Nesse sentido, por meio do processo nº 203.731/72, foi autorizado o funcionamento de uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia, com os seguintes cursos: Pedagogia, Licenciaturas em Letras, Ciências (Física, Química e Matemática) e Estudos Sociais. De acordo com a Documenta (176), de 1975, pelo decreto nº 76.064, de julho de 1975, foi reconhecido o funcionamento dessa

Faculdade. Para concluir, o excerto da narrativa da profa. Vera (acima) corrobora mostrando a importância desse curso para a região, e não acarretando nenhum problema ou prejuízo para o professor formado por uma Faculdade de Educação.

Esse debate, ao qual imprimimos e intitulamos “Da criação ao fechamento – uma constituição do ensino superior e os primeiros cursos de formação de professores (de Matemática)”, nos suscitou a questionar qual era o perfil do professor que lecionou nesses cursos? Sobre isso, passaremos a discutir a seguir.

### 3.5 Um perfil do docente que lecionava nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática)

A proposta para as próximas linhas é narrarmos um perfil dos docentes que lecionaram nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática). Para essa tarefa, iniciaremos uma discussão que trata sobre qual era a formação na graduação desses professores.

Como já vimos, o primeiro curso que começou a funcionar na região foi o de Licenciatura em Matemática, oferecido na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Uberlândia (FAFIU), no ano de 1968. Dos professores que entrevistamos, a Consuelo Maria Garcia de Freitas lecionou nesse curso desde a primeira turma. No entanto, à época, por ainda não haver na região um curso que formava o professor para lecionar Matemática, Consuelo se direcionou para a capital de Minas Gerais para estudar Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Belo Horizonte, no ano de 1965.

Consuelo formou-se em 1968. Com o diploma em mãos, voltou para Uberlândia e começou “a lecionar em agosto de 1971, quando a primeira turma do curso de Matemática estava se formando”. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Em relação a esse período, Consuelo nos narra que foi a quarta professora formada em Matemática em toda a cidade de Uberlândia. Segundo nossa depoente, a primeira professora formada na área foi Yone Vicentini Gomes<sup>78</sup>, tendo sido Licenciada em Matemática pela Católica de Campinas<sup>79</sup>, na década de 1950. De acordo com ela, a segunda formada na área, foi

---

<sup>78</sup> A professora Yone Vicentini Gomes foi formada em Licenciatura em Matemática pela Católica de Campinas, na década de 1950. Segundo os nossos colaboradores, ela foi a primeira a lecionar com formação específica, em Matemática, na cidade de Uberlândia. Yone foi uma das fundadoras do curso de formação de professores (em Matemática) vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Depois da federalização da Universidade, a partir de 1978, foi professora do Departamento de Ciências Exatas da UFU. Aposentou-se pela UFU e, faleceu em 2014, aos 84 anos. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>79</sup> Hoje essa instituição é conhecida por Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no interior do estado de São Paulo. (VASSELI, 2001).

a nossa colaboradora Márcia Augusta Crosara, tendo se formado em Licenciatura e Bacharelado em Matemática pela Universidade de Minas Gerais<sup>80</sup>, em 1957.

Consuelo completa essa lista com Celso Corrêa dos Santos<sup>81</sup>, como o terceiro professor com formação específica em Matemática. Ele cursou Licenciatura em Matemática<sup>82</sup> na Universidade de São Paulo, em São Carlos, no interior do estado de São Paulo, na década de 1970.

Esse levantamento que buscamos na narrativa da Consuelo, nos mostra que os primeiros professores com formação em Matemática que lecionaram em Uberlândia e, provavelmente, os primeiros do Triângulo Mineiro, buscaram suas formações nas instituições de ensino superior localizadas em Belo Horizonte e no interior de São Paulo, sendo elas, Campinas e São Carlos. Para reforçar essa observação, a narrativa da professora Márcia também aponta para os mesmos professores.

Ainda pela narrativa da professora Márcia, interpretamos que, desses professores, apenas ela não lecionou na primeira turma do curso de Matemática, em Uberlândia. No entanto, Márcia nos conta que emprestou o seu diploma para que o curso de Matemática da FAFIU pudesse receber a autorização para iniciar seu funcionamento, isso ocorreu por meio do decreto federal nº 62.293, de 22 de fevereiro de 1968.

Márcia justifica que “existia uma certa exigência de um número mínimo de pessoas portadoras de diploma na área específica para que um curso pudesse ser aberto”. (Excerto da narrativa da profa. Márcia). No entanto, Consuelo nos conta que o que impediu a Márcia de lecionar na primeira turma foi a grande quantidade de aulas que ministrava no Colégio Estadual de Uberlândia<sup>83</sup> e, em tom de brincadeira, diz “por [ela] estar sempre grávida”. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

---

<sup>80</sup> A Universidade de Minas Gerais foi constituída pela justaposição de diversas faculdades em 1927. Hoje essa instituição é denominada por Universidade Federal de Minas Gerais. (CUNHA, 2007).

<sup>81</sup> Celso Correia dos Santos, formado em Matemática pela Universidade de São Paulo, campus São Carlos. Ele foi professor da Faculdade de Computação da UFU e, aposentou-se pela UFU. (Informações – Secretaria da Faculdade de Computação da UFU).

<sup>82</sup> Para ter informações sobre a criação desse curso sugerimos a leitura de Martins-Salandim (2012).

<sup>83</sup> A Escola Estadual de Uberlândia, também, conhecida por Museu que, está localizado no centro de Uberlândia, na Praça Adolfo Fonseca, no Fundinho, quando foi criada chamava-se de Gymnásio de Uberabinha. Criado em 1908, mas inaugurada em 1912, no entanto, no prédio data o ano de 1921. Em 1928 mudou o nome para Ginásio Mineiro de Uberabinha. Quando a cidade passou a ser chamada Uberlândia, o Ginásio passou a ser denominado por Ginásio Mineiro de Uberlândia. Em 1942, mudou para Colégio Estadual de Uberlândia, depois, em 1968, recebeu a designação que conserva até os dias atuais de Escola Estadual de Uberlândia. Este prédio foi o primeiro de uma escola a ser tombado em Uberlândia, como Patrimônio Histórico e Cultural do município. Entre seus alunos ilustres, temos: o ex-governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco, o cardiologista e ex-ministro Adib Jatene, o ator Mauro Mendonça e o, compositor e cantor, Moacyr Franco. Esse Colégio foi o de maior referência em Uberlândia. (GATTI, 2013).

<sup>83</sup> Marcia Augusta Crosara é nossa colaboradora.



Dos nossos depoentes, o professor Fernando Antônio de Freitas foi aluno da primeira turma desse curso. Em sua narrativa, ele destaca uma característica dos docentes que lecionaram: “a maioria dos professores eram engenheiros”. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

Pelas narrativas de nossos depoentes, percebemos que eles indicavam alguns professores, entretanto, procuramos mais informações e localizamos na Revista Documenta (139), de 1972, uma relação de professores que foi indicada para a abertura do curso.

Por meio dessa publicação, não foi possível perceber qual era a formação desses professores. No entanto, ao realizarmos o cotejamento de fontes, o que encontramos na Documenta, nas narrativas e nas informações que obtivemos junto à secretaria onde o curso funciona até hoje, foi possível identificar a formação de alguns desses docentes que constavam nessa lista: engenheiros, pedagogas, um economista e licenciados em Matemática.

Além das professoras Yone e Márcia, e o professor Celso, que eram Licenciados em Matemática, essa relação era constituída pelos professores Ênio Vilela de Andrade<sup>84</sup>, José Peppe Júnior<sup>85</sup>, Luiz Arthur Meinberg Santos<sup>86</sup>, que eram engenheiros; pelas pedagogas Mariú Cerchi Borges<sup>87</sup> e Irmã Ilar Garotti<sup>88</sup>; e por apenas um economista, o professor Renato Campelo Ribeiro<sup>89</sup>.

Desses professores que localizamos, percebemos que eram formados em Belo Horizonte e no interior de São Paulo, nas cidades de Campinas e São Carlos. E, também, em Uberaba, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Tomás de Aquino, no curso de Pedagogia.

Entretanto, como não foi possível obtermos essa informação de todos os professores que lecionaram no primeiro curso de formação de professores de Matemática, em Uberlândia, temos que levar em consideração que, quando o curso de formação de professores (de Matemática)

---

<sup>84</sup> Ênio Vilela de Andrade, formado em Engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, foi um dos fundadores do curso de Matemática em 1967, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Na época, lecionava na Faculdade de Engenharia Federal. Depois da Federalização, a partir de 1978, foi professor do Departamento de Ciências Exatas lecionando para os cursos de Matemática e Engenharia a disciplina de Geometria Analítica. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>85</sup> José Peppe Júnior, formado em engenharia pela Faculdade de Engenharia do Triângulo, em Uberaba. Aposentou-se pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>86</sup> De acordo com os nossos depoentes, o professor Luiz Arthur Meinberg Santos era engenheiro e não foi possível descobrir em qual instituição havia se formado.

<sup>87</sup> Mariú Cerchi Borges, formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em Uberaba. Professora aposentada da UFU. (Fonte: Secretaria da Faculdade de Psicologia da UFU).

<sup>88</sup> Formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1956) e mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982). Ela foi diretora da FAFIU de 1962 até 1977. Depois foi Vice-Reitora, Pró-Reitoria Estudantil e Extensão, e professora de Currículos e Programas da UFU. (GAROTTI, 1985).

<sup>89</sup> Renato Campelo Ribeiro, formado em Economia, pela Faculdade de Ciências Econômicas de Uberlândia, ele lecionava a disciplina de Estatística. Aposentou-se na Universidade Federal de Goiás (UFG). (Informações - Faculdade de Matemática da UFG).

foi criado, em Uberlândia já existiam as faculdades isoladas, tendo a Faculdade de Engenharia, a Faculdade de Pedagogia e a Faculdade de Ciências Econômicas. Isso nos leva a refletir que alguns desses professores podem ter sido formados nessas faculdades, como por exemplo, o professor Renato Campelo Ribeiro, formado em Economia, pela Faculdade de Ciências Econômicas de Uberlândia.

Por meio da narrativa da professora Maria Teresa, atentamos para a existência de pelo menos um aluno do curso de Engenharia lecionando nesse curso, que foi o caso do professor Francisco Lépoire<sup>90</sup>.

Em 1970, na FAFIU, começou a funcionar o curso de Ciências. Nele, nossas depoentes Consuelo e Maria Teresa foram professoras em épocas diferentes. A Consuelo foi docente a partir da primeira turma até quando a Universidade foi federalizada e a Maria Teresa, desde quando ingressou na Universidade, em 1980, até quando esse curso deixou de oferecer a habilitação em Matemática.

A nossa outra depoente, a professora Semia Jorge, foi aluna da primeira turma do curso. A partir de sua narrativa foi possível perceber outros professores, além de alguns desses que já apontamos, entre eles, tivemos Layrton<sup>91</sup> e Carlos<sup>92</sup>, este último, formado em Matemática, em Belo Horizonte.

Por meio das narrativas dos nossos depoentes, identificamos algumas características desses professores. Alguns desses docentes que citamos acima, lecionaram nesses dois cursos. E, também, alguns dos professores lecionavam nas escolas secundárias que existiam em Uberlândia. Desse conjunto de docentes, ainda, ficou claro para nós, que lecionavam nos cursos que eram oferecidos nas faculdades isoladas, tendo uma maior predominância no curso de Engenharia, Economia e Pedagogia.

Por estarmos discutindo a formação dos primeiros cursos, percebemos que esse movimento fortalece, pelo menos em nossa visão, o quanto era escassa a formação do professor, independente de sua área de atuação. Isso nos mostra que as políticas públicas para esse fim, desde então, se mostram insuficientes para suprir essa necessidade.

Não podemos deixar de observar que a FAFIU era uma instituição mantida por uma Congregação Católica. Pelas entrevistas de nossos colaboradores, identificamos apenas a Irmã

---

<sup>90</sup> Francisco Paulo Lépoire Neto, formado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Engenharia em 1971. Atualmente é professor da Faculdade de Engenharia da UFU. (Informações – Secretaria da Faculdade de Engenharia da UFU).

<sup>91</sup> Lairton Borges era professor de Química. Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.

<sup>92</sup> Professor Carlos Ferrin, era professor de Desenho Geométrico, formado em Matemática em Belo Horizonte. (FAFIU, 1985).

Ilar lecionando nos cursos de formação de professores (de Matemática) dessa localidade. Esperávamos identificar um maior número de Irmãs dessa Congregação lecionando nesses cursos.

Esse cenário foi um pouco diferente em Uberaba. Vale a pena lembrar que nessa outra localidade, o curso de formação de professores (de Matemática) era mantido pelas Irmãs Dominicanas. As narrativas de Marilene e Sandra expõem uma maior presença de membros dessa Congregação lecionando no curso de Matemática, mantido na instituição em que eram responsáveis. No entanto, as narrativas nos mostram que as Irmãs que lecionavam no curso não eram formadas em Matemática.

Marilene, que foi aluna dessa primeira turma, nos conta que lembrava de alguns professores e cita “o professor Aragão<sup>93</sup>, que era professor de Cálculo. Tinha o professor Jorge Tibe<sup>94</sup>, que era professor de Geometria Analítica. Tinha outro professor cujo nome não me lembro agora, que lecionava Geometria Descritiva, mas que era engenheiro. Tinha também o professor André<sup>95</sup>, de Álgebra. Com exceção do professor André, não sei bem a formação dele, os demais eram engenheiros”. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

Percebemos algumas características em comum nos cursos de formação de professores em Uberlândia. A primeira delas: a maioria dos professores que lecionavam disciplinas específicas da área de Matemática eram engenheiros e poucos, com formação em Matemática. No caso de Uberaba, identificamos apenas o professor André com formação em Matemática, na primeira turma. Uma outra semelhança foi a presença de alunos lecionando no curso. Um exemplo foi a professora Marilene, ela começou a lecionar ainda sendo aluna do próprio curso. Por essas poucas linhas, percebemos que a escassez de professores era grande.

Em relação às disciplinas pedagógicas, Marilene aponta que os professores eram pessoas formadas em Pedagogia na própria instituição. “Lembro-me da professora Zilma<sup>96</sup>, que

---

<sup>93</sup> José Lúcio Aragão, engenheiro mecânico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, levou no final da década de 1960 a Logosofia para Uberaba, além de prestar assessorias as empresas, lecionou nas primeiras Faculdades de Uberaba, na Faculdade de Engenharia Federal em Uberlândia, participou do movimento de federalização da Universidade Federal de Uberlândia e criou a Escola de Logosofia. Faleceu em 2015, vítima de um aneurisma. (Fonte: Jornal da Manhã, Uberaba, < <http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,22,articulistas,111495> >. Acessado em 02/02/2017).

<sup>94</sup> Jorge Dib Neto, formado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

<sup>95</sup> André Bortoletto Júnior, formado em Matemática e Física pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Foi professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino e depois, da Universidade de Uberaba. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

<sup>96</sup> Zilma Terezinha Bugiatto Faria, formada em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

lecionava Didática. A Irmã Patrícia<sup>97</sup> e a Irmã Hosana<sup>98</sup>, que lecionavam Psicologia. Tínhamos a disciplina de Estrutura e Funcionamento do Ensino, que era a professora Elizabeth<sup>99</sup>”.

Pelas narrativas dos professores Vanderli Anacleto de Campos e Julmar de Oliveira Diniz, percebemos que, em Ituiutaba, como já discutimos, foi criado um curso de formação de professores de Matemática, autorizado a funcionar pelo decreto federal nº 66.602, de 20 de maio de 1970. Essas narrativas nos mostram que os docentes que lecionaram nesse primeiro curso eram profissionais de outras áreas, sendo em seu maior número, engenheiros. Sobre isso, o professor Vanderli nos narra:

A maioria era composta por engenheiros, que lecionavam as disciplinas específicas, mas, nas disciplinas pedagógicas eram profissionais da área de Pedagogia, e para a disciplina Estudos de Problemas Brasileiros tínhamos um advogado”. (Excerto da narrativa do prof. Vanderli).

Em relação à Uberlândia e Uberaba, nessa outra localidade do Triângulo Mineiro, percebemos que a escassez de pessoas com formação em Matemática era maior ainda. O que nos leva a essa afirmação, vem das próprias narrativas de nossos colaboradores, pois não identificamos nenhum professor com formação específica em Matemática lecionando nesse curso.

Uma hipótese para isso, pode ser que, diferentemente de como ocorreu nessas outras localidades do Triângulo Mineiro como já discutimos, em Ituiutaba houve um movimento de criação de cursos de ensino superior, sendo que a partir da união desses cursos, foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba. Já em Uberlândia e Uberaba houve, antes da criação do curso de formação de professores de Matemática, a criação das faculdades isoladas que, de certa forma, produziam profissionais, além da movimentação de professores que buscaram formação em Matemática, em outras localidades. De certa forma, pode ser um indício em ter algum professor para lecionar Matemática.

Para suprir a necessidade de professores para lecionar em Ituiutaba, Vanderli nos conta que “o diretor, na época, era o professor Edelweiss Teixeira, [...] convidou (convidava) alunos do próprio curso que demonstravam muito conhecimento para lecionar. Em alguns casos, esses

---

<sup>97</sup> Segundo a professora Marilene, a Irmã Patrícia Castanheira é formada em Pedagogia.

<sup>98</sup> Segundo a professora Marilene, a irmã Hosana, agora que se aposentou como freira, passou a ser chamada de Antônia Nonato, formada em Psicologia.

<sup>99</sup> Professora Elizabeth Ferreira Borges, formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. (Fonte: Secretaria Geral da Universidade de Uberaba).

alunos lecionavam até para a própria turma em que estavam estudando”. (Excerto da narrativa do prof. Vanderli).

Um exemplo disso, encontramos na trajetória da nossa depoente, a professora Maria Mirza Cury Diniz. Ela nos conta que ingressou no curso de Pedagogia em 1970,

Em 1972, na Faculdade, comecei a lecionar a disciplina Estrutura e Funcionamento do Primeiro e Segundo Graus, por causa de toda a minha experiência profissional. Como era aluna do curso de Pedagogia, apenas não lecionava para minhas colegas de turma, mas dava aulas em todos os outros cursos que ofereciam essa disciplina, inclusive no curso de Matemática. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza).

Sobre a experiência profissional que a professora relata em sua narrativa, ela nos conta que “isso se deve ao fato de que, quando surgiu a Lei 5.692/71, fui para Belo Horizonte estudar mais sobre as mudanças que essa lei estava propondo. Fiz alguns cursos, participei de reuniões, palestras, me dei muito bem e, com isso, fiquei apta para implementar a reforma de ensino básico em Ituiutaba”. (Excerto da narrativa da profa. Maria Mirza).

Até agora, em nossa narrativa, estamos detalhando sobre qual era a formação do professor que lecionou nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática). No entanto, em relação aos cursos da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia, onde o curso começou a funcionar em 1978, e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari, que começou a funcionar em 1989, as narrativas nos mostram uma forte influência de professores formados nas instituições mais antigas do Triângulo sobre esses cursos.

Nesse momento, em nossa narrativa, destacamos a presença de outros profissionais lecionando nesses cursos. Muitos dos professores que lecionaram nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) não eram formados na área de Matemática, predominava nesses cursos uma escassez desse docente, que foi substituído por um profissional de outra área do conhecimento.

Esses profissionais aos quais estamos nos referindo, que emergem das entrevistas, são o engenheiro, o economista, o advogado, o farmacêutico, entre outros. Pachane (2003; 2006) aponta que, com a criação de cursos de ensino superior e a falta de professores específicos da área, o corpo docente desses novos cursos passou a recrutar entre profissionais renomados, com sucesso em suas atividades profissionais.

Masetto (2008) aponta que na história do ensino superior brasileiro, esse recrutamento de profissionais de outras áreas para lecionar no ensino superior não é uma particularidade da região do Triângulo Mineiro, e aconteceu (tem acontecido) em outros locais do território

nacional, como em Mato Grosso do Sul (SILVA, 2015), em Mato Grosso (BOTH, 2014), no Rio Grande do Norte (MORAIS, 2017), em outras regiões de Minas Gerais (ALMEIDA, 2015), apenas para citar alguns.

Masetto (1998) aponta que esses profissionais, recrutados para serem professores desses primeiros cursos, tinham a tarefa de ensinar seus alunos a serem tão bons profissionais quanto eles.

em nenhum momento era questionada, por exemplo, perguntava-se se o professor tinha transmitido bem a matéria, se havia sido claro em suas explicações, se estabelecera uma boa comunicação com o aluno, se o programa estava adaptado às necessidades e aos interesses dos alunos, se o professor dominava minimamente as técnicas de comunicação. Isso tudo, aliás, era percebido como supérfluo, porque, para ensinar, era suficiente que o professor dominasse muito bem apenas o conteúdo da matéria a ser transmitida (MASETTO, 1998, p.12).

Por outro lado, é indiscutível a importância da presença desses profissionais para lecionar nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática). As entrevistas têm nos dado algumas sinalizações, como por exemplo, no relato da professora Marilene: “como a maioria de nossas aulas eram expositivas, de repetição, pouco se usava [algum recurso para as aulas]. Isso acontecia porque nossos professores eram engenheiros, então davam pouca ênfase aos conceitos”. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

Será que isso pode ter interferido posteriormente, quando esses alunos foram docentes, pois segundo Anastasiou (2006), uma das consequências da insuficiência pedagógica, presente no ensino superior, está associada ao fato de que os professores, ao assumirem a carreira docente, repetem com seus alunos o que viveram com seus professores, mantendo um ensino repetitivo, focado na exposição de conteúdo e na memorização pelos estudantes, visando ao sucesso nos exames. No entanto, entender como se dá isso não é um dos objetivos de nosso estudo, mas fica a observação sob até que ponto isso pode ter contribuído para a formação pedagógica dos futuros professores.

No decorrer do desenvolvimento dos primeiros cursos, com a abertura de novas turmas, percebemos nas entrevistas, que o recrutamento desse profissional para lecionar nos cursos de formação de professores (de Matemática) foi amenizado com a entrada dos recém-formados desses cursos. Isso aconteceu em praticamente todos os locais que estudamos.

Para ilustrar essa situação, em Uberaba, temos que “a maioria dos professores era licenciada, sendo composta por ex-alunos do curso. Como é o caso da Sandra Bulhões Cecílio

e da Valdina<sup>100</sup>. Era quase que um aproveitamento dos melhores alunos, aqueles que se sobressaíram, passaram a compor o quadro de professores” (Excerto da narrativa da profa. Marilene). Também, em Uberlândia, foi o caso do Fernando Antônio de Freitas e Maria Teresa Menezes Freitas e, em Araguari, do Márcio Aurélio da Silva.

Um outro aspecto que saltou aos nossos olhos durante as entrevistas foi que, de certa forma, os cursos de formação mais antigos, como é o caso dos que ocorrem em Uberlândia e Uberaba, abasteciam com os seus recém-formados os cursos mais novos, como é o caso do curso que começou a funcionar em 1978, mantido pela ABRACEC, em Uberlândia. Como exemplo disso, temos os nossos depoentes. Vera Lúcia Sousa Costa formou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia e Irineu de Paula Leão formou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

Um outro exemplo que ilustra bem essa situação, foi o que ocorreu com os primeiros professores que lecionaram no curso de Ciências, com habilitação em Matemática, em Araguari. Luiz Antônio Fernandes e Edson Luiz Aleixo formaram-se pela UFU, ambos no curso de Ciências, sendo o primeiro com habilitação em Matemática e o segundo, em Ciências Biológicas. Pela narrativa do professor Luiz Antônio, há indícios de outros professores nessas condições, quando o curso começou a funcionar

tínhamos a professora Dagmar<sup>101</sup>. Ela é formada em Matemática pela UFU, dividia as aulas de Matemática, Matemática I e Estatística comigo. Além de lecionar outras disciplinas, geralmente as da área pedagógica, como Prática de Ensino em Matemática, Didática I e Didática II. Na área de Biologia era o professor Edson<sup>102</sup>, formado pela UFU. Ele trabalha até hoje na Instituição. Lecionou as disciplinas de Biologia I, II e III e Prática de Ensino em Biologia. Já na área de Química, tínhamos a Jane<sup>103</sup>, também formada pela UFU, que lecionava as disciplinas de Química I e II, além das disciplinas de Prática de Ensino em Química. A Carmen Lucia Mendes<sup>104</sup> lecionava a disciplina de Prática de Ensino em Ciências. (Excerto da narrativa do prof. Luiz Antônio)

Vislumbramos que, a partir desses exemplos, de uma certa forma, os cursos mais antigos de formação de professores de Matemática passaram a ser os centros de formação da região, de

---

<sup>100</sup> Valdina Gonçalves da Costa, formada em Matemática pela Universidade de Uberaba. Atualmente, leciona na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. (Fonte: < <http://lattes.cnpq.br/7394812434585566> >. Acessado em 19/12/2017.

<sup>101</sup> Dagmar Martins, formada em Matemática pela UFU, atualmente está aposentada. (Informações – Secretaria da Instituto Master Presidente Antônio Carlos (IMEPAC))

<sup>102</sup> Edson Luiz Aleixo é nosso colaborador.

<sup>103</sup> Jane Ferreira Neves, formada pelo curso de Ciências da UFU, atualmente está aposentada. (Informações – Secretaria do IMEPAC).

<sup>104</sup> Carmen Lucia Mendes, formada pelo curso de Ciências da UFU, atualmente está aposentada. (Informações – Secretaria do IMEPAC).

tal forma que abasteciam com seus formados os cursos mais novos, como foi o caso dos cursos que abriram em Ituiutaba e Araguari.

Nesse momento, cabe um apontamento. Nos cursos mais velhos, para que o professor tivesse alguma formação em cursos superiores para lecionar Matemática, as opções eram outros centros de formação, como Belo Horizonte, Campinas, São Carlos, Rio de Janeiro, entre tantos. Depois de um certo tempo, esses cursos mineiros passaram a oferecer estudantes formados para lecionar em cursos da região. Essa nossa percepção, não é original, pois em diversos trabalhos do ‘Projeto do Mapeamento’ já foi destacada e discutida como “centros” e “periferias” (GARNICA, 2018). Assim, as cidades mineiras e seus cursos, em relação às outras localidades com cursos mais antigos, eram periferia e, com o passar do tempo, em relação às outras cidades com cursos mais novos, passaram a ser os centros de formação de professores de Matemática.

Outro aspecto foi percebido por meio das entrevistas, a maneira que acontecia o abastecimento de professores por parte dos cursos mais antigos aos mais novos. Entram em cena os docentes aposentados, por exemplo, da UFU, que foram lecionar em outra instituição, como foi o caso do curso de formação de professores (de Matemática) da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia. “Havia muitos professores que eram aposentados pela UFU e depois passaram a lecionar em nosso curso. [...] O Sandoval Martins<sup>105</sup> foi um deles. Ele se aposentou no curso de Matemática da UFU e depois veio lecionar em nosso curso”. (Excerto da narrativa do prof. Irineu).

A partir das pesquisas realizadas pelo ‘Projeto do Mapeamento’, notamos que houve em grande parte desses estudos (CURY, 2011; MARTINS-SALANDIN, 2012; FAORO, 2014; BOTH, 2014; ALMEIDA, 2015; SILVA, 2015; GONZALES, 2016; MORAES, 2017; PRADO, 2018) uma predominância do professor que se deslocava de outros estados e, também, entre as cidades mais próximas, nas quais os cursos de formação de professores (de Matemática) passaram a existir, para lecionar.

No Triângulo Mineiro, de certa forma, esse movimento aconteceu, as entrevistas dos professores mostram isso. Para compor o corpo docente dos primeiros cursos, parte dos docentes residia, em alguns casos, em outras cidades e, também, em outros estados. Para não se estender muito sobre isso e, com o intuito de ilustrar essa situação, apresentamos alguns exemplos.

No caso de professores que saíram de outro estado, temos o André Bortoletto Júnior, apontado por Marilene e Sandra, em Uberaba. Ele formou-se em Matemática pela Universidade

---

<sup>105</sup> Não foi possível obter maiores informações sobre esse professor.



Presbiteriana Mackenzie, e residia em Igarapava, no estado de São Paulo. E, em Uberlândia, apontado pelas entrevistas do Fernando, Márcia e Consuelo, o professor Celso Correia dos Santos, formado em Matemática pela Universidade de São Paulo, campus São Carlos, cidade onde residia.

Um docente muito citado nas entrevistas de Fernando, Márcia, Consuelo e Maria Teresa, era o José Pepe Júnior. Verificamos por meio da Revista Documenta (139), de 1972, que o professor Pepe era engenheiro formado pela Faculdade de Engenharia do Triângulo, em Uberaba, onde também residia. Ele foi apontado pelos nossos depoentes como um dos participantes da fundação do curso de formação de professores (de Matemática) em Uberlândia, e no início ele viajava para Uberlândia para lecionar, posteriormente, chegou a mudar-se para a cidade.

De uma forma muito semelhante ao que ocorreu com o professor Pepe, temos o nosso colaborador, o professor Vanderli. Ele se formou em Uberlândia, em Economia, na Faculdade de Ciências Econômicas de Uberlândia, onde também residia. Para lecionar em Ituiutaba, viajava semanalmente. No nosso entender, esses casos caracterizam o professor que sai da sua cidade, porém pertencente à região, e se desloca para lecionar.

Observamos que as idas e vindas de docentes de outras localidades se dava por causa da escassez de professores com qualificação suficiente para trabalhar nas disciplinas que eram ofertadas nos primeiros cursos, onde o professor se formava para lecionar Matemática. Também, estamos levando em consideração que, praticamente, muitos eram aproveitados entre os outros cursos que existiam na época. Como já dissemos, um professor que ensinava no curso de Engenharia, ensinava no curso de Matemática; o professor que ensinava na Economia, ensinava no curso de Matemática; o professor que ensinava na Pedagogia, ensinava no curso de formação de professores (de Matemática).

Durante as entrevistas, perguntamos aos nossos colaboradores como era a forma de contratação do professor para lecionar nos cursos. De uma forma geral, em todos os cursos, os professores eram convidados. Para aquele que não tinha nenhum vínculo com o curso era, muitas vezes, indicado por algum conhecido, como foi o caso do Irineu e da Vera. Outra situação foi daquele professor que era aluno do curso e, como já vimos, acabava sendo convidado para lecionar, como foi o caso da maioria de nossos depoentes.

Apenas na entrevista do Irineu houve algo um pouco diferente, quando ele nos conta que era responsável por contratar o professor enquanto estava na coordenação do curso de

Matemática e depois, como diretor do Centro de Ciências Exatas da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia.

Na época, não era fácil você encontrar professor. Recebia muitos currículos, mas dificilmente os perfis analisados atendiam às necessidades básicas da Instituição. Isso, tanto para professores quanto para os gestores. Eu era responsável por contratar não apenas os professores que iriam ministrar aulas no curso de Matemática, mas que fossem trabalhar no corpo docente da área de exatas. Algumas vezes o professor vinha por indicação, outros, faziam entrevista comigo mesmo. Às vezes, era um bate-papo que tínhamos com o candidato e acabávamos contratando. (Excerto da narrativa do prof. Irineu).

No entanto, independente da instituição na qual o professor iria trabalhar, como as instituições eram particulares, havia um contrato de trabalho efetivado por disciplinas ou horas/aulas semanais, sendo o professor chamado de horista.

Essa forma de prestação de serviço por parte dos docentes, no nosso ver, de algum modo, traz algumas consequências na vida acadêmica dos professores, pois o tempo de permanência dos professores na instituição era quase o correspondente ao seu período de aula, a vivência acadêmica não era priorizada. (BRITO, 2011).

Esse cenário mudou com a criação da UFU. Mas qual foi a importância de uma universidade federal, na região, para a formação de professores (de Matemática)?

As entrevistas não nos deixam dúvidas sobre a importância da criação de uma universidade federal para o Triângulo Mineiro. E isso trouxe algumas implicações para a prática do docente, à época.

O professor Fernando, que pertencia à recém universidade federalizada, ficou muito feliz pelo aumento salarial. Como percebemos em sua narrativa

Com as mudanças para a federalização, os professores tiveram um acréscimo muito considerável em seus salários. À época, o professor que lecionava na Faculdade de Filosofia estava ganhando, por exemplo, trezentos reais por mês. Quando foi federalizado, tenho relatos de colegas que, quando chegaram no caixa do Banco do Brasil para receber o seu salário, quase desmaiaram ao verem dois mil reais na conta, por exemplo. O professor não acreditava, ele perguntava para o funcionário do banco, que trabalhava no caixa: Todo esse dinheiro é meu mesmo? É meu salário! Meu salário é esse, agora? (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

Posteriormente, Fernando aponta que, com a federalização da universidade, o professor ganhou mais responsabilidades, pois “os professores eram dedicação exclusiva, então, não era aquele negócio de você ir até a Universidade apenas para as aulas, tinha que fazer pesquisa,

trabalhar na extensão e tocar a parte administrativa. E o pessoal não estava acostumado com isso”. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

Nesse sentido, Brito (2011) aponta que a ideia de Universidade foi construída no decorrer da vida que emergia na UFU. Por muito tempo a vida acadêmica ficara apenas com os planos de aulas, já que a ausência do mestrado e do doutorado na formação dos professores era elemento de empecilhos, que dificultava maiores avanços no trabalho acadêmico, por exemplo, a atividade de pesquisa, de orientação e de produção de novos conhecimentos.

Com as mudanças que ocorreram na configuração da Universidade pois, pelo grau de formação e pelo tempo de dedicação desses profissionais, o ensino passou a ser uma atividade prioritária a ser realizada, experimentada pelos professores. Desse modo, as narrativas nos direcionam a compreender que o papel da Universidade já estava consolidado e entendido como algo ligado à pesquisa, ao ensino e à extensão, exposto na Lei 5.540/68 da reforma do ensino superior. No entanto, fica para nós, implícito, que durante muito tempo a UFU se dedicou apenas ao ensino, como sua maior expressão acadêmica.

Esse cenário muda a partir do momento em que se começa a exigir concurso público para o ingresso do professor na Universidade, isso em 1980, pois

[...] no início, quando a Universidade foi federalizada, ainda não havia concursos. A Universidade não abria concurso, ninguém queria vir para cá. Os professores não queriam vir para Uberlândia porque a estrutura de prosseguir os estudos era muito difícil e alguns não queriam vir para o interior. Os professores eram convidados! (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Antes de começar a existir concurso, muitos professores foram contratados, uma das últimas professoras a ser contratada, sem o concurso de provas e títulos, foi a nossa depoente Maria Teresa. Ao se exigir concurso para o ingresso do docente na Universidade, obrigava a quem já estava no movimento docente a se qualificar para acompanhar o próprio desenvolvimento da instituição.

Dos nossos professores entrevistados que atuaram na UFU, apenas o professor Fernando cursou mestrado em Matemática Pura. Ele formou-se pela PUC do Rio de Janeiro, em 1976, isso, antes da federalização da Universidade. Nessa época, existiam poucos centros acadêmicos que ofereciam cursos de mestrado em comparação com os dias atuais no país e, quem quisesse cursá-los, precisava sair do Triângulo Mineiro com direção “a São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Bahia”. (Excerto da narrativa da profa. Márcia).

Essa dificuldade foi um dos motivos para que, em 1980, a professora Consuelo, que era chefe do departamento de Matemática, por ter cursado a graduação em Matemática em Belo

Horizonte, buscou trazer para Uberlândia um mestrado em Matemática, a partir dos seus professores e colegas da época, que já estavam como docentes do curso de Matemática da UFMG.

Outra justificativa apontada pela nossa colaboradora, para trazer um mestrado em Matemática para Uberlândia, foi que, naquela ocasião, fazia poucos anos que a UFU estava federalizada e o curso de formação de professores (de Matemática) tinha poucos docentes com o mestrado em Matemática. Em sua narrativa, ela enumera “o Fernandinho<sup>106</sup>, que tinha sido nosso aluno na Faculdade de Filosofia [tinha mestrado]. Como na época não tinha concurso, ele convidou para vir do Rio, o Eugênio de Paula<sup>107</sup>, o Luís Salomão<sup>108</sup> e a Maria Inês<sup>109</sup>. Eles já tinham o mestrado”. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

O empenho da professora Consuelo não surtiu o efeito esperado, mas ela conseguiu trazer para a cidade um curso de especialização em Matemática. Os professores que se dispuseram a ministrar o curso viajaram de Belo Horizonte para Uberlândia. “Vieram ministrar esse curso [...] no período de férias. Fizemos esse curso, trabalhando o tempo todo. Até hoje guardo na memória um dos depoimentos de um dos professores de BH, que falou: ‘este curso é o nosso mestrado’”. (Excerto da narrativa da profa. Maria Teresa).

Segundo Consuelo, as despesas com esses professores foram bancadas pelos próprios alunos, que se dispuseram a cursar a especialização. “A turma era pequena, tinham como alunos alguns professores do nosso curso e quem tinha a graduação em Matemática, pode fazer essa especialização”. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Um dos nossos interesses, durante a entrevista com nossas colaboradoras, foi saber quais foram as disciplinas trabalhadas nessa especialização. Ao perguntar isso, as nossas depoentes nos cederam o certificado de conclusão desse curso e, no verso dele, constavam os professores que lecionaram e as respectivas disciplinas, apresentadas na figura 30.

---

<sup>106</sup> Fernando Antônio de Freitas é nosso colaborador.

<sup>107</sup> Eugênio de Paula, formado em Matemática pela Unesp, campus Rio Claro. Mestre em Matemática na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>108</sup> Luiz Antônio Salomão, formado em Matemática pela Unesp, campus Prudente. Mestre em Matemática na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>109</sup> Maria Inês Salomão, formada em Matemática pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus Prudente. Mestre em Matemática na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente está aposentada pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

**Figura 30 – Verso do certificado do diploma de Especialização em Matemática**

34\_

TITULADO: CONSUELO MARIA GARCIA DE FREITAS

DOCENTE	TÍTULO	DISCIPLINA	FREQUÊNCIA	H/AULA	CONCEITO
Maria Suzana Balparda de Carvalho	Mestre	Análise I	100%	60	84
Roberto de Maria Nunes Mendes	Ph. D	Variáveis Complexas	100%	60	96
Maria Elazir Seabra Gomes	Mestre	Variáveis Complexas	100%	60	96
Vivaldo Rezende Filho	Mestre	Álgebra Linear	100%	90	100
Carlos Afonso Rêgo	Mestre	Álgebra Linear	100%	90	100
Márcio Gomes Soares	Mestre	Análise 2	100%	60	79
Mário Jorge Dias Carneiro	Ph. D	Análise 2	100%	60	79
Jesus Carlos da Mota	Mestre	Introdução às Equações Diferenciais	100%	60	85
Adairto Gonçalves dos Anjos	Mestre	Introdução às Equações Diferenciais	100%	60	85
Roberto de Maria Nunes Mendes	Ph. D	Geometria Diferencial	85%	60	99

MEC - Universidade Federal de Uberlândia  
 Certificado registra o sob n.º 208  
 Livro P.6.1 fls. 18 processo 00006/R3  
 Em 6 Janeiro 1983  
 Uberlândia 06/01/1983

*Aparella Portilho Salazar*  
 Chefe S.E.A.U.

*Antônio*  
 Reitor

Aparella Portilho Salazar  
 Chefe SRD  
 Antonino Martins da Silva Junior  
 Pro-Reitor Acadêmico  
 Azaulfo Marques Martins da Costa

Fonte: Acervo pessoal da professora Consuelo

Com o passar do tempo, na UFU, muitas barreiras foram vencidas para que de fato a pesquisa, assim como a extensão passassem a fazer parte do universo da docência na Universidade e, de certa forma, influenciou Maria Teresa, Consuelo, Márcia e outras professoras e professores do Departamento de Matemática a criarem cursos para os professores da rede pública, em forma de extensão e de palestras.

Esse movimento inspirou nossas depoentes, sobre a liderança da professora Maria Teresa, a criarem “o Grupo de Apoio às Atividades em Educação Matemática (G.A.A.E.M) e,

também, o Laboratório de Ensino em Matemática [na época, para que ambos fossem aprovados passaram] pelos conselhos superiores [da Universidade]” para que começassem a funcionar em 1993. (Excerto da narrativa da profa. Maria Teresa).

Geralmente, os cursos de extensão e as palestras oferecidas para os professores da rede pública de ensino eram em parceria ou com a Prefeitura de Uberlândia ou com a Secretaria Estadual de Educação em Minas Gerais. Podemos observar, um exemplo de como era feita essa parceria com a prefeitura da cidade, na figura 31.

**Figura 31 - Folder de oferecimento de cursos de extensão e palestras para professores da rede municipal de ensino de Uberlândia**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA




**1º CICLO DE ESTUDOS  
E PALESTRAS EM  
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

**02 a 06 de outubro/95**  
Campus Santa Mônica  
Anfiteatro - Bloco B

**PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO**  
Universidade Federal de Uberlândia  
Departamento de Matemática

**Grupo de Apoio às Atividades em  
Educação Matemática (G.A.A.E.M.)**

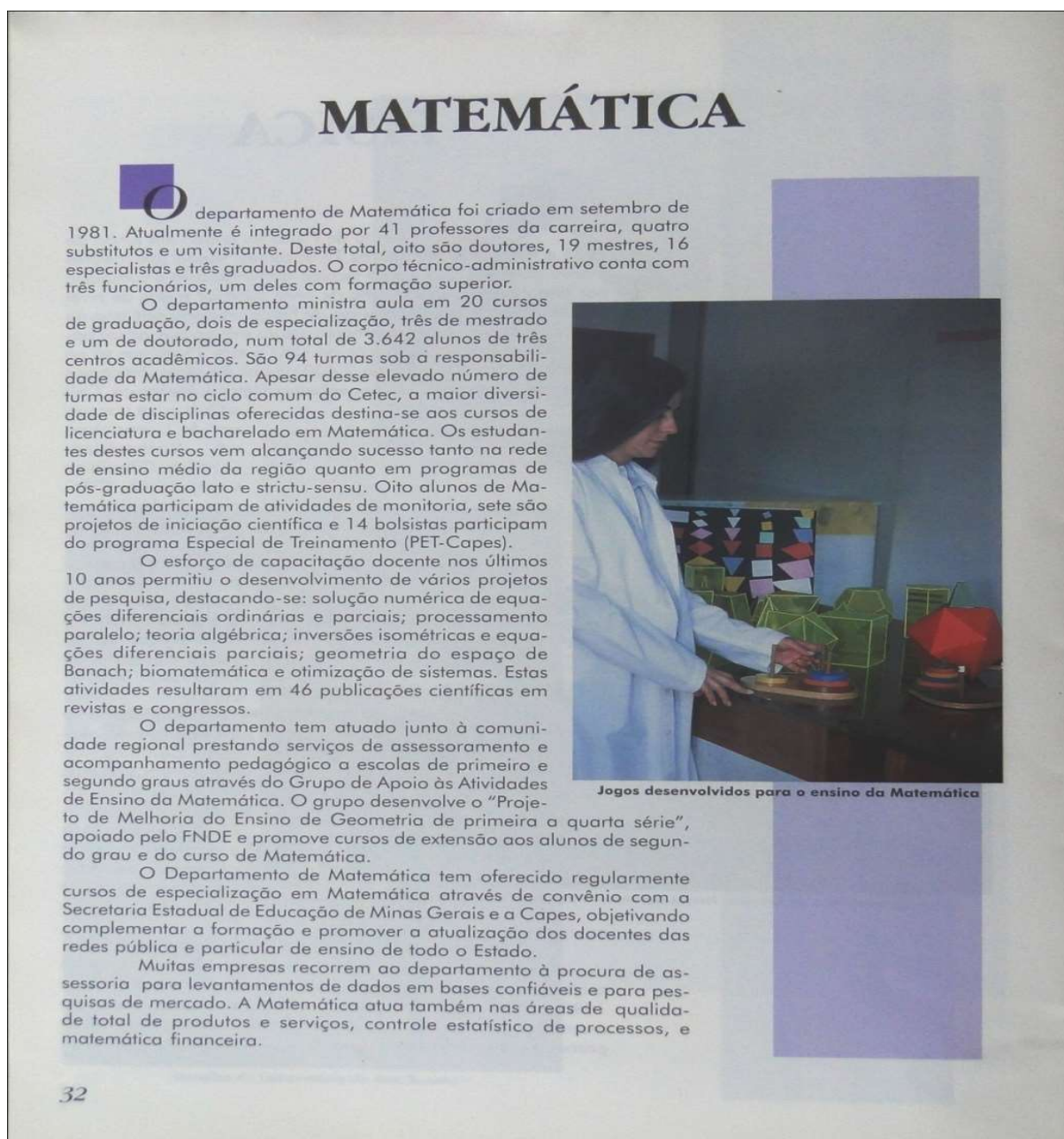


**Prefeitura Municipal de Uberlândia**  
Secretaria Municipal de Cultura

Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Teresa Menezes Freitas

Identificamos, por meio das entrevistas de nossos depoentes e por alguns documentos por eles cedidos, que muitas das atividades ocorriam no Laboratório de Ensino em Matemática e tinham uma abrangência na comunidade, tanto na prestação de serviços de assessoramento como no acompanhamento pedagógico nas escolas de educação básica, por meio do G.A.A.E.M. Na figura 32, temos um panorama de suas ações para o ensino e aprendizagem de Matemática na região.

**Figura 32 – Panorama de atuação do curso de formação de professores (de Matemática)<sup>110</sup>**



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Teresa Menezes Freitas

<sup>110</sup> Na foto está a professora Maria Teresa Menezes Freitas, em 1993.

Maria Teresa cita dois projetos executados no âmbito do G.A.A.E.M. Um foi o “Projeto de Melhoria do Ensino de Geometria de primeira à quarta série”, nele, o foco estava nos alunos da educação básica e do próprio curso de Matemática. O outro foi uma parceria com a Secretária Estadual de Educação em Minas Gerais e a Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia. Trata-se do Programa de Capacitação de Professores do Estado de Minas Gerais (PROCAP), que ocorreu em 1997 e em 1998. Esse Programa teve o objetivo de capacitar professores das séries iniciais do ensino fundamental para o ensino de Matemática. (COIMBRA, 2000).

Nesse meio tempo, em que Maria Teresa se dedicava aos projetos de ensino e aprendizagem da Matemática à frente do G.A.A.E.M, a UFU tornou-se um centro de referência de ensino, pesquisa e extensão na região, oferecendo diferentes cursos de graduação e pós-graduação. Sua estrutura, seus cursos, sua qualidade, suas pesquisas, a colocaram como uma das melhores Universidades Públicas do Brasil. (BRITO, 2011).

Todo esse cenário incentivou Maria Teresa a cursar mestrado em Educação na UFU, terminando em 2000. Outro depoente de nossa pesquisa, o professor Márcio Aurélio da Silva, com o crescimento da UFU no campo da pesquisa, também realizou na instituição o mestrado e doutorado na área de Engenharia Mecânica.

No entanto, percebemos que na UFU, além do desenvolvimento da extensão e da pesquisa, houve de certa forma, o incentivo para que seus docentes buscassem uma formação continuada. Isso acontecia por meio de eventos para os quais os professores conseguiam uma ajuda de custo para sua participação. Isso ajudou a professora Maria Teresa a ir a alguns eventos no país, promovidos pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM)<sup>111</sup>, e também, fora do país, como os realizados pelo *National Council of Teachers of Mathematics* (NCTM)<sup>112</sup>.

Pelo que narramos nessas linhas acima, notamos a importância de uma universidade federal na região para a formação de professores (de Matemática). Ainda podemos acrescentar nesse contexto que, de todos os primeiros cursos onde o professor podia se formar para lecionar Matemática, apenas o mantido pela UFU existe até os dias de hoje. Além disso, na universidade

---

<sup>111</sup> Para mais informações sobre a Sociedade Brasileira de Educação Matemática indicamos o site < <http://www.sbembrasil.org.br> >, visitado em 19 de outubro de 2018.

<sup>112</sup> Para mais informações sobre Conselho Nacional de Professores de Matemática indicamos o seguinte endereço < <https://www.nctm.org/> >, visitado em 19 de outubro de 2018.



existe o curso de Mestrado em Matemática<sup>113</sup> e o Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática<sup>114</sup>, junto à Faculdade de Matemática.

Em relação aos docentes que lecionaram nos outros cursos de formação de professores (de Matemática), que não tiveram relação com a UFU, como se davam suas capacitações? Elas aconteciam para a sobrevivência para o curso ou para a sobrevivência do professor no curso?

Acrescentamos que é preciso levar em consideração que, a partir de 1968, foi determinada a Reforma Universitária, Lei n. 5.540/68 que, apesar de questionada em algumas disposições, introduz a tríade ensino, pesquisa e extensão, que tinha o propósito de assegurar a qualidade da educação ministrada no ensino superior. A referida reforma dispôs sobre a necessidade de as Universidades ofertarem cursos de Pós-graduação Lato-Sensu (especialização) e Stricto-Sensu (mestrado e doutorado).

No nosso entender, a capacitação docente acontecia em diferentes níveis. No grupo de professores entrevistados, houve aqueles que buscaram a capacitação ou para sobrevivência para o curso, ou para a sobrevivência do professor no curso, mas percebemos, também, aquele professor que realizou uma capacitação por querer se aperfeiçoar na carreira docente. Identificamos esse movimento, tanto para a especialização quanto para o mestrado e doutorado.

Um de nossos interesses está em entender quais as possibilidades que os professores do ensino superior tinham à época, quando terminaram suas graduações, para realizar cursos de aperfeiçoamento na carreira docente, em especial, em um período em que o acesso a um mestrado era mais difícil.

Por volta da década de 1970, houve um lugar bastante requisitado por alguns dos nossos colaboradores. Trata-se do curso de especialização em Matemática, realizado na cidade de Ribeirão Preto<sup>115</sup> e oferecido pela Faculdade Barão de Mauá<sup>116</sup>. Nessa especialização, foram alunos a professora Marilene Ribeiro Resende, em 1974, os professores Julmar de Oliveira Diniz, em 1975, e Irineu de Paula Leão, em 1976. Essa especialização acontecia nos finais de semana e nossos colaboradores viajavam semanalmente para poder cursá-la.

---

<sup>113</sup> Para mais informações a indicamos o site <<http://www.posgrad.famat.ufu.br/>>, visitado em 19 de outubro de 2018.

<sup>114</sup> Para mais informações a indicamos o site <<http://www.ppgecm.ufu.br/>>, visitado em 19 de outubro de 2018.

<sup>115</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 175 km de distância da cidade de Uberaba, a 275 km de distância de Uberlândia e a 390 Km de distância de Ituiutaba. (IBGE, 2017).

<sup>116</sup> Fundada em 5 de maio de 1966, em Ribeirão Preto, com a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Barão de Mauá", que mantinha os cursos de Letras, Pedagogia, Matemática e Estudos Sociais. A instituição supria uma grande carência de cursos voltados para a formação de professores na região. Atualmente, tem o nome de Centro Universitário Barão de Mauá. (Fonte: <<http://www.baraodemaua.br/>>. Acessado em 18/12/2017).

As professoras Marilene e Sandra nos contaram que cursaram, no final da década de 1970, em Uberaba, uma especialização denominada Programa Regional de Especialização de Professores para o Ensino Superior (PREPES), oferecida na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Essa especialização foi aprovada pelo parecer nº 2.559/75, do Conselho Federal de Educação (CFE). Da mesma forma que a anterior, essa especialização acontecia nos finais de semana e as professoras viajavam semanalmente para Belo Horizonte.

Sandra nos conta que o PREPES era

uma formação continuada, que agregava mineiros de várias áreas em especializações específicas. Os professores que lecionavam eram, em grande maioria, da UFMG. As aulas da especialização se concentravam nas férias e eram exigidos longos trabalhos durante o semestre. Exigiu-me bastante estudo, tinha um alto nível de formalização matemática, e me exigiu ir muito além no conteúdo matemático a que eu estava acostumada. Entretanto, cheguei a receber convite de um dos professores da UFMG para fazer mestrado lá. Achei graça da ideia. Neste momento inexistia para mim, talvez por ser muito jovem, a ideia de uma formação continuada, de uma carreira acadêmica. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

Após ter cursado essas especializações, a professora Marilene nos conta que isso ajudou a despertar, nela, “o desejo pessoal de cursar uma pós-graduação *Stricto Sensu*. Não porque teria um plano de carreira no qual seria beneficiada na Universidade, se fizesse uma pós-graduação. Mas um desejo pessoal mesmo em poder se aperfeiçoar, em estudar. Sempre gostei muito de estudar”. Desse modo, Marilene, foi “uma das primeiras a cursar o mestrado em Rio Claro<sup>117</sup>. Fui da segunda turma, terminei em 1991. O doutorado, comecei em 2004, na PUC-São Paulo<sup>118</sup>. Ambos os cursos na área de Educação Matemática”. (Excertos da narrativa da profa. Marilene).

Nossos depoentes apontaram ainda outras especializações que realizaram em outros lugares, como foi o caso do professor Irineu que, em 1978, realizou um curso no ensino de Física na UFMG e outro, na Universidade Federal de Juiz de Fora<sup>119</sup>, em 1994.

O professor Márcio, quando ingressou para lecionar no ensino superior em 1999, ainda possuía apenas a graduação em Ciências, com habilitação em Matemática. Ele nos conta que

---

<sup>117</sup> A professora Marilene refere-se à Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Campus de Rio Claro.

<sup>118</sup> A professora Marilene refere-se à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática.

<sup>119</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 800 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

Precisei fazer a especialização para legalizar a minha situação na Faculdade. Nisso, soube que, em Lavras, a Universidade Federal oferecia especialização em diferentes áreas. Assim, em 2005, fiz uma especialização na Universidade Federal de Lavras, em Matemática e Estatística, legitimando a minha situação para lecionar no Ensino Superior. (Excerto da narrativa do prof. Márcio).

Entre os nossos entrevistados, ele faz parte de um grupo de docentes que, para a sobrevivência no ensino superior, precisava ter algo a mais que a graduação. Esse movimento pelo qual nosso depoente passou, não é algo particular do Triângulo Mineiro, tendo acontecido em outras regiões do território nacional, o que as pesquisas do Projeto do Mapeamento nos mostram. (CURY, 2011; BOTH, 2014; ALMEIDA, 2015; SILVA, 2015; GONZALES, 2016; MORAES, 2017).

No caso do professor Márcio e de tantos outros docentes espalhados pelo país, temos que salientar que estavam amparados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei nº 9394/96 que, por um lado, não faz qualquer exigência didático-pedagógica à docência no Ensino Superior e, por outro lado, só dispõe que, para exercer o magistério no referido nível, basta possuir curso de pós-graduação Lato ou Stricto-sensu. Ainda a referida Lei menciona que a “docência no ensino superior será preparada (e, não formada) nos programas de pós-graduação” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 154). Essas autoras ainda caracterizam os programas de formação de professores para o ensino superior pelo enfoque tradicional, técnico e hermenêutico ou reflexivo:

(1) Tradicional: considerado por se tratar de um modelo conservador. A formação do professor nessa perspectiva se dá na prática, observando o mestre, ou seja, aprende a fazer fazendo. (2) Técnico: considerado como um técnico instrumental. A formação do professor, nesse enfoque, deve ser formado para adquirir competências comportamentais com o objetivo de executar esse conhecimento, desenvolvendo suas habilidades técnicas. (3) Hermenêutico ou reflexivo: nesse modelo o professor deve ser considerado como um intelectual. Essa formação requer investimentos acadêmicos, que permitam ao docente a produção dos conhecimentos da história e na sociedade, que deseja que o professor desenvolva a prática educativa como forma de aprender. Requer, que se invista na formação contínua dos professores, de forma democrática, nas instituições nas quais trabalha (p.183-187).

Amparados pela Lei nº 9394/96 e preocupados com a formação dos futuros professores, os programas de pós-graduação espalhados por todo o território nacional, implementaram cursos de Metodologias do Ensino Superior com o propósito de intensificar a formação pedagógica do professor do ensino superior.

Tais propostas trouxeram alguns reflexos para a formação de professores do ensino superior no Triângulo Mineiro, como foi o caso dos professores Luiz Antônio, que cursou uma especialização em Metodologia do Ensino Superior, em 1999, na cidade de Batatais<sup>120</sup>, e do professor Edson Luiz Aleixo, na cidade de Barretos<sup>121</sup>, nesse mesmo ano.

De certo modo, esse debate que trouxemos acima, nos mostrou como se dava a capacitação docente nos demais cursos de formação de professores (de Matemática). No entanto, também percebemos que, nesses cursos, a extensão e a pesquisa ocorreram de forma bastante tímida e, muitas vezes, não ocorriam, deixando os professores desses cursos mais preocupados com o ensino.

Todos esses aspectos levantados por nós, disparados a partir das entrevistas de nossos colaboradores, formam um conjunto de indícios que nos direcionam a concluir que, a união deles, é responsável pela constituição de um perfil docente que lecionava nos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática).

### 3.6 Algumas reflexões sobre a estrutura dos primeiros cursos

Como já afirmamos, a partir dos anos 2000, começamos a nossa incursão no ensino superior, lecionando em alguns cursos de formação de professores (de Matemática). O primeiro, foi na Universidade Guarulhos, posteriormente, na Universidade Federal do Tocantins e, atualmente, na Universidade Federal de Uberlândia.

Ao longo desses anos, participamos de inúmeras reuniões onde tratavam da estruturação curricular dos cursos. Isso foi mais efetivo quando ingressamos na Universidade Federal do Tocantins, em 2009, e o curso estava migrando de Ciências com habilitação em Matemática para uma licenciatura em Matemática. Além do trabalho na adequação da estrutura curricular, nossas preocupações se fixavam nos planos de ensino, em uma melhor adequação da ementa, dos seus objetivos, dos conteúdos, da forma de avaliação e da bibliografia.

Junto a esse trabalho, não podemos deixar de salientar o que muito nos marcou, nessa época, que foi a questão estrutural que existia na Universidade para atender aos professores e aos alunos. Antes de mudar para o Tocantins, lecionávamos em uma instituição onde nada nos faltava de aporte às nossas aulas e aos atendimentos dos alunos, além de termos uma excelente

---

<sup>120</sup> É um município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 260 km de distância da cidade de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>121</sup> É um município situado no estado de São Paulo. Está aproximadamente a 300 km de distância da cidade de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

biblioteca, diferentes ambientes informatizados e recursos multimídia para nossas aulas. Com a mudança, o choque foi muito grande, pois não tínhamos nada disso à disposição.

Garnica (2014) tem nos mostrado, por meio das pesquisas envolvidas no ‘Projeto do Mapeamento’, que isso que vivenciamos no Tocantins é o cenário de muitas realidades em diferentes regiões do Brasil. Essas pesquisas acenam para as diferentes melhorias que precisamos ainda almejar para um melhor ensino, não só nas Universidades, mas também, na escola básica, que vão além das políticas públicas, financiamentos para a estrutura e capacitação docente.

Esses aspectos nos moveram a questionarmos nossos depoentes sobre como era a estrutura curricular dos cursos em que lecionaram? Além dessa questão, perguntamos quem era o responsável por elaborar a ementa? Que tipo de estrutura física era oferecida pelas instituições para um melhor desenvolvimento das aulas e para o atendimento aos estudantes? Como era o funcionamento da instituição para que o curso de formação de professores (de Matemática) se desenvolvesse?

Essas são algumas ponderações provocadas por nossa vivência, as quais procuramos materializar durante as entrevistas com nossos colaboradores, com o intuito de nos auxiliarem em nossos entendimentos. Por isso, estamos chamando esse item de algumas reflexões sobre a estrutura dos primeiros cursos.

Quando perguntamos aos professores/professoras sobre como era a estrutura curricular dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) percebemos que, de uma forma geral, não lembravam como era. No entanto, alguns deles, como foram estudantes desses cursos, nos cederam um histórico escolar onde mostravam qual era a estrutura curricular, em outros casos, tivemos acesso por meio das secretarias onde os cursos existiram e também, pelo acesso aos pareceres e resoluções dispostos na Revista Documenta.

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia (FAFIU), como já dissemos, foram criados dois cursos onde o professor poderia lecionar Matemática. O primeiro começou a funcionar em 1968, sendo uma Licenciatura em Matemática.

A composição curricular desse curso contou com 2700 horas, em 675 horas anuais, em quatro anos, e as disciplinas do currículo mínimo foram distribuídas da seguinte forma:

**Quadro 8 – Componentes curriculares: Licenciatura em Matemática – FAFIU**

1ª Série <sup>122</sup>	2ª Série	3ª Série	4ª Série
Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	Fundamentos de Matemática Elementar	Física Geral
Fundamentos de Matemática Elementar	Fundamentos de Matemática Elementar	Cálculo Diferencial e Integral	Álgebra
Cálculo Diferencial e Integral	Cálculo Diferencial e Integral	Física Geral	Cálculo Numérico
Geometria Analítica	Geometria Analítica	Álgebra	Estatística
Introdução Geral à Filosofia	Física Geral	Didática Geral	Prática de Ensino sob a forma de estágio supervisionado
	Álgebra	Estudo de Problemas Brasileiros	Estrutura de Funcionamento do Ensino de 2º Grau
	Psicologia da Educação: Adolescência-Aprendizagem		

Fonte: Documenta (139) 1972, p. 73.

Nos estudos de Cury (2011), Martins-Salandim (2012), Faoro (2014) e Almeida (2015), localizamos algumas discussões sobre a estrutura curricular dos cursos em que estudaram. Nessas pesquisas, os autores apontam as disciplinas que se tornaram parte da grade do currículo mínimo, a partir de 1962, para os cursos de Licenciaturas Plenas em Matemática, por meio da Lei de Diretrizes e Bases 4024/61, e pelo Conselho Federal de Educação, no Parecer 92/62. Desse modo, o currículo mínimo foi estabelecido pelas seguintes disciplinas:

- 1-Desenho Geométrico e Geometria Descritiva.
- 2-Fundamentos de Matemática Elementar.
- 3-Física Geral.
- 4-Cálculo Diferencial e Integral.
- 5-Geometria Analítica.
- 6-Álgebra.
- 7-Cálculo Numérico.
- 8-Materias pedagógicas de acordo com o Parecer nº 292. (BRASIL, 1962, p. 85 e 86).

Como podemos observar, esse curso de Matemática seguiu de forma correta as indicações da Lei 4024/61. Segundo Faoro (2014, p. 168), esse currículo mínimo foi proposto

<sup>122</sup>Uma observação, nesta época os anos de estudo eram chamados de séries, talvez por influência da escola básica, atualmente isso é entendido por ano, em alguns casos, menciona-se semestre.

com o intuito de auxiliar no “desenvolvimento dos cursos de Licenciatura em Matemática do Brasil, sendo que 1/8 da carga horária total do curso foi destinada para a formação pedagógica”, sendo ela

- 1-Psicologia da Educação, Adolescência, Aprendizagem.
  - 2-Elementos de Administração Escolar.
  - 3-Didática.
  - 4-Prática de Ensino, sob forma de estágio supervisionado.
- (BRASIL, 1962, p. 99)

Faoro (2014) sugere que, em virtude da existência de instituições públicas e privadas que oferecem o curso de Matemática, essa padronização do currículo possibilitou o trânsito de vários estudantes entre as instituições de ensino superior do país.

Como exemplo disso, temos o professor Fernando, ele nos conta que, quando não abriu o curso na FAFIU, soube que iria ter vestibular para Matemática em Goiânia<sup>123</sup>, assim, em 1968, ingressou no curso de Matemática na Faculdade Católica de Goiânia<sup>124</sup>.

Fiquei um ano em Goiânia e me transferei para Uberlândia para dar continuidade aos meus estudos, e ingressei na turma em andamento. Aproveitei as disciplinas que havia feito e, assim, entrei no segundo ano da primeira turma. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

No Triângulo Mineiro tivemos mais dois cursos de Licenciatura em Matemática. Um deles, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, que iniciou sua primeira turma em 1970.

Conforme o histórico escolar cedido pela professora Marilene, a composição curricular desse curso de licenciatura em Matemática contava com 2850 horas, distribuídas em quatro anos:

---

<sup>123</sup> Capital do estado de Goiás, que fica aproximadamente 342 km de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>124</sup> Hoje chamada de Pontifícia Universidade Católica de Goiás. ( Fonte: < <http://www.pucgoias.edu.br/> >. Acessado em 19/04/2018).

**Quadro 9 – Componentes curriculares: Licenciatura em Matemática - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino**

1ª Série ( com 660 h/a)	2ª Série (com 720 h/a)	3ª Série (com 690 h/a)	4ª Série (com 780 h/a)
Desenho Geométrico	Geometria Descritiva	Cálculo Diferencial e Integral	Cálculo Diferencial e Integral
Fundamentos de Matemática Elementar	Álgebra	Física Geral	Álgebra
Física Geral	Cálculo Diferencial e Integral	Álgebra	Cálculo Numérico
Álgebra	Geometria Analítica	Didática Geral	Estatística
Filosofia da Ciências	Física Geral	Estrutura de Funcionamento do Ensino do 1º e 2º Grau	Prática de Ensino
	Psicologia da Educação		Física Geral
			Estudo de Problemas Brasileiros

Fonte: Histórico Escolar cedido pela professora Marilene Ribeiro Resende

O outro curso de Licenciatura em Matemática ocorreu na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba, sua primeira turma iniciou em 1970. O estudante que ingressava nesse curso tinha quatro anos, com uma carga horária de 2800 horas, sendo 700 horas anuais.

Da mesma forma como ocorrem nos cursos que apontamos anteriormente, o curso de formação de professores (de Matemática) em Ituiutaba, seguiu de forma correta as indicações da Lei 4024/61 e as disciplinas foram distribuídas de acordo com o currículo mínimo, da seguinte forma:



**Quadro 10 – Componentes curriculares: Licenciatura em Matemática – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba**

1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
Desenho Geométrico	Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	Fundamentos de Matemática Elementar	Física Geral
Fundamentos de Matemática Elementar	Fundamentos de Matemática Elementar	Cálculo Diferencial e Integral	Álgebra
Cálculo Diferencial e Integral	Cálculo Diferencial e Integral	Física Geral	Cálculo Numérico
Geometria Analítica	Geometria Analítica	Álgebra	Estatística
Introdução Geral à Filosofia	Física Geral	Didática Geral	Prática de Ensino sob a forma de estágio supervisionado
	Álgebra	Psicologia da Educação: Adolescência-Aprendizagem	Estrutura de Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Grau
	Estudo de Problemas Brasileiros		

Fonte: Histórico Escolar cedido pelo professor Vanderli<sup>125</sup>

Na FAFIU, ainda tivemos outro curso de formação de professores de Matemática, uma Licenciatura em Ciências (Licenciatura Curta ou Licenciatura do 1º ciclo), que começou a funcionar em 1970. A composição curricular desse curso contou com uma carga horária de 2430 horas, em 810 horas anuais, onde as disciplinas do currículo mínimo foram assim distribuídas, em três anos:

**Quadro 11 - Componentes curriculares: Licenciatura em Ciências – Licenciatura Curta**

1º ano	2º ano	3º ano
Biologia	Administração Escolar	Biologia Geral
Biologia Geral	Desenho Geométrico	Didática Geral
Física Experimental	Física Geral	Elementos de Geologia
Matemática	Matemática	História das Religiões
Química	Química	Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado
Zoologia I	Zoologia II	Psicologia da Educação: Adolescência - Aprendizagem
Botânica		

Fonte: Corrêa (2016, p. 76).

No Parecer 81/65, do Conselho Federal de Educação, encontramos a aprovação da indicação na qual se propunha a criação de três licenciaturas, destinadas à formação de

<sup>125</sup> Cabe uma explicação, o professor Vanderli não foi aluno desse curso, no entanto, devido ao seu conhecimento de mais de quarenta anos nessa instituição, por meio de um estudante, conseguimos ter acesso à estrutura curricular.

professores correspondentes às seguintes áreas: Línguas, História e Geografia, Organização Política e Social, Ciências Físico-biológicas e Matemática. Dessa forma, a partir dessa indicação do CFE, passaríamos a ter uma espécie de professor polivalente.

Ainda por meio desse Parecer, é indicado que essas licenciaturas deveriam ter a duração de três anos. Para ter acesso aos outros níveis para lecionar, “os seus licenciados poderiam posteriormente obter créditos necessários à licenciatura que os habilitasse ao ensino do ciclo colegial ou superior”. (BRASIL, 1965, p. 79).

Desse modo, a partir de 1965, os cursos de Licenciatura em Ciências (Licenciatura Curta ou Licenciatura do 1º ciclo), as chamadas licenciaturas polivalentes, teriam o currículo mínimo estabelecido pelas seguintes disciplinas:

Matemática  
 Física Experimental e Geral  
 Química (geral, inorgânica e analítica, orgânica)  
 Ciências Biológicas (Biologia Geral, Zoologia, Botânica)  
 Elementos de Geologia  
 Desenho Geométrico  
 Matérias pedagógicas de acordo com o Parecer 292/62  
 (BRASIL, 1965, p. 80).

Todos os cursos de Licenciatura em Ciências deveriam seguir essa padronização, mantendo em sua grade curricular as disciplinas do currículo mínimo, diferenciando-se somente as disciplinas optativas, escolhidas pelas instituições. No caso da FAFIU, optou-se pela disciplina História das Religiões, entendemos a existência dessa disciplina, pois trata-se de uma Instituição mantida por uma Congregação Católica.

No Triângulo Mineiro, tivemos a criação de um (outro) curso de Licenciatura Ciências de 1º Grau (Licenciatura Polivalente). Esse curso começou a funcionar em 1978, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia.

Os estudantes que ingressavam no curso de Ciências, cursavam inicialmente as disciplinas do ciclo básico, que eram comuns a todos e, depois, em outra fase do curso, cursariam as disciplinas específicas da área que escolhesse, podendo ser: Matemática, Física, Química ou Biologia.

O currículo do curso de Licenciatura de 1º Grau era desenvolvido em um mínimo de três anos, como reza o Parecer 81/65, com um total de 1.944 horas/aula, sendo 108 destinadas à Educação Física e 188 horas de Prática de Ensino de Ciências ao nível de 1º grau, e as disciplinas do currículo mínimo foram assim distribuídas:

**Quadro 12 – Componentes curriculares: Licenciatura em Ciências (Polivalente)**

<b>1º ano</b>	<b>2º ano</b>	<b>3º ano</b>
Biologia	Biologia Geral	Física Experimental
Química Analítica	Desenho Geométrico	Didática Geral
Física Experimental	Física Geral	Elementos de Geologia
Matemática I	Matemática II	Educação Física
Química	Química Orgânica	Prática de Ensino de Ciências
Zoologia I	Zoologia II	Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado
Botânica	Estudos de Problemas Brasileiros	Psicologia da Educação: Adolescência - Aprendizagem
Português	Estrutura de Funcionamento do Ensino de 1º Grau	Química Inorgânica

Fonte: Histórico Escolar cedido pela professora Vera Lúcia

Para obter o diploma de Licenciado em Matemática, o estudante daria continuidade à Licenciatura de 1º grau, por mais quatro semestres letivos, no mínimo, perfazendo um acréscimo de 1.440 horas/aula, totalizando assim 3.384 horas/aula, sendo 108 de disciplinas obrigatórias, com a duração mínima de 10 semestres letivos ou o equivalente a 5 anos.

Por fim, mas não menos importante, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari, foi criado um curso de Ciências, com habilitação em Matemática, que começou a funcionar em 1989.

O curso tinha carga horária total de 3000 h/a, incluídas as 60 h/a da disciplina de Estudo de Problemas Brasileiro e 60 h/a de Educação Física, integráveis em quatro anos no mínimo. A matrícula é anual, feita por séries, admitindo a dependência em até duas disciplinas. O Currículo Pleno está de acordo com o exigido pelo CFE em sua Resolução s/n de novembro de 1962. (BRASIL, 1995, p. 2).

A organização curricular desse curso foi distribuída da seguinte forma:

**Quadro 13 – Componentes curriculares: Curso de Ciências, Habilitação em Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari**

1ª Série ( com 780 h/a)	2ª Série (com 720 h/a)	3ª Série (com 780 h/a)	4ª Série (com 720 h/a)
Língua Portuguesa	Elementos de Matemática II	Psicologia da Aprendizagem	Álgebra II
Elementos de Matemática I	Cálculo Diferencial e Integral I	Probabilidade e Estatística	Cálculo Numérico e Processamento de Dados
Geometria Elementar e Desenho Geométrico	Biologia Animal	Prática de Ensino na Escola de 1º Grau: Ciências Físicas e Biológicas	Matemática Aplicada
Psicologia da Educação	Biologia Vegetal	Prática de Ensino na Escola de 1º Grau: Matemática	Funções de uma Variável Complexa
Biologia Geral	Química Orgânica	Física II	Equações Diferenciais
Química Geral e Inorgânica	Física I	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	Análise Matemática
Educação Física	Didática Geral	Instrumentação para o Ensino	Metodologia do Ensino de 2º Grau
Estudo de Problemas Brasileiros	Metodologia do Ensino de 1º Grau	Cálculo Diferencial e Integral II	Matemática
Fundamentos de Cálculo	Instrumentação para Laboratório	Álgebra I	
		Geometria do Espaço	

Fonte: (BRASIL, 1995, p. 6 e 7).

Quando perguntamos aos professores/professoras sobre quem elaborou a ementa, muitos de nossos colaboradores não souberam responder ou deram respostas evasivas, não despertando em nós um direcionamento. No entanto, dentre os entrevistados do curso de Licenciatura em Matemática, mantido na FAFIU, a professora Consuelo relata ter criado a ementa de uma das disciplinas, como podemos observar no seguinte excerto,

Quando eu cheguei a Uberlândia, fui dar aula de Álgebra. Dessa disciplina, montei a ementa. Para ser honesta, não sei nem como era, porque quando cheguei, quem tinha montado a ementa da disciplina tinha sido o Renato Campelo, porque ele era mestre e tinha feito alguma coisa no mestrado sobre Álgebra de Boole, então, ele lecionava Álgebra. Quando montei a ementa, fiz baseado naquilo que havia visto em Belo Horizonte. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Observamos nessa fala que, ao criar a ementa, Consuelo se baseou naquilo que estudou de Álgebra quando cursou sua graduação em Matemática em Belo Horizonte. De certo modo,

é a influência de sua formação em sua prática docente como professora do ensino superior. (PACHANE, 2003).

Como já destacamos em nossa narrativa, alguns aspectos mostram as influências dos cursos que foram criados primeiro sobre os mais novos, em relação ao abastecimento de docentes para lecionar nesses cursos. As narrativas nos permitiram perceber que houve uma influência também, dos cursos mais antigos sobre os mais novos, tanto em relação à organização curricular, como por parte das ementas, em Ituiutaba, como podemos observar nas falas dos professores Vanderli e Julmar.

Nós nos baseávamos em currículos de outras Faculdades, principalmente, dos cursos em Uberlândia e de Uberaba, para construir a grade curricular do curso de Matemática. Também fazíamos assim com as ementas. Por exemplo, a ementa da disciplina de Estatística fui eu quem criou. Baseei-me no que era trabalhado em Uberlândia, em específico, no curso de Matemática. (Excerto da narrativa do prof. Vanderli).

Eu não tenho vergonha de dizer que as copiei das Faculdades em Uberlândia. À época, não era Universidade Federal de Uberlândia, ela foi criada depois, mas a Faculdade de Engenharia de Uberlândia já era federal. Isso me ajudou, principalmente, para elaborar a parte de bibliografia. (Excerto da narrativa do prof. Julmar).

Em relação ao que o professor Vanderli relata sobre a aproximação que existe da grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituiutaba com o do curso da FAFIU, é bem sensível quando comparamos a organização curricular desses dois cursos, por meio do Quadro 1 e o Quadro 3, os nomes das componentes curriculares são idênticos e percebemos que, o que muda, é apenas o ano em que ela é ministrada.

Como já nos referimos, outro aspecto que faz parte de nossos interesses está em entender qual era estrutura física oferecida pelas instituições para um melhor desenvolvimento das aulas e para o atendimento aos estudantes, e também, no funcionamento da instituição para que os primeiros cursos se desenvolvessem, aos quais passaremos a narrar.

Antes de discutirmos sobre eles, precisamos salientar que, dentre os cursos que estamos estudando, as respostas de nossos entrevistados, no que se referem a esses pontos, variavam de localidade para localidade. Em algumas, houve um maior detalhamento, em outras, nossos colaboradores apresentaram respostas evasivas.

Iniciamos narrando sobre os cursos de formação de professores (de Matemática) que ocorreram na FAFIU, nossos colaboradores nos sinalizam momentos distintos. Como já

mencionamos, ambos os cursos começaram a funcionar usando as instalações do Colégio Nossa Senhora, a sua estrutura “era do tipo convencional para a época mesmo, salas de aula, uma do lado da outra, com as portas dando todas para um mesmo corredor, que contornava o pátio interno. Essas coisas, salas planas e carteiras individuais”. (Excerto da narrativa da profa. Márcia). Mas

O que faltava [...] era uma biblioteca estruturada para atender os alunos. Como eram poucos alunos, a turma tinha por volta de uns dez alunos, no máximo, eles compravam os livros. Lembro-me bem que os professores Pepe, Ênio, dona Yone, dona Márcia e eu, pegamos todos os nossos livros e levamos para a escola, para a biblioteca poder ter os livros que eram exigidos. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

As narrativas nos mostram que o começo foi bastante difícil, no entanto, para o curso funcionar e, com isso, ter alguma estrutura, percebemos o esforço do corpo docente. Um desses esforços, como apresenta a narrativa da professora Consuelo, foi a doação de livros de Matemática para a biblioteca da FAFIU.

As entrevistas registram outro momento em que os cursos passaram por alguns apertos e, se não fosse a mobilização dos docentes, os cursos teriam fechado. Isso aconteceu porque “o curso de Matemática era um curso deficitário, tinha poucos alunos. Era um curso que não cobrava um absurdo”. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo). Então, o que fizeram os professores?

Naquela época, ganhava-se relativamente bem no Estado. Como éramos concursadas no Estado, tínhamos o direito em escolher as aulas. No caso específico, a dona Yone e a dona Márcia tinham direito de escolher primeiro as aulas, depois, seria eu, em seguida, a Marlene, que também já era concursada. O Gilton<sup>126</sup>, o Fernandinho, o Mauricio Almeida<sup>127</sup> eram nossos alunos que precisavam trabalhar para se manter em Uberlândia e pagar a Faculdade. Vamos falar assim, para o curso não fechar. [...] O que a gente fazia? Procurávamos lecionar à noite, em dias intercalados com as aulas da Faculdade de Filosofia. O Colégio Estadual ficava próximo da Faculdade. Isso nos ajudou, pois conseguíamos controlar os horários de aula num lugar e no outro. Com isso, lecionávamos à noite, para que nossos alunos comessem a trabalhar de dia. Dessa forma, eles teriam condições para pagar o curso de Matemática, de estudar e já, dessa forma, irem adquirindo alguma experiência. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

<sup>126</sup> Gilton dos Santos Anjos, formado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, foi professor da Faculdade de Matemática da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

<sup>127</sup> Mauricio de Almeida, formado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, foi professor da Faculdade de Matemática da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Matemática da UFU).

Quando a FAFIU começou a funcionar, houve diferentes movimentos entre a elite uberlandense, que doava uma certa quantia em dinheiro para a instituição funcionar, no entanto, como os gastos eram muitos, muitas vezes, essa ajuda não era suficiente. Segundo nossos depoentes, o pior momento foi em 1976, quando houve uma mobilização maior por parte das autoridades políticas da cidade, encabeçada pelo prefeito da cidade, à época, Renato de Freitas<sup>128</sup>, quando a arrecadação ajudou a Instituição a não fechar as portas. (GAROTTI, 1985).

Os problemas financeiros não afetavam apenas o curso de Matemática, mas todos os outros cursos que existiam na FAFIU. Os docentes se mobilizaram para ajudar a Instituição, isso se deu da seguinte forma: “como os professores do curso de Matemática tinham uma renda de professor de Estado, dávamos um tanto de aula de graça na Faculdade de Filosofia para os cursos não fecharem”. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Antes da federalização da Universidade, algumas graduações das faculdades isoladas, que se juntaram para ser criada a Universidade de Uberlândia, mudaram para o campus Santa Mônica. Nessa época, em termos de estrutura,

nós penamos muito. O curso de Engenharia era em tempo integral, mas as provas eram únicas e eram realizadas à noite. Não havia essa estrutura de hoje na Universidade, esses prédios. Na época, tínhamos o prédio B que era do básico, o antigo prédio dos padres, a Faculdade de Engenharia começou a funcionar no prédio mais antigo do campus Santa Mônica, era o local do seminário, por isso chamavam o prédio dos padres e depois começaram a chamar de Mineirão. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Um exemplo dessa dificuldade, encontramos na narrativa da professora Consuelo,

Quando todos os cursos, Letras, Pedagogia, História, Geografia, Matemática, Economia, foram para o Santa Mônica, eles funcionavam à noite, o que acontecia? Quando era dia de prova da Engenharia, não tinha sala para lecionar. Tinha estrutura, mas não tinha sala. Quase dei aula no pátio, porque não tinha uma estrutura específica para o curso de Matemática. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Depois da federalização, muitas coisas melhoraram em estrutura para que os cursos acontecessem. A Universidade passou a ter anfiteatros, salas maiores, que comportavam um número bem grande de pessoas, e a biblioteca passou a ter uma maior quantidade de livros que, de certa forma, atendia melhor os estudantes (GAROTTI, 1985).

---

<sup>128</sup> Renato de Freitas, formado em Engenharia, pela Escola Federal de Engenharia de Uberlândia, foi professor da UFU e atualmente está aposentado pela UFU. (Informações - Faculdade de Engenharia da UFU).

A vantagem que levamos, com essas mudanças todas, foi que passamos a ter uma biblioteca que nos atendia muito melhor. Com isso, tivemos acesso às bibliografias de textos que não tínhamos antes para as disciplinas, como: Cálculo Avançado, Variável Complexa, entre outras. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

Percebemos que a federalização ajudou muito o curso de formação de professores dessa localidade a funcionar até os dias de hoje.

Como ocorreu em Uberlândia, outros cursos usufruíram da estrutura de colégios confessionais católicos. Por exemplo, em Uberaba, quando o curso iniciou já contava com uma boa estrutura, como podemos perceber na narrativa da professora Marilene.

A estrutura física era muito boa para aquela época. Era uma escola muito bem instalada, com uma boa biblioteca. Acredito que isso se deve ao fato de ter outras Irmãs com uma formação muito consistente, lecionando em outros cursos, sem ser o curso de Matemática. Como, por exemplo, a Irmã Loretto. Ela, à época, tinha doutorado em Pedagogia na França, na Sorbonne<sup>129</sup>. Isso fez com que aumentassem a aquisição de livros, deixando a biblioteca em melhores condições. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

Também em Araguari, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari, o curso de formação de professores começou a funcionar em um colégio católico. “A estrutura que tínhamos era um pouco parecida com a que temos hoje, levando em consideração que algumas coisas foram modernizadas”. No entanto, “em relação à biblioteca, não se tinha um acervo grande de livros para as aulas de Matemática, lembro-me que ela nos atendia, principalmente, em algumas referências para o ensino de Cálculo e Álgebra, mas era bastante modesta”. (Excertos da narrativa do prof. Márcio).

Na entrevista do professor Luiz Antônio, encontramos algumas preocupações no que tange ao funcionamento do curso, sendo que a principal era a de formar a primeira turma para o curso ser reconhecido.

Inicialmente, o curso foi autorizado a funcionar, mas tínhamos uma preocupação com a primeira turma, principalmente, para depois que essa turma se formasse, para o reconhecimento do curso. Assim, no primeiro vestibular, entraram entre trinta e trinta e cinco alunos. Praticamente aproveitamos todos os que se inscreveram, apenas aqueles que zeraram não entraram no curso, o critério foi classificatório e não era seletivo. Propusemos uma grade curricular específica para formar a primeira turma e para o curso ser reconhecido. Hoje, não sei se seria assim. Nosso maior objetivo, por ser a primeira turma, era formar os alunos e nos prepararmos para quando a

---

<sup>129</sup> Universidade Paris (Sorbonne) é uma universidade em Paris. ( Fonte: < <http://lettres.sorbonne-universite.fr/> >. Acessado em 20/04/2018).



comissão de avaliação do MEC<sup>130</sup> viesse para o reconhecimento do curso. Lembro-me que, à época, não chamávamos a ementa de ementa, isso veio com a reforma de 1996, nós chamávamos de plano de curso. Para montar esses planos de curso tivemos ajuda. Quem nos auxiliou a montá-los foi o professor Fernando<sup>131</sup>, da UFU. A partir disso, fizemos uma força tarefa para moldá-lo com a carga horária que se exigia. Lembro-me que tínhamos que ter vinte horas semanais, não podia ter mais que isso. No início, tivemos até aulas no sábado. Outra preocupação era com a biblioteca. Não tínhamos biblioteca. Só a partir do segundo ano começamos a ter doações de alguns livros. A prefeitura comprou alguns exemplares e contratou uma bibliotecária para dar o suporte, senão não teríamos o reconhecimento. Isso que estou lhe falando não tem nada documentado. Isso é um histórico que mostra a nossa dificuldade inicial. Depois da turma formada, veio o MEC e o curso foi reconhecido! (Excerto da narrativa do prof. Luiz Antônio).

De certa forma, o relato de Luiz Antônio mostra bem a preocupação de todos que estavam envolvidos nesse movimento para que, em Araguari, o curso iniciasse bem e continuasse a funcionar.

Em relação aos demais cursos, os professores entrevistados não falaram muito a respeito da questão estrutural para que o curso funcionasse no seu começo, apenas relataram aspectos sobre a instituição de uma forma geral, os quais já mencionamos em nossa narrativa.

Diante desses aspectos, levantados na análise, percebemos que isso se constitui em uma pequena amostra do que tem sido mostrado em outros estudos (GARNICA, 2014). Percebemos que muito do que se conseguiu, passou pela mobilização dos professores comprometidos com a formação de seus futuros estudantes e, também, pela ação da sociedade por meio de aportes financeiros. No entanto, essas ações em nível local podem ser mais eficazes a partir de ações do governo, principalmente, pela valorização da docência (em todos os níveis de ensino), por meio de políticas públicas eficientes.

### 3.7 As contribuições do perfil do estudante na demarcação de uma nova região

No início de nossa narrativa, dissemos que não éramos da região e, para entendê-la, trabalhamos em uma perspectiva apoiada no contexto territorial. No decorrer de nossa investigação, essa noção foi mudando, nos ajudando a perceber a constituição de uma nova região.

---

<sup>130</sup> Ministério da Educação.

<sup>131</sup> Fernando Antônio Freitas é nosso colaborador.

Uma outra maneira de concebê-la pode ser por meio do acesso aos cursos de formação de professores (de Matemática). Para isso, passaremos a analisar aspectos que nos levam a entender de onde eram os alunos que estudaram nesses cursos.

As narrativas nos conduzem primeiro a compreendermos sobre o que pode ter influenciado esses alunos a estudar em um curso de formação de professores (de Matemática). Vislumbramos que os motivos variam entre a facilidade com a Matemática, a necessidade em ter um diploma e por não haver um outro curso na área de exatas.

As entrevistas mostram que muitos alunos dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) já atuavam como docentes, essa situação fez com que eles se mobilizassem em busca de uma formação, ou seja, para possuir um diploma e poder continuar lecionando. Isso pode ser observado nas narrativas dos professores Vanderli e Marilene:

[os alunos] eram mais velhos e já atuavam como professores nos colégios públicos e particulares da cidade de Ituiutaba, na verdade, precisavam do diploma para continuar trabalhando. Alguns tinham a formação em Engenharia, outros tinham apenas a formação do segundo grau e eram professores. (Excerto da narrativa do prof. Vanderli).

[...] éramos em torno de trinta a quarenta alunos. Na turma havia poucos alunos recém-saídos do curso normal ou colegial<sup>132</sup> e, a grande maioria por professores que já atuavam e eram mais velhos. Eram dois grupos bem distintos. (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

Observamos que essas narrativas retratam os movimentos que ocorreram em Ituiutaba e Uberaba quando os cursos começaram a funcionar, na década de 1970. No entanto, a narrativa do professor Irineu, do curso de formação de professores da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia, está relacionada à época em que ele começou a lecionar nessa instituição, na década de 1990.

Eu diria que de setenta por cento até uns oitenta por cento dos alunos que buscavam esse curso, estavam no mercado de trabalho. Como não tinham o diploma, esses alunos buscavam, com o curso, a sua formação. (Excerto da narrativa do prof. Irineu).

Percebemos que, passadas duas décadas, ainda persistia nos cursos da região a necessidade da busca pelo diploma para se ter emprego. No final da década de 1990, observamos que tal situação permanecia pela busca de pessoas que já lecionavam nas escolas.

---

<sup>132</sup> A professora se refere ao atual terceiro ano do ensino médio.

Também, surgem nesse cenário outros profissionais que não atuavam como professores, mas buscavam essa graduação, com o intuito da ascensão profissional. Podemos perceber isso na narrativa do professor Márcio.

em sua maioria, já eram formados em alguma área, como Engenharia. Lembro-me que havia muitos engenheiros de formação que lecionavam há muitos anos em escolas particulares e até trabalhavam na Secretaria de Educação. Também existiam aqueles que trabalhavam em empresas, como na CEMIG - Companhia de Energia de Minas Gerais, e funcionários públicos, como policiais, mas apenas cursavam Matemática para poder ter uma ascensão profissional nos planos de carreira. Também havia aqueles que começaram a cursar outra graduação, mas pararam e viram no curso de Matemática uma opção de graduação em alguma área. (Excerto da narrativa do prof. Márcio).

As pesquisas que compõem os estudos do Projeto do Mapeamento mostram que esses aspectos retratados por nós, em nossa pesquisa, não é um caso particular da região que estudamos. Na pesquisa de Silva (2015), tais pontos aparecem em sua narrativa, no entanto, essa autora enfatiza que os cursos de formação de professores (de Matemática) em que ela estudou são oferecidos no noturno.

Para nós, trata-se de uma característica comum aos seis cursos que estamos estudando, todos eles, sem exceção, quando foram criados, iniciaram no período noturno. Depois, com o passar do tempo, as narrativas de nossos depoentes assinalam que apenas o curso onde a instituição foi federalizada tornou-se integral, que é o caso do curso mantido na UFU.

Além de atender a um público trabalhador, outra razão para os cursos serem no período noturno é a oferta de espaço físico. Todos eles iniciaram suas atividades em instalações de colégios do ensino secundário e, como já discutimos, a maioria em colégios confessionais católicos. As aulas nessas escolas particulares aconteciam no período diurno, para aproveitar os espaços ociosos, os cursos de Matemática funcionavam no noturno.

Queremos chamar a atenção para aqueles estudantes de outros cursos, como engenharia, que devido à necessidade de arrumar emprego, viram a docência como uma possibilidade e migraram para o curso de Matemática.

Esse caso delinea a situação do professor Luiz Antônio, pois antes de optar por cursar Matemática, era aluno de um curso de engenharia. Ele nos relata que, ao participar de um processo de atribuição de aula, com a intenção de lecionar em alguma escola pública, percebeu que os estudantes que cursavam Matemática passaram na sua frente nas escolhas das aulas. Ao refletir sobre a situação vivenciada e a sua necessidade de trabalho, resolveu mudar de curso.

As narrativas nos direcionam a perceber também aqueles estudantes que ingressaram em um curso de Matemática e, no transcorrer do curso, optaram em lecionar, como, por exemplo, a Marilene e o Márcio. No caso desse último colaborador, ele aponta que isso aconteceu com alguns dos seus colegas do curso em que estudava. Como podemos observar nos excertos que seguem,

Quando fui para Faculdade, no primeiro ano do curso, isso, em 1970, trabalhava na portaria da Faculdade durante o dia e estudava à noite. No segundo ano, em 1971, comecei a lecionar no Colégio Nossa Senhora das Dores, como professora de Matemática. Depois, no último ano do curso de Matemática, em 1973, comecei a lecionar na própria FAFI. Isso, antes de me formar! (Excerto da narrativa da profa. Marilene).

[...] alguns colegas lecionavam como professores substitutos [...] todos eram alunos do curso de Matemática! Durante a graduação, também lecionei Matemática e Física e, nesse caso, fui professor substituto. (Excerto da narrativa do prof. Márcio).

Os depoimentos dos professores nos apontam, ainda, para aqueles alunos que buscavam a graduação em Matemática apenas para obter um diploma. Podemos perceber isso na narrativa da professora Semia,

[...] havia aqueles que iam por causa do diploma mesmo, para não ficar sem estudar. Eu tenho colegas, amigas até hoje dessa turma, que nunca lecionaram, que nunca frequentaram uma escola, apenas se formaram e se casaram. (Excerto da narrativa da profa. Semia).

As narrativas também apontam para aquele aluno que ingressou no curso por não ter acesso ao curso pretendido, mas como possuía certa facilidade com a Matemática, optou por estudar nessa área, como podemos observar muito bem na narrativa dos professores Fernando e Márcio.

Terminando o colegial, a minha ideia era cursar Medicina, infelizmente o meu pai adoeceu. Eu pensava em ir para Belo Horizonte<sup>133</sup> fazer vestibular em Medicina. Como não tive condição de sair da cidade, comecei a trabalhar com o meu pai. Ele montou um bar e fui ajudá-lo. Nisso, um colega passou pelo bar e me chamou para estudar e cursar Filosofia, em Uberlândia. Respondi na hora que não gostava de Filosofia, mas que gostava de Matemática. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

---

<sup>133</sup> Capital do estado de Minas Gerais.

Na cidade de Araguari, nós não tínhamos muitas opções de cursos para estudar. Eu não tinha recursos para investir e poder me deslocar para Uberlândia, mas tínhamos a FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari. Dentre os cursos que eram oferecidos, tinha mais afinidade com o curso de Matemática. (Excerto da narrativa do prof. Márcio).

Com o passar do tempo, esse perfil de estudantes dos cursos de Matemática foi mudando e, aos poucos, a maioria passa a ser constituída por alunos recém-saídos do ensino secundário, nesse sentido, sem outra formação de ensino superior. No entanto, pelas nossas vivências como professores do ensino superior, sabemos que, ao graduar-se em um curso de formação de professores, não há garantia que o recém-formado irá lecionar. Sobre isso, temos a narrativa da professora Sandra,

uma colega da turma, irmã da professora Marilene, a professora Marilda Resende<sup>134</sup>, que depois de formada ingressou na educação pública e seguiu pela vida pública! Atuando sempre na luta pelos direitos dos professores. Foi ativa sua participação junto ao Sindicato dos Professores, depois foi vereadora em Uberaba, participou de secretarias de governo, foi candidata a deputada estadual e a vice-prefeita de Uberaba. Ela fez toda uma vida política na região, a partir das vivências da Matemática com a educação. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

Porém, além desses aspectos, acrescentamos que, a opção por ingressar em um curso de Matemática para se tornar professor, tem outro sinalizador, nos referimos à questão do gênero. Por meio das entrevistas, percebemos que isso é muito forte em relação às mulheres que estudaram em colégios confessionais católicos, como por exemplo, a professora Sandra Bulhões.

Ela estudou toda a educação básica em colégio confessional católico, em Uberaba, em sua descrição, ela nos mostra que foi influenciada pelo contexto escolar, onde se sugeria que a mulher deveria estudar para ser professora.

No meu mundinho, separado entre homens e mulheres, quem gostava de Matemática, ia fazer licenciatura. Embora eu já tivesse colegas que escolheram Engenharia e eu mesma tenha chegado a pensar nessa possibilidade, acabei me mantendo na tradição, terminar o colegial<sup>135</sup>, ficar noiva e fazer licenciatura. No terceiro ano colegial, nossa vida de colégio mudou muito. As Irmãs fizeram parceria com um cursinho pré-vestibular e o curso foi aberto para homens, com muitos professores homens e um sistema educacional bastante competitivo, desses sistemas com lista classificatória,

---

<sup>134</sup> Atualmente, é a superintendente de ensino de Uberaba. (Fonte: Superintendência Regional de Ensino de Uberaba < <http://sreuberaba.educacao.mg.gov.br/> >. Acessado em 18/11/2016).

<sup>135</sup> A professora se refere ao atual ensino médio.

que contém o nome dos alunos e é fixada na porta da sala a cada mês. Essas mudanças me assustaram e preferi seguir o mundinho dominicano: ir para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Essa era a segunda casa das Irmãs Dominicanas e me parecia uma continuidade do colégio. O fato do vestibular para Matemática ser mais tranquilo, pode ter influenciado ou contribuído para a minha decisão. Eu era muito boa aluna no colégio, não era por receio da nota, mas a disputa me assustava. Não precisar ir para a disputa da vida me influenciou a escolher licenciatura, embora não houvesse sonho de ser professora. (Excerto da narrativa da profa. Sandra).

De certo modo, quando estudamos as escolas confessionais católicas, os estudos de Lopes (2016), Inácio Filho (2002), sinalizavam para essa questão, onde era oferecida, para as meninas, uma formação voltada para a manutenção do casamento e à educação dos filhos, a partir dos preceitos morais da Igreja Católica, primando pela formação de “boas mães de família, laboriosas, modestas e dignas” (INÁCIO FILHO, 2002, p. 54).

Percebemos que esses valores a influenciaram ao ingressar em um curso destinado a formar professores, como é o de Matemática. Esse nosso pressuposto pode ser corroborado por meio desses autores que citamos. Eles afirmam que as mulheres tinham, por natureza, uma inclinação para o trato com crianças, por serem as primeiras e naturais educadoras, nada mais certo do que lhes confiar a educação dos pequenos. Se a maternidade era o destino primordial da mulher, o magistério representaria uma extensão dessa maternidade, e para tanto, seria representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. (LOPES, 2016; INÁCIO FILHO, 2002).

Identificamos que, de certa forma, a questão do gênero tornou-se mais presente em algumas instituições, como foi o caso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Como já estudamos, as Faculdades de Filosofia foram criadas com o intuito de formar professores (CACETE, 2014), além disso, como eram mantidas por alguma Congregação Católica, no nosso entender, direcionavam de certo modo a sua estrutura para ser um lugar que oferecia cursos para mulheres, como podemos perceber no relato da professora Semia.

Existiam outros cursos, como Geografia, Matemática, além de História, e Língua Estrangeira. Era isso que tinha, porque era uma Faculdade que oferecia cursos mais para mulheres. Não tinha cursos de Medicina e de Engenharia, não! Não tinha nada disso. Também tínhamos à disposição cursos de Etiqueta, Música, Piano, Aulas de Postura, Bordado, essas coisas. Tudo para mulher mesmo! (Excerto da narrativa da profa. Semia).

Ainda detectamos a questão do gênero de uma outra forma, por meio do relato da professora Consuelo. No início da década de 1960, quando ela pleiteava cursar o ensino superior, seu pai era contra sua saída de Uberlândia para estudar Matemática. Pois morar fora e em um lugar distante, não o agradava e, principalmente, morar junto com o namorado (hoje marido), sendo que na cidade já existia a Faculdade de Engenharia. No entanto, pesou o fato de ser de uma família de professores e, particularmente, a influência de uma professora de Matemática, a Yone Vicentini. Podemos observar isso no excerto que segue.

Em Uberlândia já existia o curso de Engenharia, se não me engano, estava começando na Faculdade Federal<sup>136</sup>! Na ocasião, meu pai não queria que saísse, eu agradeço muito a dona Yone, porque ela é que falava que eu queria fazer Matemática e não Engenharia e, também, o meu avô<sup>137</sup>. [...] Fiz opção para fazer Matemática, um pouco por influência da estrutura de família. Sou de uma família de professores, uma família que sempre mexeu com escola, e também, principalmente, pela dona Yone. A dona Yone abriu o meu horizonte na Matemática, era uma professora que exigia muito, uma professora que “apertava” muito, mas era uma pessoa justa, uma pessoa que tinha o dom da didática, ela nasceu para ensinar. Posso dizer que a dona Yone me despertou para Matemática. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Vislumbramos em nossa narrativa, que todos esses acontecimentos aos quais retratamos, nos sinalizam para aspectos que impulsionaram um movimento que conduziu os estudantes a buscarem um curso de formação de professores (de Matemática). Entretanto, os depoimentos de nossos colaboradores permitem observarmos que esses alunos não eram procedentes apenas das cidades onde os cursos funcionavam, esse movimento nos dá indícios de uma demarcação territorial além da região do Triângulo Mineiro.

Embora na cidade de Uberaba existisse o curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, as entrevistas permitem percebermos que existiam alunos de Uberaba, mas também alunos da microrregião de Uberaba, como

---

<sup>136</sup> Foi o primeiro curso a se tornar federal, mesmo antes da federalização da Universidade Federal de Uberlândia que ocorreu apenas em 1978. A Faculdade de Engenharia de Uberlândia foi criada através da Lei nº 3.864-A, artigo 4º de 24 de janeiro de 1961, no final do mandato do Presidente Juscelino Kubitschek. (PEDROSA; GONÇALVES NETO, 2002).

<sup>137</sup> Oswaldo Vieira Gonçalves, conhecido por Vadico. Foi fundador e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia lecionando várias disciplinas, entre elas, Filologia, mas sua formação era em Farmácia. Também foi Diretor da Faculdade de Odontologia em Uberlândia. (GATTI, 2013).

Conquista<sup>138</sup>, Conceição das Alagoas<sup>139</sup>, Água Comprida<sup>140</sup>, Verissimo<sup>141</sup>, e da região que pertence ao Alto Paranaíba, como Araxá<sup>142</sup>, Santa Juliana<sup>143</sup>. Ainda podemos acrescentar o nosso depoente, professor Irineu, que estudou em Uberaba e era de Igarapava<sup>144</sup>, uma cidade do estado de São Paulo.

Em Ituiutaba, as entrevistas de nossos colaboradores convergem para a mesma posição, sobre a origem dos estudantes que frequentaram o curso de formação de professores (de Matemática) nessa localidade. Como ilustração disso, temos no excerto do Vanderli: “Ituiutaba e também das cidades vizinhas, como Prata<sup>145</sup>, Tupaciguara, Santa Vitória<sup>146</sup>, Capinópolis<sup>147</sup>, Canápolis<sup>148</sup>, Cachoeira Dourada<sup>149</sup>, Itumbiara<sup>150</sup> e Goiatuba<sup>151</sup>”. (Excerto da narrativa do prof. Vanderli). Desses municípios, Santa Vitória, Capinópolis e Canápolis pertencem à microrregião de Ituiutaba; a cidade do Prata e Tupaciguara pertencem à microrregião de Uberlândia; e as demais cidades (Dourada, Itumbiara e Goiatuba), ao estado de Goiás.

Ainda podemos trazer um relato do Julmar, que acrescenta que “a maioria [dos alunos] eram de Ituiutaba, no entanto, tinham alunos que vinham de outras localidades que não era o Triângulo Mineiro, além do Sul de Goiás e interior de São Paulo. Lembro-me que tivemos alunos da Bahia e até do Rio Grande do Sul”. (Excerto da narrativa do prof. Julmar).

---

<sup>138</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 61 km de distância de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>139</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 64 km de distância de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>140</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 47 km de distância de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>141</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 46 km de distância de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>142</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 119 km de distância de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>143</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 89 km de distância de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>144</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, 40 km de distância da cidade de Uberaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>145</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 100 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>146</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 78 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>147</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 38 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>148</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 38 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>149</sup> É um município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 70 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>150</sup> É um município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 110 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>151</sup> É um município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 160 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2017).



Na cidade de Araguari, Luiz Antônio, Edson e Márcio indicam que, em relação aos alunos que estudaram na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari, existia uma demanda muito grande de alunos da cidade. No entanto, a procura se estendia aos estudantes de outras localidades, entre elas, Abadia dos Dourados<sup>152</sup>, Corumbaíba<sup>153</sup>, Cascalho Rico<sup>154</sup>, Estrela do Sul<sup>155</sup>, Monte Carmelo<sup>156</sup> e Indianópolis<sup>157</sup>, inclusive, de Uberlândia. “O curso também atendia muitos alunos procedentes do estado de Goiás, em especial, da cidade de Itumbiara<sup>158</sup>”. (Excerto da narrativa do prof. Edson). Por meio do relato do professor Edson, Itumbiara e Corumbaíba pertencem ao estado de Goiás, já as demais cidades (Abadia dos Dourados, Cascalho Rico, Estrela do Sul, Monte Carmelo e Indianópolis) estão localizadas na região do Alto Paranaíba.

Como na cidade de Uberlândia tivemos em funcionamento três cursos de formação de professores de Matemática, vamos começar discutindo sobre o curso de Licenciatura em Ciências da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia. Nossos depoentes relatam que muitos dos alunos que ingressavam no curso eram de Uberlândia, no entanto, chamam a atenção “apontando para outras localidades como, Araguari<sup>159</sup>, Tupaciguara<sup>160</sup>, Nova Ponte<sup>161</sup>, Prata<sup>162</sup> e, também, outras cidadezinhas vizinhas”. (Excerto da narrativa do prof. Irineu). Dessas cidades, apontadas pelo professor Irineu, a cidade de Nova Ponte fica localizada na região do Alto Paranaíba.

De todos esses cursos, observamos que o vestibular por meio de testes era a forma de acesso a esses cursos. Em relação aos cursos de formação de professores, criados na Faculdade

---

<sup>152</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 130 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>153</sup> Município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 83 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>154</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 48 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>155</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 70 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>156</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 99 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>157</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 63 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>158</sup> Município situado no estado de Goiás. Está aproximadamente a 130 km de distância de Araguari. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>159</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 38 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>160</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 70 Km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>161</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 75 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>162</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 87,5 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia (FAFIU), o vestibular também era a única forma para o aluno ingressar no curso. No entanto, nos primeiros anos eram diferentes dos padrões que conhecemos hoje, “naquela época, a prova era oral e escrita. Na prova escrita fui muito bem, já na prova oral fui péssimo. Éramos mais ou menos uns doze candidatos somente para iniciar o curso superior em Matemática em Uberlândia”. (Excerto da narrativa do prof. Fernando). Posteriormente, mudou para prova tipo teste.

Diferentemente dos outros cursos, para entendermos de qual localidade os alunos vinham para estudar Matemática, precisamos levar em consideração dois momentos. O primeiro, antes da federalização da universidade, quando os cursos pertenciam à FAFIU, a maioria dos alunos ingressantes eram de Uberlândia, mas existiam alguns deles que eram de cidades da região, como é o caso do nosso colaborador, o professor Fernando, que era de Araguari<sup>163</sup>. Com a federalização, começa a mudar o perfil do aluno, pois o aluno vinha de um número maior de localidades. “Os alunos vinham não apenas de Uberlândia, mas também da região toda, como de Frutal<sup>164</sup> e até de cidades mais distantes, de outros estados, como São Paulo e Goiás”. (Excertos da narrativa da profa. Márcia). A cidade de Frutal, como já vimos, fica localizada no Triângulo Mineiro.

De acordo com Fernando e Consuelo, com a federalização, passou a existir muitos alunos que tentavam Engenharia e que optaram pelo curso de Licenciatura em Matemática, “eles não conseguiam passar e iam cursar Matemática”. Isso era provocado por um movimento que existia na Universidade, que permitia “a transferência interna, com isso, os alunos podiam mudar para qualquer curso dentro do departamento em que estavam matriculados”. (Excertos da narrativa do prof. Fernando).

Para Consuelo, esse movimento de alunos que estavam ingressando no curso de Matemática, interessados em uma transferência interna, fazia com que, aqueles que não conseguissem o acesso a um outro curso oferecido na Universidade, acabassem desistindo da Matemática, isso de certo modo, aumentava a evasão.

Tinha muito disso. Acho uma falha, porque o professor já é consciente de que, infelizmente, nós moramos num país que não valoriza o professor financeiramente. Mas, se está disposto e é o quer, tem que esquecer que é mal remunerado, que não vai ficar milionário, que vai passar aperto, e que tem que

---

<sup>163</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 37 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>164</sup> Município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 185 km de distância de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

se dedicar ao ensino. Não é fácil ser professor. (Excerto da narrativa da profa. Consuelo).

Esse aluno, que ingressava no curso por meio da transferência, em outras palavras, que pretendia outros cursos, entre eles, a Engenharia, fez mudar o perfil da origem dos alunos, sendo em maior número do “interior de São Paulo, como por exemplo: Ribeirão Preto<sup>165</sup>, São José do Rio Preto<sup>166</sup>, Ituverava<sup>167</sup>, Igarapava<sup>168</sup> até de Mirassol<sup>169</sup>”. (Excerto da narrativa do prof. Fernando).

Maria Teresa aponta um aspecto positivo em relação aos alunos que acabavam ficando e terminando a Licenciatura em Matemática, pois “são os que realmente estão interessados em serem professores”. (Excerto da narrativa da profa. Maria Teresa). Ela justifica, por meio da sua entrevista, apontando alguns professores do curso de Matemática da UFU, que foram seus alunos e que residiam em outras localidades, como no interior de São Paulo e, também, em outras cidades do Triângulo Mineiro.

No curso de Licenciatura em Ciências, mantido na FAFIU, conforme Semia Jorge, “os alunos eram de Uberlândia mesmo e não havia estudantes de outras cidades”. (Excerto da narrativa da profa. Semia). Posteriormente, com a federalização, esse curso sofreu algumas mudanças, como já narramos, no entanto, percebemos que esse novo curso também era frequentado por alunos que não conseguiam ingressar no curso que queriam, e acabavam creditando suas chances por meio da transferência interna. (BRITO, 2011).

Relembramos que, no início de nossa narrativa, elaboramos um estudo sobre o contexto territorial do Triângulo Mineiro, pois pensávamos ser apenas essa região atendida pelos cursos de formação de professores (de Matemática). No entanto, observamos que ao analisar qual era origem dos alunos que ingressaram nos cursos, esse perfil mudou.

Os estudantes atendidos por esses cursos nos dão indícios de uma demarcação territorial além da região do Triângulo Mineiro. Podemos ampliar para toda a região entendida como mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Agora, em termos estaduais, esses indícios

---

<sup>165</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 280 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>166</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 290 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>167</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 180 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>168</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 150 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

<sup>169</sup> Município situado no estado de São Paulo. Está, aproximadamente, a 300 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2017).

são maiores, pois além de atender essa região do estado de Minas Gerais, estados vizinhos como São Paulo e Goiás, estados mais distantes, como a Bahia e o Rio Grande do Sul também eram atendidos.

Por meio desse entendimento, percebemos que não é a região territorial que delimita ou limita o local onde estão os cursos de formação de professores, mas o alcance pela busca da instrução.

Nesse sentido, essa nova configuração da região, que podemos intuir, vai além de um recorte geográfico instituído ou de um agrupamento de elementos naturais. “A região é um contexto, uma paisagem elaborada por nossos olhos e mentes, carregada de lembranças e significados”. (BARALDI, 2003, p. 112). Sendo assim, vislumbramos novas paisagens e, talvez, uma nova região.

Embalado por essa nova região que se forma a partir de nossa narrativa, percebemos outros cursos de formação de professores (de Matemática) (presenciais e, também, a distância) que se constituíram ao longo da história, com em Patos de Minas<sup>170</sup>, Patrocínio<sup>171</sup> e Araxá<sup>172</sup>.

Refletir sobre a criação desses cursos, das faculdades e Universidades que os abrigam, dos movimentos de constituição de ensino superior desses lugares, das influências políticas e religiosas, da formação de seus professores, como o que pudemos, com essa nossa investigação, é uma possibilidade que se abre para outros caminhos, outros cenários e outras memórias a registrar.

---

<sup>170</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 220 km de distância da cidade de Uberlândia. (Fonte: IBGE, 2018).

<sup>171</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 150 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2018).

<sup>172</sup> É um município situado no estado de Minas Gerais. Está aproximadamente a 178 km de distância da cidade de Ituiutaba. (Fonte: IBGE, 2018).

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir e contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, S. P. N. C. **Um lugar: muitas histórias** - o processo de formação de professores de Matemática na região de Montes Claros, norte de Minas Gerais (1960-1990). 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ANASTASIOU, L.G.C. **Docência na educação superior**. Brasília: Inep, 2006.

ANDRÉ, M. E. D. A. O trabalho docente do professor formador no contexto atual das reformas e das mudanças no mundo contemporâneo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 227, p. 122-143, jan./abr. 2010.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação e da Pedagogia**. 3.ed. São Paulo: moderna, 2006.

ARAÚJO, J. C. S. **Igreja Católica no Brasil**: um estudo de mentalidade ideológica. São Paulo: Paulinas, 1986.

AZEVEDO, F. A cultura brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ/UNB, 1996. In Moura, Pe. Laércio Dias de. **A educação Católica no Brasil**. São Paulo: Loyola. 2000.

AZZI, R. Educação e Evangelização: perspectivas históricas. **Revista de Educação**, nº 84, junho-setembro, 1992.

AZZI, R. **A neocristandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Ed. Paulus, 1994.

AZZI, R. **Os salesianos em Minas Gerais**. Curitiba: Ed. D. Bosco, 1996.

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP)**: uma história em construção. 2003. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2003.

BARALDI, I. M. Ensaio de macramé: História Oral e Educação Matemática. In: GARNICA, A.V. M. (Org.). **Mosaico, Mapa, Memória**: ensaios na interface História Oral - Educação Matemática. 1.ed. Bauru - SP: Canal 6, 2006, v. 1. CD ROM.

BARALDI, I. M. Revisitando uma região: traços da formação de professores de Matemática no interior paulista. In: GARNICA, A.V. M.. (Org.). **Cartografias Contemporâneas**: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. 1ed.Curitiba: Appris, 2014, p.193-218.

BARALDI, I. M. Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática: dos estudos sobre História da Educação Matemática (Inclusiva). **Revista de História da Educação Matemática** - Histemat, ano 4, n.3, p.93-103, 2018.

BARALDI, I. M.; GAERTNER, R. **Textos e contextos: um esboço da CADES na História da Educação (Matemática)**. Blumenau, SC: Edifurb, 2013.

BAUER, M.W e GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BESSA, K. A gênese do urbano no triângulo mineiro: os núcleos de povoamento e a rede de arraiais do século XIX. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research médium**. Ituiutaba, v.4. n.2, p.509-528, jul/dec. 2013.

BIRCHAL, S. O. **O mercado de trabalho mineiro do século XIX**. Minas Gerais: Ibmec, 2004.

BITTAR, M.; BITTAR, M.. História da educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 34, n. 02, p. 157-168, jul./dez. 2012.

BOAVENTURA, R.M. **A gênese e a consolidação do Centro Universitário de Patos de Minas/MG – UNIPAM (1968-1975)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia/MG, 2008.

BORGES, M.E.L. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. ed. 2. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 19º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

BOTH, B. C. **Sobre a formação de professores de matemática em Cuiabá – MT (1960-1980)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2014.

BRANDÃO, C. A. **Triângulo: capital comercial, geopolítica e agroindústria**. 1989. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Planejamento Regional) - Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 1989.

BRITO, T.T.R. **O ciclo de vida profissional dos professores de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia: trajetórias, carreira e trabalho**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2011.

BRITO, J.L.S.; LIMA, E.F. **Atlas escolar de Uberlândia**. 2ª Ed. Uberlândia: EDUFU, 2011.

BRASIL. **Decreto nº 26.044, de 17 de dezembro de 1948**. Concede autorização para funcionamento dos cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras clássicas, Letras neo-latinas e Letras anglo-germânicas, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, de Uberaba. Disponível em < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-26044-17-dezembro-1948-453082-publicacaooriginal-1-pe.html> >. Acesso em 06/10/2018.

BRASIL. **Decreto nº 981, de 8 de novembro de 1890.** Aprova o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal. Disponível em <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/4\\_1a\\_Republica/decreto%20981-1890%20reforma%20benjamin%20constant.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/4_1a_Republica/decreto%20981-1890%20reforma%20benjamin%20constant.htm)>. Acesso em 06/10/2018.

BRASIL. **Decreto nº 1.232 H, de 2 de janeiro de 1891.** Aprova o regulamento das Instituições de Ensino Jurídico, dependentes do Ministério da Instrução Pública. Disponível em <<http://legis.senado.leg.br/legislacao/PublicacaoSigen.action?id=391704&tipoDocumento=D-EC-n&tipoTexto=PUB>>. Acessado em 06/10/2018.

BRASIL. **Decreto nº 3.285, de 20 de maio de 1899.** Dá instruções para o reconhecimento dos Institutos de ensino secundário fundados pelos Estados, associações ou particulares. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3285-20-maio-1899-501109-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 06/10/2018.

BRASIL. **Decreto nº 8.659, em 5 de abril de 1911.** Aprova a lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8659-5-abril-1911-517247-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 06/10/2018.

BRASIL. **Decreto nº 11.530, em 18 de março de 1915.** Reorganiza o ensino secundário e o superior. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11530-18-marco-1915-522019-republicacao-97760-pe.html>>. Acesso em 06/10/2018.

BRASIL. **Decreto 19.890 de 18 de abril de 1931.** Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>>. Acesso em 06/10/2018.

BRASIL. **Decreto nº 4.244, de 9 de abril de 1942.** Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 06/10/2018.

*BURKE, P. Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.*

CACETE, N. H. Breve História do ensino superior brasileiro e da formação de professores para a escola secundária. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 19 nov. 2018.

CAETANO, C.G; DIB, M.M.C. **A UFU no imaginário social.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1988.

COIMBRA, C.L. **A Relação Universidade/Rede Pública de Ensino:** As funções da UFU como instituição especializada no PROCAP. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (CFE). (1974). Resolução nº 30, de 11 de julho de 1974. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a observar na organização do curso de licenciatura em Ciências. **Documenta**, Brasília, (164): 509-11.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (CFE). (1975). Resolução nº 37, de 26 de março de 1975. Dispõe sobre a implantação progressiva do curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução nº 30/74. Alterado pela R. 05/1978. **Diário Oficial**, Brasília, 26 de março de 1975. Seção 1, pt. 1, p. 3.635.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (CFE). (1978). Resolução nº 05, de 16 de junho de 1978. Adia o prazo estabelecido pela Resolução nº 37/75 e para a obrigatoriedade da conversão em Ciências nos moldes da Resolução nº 30/74. **Documenta**, Brasília, (211): 20.

CORRÊA, G. G. **Estudo das alterações curriculares do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia (1970 a 2013)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente/SP, 2016.

COELHO, A. G. V.; ALEXANDRE, M. L.; MARIN, D. Caronas universitárias: contabilidade de custos como instrumento de prática pedagógica. In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 2013, Curitiba. **Anais ...** Curitiba: PUC-PR, 2013.

CUNHA, L. A. **A Universidade Temporã: o ensino superior da colônia à Era de Vargas**. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.

CUNHA, L. A. **A Universidade Reformanda: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior**. São Paulo: Editora UNESP, 2007b.

CUNHA, L. A. Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES, E. M. T. FARIA FILHO, L.M, VEIGA, C. G. **500 anos de Educação no Brasil**. 5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CUNHA, M. I. Ensino como mediação da formação do professor universitário. In: MOROSINI, M. C. **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília: Inep, p. 53-60, 2000.

CURY, C. R. J. **Ideologia e Educação Brasileira: Católicos e Liberais**. São Paulo: Cortes & Moraes, 1978.

CURY, F. G. **Uma história da formação de professores de Matemática e das Instituições formadoras do estado do Tocantins**. 2011. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2011.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2007.

DALCIN, A. Fotografia como fonte para pesquisas em História da Educação Matemática. In: Encontro Nacional de História da Educação Matemática, 2012, Vitória da Conquista, BA. **Anais ...** Vitória da Conquista, BA, 2012a.



DALCIN, A. Padres e leigos, professores que ensinaram matemática e suas práticas cotidianas. In FERREIRA, A.C; BRITO, A.J; MIORIM, M.A. (Orgs). **Histórias de formação de professores que ensinaram matemática no Brasil**. Capinas: Ílion, 2012b.

DALCIN, A.; CUNHA, R. As fotografias na obra? A geometria pelas transformações? Em tempos de matemática moderna: diálogos possíveis. **Revista eventos pedagógicos**, v. 9, p. 743-766, 2018.

DALCIN, A. Fotografia, história e educação matemática: Apontamentos para pesquisas sobre a cultura escolar. **Revista de História da Educação Matemática**, v. 4, p. 20-38, 2018.

DARTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1986.

DEMIDOVITCH, B., **Problemas e Exercícios de Análise Matemática**, Escolar Editora, 2010.

DIAS, A.L.M. **Engenheiros, mulheres, matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896-1968)**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v.147, jan./1973.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v.170, jan. /1975.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v.176, jul. /1975.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v. 229, dez. /1979.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v.301, jul./1986.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v.374, jul./1992.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v.386, jul. /1993.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v.412, jun./1995.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. v.164, jan./1974.

DUARTE, T.C. **A reformulação das licenciaturas da UNICAMP no ano de 2003: uma visão institucional**. 2013. Dissertação (Dissertação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2013.

ESCHWEGE, W. L. V. **Brasil: novo mundo**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA. **Revista Comemorativa do Primeiro Decênio (1960 – 1970)**. Uberlândia: Universidade de Uberlândia, 1970.

FAORO, T. C. T.. **A formação de professores de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: um olhar sobre os anos iniciais da Licenciatura em Dourados.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

FAUSTO, B. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp/FDE, 1994.

GARNICA, A.V.M. **A interpretação e o fazer do professor: possibilidade de um trabalho hermenêutico na Educação Matemática.** 1992. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 1992.

GARNICA, A.V.M. Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática: mapeamento da formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram matemática no Brasil. **Revista de História da Educação Matemática - Histemat**, ano 4, n.3, p.68-92, 2018.

GARNICA, A. V. M. Analisando Imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os Grupos Escolares. **BOLEMA** (Rio Claro), v. 23, n. 35A, p. 75-100, 2010a.

GARNICA, A. V. M. Presentificando Ausências: A Formação e a Atuação dos Professores De Matemática. In: CUNHA, A.M. de O. (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

GARNICA, A. V. M. **Cartografias contemporâneas: mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil.** Curitiba: Appris, 2014a.

GARNICA, A. V. M. Cartografias contemporâneas: mapear a formação de professores de Matemática. In: GARNICA, A. V. M. (org). **Cartografias contemporâneas: mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil.** Curitiba: Appris, 2014b.

GARNICA, A. V. M. Cartografias contemporâneas: mapa e mapeamento como metáforas para a pesquisa sobre formação de professores de Matemática. **ALEXANDRIA Revista de Educação em ciências e Tecnologia**, v.6, n.1, p. 35- 60, 2013a.

GARNICA, A. V. M. Sobre historiografia: fragmentos para compor um discurso. **Rematec** (UFRN), v. 8, p. 51-65, 2013b.

GARNICA, A. V. M; SOUZA, L. A.. **Elementos de História e de Educação Matemática.** São Paulo: Cultura Acadêmica, Unesp, 2012.

GAROTTI, I. Histórico. In GAROTTI, I. **Jubileu de Prata da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia: 25 anos de compromisso com a educação (1960-1985).** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

GATTI, B. A. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação.** 2. ed. - Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

GATTI JR., D e et ali. História e memória educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. **Revista História da Educação**. Pelotas/Rs, UFPel, vol. 1, n2, 1997.

GATTI, G. C.V.; INÁCIO FILHO, G.I., História e representações sociais na Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950). **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v.18, maio 2004.

GATTI, G. C.V. **Tempo de Cidade, Lugar de Escola**: dimensões do ensino secundário no Gymnásio Mineiro Uberlândia (1929-1950). 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2010.

GATTI JR, D.; SILVA, J. C. História das Instituições Educacionais: tendência recente da historiografia da Educação. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste, 2003, Campo Grande/MS. **Anais ... Campo Grande/MS: Universidade Católica Dom Bosco**, 2003.

GATTI, G.C.V. **A escola e a vida na cidade**: o Gymnásio mineiro de Uberlândia (1929-1950). Uberlândia: Edufu. 2013.

GHOEM – GRUPO HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. **Sobre o Ghoem**. Bauru, 2015. Disponível em: < <http://www2.fc.unesp.br/ghoem/> >. Acesso em: maio/2017.

GOMES, A.R; SOUSA NETTO, M.R. A criação da UFU: das faculdades à federalização. In Gomes, A.R; Warpechowki, E.M; Netto, R. S. **Fragmentos, imagens, memórias: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

GOMES, M. L. M. Formação e atuação de professores de Matemática, testemunhos e mapas. In: GARNICA, A. V. M.. (Org.). **Cartografias Contemporâneas: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil**. 1ed.Curitiba: Appris, 2014.

GOMIDE, L.R.S. O Triângulo Mineiro: história e emancipação – um estudo sob a perspectiva da história regional. In: **Cadernos de História Especial**. Uberlândia, UFU/LEAH, v.4, n.4, jan., 1993.

GONZALES, K.G. **Formar professores que ensinam Matemática**: uma história do movimento das Licenciaturas Parceladas no Mato Grosso do Sul. 2017. Tese (Doutorado em Educação para Ciência) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.

GUIMARÃES, E. N. **Formação e desenvolvimento econômico do Triângulo Mineiro**: integração nacional e consolidação regional. Uberlândia: EDUFU, 2010.

GUIMARÃES, E. N. A influência paulista na formação econômica e social Triângulo Mineiro. In: XI Seminário sobre a Economia Mineira, 2004, Diamantina/MG. **Anais ... Belo Horizonte: CEDEPLAR**, 2004.

HAUPT, C.; MARIN, D.; SANTOS, E. M.; Silva, N. L. **Reflexão, prática e colaboração na formação de professores**. 1. ed. Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos municípios brasileiros**. Brasília: IBGE, 2017.

INÁCIO FILHO, G. Escolas para mulheres no Triângulo Mineiro (1880-1960). In: ARAUJO, J.C e GATTI JR., D (Orgs). **Novos temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, p.40-63, 2002.

INACIO FILHO, G.; ROSSI, M.P. S. Educação Feminina no Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba. **Revista Historia Caribe**, v. 5, p. 197-210, 2009.

KARDEC, A. **O livro dos espíritos**: filosofia espiritualista. São Paulo: Lake, 1999. (Tradução J. Herculano Pires)

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KLETENIK, D. **Problemas de Geometria Analítica**. Editora Cultura, 1970.

KULESZA, W. A. O processo de equiparação ao Ginásio Nacional na Primeira República. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v.11, n.2, p.81-102, maio/ago. 2011.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

LARROSA, J. 20 Minutos na Fila: sobre experiência, relato e subjetividade em Imre Kertész. Tradução: Filipe Santos Fernandes. **Bolema**, v. 28, n. 49, p. 717-743, 2014.

LENHARO, A. **Colonização e Trabalho no Brasil**: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste. Campinas, Editora da Unicamp, 1985.

LEONARDI, P. Congregações católicas docentes em São Paulo e a educação feminina. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia/MG. **Anais ...** Uberlândia: FAGED, 2006.

LEONARDI, P. **Além dos espelhos**: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas. 1. ed. São Paulo: Fapesp/Paulinas, 2010.

LEONARDI, P. Construção da memória em congregações católicas: práticas e imagens agentes. **Cadernos de História da Educação** (UFU. Impresso), v. 12, 2013.

LIMA, M. C. **A formação das alfabetizadoras do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – Histórias construídas nas teses e dissertações – 1946 a 1979**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2016.

LIMA, J. M. M, et al. Colégio Regina Pacis: 82 anos de excelência em educação na cidade de Araguari. In: IV Semana dos Servidos, 2008, Uberlândia/MG. **Anais ...** Uberlândia: FAGED, 2008.

LONGHI, R.S.D.G. **O movimento separatista do Triângulo Mineiro**. Lutas Sociais, v.4. 1998.

LOPES, S.M. G. **A História da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro: primeiros anos (1953 – 1960)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2016.

LOURENÇO, L. A. B.. **A oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro, 1750-1861**. Uberlândia: UFU, 2002.

LOURENÇO, L. A. B.. **O Triângulo Mineiro, do Império à República: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX)**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

LUSTOSA, O. O. **A presença da Igreja no Brasil**. São Paulo: Ed. Giro, 1977.

MACENA. M.M.M. **Sobre formação e prática de professores de Matemática: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2013.

MACHADO, M.C.T. UFU: a dinâmica de uma história. In: Gomes, A.R; Warpechowki, E.M; Netto, R. S. **Fragmentos, imagens, memórias: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

MAFRA, J. R. E. S.; MARIN, D. O Pibid e sua importância no fortalecimento dos projetos institucionais em desenvolvimentos na UFT. In: Carine, H.; Marin, D.; Santos, E.M.; Silva, L. (Org.). **Reflexões, Prática e Colaboração na formação de professores**. 188ed.Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011, v. 1, p. 1-183.

MAGALHÃES, O.L.C.S. **O papel da educação e do Lyceu dirigido pelo prof. Salathiel de Almeida na configuração do contexto geopolítico, social e econômico de Muzambinho (MG)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2009.

MAGALHÃES, H.G.D.; RODRIGUES, J.C.; KHIDIR, K.S; ZITZKE. V.A. **Práticas interdisciplinares na formação inicial de professores: avanços e desafios**. 1ed.Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

MALAQUIAS, G. T.; MARIN, D. A resolução de problemas e o dilema: ir de transporte público ou privado para a faculdade? In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 2013, Curitiba/PR . **Anais ...** Curitiba: PUC-PR, 2013.

MANOEL, I. A. Os colégios das Freiras Francesas: um exemplo das relações entre a Igreja Católica e Estado no Brasil (1859-1919). In CARVALHO, C.H.; GONÇALVES NETO, W. (Orgs) **Estado, Igreja e Educação: o mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX**. Campinas: São Paulo: Alínea, 2010.

MARIN, D.; BARBOSA, I. M. P. Maquetes Integrais Triplas. In: VIII Encontro Nacional de Educação Matemática, 2004, Recife - PE. **Anais ... Recife/PE**, 2004.

MARIN, D. **Professores de Matemática que usam tecnologia de informação e comunicação no ensino superior**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2009.

MARIN, D. O desafio da implementação de tecnologia informática em disciplinas de matemática no ensino superior. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática, 2010. Salvador/Ba. **Anais...** Salvador/Ba, 2010.

MARIN, D.; SALDANHA, F. H. D.; MAGALHAES, H. G. D.; RODRIGUES, J. C.; ANDRADE, K. S. Os desafios da interdisciplinaridade na formação de professores: algumas questões sobre o processo de ensino e aprendizagem no PIBID de Araguaína. In: Magalhães, H.G.D.; Rodrigues, J.C.; Khidir, K.S; Zitzke. V.A. (Org.). **Práticas interdisciplinares na formação inicial de professores: avanços e desafios**. 1ed.Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

MARIN, D.; KHIDIR, K. S.; MAFRA, J. R. E. S. As contribuições do PIBID na formação inicial do professor de matemática na UFT. In: Magalhães, H.G.D.; Rodrigues, J.C.; Khidir, K.S; Zitzke. V.A. (Org.). **Práticas interdisciplinares na formação inicial de professores: avanços e desafios**. 1ed.Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

MARIN, D.; KHIDIR, K. S.; MAFRA, J. R. E. S. **As contribuições do PIBID na formação inicial do professor de matemática no Tocantins**. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática: educação matemática, cultura e diversidade, 2010, Salvador - Ba. **Anais ... Salvador/Ba**, 2010.

MARIN, D. **O uso de tecnologia de informação e comunicação nas aulas de Cálculo: vantagens e desvantagens**. In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática: Retrospectivas e Perspectivas, 2013, Curitiba - Pr. **Anais... Curitiba/ Pr.**, 2013.

MARTINS, C. N. **Estado e Igreja Católica como instâncias promotoras de Educação: formação de professoras primárias em Minas Gerais na primeira República (1892 – 1904)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2013.

MARTINS-SALANDIM, M.E. Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática: dos estudos sobre Hermenêutica de Profundidade. **Revista de História da Educação Matemática** -Histemat, ano 4, n.3, p.133-146, 2018.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 2012. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2012.

MARX, M. **Cidade no Brasil: terra de quem?** São Paulo: Nobel/Edusp, 1991.

MATOS, F.C. **Sociedade e Educação em Uberaba**: Colégio Marista Diocesano (1903-1953). 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2003.

MASETTO, M.T. Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: MASETTO, M. T. (org.). **Docência na universidade**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

MASETTO, M.T. **Competências Pedagógicas do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003a.

MASETTO, M.T. Professor Universitário e sua formação pedagógica. In Bicudo, M.A.V; Junior, C.A.S. (org). **Formador do educador e avaliação educacional**. v.2, 1999.

MASETTO, M.T. Formação continuada de docentes no ensino superior numa sociedade do conhecimento. Mesa redonda. In: I Colóquio Internacional sobre ensino superior. Feira de Santana: UEFS, 2008. **Anais ...** Feira de Santana: UEFS, 2008.

MATOS, R.J. C. **Corografia Histórica da Província de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1981.

MELO. G. F. **Por trás dos muros escolares: Luzes e Sombras na Educação Feminina (Colégio N. SRA. Das Dores – Uberaba 1940/1966)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2002.

MENDES, O. M. **Os cursos de Licenciatura e a formação do professor**: a constituição da Universidade Federal de Uberlândia na construção do perfil de profissionais da Educação. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 1999.

MENDONÇA, J. **História de Uberaba**. Uberaba: Ed. Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974.

MINAS GERAIS. **Constituição do Estado de Minas Gerais**, 1989. Belo Horizonte, 1989.

MORAIS, M.B. **Peças de uma história**: formação de professores de Matemática na região de Mossoró (RN). 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2012.

MORAIS, M.B. **Se um viajante...** percursos e histórias sobre a formação de professores de Matemática no Rio Grande do Norte. 2017. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2017.

MOREIRA, W.B. **“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...”**: sobre o Projeto Inajá e a formação de professores no médio Araguaia. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2016.

MOTTA, R. P. S. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOURA, L.D. **A educação Católica no Brasil**, 2.ed. São Paulo: Loyola. 2000.

NAKAMURA, M.E.F.P. **Ginásios Vocacionais**: estudo narrativo sobre uma proposta educacional da década de 1960. 2017. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2017.

NAVES, M.C.F.M.; RIOS, G.M. **Araguari cem anos de dados e fatos**. Araguari: Prefeitura Municipal de Araguari, 1988.

OLIVEIRA, A. C. A (Re) construção da história do ensino em Uberlândia: Associação Brasil Central (ABRACEC). **Boletim CDHIS**. Uberlândia, 1996.

OLIVEIRA, M.M. As origens da educação no Brasil da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. In OLIVEIRA, M.M. **Ensaio, avaliação, política pública e Educação**. Rio de Janeiro: v.12, n.45, p.945-958, out/dez, 2004.

OLIVEIRA, L. H. M. M. **História e memória educacional**: o papel do Colégio Santa Teresa no processo escolar de Ituiutaba. Triângulo Mineiro–MG (1939–1942). 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2003.

OLIVEIRA, L. H. M.M. Entre a Memória e o arquivo: o Colégio Santa Teresa em Ituiutaba. In SOUZA, S. T.; RIBEIRO, B. O. L. (Orgs). **Do público ao privado, do confessional ao laico**: a história das instituições escolares na Ituiutaba do século XX. Uberlândia: Edufu, 2009.

OLIVEIRA, S. J; GATTI JUNIOR, D. A criação e a consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba, Minas Gerais: uma experiência singular da Congregação Dominicana no Brasil (1948 – 1961). **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v.18, p. 131-150, maio 2004.

OLIVEIRA, C.E; MARIN, D.; VENTURIN, J. A.; PEDRICO, J. W. Investigação e construção de conceitos geométricos possibilitados pelo Geogebra. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática: educação matemática, cultura e diversidade, 2010, Salvador - Bahia. **Anais ...** Salvador – Bahia, 2010.

PACHANE, G.G. **A importância da formação pedagógica para o professor universitário – a experiência da Unicamp**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2003.

PACHANE, G.G. Teoria e prática na formação de professores universitários: elementos para discussão. **Docência na educação superior**. Brasília: Inep, 2006.

PACHANE, G. G.. Formação de professores das disciplinas específicas da educação básica: estado-da-arte e evolução das licenciaturas no Brasil pós-LDB In ... X Encontro de Pesquisa em Educação da Anped Centro-Oeste. Uberlândia, 2010. **Anais ...** UFU-FACED, 2010.



PACHECO, S. B. N. **Colégio São José: gênese e funcionamento da escola dos estigmatinos em Ituiutaba-MG (1940-1971)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2012.

PACHECO, S.B.N.; LOPES, L. H. F... **Escola de Administração de Empresas de Ituiutaba: um estudo preliminar sobre a criação e a implantação da primeira instituição de ensino superior do Pontal do Triângulo Mineiro (1968-1970)**. In: Seminário Internacional de Educação do Pontal do Triângulo Mineiro, Ituiutaba, 2009. **Anais...** Ituiutaba: FACIP/UFU, 2009.

PAIVA, P.H.A.A. **Entre as memórias do Campo das Vertentes: uma história da Formação de Professores de Matemática da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (FUNREI) no período de 1988 a 2001**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PAULA, E.D. **Regime militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964 - 1980)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba/MG, 2007.

PEDRO, R. T. **A história da equiparação do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo ao Colégio Pedro II (1900-1940)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

PEREIRA, J. E. D. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. Educação & Sociedade: Campinas, ano XX, nº 68, p. 278-298, dez, 1999.**

PEREIRA, L.H.M.; BRAGA, W. D.S. **Livro do ano de 1999**. Publicação interna da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari, 1999.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIMENTA, S.G; ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação V.1).

PISKUNOV, N.: **Cálculo Diferencial e Integral (2 volumes)**, 6ª edição. São Paulo: MIR, 1983.

PONTES, H. **História de Uberaba e a civilização no Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

PRADO, R. C. **As Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo: um histórico da instituição e aspectos relativos ao ensino de Matemática nela praticado**. 2018. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAGUARI. **PORTARIA, Nº 18**, 1965.

RAMOS, L.C. **Uma história da Educação feminina em Uberlândia: o cotidiano e as representações sócias do colégio Nossa Senhora das Lágrimas (1932 a 1947)**. 2003.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG 2003.

RESENDE, M.B.S. **O curso normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Araguari – MG (1930-1947)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2006.

RIBEIRO, E. **Construção da Universidade Federal de Uberlândia e suas articulações com a educação fundamental, através das memórias de seus atores**. 1995. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

RIBEIRO, B. O. L.; LIMA, V. A.; QUILLICI NETO, A. Escola pública em Minas Gerais: gênese do grupo escolar Idelfonso Mascarenhas da Silva (Anos 1940 – 50). **Revista HISTERBR On-line**, Campinas, nº 51, p. 323- 340, jun 2013.

RICCIOPPO FILHO, P. **Ensino superior e formação de professores em Uberaba/MG (1881-1938): uma trajetória de avanços e retrocessos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba/MG 2007.

RICCIOPPO, T. **Caminhando pelo pântano sagrado: imaginário, conflitos políticos e religiosos em Uberaba/MG por meio da análise da obra de Orlando Ferreira (1912-198)**. 2003. Monografia (Pós-graduação Lato Sensu) - Universidade de Franca, Franca/SP. 2003.

RISCHITELI, A. B. S. P. **Imagens e vozes do Sertão da Farinha Podre na produção historiográfica de Antônio Borges Sampaio (1880-1908)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca/SP, 2005.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de matemática: (im) possibilidades de leitura**. 2006. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2006.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

ROSA, F. M. C. **História de Vida de alunos com Deficiência Visual e de suas Mães: um estudo em Educação Matemática Inclusiva**. 2017. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2017.

ROSSI, M. P. S.; INACIO FILHO, G. As congregações católicas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: educação feminina. **Revista de Educação Pública (UFMT)**, v. 38, p. 17-34, 2009.

RUBIM, S.R.F; OLIVEIRA, T. A imagem como fonte e objeto de pesquisa em História da Educação. In: Seminário de pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá, UEM. **Anais ...** Maringá: UEM, 2010.

SAMPAIO, A. B. **Uberaba: história, fatos e homens**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro/Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1971.

SANTOS, V. M. P. As Transformações na Estrutura do Curso de Licenciatura em Matemática do Campus de Cuiabá da UFMT: da fundação da universidade até os primeiros anos do

Século XXI. In: II Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Bauru: SBHMat, 2014. **Anais ...** Bauru: SBHMat, 2014

SANTOS, M.L.L. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960-1980)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2006.

SAVIANI, D. Análise crítica da organização escolar brasileira através das Leis nº. 5.540/68 e 5.692/71. In: **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 11. ed. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p.143-155, jan. / abr. 2009.

SAVIANI, D. História da Formação Docente no Brasil: três momentos decisivos. **Revista do Centro de Educação**, v.30, n.2, 2005. Disponível em:

<<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a1.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2018

SILVA, A. P. da. **As histórias de Uberlândia**. Uberlândia: Gráfica Brasil Central, 2000. V.1.

SILVA, A. P. da. **As histórias de Uberlândia**. Uberlândia: Gráfica Brasil Central, 2000. V.2.

SILVA, A. P. da. **As histórias de Uberlândia**. Uberlândia: Gráfica Brasil Central, 2000. V.3.

SILVA, A. P. da. **As histórias de Uberlândia**. Uberlândia: Gráfica Brasil Central, 2000. V.4.

SILVA, C.R.M. **Uma, nove ou dez narrativas sobre as licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. 2015. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2015.

SILVA, C.R.M; GARNICA, A.V.M. Licenciaturas Curtas e a formação docente no Sul do Mato Grosso Uno. **Zetetiké** (on line), v. 26, p. 282-298, 2018.

SILVA, H. M. Alguns apontamentos sobre o uso de fotografias em pesquisas Históricas. In **Revista de História Regional** 5(2), 2000. P. 137-148.

SILVA, H. Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática: dos estudos sobre intervenções na formação de professores. **Revista de História da Educação Matemática - Histemat**, ano 4, n.3, p.103-119, 2018.

SILVA, W. A. **A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos” na Princesa do Sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2004.

SILVA, G. B. **A Educação Secundária**. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1969.

SILVA JÚNIOR, A.F. **Saberes e práticas de ensino de história em escolas rurais (Um estudo no município de Araguari – MG, Brasil)**. 2007. Dissertação (Mestrado em

Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2007.

SILVA, M. A.; QUILLICINETO, A. A expansão do ensino superior no Pontal do Triângulo Mineiro: uma análise da influência da Lei 5.540/68. In: VI Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais, 2011, Viçosa/MG. **Anais...** Viçosa: UFV, 2011.

SILVA, A. T. et al.. O tempo e o saber na realidade de Uberaba. **Boletim CDHIS**, Uberlândia, 9(17):6-7, 2º semestre/96.

SOARES, E.A.L. **O colégio Triângulo Mineiro e o ensino secundário em Uberaba (MG) entre 1940 e 1960**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2015.

SOUSA, R.F. **Tempos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo**. (1890-1910). São Paulo: Editora da Unesp, 1988.

SOUZA, R.F. Fotografias Escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar**. Curitiba, n. 18, pp. 75-101, Editora da UFPR, 2001.

SOUZA, J.J.V. Os círculos operários e a intervenção da Igreja Católica no mundo do trabalho no Brasil: uma discussão historiográfica. **Dimensões**, 7, 1998, p. 149-172.

TOILLIER, J.S. **A formação do professor (de Matemática) em terras paranaenses inundadas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP, 2013.

VALENTE, W. R.. Osvaldo Sangiorgi e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. **Revista Diálogo Educacional** (PUCPR), v. 8, p. 583-613, 2008.

VALENTE, W. R.. **História da Educação Matemática no Brasil: problemáticas de pesquisa, fontes, referências teórico-metodológicas e histórias elaboradas**. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

VASSELAI, C.. **As Universidades Confessionais no Ensino Superior Brasileiro: identidades, contradições e desafios**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2001.

VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VILLAÇA, A. C. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

VINCI, C.F.R.G. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. **Filosofia e Educação**, v.7, n. 2, Campinas, SP, Junho-setembro de 2015, p. 195-219.

ZOTTI, S.A. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos 1980**. Campinas: Editora Plano – autores associados, 2004.

## Apêndices

### Apêndice A - Apresentação da Pesquisa aos Depoentes

A entrevista que realizamos tem por finalidade a produção de dados para a tese de doutorado que vem sendo desenvolvida por Douglas Marin junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp, campus de Rio Claro/SP, sob orientação da Prof. Dra. Ivete Maria Baraldi.

O Objetivo desta pesquisa está em investigar e elaborar versões históricas, segundo as narrativas constituídas por meio de entrevistas, bem como de perspectivas documentais, sobre o movimento de criação dos cursos de Matemática, nas cercanias das décadas de 1960 até 1990, a partir dos primeiros cursos de formação superior, no Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

Assumindo como base metodológica a *História Oral*, ressaltamos aos entrevistados que, com as entrevistas, almejamos nos aproximar de experiências e memórias sobre como foram os cursos em que habilitavam os professores a lecionar Matemática no/do Triângulo Mineiro.

O procedimento metodológico adotado perpassa diversos momentos aos quais o entrevistado terá acesso total: a gravação áudio da entrevista, a transcrição literal do que foi dito, a textualização (edição do texto), a apresentação destas três fases para que o entrevistado dê sua aprovação ou proponha adequações, alterações, inclusões e/ou exclusões, e a assinatura de carta de cessão de direitos dos documentos produzidos.

O entrevistado terá plena liberdade para, se desejar, restringir a utilização e/ou divulgação do áudio resultante da entrevista. O arquivamento do material produzido na entrevista e a partir da entrevista será de responsabilidade do entrevistador e/ou de uma instituição que disponha de local apropriado, com garantia descumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito desta fonte historiográfica.

Agradecemos desde já a participação de cada colaborador.

Douglas Marin  
Pesquisador

Profª. Dra. Ivete Maria Baraldi  
Orientadora

**Apêndice B – Modelo de Carta de Cessão****CARTA DE CESSÃO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_, declaro para devidos fins ceder a Douglas Marin, RG 25.278.987-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Douglas Marin, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

## **Apêndice C – Roteiro para as Entrevistas**

### **Roteiro para a Entrevista**

#### **Apresentação**

- Apresentação Pessoal.

#### **Formação**

- Básica;
- Graduação;
- Pós-graduação.

#### **Carreira Docente**

- Início;
- Escola Básica;
- Ensino Superior.

#### **Antes da criação do Curso**

- Formação de professores antes da criação do curso.

#### **Criação do Curso**

- Criação do curso;
- Política;
- Autorização;
- Reconhecimento;
- Antes da criação do curso;
- Importância.

#### **Estrutura Física**

- Sala de aula;
- Biblioteca;
- Sala professores;
- Sala de reuniões;
- Espaço Físico;
- Condição dos prédios.

#### **Título de Graduação**

- Ciências, com habilitação em Matemática;
- Licenciatura em Matemática;
- Bacharelado em Matemática.

#### **Estrutura curricular**

- Grade curricular.

#### **Legislação**

- Leis e diretrizes;
- Projeto Político Pedagógico.

**Contrato de Trabalho**

- Concurso;
- Indicação;
- Convidado.

**Perfil dos Professores**

- Origem;
- Formação;
- Tempo de permanência;
- Quantidade de professores;
- Perfil do professor.

**Pesquisa e extensão**

- Pesquisa;
- Extensão.

**Formação Continuada**

- Cursos;
- Congressos.

**Perfil do Aluno**

- Ingresso;
- Perfil do Aluno;
- Egresso.

**Análise**

- Percepção do curso.

**Considerações**

- Considerações Finais.